

Kazuo Ishiguro

O DESCONSOLADO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O DESCONSOLADO

KAZUO ISHIGURO



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Tradução de Ana Luiza Dantas Borges

ROCCO — Rio de Janeiro 1996

Título original em inglês: THE UNCONSOLED

Copyright, 1995 by Kazuo Ishiguro

Ficção japonesa.

Ishiguro, Kazuo, 1954 -

Para Lorna e Naomi

PARTE I

1

O motorista do táxi pareceu embaraçado ao ver que não havia ninguém — sequer um funcionário no balcão da recepção — me aguardando. Atravessou o saguão deserto, quem sabe esperando encontrar algum empregado escondido atrás de uma das plantas ou de alguma poltrona. Acabou colocando minhas malas no chão, ao lado das portas do elevador, e, murmurando alguma desculpa, despediu-se e partiu.

O saguão era razoavelmente espaçoso, possibilitando que várias mesinhas fossem dispersas, sem dar a impressão de atravancar a passagem. Mas o teto era baixo e arqueado, criando uma atmosfera ligeiramente claustrofóbica, e, apesar de o sol brilhar lá fora, a luz era sombria. Somente próximo ao balcão da recepção, um raio de sol incidia na parede, iluminando uma parte do revestimento de lambri escuro e uma pilha de revistas em alemão, francês e inglês. Além disso, vi um pequeno sino de prata sobre o balcão e estava prestes a sacudi-lo quando uma porta se abriu em algum lugar atrás de mim e surgiu um jovem de uniforme.

— Boa tarde, senhor — disse com a voz cansada e, indo para trás 'o balcão, deu início ao registro.

Embora murmurasse uma desculpa por sua ausência, sua conduta permaneceu durante algum tempo nitidamente descuidada. Assim que falei meu nome, entretanto, teve um sobressalto e aprumou-se.

— Senhor Ryder, sinto muito, não o reconheci. O Senhor Hoffman, o gerente, queria muito recebê-lo pessoalmente. Mas, infelizmente, neste exato momento, teve de comparecer a uma reunião importante.

— Não tem problema. Terei muito prazer em conhecê-lo mais tarde.

O rapaz apressou-se a preencher os formulários de registro, sem parar de resmungar a respeito de como o gerente ficaria aborrecido por não estar presente.

Mencionou duas vezes o fato de os preparativos para "a noite de quinta-feira" o terem colocado sob uma pressão fora do comum, mantendo-o afastado do hotel mais do que o habitual. Eu apenas abanava a cabeça, sem forças para indagar sobre a natureza exata da "noite de quinta-feira".

— Ah, o Senhor Brodsky está se saindo de modo esplêndido hoje disse o recepcionista, animando-se. — Realmente de modo esplêndido. De manhã, ensaiou a orquestra por quatro horas seguidas. Escute o agora! Obstinado, aprimora o trabalho sozinho.

Apontou para os fundos do saguão. Só então percebi que um piano estava sendo tocado em alguma parte do prédio, quase inaudível, abafado pelo ruído do trânsito lá fora. Levantei a cabeça e escutei com mais atenção. Alguém tocava uma única frase curta — era do segundo movimento de Verticality, de Mullery — repetidamente, de um modo lento e absorto.

— Evidentemente, se o gerente estivesse aqui — dizia o rapaz —, traria o Senhor Brodsky para apresentá-lo. Mas não sei... — Deu uma risada. — Bem, não sei se devo perturbá-lo.

Quando fica assim tão concentrado...

— Claro, claro. Fica para outra vez.

— Se o gerente estivesse aqui... — calou-se e riu de novo. Então, inclinando-se para a frente, disse em voz baixa: — Sabia que alguns hóspedes tiveram a coragem de se queixar? De fecharmos a sala de estar sempre que o Senhor Brodsky pede o piano? É incrível como certas pessoas pensam! Na verdade, ontem mesmo, dois hóspedes reclamaram com o Senhor Hoffman. Mas pode estar certo de que foram rapidamente colocados em seus devidos lugares.

— Estou certo que sim. Disse Brodsky? — Refleti sobre o nome, mas não me disse nada. Então, percebi que o recepcionista me observava com uma expressão intrigada e declarei rapidamente:

— Sim, sim, terei muito prazer em conhecer o Senhor Brodsky na hora oportuna.

— Se pelo menos o gerente estivesse aqui.

— Por favor, não se preocupe. Bem, mas se isso é tudo, gostaria de...

— É claro, senhor. Deve estar muito cansado depois de uma viagem tão longa. Esta é a sua chave. Gustav, que está logo ali o conduzirá ao quarto.

Olhei para trás e vi que um carregador idoso esperava do outro lado do saguão. Estava em frente ao elevador aberto, observando seu interior com um ar absorto. Teve um sobressalto quando me aproximei.

Então, pegou as malas e entrou prontamente no elevador, logo atrás de mim.

Quando começamos a subir, o velho continuou carregando as duas malas e percebi que ficava cada vez mais vermelho em razão do esforço. As malas eram pesadas e uma preocupação sincera com a possibilidade de ele vir a desfalecer na minha frente fez com que eu dissesse:

— Sabe, acho que realmente devia colocá-las no chão.

— Fico contente que tenha mencionado isso, senhor — disse ele, e sua voz, surpreendentemente, pouco traía o esforço físico que estava fazendo. — Quando comecei nesta profissão, há muitos anos, costumava colocar as malas no chão. Só as carregava quando estritamente necessário. Isto é, quando em movimento. De fato, nos primeiros quinze anos, tenho de admitir que usava esse método. É o que muitos dos carregadores jovens desta cidade ainda empregam. Mas, agora, não me verá fazendo esse tipo de coisa. Além disso, não vamos para um andar tão alto.

Continuamos a subir em silêncio. Então, eu disse:

— Pelo visto, trabalha neste hotel já há algum tempo.

— Faz vinte e sete anos, senhor. Vi muitas coisas durante esse tempo. Mas, evidentemente, o hotel já existia muito antes de eu vir para cá. Dizem que Frederico, o Grande, hospedou-se por uma noite aqui, no século XVIII, e, pelo que contam, já era um hotel de renome na época. Sim, ao longo dos anos, aqui se deram eventos de grande interesse histórico. A qualquer hora, quando não estiver tão cansado, terei prazer em relatar algumas dessas coisas ao senhor.

— Mas estava dizendo — falei —, por que acha um erro colocar a bagagem no chão.

— Ah, sim — disse o carregador. — Esta é uma questão interessante. Como pode imaginar, em uma cidade como esta, há muitos hotéis. Isso significa que muita gente, em algum momento, já tentou ser carregador. Muita gente acha que basta vestir o uniforme e pronto, já pode exercer o ofício. É uma ilusão particularmente alimentada nesta cidade. Chame de mito local, se quiser. E confesso que houve um tempo em que eu também pensava assim. Então, certa vez, isso foi há muito tempo, minha mulher e eu viajamos durante um feriado. Fomos à Suíça, a Lucerne. Minha mulher já é falecida, mas, quando penso nela, me lembro desse feriado. Lá é muito bonito, à beira do lago. O senhor com certeza sabe disso. Fizemos passeios de barco adoráveis depois do café da manhã. Bem, voltando ao assunto, durante o feriado, observei que as pessoas naquela cidade não faziam o mesmo tipo de suposições

que as pessoas daqui acerca dos carregadores. Como posso dizer? Lá demonstravam muito mais respeito pelo carregador. Os melhores possuíam certo renome e os grandes hotéis disputavam seus serviços. Isso abriu meus olhos. Mas, nesta cidade, bem, uma outra idéia prevalecia há muito, muito tempo. De fato, há momentos em que acho que nunca será erradicada. Não estou dizendo em absoluto que as pessoas daqui sejam rudes conosco. Longe disso. Sempre fui tratado com cortesia e consideração. Mas, veja, sempre há a idéia de que qualquer um pode fazer esse trabalho se meter na cabeça, se cismar em fazê-lo. Acho que é porque todo mundo nesta cidade teve, de alguma forma, a experiência de carregar bagagem de um lugar para outro. Como já fizeram isso, acham que o carregador de hotel é apenas um prolongamento da mesma coisa. Ao longo dos anos, ouvi, neste mesmo elevador, pessoas me dizerem: "Devia abandonar o que faço e me tornar carregador." Assim mesmo. Bem, certa vez, pouco depois do feriado em Lucerae, um dos principais membros da câmara municipal me disse exatamente o seguinte: "Gostaria de fazer isso um dia desses." E apontando para a bagagem: "Isso que é vida. Nenhuma preocupação." Acho que tentava ser gentil. Queria dizer que eu devia ser invejado. Isso foi quando eu era mais jovem e não carregava as malas. Deixava-as no chão, aqui, neste elevador, e acho que, nessa época, eu parecia, de certa forma, assim. Entende? Despreocupado, como o cavalheiro insinuou. Bem, uma coisa é certa: foi a gota d'água. Não estou querendo dizer que as palavras dele, por si sós, tenham me deixado com raiva. Mas, quando me disse isso, bem, as coisas como que ficaram claras de vez. Coisas em que eu pensava já há algum tempo. E, como expliquei antes, tinha acabado de chegar de Lucerne, lugar

que me abriu uma nova perspectiva. E pensei cá comigo: bem, está mais do que na hora de os carregadores desta cidade mudarem a atitude que prevalece na cidade. Entende? Vi uma coisa diferente em Lucerne e senti que realmente não era muito certo o que acontecia por aqui. Então, refleti profundamente e decidi tomar uma série de medidas pessoalmente. É claro que, mesmo naquela época, eu sabia que ia ser difícil. Eu já devia perceber, há tanto tempo, que talvez fosse tarde demais para minha geração. Que as coisas tinham ido longe demais. Mas, pensei, se fizer minha parte e conseguir mudar a situação, nem que seja um pouquinho, pelo menos tornarei as coisas mais fáceis para aqueles que vierem depois. Então, adotei minhas medidas e insisti nelas, a partir do dia em que o vereador disse aquilo. E sinto orgulho em afirmar que vários carregadores desta cidade seguiram meu exemplo. Isso não significa que tenham adotado as mesmas medidas. Mas digamos que suas medidas fossem, bem, compatíveis.

— Entendo. E uma das medidas era não pôr as malas no chão, mas continuar a carregá-las.

— Exatamente, o senhor entendeu perfeitamente. Evidentemente, tenho de admitir que, quando assumi essas normas, era muito mais jovem e mais forte e não pesei o fato de que, com a idade, ficaria cada vez mais fraco. É engraçado, mas não pensei nisso. Os outros carregadores disseram coisas semelhantes. Todos da mesma maneira tentaram manter as antigas resoluções. Tornamo-nos, ao longo dos anos, um grupo muito unido, doze de nós. Somos os que restaram dos que tentaram mudar as coisas há tantos anos. Se agora eu tentasse voltar atrás em algum ponto,

acho que desapontaria os outros. E, se qualquer um deles deixasse de obedecer as antigas regras, eu sentiria o mesmo. Pois não há dúvida de que houve um progresso em relação a isso nesta cidade. Ainda resta um longo caminho a ser percorrido, é verdade, mas sempre falamos sobre isso quando nos reunimos aos domingos à tarde no Hungarian Café, na cidade velha. O senhor podia aparecer por lá, seria um convidado muito bem-vindo. Bem, discutimos freqüentemente sobre esse tipo de coisa e todos concordamos que, sem dúvida alguma, houve uma melhora considerável da atitude em relação a nós. Os que vieram depois, os mais jovens, é claro, tomam isso como natural. Mas nosso grupo, do Hungarian Café, nós sabemos que interferimos na mudança, por menor que tenha sido. O senhor será muito bem-vindo. Teria prazer em apresentá-lo ao grupo. Hoje, somos muito menos formais do que éramos, e entendemos que, às vezes, em circunstâncias especiais, convidados sejam introduzidos à nossa mesa. É muito agradável nesta época do ano, com um sol tão generoso à tarde. Temos nossa mesa à sombra, sob o toldo, de frente para a velha praça. É muito agradável, estou certo de que vai gostar. Mas, voltando ao assunto, discutimos muito essa questão no Hungarian Café. Isto é, as velhas resoluções que tomamos naquele tempo. Mas nenhum de nós tinha pensado no que aconteceria quando ficássemos mais velhos. Acho que estávamos tão envolvidos no trabalho que só pensávamos nas coisas com base no presente.

Ou, talvez, subestimássemos o tempo que levaria para que tais atitudes, tão profundamente arraigadas, se modificassem. Mas aqui estamos. Agora, tenho esta idade e fica mais difícil a cada ano.

O carregador fez uma pausa e, apesar do esforço físico, parecia perdido em seus pensamentos. Depois, ele disse:

— Vou ser franco com o senhor. Temos de ser justos. Quando era mais jovem, quando formulei as regras para mim mesmo, sempre carregava até três malas, por maiores e pesadas que fossem. Se o hóspede tivesse uma quarta, eu a colocava no chão. Porém de três eu sempre dava conta. Bem, a verdade é que há quatro anos estive doente, e as coisas ficaram mais difíceis, o que foi discutido no Hungarian Café. No final, meus colegas concluíram que eu não deveria ser tão rigoroso comigo mesmo. Afinal, me disseram, o que interessava era transmitir aos hóspedes algo da verdadeira natureza de nosso trabalho. Duas ou três malas, o efeito seria basicamente o mesmo.

Deveria reduzir o meu mínimo para duas e não afetaria nada. Acatei o que disseram, mas sei que não é verdade. Percebo que não causa o mesmo efeito quando as pessoas olham para mim. Há uma diferença entre ver um carregador com duas malas e outro com três. Temos de admitir que, mesmo para o olho menos experiente, o efeito é consideravelmente diferente. Eu sei disso e confesso que é doloroso admiti-lo. Mas voltando ao assunto, espero que agora compreenda por que não ponho suas malas no chão. O senhor só tem duas. Pelo menos por mais alguns anos, duas estarão no limite de minha capacidade.

— Bem, isso tudo é muito louvável — eu disse. — Com certeza, causou o impacto desejado em mim.

— Gostaria que soubesse que não sou o único que mudei. Discutimos esse tipo de coisa o tempo todo no Hungarian Café e a verdade é que cada um de nós teve de se modificar.

Mas não quero que pense que estejamos tolerando desvios de nossa intenção. Se fizéssemos isso, nossos esforços, nesses anos todos, teriam sido em vão. Nós nos tornaríamos rapidamente motivo de chacota. As pessoas zombariam ao nos verem reunidos nas tardes de domingo. Oh, não! Continuamos rigorosos um com o outro e, como estou certo de que a Senhorita Hilde confirmaria, a comunidade respeita nossos encontros aos domingos à tarde. Como já disse, o senhor será bem-vindo. Tanto o café quanto a praça são extremamente agradáveis nas tardes ensolaradas. E às vezes o proprietário providencia para que violinistas ciganos toquem na praça. O proprietário tem um grande respeito por nós.

O café não é grande, mas ele sempre reserva um espaço para que fiquemos confortáveis em nossa mesa. Mesmo quando está muito cheio, providencia para que não sejamos excluídos ou perturbados. Até mesmo nas tardes com maior movimento, se todos em nossa mesa quiserem esticar os braços ao mesmo tempo, nenhum tocará no outro. Por aí se vê como o proprietário nos respeita. Tenho certeza de que a Senhorita Hilde confirmaria o que estou dizendo.

— Queira desculpar-me — disse eu —, mas quem é essa Senhorita Hilde a que tanto se refere?

Nem bem terminei de falar, notei que o carregador olhava para algum ponto atrás de mim. Ao me virar, fiquei surpreso ao perceber que não estávamos sozinhos no elevador.

Uma mulher jovem e pequena, elegante em seu traje de trabalho, estava no canto atrás de mim. Percebendo que finalmente eu a notara, sorriu e deu um passo à frente.

— Desculpe — disse ela —, espero que não pense que eu estava bisbilhotando, mas não pude deixar de ouvir. Ouvi o que Gustav lhe contava e devo dizer que ele foi injusto conosco, com a gente desta cidade. Quer dizer, quanto a não valorizarmos os carregadores de hotel. Claro que valorizamos, e a Gustav mais que todos. Todos gostam dele. Como vê, há uma contradição no que ele acabou de dizer. Se os subestimássemos tanto, como explicaria a deferência com que são tratados no Hungarian Café? Realmente, Gustav, não foi gentil nos descrever dessa forma ao Senhor Ryder.

Isso foi dito em um tom incontestavelmente afetuoso, mas o carregador pareceu ficar envergonhado. Endireitou o corpo, afastando-se de nós, as malas pesadas, com o movimento, bateram em suas pernas, e desviou o olhar, encabulado.

— Pronto, assim ele aprende — disse a jovem sorrindo. — Mas ele é um dos melhores. Todos gostamos dele. É excessivamente modesto e nunca admitiria isso ao senhor.

Na verdade, não seria um exagero afirmar que o reverenciam. Há vezes em que os verá sentados em volta da mesa, nas tardes de domingo, sem começarem a falar até que Gustav tenha chegado. Acham que seria desrespeitoso, entende?, darem

início à conversa na sua ausência. É comum estarem, dez ou onze deles, ali sentados em silêncio, tomando café, aguardando. No máximo trocam sussurros casuais, como se estivessem em uma igreja. Mas só relaxam e começam a conversar realmente quando Gustav chega.

Vale a pena ir até lá para assistir à sua chegada. O contraste entre antes e depois é flagrante.

Em um primeiro momento o que se vê são caras sombrias e silenciosas em volta da mesa. Então, Gustav aparece e começam a gritar e rir. Empurram-se, dão tapinhas uns nas costas dos outros, brincando. Algumas vezes chegam a dançar, sim, em cima das mesas! Há uma "Dança dos Carregadores", não é, Gustav? Realmente, se divertem. Mas não antes de Gustav chegar. Evidentemente, ele nunca lhe contaria isso, é tão modesto! Todos nesta cidade gostam realmente muito dele.

Enquanto ela falava, Gustav deve ter continuado a se virar, pois, quando olhei para ele, estava de frente para o canto oposto do elevador, de costas para nós. O peso das malas fazia arquear seus joelhos e os ombros estremecerem. Sua cabeça estava baixa, de modo a ficar praticamente fora do alcance de nossa vista, mas é difícil dizer se isso era em razão da timidez ou do esforço físico.

— Desculpe, Senhor Ryder — disse a jovem —, ainda não me apresentei. Sou Hilde Stratmann. Fui incumbida de providenciar para que tudo corra da melhor forma enquanto estiver conosco. Fico feliz por, finalmente, ter conseguido chegar. Estávamos todos

começando a ficar preocupados. Todos o esperaram o máximo que podiam, pela manhã, mas muitos tinham compromissos importantes e tiveram de se ausentar. Então, coube a mim, uma simples funcionária do Instituto Municipal de Artes, dizer-lhe como estamos honrados com sua presença.

— É um prazer estar aqui. Mas, quanto a esta manhã, acabou de dizer que...

— Oh, não se preocupe com esta manhã, Senhor Ryder. Ninguém ficou nem um pouco aborrecido. O importante é que está aqui. Sabe, se há uma coisa com que concordo com Gustav é sobre a cidade velha. É realmente muito interessante e sempre aconselho que a visitem. Tem uma atmosfera maravilhosa, cheia de cafés pelas calçadas, lojas de artesanato, restaurantes. Fica a poucos passos daqui, por isso deve aproveitar a oportunidade assim que seu horário permitir.

— Farei isso com certeza. A propósito, Senhorita Stratmann, por falar em horário... — Fiz uma pausa deliberada, esperando que se lembrasse, ou talvez que pegasse em sua pasta um papel ou um folheto.

Mas, embora tenha me interrompido prontamente, foi para dizer:

— É um horário apertado sim. Mas não me parece inviável. Tentamos nos ater estritamente às coisas essenciais. Inevitavelmente, fomos inundados por tantas de nossas sociedades, pela mídia local, por todo mundo. O senhor tem muitos admiradores nesta cidade, Senhor Ryder. Muitas pessoas acham que não é

apenas o maior pianista vivo, mas, talvez, o maior deste século. Mas acredito que tenhamos conseguido reduzir sua agenda ao essencial. Estou certa que não encontrará nada que julgue tão inoportuno.

Nesse exato momento, as portas do elevador se abriram e o velho carregador saiu para o corredor. As malas faziam com que arrastasse os pés pelo carpete e a Senhorita Stratmann e eu o seguimos, medindo os passos para não alcançá-lo.

— Espero que ninguém tenha ficado ofendido — disse enquanto andávamos. — Refiro-me a não ter havido tempo para todos.

— Oh, não, por favor, não se preocupe. Todos sabemos por que está aqui e ninguém gostaria de ser responsável por perturbá-lo. De fato, Senhor Ryder, afora dois compromissos sociais muito importantes, o resto de sua programação está mais ou menos diretamente relacionado à noite de quinta-feira. É claro que até então já estará familiarizado com sua agenda.

Havia algo na maneira como proferiu esta última observação que tornou difícil que eu respondesse de modo totalmente franco. Apenas murmurei:

— Sim, claro.

— É uma programação pesada. Mas nos guiamos por seu pedido de ver o máximo possível com os próprios olhos. Uma intenção muito louvável, se posso dizer assim.

À nossa frente, o velho carregador parou diante da porta. Finalmente pôs as malas no chão, e começou a mexer na fechadura. Ao nos aproximarmos, Gustav tornou a segurar as malas e cambaleou para dentro do quarto dizendo:

— Por favor, siga-me.

Estava prestes a obedecê-lo quando a Senhorita Stratmann pôs a mão em meu braço. — Não quero prendê-lo — disse ela. — Mas só me falta verificar se há alguma coisa na programação com que não esteja satisfeito.

A porta ficou encostada, nos deixando do lado de fora, no corredor.

— Bem, Senhorita Stratmann — eu disse —, no geral me pareceu... uma agenda muito bem equilibrada.

— Foi precisamente com seu pedido em mente que providenciamos o encontro com o Grupo de Apoio Mútuo. Este grupo é formado por pessoas comuns, de todos os ramos, reunidas pela sensação comum de serem vítimas da crise atual. Poderá ouvir relatos em primeira mão do que algumas pessoas têm passado.

— Ah, sim. Vai ser muito útil, com certeza.

— E, como deve ter reparado, também respeitamos seu desejo de conhecer o Senhor Christoff pessoalmente. Dadas as circunstâncias, entendemos perfeitamente as razões do pedido de tal encontro. O Senhor Christoff, por seu lado, está encantado, como

era de se esperar. Naturalmente ele tem seus próprios motivos para querer conhecê-lo.

O que quero dizer é que ele e seus amigos farão, evidentemente, todo o possível para que veja as coisas à maneira deles. Naturalmente, será um contra-senso, mas estou certa de que achará tudo muito útil para compor um quadro geral do que está acontecendo. Senhor Ryder, parece muito cansado. Não quero prendê-lo por mais tempo.

Aqui está meu cartão. Por favor, não hesite em me chamar se tiver qualquer problema ou dúvida.

Agradei e a observei se afastar no corredor. Ao entrar no quarto, ainda refletia sobre as diversas implicações dessa conversa e precisei de um momento para notar Gustav, em pé, ao lado da cama.

— Aqui está, sir.

Depois da preponderância da madeira escura por toda parte no prédio, fiquei surpreso com a decoração leve e moderna do quarto. A parede diante de mim era de vidro, do chão até quase o teto, e o sol atravessava, de modo agradável, as persianas verticais, penduradas contra ela. As malas haviam sido colocadas, uma ao lado da outra, perto do armário.

— Bem, sir, se puder ter um pouco mais de paciência — disse Gustav —, mostrarei as acomodações. Desse modo, sua estada será a mais confortável possível.

Acompanhei-o pelo quarto, enquanto ele mostrava os interruptores e outras facilidades. A certa altura, conduziu-me ao banheiro e, ali, prosseguiu com as explicações.

Eu estava prestes a interrompê-lo, como costume fazer quando um carregador me mostra o quarto em um hotel, mas alguma coisa na diligência com que desempenhava sua tarefa, alguma coisa em seu empenho em personalizar algo que fazia várias vezes ao dia, comoveu-me e impediu-me de dispensá-lo. Então, enquanto ele prosseguia com as explicações, apontando com a mão para várias partes do quarto, me ocorreu que, além de seu desejo genuíno de me ver confortável, uma determinada questão que o preocupava durante o dia todo novamente ocupava sua mente. Em outras palavras, estava mais uma vez preocupado com sua filha e o netinho.

Quando lhe propuseram o acordo há vários meses, Gustav não pensou que isso lhe causaria nada além de um prazer sem maiores complicações.

Passaria algumas horas de uma tarde por semana passeando pela cidade velha com seu neto, permitindo, desse modo, que Sophie tivesse um pouco de tempo para si mesma. Além disso, o acordo logo se revelou um sucesso e, em algumas semanas, avô e neto desenvolveram uma rotina extremamente agradável para os dois. Nas tardes em que não chovia, iniciavam pelo parque dos balanços, onde Boris demonstrava suas últimas proezas. Se chuviscava, começavam pelo museu dos barcos. Depois, andavam pelas ruelas da cidade velha olhando as lojas de presentes, e talvez parassem na velha praça para assistir a um mímico ou a um

acrobata. Como o velho carregador era muito conhecido na área, nunca iam muito longe sem que alguém viesse cumprimentá-los, e Gustav ouvia muitos elogios a seu neto. Em seguida, iam até a ponte velha observar os barcos que passavam sob ela. A expedição era, então, encerrada em seu café predileto, onde pediam bolo ou sorvete e aguardavam a volta de Sophie.

No começo, esses pequenos passeios foram motivo de imensa satisfação para Gustav. Entretanto, o maior contato com a filha e o neto obrigou-o a reparar em coisas que, em tempos passados, talvez rechaçasse. Chegou um momento em que não pôde mais fingir que estava tudo bem. Para começar, havia a questão do estado de espírito de Sophie. Nas primeiras semanas, ela se despedia animada, apressando-se para ir ao centro da cidade fazer compras ou encontrar alguma amiga. Porém, ultimamente, andava desanimada, como se não tivesse nada para fazer. Além disso, havia claros sinais de que o problema, qualquer que fosse, começava a afetar Boris. É bem verdade que seu neto, na maior parte do tempo, continuava a se mostrar alegre. Mas o carregador havia notado que de vez em quando, principalmente quando se referiam à casa, uma sombra encobria a expressão do menino. Foi então que, há duas semanas, aconteceu uma coisa que o velho carregador não conseguia tirar da cabeça.

Caminhava com Boris e, ao passar por um dos vários cafés da cidade velha, nele viu, subitamente, sua filha. O toldo protegia a vidraça, permitindo uma clara visão do interior, e ali estava Sophie, sentada sozinha, com uma xícara de café à frente e uma expressão de profunda desolação. A revelação de que ela não

tivera ânimo de deixar a cidade velha, sem contar a expressão em seu rosto, provocou um choque no carregador — tão forte que precisou de um tempo para refletir e tentar distrair a atenção de Boris. Mas era tarde demais. Boris, seguindo o olhar do avô, viu claramente sua mãe.

Imediatamente, o menino desviou o olhar e continuaram a andar, sem nenhum dos dois comentar nada a respeito. Boris recuperou o bom humor em poucos minutos, contudo o episódio perturbou muito o carregador e, desde então, não lhe saía da cabeça. De fato, era a recordação desse incidente a responsável pelo ar absorto lá embaixo, no saguão, e que agora o atormentava mais uma vez enquanto mostrava o quarto.

Afeiçoei-me ao velho e senti um impulso de compaixão em relação a ele. Era evidente que andara remoendo o incidente durante muito tempo e que, agora, suas preocupações corriam o risco de atingir proporções irracionais. Pensei em abordar o assunto, mas então, quando Gustav concluiu sua rotina, o cansaço, que eu experimentava intermitentemente desde que saíra do avião, voltou a me dominar. Decidido a conversar com ele sobre isso mais tarde, eu o dispensei com uma gorjeta generosa.

Assim que a porta se fechou, caí na cama, totalmente vestido, e fiquei, por algum tempo, fitando vagamente o teto. De início, minha cabeça permaneceu tomada por Gustav e seus diversos problemas. Mas, continuando ali deitado, me vi pensando na conversa que tivera com a Senhorita Stratmann. Obviamente esta cidade esperava mais de mim que um simples recital. No entanto, quando tentava lembrar alguns detalhes básicos a respeito desta

visita, não tinha êxito. Percebi como tinha sido tolo em não falar mais francamente com a Senhorita Stratmann. Se não recebera uma cópia da programação de meu horário na cidade, a culpa era dela, não minha, e não havia razão para minha atitude defensiva.

Voltei a pensar no nome Brodsky e, dessa vez, tive a nítida impressão de não ter ouvido falar nem lido sobre ele recentemente. E, então, de repente, ocorreu-me um momento na longa viagem de avião que eu acabara de fazer. Estava em minha poltrona — os outros passageiros dormiam — e examinava a programação da visita sob a luz fraca da lâmpada de leitura. A certa altura, o homem ao meu lado despertou e, passados alguns minutos, fez como que uma observação casual. De fato, como pude me lembrar, havia se inclinado e me feito uma pergunta, alguma coisa relacionada aos jogadores de futebol da Copa do Mundo. Não querendo ser distraído da análise atenta que fazia de minha programação, eu o cortei de certa forma friamente. Tudo isso me voltava à mente com bastante clareza. Na verdade, lembrava-me da textura do papel cinza e grosso no qual a programação havia sido datilografada, da mancha opaca e amarelada refletida sobre ele pela lâmpada de leitura, do zumbido dos motores do avião. Contudo, por mais que me esforçasse, não conseguia me lembrar de nada do que estava escrito.

Após mais alguns minutos, senti que o cansaço me dominava, e decidi que não adiantava muito me preocupar até ter dormido um pouco. Na verdade, sabia, por experiência própria, como as coisas se tornavam mais claras depois de um bom repouso. Então, procuraria a Senhorita Stratmann, explicaria o mal-entendido,

receberia uma cópia da programação e esclareceria quaisquer que fossem os pontos necessários.

Começava a cochilar quando, subitamente, algo me fez abrir os olhos e encarar o teto. Prossegui escrutando-o por algum tempo, depois me sentei na cama e olhei em volta, com uma sensação de identificação que se tornava cada vez mais forte. Dei-me conta de que o quarto em que estava era o mesmo em que dormira durante os dois anos em que eu e meus pais havíamos morado na casa de minha tia, na divisa da Inglaterra com o País de Gales. Tornei a olhar em volta, depois, me deitei novamente e encarei mais uma vez o teto. Havia sido recentemente revestido de reboco e repintado, suas dimensões ampliadas, as cornijas retiradas, e os ornamentos em volta do lustre totalmente alterados. Mas, inegavelmente, era o mesmo teto, o mesmo que eu contemplara tantas vezes de minha cama estreita e frágil, naquele tempo.

Virei-me de lado e olhei para o chão, ao lado da cama. O hotel colocara um tapete exatamente onde meus pés pisariam. Lembrei-me de como antigamente a mesma área de chão fora coberta por um capacho verde e gasto, sobre o qual, várias vezes por semana, eu arrumaria cuidadosamente meus soldadinhos de plástico — mais de cem ao todo —, que guardava em duas latas de biscoitos. Estendi a mão e deixei meus dedos roçarem o tapete do hotel. Ao fazer isso, veio-me à lembrança uma tarde em que, perdido no mundo de meus soldadinhos de plástico, uma discussão violenta irrompeu lá embaixo. A ferocidade das vozes foi tal que, mesmo para uma criança de seis ou sete anos, era evidente não se tratar de uma discussão comum. Mas disse a mim mesmo que não

era nada e, apoiando a face no capacho verde, continuei os planos de minha batalha. Quase no centro do capacho, havia um rasgão que sempre me causava certa irritação. Porém, nessa tarde, enquanto as vozes esbravejavam lá embaixo, ocorreu-me, pela primeira vez, que o rasgão poderia ser usado como uma espécie de matagal que os soldados teriam de transpor.

Essa descoberta — de que a falha que sempre ameaçara minar meu mundo imaginário poderia, na verdade, ser incorporada nele — me causou certa excitação e esse "mato" se tornou um fator chave em muitas das batalhas que planejei subseqüentemente.

Tudo isso me veio à lembrança enquanto contemplava o teto. Evidentemente, continuei totalmente consciente de como as características do quarto haviam sido alteradas ou removidas. Não obstante, a percepção de que depois de todo esse tempo eu estava mais uma vez de volta ao meu velho santuário da infância me causou uma profunda sensação de paz. Fechei os olhos e, por um instante, foi como se novamente estivesse cercado por todos os antigos móveis. No canto, à minha direita, o grande armário branco com a maçaneta quebrada. O quadro retratando a catedral de Salisbury na parede, sobre minha cabeça. A mesinha-de-cabeceira com suas duas gavetas, cheias de meus pequenos tesouros e segredos. Toda a tensão do dia — a viagem longa, as confusões com a programação, os problemas de Gustav — parecia distante e me senti caindo em um sono profundo e exausto.

2

Quando fui despertado pelo telefone ao lado da cama, tive a impressão de que já tocava há algum tempo. Atendi e uma voz disse:

— Alô? Senhor Ryder?

— Sim.

— Ah. Senhor Ryder. Aqui é o Senhor Hoffman, o gerente do hotel.

— Ah, sim, como vai?

— Senhor Ryder, estamos extremamente honrados por tê-lo finalmente conosco. O senhor é muito bem-vindo.

— Obrigado.

— Realmente, muito bem-vindo. Por favor, não se preocupe com o atraso. Como acredito que a Senhorita Stratmann tenha lhe dito, todos nós o compreendemos perfeitamente.

Afinal, quando se tem de cobrir distâncias como a que percorreu, e com tantos compromissos pelo mundo todo, nossa!, essas coisas às vezes são inevitáveis.

— Mas...

— Não, realmente não precisa dizer mais nada sobre isso. Todas as senhoras e senhores, como já disse, foram muito compreensivos. Portanto, vamos esquecer o assunto.

O importante é que está aqui. E basta isso, Senhor Ryder, para que nossa gratidão seja imensa.

— Obrigado, Senhor Hoffman.

— Agora, sir, se não estiver muito ocupado, gostaria muito de finalmente cumprimentá-lo. Dar-lhe pessoalmente as boas-vindas à nossa cidade e ao nosso hotel.

— É muito gentil — eu disse. — Mas eu estava tirando um cochilo...

— Um cochilo? — Houve um momento de irritação na voz. Logo em seguida, a afabilidade retornou por completo. — Mas é claro, é claro. Deve estar muito cansado, veio de tão longe. Bem, então, quando puder.

— Estou ansioso por conhecê-lo, Senhor Hoffman. Certamente, não demorarei a descer.

— Por favor, venha quando lhe convier. De minha parte, estarei esperando aqui, isto é, aqui no saguão, não importa quanto tempo. Portanto, por favor, não se apresse.

Refleti por um momento. Então, disse:

— Mas, Senhor Hoffman, o senhor deve ter muitas coisas para fazer.

— É verdade. Esta é uma parte da tarde muito agitada. Mas para o senhor, Senhor Ryder, esperarei com prazer o tempo que for necessário.

— Por favor, Senhor Hoffman, não perca seu tempo valioso por minha causa. Descerei logo e, então, o procurarei.

— Senhor Ryder, não se incomode, será um prazer aguardá-lo. Como eu disse, venha quando lhe convier. Asseguro-lhe que ficarei esperando até que chegue.

Agradei e desliguei. Sentei-me, olhei em volta e imaginei, pela luz, que deveria ser final da tarde. Sentia-me mais cansado que nunca, mas parecia não ter outra escolha, a não ser descer ao saguão. Levantei-me, fui até uma das malas e encontrei uma jaqueta menos amarrotada do que a que estava usando. Enquanto a vestia, me veio a vontade forte de um café e deixei o quarto alguns instantes depois, com uma espécie de urgência.

Saí do elevador e encontrei o saguão muito mais animado que antes. Ao meu redor, os hóspedes estavam recostados confortavelmente nas poltronas, folheando jornais ou batendo papo enquanto tomavam um cafezinho. Próximo ao balcão da recepção, vários japoneses saudavam uns aos outros animadamente.

Fiquei ligeiramente confuso com essa transformação e não reparei no gerente até que ele se dirigiu diretamente a mim.

Estava na faixa dos cinquenta e era maior e mais pesado do que tinha imaginado a partir da voz ao telefone. Estendeu-me a

mão, sorrindo exultantemente. Notei, então, que respirava com dificuldade e que sua testa estava levemente coberta de suor.

Enquanto apertávamos as mãos, repetiu várias vezes a honra que minha presença representava para a cidade e para o hotel, em particular. Então, inclinou-se à frente e disse com um ar de confiança:

— E posso garantir que já foram tomadas todas as providências para a noite de quinta-feira. Não precisa se preocupar com absolutamente nada.

Esperiei que dissesse mais alguma coisa, mas como seguiu apenas sorrindo, eu disse:

— É bom saber disso.

— Realmente, não há nada com que se preocupar.

Houve uma pausa constrangedora. Em seguida, Hoffman pareceu que ia dizer alguma coisa, mas se deteve, deu uma risada e me bateu levemente no ombro — gesto que achei excessivamente familiar. Por fim, ele disse:

— Senhor Ryder, se houver qualquer coisa que eu possa fazer para tornar sua estada mais confortável, avise-me imediatamente.

— É muita gentileza.

Houve outra pausa. Então, ele riu novamente, balançou a cabeça e bateu mais uma vez em meu ombro.

— Senhor Hoffman — eu disse —, há algo particular que gostaria de me falar?

— Oh, nada em particular, Senhor Ryder. Gostaria apenas de cumprimentá-lo e me assegurar de que está tudo a seu contento. Então, repentinamente, soltou uma exclamação.

— Claro, agora que me pergunta, sim, havia algo. Mas era um assunto sem importância.

— De novo, abanou a cabeça e riu. — Tinha a ver com o álbum de minha mulher.

— Álbum de sua mulher?

— Minha esposa, Senhor Ryder, é uma mulher muito culta. Naturalmente, é uma grande admiradora sua. De fato, ela acompanhou sua carreira com muito interesse e, há alguns anos, compila notícias dos jornais sobre o senhor.

— Mesmo? É gentil da parte dela.

— De fato, reuniu dois álbuns de recortes inteiramente dedicados ao senhor. Foram organizados cronologicamente e remontam há muitos anos. Irei direto ao assunto. Minha mulher sempre alimentou a esperança de um dia o senhor poder examiná-los pessoalmente. A notícia de que visitaria nossa cidade naturalmente avivou essa esperança. Contudo, sabia como estaria ocupado e não admitiria que o senhor fosse incomodado por sua causa. Mas percebi o que ela desejava secretamente e, então, prometi pelo menos comentar o assunto com o senhor. Se tiver um

minutinho só para dar uma olhada neles, não imagina o que significaria para ela.

— Transmita minha gratidão à sua esposa, Senhor Hoffman. Ficarei feliz em ver os álbuns.

— Senhor Ryder, é muita gentileza sua! Realmente, muita gentileza! Na verdade, para facilitar, trouxe os álbuns para o hotel. Mas posso imaginar como deve estar ocupado.

— Realmente meu horário está apertado. Mas estou certo de que encontrarei tempo para os álbuns de sua mulher.

— O senhor é muito gentil, Senhor Ryder! Mas devo deixar claro que a última coisa que desejo é ser um incômodo extra para o senhor. Por isso, permita-me fazer uma sugestão. Aguardarei um sinal seu de quando estará pronto para examinar os álbuns. Até lá, não o incomodarei. A qualquer hora, do dia ou da noite, quando achar que é o momento certo, por favor me procure. Geralmente, é fácil me encontrar, só deixo o prédio muito tarde. Interrompereei o que estiver fazendo e lhe mostrarei os álbuns. Eu me sentirei bem mais à vontade se for assim. Não suportaria pensar que estou estreitando mais ainda seu tempo.

— É muita consideração de sua parte, Senhor Hoffman.

— Na verdade, agora me ocorreu que nos próximos dias talvez eu pareça demasiadamente atarefado. Mas quero que saiba que nunca estarei ocupado o bastante para tratar desse assunto. Assim, mesmo que eu pareça muito absorvido, por favor, não deixe de me procurar.

— Está bem. Eu me lembrarei disso.

— Talvez devêssemos combinar algum tipo de sinal. Digo isso porque, ao me procurar, posso estar do outro lado de uma sala cheia. Seria muito incômodo o senhor ter de atravessar uma multidão tão tumultuada. Sendo assim, quando o senhor me vir, de qualquer parte do salão, eu irei ao seu encontro. Por isso um sinal seria conveniente. Algo facilmente distinguível, visível acima das cabeças das pessoas.

— Realmente, parece uma boa idéia.

— Excelente. Estou feliz por ter encontrado no senhor uma pessoa tão agradável e gentil, Senhor Ryder. Se ao menos pudéssemos dizer o mesmo de outras celebridades que hospedamos. Bem, só resta combinar o sinal. Talvez eu pudesse sugerir... bem, alguma coisa assim.

Levantou a mão, a palma para fora, os dedos abertos, e fez um movimento como se estivesse limpando uma janela.

— É só um exemplo — disse ele, colocando a mão rapidamente para trás. — Mas é claro que talvez outro sinal seja mais de seu agrado.

— Não, esse está ótimo. Eu o darei assim que estiver pronto para ver os álbuns de sua mulher. Realmente foi muita gentileza dela ter se dado esse trabalho.

— Sei que lhe causou uma imensa satisfação. É evidente que se, mais tarde, lhe ocorrer outro sinal que prefira, por favor

telefone de seu quarto ou deixe o recado com um dos funcionários.

— É muito atencioso, mas o sinal que sugeriu me parece muito elegante. Bem, Senhor Hoffman, onde posso tomar uma boa xícara de café? Neste momento, sinto que poderia tomar várias xícaras.

O gerente riu de modo teatral.

— Conheço a sensação muito bem. Vou levá-lo ao átrio. Siga-me, por favor.

Ele me conduziu pelo saguão e atravessamos duas pesadas portas de vaivém. Penetramos em um corredor comprido e sombrio, com as paredes revestidas de madeira escura.

Filtrava tão pouca luz natural que, mesmo a essa hora do dia, era preciso deixar acesas as lâmpadas dos apliques ao longo das paredes. Hoffman continuou a andar rapidamente à minha frente, virando-se a cada poucos passos para me sorrir por sobre o ombro. Aproximadamente na metade do caminho, passamos por uma porta majestosa e Hoffman, que deve ter notado que eu a olhava, disse:

— Ah, sim. O café normalmente é servido nessa sala. Uma sala esplêndida, Senhor Ryder, muito confortável. E agora foi decorada com algumas mesas artesanais. Eu mesmo as descobri recentemente, durante uma viagem a Florença. Estou certo de que as aprovaria. Mas, neste momento, como sabe, a fechamos para o Senhor Brodsky.

— Oh, sim. Ele estava lá, mais cedo, quando cheguei.

— Ainda está. Eu o levaria para apresentá-lo, mas é que... bem, talvez ainda não seja o momento. Ha, ha! Mas não se preocupe, haverá muitas oportunidades para que os senhores se conheçam.

— O Senhor Brodsky está naquela sala agora?

Olhei para trás, para aquela porta, e possivelmente devo ter reduzido um pouco a marcha. De qualquer modo, o gerente tomou meu braço e me afastou com firmeza.

— Está, senhor. Pois bem, ele está, neste exato momento, sentado lá, em silêncio, mas lhe asseguro que recomeçará a qualquer momento. Nesta manhã, ensaiou a orquestra por quatro horas seguidas. Pelo que sabemos, tudo está indo muito bem. Por isso não há nada com que se preocupar.

Finalmente o corredor fez uma curva, depois da qual se tornou mais iluminado. De fato, ao longo de uma das paredes, havia janelas que filtravam a luz, formando círculos de sol no piso. Somente quando já tínhamos nos afastado dessa parte, Hoffman me soltou. Ao diminuirmos o passo, o gerente deu uma risada para disfarçar seu embaraço.

— O átrio fica logo ali. É essencialmente um bar, mas é confortável e poderá pedir café e o que quiser. Por favor, por aqui.

Deixamos o corredor e passamos sob um arco.

— Este anexo — Hoffman disse, me introduzindo — foi concluído há três anos. Nós o chamamos de átrio e estamos

orgulhosos dele. Foi projetado por Antônio Zanotto.

Entramos em um vestíbulo amplo e iluminado. Em razão do alto teto de vidro, tinha-se a sensação de se estar saindo para um pátio. O piso era uma vasta extensão de cerâmica branca, no centro da qual, predominando sobre tudo, havia uma fonte — um emaranhado de figuras de mármore, espécie de ninfas, esguichando água com força.

Na verdade, a pressão da água me pareceu excessiva. Mal dava para olhar para qualquer parte do átrio sem ter de espreitar através da névoa que flutuava no ar. Ainda assim, percebi prontamente que havia um bar de cada lado, cada qual com seus próprios bancos altos, poltronas e mesas. Garçons de uniforme branco entrecruzavam o chão e parecia haver um número considerável de hóspedes dispersos

— embora a sensação de espaço fosse tal que mal os notássemos.

Percebi que o gerente me observava com uma expressão presunçosa, esperando eu manifestar minha aprovação ao ambiente. No entanto, naquele momento, a necessidade de um café era tão urgente que simplesmente me virei e me dirigi ao balcão mais próximo.

Já estava sentado em um banco alto, os cotovelos apoiados no balcão, quando o gerente me alcançou. Estalou os dedos para o barman, que de qualquer jeito já se dirigia a mim, dizendo:

— O Senhor Ryder gostaria de uma xícara de café. Queniano! Depois, virando-se para mim, disse: — Nada me daria mais prazer que ficar aqui com o senhor, Senhor Ryder. Conversar sossegado sobre música e arte. Infelizmente, há muitas coisas que tenho de fazer e que não podem ser adiadas. O senhor me perdoaria?

Embora eu insistisse em que ele tinha sido extremamente gentil, levou ainda vários minutos se despedindo. Finalmente, consultou o seu relógio, soltou uma exclamação e partiu apressado.

Deixado só, devo ter sido rapidamente arrastado por meus próprios pensamentos, pois sequer notei a volta do barman. Ele deve ter aparecido, já que logo me vi tomando o café e encarando a parede espelhada atrás do balcão, onde via não apenas meu reflexo, mas também quase todo o salão. Depois de algum tempo, não sei por quê, me pus a relembrar momentos-chaves de um jogo de futebol a que assisti há muitos anos — uma partida da Alemanha contra a Holanda. Endireitei o corpo sobre o banco alto — percebi que estava excessivamente curvado — e tentei lembrar os nomes dos jogadores do time holandês daquele ano. Rep, Krol, Haan, Neeskens. Após vários minutos, tinha conseguido lembrar todos menos dois, e esses dois nomes permaneceram fora do alcance de minha memória. Quando tentava lembrar, o som da fonte às minhas costas, que de início achava confortável, começou a me aborrecer. Era como que, se parasse, minha memória se abriria e eu, finalmente, recordaria os nomes.

Ainda tentava me lembrar, quando, atrás de mim, uma voz disse: — Com licença. É o Senhor Ryder, não é?

Virei-me e deparei com a fisionomia jovem de um rapaz de uns vinte anos. Quando o saudei, ele se aproximou ansioso do bar.

— Espero não estar atrapalhando — disse ele. — Mas, quando o vi, não consegui deixar de vir dizer como estou emocionado pelo senhor estar aqui. Sabe, também sou pianista. Quer dizer, em termos estritamente amadores. E, bem, sempre o admirei demais. Quando meu pai finalmente obteve a confirmação de que estava vindo, fiquei extremamente emocionado.

— Pai?

— Desculpe. Sou Stephan Hoffman, filho do gerente.

— Ah, sim, entendo. Muito prazer.

— Incomoda-se de eu me sentar aqui um minuto? — O jovem sentou-se no banco ao meu lado. — Meu pai ficou tão emocionado quanto eu, se não mais. Eu o conheço e sei que nunca lhe diria o quanto estava emocionado. Mas, acredite em mim, isso significa tudo para ele.

— Verdade?

— Sim, realmente não é um exagero. Lembro-me do período em que ele estava esperando sua resposta. Um silêncio peculiar apoderava-se dele sempre que seu nome era mencionado. E então, quando a tensão se tornava demasiada, começava a resmungar a meia voz sobre tudo isso. "Quanto tempo vai demorar? Quanto tempo até dar a resposta? Ele vai recusar, estou sentindo."

Tive muito trabalho para manter seu ânimo elevado. Resumindo, o senhor já pode imaginar o que sua presença significa para ele. Ele é tão perfeccionista! Quando organiza um evento como o da noite de quinta-feira, tudo, mas tudo mesmo, tem de estar perfeito. Examina cada detalhe inúmeras vezes. Às vezes, toda essa obsessão chega a ser exagerada. Mas, depois, pensando melhor, vejo que se ele não tivesse esse lado, não seria meu pai, e não realizaria nem metade do que realiza.

— Parece realmente uma pessoa admirável.

— Bem, Senhor Ryder — disse ele —, tem uma coisa que eu queria lhe perguntar. Na verdade é um pedido. Se for impossível, por favor, seja franco. Não me sentirei ofendido.

Stephan Hoffman fez uma pausa, como que para reunir coragem. Bebi um pouco mais do café e olhei o reflexo de nós dois sentados lado a lado.

— Bem, tem a ver com a noite de quinta-feira — prosseguiu. — É que meu pai pediu para eu tocar piano no evento. Pratiquei e me sinto preparado, não é isso que me preocupa, nem qualquer coisa... — Ao dizer isso, suas maneiras seguras vacilaram só por um segundo, o suficiente para traírem um adolescente ansioso. Mas quase que imediatamente se refez com um encolher de ombros negligente. — É porque a noite de quinta-feira é tão importante que não quero decepcioná-lo. Indo direto ao assunto, achei que talvez o senhor tivesse alguns minutos para ouvir minha interpretação da peça que escolhi. Decidi tocar Dahlia, de Jean-Louis La Roche. Sou apenas um amador e terá de ser muito paciente. Mas achei que

poderia praticá-la e o senhor me dar algumas sugestões sobre como aprimorar a execução.

Refleti por um momento.

— Então — disse eu depois de algum tempo —, se apresentará na noite de quinta-feira.

— Claro que é uma contribuição muito pequena, com tantas... deu uma risada — bem, com tantas coisas acontecendo. Ainda assim quero que minha pequena participação seja a melhor possível.

— Sim, compreendo. Bem, terei prazer em fazer o que puder por você.

O rosto do jovem se iluminou.

— Senhor Ryder, não sei o que dizer! É tudo de que preciso...

— Mas há um problema. Como deve imaginar, meu tempo é muito restrito. Terei de achar um momento em que tenha alguns minutos livres.

— Claro. Quando for conveniente para o senhor, Senhor Ryder. Meu Deus, como me sinto lisonjeado! Para ser franco, achei que me rejeitaria de cara.

Um bip soou em alguma parte da roupa do jovem. Stephan teve um sobressalto e buscou algo dentro do paletó.

— Sinto muito — disse ele —, mas é urgente. Eu não deveria estar aqui já faz tempo, mas quando o vi, Senhor Ryder, não consegui deixar de me aproximar. Espero poder continuar nossa conversa em breve. Mas, no momento, por favor, com licença.

Desceu do banco e, por um instante, pareceu tentado a encetar nova conversa. Então, o bip soou novamente e ele se apressou a partir com um sorriso encabulado.

Voltei ao meu reflexo no espelho atrás do balcão e recomecei a beber meu café. No entanto, não consegui retomar o estado de contemplação relaxada em que me encontrava antes da chegada do rapaz. Pelo contrário, senti-me mais uma vez incomodado pela impressão de que esperavam muito de mim, além de, nesse momento, as coisas estarem longe das condições satisfatórias. De fato, parecia que a única coisa a fazer era procurar a Senhorita Stratmann e esclarecer certos pontos de uma vez por todas.

Decidi vê-la assim que terminasse aquela xícara de café. Não havia razão para ser um confronto desagradável e seria simples explicar o que havia acontecido no nosso último encontro. "Senhorita Stratmann", eu podia dizer, "estava muito cansado naquela hora, por isso, quando perguntou sobre a programação de meu horário, não a compreendi. Acho que me perguntou se eu teria tempo para examiná-la imediatamente se me desse uma cópia naquele mesmo instante." Ou poderia ser mais agressivo, adotando até mesmo um tom de reprovação. "Senhorita Stratmann, tenho de admitir que estou um pouco preocupado e, sim, de certa forma, desapontado. Dado o nível da responsabilidade que a senhorita e os

cidadãos desta cidade estão dispostos a colocar sobre meus ombros, acho que tenho o direito de esperar um certo padrão de suporte administrativo."

Senti um movimento perto e, ao olhar para cima, vi Gustav, o velho carregador, em pé, ao lado de meu banco. Ao me virar para ele, sorriu e disse:

— Olá, senhor. Eu o vi por acaso. Espero que esteja gostando de sua estada.

— Oh, sim, claro. Mas infelizmente ainda não tive a oportunidade de visitar a cidade velha, como me recomendou.

— É uma pena, senhor. É realmente uma parte muito bonita de nossa cidade, e fica tão perto. O tempo que está fazendo é o ideal. Um friozinho no ar, mas ensolarado. Quente o bastante para sentarmos ao ar livre, embora seja necessário vestir uma jaqueta ou um casaco leve. Hoje faz o tipo de dia para se conhecer a cidade velha.

— Sabe — eu disse —, talvez um pouco de ar fresco seja justamente do que estou precisando.

— É o que eu recomendaria. Seria uma pena que em sua passagem pela cidade não fizesse sequer uma curta caminhada pela cidade velha.

— Pois acho que o farei agora. Vou sair agora mesmo.

— Se tiver tempo de ir ao Hungarian Café, na velha praça, estou certo de que não se arrependerá. Sugiro que peça um café e

uma fatia de torta de maçã. Incidentalmente, me ocorreu se... — O carregador fez uma pausa. Depois, prosseguiu: — Só estava pensando se poderia lhe pedir um pequeno favor. Normalmente não costumo pedir favores aos hóspedes, mas, no seu caso, sinto que acabaremos por nos conhecer muito bem.

— Ficarei feliz em fazer alguma coisa pelo senhor se estiver dentro de minhas possibilidades — eu disse.

Por alguns instantes, o carregador permaneceu ali, em silêncio.

— É só uma coisinha — disse finalmente. — Sei que minha filha está agora, com Boris, no Hungarian Café. É uma jovem muito agradável, sei que simpatizará com ela. Quase todo mundo simpatiza. Ela não é o que chamam de bonita, mas tem uma aparência atraente. É uma pessoa de bom coração. Mas acho que tem uma pequena fraqueza. Talvez, consequência da maneira como foi criada, quem pode saber? Mas sempre a teve. Isto é, tende a deixar que as coisas a esmaguem, mesmo quando tem capacidade de pô-las em seu devido lugar. Quando surge um pequeno problema, em vez de tomar as medidas necessárias mais simples, fica remoendo a questão. Desse modo, como sabe, um probleminha se torna um grande problema. Não demora e as coisas parecem mais sérias e ela começa a entrar em desespero. Tudo tão desnecessário. Não sei exatamente o que agora a está atormentando, mas tenho certeza de que não é nada insuperável. Já vi isso tantas vezes antes. Mas é que agora Boris começou a perceber.

Com efeito, se Sophie não controlar as coisas logo, receio que o menino fique seriamente preocupado. E ele está um encanto, tão cheio de franqueza e confiança. Sei que é impossível ele continuar assim a vida inteira, talvez isso não seja nem mesmo desejável. Mas, com a idade que está agora, acho que poderia ter mais alguns anos acreditando que o mundo é um lugar de alegria e felicidade. — Ficou novamente em silêncio e, por alguns instantes, pensativo. Então, erguendo os olhos, prosseguiu. — Se pelo menos Sophie pudesse enxergar o que está se passando, sei que controlaria as coisas. No fundo, ela é muito conscienciosa, muito zelosa de fazer o melhor para as pessoas de quem mais gosta. Mas o problema é que, quando fica nesse estado, precisa de uma ajudinha para recuperar o senso de perspectiva. Uma boa conversa é tudo de que precisa. Basta alguém sentar-se com ela por alguns minutos e fazê-la ver as coisas com clareza. Isso esclarecerá quais são os verdadeiros problemas, que medidas deve tomar para superá-los. Só precisa disso, de uma boa conversa, algo que lhe restitua a perspectiva. Fará o resto sozinha. É muito sensível quando quer. A questão é a seguinte: se por acaso o senhor for à cidade velha agora, se incomodaria de trocar algumas palavras com Sophie? Claro que sei que talvez seja um incômodo para o senhor. Mas como está indo para aquele lado, achei que podia fazer esse pedido. Não precisa conversar por muito tempo. Apenas algumas palavras, só para descobrir o que a está atormentando e lhe devolver o senso de proporção.

O carregador calou-se e olhou para mim de modo comovente. Após um instante, eu disse com um suspiro:

— Gostaria de ajudar, gostaria muito. Mas, ao escutar o que dizia, me pareceu provável que quaisquer que sejam as preocupações de Sophie, devem estar relacionadas a questões familiares. E, como sabe, tais problemas costumam ser extremamente intrincados. Um estranho, como é o meu caso, pode no final de uma conversa franca chegar a uma conclusão que simplesmente se relaciona a outro problema. E assim sucessivamente. Honestamente, na minha opinião, acho que, para lidar com a rede intrincada das questões familiares, o senhor seria o mais indicado. Afinal de contas, como pai de Sophie e avô do menino, possui a autoridade natural que simplesmente me falta.

O carregador pareceu sentir imediatamente o peso dessas palavras e quase me arrependi de tê-las proferido. Era óbvio que eu atingira um ponto sensível. Virou-se ligeiramente e por um longo momento ficou a contemplar de modo vago o átrio, na direção da fonte. Finalmente, disse:

— Entendo o que acaba de me dizer. Por direito, sei que deveria ser eu a falar com ela, sei disso. Bem, vou ser franco. Não sei como dizer, mas tentarei ser franco com o senhor. A verdade é que Sophie e eu não falamos um com o outro há muitos anos. Realmente não, desde que era pequena. Portanto pode entender como é de certa forma difícil para mim cumprir essa tarefa.

O carregador olhou para baixo, para os pés, e parecia estar esperando o que eu iria dizer, como em um julgamento.

— Desculpe — eu disse depois de um tempo —, mas não compreendi direito. Está dizendo que não viu sua filha durante todo

esse tempo?

— Não, não. Como sabe, eu a vejo regularmente, sempre que vou buscar Boris. O que quis dizer é que não nos falamos. Talvez fique mais claro se eu der um exemplo. Às vezes em que eu e Boris a esperamos depois de nosso passeio pela cidade velha, por exemplo, quando estamos sentados no café do Senhor Krankl. Boris pode estar animado, falando alto, rindo de tudo, mas, assim que vê a mãe atravessar a porta, fica em silêncio. Não se mostra chateado. Apenas se reprime. Respeita o ritual, entende? Então, ela vem até a mesa e se dirige a ele. Tivemos um bom dia? Aonde fomos? Não estava muito frio para o avô? Oh, sim, ela sempre pergunta por mim. Preocupa-se com que eu fique doente andando pelo bairro dessa maneira. Mas, como disse, não falamos diretamente um com o outro. "Despeça-se de seu avô", diz para Boris, como maneira de também se despedir, e vão embora. É assim que as coisas se dão entre nós há muitos anos e parece que não se alterarão a esta altura da vida. Portanto, em uma situação como essa, me sinto um tanto perdido. Sei que é de uma boa conversa que precisa. E alguém como o senhor, na minha opinião, seria o ideal. Apenas algumas palavras, sir, só para ajudá-la a identificar o verdadeiro problema. Se puder fazer isso, ela fará o resto, pode ter certeza.

— Pois está bem — disse, após refletir. — Muito bem, verei o que posso fazer. Mas insisto no que disse antes. Essas coisas são muito complicadas para um estranho. Mas verei o que posso fazer.

— Ficarei em dívida com o senhor. Ela está, neste momento, no Hungarian Café. Não terá dificuldades em reconhecê-la. Ela tem o cabelo preto comprido e traços parecidos com os meus.

Se tiver dúvida, pode perguntar ao proprietário ou a um dos empregados.

— Está bem. Irei agora mesmo.

— Ficarei tão em dívida com o senhor. Se por algum motivo for impossível falar com ela, sei que será agradável caminhar pela área.

Desci do banco.

— Pois bem — disse eu —, logo saberá como me saí.

— Muito obrigado, sir.

3

O trajeto do hotel à cidade velha — caminhada de uns quinze minutos — era nitidamente pouco promissor. Na maior parte do caminho, edifícios comerciais envidraçados agigantavam-se ao longo das ruas barulhentas, em razão do trânsito do final da tarde. Mas ao alcançar o rio e começar a atravessar a ponte arqueada que conduzia à cidade velha, senti que estava prestes a penetrar em uma atmosfera completamente diferente. Na margem oposta, eram visíveis os toldos e pára-sóis coloridos dos cafés. Percebi o movimento dos garçons e as crianças correndo em círculos. Um

cachorro pequenino latia excitado para o lado do cais, talvez por ter me visto aproximar.

Após alguns minutos, já me encontrava na cidade velha. As estreitas ruas de pedras estavam repletas de gente caminhando com um passo tranqüilo. Por alguns minutos, fiquei a vagar por ali, sem rumo, passando por várias lojas de souvenirs, confeitarias e padarias. Também passei por muitos cafés e, em certo momento, me ocorreu que talvez tivesse dificuldade em localizar aquele a que o carregador tinha se referido. Foi quando deparei com uma grande praça no coração do bairro, e o Hungarian Café logo em frente. As mesas espalhadas, que ocupavam o canto mais distante da praça, emanavam, como pude ver, de uma pequena passagem sob um toldo listrado.

Parei um pouco para recuperar o fôlego e assimilar o local. Na praça, o sol começava a se pôr. Soprava, como Gustav havia alertado, uma brisa fria que volta e meia fazia com que os pára-sóis ao redor do café adejassem.

Ainda assim a maioria das mesas estava ocupada. Muitos dos clientes pareciam ser turistas, mas também havia um grande número de habitantes locais que haviam saído cedo do trabalho e relaxavam com um café e um jornal. Atravessando a praça, passei por muitos grupos de funcionários de escritórios, com suas pastas e conversando animadamente.

Ao alcançar as mesas, fiquei alguns instantes errando em torno delas, procurando alguém que parecesse ser a filha do carregador. Dois estudantes discutiam sobre um filme. Um turista lia

Newsweek. Uma mulher idosa atirava pedacinhos de pão aos pombos em volta de seus pés. Mas não vi qualquer jovem com cabelo preto comprido e um menino. Entrei no café e descobri um pequeno compartimento escuro, com apenas cinco ou seis mesas. Percebi como o problema de superlotação, mencionado pelo carregador, deveria se tornar real durante os meses mais frios. Mas, naquele momento, o único cliente era um homem idoso com uma boina, sentado nos fundos. Decidido a deixar o assunto para lá, retornei ao lado de fora e procurava um garçom para pedir um café, quando ouvi uma voz chamar meu nome.

Ao me virar, vi uma mulher sentada com um menino a uma mesa próxima, acenando para mim. O par combinava perfeitamente com a descrição feita pelo carregador e não consegui entender como não os havia notado antes. Além disso, fiquei um pouco surpreso com o fato de estarem me esperando e precisei de um certo tempo até acenar de volta e ir até eles.

Apesar de o carregador ter-se referido a ela como uma "mulher jovem", Sophie começava a meia idade, em torno dos quarenta anos.

Com tudo isso, era, de certa forma, mais atraente do que eu esperava. Era alta, esguia e o cabelo preto lhe dava um certo ar cigano. O menino a seu lado era um pouco gorducho, e, naquele instante, lançava à mãe um olhar irritado.

— Então? — Sophie olhava para mim e sorria. — Não vai se sentar?

— Sim, sim — eu disse, me dando conta de que ficara ali, de pé, hesitante. — Isto é, se não se importam. — Sorri meio forçado para o menino, mas ele me lançou de volta um olhar de reprovação.

— Claro que não nos importamos. Não é, Boris? Boris, diga olá ao Senhor Ryder.

— Olá, Boris — disse eu, sentando.

O menino continuou a me olhar com desaprovação. Depois, disse à mãe:

— Por que lhe disse que podia se sentar? Eu estava falando com você.

— Este é o Senhor Ryder, Boris — Sophie disse. — É um amigo especial. Claro que pode se sentar conosco, se quiser.

— Mas eu estava explicando para você como o Voyager voa. Sabia que não estava ouvindo. Devia aprender a prestar atenção.

— Desculpe, Boris — disse Sophie, trocando um breve sorriso comigo. — Eu estava me esforçando ao máximo, mas toda essa coisa científica está além da minha capacidade. Agora, por que não diz olá ao Senhor Ryder?

Boris me olhou por um instante, depois disse mal-humorado:

— Olá. — Dito isso, desviou o olhar.

— Por favor, não quero ser motivo de atrito — disse eu. — Por favor, Boris, continue a explicação. Na verdade, também estou interessado em ouvir sobre esse avião.

— Não é um avião — disse Boris, chateado. — É um veículo para atravessar os sistemas estelares. Mas não entenderia mais que a mamãe.

— Mesmo? Como sabe que eu não entenderia? Talvez eu tenha uma mente científica. Não devia julgar as pessoas tão rapidamente, Boris.

Ele deu um suspiro profundo e manteve os olhos afastados de mim.

— Você faria como a mamãe. Falta concentração.

— Deixa disso, Boris — disse Sophie —, devia ser um pouco mais amável. O Senhor Ryder é um amigo muito especial.

— Não apenas isso — disse eu. — Sou amigo de seu avô. — Pela primeira vez, Boris me olhou interessado. — Oh, sim, nos tornamos grandes amigos, seu avô e eu. Estou hospedado em seu hotel.

Boris continuou me observando atentamente.

— Boris — disse Sophie —, por que não diz alô gentilmente ao Senhor Ryder? Até agora não lhe mostrou boas maneiras. Não vai querer que ele fique com a impressão de que você é um rapazinho mal-educado, vai?

Boris continuou me examinando por algum tempo. Então, subitamente, deixou a cabeça cair sobre a mesa, cobrindo-a com os braços. Ao mesmo tempo, começou a balançar os pés por baixo da mesa, pois ouvi seus sapatos batendo contra o metal da perna da mesa.

— Desculpe — disse Sophie. — Ele hoje não está muito bem-humorado.

— Para ser franco — disse calmamente —, queria falar com você sobre uma coisa. Mas... — Fiz um sinal com os olhos na direção de Boris. Sophie olhou para mim, depois virou-se para o menino e disse:

— Boris, preciso falar um instante com o Senhor Ryder. Por que não vai ver os cisnes? É só um minuto.

Boris manteve a cabeça entre os braços, como se dormisse, embora os pés continuassem a bater ritmicamente. Sophie sacudiu seus ombros com delicadeza.

— Vamos — disse ela. — Também tem um cisne negro. Vá e fique perto da cerca, onde estão aquelas freiras. Com certeza, dali poderá vê-lo. Daqui a pouco você volta e nos conta o que viu.

Boris ficou mais alguns segundos sem responder. Então, ergueu a cabeça, soltou outro suspiro de enfado e se levantou da cadeira. Por alguma razão, que só ele conhecia, afetou as maneiras de alguém bêbado e se afastou cambaleando.

Quando o menino estava a uma distância suficiente, virei-me para Sophie. Então, fui tomado por uma insegurança em relação a como deveria começar e permaneci hesitante por um momento. Seja como for, Sophie sorriu e falou primeiro:

— Tenho boas notícias. O Senhor Mayer ligou mais cedo para falar sobre a casa. Só ficou disponível para venda hoje. Parece promissor. Pensei nisso o dia todo. Alguma coisa me diz que vai ser essa, que é essa que procurávamos por todo esse tempo. Disse-lhe que a primeira coisa que faria amanhã de manhã seria ir vê-la. Parece perfeita. Cerca de meia hora a pé até a cidade, fica sobre a colina, três andares. O Senhor Mayer disse que há anos não deparava com uma vista tão bela da floresta. Sei que está muito ocupado, mas, se for tão boa quanto parece, ligo para você e quem sabe poderá ir vê-la. Boris também. Deve ser exatamente o que estamos querendo. Sei que levou muito tempo, mas finalmente acho que a encontrei.

— Ah, sim. Ótimo.

— Pegarei o primeiro ônibus para lá, de manhã. Temos de agir rápido. Não ficará à venda por muito tempo.

Ela se pôs a me dar mais detalhes sobre a casa. Fiquei parcialmente em silêncio, por causa da minha dúvida de como responder. Pois a verdade é que, enquanto estávamos ali sentados, a fisionomia de Sophie me parecia cada vez mais familiar, e cheguei a ter a impressão de me lembrar vagamente de algumas discussões passadas a respeito da compra dessa casa na floresta.

Nesse íterim, minha expressão talvez tenha se tornado mais absorta, pois ela acabou se interrompendo e dizendo em um tom de voz diferente, mais cauteloso:

— Desculpe o último telefonema. Espero que não continue aborrecido.

— Aborrecido? Oh, não.

— Fiquei pensando sobre isso. Não devia ter dito nada daquilo. Espero que não tenha tomado muito a sério. Afinal, como você estaria em casa agora? Que casa? E com a cozinha daquela maneira! E passei tanto tempo procurando alguma coisa para nós. Mas, agora, estou muito esperançosa com a casa de amanhã.

Recomeçou a falar sobre a casa. Enquanto falava, tentei me lembrar de alguma coisa, o que quer que fosse relacionado à conversa ao telefone a que ela acabara de se referir. Um pouco depois, me veio à mente a sensação vaga de já ter escutado essa voz — ou melhor, uma versão mais áspera e irada dela — ao telefone em um passado recente. Por fim, achei que conseguia lembrar de uma certa frase que gritara para ela: "Você vive em um mundo tão pequeno!" Ela continuou a discutir e eu a repetir insolentemente: "Um mundo tão pequeno! Vive em um mundo tão pequeno!" Entretanto, para minha frustração, não consegui me lembrar de mais nada.

Possivelmente, nesse meu esforço para despertar a memória, devo tê-la ficado encarando, pois perguntou de modo acanhado:

— Acha que engordei?

— Não, não. — Dei uma risada. — Você está ótima!

Ocorreu-me que ainda não mencionara nada sobre o assunto relacionado a seu pai e, de novo, tentei pensar em uma maneira conveniente de abordar o tópico. Mas, precisamente nesse instante, alguma coisa sacudiu minha cadeira por trás, e vi que Boris tinha voltado.

De fato, o menino corria em círculos perto de nossa mesa, chutando uma caixa de papelão como se fosse uma bola de futebol. Ao notar que eu olhava para ele, fez malabarismos com a caixa, jogando de um pé para o outro, e, então, chutou-a com força entre as pernas de minha cadeira.

— Número Nove! — gritou, com os braços para o alto. — Um gol fantástico do Número Nove!

— Boris — eu disse —, não seria melhor pôr esta caixa na cesta de lixo?

— Quando vamos embora? — perguntou, virando-se para mim.

— Vamos chegar tarde. Já está escurecendo.

Olhando para além dele, vi que realmente o sol se punha na praça e que grande parte das mesas estava vazia.

— Desculpe, Boris. O que está querendo fazer?

— Depressa! — O menino deu um puxão em meu braço. - Assim, não vamos chegar nunca!

— Aonde Boris quer ir? — perguntei à mãe dele.

— Ao parque de balanços, é claro. — Sophie deu um suspiro e se levantou. — Quer mostrar o que já sabe fazer.

Parecia que eu não tinha outra escolha a não ser me levantar, e, no momento seguinte, nós três atravessávamos a praça.

— Então — disse a Boris, que ia ao meu lado —, vai me mostrar algumas coisas.

— Quando fomos lá mais cedo — disse ele, pegando meu braço —, havia um menino maior que eu que nem conseguia fazer um torpedo! Mamãe acha que ele era pelo menos dois anos mais velho. Eu mostrei como devia fazer cinco vezes, mas ele estava com muito medo. Só ficava indo até em cima, e depois não conseguia fazer!

— Mesmo? É claro que você não tem medo de fazer essa coisa. Esse torpedo.

— Claro que não tenho medo! É fácil! É muito fácil!

— Isso é ótimo.

— Ele estava apavorado! Foi muito engraçado!

Deixamos a praça e começamos a andar pelas ruazinhas de pedra. Boris parecia conhecer bem o caminho, muitas vezes

correndo, impaciente. A certa altura, pôs-se de novo a meu lado e perguntou:

— Conhece meu avô?

— Sim, eu já disse. Somos bons amigos.

— Vovô é muito forte. É um dos homens mais fortes da cidade.

— É mesmo?

— É um grande lutador. Já foi soldado. Está velho, mas ainda luta melhor que a maior parte das pessoas. Esses brigões de rua às vezes não percebem isso, e, depois, têm uma baita surpresa.

— Boris fez um gesto de luta enquanto andava. — Antes que se dêem conta, meu avô já derrubou todos eles.

— Verdade? Isso é muito interessante, Boris.

Nesse exato momento, enquanto caminhávamos pelas vielas de pedra, me veio à lembrança um pouco mais da discussão que tivera com Sophie. Devia ter ocorrido mais ou menos há uma semana. Eu estava em um quarto de hotel em algum lugar, ouvindo sua voz do outro lado da linha gritar:

— Durante mais quanto tempo esperam que você continue assim? Já não somos jovens! Já fez sua parte! Deixe que agora outro faça isso!

— Ouça — disse para ela, com a voz calma —, a questão é que as pessoas precisam de mim. Chego em um lugar e quase

sempre descubro problemas terríveis. Problemas arraigados, aparentemente sem solução, e as pessoas se mostram muito agradecidas por eu ter ido.

— Mas por quanto tempo poderá continuar a fazer isso pelas pessoas? E para nós, refiro-me a mim, a você e a Boris, o tempo está passando. Antes que se dê conta, Boris será um adulto. Ninguém pode esperar que você continue assim. Por que essa gente não pode resolver seus próprios problemas? Ia lhes fazer muito bem!

— Você não faz idéia! — eu disse, agora com raiva. — Não sabe o que está dizendo! Em alguns dos lugares que visito, as pessoas não sabem nada. Não conhecem o mais elementar sobre a música moderna e, se são deixados sozinhos, é óbvio que os problemas se tornam cada vez mais profundos. Sou necessário, por que não consegue entender? Precisam de mim! Não sabe o que está dizendo! — Foi então que gritei para ela: — Um mundo tão pequeno! Você vive em um mundo tão pequeno!

Havíamos chegado a um pequeno playground circundado por grades. Estava vazio e achei a atmosfera melancólica. Porém Boris nos conduziu entusiasmado pelo portão.

— Veja, é fácil! — disse ele e correu em direção ao trepa-trepa. Sophie e eu permanecemos, por algum tempo, sob a luz opaca, observando a figura dele subir cada vez mais alto. Então, ela disse calmamente:

— Sabe, é engraçado. Enquanto escutava o que o Senhor Mayer dizia, a maneira como descrevia a sala da casa, uma imagem

não saiu da minha cabeça: a do apartamento em que morei quando era pequena. Durante o tempo todo em que falou, eu formava essa imagem. Nossa velha sala de visitas. E meu pai e minha mãe, como eram então. Provavelmente não será nada parecido. Não estou esperando que seja. Irei até lá amanhã e verei que é completamente diferente. Mas isso me deixou esperançosa. Uma espécie de presságio, entende? Deu uma risadinha e tocou em meu ombro. — Está tão soturno.

— Estou? Desculpe. Foi a viagem. Acho que estou muito cansado. Boris tinha chegado ao topo do trepa-trepa, mas a luz havia caído tanto que mal se distinguia sua silhueta contra o céu. Gritou para nós, depois, segurando na barra superior, deu como que um salto mortal, girando seu corpo em volta dela.

— Ele tem tanto orgulho de saber fazer isso — disse Sophie. Depois, chamou-o. — Boris, está muito escuro. Desça.

— É fácil. É mais fácil no escuro.

— Agora desça.

— Foi a viagem — disse eu. — Um hotel atrás do outro, sem ver ninguém, você sabe. Foi muito cansativo. Mesmo agora, nesta cidade, a tensão é muito grande. As pessoas daqui. Obviamente, estão esperando muito de mim. Quer dizer, está óbvio...

— Ouça — Sophie interrompeu gentilmente, colocando a mão sobre meu braço —, por que não esquece tudo isso agora? Teremos muito tempo para conversar mais tarde. Estamos todos

cansados. Venha conosco ao apartamento. Fica a apenas alguns minutos, logo depois da capela medieval. Estamos precisando de um bom jantar e descansar um pouco.

Ela falou com a voz macia, a boca perto de meu ouvido, de modo que pude sentir seu hálito. O cansaço de antes se apossou de mim outra vez, e a idéia de relaxar no aconchego de seu apartamento ficar à toa com Boris no tapete, enquanto Sophie preparava a comida — subitamente pareceu tentadora. A tal ponto que por um breve momento fechei os olhos e fiquei ali sorrindo, como em sonhos. Seja como for, fui despertado de meu devaneio pela volta de Boris.

— É fácil fazer isso no escuro — disse ele.

Percebi, então, que ele parecia com frio e tremia. Toda a energia anterior havia se esvaído e me ocorreu que sua atuação de há pouco lhe exigira muito esforço.

— Agora, vamos todos para o apartamento — eu disse. — Lá, tem uma coisa bem gostosa para comer.

— Vamos — disse Sophie, saindo. — Está ficando tarde. Uma garoa fininha começou a cair e, agora que o sol tinha se posto, o ar estava mais frio. Boris me deu a mão e acompanhamos Sophie para fora do parque, para uma ruela deserta.

4

Era evidente que havíamos deixado a cidade velha para trás. Os muros de tijolos encardidos, que se elevavam nos dois lados da rua, não tinham janelas e pareciam ser os fundos de armazéns. Ao caminharmos, Sophie manteve uma marcha determinada e, não demorou muito, pude ver que Boris sentia dificuldade em acompanhá-la. Mas quando lhe perguntei se estávamos andando rápido demais, olhou-me com a cara furiosa.

— Posso andar muito mais rápido! — gritou e apressou o passo, puxando minha mão.

Mas diminuiu a marcha quase em seguida, com uma expressão magoada. Pouco depois, embora eu andasse devagar, senti que ele respirava com dificuldade. Começou, então, a murmurar algo para si mesmo. De início, não dei muita atenção, supondo que se tratasse simplesmente de uma maneira de se manter animado. Mas então o ouvi sussurrar:

— Número Nove... É o Número Nove...

Olhei com curiosidade. Ele parecia úmido e frio, e achei que seria melhor mantê-lo conversando.

— Esse Número Nove — disse eu —, é um jogador de futebol?

— O melhor do mundo.

— Número Nove. Sim, claro.

Muito à nossa frente, a figura de Sophie desapareceu ao dobrar uma esquina e Boris apertou minha mão. Até esse momento, não tinha percebido como sua mãe estava tão adiante, e apesar de acelerarmos a marcha, parecia que precisaríamos de um tempo excessivo para alcançar a esquina. Quando finalmente a dobramos, fiquei contrariado ao ver que Sophie havia se distanciado ainda mais.

Passamos por mais muros sujos, de tijolos, alguns com grandes manchas de umidade. O calçamento era irregular e, à nossa frente, vi poças cintilando sob a iluminação dos postes.

— Não se preocupe — disse a Boris. — Estamos quase chegando. Boris continuava a murmurar para si mesmo, repetindo no ritmo de sua respiração ofegante, "Número Nove... Número Nove..."

No começo, as alusões de Boris ao "Número Nove" não me diziam nada. Agora, ao ouvi-lo, lembrei-me de que o "Número Nove" não era um jogador de futebol real, mas um de seus jogadores em miniatura, de seu jogo de futebol. Os jogadores, modelados em alabastro, cada qual com um contrapeso na base, podiam ser movidos com o dedo para driblar, passar e lançar uma pequenina bola de plástico. O jogo fora projetado para duas pessoas, cada uma controlando um time, mas Boris sempre jogava sozinho, passando horas deitado de bruços, planejando partidas repletas de derrotas dramáticas e revides excitantes.

Possuía seis times completos, assim como gols em miniatura, com rede de verdade, e um pano verde de feltro que servia de campo. Boris ignorava a suposição dos fabricantes de que seria divertido fingir que os times eram de verdade, como o Ajax de Amsterdã ou o AC de Milão, e lhes deu outros nomes.

Entretanto, aos jogadores — embora conhecesse intimamente a força e a fraqueza de cada um — nunca dera nomes, preferindo chamá-los simplesmente pelo número da camisa.

Talvez porque não soubesse o significado dos números das camisas no futebol — ou quem sabe fosse mais uma peculiaridade de sua imaginação —, o número do jogador não tinha qualquer relação com a posição em que Boris o colocava na formação do time. Por conseguinte, o Número Dez de um time podia ser o lendário zagueiro central, e o Número Dois, o promissor ponteiro. O "Número Nove" pertencia a seu time favorito e era, de longe, o jogador mais talentoso. Entretanto, em razão de sua imensa habilidade, era de caráter instável. Ocupava uma posição no meio do campo, mas, muitas vezes, pela grande tensão do jogo, retirava-se amuado para alguma parte obscura, aparentemente esquecido de que seu time estava perdendo de goleada. Às vezes, continuava nessa letargia por mais de uma hora, de modo que o time adversário marcava quatro, cinco, seis gols, e o comentarista — pois havia um comentarista — diria aturdido: "O Número Nove até agora não mostrou seu jogo. Não sei o que está acontecendo."

Então, restando uns vinte minutos para o final da partida, o Número Nove finalmente daria mostra de sua verdadeira capacidade, retornando à sua posição e chutando na direção do gol,

com muita habilidade. "Agora sim!", o comentarista exclamaria. "Finalmente o Número Nove mostra o que pode fazer!" A partir desse momento, sua atuação se firmaria e não demoraria para que começasse a marcar um gol atrás do outro e o time adversário se concentrasse totalmente em evitar a qualquer custo que o Número Nove recebesse a bola. Porém, mais cedo ou mais tarde, ele a conseguiria e, então, independente de quantos adversários se colocassem entre ele e a baliza, encontraria uma maneira de marcar mais um. Dentro em pouco, a inevitabilidade do resultado, uma vez que tivesse recebido a bola, era tal que o comentarista diria "É gol", com uma admiração resignada, não quando a bola realmente balançasse as redes, mas no momento em que o Número Nove a dominasse — mesmo que isso acontecesse em sua parte do campo. Os espectadores também — havia os espectadores se punham a gritar triunfalmente assim que o viam tocar na bola.

O clamor continuaria intenso e uniforme, enquanto o Número Nove passaria, graciosamente, por seus adversários, deslocaria o goleiro, e se viraria para receber os cumprimentos de seus companheiros.

Enquanto recordava tudo isso, me veio a vaga lembrança de um certo problema recente em relação ao Número Nove, e interrompi o sussurro de Boris para perguntar:

— Como está o Número Nove atualmente? Em boa forma?

Boris deu alguns passos em silêncio, depois disse:

— Deixamos a caixa.

— Caixa?

— O Número Nove se soltou da base. Aconteceu o mesmo com outros, é fácil consertar. Coloquei o Número Nove em uma caixa separada e ia consertá-lo quando a minha mãe comprasse o tipo de cola necessário. Coloquei-o na caixa, uma caixa especial, para que não me esquecesse de onde estava. Mas o esquecemos.

— Entendo. Vocês o deixaram onde moravam.

— Minha mãe se esqueceu de pôr na bagagem. Mas disse que voltará logo ao velho apartamento para pegá-lo. Posso consertá-lo, já compramos a cola. Juntei um pouco de dinheiro.

— Entendo.

— Minha mãe disse que não tem problema, que vai cuidar de tudo, para que os novos moradores não o joguem fora por engano. Ela disse que voltaremos logo.

Tive a nítida impressão de que Boris estava sugerindo alguma coisa e, quando se calou, eu disse:

— Boris, se quiser, posso levá-lo até lá. Sim, podemos voltar os dois juntos. Voltar ao antigo apartamento e buscar o Número Nove. Podemos fazer isso em breve. Talvez até mesmo amanhã, se eu conseguir um tempo livre. Como disse, já tem a cola certa. Ele logo voltará à sua melhor forma. Por isso não se preocupe. Logo cuidaremos disso.

A figura de Sophie desapareceu novamente, dessa vez tão abruptamente que achei que entrara em algum lugar. Boris puxou minha mão e nos apressamos na direção em que desaparecera.

Logo descobrimos que Sophie, com efeito, havia tomado uma viela secundária em declive, cuja entrada não passava de uma fenda no muro. A descida era escarpada e tão estreita que parecia impossível percorrê-la sem esfolar o cotovelo em uma das ásperas paredes laterais. A escuridão era abrandada por apenas dois postes de luz, um na metade da ladeira e outro no final.

Boris agarrou minha mão e começamos a descer. Sua respiração recomeçou a ficar ofegante. Depois de algum tempo, vi que Sophie já havia chegado ao fim do beco e, finalmente, pareceu tomar consciência de nosso esforço. Parou sob o poste e ficou nos olhando com uma expressão vagamente preocupada. Quando, por fim, nos juntamos a ela, eu disse com raiva:

— Ouça, não viu que tínhamos dificuldade em acompanhá-la? Está sendo um dia cansativo para mim e para Boris.

Sophie sorriu distraída. Então, colocando o braço em volta dos ombros de Boris, puxou-o para perto de si.

— Não se preocupe — ela disse para ele com ternura. — Sei que aqui não é nada agradável e que faz frio e chove. Mas não importa, logo chegaremos ao apartamento. Lá é bem aquecido, vai ver. Aquecido o bastante para que fiquemos só de camiseta, se quisermos. E há aquelas grandes poltronas novas, onde pode se enroscar. Um menino pequeno como você pode até se perder nelas. E vai poder ver seus livros e assistir a um dos vídeos. Ou, se preferir, podemos pegar alguns jogos no armário. Posso tirar todos do armário e você e o Senhor Ryder jogarão o que quiserem. Pode colocar as almofadas vermelhas no tapete e arrumar o jogo no chão.

Enquanto isso, eu preparo o jantar e ponho a mesa no canto. Aliás, em vez de um prato grande, acho que prepararei uma série de pequenas coisas. Almôndegas, pasteizinhos de queijo, alguns bolinhos. Não se preocupe, não esquecerei nada do que gosta e colocarei tudo na mesa. Então, nos sentaremos e comeremos. Depois, nós três continuaremos o jogo. É claro que se não estiver mais a fim, não jogaremos. Talvez queira conversar com o Senhor Ryder sobre futebol. Só quando realmente estiver muito cansado irá para a cama. Sei que seu novo quarto é muito pequeno, mas é muito confortável, como você mesmo disse.

Com certeza dormirá profundamente esta noite. E então, esquecerá completamente essa caminhada fria e desagradável. Na verdade, esquecerá tudo isso no momento em que sentir o aquecimento tão gostoso. Por isso não desanime. Falta pouco para chegarmos.

Disse isso abraçada a Boris, mas, então, soltou-o repentinamente, virou-se e recomeçou a andar. A brusquidão de seu gesto me surpreendeu — pois até eu havia sido embalado por suas palavras e, por um momento, cheguei a fechar os olhos. Boris também pareceu confuso e quando peguei sua mão, ela já estava muitos passos à nossa frente.

Tinha decidido não deixá-la se afastar tanto novamente, mas naquele exato momento percebi passos às nossas costas e não consegui deixar de parar por um instante e olhar para trás. Assim que fiz isso, a pessoa ficou sob a luz do poste ao pé da ladeira, e vi que era alguém conhecido.

Seu nome era Geoffrey Saunders e estudara comigo na Inglaterra. Não o via desde o tempo de escola, de modo que fiquei impressionado com o quanto estava envelhecido.

Mesmo considerando os efeitos desfavoráveis da iluminação e da garoa fria, ele parecia extremamente desleixado. Vestia uma capa de chuva que parecia ter perdido a capacidade de fechar e que, agora, fechava com as mãos enquanto andava. Não estava certo de querer falar com ele, mas então, quando eu e Boris recomeçamos a andar, Geoffrey Saunders nos alcançou e caminhou ao nosso lado.

— Olá, amigo — disse ele. — Achei mesmo que era você. Que tempo horrível, de uma hora para outra!

— Sim, terrível — eu disse. — E mais cedo estava tão agradável. O beco desembocou em uma rua escura e deserta. Soprava uma brisa forte e a cidade parecia distante.

— Seu filho? — perguntou Geoffrey Saunders, balançando a cabeça na direção de Boris. Antes que eu pudesse responder, prosseguiu. — Bonito garoto. Bem bonito. Parece muito inteligente. Eu nunca me casei. Sempre achei que me casaria, mas o tempo passou e acho que agora nunca acontecerá. Para ser franco, acho que não é só isso. Mas não quero aborrecê-lo com a porcaria da sorte que tive ao longo dos anos. Também aconteceram coisas boas. Mas deixa pra lá. Bonito garoto.

Geoffrey Saunders se curvou e cumprimentou Boris. Boris, chateado ou preocupado demais, não respondeu.

A rua nos levava ladeira abaixo. Enquanto atravessávamos a escuridão, lembrei-me de como Geoffrey Saunders havia sido o garoto de ouro da escola, sempre se sobressaindo, não apenas academicamente como também no esporte. Era o exemplo usado para censurar o resto de nós por falta de empenho, e todos acreditavam que acabaria se tornando o capitão da escola. Não se tornou, lembrei-me, em razão de uma crise que o obrigou a deixar a escola, repentinamente, no quinto ano.

— Li nos jornais que você vinha — dizia ele. — Esperava ter notícias suas. Sabe, que me dissesse quando ia aparecer. Comprei alguns bolos na padaria, de modo que tivesse algo para oferecer com o chá. Afinal, meu canto pode ser meio sombrio, pelo fato de eu ser solteiro e esse tipo de coisa, mas ainda assim espero que pessoas venham me visitar às vezes e me sinto inteiramente capaz de recebê-las bem. De modo que, ao saber que estava chegando, saí imediatamente e comprei alguns bolos e chá. Isso foi anteontem. Ontem, achei que ainda eram apresentáveis, se bem que a glacê tivesse endurecido um pouco. Mas hoje, como ainda não tinha ligado, joguei-os fora. Orgulho, suponho. Quer dizer, você conquistou tanto sucesso, e não quero que se vá pensando que levo uma vida miserável em quartos alugados, com apenas bolos rançosos para oferecer às visitas. Por isso, fui à padaria e comprei bolos frescos. E arrumei um pouco o quarto. Mas você não ligou. Bem, não posso culpá-lo. — Inclinou-se para a frente de novo e olhou para Boris. — Você está bem?

Parece estar sem fôlego.

Boris, que realmente voltava a ofegar, não deu sinal de ter escutado.

— É melhor ir mais devagar, por causa desse preguiçosinho. disse Geoffrey Saunders. — É que não tive muita sorte no amor. Muita gente nesta cidade acha que sou homossexual. Só porque vivo sozinho em um quarto alugado. De início, eu me importava com isso, mas agora não. Tudo bem, acham que sou homossexual, e daí? Como é normal, minhas necessidades são satisfeitas por mulheres. Sabe, aquelas a quem se paga. São perfeitamente adequadas para mim e posso até mesmo afirmar que algumas são pessoas decentes. Ainda assim, depois de algum tempo, começamos a desprezá-las e elas a nós. É inevitável. Conheço a maioria das putas da cidade. Não estou dizendo que tenha dormido com todas. De jeito nenhum! Mas elas me conhecem e eu as conheço. Cumprimento muitas delas. Provavelmente, pensa que levo uma vida miserável. Não levo. É só uma questão de ponto de vista. Amigos me visitam ocasionalmente. Sou totalmente capaz de entretê-los com uma xícara de chá. Faço isso muito bem e é freqüente comentarem depois como gostaram de passar por lá.

Uma certa parte da ladeira era íngreme, mas naquele trecho se tornava mais nivelada e deparamos com o que parecia ser uma espécie de terreiro de fazenda abandonado.

Ao nosso redor, sob o luar, assomavam as silhuetas escuras dos celeiros e anexos. Sophie continuava à frente, mas estava agora a alguma distância, e quase sempre eu só vislumbrava sua figura quando desaparecia na quina de alguma construção em ruínas.

Felizmente, Geoffrey Saunders parecia conhecer muito bem o caminho, orientando-se no escuro quase que instintivamente. Enquanto andava bem atrás dele, ocorreu-me uma certa lembrança do tempo de escola na Inglaterra, de uma fria manhã de inverno com um céu encoberto e o solo congelado.

Devia ter quatorze ou quinze anos e estava com Geoffrey diante de um pub, em algum lugar em plena zona rural de Worcestershire.

Havíamos sido colocados juntos para observar uma corrida através do campo. Nossa tarefa consistia em simplesmente indicar aos corredores, quando emergiam da névoa, a direção correta para o próximo campo. Essa manhã tinha sido extraordinariamente aborrecida e depois de uns quinze minutos observando a bruma em silêncio, por mais que tenha tentado me controlar, caí em prantos. Na época, ainda não conhecia bem Geoffrey Saunders, embora, como todo mundo, sempre quisesse lhe causar boa impressão.

Desse modo, me senti humilhado e minha primeira impressão, depois que finalmente consegui controlar a emoção, foi a de que ele tinha me ignorado com um extremo desdém. Porém, Geoffrey Saunders começou a falar, de início sem olhar para mim, depois acabou se virando de frente. Não consigo me lembrar exatamente do que ele disse nessa manhã nebulosa, mas me lembro perfeitamente do impacto causado por suas palavras. Pois, mesmo em meu estado de autocomiseração, fui capaz de reconhecer a notável generosidade que demonstrou, e senti uma profunda gratidão. Também foi nesse instante que percebi, sentindo um

calafrio, haver um outro lado no garoto de ouro da escola — uma certa dimensão extremamente vulnerável que garantia que as expectativas em relação a ele nunca se realizariam. Mais uma vez, enquanto caminhávamos na escuridão, tentei lembrar o que exatamente havia dito naquela manhã, mas foi em vão.

Com o chão plano, Boris pareceu recuperar um pouco o fôlego e recomeçou a sussurrar para si mesmo. Agora, talvez encorajado pela sensação de que estávamos quase chegando ao nosso destino, reuniu forças para chutar uma pedra em seu caminho, exclamando em voz alta: "Número Nove!" A pedra voou pelo solo áspero e caiu em uma poça d'água em algum lugar na escuridão.

— Agora sim — lhe disse Geoffrey Saunders. — Essa é sua posição? O Número Nove?

Como Boris não respondeu, eu disse rapidamente:

— Oh, não, é apenas seu jogador preferido.

— Mesmo? Assisto muito a futebol. Na televisão. — Inclinou-se novamente para Boris. — Que número nove é esse?

— Oh, é apenas seu jogador preferido — repeti.

— No que se refere a centroavante — prosseguiu Geoffrey Saunders —, gosto daquele holandês que joga no Milan. Ele é muito bom.

Eu ia dizer alguma coisa para explicar sobre o Número Nove, mas, nesse momento, demos uma parada. Então, vi que

estávamos na orla de um vasto campo gramado. Não posso afirmar precisamente sua extensão, mas acho que se estendia para além do que a luz da lua iluminava. Enquanto estávamos ali, um vento agreste varreu a relva e penetrou na escuridão.

— Parece que nos perdemos — disse a Geoffrey Saunders.
— Sabe andar bem por aqui?

— Oh, sim. Moro perto. Infelizmente não posso convidá-lo hoje porque estou muito cansado e tenho de dormir. Mas estarei pronto para recebê-lo amanhã. Digamos a qualquer hora a partir das nove.

Olhei através do campo na escuridão.

— Para ser franco, temos um probleminha — eu disse. — Estávamos a caminho do apartamento da mulher que seguíamos. Agora, nos perdemos dela e não faço a menor idéia de qual é seu endereço. Ela falou alguma coisa como morar perto de uma capela medieval.

— A capela medieval? É no centro da cidade.

— Podemos chegar indo por lá? — perguntei apontando para o campo.

— Oh, não, não há nada por ali. Nada a não ser o vazio. A única pessoa que mora lá é o tal de Brodsky.

— Brodsky — disse eu. — Hum, eu o ouvi ensaiando hoje de manhã no hotel. Parece que todos nesta cidade conhecem esse Brodsky.

Geoffrey Saunders me lançou um olhar que me fez achar que dissera alguma tolice.

— Bem, ele mora aqui há muitos anos. Por que não o conheceríamos?

— Sim, sim, é claro.

— Mal dá para acreditar que esse louco consiga reger uma orquestra. Mas estou pronto para esperar e ver no que dá. As coisas não podem ficar muito piores. E se você começa a dizer que Brodsky é capaz, quem sou eu para discutir?

Não sabia como devia responder. Seja como for, Geoffrey Saunders virou-se de costas para o campo e disse:

— Não, não, a cidade é para lá. Posso orientá-lo, se quiser.

— Ficaríamos muito gratos — eu disse, quando uma rajada de vento frio soprou.

— Então, vamos. — Geoffrey Saunders refletiu por um instante. Depois disse: — Para ser franco, seria melhor pegarem um ônibus. A pé, levaria uma boa meia hora. Talvez a mulher o tenha convencido de que o apartamento ficava perto. Elas sempre fazem isso. É um de seus truques. Nunca deve acreditar nelas. Mas não é problema se pegarem um ônibus. Vou mostrar onde é o ponto.

— Ficaremos muito agradecidos — repeti. — Boris está ficando com frio. Espero que o ponto não seja distante.

— Oh, é muito perto. Siga-me, amigo.

Geoffrey Saunders virou-se e nos levou de volta ao terreiro abandonado. No entanto, tive a sensação de que não estávamos retrocedendo e, realmente, pouco depois nos vimos descendo uma rua estreita do que parecia ser um subúrbio modesto. Havia uma série de pequenas casas geminadas, em cada lado da rua. Aqui e ali, viam-se luzes nas janelas, mas a maioria dos moradores parecia tê-las apagado para dormir.

— Está tudo bem — eu disse calmamente a Boris, que senti estar perto da exaustão. — Estaremos no apartamento logo logo. Sua mãe já terá preparado tudo quando chegarmos.

Passamos por mais algumas casas. Então, Boris recomeçou a murmurar.

— Número Nove... Número Nove...

— Que número nove é esse? — perguntou Geoffrey Saunders, virando-se para ele. — Está falando do holandês, não é?

— O Número Nove é o maior jogador da história — disse Boris.

— Sim, mas a que número nove se refere? — Agora, a voz de Geoffrey Saunders demonstrou impaciência. — Como se chama? Qual é o time dele?

— Boris apenas gosta de chamá-lo de...

— Uma vez, ele marcou dezessete gols nos últimos dez minutos! — disse Boris.

— Isso é besteira. — Geoffrey Saunders parecia realmente aborrecido. — Achei que estava falando sério. Está dizendo bobagem.

— Marcou! — gritou Boris. — Foi um recorde mundial!

— Exatamente! — disse eu. — Um recorde mundial! — Depois, voltando a me controlar, dei uma risada. — Quer dizer, bem, acontecerá fatalmente, não? — Sorri compreensivamente para Geoffrey Saunders, mas ele me ignorou.

— Mas de quem estão falando? Falam do holandês? De qualquer jeito, garoto, tem de saber que marcar gols não é tudo. A defesa é tão importante quanto. Os jogadores realmente grandes são, em geral, da defesa.

— O Número Nove é o maior jogador da história! — repetiu Boris. — Quando está em forma, nenhum zagueiro consegue detê-lo!

— Está certo — eu disse. — O Número Nove é sem dúvida o melhor do mundo. No meio do campo, na frente, em qualquer posição. Ele faz tudo. Tudo mesmo.

— Está dizendo besteira, meu velho. Nenhum dos dois sabe do que está falando.

— Sabemos perfeitamente. — Estava começando a ficar realmente com raiva de Geoffrey Saunders. — Aliás, o que dizíamos é reconhecido universalmente. Quando o Número Nove está em

forma, em boa forma, o comentarista grita "gol!" no momento em que ele toca na bola, independente de onde estiver no gramado...

— Oh, meu Deus! — Geoffrey Saunders, desgostoso, recusou-se a entender. — Se enche a cabeça de seu filho com esse tipo de lixo, que Deus o ajude.

— Ouça... — Aproximei a boca de seu ouvido e cochichei com raiva: — Olha aqui, se não consegue entender...

— Mas é lixo, meu velho. Está enchendo a cabeça de seu filho de lixo...

— Mas ele é pequeno, é só um menino. Não entende que...

— Não é razão para encher a cabeça dele com lixo. Além disso, não parece tão pequeno. Na minha opinião, um menino de sua idade já devia estar contribuindo de alguma forma. Devia começar a cooperar um pouco. Podia aprender a colocar papel de parede ou, talvez, a ladrilhar. E não essas besteiras sobre jogadores fantásticos...

— Cale-se, idiota! Cale-se!

— Nesta idade, um menino já pode muito bem cooperar...

— O filho é meu e sou eu que digo quando ele...

— Papel de parede, ladrilhos, alguma coisa assim. Para mim, esse é o tipo de coisa...

— Ouça, o que sabe sobre isso? O que pode saber um solteirão solitário e miserável? O que sabe sobre isso?

Empurrei bruscamente seus ombros. Geoffrey Saunders ficou repentinamente cabisbaixo. Ele caminhou pesada e vagarosamente à nossa frente, com a cabeça ligeiramente baixa, e fechando a capa com as mãos.

— Está tudo bem — disse calmamente a Boris. — Logo chegaremos.

Boris não respondeu e vi que ele olhava para a figura de Geoffrey Saunders que cambaleava à nossa frente.

Enquanto andávamos, minha raiva do ex-colega começou a ceder. Além do mais, não esquecera de que dependíamos inteiramente dele para nos mostrar o ponto de ônibus.

Pouco depois, cheguei mais para perto, sem saber se falaria comigo. Para minha surpresa, ouvi Geoffrey Saunders murmurar para si mesmo, suavemente:

— Sim, sim, falaremos sobre tudo isso quando vier para um chá. Falaremos sobre tudo, passaremos uma ou duas horas nostálgicas conversando sobre o tempo da escola e nossos colegas. Arrumarei meu quarto, poderemos nos sentar nas poltronas em cada lado da lareira. Sim, parece-se muito com o tipo de quarto que se alugaria na Inglaterra. Ou, pelo menos, que se alugaria há alguns anos. Por isso o escolhi. Lembra minha casa. Seja como for, podemos nos sentar à lareira e conversar sobre a vida. Os mestres,

os meninos, trocar notícias sobre amigos comuns com quem ainda mantemos contato. Ah, aqui estamos.

Estávamos no que parecia ser uma pequena praça de aldeia. Havia algumas lojas — onde supostamente os moradores do bairro compravam comestíveis —, todas fechadas e com grades por causa da noite. No meio da praça havia um canteiro gramado não muito maior que um abrigo de pedestres. Geoffrey Saunders apontou para um poste de luz isolado, em frente às lojas.

— Você e seu filho devem esperar ali. Sei que não há qualquer tabuleta, mas não se preocupe. Todos sabem que é ponto de ônibus. Bem, receio ter de deixá-los.

Boris e eu olhamos para onde ele apontara. A chuva havia cessado, mas uma névoa pairava em torno da base do poste. Nada se movia ao nosso redor.

— Tem certeza de que o ônibus virá? — perguntei.

— Oh, sim. Naturalmente, a esta hora da noite deve demorar um pouco. Mas certamente acabará aparecendo. Tem de ser paciente, só isso. Talvez sintam um pouco de frio, ficando aqui, mas, acredite, o ônibus vale a espera. Surgirá das trevas, todo iluminado. E uma vez lá dentro, verá que é bem aquecido e confortável. E sempre vem com um grupo animado de passageiros. Riem e brincam, distribuem bebidas e salgadinhos. Receberão muito bem você e seu filho. Basta pedir ao motorista para parar na capela medieval. O percurso de ônibus é curto.

Geoffrey Saunders nos deu boa-noite, virou-se e partiu. Boris e eu o observamos desaparecer numa travessa entre duas casas, e então nos dirigimos ao ponto de ônibus.

5

Ficamos sob o poste de luz por vários minutos, cercados pelo silêncio. Por fim, coloquei o braço em torno de Boris e disse:

— Deve estar com frio.

Ele se aconchegou ao meu corpo, mas não disse nada, e, ao olhá-lo de relance, vi que encarava pensativamente a rua escurecida. Ao longe, um cachorro começou a latir, depois parou. Já estávamos ali há algum tempo, e eu disse:

— Boris, desculpe. Eu devia ter providenciado melhor as coisas. Sinto muito.

O menino permaneceu calado por um momento. Depois, disse:

— Não se preocupe, o ônibus vai passar logo.

Pude ver, do outro lado da praça, a névoa pairando defronte à pequena fileira de lojas.

— Não estou tão certo de que passe um ônibus, Boris — disse finalmente.

— Está tudo bem. Tem de ser paciente.

Continuamos a esperar por vários minutos. Então, eu disse novamente:

— Boris, não sei se virá algum ônibus.

O menino virou-se para mim e suspirou cansado.

— Pare de se preocupar — disse ele. — Não ouviu o que o homem disse? Só temos de esperar.

— Boris, às vezes, as coisas não acontecem como esperamos. Mesmo quando nos dizem que acontecerá.

Boris soltou outro suspiro.

— O homem disse, não disse? De qualquer maneira, minha mãe estará esperando por nós.

Pensava no que iria dizer em seguida quando o ruído de uma tosse fez com que nós dois nos sobressaltássemos. Ao me virar vi, logo além da luz emitida pelo poste, alguém se debruçando para fora de um carro.

— Boa noite, Senhor Ryder. Desculpe, mas eu estava passando e o vi. Está tudo bem?

Dei alguns passos na direção do carro e reconheci Stephan, o filho do gerente do hotel.

— Oh, sim — eu disse. — Está tudo bem, obrigado. Estávamos... bem, estávamos esperando o ônibus.

— Podia dar uma carona a vocês. Tenho de ir a um lugar, uma missão delicada que meu pai me confiou. Mas está um tanto frio aí fora. Por que não entram?

O rapaz saiu do carro, abriu as portas de passageiros, da frente e de trás. Agradei, ajudei Boris a se instalar no banco de trás e me sentei na frente. Em seguida, o carro deu a partida.

— Então, este é o seu filho — disse Stephan enquanto rodávamos por ruas desertas. — Que prazer conhecê-lo, embora pareça exausto. Bem, vamos deixá-lo descansar. Apertarei sua mão em outra oportunidade.

Ao olhar de relance para trás, vi que Boris estava quase adormecendo, a cabeça apoiada no braço acolchoado do banco.

— Bem, Senhor Ryder — prosseguiu Stephan —, presumo que esteja esperando retornar ao hotel.

— Na verdade, Boris e eu íamos a um apartamento no centro, perto da capela medieval.

— Capela medieval? Hum.

— Seria um problema para você?

— Não, não mesmo. Nenhum problema. — Stephan virou em uma esquina fechada e entramos em outra rua estreita e escura. — É só que, bem, como disse, estava indo a um lugar. Um encontro marcado. Bem, deixa eu ver...

— Seu compromisso é urgente?

— Bem, na verdade, Senhor Ryder, é sim. Tem a ver com o Senhor Brodsky, sabe? De fato, é crucial. Hum. Estava pensando se o senhor e Boris seriam generosos o bastante para esperar apenas alguns minutos enquanto eu resolvo isso. Depois poderei levá-los aonde quiserem.

— Naturalmente deve cumprir seu trabalho primeiro. Eu agradeceria se não se demorasse muito. Boris ainda não jantou.

— Serei o mais rápido que puder, Senhor Ryder. Gostaria de poder levá-los imediatamente, mas não poderia chegar atrasado. Como disse, é uma missãozinha difícil...

— É claro que deve tratar disso antes. Não há problema em esperarmos.

— Serei o mais rápido possível. Se bem que, para ser franco, não saiba como tomar atalhos nessa questão. Geralmente é meu pai que trata desse tipo de coisa, ou alguns dos outros cavalheiros. Mas é que, bem, a Senhorita Collins sempre demonstrou um certo afeto por mim... O rapaz calou-se, constrangido. Depois, disse: — Tentarei não me demorar.

Rodávamos agora por um bairro mais saudável — mais próximo, acho, do centro da cidade. A iluminação das ruas era muito melhor e notei linhas de ônibus elétricos, lado a lado conosco. Havia aqui e ali um bar ou restaurante fechado por causa da hora, mas a maior parte da área era ocupada por imponentes prédios de apartamentos.

As janelas estavam escuras e o carro parecia ser a única coisa, em quilômetros, a perturbar a quietude. Stephan Hoffman dirigiu em silêncio por alguns minutos. Então, subitamente, disse, como se estivesse pensando nisso já há algum tempo:

— É uma impertinência de minha parte, mas tem certeza de que não quer voltar ao hotel? É que, bem, quer dizer, com todos aqueles jornalistas esperando o senhor e toda aquela coisa.

— Jornalistas? — Olhei a noite lá fora. — Ah, sim. Jornalistas.

— Nossa, espero que não me ache atrevido. É que os vi por acaso quando estava saindo. Estavam sentados no saguão, com seus blocos e pastas no colo, parecendo muito excitados com a possibilidade de estar com o senhor. Como já disse, não é da minha conta e, naturalmente, o senhor já pensou em tudo isso, claro que sim.

— Sim, é verdade — disse eu calmamente, continuando a olhar pela janela.

Stephan ficou em silêncio, sem dúvida calculando que não deveria insistir no assunto. Mas eu fiquei pensando nos jornalistas e, após um instante, achei que talvez pudesse me lembrar desse compromisso. Certamente, a imagem que o rapaz tinha evocado das pessoas sentadas com os blocos e pastas me lembrou de alguma coisa. No entanto, acabei não conseguindo me recordar de nada preciso em relação a isso estar incluído em minha programação, e resolvi esquecer o assunto.

— Ah, aqui estamos — disse Stephan, ao meu lado. — Agora, se me dão licença. Por favor, fiquem à vontade. Voltarei o mais rápido que puder.

Havíamos parado em frente a um grande edifício residencial branco, de vários andares, e em cada um, sacadas de ferro batido preto que lhe conferiam um quê espanhol.

Stephan saiu do carro e o observei dirigir-se à entrada do prédio. Parou diante do porteiro eletrônico, pressionou um dos botões e esperou. Sua postura traía o nervosismo. Pouco depois, acendeu-se uma luz no hall de entrada.

A porta foi aberta por uma mulher idosa, de cabelo grisalho. Sua aparência era esguia e frágil, mas havia uma certa graciosidade em seu movimento ao convidar Stephan a entrar. A porta fechou-se, mas percebi que me inclinando para trás podia ver os dois, iluminados na estreita vidraça ao lado da porta de entrada. Stephan limpava os pés no capacho, dizendo:

— Desculpe por ter vindo assim, de improviso.

— Já lhe disse várias vezes, Stephan — replicou a senhora idosa —, estou à sua disposição sempre que precisar conversar com alguém.

— Bem, na verdade, Senhorita Collins, não era... Bem, não se trata do assunto de sempre. Gostaria de falar sobre outra coisa, uma questão muito importante. Meu pai vinha pessoalmente, mas é que estava tão ocupado...

— Ah — interrompeu a mulher, com um sorriso —, mais uma coisa que seu pai jogou em cima de você. Ele continua a passar para você todo o trabalho sujo.

Disse isso em um tom jocoso, mas Stephan pareceu não ter compreendido.

— Em absoluto — replicou veementemente. — Pelo contrário, esta é uma missão de natureza particularmente delicada e difícil. Papai confiou-a a mim e fiquei feliz em aceitá-la...

— Então, agora virei uma missão! E de natureza delicada e difícil!

— Bem, não. Quer dizer... — Confuso, Stephan fez uma pausa. A senhora pareceu achar que já o havia provocado o bastante.

— Está bem — disse ela —, é melhor entrarmos e discuti-la de forma adequada, com um pouco de xerez.

— E muito gentil, Senhorita Collins. Mas realmente não posso me demorar. Há pessoas me esperando no carro. — Apontou em nossa direção, mas a mulher já abria a porta de seu apartamento.

Observei-a conduzir Stephan por uma pequena sala, atravessar uma segunda porta e um corredor sombrio, decorado com aquarelas. O corredor terminava na sala de estar da Senhorita Collins — uma peça em L, nos fundos. A luz era baixa e aconchegante, e, à primeira vista, a sala parecia sofisticadamente

elegante à moda antiga. Entretanto, depois de uma inspeção mais cuidadosa, pude ver que a mobília estava extremamente gasta, e o que, de início, pensei ser antigüidades não passavam de trastes. Sofás e poltronas que já haviam sido luxuosos estavam em péssimo estado e as compridas cortinas de veludo, desbotadas e rasgadas. Stephan sentou-se com uma desenvoltura que traía sua familiaridade com o local, mas continuava tenso, enquanto a Senhorita Collins preparava os drinques. Quando ela finalmente lhe ofereceu o copo e se sentou ao seu lado, o rapaz soltou inopinadamente:

— Tem a ver com o Senhor Brodsky.

— Ah — disse a Senhorita Collins —, eu já suspeitava.

— Senhorita Collins, a questão é que pensamos que talvez pudesse nos ajudar. Ou melhor, ajudá-lo... — Stephan calou-se com uma risada e desviou o olhar.

A Senhorita Collins inclinou a cabeça, pensativamente. Então, perguntou:

— Está pedindo que eu ajude Leo?

— Oh, não estamos pedindo que faça nada que ache desagradável ou... bem, doloroso. Meu pai entende perfeitamente como deve se sentir. — Deu outra risadinha. — É que sua ajuda pode ser crucial nesse estágio da... recuperação do Senhor Brodsky.

— Ah. — A Senhorita Collins fez um movimento afirmativo com a cabeça e pareceu refletir. Então, disse: — Devo entender com

isso, Stephan, que seu pai não está obtendo muito êxito com Leo?

A provocação em sua voz me pareceu mais evidente que nunca. Mas, novamente, Stephan não percebeu.

— Não, em absoluto! — disse irritado. — Pelo contrário, meu pai fez milagres, conseguiu muito! Não foi fácil, mas sua perseverança foi extraordinária, mesmo para nós que estamos habituados à maneira dele de lidar com as coisas.

— Talvez não tenha perseverado o suficiente.

— Mas não faz idéia, Senhorita Collins! A menor idéia! Às vezes, chega exausto em casa, depois de um dia estafante no hotel, tão exausto que sobe direto para o quarto. Minha mãe já desceu se queixando e subi e encontrei meu pai deitado de barriga para cima, roncando, caído na cama. Como sabe, há anos mantêm um acordo importante, de que ele sempre dormiria de lado e nunca de barriga para cima, já que ronca terrivelmente. Por isso, pode imaginar a contrariedade de minha mãe ao vê-lo assim. Geralmente não preciso fazer isso, mas tive de levantá-lo, porque do contrário, como já disse, minha mãe se recusaria a entrar de novo no quarto. Ficaria simplesmente rondando no corredor, com a cara enfurecida, não voltaria até que o tivesse acordado, despido, vestido seu roupão e o levado ao banheiro. Mas o que estou querendo dizer é que, bem, mesmo quando está tão cansado assim, às vezes o telefone toca e é um dos funcionários dizendo que o Senhor Brodsky está muito nervoso, que pede uma bebida e, sabe?, o pai consegue arrumar forças não sei onde. Ele se recompõe, volta aquela expressão em sua face, se veste e sai na noite, só retornando horas depois. Ele

disse que conseguirá colocar o Senhor Brodsky em condições, e está dando tudo de si para cumprir o que se propôs.

— Sua atitude é muito louvável. Mas até onde foi exatamente?

— Posso lhe assegurar, Senhorita Collins, que o progresso foi espantoso. Todo mundo que viu o Senhor Brodsky recentemente notou. Há muito mais por trás daquele olhar. Seus comentários também, a cada dia fazem mais sentido. Porém o mais importante, seu talento, o grande talento do Senhor Brodsky, está voltando sem dúvida nenhuma. Pelo que sei, os ensaios têm sido extremamente promissores. Em relação à orquestra, ele conquistou totalmente todos os músicos. E, quando não está ensaiando na sala do concerto, está ocupado aprimorando as coisas sozinho. Muitas vezes é possível escutá-lo tocando quando andamos pelo hotel. Quando meu pai ouve o piano, fica tão animado que deixa evidente não se importar em sacrificar seu sono.

O rapaz fez uma pausa e olhou para a Senhorita Collins. Por um instante, ela pareceu distante, a cabeça inclinada para o lado, como se, ela também, escutasse algumas notas tiradas de um piano remoto. Então, um sorriso bondoso retornou à sua face, e tornou a olhar para Stephan.

— O que soube — disse ela — é que seu pai o coloca nessa sala do hotel, sentado em frente ao piano, como se fosse um manequim, e Leo fica ali por horas, balançando-se suavemente no banco, sem tocar sequer uma nota.

— Senhorita Collins, isso é totalmente injusto! Talvez ocorresse ocasiões como esta no começo, mas agora a situação é muito diferente. De qualquer modo, mesmo que, às vezes, ele fique ali sentado em silêncio, certamente não podemos esquecer que não significa que não está acontecendo nada. O silêncio muito provavelmente indica que está elaborando as idéias mais profundas, que busca sua força mais profunda. De fato, outro dia, depois de um silêncio particularmente longo, meu pai entrou na sala e lá estava o Senhor Brodsky olhando fixamente as teclas do piano. Depois de algum tempo, olhou para meu pai e disse: "Os violinos têm de ser dissonantes." Foi o que ele disse. Talvez estivesse em silêncio, mas, em sua cabeça, havia todo um universo de música. O que nos mostrará na quinta à noite, emociona só de pensar. Contanto que, agora, não retroceda.

— Stephan, você estava dizendo que queria minha ajuda.

O jovem, que se animara cada vez mais, se recompôs.

— Bem, sim — disse ele. — Foi para falar sobre isso que vim até aqui esta noite. Como eu disse, o Senhor Brodsky está recuperando rapidamente sua força. E, naturalmente, junto com seu talento, estão ressurgindo várias outras coisas. Para aqueles que não o conheceram antes, tem sido uma espécie de revelação. Nestes últimos dias tem se mostrado tão articulado, tão cortês. De qualquer jeito, o importante é que, além de todo o resto, ele começou a recordar. Bem, para ser mais claro, ele fala na senhora. Pensa e fala na senhora o tempo todo. Na noite passada, só para dar um exemplo, é constrangedor, mas assim mesmo vou dizer, ontem à noite ele começou a chorar e não conseguiu parar. Simplesmente,

chorava, expressando tudo o que sentia pela senhora. Foi a terceira ou quarta vez que isso aconteceu, embora na noite de ontem tenha ocorrido de forma mais extrema. Era quase meia-noite, e como o Senhor Brodsky ainda não saíra da sala, meu pai foi ouvir pela porta e escutou seus soluços.

Entrou e encontrou tudo escuro e o Senhor Brodsky curvado sobre o piano, chorando. Bem, havia uma suíte vaga, e papai o levou para cima. Pedi à cozinha para enviar todas suas sopas preferidas, ele só tem tomado sopa, e o cumulo de sucos de laranja e bebidas não-alcoólicas. Mas, francamente, a noite passada foi preocupante. Aparentemente, ele atacava os sucos febrilmente. Se meu pai não estivesse lá, é bem possível que tivesse perdido o controle, mesmo nesse estágio. Bem, aonde quero chegar é... mas nossa, eu não posso me demorar tanto, tem gente me esperando no carro. Bem, o que quero dizer é que, com o futuro da nossa cidade dependendo tanto dele, temos de fazer tudo para garantir que vença essa última barreira. O Doutor Kaufmann concorda com meu pai, em que, agora, estamos perto de transpor o último obstáculo. Desse modo, pode ver o quanto está em jogo.

A Senhorita Collins continuou a olhar Stephan com o o mesmo meio-sorriso distante, mas não disse nada. Depois de um tempo, o jovem prosseguiu:

— Senhorita Collins, sei que o que estou dizendo pode estar reabrindo velhas feridas. Imagino que a senhora e o Senhor Brodsky, não se falando há tantos anos...

— Oh, isso não é exato. No começo do ano, ele gritou obscenidades para mim quando eu atravessava o Volksgarten.

Stephan riu embaraçado, sem saber como interpretar o tom da Senhorita Collins. Depois, prosseguiu com veemência:

— Senhorita Collins, ninguém está sugerindo que tenha qualquer espécie de contato mais prolongado com ele. Meu Deus, não! A senhora quer deixar o passado para trás. Meu pai, todo mundo entende isso. Tudo que pedimos é uma pequena coisa, que poderá fazer muita diferença, estimulá-lo e significar muito para ele. Achamos que pelo menos não haveria problema em colocar o assunto para a senhora.

— Eu já havia concordado em comparecer ao banquete.

— Sim, sim, claro. Meu pai me contou. Estamos tão gratos...

— Se ficar entendido que não haverá contato direto...

— Estamos totalmente de acordo, absolutamente. Sim, o banquete. Mas, na verdade, Senhorita Collins, há algo mais que queríamos lhe pedir, e, por favor reflita sobre o assunto. Um grupo de senhores, entre eles, o Senhor Von Winterstein, levará o Senhor Brodsky ao zôo amanhã. Ao que parece, em todos estes anos, ele nunca o visitou.

Naturalmente, não é permitida a entrada de seu cachorro, mas o Senhor Brodsky acabou consentindo em deixá-lo em boas mãos durante algumas horas. Acredita-se que um passeio desse tipo

possa acalmá-lo. As girafas, principalmente, seriam relaxantes. Bem, irei direto ao ponto. Os senhores pensaram que talvez a senhora pudesse se juntar a eles no zôo. Até mesmo lhe dizer uma ou duas palavras. Não precisaria sair junto com o grupo. Poderia simplesmente encontrá-los lá, só por alguns minutos, e trocar algumas palavras agradáveis com ele, talvez dizer algo que o estimule. Isso pode ser fundamental. Só alguns minutos e poderia ir embora. Por favor, Senhorita Collins, pelo menos considere a possibilidade. Tanta coisa pode depender disso.

Enquanto Stephan falava, a Senhorita Collins tinha se levantado e se movido lentamente para perto da lareira. Ficou quieta por vários segundos, uma mão apoiada no consolo, como que para se firmar. Quando, finalmente, se virou para Stephan, vi que seus olhos estavam úmidos.

— Entenda o meu lado, Stephan — disse ela. — Fui casada com ele, sim, mas, ao longo destes anos todos, nas únicas vezes em que nos encontramos casualmente, ele me ofendeu. Desse modo, pode ver que é difícil para mim adivinhar que tipo de conversa lhe causaria mais prazer.

— Senhorita Collins, juro que agora ele é um outro homem. Nestes últimos dias, tem sido tão cortês e polido e... Mas é claro que a senhora se lembra. Se pelo menos refletisse sobre o assunto. Tanta coisa está em jogo.

A Senhorita Collins tomou alguns goles do xerez pensativamente. Parecia prestes a responder no exato momento em que ouvi Boris se mexer no banco de trás. Ao me virar, percebi que

devia estar acordado já há algum tempo. Olhava pela janela a rua quieta e vazia, e tive a sensação de que uma tristeza o dominava. Eu estava para dizer alguma coisa, mas ele deve ter percebido que o olhava, pois perguntou calmamente, sem se mover:

— Pode fazer banheiros?

— Fazer banheiros?

Boris suspirou profundamente e continuou contemplando a escuridão lá fora. Então, ele disse:

— Nunca tinha colocado ladrilhos. Por isso cometi todos aqueles erros. Se alguém tivesse me ensinado, poderia ter feito direito.

— Sim, tenho certeza de que sim. É o banheiro do novo apartamento?

— Se alguém tivesse me ensinado, eu teria feito direito. E minha mãe ficaria satisfeita com o banheiro. Ela gostaria do banheiro.

— Ah, então, ela não está satisfeita?

Boris me olhou como se eu tivesse dito algo extremamente idiota. Então, declarou com muita ironia:

— Por que choraria pelo banheiro se tivesse gostado?

— Realmente, por quê? Então, ela chora por causa do banheiro. Imagino por que ela faz isso.

Boris tornou a olhar pela janela e pude ver, através da luz que incidia sobre o carro, que ele lutava para conter as lágrimas. Finalmente, conseguiu disfarçar sua tristeza com um bocejo e esfregou os olhos com os pulsos.

— Vamos acabar resolvendo tudo isso — eu disse —, você vai ver.

— Eu podia ter feito direito se alguém tivesse me ensinado e minha mãe não teria chorado.

— Sim, tenho certeza de que teria feito um bom trabalho. Mas logo resolveremos tudo.

Endireitei o corpo e olhei pelo pára-brisa. Na rua, não havia quase nenhuma janela com a luz acesa. Pouco depois, eu disse:

— Boris, temos de conversar sobre uma coisa. Está ouvindo? Houve um silêncio no banco traseiro do carro. — Boris — prossegui —, temos de tomar uma decisão. Sei que, antes, estávamos indo nos encontrar com sua mãe. Mas agora está muito tarde. Boris, está ouvindo? — Olhei de relance por sobre o ombro e vi que ele continuava a contemplar, de modo vago, a escuridão. Ficamos em silêncio por vários minutos. Então, eu disse: — A questão é que está muito tarde. Se formos ao hotel, veremos seu avô. Ele vai gostar de ver você. Poderá ter um quarto só seu ou, se preferir, pediremos que providenciem mais uma cama em meu quarto. Podemos pedir algo gostoso para comer e, então, poderá dormir. Amanhã de manhã, tomaremos café e decidiremos o que fazer. — Havia silêncio atrás de mim. — Eu devia ter organizado

melhor as coisas — disse eu. — Desculpe. Eu... eu não estava pensando muito claro hoje à tarde. Estive tão ocupado mais cedo. Mas, ouça, prometo que repararemos o erro amanhã. Amanhã, poderemos fazer tudo que é tipo de coisa. Se quiser, voltaremos ao antigo apartamento e buscaremos o Número Nove. O que acha? — Boris continuou sem dizer nada. — Nós dois tivemos dias cansativos. Boris, o que acha?

— É melhor voltarmos ao hotel.

— Acho que é o melhor. Então, está combinado. Quando o rapaz voltar, lhe comunicaremos nosso novo plano.

6

Nesse exato instante um movimento atraiu minha atenção e, ao olhar de relance para o edifício, vi que a porta de entrada estava aberta. A Senhorita Collins conduzia Stephan para fora e, apesar de se despedirem amistosamente, alguma coisa nas maneiras de ambos sugeria que o encontro finalizara de um modo desconfortável. A porta logo se fechou e Stephan apressou-se em voltar para o carro.

— Desculpe ter-me demorado tanto — disse ele, acomodando-se em seu banco. — Espero que Boris tenha ficado bem. — Pondo as mãos sobre o volante, soltou um suspiro inquieto. Então, forçou um sorriso e disse: — Bem, vamos lá.

— Na verdade — eu disse —, Boris e eu tivemos uma conversa enquanto você não estava. Enfim, retornaremos ao hotel.

— Se me permite, Senhor Ryder, acho que provavelmente é a decisão acertada. Então, de volta ao hotel. Ótimo. — Consultou seu relógio.

— Logo estaremos lá. Os jornalistas não terão motivo para se queixar. Nenhum motivo.

Stephan ligou o motor e partimos mais uma vez. Ao rodarmos pelas ruas desertas, a chuva recomeçou e Stephan ligou os limpadores de pára-brisas. Depois de algum tempo, ele disse:

— Senhor Ryder, não sei se seria atrevimento meu lembrá-lo da conversa que tivemos mais cedo, à tarde, quando o encontrei no átrio.

— Ah, sim — eu disse —, falamos de seu recital na noite de quinta feira.

— O senhor foi muito gentil e disse que talvez pudesse ter alguns minutos para mim, para me ouvir tocar La Roche. É evidente que isso não deve ser possível, mas, bem, achei que não se importaria de eu pedir. É só porque vou exercitar um pouco mais hoje à noite, quando estivermos de volta ao hotel. Estava pensando

se talvez, bem, quando terminar com os jornalistas, sei que é uma chateação, mas se poderia escutar por apenas alguns minutos e dizer o que acha... — Calou-se rindo.

Percebi que era uma questão de importância considerável para o rapaz e me senti tentado a aceitar seu pedido. Contudo, depois de considerá-lo por um instante, eu disse:

— Desculpe, mas esta noite sinto-me tão cansado, é imperativo que eu consiga me desvencilhar dos compromissos e dormir o mais cedo possível. Mas não se preocupe, inevitavelmente haverá uma oportunidade em breve. Ouça, por que não combinamos assim: não sei quando terei algum tempo livre, mas assim que tiver, ligarei para a recepção e mandarei que o chamem. Se não estiver no hotel, farei a mesma coisa na próxima vez em que tiver tempo e assim sucessivamente. Desse modo, fatalmente logo encontraremos um tempo conveniente para os dois. Mas hoje, realmente, se não se importa, o que preciso é de uma boa noite de sono.

— Claro, Senhor Ryder, entendo perfeitamente. Faremos como sugeriu. É muita gentileza de sua parte. Esperarei que me chame.

Stephan falou cortesmente, mas parecia excessivamente desapontado, talvez interpretando mal minha resposta como uma recusa sutil. Era evidente que estava de tal modo ansioso com sua apresentação em breve que qualquer contratempo, por menor que fosse, era capaz de colocá-lo em pânico. Senti uma certa simpatia por ele e repeti para tranquilizá-lo:

— Não se preocupe, fatalmente encontraremos uma oportunidade em breve.

A chuva continuou a cair com constância enquanto rodávamos pelas ruas noturnas. O rapaz permaneceu calado por muito tempo e eu fiquei imaginando se não estaria com raiva de mim. Mas, então, vi de relance seu perfil sob a luz inconstante e percebi que refletia profundamente sobre um incidente ocorrido há muitos anos. Era um episódio em que já pensara muitas vezes — quase sempre quando deitado e sem dormir à noite ou dirigindo sozinho —, e agora o medo de que eu me mostrasse incapaz de ajudá-lo fez com que, mais uma vez, o resgatasse do passado.

Havia sido por ocasião do aniversário de sua mãe. Ao estacionar o carro na alameda da casa, naquela noite — isso aconteceu no seu tempo de faculdade, quando morou na Alemanha —, estava preparado para passar algumas horas penosas. Mas seu pai abriu a porta, sussurrando excitado: "Ela está de bom humor. Muito bom humor." Virou-se, então, e gritou para dentro da casa: "Stephan chegou, querida. Um pouco atrasado, mas está aqui." Depois, sussurrou novamente: "Muito bom humor. O melhor há muito tempo."

O rapaz entrou na sala e viu sua mãe reclinada em um sofá, com um copo de coquetel na mão. Usava um vestido novo e Stephan ficou impressionado ao ver como era uma mulher elegante. Ela não se levantou para cumprimentá-lo, obrigando-o a se curvar para beijar sua face, mas, ainda assim, o calor de seu gesto ao convidá-lo a se sentar na poltrona em frente o surpreendeu. Atrás dele, o pai, bastante satisfeito com o começo da noite, soltou um

risinho e, apontando para o avental que usava, voltou correndo para a cozinha.

Deixado a sós com a mãe, a primeira sensação de Stephan foi a de um terror absoluto — a de que qualquer coisa que dissesse ou fizesse acabaria com seu bom humor, destruindo, assim, talvez dias de um esforço esmerado da parte de seu pai. Desse modo, começou dando respostas breves e afetadas às suas perguntas sobre a vida universitária, mas quando sua atitude permaneceu solidamente compreensiva, se pôs a responder de modo cada vez mais extenso. À certa altura, referiu-se a um professor como parecendo "uma versão mentalmente equilibrada de nosso ministro do Exterior", frase de que se sentia particularmente orgulhoso e que usara inúmeras vezes com seus colegas com um sucesso considerável. Se o começo da conversa com a mãe não tivesse corrido tão bem, não teria arriscado a repeti-la para ela. Mas a proferiu e, com o coração na mão, viu a diversão iluminar sua fisionomia momentaneamente. Com tudo isso, sentiu alívio quando seu pai retornou para anunciar que o jantar estava servido.

Passaram à sala de jantar, onde o gerente do hotel havia colocado sobre a mesa o primeiro prato. Iniciaram a refeição em silêncio. Então seu pai — um pouco abruptamente, Stephan achou — se pôs a contar uma anedota divertida sobre um grupo de italianos que se hospedara no hotel. Ao terminar, o gerente insistiu em que Stephan relatasse algo que tivesse ocorrido com ele. Quando começou a narrar com uma certa indecisão, seu pai quis incentivá-lo rindo exageradamente. E assim prosseguiram, Stephan e seu pai se revezando em contar histórias divertidas e um apoiando o outro com

reações entusiásticas. A tática parecia funcionar, pois — Stephan mal pôde acreditar — sua mãe também acabou rindo por longos momentos. O jantar, além do mais, tinha sido preparado com a atenção fanática por detalhes, característica do gerente, e estava fantástico. O vinho era nitidamente algo muito especial e quando estavam na metade do prato principal — uma mistura requintada de ganso e morangos silvestres —, a atmosfera da noite tornou-se de uma alegria genuína. Então, o gerente, com a face corada por causa do vinho e das risadas, inclinou-se e disse:

— Stephan, conte de novo sobre o albergue para jovens em que se hospedou. Aquele na floresta de Burgundy.

Por um segundo, Stephan ficou horrorizado. Como seu pai, que conduzira tudo até aquele momento de forma tão impecável, podia cometer esse erro óbvio? A história a que se referia envolvia referências extensas às disposições do lavatório do albergue e era claramente inadequada para ser narrada na frente de sua mãe. Porém, ao hesitar, seu pai lhe deu uma piscadela como se dissesse: "Sim, confie em mim, vai funcionar. Ela vai adorar a história, será um sucesso." Apesar de estar seriamente em dúvida, a confiança em seu pai era tanta que iniciou a anedota. No entanto, não demorou e lhe ocorreu o pensamento de que o que até então fora uma noite miraculosamente bem-sucedida, estava prestes a se arruinar. No entanto, encorajado pelas gargalhadas de seu pai, prosseguiu, e ouviu, para seu espanto, a gargalhada de sua mãe.

Olhando para o outro lado da mesa, a viu balançando a cabeça sem conseguir se controlar. Então, quase no final da história, no meio daquela risada toda, Stephan surpreendeu a mãe lançando

um olhar terno a seu pai. Foi um olhar breve, mas impossível de passar despercebido.

O gerente de hotel, apesar das lágrimas de tanto rir, em seus olhos, tampouco deixou de notá-lo, e, virando-se para o filho, lhe deu outra piscadela, dessa vez com um ar de triunfo. Nesse momento, o rapaz sentiu algo muito poderoso crescendo em seu peito. Mas, antes de ter tempo para identificá-lo com clareza, seu pai lhe disse: — Stephan, antes da sobremesa, devemos descansar. Por que não toca alguma coisa para sua mãe, em seu aniversário?

Dizendo isso, o gerente fez um gesto na direção do piano de armário, encostado à parede.

Esse gesto — o sinal casual na direção do piano — seria lembrado repetidas vezes ao longo dos anos por Stephan. E, a cada vez que isso acontecia, parte do calafrio enjoativo que sentira naquele momento lhe voltava. De início, olhou para seu pai sem acreditar, mas este continuou simplesmente a sorrir de modo satisfeito, apontando para o piano.

— Vamos, Stephan. Algo que sua mãe gostaria. Talvez, um pouco de Bach. Ou algo contemporâneo. Quem sabe, Kazan. Ou Mullery.

O jovem, forçando o olhar volta para também incluir sua mãe, viu sua fisionomia, abrandada pelo riso e rugas não familiares, sorrindo para ele. Dirigiu-se mais ao gerente que a Stephan ao dizer:

— Sim, querido, acho que Mullery seria perfeito. Seria esplêndido.

— Vamos, Stephan — disse o gerente com jovialidade. — Afinal, é o aniversário de sua mãe. Não a frustrre.

Uma idéia, descartada logo em seguida, passou pela cabeça de Stephan — a de que seus pais conspiravam contra ele. Certamente, da maneira como o olhavam — plenos de uma expectativa orgulhosa —, era como se não lembrassem nada da história angustiante que cercava sua experiência com o piano. De qualquer modo, o protesto que começara a formular morreu em seus lábios, e ficou em pé como se fosse outra pessoa que tivesse se levantado.

O piano, encostado à parede, estava colocado de tal forma que, quando Stephan sentou-se, podia ver com o canto do olho as figuras de seus pais, os cotovelos apoiados na mesa, cada qual inclinado ligeiramente para o outro. Após um momento, realmente se virou e olhou diretamente para eles, consciente de que queria vê-los assim por uma última vez — sentados juntos, como se unidos por uma felicidade sem problemas. Então, voltou-se para o piano, tomado pela certeza de que a noite caía. Curiosamente, tinha se dado conta de que não estava mais surpreso com o último rumo dos acontecimentos, de que, na verdade, esperara por isso o tempo todo, e que, ao acontecer, trouxera consigo uma sensação de alívio.

Por alguns segundos, Stephan continuou sentado sem tocar, tentando desesperadamente se livrar dos efeitos do vinho e ensaiar em sua mente a peça que iria tentar.

Por um momento irrefletido, viu a possibilidade — afinal, havia sido uma noite de fatos extraordinários — de atuar em um nível nunca alcançado, e que ao terminar, seus pais estariam sorrindo, aplaudindo e trocando, um com o outro, olhares de profunda afeição. Mas assim que iniciou o compasso da abertura de *Epicycloid*, de Mullery, percebeu a impossibilidade definitiva de qualquer tipo de cena semelhante.

Não obstante, tocou. Por um longo período — durante a maior parte do primeiro movimento — as figuras do canto de seu olho permaneceram muito quietas. Então, viu sua mãe reclinar-se levemente em sua poltrona e levar a mão ao queixo. Após vários compassos, seu pai desviou o olhar de Stephan, pôs as duas mãos no colo e inclinou a cabeça para a frente, como se examinasse uma mancha na mesa à sua frente.

Enquanto isso, a peça prosseguia, e, apesar de o jovem ter-se sentido várias vezes tentado a abandoná-la, interrompê-la de vez parecia, de certa forma, a mais terrível de todas as opções. Portanto prosseguiu, e, quando finalmente a peça terminou, Stephan ficou sentado por vários minutos, contemplando as teclas, antes de ter coragem de encarar a cena que o aguardava.

Nem seu pai, nem sua mãe estavam olhando para ele. A cabeça de seu pai estava a tal ponto curvada que a testa quase tocava a superfície da mesa. Sua mãe olhava em outra direção, para o outro lado da sala, com a expressão gélida que lhe era tão familiar e que, espantosamente, estivera ausente até aquele momento.

Stephan precisou de apenas um segundo para avaliar a cena. Depois, levantou-se e retornou rapidamente à mesa de jantar, como se, fazendo isso, os minutos passados desde que a tinha deixado pudessem ser apagados. Durante algum tempo, os três ficaram em silêncio. Finalmente, sua mãe se levantou e disse:

— Foi uma noite muito agradável. Obrigada aos dois. Mas estou me sentindo cansada e acho que devo subir e dormir.

De início, o gerente de hotel não pareceu ter escutado. Mas, quando a mãe de Stephan se encaminhou para a porta, ele levantou a cabeça e disse calmamente:

— O bolo, querida. O bolo. É... algo muito especial.

— Você é muito gentil, mas realmente eu já comi muito. Agora, preciso dormir.

— Claro, é claro. — O gerente voltou a encarar a mesa com uma expressão resignada. Mas então, quando a mãe de Stephan estava prestes a atravessar a porta, ele se apurou e disse em voz alta:

— Pelo menos, querida, dê uma olhada nele. Apenas olhe. Como eu disse, é algo especial.

A mãe hesitou e, então, disse:

— Está bem. Mostre-me rapidamente. Depois, preciso mesmo ir para a cama. Talvez seja por causa do vinho, mas me sinto extremamente cansada.

Ao ouvir isso, o gerente pôs-se de pé e no momento seguinte levou sua mulher para fora da sala de jantar.

O jovem escutou os passos de seus pais na direção da cozinha. Nem bem se passou um minuto, retornaram pelo corredor e subiram a escada. Stephan continuou sentado à mesa por algum tempo. Ouviram-se diversos ruídos ligeiros vindos lá de cima, mas nenhuma voz. Por fim, ocorreu-lhe que o melhor a fazer seria simplesmente voltar, àquela hora mesmo, para o seu alojamento. Sem dúvida, sua presença no café da manhã dificilmente auxiliaria seu pai na lenta e enorme tarefa de refazer o bom humor de sua mãe.

Havia deixado a sala de jantar com a intenção de sair sem ser notado, mas ao chegar no vestíbulo deparou com seu pai descendo a escada. O gerente pôs os dedos nos lábios e disse:

— Temos de falar baixo. Sua mãe acaba de se deitar. Stephan comunicou ao pai sua intenção de retornar a Heidelberg, ao que o gerente respondeu:

— Que pena. Eu e sua mãe achamos que poderia ficar por mais tempo. Mas, como diz, tem aulas pela manhã. Explicarei para ela; vai entender com certeza.

— E minha mãe — disse Stephan —, espero que tenha gostado da noite.

Seu pai sorriu mas, durante o breve momento em que fez isso, Stephan notou uma profunda desolação atravessar sua fisionomia.

— Sei que sim. Oh, sim. Ela estava tão contente por você poder dar uma pausa nos estudos e percorrer toda essa distância. Sei que esperava que ficasse por alguns dias, mas não se preocupe. Explicarei a ela.

Na volta, enquanto dirigia pelas estradas desertas, Stephan refletira sobre cada aspecto dos acontecimentos daquela noite exatamente como faria inúmeras vezes ao longo dos anos seguintes. A angústia que sentia sempre que se recordava dessa ocasião diminuía gradualmente com o tempo, mas, agora, a aproximação da noite de quinta-feira trazia de volta muitos dos antigos terrores, fazendo com que mais uma vez, enquanto atravessávamos a noite chuvosa, fosse transportado àquela noite penosa de vários anos atrás. Senti pena do rapaz e quebrei o silêncio dizendo:

— Sei que não é da minha conta, e espero que não soe rude, mas acho que foi tratado injustamente por seus pais em relação ao piano. Meu conselho é que experimente e tire o máximo de prazer do tocar, extraindo satisfação e significado independente deles.

O jovem passou um momento refletindo. Depois, disse:

— Estou grato ao senhor, Senhor Ryder, por se preocupar comigo. Mas, na verdade, para falar sem rodeios, não acho que compreenda realmente. Entendo que para alguém de fora o comportamento de minha mãe naquela noite talvez pareça um pouco, bem, um pouco desatencioso. Mas seria fazer-lhe uma injustiça e eu detestaria que ficasse com essa impressão. Sabe, é

preciso compreender todo o contexto da questão. Para começar, a partir de meus quatro anos, a Senhora Tilkowski foi minha professora de piano. Suponho que não haja razão para que isso signifique algo para o senhor, Senhor Ryder, mas a Senhora Tilkowski é uma personalidade venerada nesta cidade, e certamente não como uma professora de piano qualquer. Seus serviços não estão à venda da maneira habitual, embora, naturalmente, cobre taxas como qualquer outra pessoa. Quer dizer, ela leva muito a sério o que faz, e só aceita crianças da elite artística e intelectual da cidade. Por exemplo, Paulo Rozario, o pintor surrealista, morou aqui durante algum tempo e a Senhora Tilkowski deu aulas para suas duas filhas. Também para os filhos do Professor Diegelmann e a sobrinha da condessa. Seleciona seus alunos cuidadosamente, por isso pode ver como eu fui afortunado, principalmente por ter sido em uma época em que meu pai ainda não ocupava a posição que ocupa hoje na comunidade.

Mas presumo que meus pais já eram tão dedicados às artes como são hoje em dia. Durante toda minha infância, lembro-me deles falando sobre artistas e músicos, e de como era importante apoiar essas pessoas. Agora, mamãe fica em casa a maior parte do tempo, mas naquela época saía muito. Se um músico ou uma orquestra chegava à cidade, ela fazia questão de prestar apoio. Não apenas compareceria à apresentação, como depois iria ao camarim elogiá-los pessoalmente. Mesmo que o artista tivesse se apresentado mal, iria ao camarim encorajá-lo e dar-lhe algumas sugestões. De fato, freqüentemente convidava músicos para irem à nossa casa, ou se oferecia para levá-los em um tour pela cidade. Geralmente, suas agendas estavam cheias demais para poderem aceitar suas ofertas,

mas, como sem dúvida o senhor mesmo pode confirmar, tais convites são sempre estimulantes para qualquer artista. Quanto a meu pai, lembro-me de que estava sempre extremamente ocupado, mas fazia o melhor que podia. Evidentemente, quando havia uma recepção em honra de alguma celebridade em visita à cidade, ele sempre fazia questão de acompanhá-la, independente do quão atarefado estivesse, de modo que cumprisse sua parte na recepção do visitante. Portanto, Senhor Ryder, até onde me lembro, meus pais eram pessoas cultas que valorizavam a importância das artes em nossa sociedade, e estou certo de que foi por isso que a Senhora Tilkowski acabou concordando em me aceitar como aluno. Agora, vejo que, na época, deve ter sido um verdadeiro triunfo para meus pais, principalmente para mamãe, que providenciara tudo. Ali estava eu, tendo aulas com a Senhora Tilkowski, junto com os filhos do Senhor Rozario e do Professor Diegelmann! Eles devem ter-se sentido muito orgulhosos. E durante os primeiros anos eu fui muito bem, muito bem mesmo, a ponto de a Senhora Tilkowski ter me chamado de um dos alunos mais promissores que tivera. As coisas iam realmente muito bem até... bem, até os meus dez anos.

O rapaz ficou repentinamente em silêncio, talvez arrependido de ter falado com tanta liberdade. Mas percebi que havia um lado dele ansioso por prosseguir com as revelações e, então, eu disse:

— O que aconteceu quando tinha dez anos?

— Bem, tenho vergonha de admiti-lo, para o senhor mais que para qualquer outra pessoa, Senhor Ryder. Mas quando tinha dez anos, bem, eu simplesmente parei de praticar. Chegava à casa

da Senhora Tilkowski sem ter praticado as passagens que deveria. E, quando ela perguntava por que não tinha exercitado, eu simplesmente ficava mudo.

Isso é terrivelmente embaraçoso, é como se falasse de outra pessoa, e só desejava que algum toque de mágica fizesse com que realmente fosse. Mas é a verdade, é isso mesmo, é assim que me comportava. E, passadas algumas semanas, a Senhora Tilkowski foi obrigada a comunicar a meus pais que, se as coisas não mudassem, ela não poderia continuar me dando aulas. Mais tarde, soube que a minha mãe perdera um pouco o controle e gritara com a Senhora Tilkowski. Seja como for, tudo isso acabou mal.

— E depois, com outra professora?

— Sim, a Senhorita Henze, que não era ruim em absoluto. Era bem diferente da Senhora Tilkowski. Eu continuava sem praticar, mas a Senhorita Henze não era tão rigorosa. Então, quando eu tinha doze anos, tudo mudou. É difícil explicar o que aconteceu, pode parecer um tanto estranho. Certa tarde, eu estava sentado na sala de nossa casa, fazia muito sol e lembro-me de estar lendo a revista de futebol e meu pai entrar casualmente. Usava seu colete cinza e as mangas de sua camisa estavam arregaçadas. Ele ficou no meio da sala e olhou para fora, para o jardim. Eu sabia que a mamãe estava lá, sentada no banco que havia sob as árvores frutíferas, e eu estava esperando que meu pai saísse e se sentasse com ela. Mas ele simplesmente continuou ali, em pé. Estava de costas para mim, de modo que não podia ver seu rosto, mas sempre que eu levantava os olhos o via olhando fixamente o jardim, onde minha mãe estava. Bem, na terceira ou quarta vez em que olhei e vi que ele ainda

estava lá, subitamente me ocorreu uma idéia. Quer dizer, foi quando me dei conta de que meu pai e minha mãe mal se falavam há meses. Era muito esquisito, essa idéia simplesmente me ocorreu repentinamente, de que não se falavam. É estranho que não tenha percebido mais cedo, mas não tinha, não até aquele momento. Mas, nessa hora, vi claramente. Rapidamente várias situações diferentes me voltaram à mente — as vezes em que meu pai e minha mãe anteriormente disseram alguma coisa um ao outro, mas que na verdade não haviam dito. Não estou dizendo que ficavam totalmente em silêncio. Mas, entende?, aquela apatia havia se instalado entre eles e só a percebi naquele momento. Senhor Ryder, foi realmente uma sensação muito estranha. E, quase ao mesmo tempo, me ocorreu outra coisa terrível: que essa mudança acontecera quando perdi a Senhora Tilkowski. Não podia estar tão certo, pois já se passara muito tempo, mas ao pensar sobre isso tive certeza de que foi quando tudo começou. Não consigo me lembrar se meu pai saiu para o jardim ou não. Eu não disse nada, apenas fingia continuar a ler a revista. Então, depois de um tempo, subi para o meu quarto, deitei na cama e refleti sobre tudo isso. Foi a partir de então que recomecei a trabalhar com empenho. Comecei a praticar realmente com muita dedicação e devo ter feito muito progresso, pois, alguns meses depois, minha mãe procurou a Senhora Tilkowski para lhe perguntar se me aceitaria de volta. Agora percebo como deve ter sido humilhante para minha mãe, tendo gritado antes, e o trabalho que deve ter tido para convencer a Senhora Tilkowski. De qualquer jeito, o resultado foi que a Senhora Tilkowski concordou em me ter de volta, e, dessa vez, trabalhei com afinco o tempo todo, praticando e praticando. Mas, sabe, perdi dois anos cruciais. Os anos

entre os dez e os doze. O senhor sabe melhor que ninguém como são cruciais. Acredite, Senhor Ryder, tentei a todo custo recuperá-los, fiz tudo que podia, mas era tarde demais. Mesmo hoje, muitas vezes me pergunto: "Mas afinal o que eu estava pensando?" Oh, o que não daria para ter aqueles anos de volta! Mas, sabe, não acho que meus pais realmente avaliassem como a perda desses dois anos era prejudicial. Acho que pensavam que, uma vez novamente com a Senhora Tilkowski, contanto que me dedicasse, não fariam muita diferença. Sei que a Senhora Tilkowski tentou explicar-lhes em mais de uma ocasião, mas acho que estavam tão amorosos e orgulhosos de mim que simplesmente não enxergavam a realidade. Por alguns anos, continuaram supondo que eu fazia progressos, que eu realmente era talentoso. Só quando eu tinha dezessete, se deram conta. Naquela época, havia uma competição de piano, o Prêmio Jürgen Flemming, organizada pelo Instituto Municipal de Artes, para promover os jovens talentos da cidade. Era bem reputado, mas foi interrompido agora por falta de fundos. Quando eu tinha dezessete anos, meus pais tiveram a idéia de que eu deveria concorrer, e minha mãe realmente começou a tomar todas as providências para minha inscrição. Foi quando perceberam pela primeira vez que eu não estava à altura. Escutaram atentamente eu tocar, provavelmente foi a primeira vez que realmente escutaram, e perceberam que só conseguiria me humilhar e à família se participasse do concurso. Eu estava muito a fim de tentar, mas meus pais decidiram que isso abalaria demasiadamente minha autoconfiança. Como disse, foi a primeira vez que notaram como eu era fraco no piano. Até então, suas esperanças, e, suponho, seu amor por mim, impediam que julgassem objetivamente. Foi a primeira vez que admitiram como

aqueles dois anos perdidos haviam me prejudicado. Bem, depois disso, naturalmente, meus pais ficaram muito decepcionados. Mamãe, principalmente, pareceu se resignar à idéia de que tudo havia sido em vão, todo o esforço que fizera, todos os anos com a Senhora Tilkowski, a vez em que lhe suplicou que me aceitasse de volta, tudo, ela parecia pensar que tudo isso havia sido uma grande perda de tempo. E se tornou melancólica e quase não saía mais, não ia aos concertos nem às solenidades. Meu pai, no entanto, sempre conservou uma certa esperança em mim. Isso é bem típico dele. Sempre se mantém esperançoso até o final. Volta e meia, quase todo ano, pede para me ouvir tocar e, nesses momentos, percebo que está cheio de esperança. Posso ler seu pensamento: "Desta vez, desta vez será diferente."

Mas até hoje, sempre que termino e olho para ele, percebo que está de crista caída. Evidentemente, ele faz o que pode para ocultar isso, o que significa muito para mim.

Descíamos agora uma larga avenida ladeada por altos edifícios comerciais. Embora, às vezes, passássemos por uma fileira de carros estacionados, o nosso continuava a parecer o único em movimento por quilômetros.

— E foi idéia de seu pai — perguntei —, você se apresentar na noite de quinta-feira?

— Sim. Ele confia no senhor! Sugeriu isso pela primeira vez há seis meses. Não me ouve tocar há quase dois anos, mas demonstra confiar muito em mim. Claro que me deu todas as oportunidades de dizer não, mas fiquei tão comovido por ele

demonstrar tanta confiança, depois de todas essas decepções. Por isso, disse sim, tocarei.

— Foi muito corajoso. Espero que esta decisão se revele a mais acertada.

— Na verdade, Senhor Ryder, eu disse sim porque, bem, aconteceu algo comigo, acho que fiz uma espécie de ruptura recentemente. Talvez entenda o que quero dizer. É difícil explicar. É como se alguma coisa em minha mente, algo que sempre estava bloqueando meu progresso, como uma barragem ou coisa parecida, é como se de repente tivesse rebentado, e deixado espaço para que um espírito totalmente novo fluísse. Não sei como explicar, mas o fato é que acho que agora sou um pianista consideravelmente melhor do que quando papai me ouviu da última vez. Assim, como pode ver, quando ele perguntou se eu queria tocar na noite de quinta-feira, apesar de ficar nervoso, respondi que sim. Se dissesse não, teria sido injusto com ele, depois de toda confiança que depositou em mim. Isso não quer dizer que eu não esteja preocupado com a noite de quinta-feira. Tenho exercitado muito a peça e admito estar um pouco preocupado. Mas sei que há a possibilidade de surpreender meus pais. De qualquer modo, sabe, sempre alimentei essa fantasia. Mesmo quando minha atuação era totalmente deplorável. Alimentava a fantasia de passar meses trancado em algum lugar distante, e praticar sem parar. Meus pais não me veriam durante meses. Então, um dia, repentinamente, eu apareceria em casa. Provavelmente, em um domingo à tarde. Mas, em um momento em que meu pai também estivesse presente. Eu entraria, mal diria uma palavra, simplesmente me dirigiria ao piano,

levantaria a tampa e começaria a tocar. Nem tiraria o casaco. Simplesmente tocaria. Bach, Chopin, Beethoven. Depois, um repertório moderno. Grebel. Kazan. Mullery. Eu apenas ficaria tocando. E meus pais me teriam seguido à sala de jantar e ficariam simplesmente me olhando atônitos. Estaria além de seus sonhos mais fantásticos. Mas então, para seu espanto, perceberiam que, enquanto eu tocava, alcançava uma intensidade cada vez maior. Adágios sublimes, sensíveis. Dífíceis passagens floreadas impetuosas, assombrosas. Subiria cada vez mais alto. E eles ficariam ali, no meio da sala, meu pai ainda com o ar ausente, segurando o jornal que estava lendo, ambos completamente pasmos. Por fim, tendo encerrado com um finale extraordinário, eu me viraria para eles e... bem, nunca estive muito certo do que aconteceria depois. Mas é uma fantasia que tenho desde os treze ou quatorze anos. Talvez a noite de quinta-feira não ocorra dessa maneira, mas é possível que chegue bem perto disso. Como eu disse, alguma coisa mudou em mim, e tenho certeza de que estou quase lá. Ah, Senhor Ryder, aqui estamos. Bem a tempo, tenho certeza, para os jornalistas.

O centro da cidade estava tão silencioso e sem trânsito que não o reconheci. Mas com certeza aproximávamo-nos da entrada do hotel.

— Se não se importa — prosseguiu Stephan —, deixarei o senhor e Boris aqui. Tenho de levar o carro para os fundos.

No banco traseiro, Boris parecia cansado, mas continuava acordado. Saltamos e fiz com que o menino agradecesse a Stephan antes de conduzi-lo ao hotel.

7

As luzes no saguão haviam sido parcialmente obscurecidas e o hotel, no todo, parecia ter-se acalmado. O jovem recepcionista, que eu conhecera ao chegar, estava de serviço, embora parecesse dormir em seu banco atrás do balcão. Quando nos aproximamos, olhou para cima e, me reconhecendo, fez um esforço para despertar.

— Boa noite, senhor — disse animadamente, mas logo em seguida seu cansaço pareceu voltar a dominá-lo.

— Boa noite. Preciso de outro quarto. Para Boris. — Coloquei a mão no ombro do menino. — O mais próximo possível do meu, por favor.

— Deixe eu ver o que posso fazer, Senhor Ryder.

— Na verdade, Gustav, o carregador, é o avô de Boris. Por acaso ele ainda está no hotel?

— Oh, sim, Gustav mora aqui. Tem um pequeno quarto no sótão. Mas acho que agora está dormindo.

— Talvez ele não se importe em ser acordado. Sei que gostaria de ver Boris agora mesmo.

O recepcionista consultou, preocupado, o relógio.

— Bem, como quiser, senhor — disse hesitante e pegou o fone. Após uma breve pausa, ouvi-o dizer:

— Gustav? Gustav, sinto muito. Aqui é Walter. Sim, sim, lamento acordá-lo. Sim, eu sei, sinto muito. Mas por favor escute. O Senhor Ryder acaba de chegar. Está com seu neto.

Por algum tempo, o recepcionista só ficou escutando, abanando a cabeça várias vezes. Então, desligou e sorriu para mim.

— Vai descer imediatamente. Disse que providenciará tudo.

— Ótimo.

— Senhor Ryder, o senhor deve estar muito cansado.

— Sim, estou. Tive um dia exaustivo. Mas, acredite, tenho ainda um compromisso. Deve haver alguns jornalistas esperando por mim.

— Ah, finalmente, foram embora, há mais ou menos uma hora. Disseram que marcarão outra entrevista. Sugeri que falassem diretamente com a Senhorita Stratmann, de modo que o senhor não fosse incomodado por eles. O senhor parece mesmo muito cansado. Deve deixar de se preocupar com essas coisas e ir direto para a cama.

— Sim, acho que sim. Hum, então, foram embora. Primeiro, aparecem mais cedo e depois vão embora.

— Sim, é muito desagradável. Mas acho, Senhor Ryder, que deve ir agora para a cama e dormir. Deve realmente parar de se preocupar. Estou certo de que tudo será arranjado.

Fiquei grato ao jovem recepcionista por suas palavras reconfortantes e, realmente, pela primeira vez em horas comecei a me sentir tomado por um certo relaxamento.

Apoiei os cotovelos sobre o balcão e, por um momento, comecei a cochilar de pé. No entanto não adormeci, pois permaneci consciente o tempo todo da cabeça de Boris apoiada em meu corpo, e da voz do recepcionista, insistindo no tom tranqüilizador, bem diante de mim.

— Gustav não vai se demorar — dizia ele. — E providenciará para que o menino fique confortável. Realmente, não há nada mais com que se preocupar. E, quanto à Senhorita Stratmann, nós a conhecemos há muito tempo. Uma mulher muito eficiente. Tratou dos assuntos de muitos visitantes importantes e todos ficaram cem por cento impressionados com ela. Simplesmente não comete erros. Portanto, deve deixar que ela se preocupe com os jornalistas, não haverá problemas. E, quanto a Boris, lhe daremos o quarto bem em frente ao do senhor. Tem uma bela vista pela manhã, ele vai gostar sem dúvida. Por isso, Senhor Ryder, eu realmente acho que agora devia subir e dormir. Não há mais nada que possa fazer hoje. De fato, se me permite a ousadia, o aconselharia a deixar Boris com o avô assim que vocês subissem. Gustav vai chegar a qualquer momento, só está vestindo o uniforme, por isso está se retardando um pouco. Não demora e descera todo elegante. Assim é Gustav: uniforme impecável, nada fora do lugar.

Logo que chegar, deve deixar que cuide de tudo. Virá o mais rápido que puder. Neste exato momento, deve estar amarrando os sapatos, sentado na beira de sua pequena cama. No momento em que estiver pronto, ficará de pé em um pulo, se bem que tenha de tomar cuidado para não bater a cabeça nos caibros. Uma rápida escovada no cabelo e, então, sairá para o corredor. Sim, estará aqui em um segundo, e o senhor poderá ir para seu quarto, relaxar um pouco e ter uma boa noite de sono. Aconselho-o a tomar um drinque antes de dormir, um dos coquetéis especiais que encontrará pronto em seu frigobar. São excelentes. Ou quem sabe não prefere pedir que levem uma bebida quente ao seu quarto? Pode escutar alguma música suave no rádio. Há um canal que transmite de Estocolmo, a esta hora da noite, só jazz tranqüilo, realmente muito suave. Eu mesmo faço isso muitas vezes para relaxar. Ou ainda, se precisa muito relaxar, permita que sugira irão cinema. Muitos de nossos hóspedes estão lá neste exato instante. A última observação — a menção ao cinema — tirou-me da sonolência.

Endireitando o corpo, eu disse:

— Desculpe, mas o que disse agora? Que muitos dos hóspedes foram ao cinema?

— Sim, há um cinema logo dobrando a esquina. Há uma sessão tarde da noite. Muitos hóspedes acham que dar uma passada por lá e assistir a um filme ajuda a relaxar depois de um dia difícil. Sempre poderá fazer isso como alternativa ao coquetel ou à bebida quente.

O telefone tocou e, pedindo licença, ele atendeu. Enquanto ouvia, notei que me olhou algumas vezes um tanto incomodado. Depois, disse:

— Ele está aqui, senhora — e me passou o fone.

— Alô — eu disse.

Por alguns segundos, fez-se silêncio. Então, uma voz disse:

— Sou eu.

Precisei de um momento para perceber que era Sophie. Mas, assim que percebi, fui tomado por uma raiva intensa. A presença de Boris me impediu de gritar furiosamente com ela. Acabei por dizer friamente:

— Então, é você.

Houve outro silêncio breve antes de ela dizer:

— Estou ligando da rua. Vi você e Boris entrarem. Talvez seja melhor que ele não me veja agora. Já devia estar dormindo há muito tempo. Não deixe que perceba que está falando comigo.

Olhei de relance para Boris, que cochilava de pé, encostado em mim.

— O que pretende exatamente?

Ouvi-a suspirar profundamente. Depois, ela disse:

— Tem todo o direito de estar com raiva. Não... não sei o que aconteceu. Agora vejo que fui muito tola...

— Ouça — interrompi-a, receoso de não ser capaz de controlar minha cólera por muito mais tempo —, onde você está?

— No outro lado da rua. Sob os arcos, em frente aos antiquários.

— Estarei aí em um minuto. Não se mexa.

Devolvi o fone ao recepcionista e fiquei aliviado ao ver que Boris permanecera adormecido durante a ligação. De qualquer forma, nesse momento, as portas do elevador se abriram e Gustav apareceu.

Seu uniforme realmente parecia impecável. Seu cabelo branco e fino tinha sido umedecido e penteado. Uma bolsa em volta dos olhos e uma leve rigidez em seu andar eram os únicos sinais de que estivesse dormindo profundamente há apenas alguns minutos.

— Ah, boa noite, senhor — disse ao se aproximar.

— Boa noite.

— Trouxe Boris com o senhor. Foi muita gentileza se dar esse trabalho. — Gustav deu mais alguns passos na nossa direção, observando seu neto com um sorriso terno.

— Meu Deus, olhe só para ele. Dorme profundamente.

— Sim, está muito cansado — disse eu.

— Parece tão menino quando está adormecido. — O carregador fitou Boris com ternura por mais um pouco. Então, levantou os olhos e me disse:

— Estava pensando se o senhor teria conseguido falar com Sophie. Passei a tarde toda imaginando como se sairia.

— Bem, falei com ela sim.

— Ah. E conseguiu alguma pista?

— Pista?

— Do que a está preocupando.

— Ah. Bem, apesar de ela ter dito várias coisas reveladoras... para ser franco, como lhe disse antes, é muito difícil para um estranho como eu entendê-las. Naturalmente, formei uma ou duas idéias vagas sobre o que a poderia estar perturbando, porém, mais do que nunca, acho que o melhor seria o senhor falar com ela.

— Mas, como penso ter-lhe explicado antes...

— Sim, sim, vocês não se falam diretamente, eu me lembro disse eu com um ímpeto de impaciência. — No entanto, se é uma questão que considera importante...

— É uma questão de suma importância para mim. Oh, sim, da maior importância. É por Boris, entende? Se não chegarmos logo ao fundo dessa questão, ele começará a ficar seriamente preocupado, eu sei que sim. Já há sinais evidentes. E basta olhar

para ele, para como ele é agora, olhá-lo assim, e se vê que é ainda tão menino. Nós lhe devemos isso, isto é, manter seu mundo livre de tais preocupações por mais algum tempo, não acha? Na verdade, dizer que o assunto tem importância para mim é, de certa forma, dizer pouco. Ultimamente, penso nisso dia e noite. Mas veja... — Fez uma pausa, olhando vagamente o chão à sua frente. Depois, balançou um pouco a cabeça e deu um suspiro. — Diz que devo falar eu mesmo com Sophie. Não é tão simples assim. Tem de entender a história da situação, sabe, temos mantido esse... esse acordo há muitos anos, desde que ela era jovem. Quando era muito pequena, evidentemente as coisas eram diferentes. Até seus oito ou nove anos, oh, Sophie e eu falávamos o tempo todo. Contava-lhe histórias, fazíamos longos passeios pela cidade velha, de mãos dadas, só nós dois, falando e falando. Não me entenda errado, eu amava Sophie e continuo a amá-la. Oh, sim, éramos muito unidos quando ela era pequena. Esse acordo só começou quando ela tinha oito anos. Sim, era essa sua idade. Incidentalmente, o acordo entre nós não foi algo que eu tivesse, originalmente, imaginado que perdurasse por tanto tempo. Presumo que acreditasse que só duraria alguns dias. Isso era tudo, era tudo que eu pretendia. No primeiro dia, lembro-me de estar de folga no trabalho e aproveitar para pregar, para minha esposa, uma prateleira na cozinha. Sophie ficava atrás de mim, fazendo perguntas, se oferecendo para buscar as coisas, tentando me ajudar. Eu me mantive em silêncio, completamente em silêncio. Ela logo ficou confusa e chateada, evidentemente. Mas era o que eu tinha decidido e tinha de me manter firme. Não era fácil para mim. Oh, não, não era nada fácil! Eu amava minha menina mais do que tudo na vida, mas dizia a mim

mesmo que devia ser forte. Três dias, disse para mim mesmo, três dias serão suficientes, três dias e isso terminará. Apenas três dias e, então, poderei chegar do trabalho, pegá-la no colo outra vez, abraçá-la, e conversaremos sobre tudo. Pôr o assunto em dia, por assim dizer. Naquele tempo eu trabalhava no Hotel Alba, e quase no final do terceiro dia, como pode imaginar, esperava ansiosamente que meu turno se encerrasse, para que eu fosse para casa e revisse minha pequena Sophie. Pode entender meu desapontamento quando, ao retornar ao apartamento, Sophie recusou-se a vir me receber quando a chamei. E, o que é pior, quando a encontrei, ela desviou deliberadamente o olhar e saiu da sala sem falar. Como pode imaginar, fiquei muito magoado. E acho que senti um pouco de raiva. Como disse, o dia tinha sido muito duro e o suportara só porque depois poderia estar com ela. Disse a mim mesmo: "Se é assim que quer se comportar, vamos ver até onde agüenta." Assim, ceei com minha mulher, depois, fui para a cama sem trocar uma palavra sequer com Sophie. Suponho que as coisas tenham evoluído a partir de então. Os dias foram passando e, antes que me desse conta, tornou-se a norma entre nós. Não quero que me entenda mal, não estávamos brigados, a animosidade entre nós cessou rapidamente. De fato, naquela época era exatamente como é hoje. Sophie e eu permanecemos tendo muita consideração um pelo outro. Simplesmente, nos abstinemos de falar. Confesso que, na época, não imaginava que a coisa fosse durar como durou. Minha idéia, suponho, sempre foi de, em uma ocasião oportuna — em um dia especial, como o de seu aniversário —, deixarmos tudo isso de lado e voltarmos a ser como antes. Mas seu aniversário veio e foi, o Natal também, e nós nunca reatamos. Quando ela estava com onze

anos, ocorreu um certo fato triste. Nessa época, ela tinha um pequeno hamster branco. Ela o chamava de Ulrich e gostava muito dele. Passava horas seguidas conversando com ele, andando pelo apartamento com ele na mão. Então, certo dia, a criatura desapareceu. Sophie procurou por toda parte. Sua mãe e eu também procuramos pelo apartamento, perguntamos aos vizinhos, mas foi tudo em vão. Minha mulher fez de tudo para garantir a Sophie que Ulrich estava bem, — que só tinha saído para aproveitar um feriado e que logo estaria de volta.

Certa noite minha mulher saiu, e eu e Sophie ficamos sozinhos em casa. Eu estava no quarto com o rádio ligado em volume muito alto transmitiam um concerto —, quando percebi que, na sala, Sophie chorava incontrolavelmente. Quase que imediatamente adivinhei que ela finalmente encontrara Ulrich. Ou o que restara dele — estava perdido há algumas semanas. Bem, a porta que ligava o quarto à sala estava fechada e, como já disse, o rádio estava muito alto, por isso seria perfeitamente plausível que eu não a tivesse escutado. Assim, permaneci no quarto, o ouvido encostado à porta, o concerto tocando atrás de mim. É claro que pensei várias vezes se deveria ir até ela, porém, quanto mais me demorava na porta, mais estranho parecia irromper na sala, assim de repente. Entende? Ela não soluçava tão alto. Por um tempo cheguei a me sentar e a fingir que nada tinha ouvido. Mas, evidentemente, me despedaçava o coração ouvir seus soluços e logo me vi novamente de pé à porta, curvado, tentando escutar Sophie acima do som do concerto. Se ela me chamar, disse para mim mesmo, se ela bater à porta ou me chamar, então irei. Foi o que decidi. Se ela gritasse "Papai!", entraria na sala, lhe explicaria que

não a tinha escutado antes por causa da música. Esperei, mas ela não bateu, nem chamou. A única coisa que fez, depois de soluçar desconsoladamente durante algum tempo, e pode acreditar, era de partir o coração, foi gritar como que para si mesma, insisto em que era como se falasse consigo mesma, gritou: "Esqueci Ulrich na caixa! A culpa foi minha! Esqueci! A culpa foi minha!" O que aconteceu, soube mais tarde, é que Sophie havia colocado Ulrich em uma pequena caixa de presentes. Queria levá-lo a algum lugar, estava sempre levando-o a lugares para "mostrar-lhe" coisas. Ela o pôs nessa pequena caixa, pronta para sair, mas então alguma coisa aconteceu que a distraiu, e acabou não saindo. Nesse ínterim, esqueceu-se de que colocara Ulrich dentro da caixa. Na noite a que me referi ao senhor, semanas depois, estava ocupada com alguma coisa da casa, quando, repentinamente, se lembrou. Pode imaginar como o momento deve ter sido terrível para minha filha! Ao se lembrar, tão repentinamente, sem ter perdido a esperança de que estivesse vivo, apesar de já buscá-lo há tanto tempo, se precipitou para a caixa. Claro que Ulrich ainda estava lá dentro. Escutando através da porta, não podia evidentemente determinar tudo o que tinha acontecido, mas adivinhei mais ou menos no momento em que ela gritou: "Esqueci Ulrich na caixa! A culpa foi minha!" Mas quero que fique claro que ela disse isso como que para si mesma. Se tivesse dito: "Papai! Por favor, venha..." Mas não. Ainda assim, pensei cá comigo: se ela gritar de novo, irei até lá. Mas não gritou. Continuou apenas soluçando. Podia imaginá-la segurando Ulrich, talvez com esperança de que ainda estivesse vivo... Oh, não foi fácil para mim. Mas o concerto prosseguia e eu permaneci no quarto. Muito mais tarde, ouvi minha mulher chegar, as duas conversarem, e

Sophie recomeçar a chorar. Depois, minha mulher veio ao quarto e me contou o que tinha acontecido. "OuvIU alguma coisa?", me perguntou. Eu respondi: "Não, querida, eu escutava o concerto." No dia seguinte, durante o café da manhã, Sophie não me disse nada e eu não disse nada a ela. Em outras palavras, simplesmente prosseguimos com nosso acordo. Mas percebi, e não há a menor dúvida sobre isso, que Sophie sabia que eu tinha ouvido. E, o que é mais importante, não estava ressentida comigo. Passou-me o leite, como sempre, a manteiga, e até tirou meu prato, uma gentileza extra. O que quero dizer é que Sophie compreendeu nosso acordo e o respeitou. Depois disso, como já pode imaginar, as coisas se estabeleceram nessa base. Entende? Como não colocamos um fim no acordo com o que acontecera com Ulrich, não seria justo rompê-lo até que algo no mínimo tão significativo ocorresse. Na verdade, para rompê-lo de uma hora para outra, sem uma razão especial, além de parecer estranho, seria subestimar a tragédia que o episódio de Ulrich representava para minha filha. Sinceramente, espero que o senhor ainda testemunhe isso. Em todo caso, como já disse, a partir daí nosso acordo como que, bem, se consolidou, e mesmo na atual circunstância não me parece apropriado romper subitamente um entendimento existente há tanto tempo. Atrevo-me a afirmar que Sophie sentiria da mesma maneira. Por isso lhe pedi como um favor especial, sobretudo porque o senhor ia naquela direção...

— Sim, sim, sim — interrompi, sentindo outra onda de impaciência. Depois, disse mais delicadamente: — Entendo em que pé as coisas estão entre o senhor e sua filha. Mas fico pensando se não seria possível que essa questão, a questão do acordo, se não

seria possível ser exatamente isso que a estaria perturbando. Não estaria pensando justamente nesse entendimento tácito entre vocês quando a viu com o ar desolado no café?

Isso parece ter deixado Gustav aturdido e ele ficou em silêncio por algum tempo. Finalmente, disse:

— Isso nunca havia me ocorrido. Isso que acaba de sugerir. Preciso refletir um pouco a respeito. Mas tenho de admitir que nunca me ocorrera. — Calou-se novamente por um breve momento, com uma expressão perturbada. Depois, levantou os olhos e disse: — Mas por que ela estaria tão preocupada com isso justamente agora"? Depois de tanto tempo? — Balançou a cabeça lentamente. — Posso fazer uma pergunta? Formou essa idéia conversando com ela?

De repente, senti-me exausto e desejei não ter mais nada a ver com o caso.

— Não sei, não sei — eu disse. — Insisto em que esses assuntos de família... Sou meramente um estranho. Como posso julgar? Só estava dizendo que é uma possibilidade.

— Certamente tenho de refletir sobre isso. Por Boris, estou pronto a examinar todas as possibilidades. Sim, vou ter de pensar a respeito.

— Calou-se mais uma vez, a expressão cada vez mais perturbada. Estava pensando — acabou por dizer —, se poderia pedir outro favor. Talvez não se incomode em investigar essa possibilidade particular na próxima vez que vir Sophie. Sei que abordará o assunto

com muito tato. Normalmente, nunca pediria esse tipo de coisa, mas, estou pensando no pequeno Boris. Eu ficaria muito grato.

Seu olhar era de súplica. Por fim, suspirei e disse:

— Está bem. Farei o que puder por Boris. Mas insisto em que para um estranho como eu...

Talvez tenha sido a menção de seu nome, mas o fato é que Boris despertou.

— Vovô! — exclamou e, me soltando, dirigiu-se excitado ao avô, com a intenção óbvia de abraçá-lo. Mas, no último instante, o menino pareceu se lembrar, e, em vez disso, estendeu-lhe a mão.

— Boa noite, vovô — disse com uma calma dignidade.

— Boa noite, Boris. — Gustav deu-lhe um tapinha carinhoso na cabeça. — É bom revê-lo. Como foi seu dia?

Boris deu de ombros, casualmente.

— Um tanto cansativo. Exatamente como, em geral, qualquer dia.

— Só um minuto — disse Gustav — e cuidarei de tudo.

Com o braço em torno dos ombros do neto, o carregador dirigiu-se à recepção. Durante algum tempo, ele e o recepcionista trocaram o jargão de hotel em voz baixa.

Depois, os dois concordaram com a cabeça e o rapaz deu-lhe uma chave.

— Queira acompanhar-me — disse Gustav. — Mostrarei onde Boris ficará.

— Na verdade, tenho um encontro.

— A esta hora? O senhor tem uma vida muito agitada. Bem, neste caso, permita-me que leve Boris e o instale eu mesmo.

— Excelente idéia! Ficaria muito agradecido. Acompanhei-os até o elevador e acenei me despedindo quando as portas se fechavam. Então, imediatamente, a frustração e raiva que até aquele momento conseguira conter, voltaram com violência, e, sem falar nada ao recepcionista, atravessei o saguão e saí na noite, mais uma vez.

8

A rua estava deserta e silenciosa. Levei algum tempo para localizar — um pouco mais abaixo, na calçada oposta — os arcos de pedra que Sophie mencionara ao telefone.

Por um momento, enquanto me dirigia para lá, pensei se ela não teria ficado com medo e ido embora. Mas, então, vi sua figura emergir das sombras e minha cólera voltou a se intensificar.

Sua expressão não era tão dócil quanto esperava. Olhava-me fixamente e, quando me aproximei, ela disse, quase calmamente:

— Tem todo o direito de estar com raiva. Não sei o que aconteceu. Acho que estava confusa. Sei que tem todo o direito de estar com raiva.

Olhei para ela com indiferença.

— Raiva? Ah, entendo. Fala de seu comportamento hoje. Bem, sim, devo admitir, fiquei muito desapontado por causa de Boris. Obviamente, ele estava muito chateado. Mas, no que me toca, francamente, não perdi muito tempo pensando em você. Tenho muito mais com que me preocupar neste exato momento.

— Não sei por que isso aconteceu. Sei o quanto dependia de mim...

— Nunca dependi de você. Acho que devia se acalmar um pouco. — Dei uma pequena risada e me pus a andar devagar. — No que me diz respeito, não é uma questão tão importante. Sempre estive preparado para empreender minhas tarefas com ou sem seu apoio. Estou apenas decepcionado por causa de Boris, só isso.

— Vejo agora que fui uma idiota. — Sophie caminhava ao meu lado. — Não sei, suponho que tenha achado que você e Boris, tente se pôr no meu lugar... Achei que você e Boris retardavam-se, que não estavam muito a fim do que eu planejava para a noite e presumi que, de qualquer jeito, talvez vocês... Ouça, se quiser, lhe conto tudo. Tudo que quiser saber. Cada detalhe...

Parei de andar e me virei para ela.

— É óbvio que não devo ter sido claro. Não estou interessado em nada disso. Só vim até aqui porque queria tomar ar fresco e relaxar um pouco. Foi um dia difícil. Na verdade, saí porque queria pegar um cinema antes de dormir.

— Cinema? Que filme?

— Como posso saber que filme? Algum que passe a esta hora. Há um cinema perto daqui. Pensei em ir e assistir a qualquer um que estivesse passando. Foi um dia muito exaustivo.

Recomecei a andar, dessa vez mais decidido. Depois de um tempo, para minha satisfação, ouvi seus passos atrás de mim.

— Não está mesmo com raiva? — perguntou me alcançando.

— Claro que não. Por que estaria?

— Posso ir também? A esse cinema?

Dei de ombros e continuei a andar com um passo regular.

— Fique à vontade. É bem-vinda. Sophie segurou meu braço.

— Se quiser, contarei toda a verdade. Direi tudo. Tudo que quiser saber sobre...

— Quantas vezes terei de repetir? Não estou nem um pouco interessado. Tudo o que quero agora é relaxar. Serei muito exigido nos próximos dias.

Ela continuou a segurar meu braço e caminhamos juntos, em silêncio, por algum tempo. Então, ela disse calmamente:

— É muita bondade sua ser tão compreensivo.

Não respondi nada. Enfim, deixamos a calçada e seguimos pelo meio da rua deserta.

— Quando encontrar a casa adequada para nós — disse ela, afinal —, tudo vai melhorar. Isso acontecerá fatalmente. Estou muito esperançosa com a casa que verei pela manhã. Está parecendo exatamente o que sempre quisemos.

— Sim, esperemos que sim.

— Podia demonstrar um pouco mais de entusiasmo. Afinal, pode ser um momento decisivo na nossa vida.

Dei de ombros e continuei a andar. O cinema ficava a uma certa distância, mas, como era a única coisa iluminada na rua escura, nosso olhar fixou-o por um instante.

Depois, quando nos aproximávamos, Sophie soltou um suspiro e fez com que parássemos.

— Acho que não vou entrar — disse ela, soltando meu braço. Preciso de muito tempo para examinar a casa amanhã. Tenho de começar cedo. É melhor eu voltar.

Não sei bem por que suas palavras me pegaram de surpresa, e por um segundo fiquei sem saber como deveria responder. Olhei de relance para o cinema, depois, para Sophie.

— Mas achei que tinha dito que queria... — Fiz uma pausa e, então, disse, em um tom mais calmo: — Ouça, é um bom filme. Tenho certeza de que vai gostar.

— Mas você nem sabe qual é.

Passou-me pela cabeça que ela fazia algum tipo de jogo. Ainda assim, um pânico estranho começou a se apossar de mim e não consegui evitar o tom de súplica.

— Sabe o que estou dizendo. O recepcionista. Ele me sugeriu o filme. É alguém em que se pode confiar. E o hotel tem uma reputação a zelar. Dificilmente recomendariam... — Abaixei o tom, o pânico aumentando enquanto Sophie se afastava de mim. — Ouça — levantei a voz, não me importando mais com que alguém ouvisse. — Sei que é um bom filme. E há muito tempo não vamos juntos ao cinema. Não é mesmo? Qual foi a última vez em que fizemos alguma coisa assim juntos?

Sophie como que refletiu e, então, finalmente, sorriu e voltou para perto de mim.

— Está bem — disse ela, pegando meu braço gentilmente. — Está bem. É tarde, mas irei com você. Como disse, há séculos não fazemos algo assim juntos. Vamos nos divertir.

Experimentei uma sensação realmente de alívio, e ao entrarmos no cinema tive de me conter para não apertá-la contra mim. Sophie pareceu perceber alguma coisa e aconchegou a cabeça em meu ombro.

— Foi muito bom comigo — disse com ternura —, não ficando com raiva.

— Por que ficaria com raiva de você? — murmurei, olhando o saguão.

Logo à nossa frente, os últimos da fila entravam na sala de projeção. Olhei em volta, procurando onde comprar as entradas, mas o guichê estava fechado, e me ocorreu que talvez houvesse algum acordo especial entre o hotel e o cinema.

De qualquer maneira, quando eu e Sophie nos posicionamos no final da fila, um homem, vestindo um uniforme verde, de pé na soleira, sorriu e nos introduziu com os outros.

A casa estava virtualmente cheia. As luzes ainda não haviam sido desligadas e várias pessoas se agitavam, procurando onde se sentar. Estava olhando para ver onde nos sentaríamos, quando Sophie, excitada, apertou meu braço.

— Vamos comer alguma coisa — disse ela. — Sorvete, pipoca, qualquer coisa.

Ela apontava para a frente da sala, onde se formara uma pequena fila diante de uma mulher uniformizada que segurava uma bandeja com balas.

— Claro — disse eu. — Mas é melhor nos apressarmos ou não encontraremos lugar. Está muito cheio.

Dirigimo-nos à frente e nos juntamos à fila. Pouco depois, enquanto estava ali em pé, senti que minha raiva voltava a crescer,

até que finalmente me vi obrigado a me afastar completamente de Sophie. Então, ouvi-a dizer:

— Tenho de ser franca. Não vim ao hotel hoje à noite para vê-lo. Nem mesmo sabia que vocês dois estariam lá.

— Oh? — inclinei-me à frente, olhando as balas.

— Depois do que aconteceu — prosseguiu Sophie —, quer dizer, quando percebi como tinha sido tola, bem, não sabia o que fazer. Então, de repente, me lembrei. Do sobretudo do papai. Lembrei-me de que ainda não o havia devolvido.

Houve um ruído de farfalhar. Ao me virar, reparei, pela primeira vez, que Sophie carregava um grande pacote informe, um embrulho em papel marrom. Ela o ergueu, mas, como obviamente era pesado, logo tornou a abaixá-lo.

— Foi uma tolice — disse ela. — Não havia necessidade de alarme. Mas, entende?, de repente, achei que sentia o inverno no ar. Lembrei-me do casaco e quis devolvê-lo imediatamente. Então, o embrulhei e saí. Mas, ao chegar ao hotel, a noite estava tão amena. Percebi que tinha me alarmado por nada e fiquei sem saber se devia entrar e entregar-lhe o casaco hoje ou não. Permaneci ali e estava ficando cada vez mais tarde e, finalmente, me dei conta de que papai já devia ter ido se deitar. Pensei em deixá-lo na recepção, mas queria entregar-lhe pessoalmente. Aí, pensei, bem, posso entregá-lo daqui a algumas semanas, a temperatura ainda está amena. Foi quando o carro apareceu e você e Boris saltaram. Esta é a verdade.

— Entendo.

— De outra maneira, não sei se teria coragem de encará-lo. Mas lá estava eu, do outro lado da rua, e então, respirei fundo e telefonei.

— Estou feliz que o tenha feito. — Fiz um gesto mostrando onde estávamos. — Afinal, já faz muito tempo que não vínhamos juntos ao cinema.

Ela não respondeu e, quando a olhei, encarava afetuosamente o embrulho em seu braço.

Com a outra mão, o afagava.

— O clima não vai mudar por algum tempo ainda — murmurou ela, tanto para o casaco quanto para mim. — Portanto, não há tanta pressa. Podemos levar para ele em algumas semanas.

Éramos agora os primeiros da fila, e Sophie passou à minha frente, examinando avidamente a bandeja que a mulher uniformizada oferecia.

— O que vai querer? — perguntou ela. — Acho que um sorvete. Não, um sorvete com cobertura de chocolate. Um destes.

Olhando por sobre seu ombro, vi a bandeja com os sorvetes e barras de chocolate de sempre. Mas, curiosamente, todos tinham sido dispostos desordenadamente na borda da bandeja, deixando o lugar de honra, ao centro, para um grande livro já gasto. Inclinei-me para examiná-lo.

— É um manual muito útil, senhor — disse ansiosamente a mulher de uniforme. — Recomendo-o com toda segurança. Talvez

não devesse vendê-lo aqui, assim. Mas o gerente não se incomoda com a venda de artigos pessoais avulsos, contanto que não seja sempre.

Na sobrecapa havia a fotografia de um homem de macacão sorrindo, em uma escada, com um pincel na mão e um rolo de papel debaixo do braço. Quando o peguei, senti que a capa se desfazia.

— Na verdade, pertencia ao meu filho mais velho — prosseguiu a mulher de uniforme. — Mas agora ele cresceu e foi para a Suécia. Finalmente, resolvi arrumar suas coisas na semana passada. Guardei tudo o que achava ter um valor sentimental e joguei fora o resto. Mas havia uma ou duas coisas que não se encaixavam em qualquer categoria. Não posso dizer que este velho manual tenha um valor sentimental, mas é um livro muito útil, mostra como fazer tantas coisas em uma casa: decorar, ladrilhar. Ensina passo a passo com ilustrações muito esclarecedoras. Lembrome de que meu filho o achou muito útil quando cresceu. Sei que está um pouco gasto, mas é realmente um livro bastante útil. Não estou pedindo muito por ele.

— Talvez Boris gostasse dele — disse a Sophie, folheando-o.

— Oh, se já tem um garoto crescido, seria realmente perfeito. Posso garantir por experiência própria. Nosso filho aprendeu muito com ele, nessa idade. Pintar, ladrilhar, mostra como fazer tudo.

As luzes começavam a ser obscurecidas e me lembrei de que ainda não havíamos procurado lugar para nos sentar.

— Está bem, obrigado — eu disse.

A mulher me agradeceu entusiasticamente quando paguei, e nos afastamos com o livro e os sorvetes.

— Você é muito bom, preocupando-se com Boris — disse Sophie, enquanto atravessávamos o corredor. Então, ergueu o pacote outra vez, fazendo-o farfalhar, e o apertou contra si. — É estranho pensar que papai tenha passado o inverno inteiro sem um casaco apropriado — disse ela. — Mas ele era muito orgulhoso para vestir este velho. No ano passado, o inverno foi ameno, por isso não fez muita falta. Mas não pode passar outro inverno assim.

— Não, certamente não.

— Não sou muito sentimental a esse respeito. Sei que papai está ficando mais velho. Tenho refletido sobre algumas coisas. Sobre sua aposentadoria, por exemplo. Está ficando velho e isso deve ser encarado. — Então, acrescentou calmamente: — Entregarei para ele em algumas semanas. Será perfeito assim.

As luzes continuaram a ser reduzidas e o público se silenciara por antecipação. Percebi que a sala estava ainda mais cheia que antes, e tive dúvidas se não era tarde demais para encontrar lugar vago. Mas então, quando o escuro se impôs sobre nós, um lanterninha desceu o corredor e nos indicou dois lugares na frente. Sophie e eu atravessamos a fileira de poltronas, nos

desculpando baixinho, e nos sentamos exatamente na hora em que começava o comercial.

A maior parte era de negócios locais e parecia interminável. Quando o filme começou, já estávamos sentados há, no mínimo, meia hora e vi, com alívio, que se tratava do clássico de ficção científica 2001: Uma odisséia no espaço, um de meus favoritos, que nunca cansava de rever.

Assim que as impressionantes primeiras cenas de um mundo pré-histórico apareceram na tela, senti que relaxava, e logo me vi confortavelmente absorvido pelo filme.

Estávamos bem no meio da parte central da narrativa — com Clint Eastwood e Yul Brynner a bordo da nave espacial em direção a Júpiter —, quando ouvi Sophie dizer:

— Mas o tempo pode mudar. Assim, de uma hora para outra.

Achei que se referia ao filme, e murmurei algo concordando. Mas alguns minutos depois ela disse:

— No ano passado, o outono foi agradável e ensolarado, exatamente como este. Parecia que nunca terminaria. As pessoas se instalavam nas calçadas bebendo café, isso até novembro. Então, de súbito, literalmente da noite para o dia, ficou tão frio. Este ano, pode muito bem acontecer o mesmo. Nunca se sabe, não é?

— Não, não, acho que não. — Dessa vez, é claro que ela estava falando de novo do casaco.

— Mas ainda não é tão urgente — murmurou.

Quando olhei de novo para ela, parecia ter voltado a assistir ao filme. Também me virei para a tela, mas, após alguns instantes, certos fragmentos da memória me voltaram, ali, no escuro do cinema, e minha atenção, mais uma vez, se desviou do filme.

Eu me peguei recordando vividamente uma certa ocasião em que estava sentado em uma poltrona desconfortável, talvez suja. Era provavelmente de manhã, uma manhã cinzenta, e segurava um jornal à minha frente. Boris estava deitado de bruços, no tapete ao lado, desenhando em um bloco com lápis de cera. A julgar pela idade de Boris — era ainda muito pequeno —, suponho que fosse uma lembrança de seis ou sete anos atrás, embora não conseguisse recordar em que sala ou em que casa estávamos. A porta para um cômodo vizinho estava entreaberta e se ouviam várias vozes femininas tagarelando.

Continuei, por algum tempo, lendo o jornal na poltrona desconfortável, até que algo em Boris — alguma mudança sutil em sua conduta ou em sua postura — fez com que olhasse para ele. Então, em um instante, vi o que estava acontecendo. Boris tinha conseguido desenhar um "Super-Homem" de modo perfeitamente reconhecível. Há semanas tentava fazer isso, mas, apesar de todo estímulo, não fora capaz de produzir sequer uma vaga semelhança. Mas agora, talvez em razão desse misto de feliz acaso e ruptura genuína experimentado tão freqüentemente na infância, de repente conseguira. O esboço não estava totalmente concluído — os olhos e a boca precisavam ser finalizados —, apesar disso pude ver imediatamente o enorme triunfo que representava para ele. De fato,

eu teria dito alguma coisa se não tivesse notado a maneira como, naquele momento, se inclinava para a frente em um estado de grande tensão, conservando o lápis sobre o papel. Percebi que hesitava se devia continuar a burilar o desenho, arriscando-se a estragá-lo. Fui capaz de sentir vivamente seu dilema e me vi tentado a dizer em voz alta: "Boris, pare. É o bastante. Pare e mostre a todos o que fez. Mostre para mim, depois para sua mãe, e depois para toda essa gente que está falando na sala ao lado. O que importa que não esteja totalmente concluído? Todos ficarão surpresos e orgulhosos de você. Pare agora, antes que arruíne tudo." Mas não disse nada, continuando a olhá-lo pelo canto do jornal. Finalmente, decidiu-se e começou a fazer alguns retoques cuidadosamente. Depois, cada vez mais confiante, curvou-se ainda mais e começou a usar o lápis com uma certa imprudência. Passado algum tempo, deteve-se abruptamente, encarando em silêncio a folha de papel. Então — e ainda agora pude recordar a angústia se apossando de mim —, observei-o tentando recuperar o desenho, usando cada vez mais o lápis. Finalmente, pareceu desapontado e, largando o lápis sobre o papel, levantou-se e saiu sem dizer uma palavra.

Esse episódio me afetou de maneira surpreendente, e ainda estava no processo de controlar minhas emoções quando a voz de Sophie ressoou de alguma parte próxima:

— Não faz a menor idéia, faz?

Abaixei o jornal, surpreendido pela mordacidade de seu tom, e deparei com ela ali, em pé na sala, me olhando. Então, ela disse:

— Não faz a menor idéia de como foi para mim o que aconteceu depois. Nunca sentirá a mesma coisa. Olha só para você, só fica lendo o jornal. — Então, baixou a voz, fazendo com que se tornasse ainda mais intensa. -É essa a diferença! Ele não é seu filho. O que quer que diga, isso faz diferença. Nunca se sentirá como um pai de verdade em relação a ele. Olha só para você! Não faz a menor idéia do que passei.

Tendo falado assim, virou-se e saiu da sala.

Cheguei a pensar em ir atrás dela até a sala ao lado, com visita ou não, e trazê-la de volta para ter uma conversa. Mas acabei decidindo esperar ali mesmo, onde estava, que ela voltasse. Claro que, alguns minutos depois, Sophie estava de volta, mas alguma coisa nela me impediu de falar e ela tornou a sair. De fato, embora Sophie, durante a próxima meia hora, tivesse entrado e saído várias vezes da sala, apesar de toda minha resolução em lhe dizer o que estava sentindo, permaneci calado.

Finalmente, depois de um certo ponto, percebi que todas as oportunidades de encetar o assunto sem parecer ridículo haviam passado, e retornei ao jornal com um forte sentimento de mágoa e frustração.

— Com licença — ouvi uma voz dizer atrás de mim e uma mão tocou em meu ombro. Ao me virar, vi um homem na fileira de trás, inclinado para a frente, me examinando atentamente. — É o Senhor Ryder, não é? Meu Deus, é mesmo. Por favor, me perdoe, estava aqui este tempo todo e não o reconheci por causa da pouca luz. Sou Karl Pedersen. Quis muito conhecê-lo na recepção de hoje

de manhã. Mas, naturalmente, circunstâncias inesperadas o impediram de comparecer. Como é oportuno encontrá-lo agora dessa maneira.

O homem tinha cabelo branco, uma expressão gentil e usava óculos. Endireitei ligeiramente o corpo.

— Ah, sim, Senhor Pedersen. Tenho muito prazer em conhecê-lo. Como o senhor disse, esta manhã foi desastrosa. Eu também teria muito prazer em... em conhecer todos vocês.

— Acontece que, por acaso, Senhor Ryder, há vários membros da câmara municipal neste cinema, e todos lamentaram muito não o conhecerem hoje de manhã. — Olhou ao redor, no escuro. — Se eu pudesse localizar onde estão sentados, gostaria de apresentá-lo a pelo menos um ou dois deles. — Girando o corpo, esticou o pescoço, procurando nas fileiras de trás. — Infelizmente, neste instante, não consigo ver nenhum...

— Naturalmente, eu teria muito prazer em conhecer seus colegas. Mas é muito tarde e, se estão gostando do filme, talvez fosse melhor deixar para outra hora. Certamente haverá muitas outras oportunidades.

— Não consigo ver nenhum deles neste momento — disse o homem, virando-se de novo para mim. — É uma pena. Sei que estão aqui, em algum lugar. De qualquer maneira, como membro da câmara municipal, permita-me dizer como todos estamos honrados com sua visita.

— É muito gentil.

— O Senhor Brodsky, pelo que dizem, fez muito progresso hoje, na sala de concerto. Três ou quatro horas seguidas de ensaio.

— Sim, eu soube. Isso é esplêndido.

— Não sei se já teve oportunidade de conhecer a sala.

— A sala de concerto? Bem, não. Infelizmente, ainda não tive oportunidade...

— É claro. Fez uma longa viagem. Bem, mas ainda há muito tempo. Tenho certeza de que ficará impressionado com a sala, Senhor Ryder. É realmente uma construção antiga muito bonita e, por mais coisas que tenhamos deixado deteriorar nesta cidade, ninguém pode nos acusar de descuidar da sala de concerto. Uma construção antiga muito bonita, e localizada em um dos bairros mais esplêndidos. Isto é, no parque Liebmann. Vai entender o que quero dizer, Senhor Ryder. Após uma caminhada agradável através das árvores, chega-se a uma clareira — e lá está, a sala de concerto! Verá por si mesmo. Um local ideal para a comunidade se reunir, longe da agitação das ruas. Lembro-me de que quando era menino havia uma orquestra municipal, e, no primeiro domingo de cada mês, todos se reuniam nessa clareira antes do concerto. Ainda me lembro de todas as famílias chegando, atravessando as árvores e saudando umas as outras. E nós, as crianças, correndo por toda parte. No outono, tínhamos um jogo, um jogo especial. Corríamos em volta, juntando todas as folhas mortas que encontrávamos, as levávamos ao galpão do jardineiro e as empilhávamos no canto. Havia uma certa tábuia, desta altura mais ou menos, encostada na parede. Havia uma mancha nela. Combinamos juntara quantidade

de folhas suficientes para que a pilha alcançasse a mancha, antes de os adultos começarem a entrar no prédio. Se não conseguíssemos, a cidade toda explodiria e seria despedaçada em milhares de pedaços, esse tipo de coisa. Portanto, lá estávamos, todos correndo para cima e para baixo, os braços carregados de folhas úmidas! É fácil para alguém da minha idade se tornar nostálgico, Senhor Ryder, mas não há dúvida de que esta já foi uma comunidade muito feliz.

Havia muitas famílias felizes. E amizades realmente duradouras. As pessoas tratavam umas às outras com carinho e afeição. Foi uma comunidade esplêndida. Durante muitos anos. Vou completar setenta e seis anos, por isso posso dar testemunho pessoal.

Pedersen calou-se por um instante. Continuou inclinado para a frente, o braço nas costas de minha cadeira, e, ao relancear os olhos para ele, notei que sua atenção não estava na tela, mas em algum lugar distante. Nesse ínterim, aproximávamo-nos da parte do filme em que os astronautas começam a suspeitar do poder do computador HAL, crucial para todos os aspectos da vida a bordo da espaçonave. Clint Eastwood movia-se furtivamente pelos corredores claustrofóbicos com a expressão hostil e uma arma com o cano longo. A tensão começava a absorver nossa atenção, quando Pedersen recomeçou a falar.

— Tenho de ser franco. Não consigo deixar de sentir um pouco de pena dele. Falo do Senhor Christoff. Sim, por mais estranho que pareça, sinto pena dele. Disse isso a alguns colegas e eles apenas pensaram, oh, o amigo está fraquejando, quem sentiria um mínimo de pena desse charlatão? Mas, sabe, a minha memória é

melhor do que a da maioria deles. Lembro-me do que aconteceu quando o Senhor Christoff chegou a esta cidade. Naturalmente, sinto tanta raiva dele quanto meus colegas. Mas, entenda, sei muito bem que, no começo, bem no começo, não foi o Senhor Christoff que se promoveu. Não, não, foi... bem, fomos nós. Isto é, pessoas como eu mesmo, não nego, que eram influentes. Nós o encorajamos. Nós o exaltamos, o bajulamos, deixamos claro que esperávamos dele conhecimento e iniciativa. Pelo menos, parte da responsabilidade pelo que aconteceu é nossa. Talvez meus colegas mais jovens não tenham tido muita experiência daqueles primeiros anos. Só conhecem o Senhor Christoff como essa personalidade dominante, em torno da qual girou tanta coisa. Esquecem-se de que ele nunca pediu para ser colocado nessa posição. Oh, sim, lembro-me muito bem de quando ele chegou a esta cidade. Era, na época, muito jovem, sozinho, desprezioso, muito modesto. Se ninguém o tivesse encorajado, tenho certeza de que se satisfaria em ficar em uma posição mais obscura, em dar o estranho recital em uma solenidade privada, nada além disso. Mas foi o momento, Senhor Ryder. A escolha do momento foi infeliz. Precisamente quando o Senhor Christoff apareceu em nossa cidade, atravessávamos, bem, uma espécie de hiato. O Senhor Bernd, o pintor, e o Senhor Vollmöller, um excelente compositor, ambos liderando por tanto tempo nossa vida cultural, morreram no intervalo de meses e restou uma certa sensação... bem, uma espécie de sentimento irrequieto. Estávamos todos tristes com o falecimento de dois homens excelentes, mas acho que todos também sentíamos que agora havia uma chance de mudança. A chance de alguma coisa nova e desconhecida. Inevitavelmente, satisfeitos como havíamos vivido,

com esses dois homens sendo o centro de tudo, por tantos anos, desenvolveu-se uma certa frustração. Portanto, pode imaginar que, quando correu a notícia de que o estranho que se hospedava na casa da Senhora Roth era um violoncelista profissional, que tinha se apresentado com a Orquestra Sinfônica de Gothenburg, e fora várias vezes regido por Kazimierz Studzinski, bem, não foi pouca a excitação. Lembro-me de ter participado intensamente da recepção de boas-vindas ao Senhor Christoff. Lembro-me, entende?, de como foi e também de como ele era despretensioso no começo. Hoje, em uma percepção tardia, diria, até mesmo, que lhe faltava segurança. É bastante provável que lhe tenham acontecido alguns contratemplos antes de vir para cá. Mas nós o cumulamos de atenções exageradas, pressionamos para que desse opinião sobre tudo. Sim, foi assim que tudo começou. Lembro-me de pessoalmente ter ajudado a convencê-lo do primeiro recital. Ele estava genuinamente relutante.

E, seja como for, o primeiro recital, originalmente, se limitava a uma simples apresentação na casa da condessa. Só dois dias antes, quando ficou evidente o número de pessoas decididas a comparecer, que a condessa foi obrigada a transferir o local para a Galeria Holtmann. A partir de então, os recitais do Senhor Christoff — exigíamos, no mínimo, um a cada seis meses — aconteciam na sala de concerto, e se tornaram o principal tema de conversa, durante vários anos. Mas, no começo, ele se mostrou relutante. E não apenas nessa primeira vez. Durante os primeiros anos, tínhamos de estar sempre persuadindo-o. Depois, a aclamação, os aplausos, a bajulação, naturalmente fizeram o serviço, e logo o próprio Senhor Christoff se promovia e às suas idéias. "Desabrochei aqui", ouviu-se ele dizer muitas vezes, nessa época. "Desabrochei quando vim para

cá." Minha opinião é a de que fomos nós que o encorajamos. Agora, realmente sinto pena dele, embora me atreva a dizer que talvez seja a única pessoa na cidade a pensar dessa maneira. Como deve ter reparado, sentem muita raiva dele. Sou bastante realista acerca da situação, Senhor Ryder. Alguém deve ser implacável. Nossa cidade está à beira de uma crise. A miséria se propagou. Temos de estar dispostos a endireitar as coisas, e bem que podíamos começar pelo centro. Temos de ser implacáveis, e, por mais pena que sinta dele, percebo que não há nada a fazer quanto a isso. Ele e tudo que chegou a representar devem ser, agora, relegados a algum canto obscuro de nossa história.

Apesar de ter permanecido com o corpo ligeiramente voltado para ele, a fim de demonstrar que estava escutando, minha atenção estava dirigida ao filme. Clint Eastwood falava em um microfone com sua mulher, na Terra, e lágrimas corriam em sua face. Eu me dei conta de que nos aproximávamos da famosa cena na qual Yul Brynner entra no compartimento e testa a velocidade de Eastwood ao puxar a arma, batendo palmas na sua frente.

— Desculpe-me — disse eu —, mas há quanto tempo o Senhor Christoff chegou a esta cidade?

Fiz a pergunta sem refletir muito, com, pelo menos, a metade de minha atenção voltada para a tela. De fato, continuei assistindo ao filme por mais dois ou três minutos antes de me dar conta de que, atrás de mim, Pedersen estava com a cabeça baixa, profundamente envergonhado. Percebendo que eu voltara a olhar para ele, levantou os olhos e disse:

— Tem razão, Senhor Ryder. Toda razão em nos censurar. Dezesete anos e sete meses. É muito tempo. Um erro como o nosso poderia ser cometido em qualquer lugar, mas não corrigi-lo por tanto tempo? Entendo como devemos parecer a um estranho, a alguém como o senhor, e tenho de admitir que me sinto profundamente envergonhado. Não estou me justificando. Levamos uma eternidade para admitir nosso erro. Ou melhor, para enxergá-lo. Mas admiti-lo, até para nós mesmos, foi difícil e levou muito tempo. Mergulhamos fundo com o Senhor Christoff. Virtualmente todos os membros da câmara municipal o convidaram, ao mesmo tempo, para ir à sua casa. Sentava-se regularmente ao lado do Senhor Von Winterstein nos banquetes cívicos anuais. Sua fotografia foi a capa do almanaque anual da cidade. Ele escreveu a introdução do programa para a Exposição Roggenkamp. Houve outros fatos. As coisas foram ainda mais longe. Houve, por exemplo, o caso infeliz do Senhor Liebrich. Ah, desculpe, acho que localizei o Senhor Kollmann logo ali. — Esticou o pescoço novamente, olhando para os fundos do cinema. — Sim, é o Senhor Kollmann, e com ele, se não me engano, é difícil ver com esta luz, com ele está o Senhor Schaefer. Esses dois senhores compareceram à recepção de boas-vindas, hoje de manhã, e sei que ficariam encantados em conhecê-lo. Além do mais, a respeito do que comentávamos, estou certo de que ambos teriam muito a dizer. Será que se importaria de ir até lá e conhecê-los?

— Eu me sentiria honrado. Mas ainda agora ia me falar a respeito...

— Ah, sim, claro. O caso infeliz do Senhor Liebrich. Sabe, por muitos anos, antes da chegada do Senhor Christoff, o Senhor

Liebrich foi um de nossos professores de violino mais respeitados. Ensinava às crianças das melhores famílias. Era muito admirado. Então, perguntou-se ao Senhor Christoff, pouco depois de seu primeiro recital, qual sua opinião a respeito do Senhor Liebrich e ele declarou que não lhe dava importância alguma. Nem como músico, nem a seus métodos de ensino. Quando o Senhor Liebrich faleceu, há alguns anos, havia perdido virtualmente tudo. Os alunos, os amigos, seu lugar na sociedade. Este é apenas um caso que me veio à mente. Para chegar a admitir que nos enganamos por tanto tempo em relação ao Senhor Christoff, pode imaginar a gravidade de tudo isso? Sim, fomos fracos, admito. Tampouco fazíamos idéia de que as coisas atingiriam o nível atual de crise. As pessoas, em geral, parecem felizes. Passam-se os anos e, se algum de nós tem dúvidas, guarda-as para si mesmo. Mas não justifico nossa negligência, não, nem por um segundo. E eu, pela posição que ocupava na câmara na época, sei que sou tão culpado quanto qualquer outro. No final, e me sinto extremamente envergonhado em admiti-lo, no final foi o povo desta cidade, as pessoas comuns, que nos forçaram a encarar nossas responsabilidades. As pessoas comuns, cujas vidas, a esta altura, se tornam cada vez mais miseráveis, estavam no mínimo um passo à nossa frente. Lembro-me do exato momento em que isso me ocorreu pela primeira vez. Foi há três anos. Ia a pé para casa, depois do último recital do Senhor Christoff. Lembro-me de que apresentou *Grotesqueries for Cello and Three Flutes*, de Kazan. Ia apressado para casa, atravessando a escuridão do parque Liebmann, fazia muito frio, e o Senhor Kohler, o farmacêutico, alguns passos à minha frente. Sabia que ele também estivera presente ao concerto e o alcancei e começamos a conversar. De início, tomei cuidado em

guardar meus pensamentos para mim mesmo, mas acabei lhe perguntando se tinha gostado do recital. Sim, ele disse. Deve ter havido algo na maneira como respondeu, pois me lembro de que perguntei de novo alguns instantes depois. Dessa vez, o Senhor Kohler respondeu que sim, que tinha gostado, mas talvez a apresentação do Senhor Christoff tivesse sido um pouco funcional. Sim, ele usou a palavra "funcional". Como pode imaginar, refleti profundamente antes de tornar a falar. Por fim, decidi parar de me preocupar com o que dizer: — Senhor Kohler, concordo com o senhor. Senti uma certa aridez.

Ao que o Senhor Kohler observou que "frio" era a palavra que lhe tinha vindo à mente. Mas então chegávamos aos portões do parque. Desejamos boa-noite um ao outro e nos separamos. Eu me recordo de que mal dormi naquela noite, Senhor Ryder. Pessoas comuns, cidadãos decentes como o Senhor Kohler expressavam tais opiniões. Era claro que a falsa aparência não podia continuar por mais tempo. Era hora de nós, todos nós que ocupávamos uma posição de proeminência, enfrentar nosso erro, por mais graves que fossem as conseqüências. Ah, desculpe-me, definitivamente é o Senhor Schaefer que está sentado ao lado do Senhor Kollmann. Sei que esses dois senhores têm opiniões interessantes a respeito do que ocorreu. Sendo de uma geração anterior à minha, terão visto as coisas de um ângulo um pouco diferente. Além disso, sei como estavam ansiosos por conhecê-lo. Por favor, vamos até lá.

Pedersen levantou-se e observei sua figura curvada atravessando a fileira, pedindo licença. Ao alcançar o corredor, endireitou o corpo e acenou para mim. Apesar de estar exausto,

parecia que não me restava outra alternativa a não ser acompanhá-lo, e me levantei e me pus a passar pela fileira de poltronas, até alcançar o corredor. Ao fazer isso, notei que um humor quase festivo impregnava o cinema. Em todo canto, as pessoas trocavam piadas e pequenas observações, enquanto assistiam ao filme, e ninguém pareceu se incomodar com a minha passagem. Pelo contrário, pareciam afastar as pernas ou se levantar de um pulo animadamente.

Alguns chegaram a rolar para trás da cadeira, com os pés suspensos, dando gritinhos de prazer.

Tendo alcançado o corredor, Pedersen me conduziu à rampa atapetada. Em algum ponto, na altura das poltronas de trás, ele parou e, com um gesto da mão, disse:

— O senhor primeiro, Senhor Ryder.

Mais uma vez, me vi forçando passagem, agora com Pedersen logo atrás de mim, sussurrando desculpas em nosso nome. Não demorou e esbarramos com um grupo de homens amontoados. Precisei de um tempo para descobrir que se realizava um jogo de cartas, alguns participantes, na fila de trás, inclinavam-se para a frente, enquanto outros, na fila da frente, inclinavam-se para trás. Ao nos aproximarmos, olharam para cima, e, quando Pedersen me apresentou, todos se ergueram, ficando em uma posição metade em pé. Tornaram a se sentar somente quando eu já estava confortavelmente instalado no meio deles, e me vi apertando várias mãos que me eram estendidas no escuro.

O homem mais próximo vestia um terno de executivo, com o colarinho aberto e a gravata afrouxada. Cheirava a uísque e percebi que tinha dificuldades em me enfocar.

Seu companheiro, olhando por cima de seu ombro, era magro, com o rosto estranhamente coberto de sardas e parecia mais sóbrio, embora sua gravata também tivesse sido afrouxada. Antes de ter tempo de reparar nos outros, o homem bêbado apertou minha mão uma segunda vez, dizendo:

— Espero que esteja gostando do filme.

— Sim, muito. Na verdade, é um de meus favoritos.

— Ah, então, é uma sorte que o tenham passado hoje. Sim, eu também gosto deste filme. Um clássico. Senhor Ryder, gostaria de pegar essa mão? — mostrou as cartas.

— Não, obrigado. Por favor, não interrompam o jogo por minha causa.

— Eu estava dizendo ao Senhor Ryder — Pedersen falou atrás de mim — que a vida nesta cidade nem sempre foi como é hoje. Estou certo de que até mesmo vocês, que são mais jovens que eu, podem atestar...

— Ah, sim, os bons velhos tempos — o homem bêbado disse com ar sonhador. — Ah, sim, as coisas eram boas nos velhos tempos.

— Theo está pensando em Rosa Klenner — disse, atrás de mim, o homem sardento, fazendo com que todos rissem.

— Tolice — protestou o bêbado. — E pare de tentar me deixar embaraçado diante de visitante tão eminente.

— Oh, sim, oh, sim — prosseguiu seu amigo. — Naquele tempo este Theo aqui estava completamente apaixonado por Rosa Klenner. Quer dizer, pela atual Senhora Christoff.

— Nunca me apaixonei por ela. E, de qualquer forma, eu já estava casado na época.

— O que ainda é mais digno de pena. Ainda mais lamentável.

— Isso é um completo absurdo.

— Ainda me lembro, Theo — disse outra voz, da fileira de trás —, de que costumava nos aborrecer falando horas seguidas de Rosa Klenner.

— Naquele tempo, eu não conhecia sua verdadeira natureza.

— Foi justamente sua verdadeira natureza que o atraiu — prosseguiu a voz. — Sempre suspirou por mulheres que não olhariam para você nem por três segundos.

— Há uma certa verdade nisso — disse o homem sardento.

— Verdade nenhuma...

— Não, deixe-me explicar ao Senhor Ryder. — O homem sardento pôs a mão sobre o ombro de seu amigo bêbado e se inclinou para mim.

— A atual Senhora Christoff, ainda tendemos a chamá-la de Rosa Klenner, é uma garota daqui, uma de nós, criada conosco. Continua uma bela mulher, e, naquela época, bem, cativou-nos todos. Era muito bonita e muito distante. Trabalhava na Galeria Schlegel, que já foi fechada. Ficava lá, atrás da mesa, nada além de uma recepcionista. Trabalhava às terças e quintas...

— Terças e sextas — interrompeu o bêbado.

— Terças e sextas, desculpe. Naturalmente, Theo se lembra. Afinal, ele costumava ir à galeria, uma pequena sala branca, ele costumava passar por lá e fingir examinar os quadros expostos.

— Tolice...

— Você não era o único, era, Theo? Tinha um monte de rivais. Jürgen, Haase, Erich Brull. Até mesmo Even Heinz Wodak. Eram todos freqüentadores regulares.

— E Otto Roscher — disse Theo, com nostalgia. — Quase sempre estava lá.

— Verdade? Rosa tinha mesmo muitos admiradores.

— Nunca falei com ela — disse Theo. — Exceto uma vez, quando lhe pedi um catálogo.

— O que se tornou evidente a respeito de Rosa — prosseguiu o homem sardento —, desde que éramos adolescentes, foi que considerava todos os homens da cidade inferiores a ela. Desenvolveu a reputação de recusar as propostas das maneiras mais cruéis possíveis. Por isso, pobres almas, como a do Theo, muito

sensatamente nunca lhe dirigiram a palavra. Mas sempre que alguém com certa fama, um artista, um músico, um escritor, que alguém desse tipo passava pela cidade, ela o perseguia sem o menor constrangimento.

Estava sempre neste ou naquele comitê, o que significa que tinha acesso a virtualmente todas as celebridades que visitassem a cidade. Conseguia ir a todas as recepções e bastava meia hora em um evento para levar o visitante a um canto e ficar conversando com ele sem parar, olhando fixamente em seus olhos. Evidentemente, houve muita especulação, quer dizer, a respeito de sua conduta sexual, mas ninguém nunca pôde provar nada. Ela sempre foi muito esperta. Mas, se visse como se lançava às celebridades que nos visitavam, não poderia ter dúvidas de que manteve relações com pelo menos algumas delas. Certamente, encantou a muitas, era extremamente atraente. Mas os homens locais, sequer os olhava.

— Hans Jongboed sempre alegou ter tido um breve caso com ela — declarou o homem chamado Theo. Isso provocou muitas risadas e várias vozes repetiram derrisoriamente: — Hans Jongboed!

Pedersen, no entanto, agitou-se pouco à vontade.

— Senhores — começou ele —, o Senhor Ryder e eu estávamos falando...

— Nunca falei com ela, a não ser naquela vez. Para pedir o catálogo.

— Ah, não importa, Theo. — O homem sardento deu uns tapinhas nas costas do amigo, fazendo com que este se curvasse um pouco.

— Não tem importância. Veja só o que ela está passando agora.

Theo parecia perdido em pensamentos.

— Ela era assim em relação a tudo — disse ele. — Não apenas em relação ao amor. Só tinha tempo para os membros do círculo artístico, e a verdadeira elite. De outra maneira, não se conseguia a menor consideração de sua parte. A cidade não gostava dela. Muito antes de ela se casar com Christoff, já não gostavam dela.

— Se não fosse tão bonita — o homem sardento disse para mim —, seria odiada universalmente. Mas, como era, havia sempre homens, como Theo, dispostos a se deixar enfeitiçar. Seja como for, Christoff chegou à cidade. Um violoncelista profissional, e com um nobre currículo! Rosa o atacou sem o menor acanhamento. Parecia não estar ligando para o que pudéssemos pensar. Sabia o que queria e foi atrás impiedosamente. Era admirável de um modo estarrecedor. Christoff ficou encantado e se casaram durante seu primeiro ano aqui. Christoff era o que ela havia esperado por todo esse tempo. Bem, espero que tenha valido a pena. Há dezesseis anos é sua mulher. Não foi tão mal. Mas, e agora? Ele está acabado. O que ela vai fazer agora?

— Não vai nem mesmo conseguir emprego em uma galeria disse Theo. — Ela nos magoou excessivamente ao longo dos

anos. Feriu nosso orgulho. Está tão acabada na cidade quanto ele.

— Uma escola de pensamento declara — disse o homem sardento — que Rosa partirá da cidade com Christoff, e não o abandonará até que estejam bem estabelecidos em algum lugar. Mas o Senhor Dremmler — indicou alguém na fila da frente — está convencido de que ela ficará aqui.

O homem na fila da frente virou-se ao ouvir seu nome. Evidentemente, estivera escutando a discussão, pois disse com uma certa autoridade:

— O que não podem esquecer a respeito de Rosa Klenner é que ela tem um lado realmente muito tímido. Cursei a escola com ela, estávamos no mesmo ano. Sempre teve esse lado, essa característica, e essa é a sua maldição. Esta cidade não é boa o suficiente para ela, mas é muito medrosa para partir. Podem observar que, com toda a sua ambição, nunca tentou partir. Muita gente não repara nesse lado acanhado, mas ele existe. Por isso aposto que vai ficar. Ficará e tentará a sorte mais uma vez aqui mesmo. Vai esperar fisgar outra celebridade que passar pela cidade. Afinal, ainda é uma mulher muito bonita para sua idade.

Uma voz alta e esganiçada disse de algum lugar próximo:

— Talvez ela goste do Brodsky.

Isso provocou uma explosão de gargalhadas ainda mais forte.

— É perfeitamente possível -prosseguiu a voz, em tom de mofa.

— Está bem, ele é velho, mas ela já não é tão jovem. E quem mais haveria para se unir a ela? — Novamente desataram a rir, estimulando o interlocutor.

— De fato, Brodsky é o melhor partido. Vou recomendá-lo. Qualquer coisa bastará para que todo o ressentimento da cidade em relação a Christoff seja dirigido a ela. Mas caso se torne a amante de Brodsky, ou até mesmo sua esposa, ah, de longe seria a melhor maneira de apagar sua conexão com Christoff. O que significa que poderia simplesmente manter... sua posição atual.

A essa altura, todos davam gargalhadas, com pessoas, três filas adiante, se virando e manifestando sua hilaridade. Ao meu lado, Pedersen pigarreou.

— Senhores, por favor — disse ele. — Estou decepcionado. O que o Senhor Ryder vai pensar de tudo isso? Continuam a julgar o Senhor Brodsky, Senhor Brodsky, por favor, continuam a pensar nele da forma antiga. Estão parecendo uns tolos. O Senhor Brodsky não é mais motivo de riso. O que quer que pensem sobre a declaração do Senhor Schmidt a respeito do Senhor Christoff, o Senhor Brodsky não é, em hipótese alguma, uma opção divertida...

— Foi muito gentil vindo à nossa cidade, Senhor Ryder — Theo interrompeu. — Mas é tarde demais. As coisas chegaram a tal ponto que simplesmente é tarde demais...

— Isso é besteira, Theo — disse Pedersen. — Atravessamos um momento decisivo, um período muito importante. O Senhor Ryder veio para nos dizer isso. Não é?

— Sim...

— É tarde demais. Nós perdemos. Por que não nos conformamos em ser apenas mais uma cidade fria e solitária? Outras cidades se resignaram. Pelo menos, nos moveremos a favor da maré. A alma desta cidade não está doente, Senhor Ryder. Está morta. Agora é tarde demais. Dez anos atrás, quem sabe? Ainda havia uma chance, mas não agora.

— Senhor Pedersen — o homem bêbado apontou molemente para meu companheiro —, o senhor mesmo. Era o senhor e o Senhor Thomas. E o Senhor Stika. Todos pessoas respeitáveis. Todos vocês prevaricavam...

— Não vamos recomeçar com isso, Theo — interferiu o homem sardento. — O Senhor Pedersen tem razão. Ainda não é hora para essa resignação. Descobrimos o Brodsky, o Senhor Brodsky, e pelo que sabemos, talvez ele seja...

— Brodsky, Brodsky. É tarde demais. Fomos muito afetados. Sejamos apenas uma fria cidade moderna e nos conformemos.

Senti a mão de Pedersen em meu ombro.

— Senhor Ryder, sinto muito...

— O senhor prevaricava! Dezessete anos. Por dezessete anos, permitiram que Christoff agisse a seu bel-prazer, sem ser contestado. E, agora, o que nos oferecem? Brodsky! Senhor Ryder, é tarde demais.

— Lamento muito, muito mesmo — disse-me Pedersen —, que tenha ouvido esse tipo de coisa.

Alguém atrás de nós disse:

— Theo, você está apenas bêbado e deprimido. Amanhã de manhã terá de procurar o Senhor Ryder e lhe pedir desculpas.

— Bem — eu disse —, me interessa ouvir todos os lados da questão...

— Mas não há lado algum! — protestou Pedersen. — Asseguro-lhe, Senhor Ryder, que os sentimentos de Theo não traduzem em nada o que as pessoas daqui estão sentindo. Em toda parte, nas ruas, nos ônibus, percebo um sentimento intenso, um sentimento de otimismo.

Isso provocou um murmúrio de aprovação geral.

— Não acredite nisso, Senhor Ryder — disse Theo, agarrando a manga de minha camisa. — Veio para cumprir uma missão tola. Vamos colher algumas opiniões aqui, neste cinema.

Vamos perguntar a algumas pessoas...

— Senhor Ryder — disse rapidamente Pedersen —, estou indo para casa me deitar. É um filme maravilhoso, mas já o assisti

muitas vezes. E o senhor deve estar ficando cansado.

— De fato, estou realmente muito cansado. Sairei com o senhor, se me permite. — Então, me virando, disse aos outros: — Desculpem-me, senhores, mas acho que retornarei ao hotel.

— Mas, Senhor Ryder — disse o homem sardento, com um tom preocupado —, não se vá ainda, por favor. Deve ficar, pelo menos até o astronauta desmontar HAL.

— Senhor Ryder — disse uma voz, em uma fileira mais abaixo —, talvez queira pegar meu lugar. Já joguei o bastante por esta noite. E é sempre tão difícil enxergar as cartas com esta luz. Minha vista já não é a mesma.

— O senhor é muito gentil, mas realmente tenho de ir. Estava para desejar boa-noite a todos quando Pedersen se pôs de pé e começou a abrir caminho. Segui atrás dele, acenando para o grupo. Pedersen estava nitidamente chateado com o que tinha acontecido, pois quando alcançamos o corredor, continuou andando em silêncio, com a cabeça baixa. Ao deixarmos a sala, lancei um último olhar para a tela e vi Clint Eastwood se preparando para desmontar HAL, examinando cuidadosamente sua gigantesca chave de fenda.

Lá fora, a noite — o silêncio mortal, o frio, a névoa espessa contrastava de tal forma com o rebuliço no cinema, que nós dois fizemos uma pausa na calçada, como se para nos reorientarmos.

— Senhor Ryder, não sei o que dizer. Theo é um excelente sujeito, mas, às vezes, depois de um bom jantar... — Abanou a cabeça desanimado.

— Não se preocupe. Pessoas que trabalham muito têm de relaxar. Gostei muito da noite.

— Sinto-me profundamente envergonhado...

— Por favor, vamos esquecer isso. Eu me diverti muito, realmente.

Começamos a andar, nossos passos ecoando na rua vazia. Por um certo tempo, Pedersen se manteve absorto, em silêncio. Depois, disse:

— Tem de acreditar. Nunca subestimamos as dificuldades em apresentar tal idéia à comunidade. Quer dizer, essa idéia a respeito do Senhor Brodsky. Posso lhe assegurar que tratamos de tudo com muita cautela.

— Sim, estou certo de que sim.

— No começo, tomamos muito cuidado até mesmo com quem comentar a idéia. Era vital que, nos primeiros estágios, somente os mais simpatizantes tomassem conhecimento dela. Depois, por meio dessas pessoas, permitimos que a coisa fosse filtrada lentamente no público em geral. Desse modo, garantimos que a noção fosse apresentada da maneira mais positiva. Ao mesmo tempo, tomamos outras medidas. Por exemplo, oferecemos uma série de jantares em homenagem ao Senhor Brodsky, ao qual

convidamos pessoas selecionadas cuidadosamente em nossas classes mais altas. No começo, esses jantares eram restritos e virtualmente secretos, mas, gradualmente, fomos capazes de estender nossa rede cada vez mais, conquistando cada vez mais apoio à nossa posição. Além disso, em qualquer evento público importante, nos assegurávamos de que o Senhor Brodsky fosse visto no meio de pessoas eminentes. Quando o Bale de Pequim esteve aqui, por exemplo, nós o colocamos sentado no mesmo camarote do Senhor e Senhora Weiss.

Depois, evidentemente, no nível pessoal, fizemos questão de quando nos referíssemos a ele, empregar o tom mais respeitoso. Trabalhamos nisso com afinco durante dois anos, e, em geral, ficamos muito satisfeitos com o resultado. Sua imagem estava definitivamente se modificando. A tal ponto que julgamos estar na hora de dar o passo vital.

Por isso o que aconteceu foi tão desanimador. Aqueles senhores eram justamente os que deveriam dar o exemplo. Se eles regridem a uma atitude como essa toda vez que relaxam um pouco, como esperar que o povo em geral... — Ele fez uma pausa e abanou de novo a cabeça. — Estou decepcionado. Por mim e pelo senhor.

Ficou novamente em silêncio. Depois de ficarmos sem falar por um certo tempo, eu disse com um suspiro:

— Nunca é fácil modificar a opinião pública.

Pedersen permaneceu em silêncio por mais algum tempo e, depois, disse:

— Precisa levar em consideração nosso ponto de partida. Se encarar a questão a partir de nosso ponto de vista, se considerar nosso ponto de partida, então, acho que verá que fizemos um progresso considerável. Tem de entender, Senhor Ryder, que o Senhor Brodsky vive aqui conosco há muito tempo, e em todos estes anos nunca ninguém o ouviu falar a respeito nem permitiram que tocasse qualquer música. Sim, todos soubemos vagamente que ele já havia sido um maestro em seu país. Mas, entenda, como nunca vimos nada desse seu lado, nunca pensamos nele dessa maneira. De fato, para ser franco, até recentemente, o Senhor Brodsky só era notado quando ficava muito embriagado e cambaleava pela cidade gritando. O resto do tempo, era apenas um recluso que vivia com seu cachorro na rodovia norte. Bem, isso não é totalmente verdade, também era visto regularmente na biblioteca. Duas ou três manhãs por semana ia à biblioteca, sentava-se sempre no mesmo lugar, sob as janelas, e amarrava o cachorro no pé da mesa. É contra as normas permitir a entrada de cachorros, mas os bibliotecários, há muito tempo, decidiram que o mais simples a fazer era permitir que o levasse.

Muito mais simples que desencadear uma briga com o Senhor Brodsky. Desse modo, era possível, às vezes, vê-lo lá, o cachorro a seus pés, folheando uma pilha de livros, sempre os mesmos volumes de história, de estilo empolado. E se alguém na sala começasse uma conversa, por mais breve e sussurrada que fosse, até mesmo simplesmente cumprimentar um ao outro, ele se levantava e berrava com o culpado. Teoricamente, é claro, era seu direito. Mas, até então, nunca havíamos sido tão severos em relação ao silêncio em nossa biblioteca. Afinal, as pessoas gostam de falar

um pouco quando se encontram, como em qualquer outro local público. E quando se pensa que o próprio Senhor Brodsky desobedecia às normas levando seu cachorro, não é de admirar que julgassem seu comportamento nada razoável.

Mas, de vez em quando, em certas manhãs, um humor particular o invadia. Ficava ali, lendo à mesa e, então, aquele olhar desesperançado o dominava. Seria visto sentado, olhando o vazio, às vezes, com lágrimas jorrando de seus olhos. Quando isso acontecia, as pessoas sabiam que não havia problema em conversarem. Geralmente, alguém testava antes. E se o Senhor Brodsky não reagisse, então, rapidamente, a sala toda começava a conversar. Às vezes, as pessoas são tão perversas! Nessas ocasiões, a biblioteca se torna mais ruidosa do que em qualquer hora em que o Senhor Brodsky não esteja presente. Lembro-me de uma manhã em que fui devolver um livro e o lugar parecia uma estação de trem. Tive de virtualmente gritar para ser ouvido pela recepção. E lá estava o Senhor Brodsky, muito quieto no meio disso tudo, em um mundo só seu. Tenho de admitir que era uma visão triste. A luz da manhã o fazia parecer muito frágil. Havia uma gotinha na ponta de seu nariz, seu olhar parecia tão distante, e ele como que tinha quase se esquecido do livro que segurava. E me ocorreu que era um tanto cruel a maneira como a atmosfera se alterava. Era como se estivessem se aproveitando dele, embora não tenha certeza de que fosse assim. Mas, entende?, em outra manhã, ele seria totalmente capaz de silenciá-los todos em um instante.

Bem, seja como for, Senhor Ryder, o que estou tentando dizer é que há anos esse tem sido o Senhor Brodsky para nós.

Presumo que seja demais esperar que as pessoas mudem completamente de opinião a seu respeito em, relativamente, tão pouco tempo. Conseguiu-se um progresso considerável, mas como acabou de ver... — Novamente, pareceu tomado pela exasperação. — Mas eles deviam saber... — murmurou para si mesmo.

Demos uma parada no cruzamento. A neblina havia se tornado mais densa e fiquei desorientado. Pedersen olhou ao redor, depois, recomeçou a andar, conduzindo-me por uma rua estreita com filas de carros estacionados na calçada.

— Eu o levarei ao hotel, Senhor Ryder. Posso ir para casa por aqui, tanto faz. Está satisfeito com o hotel?

— Oh, sim, é muito bom.

— O Senhor Hoffman dirige um ótimo estabelecimento. É um gerente excelente e um excelente sujeito. É claro que, como sabe, é ao Senhor Hoffman que devemos agradecer a... bem, a recuperação do Senhor Brodsky.

— Ah, sim, claro.

Por um certo tempo, as filas de carros nas calçadas nos obrigaram a andar em fila indiana. Então, nos deslocamos para o meio da rua, e, quando me emparelhei com ele, percebi que seu humor se abrandara. Ele sorriu e disse:

— Creio que, amanhã, o senhor irá à casa da condessa para escutar os discos. Sei que o nosso prefeito, o Senhor Von Winterstein, pretende ir ao seu encontro. Está muito entusiasmado

em poder estar a sós com o senhor e discutir algumas questões. Mas o principal, naturalmente, são os discos. Extraordinários!

— Sim, estou ansioso para escutá-los.

— A condessa é uma mulher notável. Várias vezes demonstrou uma dimensão de pensamento tal que nos envergonhamos de nós mesmos. Perguntei-lhe mais de uma vez o que poderia ter-lhe sugerido essa idéia. "Um palpite", responde sempre. "Acordei certa manhã com esse pressentimento." Que mulher! Não deve ter sido nada fácil obter esses discos antigos. Mas ela conseguiu por meio de um especialista, comerciante em Berlim. Evidentemente, o resto de nós não conhecia sua intenção na época, e me atrevo a dizer que, se conhecêssemos, teríamos rido da idéia. Então, certo final de tarde, ela nos reuniu em sua residência. Uma tarde muito agradável, ensolarada, há exatamente dois anos, completados no mês passado. Assim, lá estávamos nós, éramos onze, reunidos em sua sala de estar, nenhum de nós sabendo o que esperar. Ela serviu refrigerantes e alguns petiscos, e, quase que imediatamente após, começou a falar. Havíamos nos preocupado com ninharias durante tempo demais, ela disse.

Estava na hora de agir. Na hora de admitirmos como estávamos nos orientando de maneira errada e tomar algumas medidas positivas para reparar o dano da melhor forma possível. De outra maneira, nossos netos, os filhos de nossos netos, nunca nos perdoariam. Bem, nada disso era novidade. À essa altura, há meses repetíamos essa sensação um para o outro e todos concordamos com a cabeça e fizemos os ruídos habituais. Mas, então, a condessa prosseguiu. No que dizia respeito ao Senhor Christoff, ela disse, seria

necessário mais um pequeno ato. Ele estava agora completamente desmoralizado em todas as esferas, na cidade toda. Mas só isso não era suficiente para inverter a espiral de miséria que adquiria um ímpeto cada vez maior no coração da comunidade. Tínhamos de criar, de alguma forma, um novo estado de espírito, uma nova era. Todos assentimos com a cabeça, mas, por sua vez, Senhor Ryder, eram opiniões que havíamos trocado várias vezes antes. Creio que o próprio Senhor Von Winterstein expressou isso, mas de uma forma mais cortês. Foi quando a condessa se pôs a revelar o que tinha em mente.

Declarou que a solução possivelmente havia estado entre nós o tempo todo. Prosseguiu explicando-se melhor e, bem, de início, mal acreditamos no que ouvimos. O Senhor Brodsky? O da biblioteca e da bebedeira? Estava falando sério ao se referir ao Senhor Brodsky? Se fosse qualquer outra pessoa e não a condessa, com certeza todos teríamos caído na risada.

Mas a condessa, eu me lembro, se manteve muito segura de si. Disse para todos ficarmos à vontade, que queria que escutássemos um pouco de música. Que escutássemos atentamente. Então, colocou esses discos para tocar, um atrás do outro. Ficamos ali, escutando, lá fora, o sol se pondo. A qualidade da gravação era pobre. Sua vitrola estéreo, como verá amanhã, é um aparelho um tanto antiquado. Mas isso não fez diferença. Em minutos, a música nos enfeitiçou, nos acalmou, fazendo com que fôssemos tomados por um estado de espírito profundamente tranqüilo. Alguns de nós tinham lágrimas nos olhos. Nós nos dávamos conta de que estávamos escutando algo que, tão

dolorosamente, havíamos perdido ao longo dos anos. De repente, pareceu mais incompreensível do que nunca termos chegado a exaltar alguém como o Senhor Christoff.

Lá estávamos nós, escutando, novamente, a verdadeira música. O trabalho de um regente que, além de extremamente talentoso, compartilhava nossos valores. Então, a música cessou, nos levantamos e esticamos as pernas, escutávamos há mais de três horas. E, depois, bem, a idéia do Senhor Brodsky, logo o Senhor Brodsky!, nos pareceu tão absurda quanto sempre. Os discos eram muito antigos, salientamos. E o Senhor Brodsky, por razões que ele mesmo conhecia melhor do que qualquer um, havia abandonado a música há muito tempo. Além do mais, tinha seus... seus problemas. Era praticamente impossível afirmar que era a mesma pessoa. Logo, estávamos todos balançando a cabeça em sinal de descrédito. Mas, então, a condessa tornou a falar. Aproximávamo-nos de um ponto crítico. Precisávamos manter a mente aberta. Devíamos procurar o Senhor Brodsky, conversar com ele, verificar seu estado atual. Obviamente, nenhum de nós precisava ser lembrado da urgência da situação. Cada um podia relatar minuciosamente dezenas de casos. De vidas arruinadas pela solidão. De famílias desesperadas por não redescobrirem a felicidade que já havia sido coisa certa em suas vidas. Foi nesse ponto que o Senhor Hoffman, o gerente do hotel, de repente pigarreou e declarou que cuidaria do Senhor Brodsky. Trataria disso pessoalmente. Disse isso de modo extremamente solene, chegou a se levantar para falar. Ele se incumbiria de avaliar a situação, e, se houvesse qualquer esperança de reabilitar o Senhor Brodsky, então ele, o Senhor Hoffman, se encarregaria pessoalmente. Se lhe confiássemos essa tarefa, prometia não

decepcionar a comunidade. Isso foi, como eu já disse, há mais de dois anos. Desde então, temos observado com espanto a dedicação com a qual o Senhor Hoffman tem cumprido sua promessa. O progresso, em geral, embora nem sempre regular, tem sido notável. E, hoje, o Senhor Brodsky está, ou melhor, foi levado a tomar consciência de seu estado atual. De tal modo que achamos que não deveríamos esperar mais para dar o passo crucial. Afinal, até agora, simplesmente apresentamos o Senhor Brodsky sob um prisma melhor. Chega-se a um ponto em que as pessoas desta cidade têm de julgar por si mesmas. Bem, até agora, tudo indica que não fomos excessivamente ambiciosos. O Senhor Brodsky tem ensaiado regularmente e, pelo que se sabe, conquistou o total respeito da orquestra. Pode ser que já tenham se passado muitos anos desde sua última apresentação em público, mas parece que pouco foi perdido.

A paixão, a visão sutil que experimentamos naquela tarde, na sala da condessa, estava adormecida em algum lugar bem no fundo, e, agora, foi despertada definitivamente.

Sim, estamos totalmente confiantes de que ele nos deixará orgulhosos na noite de quinta-feira. Entrementes, de nossa parte, fizemos tudo que estava ao nosso alcance para garantir o sucesso da noite. A Orquestra da Fundação Stuttgart Nagel, como sabe, talvez não pertença ao rol das principais, mas é muito respeitada. Seu trabalho não é barato. Entretanto, nenhuma voz discordante se levantou contra o fato de a contratarmos para a mais importante das ocasiões, nem contra o período envolvido.

No começo, calcularam-se duas semanas para os ensaios, mas, no final, com total apoio do Comitê de Finanças, estendemos para três semanas. Três semanas de hospedagem a uma orquestra, além dos honorários, não é uma responsabilidade pequena, como pode ver. Mas não houve a menor manifestação de oposição. Hoje, todos os membros da câmara compreendem a importância da noite de quinta-feira. Todos entendem que deve ser dada a chance ao Senhor Brodsky.

Com tudo isso — Pedersen, subitamente, deu um suspiro —, com tudo isso, como o senhor mesmo viu esta noite, idéias velhas e arraigadas são difíceis de serem extintas. É precisamente por isso que sua ajuda, Senhor Ryder, o fato de ter concordado em vir à nossa cidade, pode ser absolutamente crucial para nós. As pessoas o ouvirão como nunca ouviriam um de nós. De fato, posso afirmar que a disposição de ânimo na cidade se alterou simplesmente com a notícia de sua chegada. Uma grande expectativa está se criando em torno do que nos dirá na noite de quinta-feira.

Nos bondes, nos cafés, as pessoas só falam disso. É claro que não sei o que preparou para nós. Talvez tenha tomado cuidado em não pintar um quadro muito cor-de-rosa.

Talvez nos alerte para o trabalho árduo que teremos pela frente, se perseverarmos na redescoberta da antiga felicidade. Terá razão em nos alertar. Mas também sei com que habilidade invocará o lado positivo, o espírito público do ouvinte. Uma coisa é certa. Quando terminar seu discurso, ninguém mais nesta cidade tornará a olhar o Senhor Brodsky como um velho bêbado e esfarrapado, como

costumavam fazer. Ah, posso perceber sua expressão preocupada, Senhor Ryder. Por favor, não se preocupe. Podemos parecer uma cidade atrasada, mas há certas ocasiões em que nos destacamos. O Senhor Hoffman, particularmente, tem trabalhado com afinco para organizar uma noite realmente majestosa.

Pode ficar certo de que todos os cidadãos, de todas as classes sociais, comparecerão. E quanto ao Senhor Brodsky, como eu já disse, tenho certeza de que não nos desapontará. Ultrapassará todas as expectativas, tenho certeza.

De fato, a expressão em meu rosto, notada por Pedersen, não tinha tanto a ver com "preocupação" quanto com a irritação cada vez maior que sentia comigo mesmo. A verdade era que meu discurso iminente para esta cidade estava longe de estar pronto, ainda tinha de completar até mesmo a pesquisa de base. Não conseguia entender como, com toda minha experiência, havia deixado a situação chegar a esse ponto. Lembrava-me de como nesta mesma tarde, no elegante átrio do hotel, tomando o café forte e amargo, confirmara para mim mesmo a importância de planejar o resto do dia com atenção, de modo a empregar o tempo limitado da melhor forma possível. Ali, sentado, observando a fonte enevoada no espelho atrás do balcão, tinha chegado a me imaginar em uma situação não muito diferente da que acabara de experimentar no cinema, causando uma forte impressão no grupo com minha cômoda autoridade a respeito da série de questões locais. Produziria, no mínimo, um dito espirituoso, espontâneo, à custa de Christoff, memorável o bastante para ser citado por toda a cidade no dia seguinte. Mas, em vez disso, permiti ser desviado para outros

assuntos, o que resultou, durante minha permanência no cinema, em ter sido incapaz de expressar um único comentário digno de nota. Era até mesmo possível que eu tivesse dado a impressão de não ser muito cortês. De repente, voltei a sentir uma profunda irritação em relação a Sophie pelo caos que tinha causado e pela maneira como tinha me obrigado a comprometer tão completamente minha conduta habitual.

Demos outra parada e percebi que estávamos diante do hotel.

— Bem, foi um grande prazer — disse Pedersen, me estendendo a mão. — Espero desfrutar mais sua companhia nos próximos dias. Mas, agora, deve descansar um pouco.

Agradei, desejei uma boa-noite e penetrei no saguão, enquanto, gradativamente, na escuridão, seus passos deixavam de ser ouvidos. O jovem recepcionista continuava de serviço.

— Espero que tenha gostado do filme — disse ele, entregando-me a chave.

— Sim, gostei muito. Obrigado pela sugestão. Foi muito relaxante.

— Sim, muitos hóspedes acham que essa é uma boa maneira de terminar o dia. Ah, Gustav disse que Boris ficou muito feliz com o quarto e foi dormir imediatamente.

— Ah, ótimo.

Desejei-lhe boa noite e me dirigi rapidamente ao elevador.

Cheguei ao apartamento me sentindo imundo depois de um longo dia e, vestindo o quimono, comecei a preparar um banho. Mas então, quando examinava o banheiro, fui tomado por uma exaustão extrema, de modo que tudo que virtualmente consegui fazer foi cambalear de volta e cair na cama, mergulhando imediatamente em um sono profundo.

10

Não cheguei a dormir por muito tempo e o telefone já tocava no meu ouvido. Deixei-o tocar por um tempo, e, então, finalmente, sentei-me na cama e atendi.

— Ah, Senhor Ryder? Sou eu, Hoffman.

Fiquei esperando que explicasse por que me perturbava, mas o gerente não prosseguiu. Houve um silêncio incômodo e, então, ele repetiu:

— Sou eu, Hoffman. — Houve outra pausa, depois ele disse:

— Estou aqui embaixo, no saguão.

— Oh, sim.

— Desculpe, Senhor Ryder, talvez esteja ocupado.

— Na verdade, estava apenas tirando um cochilo.

A observação pareceu desorientá-lo, pois se seguiu outro silêncio. Rapidamente, dei uma risada e disse:

— O que quis dizer é que estava, que, de certo modo, estava deitado. Naturalmente não terei um sono completo até... até que todos os negócios do dia estejam concluídos.

— Ótimo, ótimo — disse Hoffman, aliviado. — Apenas recuperando o fôlego, por assim dizer. É muito compreensível. Bem, de qualquer modo, ficarei aqui, esperando pelo senhor.

Desliguei o telefone e me sentei na cama, pensando no que fazer. Continuava a me sentir exausto — não devia ter dormido por mais de alguns minutos —, tentando simplesmente esquecer o assunto e voltar a dormir. Mas acabei percebendo a impossibilidade de fazer isso e me levantei.

Eu me dei conta de que dormira de quimono, e ia tirá-lo para me vestir quando me ocorreu que podia descer e lidar com Hoffman assim mesmo. Afinal, a essa hora da noite, era improvável que cruzasse com alguém além dele e do recepcionista, e descer vestido assim salientaria, sutil mas claramente, a hora tardia e o fato de ele estar interrompendo meu sono. Saí para o corredor e me dirigi ao elevador, sem me sentir nem um pouco incomodado.

Pelo menos no começo o quimono pareceu causar o impacto esperado, pois as primeiras palavras de Hoffman quando penetrei no saguão foram:

— Lamento ter perturbado seu repouso, Senhor Ryder. A viagem tão longa deve ter sido muito cansativa.

Não procurei ocultar minha exaustão. Passando a mão pelo cabelo, disse:

— Está tudo bem, Senhor Hoffman. Mas espero que o assunto não leve muito tempo. De fato, estou me sentindo muito cansado.

— Não, não vai demorar, em absoluto.

— Ótimo.

Notei que Hoffman usava uma capa de chuva e, por baixo, um traje a rigor, com a faixa do smoking e uma gravata-borboleta.

— Certamente, deve ter ouvido as más notícias — disse ele.

— Más notícias?

— Sim, más notícias, porém, permita-me dizer, estou confiante, muito confiante, não vai dar em nada sério. E antes de a noite terminar, sei que também estará convencido disso, Senhor Ryder.

— Estou certo de que sim — eu disse, assentindo com a cabeça de modo tranquilizador. Então, após algum tempo, decidi que a situação era irremediável e perguntei diretamente: — Desculpe, Senhor Hoffman, mas a que más notícias está se referindo? Têm havido tantas más notícias ultimamente.

Olhou-me alarmado:

— Tantas más notícias?

Dei uma gargalhada.

— Falo da luta na África e assim por diante. Más notícias por toda parte. — E dei outra risada.

— Oh, entendo. Naturalmente estava me referindo às más notícias em relação ao cachorro do Senhor Brodsky.

— Ah, sim, o cachorro do Senhor Brodsky.

— Todos concordam que foi infelizmente. O momento foi infelizmente. Tomam-se todos os cuidados possíveis para que, então, aconteça uma coisa dessa! — Solto um suspiro exasperado.

— Sim, é terrível. Terrível.

— Mas, como eu já disse, estou confiante. Sim, confiante de que não causará um retrocesso significativo. Bem, agora, sugiro que saiamos imediatamente. Na verdade, pensando bem, o senhor tinha toda razão, Senhor Ryder. Esta é a melhor hora para partir. Não chegaremos nem muito cedo, nem muito tarde. Tem razão, tem-se de lidar com essas coisas calmamente. Não entrar nunca em pânico. Bem, senhor, vamos.

— É que... Senhor Hoffman, acho que me enganei de traje para a ocasião. Talvez possa me dar alguns minutos para eu subir e mudar de roupa.

— Oh — Hoffman lançou-me um olhar rápido —, o senhor está esplêndido, Senhor Ryder. Por favor, não se preocupe. Agora —

olhou ansiosamente para o relógio —, sugiro que nos ponhamos a caminho. Sim, esta é a hora perfeita. Por favor.

Lá fora, a noite estava escura e a chuva caía com constância. Segui Hoffman ao redor do edifício do hotel. Descemos uma pista e chegamos a um pequeno estacionamento ao ar livre, contendo cinco ou seis carros. Havia uma lâmpada solitária presa a um poste, através da qual pude divisar grandes poças d'água à minha frente.

Hoffman atravessou correndo na direção de um carro preto e abriu a porta de passageiros. Ao me dirigir para lá, senti a umidade se infiltrar nas minhas pantufas.

No momento em que entrava no carro, um pé afundou em uma poça, ficando completamente encharcado.

Soltei uma exclamação, mas Hoffman já dava a volta, indo para o seu lado apressado.

Hoffman dirigiu para fora do estacionamento, enquanto eu fazia o que podia para secar o pé no carpete macio. Quando ergui os olhos, já estávamos na estrada principal e me surpreendi ao ver como o trânsito se tornara intenso. Além do mais, várias lojas e restaurantes haviam despertado e uma multidão de clientes agitava-se no interior das janelas iluminadas. Ao prosseguirmos, o trânsito tornou-se cada vez mais intenso, até que, próximo ao coração da cidade, ficamos completamente imobilizados entre três faixas de carros. Hoffman consultou o relógio e, então, bateu com a mão no volante, frustrado.

— Que falta de sorte — disse eu, solidário. — E quando eu estava na rua, não faz muito tempo, a cidade toda parecia adormecida.

Ele pareceu muito absorto e disse com a mente ausente:

— O trânsito nesta cidade está ficando cada vez pior. Não sei qual seria a solução. — Bateu novamente no volante.

Durante os próximos minutos, enquanto avançávamos lentamente, ficamos em silêncio. Então, Hoffman disse calmamente:

— O Senhor Ryder estava viajando.

Pensei ter ouvido mal, mas depois ele repetiu, dessa vez com um ligeiro aceno da mão, e percebi que ensaiava o que diria quando chegássemos, para explicar nosso atraso.

— O Senhor Ryder estava viajando. O Senhor Ryder... estava viajando. Enquanto prosseguíamos através do trânsito denso àquela hora da noite, Hoffman, ocasionalmente, dizia coisas a meia voz, a maioria das quais não consegui entender. Ele penetrara em um mundo só seu e parecia ficar cada vez mais tenso. Certa vez, depois de não termos conseguido ultrapassar o sinal verde a tempo, ouvi-o murmurar: "Não, não, Senhor Brodsky! Ele era magnífico, uma criatura magnífica!"

Então, por fim, fizemos uma curva e nos vimos saindo da cidade. Pouco depois, os edifícios desapareceram e rodávamos por uma estrada comprida com espaços abertos e escuros — talvez terras cultivadas — nos dois lados. O trânsito foi ficando mais leve,

permitindo que o carro aumentasse a velocidade. Percebi que Hoffman relaxava visivelmente, e quando tornou a se dirigir a mim, havia recuperado grande parte de sua polidez.

— Diga-me, Senhor Ryder. No hotel, está tudo conforme queria?

— Oh, sim, está tudo ótimo, obrigado.

— Está satisfeito com o quarto?

— Oh, sim, sim.

— Sua cama é confortável?

— Muito confortável.

— Estou perguntando porque nos orgulhamos de nossas camas. Renovamos os colchões com muita freqüência. Nenhum outro hotel da cidade troca tanto de colchões como nós. Afirmo isso com toda segurança. Muitos dos nossos chamados rivais consideram os colchões que jogamos fora aproveitáveis ainda por muitos anos mais. Sabia, Senhor Ryder, que, se estendêssemos ao comprido, de ponta a ponta, todos os colchões que jogamos fora durante cinco anos fiscais, seria possível traçar uma linha ao longo da avenida principal, começando na câmara municipal, seguindo direto para a fonte, dobrando a esquina da Sterngasse e descendo até a farmácia do Senhor Winkler?

— É realmente impressionante.

— Senhor Ryder, permita que eu fale francamente. Preocupei-me especialmente com o colchão de seu quarto. Naturalmente, nos dias anteriores à sua chegada, passei muito tempo pensando em que quarto colocá-lo. A maioria dos hotéis daria uma resposta simples a esta pergunta: "Qual o melhor quarto da casa?" Mas este não é o caso de meu hotel, Senhor Ryder. Ao longo dos anos, dei muita atenção a vários quartos diferentes. Houve até mesmo vezes em que, como alguns diriam, se tornou — ha! ha! — uma obsessão, sim, obsessão por um ou outro quarto. Quando percebia o potencial de um quarto em particular, passava vários dias pensando nele, e, então, tomava o maior cuidado para renová-lo de modo a que se adequasse o máximo possível à minha visão. Nem sempre obtenho êxito, mas em muitas ocasiões os resultados, depois de muito trabalho, se aproximaram do que eu havia imaginado, e, evidentemente, me causaram muita satisfação. Mas então, talvez seja uma espécie de falha na minha natureza, nem bem concluía a reforma de um quarto, era atraído pelo potencial de outro. E, antes que me desse conta, via-me dedicando tempo e pensamento ao novo projeto. Sim, alguns diriam se tratar de uma obsessão, mas não vejo nada de errado nisso. Poucas coisas são tão sem graça quanto um hotel com um quarto atrás do outro, construídos segundo as mesmas e gastas concepções. No que me diz respeito, cada um deve ser concebido de acordo com suas características próprias. Seja como for, Senhor Ryder, aonde quero chegar é que não tenho um quarto favorito. De modo que, depois de refletir muito, concluí que o senhor ficaria mais satisfeito no quarto que está ocupando. Mas ao conhecê-lo, não tive mais tanta certeza.

— Oh, não, Senhor Hoffman — eu disse, interrompendo-o.
— O quarto é ótimo.

— Mas, volta e meia, me pego pensando nisso, desde o momento em que o conheci. Parece-me que seu temperamento se adequaria mais a outro quarto que tenho em mente. Talvez o mostre pela manhã. Tenho certeza de que gostará mais dele.

— Não, Senhor Hoffman, não mesmo. O quarto em que estou...

— Vou ser franco, Senhor Ryder. Sua vinda propiciou ao quarto que está ocupando seu primeiro verdadeiro teste. É a primeira vez que recebo um hóspede realmente eminente nesse quarto desde que foi refeito, há muitos anos. Naturalmente, não podia prever que um dia o senhor nos daria a honra. Mas o fato é que o trabalhei tendo em mente alguém muito parecido com o senhor. O que estou tentando dizer, entende?, é que só agora, com sua chegada, foi apropriadamente colocado em uso para o que foi projetado. E, bem, posso ver claramente que cometi vários julgamentos incorretos, cruciais, há quatro anos. É tão difícil, mesmo com minha experiência. Não, sem dúvida, estou insatisfeito. Não foi uma combinação feliz. Minha proposta é que seja transferido para o 343, que acho muito mais próximo de seu espírito. O senhor se sentirá muitomais calmo lá e dormirá melhor. E, quanto ao seu quarto atual, bem, andei pensando nele durante o dia todo. Pensei seriamente em demoli-lo.

— Senhor Hoffman, não!

Gritei e o Senhor Hoffman desviou os olhos da estrada para me encarar surpreso.

Ri e, me recompondo rapidamente, disse:

— O que quero dizer é que, por favor, não tenha tanto trabalho e despesa por minha causa.

— Será para a paz de minha própria consciência, posso lhe garantir, Senhor Ryder. O hotel é o trabalho a que me dediquei a vida toda. Cometi um erro em relação a esse quarto. Não vejo outra solução para ele a não ser demoli-lo.

— Senhor Hoffman, esse quarto... O fato é que sinto muita afeição por ele. Realmente sinto-me muito feliz nele.

— Não compreendo. — Ele parecia genuinamente intrigado. — O quarto é claramente inadequado para o senhor. Agora que o conheci, posso afirmar isso com uma certa convicção. Não precisa ser tão cortês. Estou surpreso por vê-lo tão especialmente apegado a ele.

Soltei uma risada repentina, talvez desnecessariamente alta.

— Em absoluto. Especialmente apegado? — Dei outra risada. — É apenas um quarto, nada mais. Se precisa ser demolido, então que seja! Mudarei de quarto de bom grado.

— Ah, estou muito feliz que pense assim. Seria motivo de grande frustração para mim, Senhor Ryder, não simplesmente durante o resto de sua permanência, mas por todos os próximos

anos, pensar que se hospedou em meu hotel e foi obrigado a suportar um quarto tão inadequado. Realmente nem consigo imaginar o que me passou pela cabeça há quatro anos. Um juízo completamente errado!

Por algum tempo, rodamos em boa velocidade através da escuridão, sem cruzarmos com outros faróis. À distância, podia ver o que talvez fossem algumas fazendas, mas, fora isso, quase nada quebrava a negritude vazia dos dois lados. Rodamos em silêncio por mais algum tempo. Então, Hoffman disse:

— Este foi um acaso cruel, Senhor Ryder. O cachorro, bem, não era jovem, mas poderia facilmente durar mais dois ou três anos. E os preparativos estavam indo tão bem. — Balançou a cabeça. — Foi em um péssimo momento... — Então, virando-se para mim com um sorriso, prosseguiu. — Mas estou confiante. Sim, confiante. Ele não se desviará do propósito agora, nem mesmo por algo assim.

— Talvez seja possível dar outro cachorro ao Senhor Brodsky, como um presente. Talvez um filhote.

Falei sem pensar, mas Hoffman, respeitosamente, aparentou considerar a possibilidade.

— Não tenho tanta certeza, Senhor Ryder. Deve considerar que ele era extremamente afeiçoado a Bruno. Passava com ele o tempo todo. Estará de luto. Mas talvez tenha razão, devemos minorar sua solidão, agora que Bruno se foi. Talvez outro animal. Alguma coisa confortante. Um passarinho, quem sabe. Depois, na hora oportuna, quando estiver preparado, outro cachorro poderá ser introduzido. Ainda assim, tenho dúvidas.

Ficou em silêncio por alguns instantes e achei que sua mente 'estava em outro lugar. Mas, então, repentinamente, enquanto encarava a estrada escura se desdobrando à nossa frente, disse em voz baixa, mas com veemência:

— Um boi! Sim, um boi, um boi!

Mas, a essa altura, eu estava cansado de toda aquela coisa sobre o cachorro de Brodsky e me recostei no banco, sem falar, decidido a relaxar o restante da viagem.

A certa altura, na tentativa de descobrir alguma coisa sobre o incidente, motivo da viagem, eu disse:

— Espero que não estejamos muito atrasados.

— Não, não. Estamos na hora — replicou Hoffman, mas sua mente parecia distante. Então, alguns minutos depois, ouvi-o murmurar vividamente mais uma vez: "Um boi! Um boi!"

Depois de um certo tempo, saímos da estrada e deparamos com um saudável bairro residencial. Podia ver, através da escuridão, grandes casas com terrenos, em geral circundados por muros ou sebes. Hoffman dirigiu com cuidado pelas avenidas arborizadas, e o ouvi, mais uma vez, repetindo sua idéia a meia voz.

Passamos por um alto portão de ferro que dava para o pátio de uma residência imponente. Vários carros estavam estacionados em volta do terreno e o gerente do hotel precisou de tempo para encontrar uma vaga. Então, saltou do carro e se apressou na direção da entrada da casa.

Permaneci sentado por mais um instante, examinando a casa, buscando indícios da ocasião de que estávamos prestes a participar. A fachada da casa compreendia uma série de janelas enormes, que iam até quase o chão. A maior parte delas estava iluminada, mas, por causa das cortinas, não dava para ver nada do que acontecia lá dentro.

Hoffman apertou a campainha e fez um gesto para que eu me aproximasse. Quando saí do carro, a chuva se reduzira a uma garoa. Fechei o quimono e me dirigi à casa, tomando cuidado em evitar as poças d'água.

A porta foi aberta por uma criada, que nos introduziu em um vestíbulo luxuoso, decorado com grandes retratos. A criada pareceu já conhecer Hoffman e houve uma rápida troca de palavras, enquanto ela lhe tirava a capa. Hoffman fez uma pausa diante do espelho, para ajeitar a gravata, antes de prosseguirmos.

Entramos em uma sala ampla, inundada de luz, na qual uma recepção estava em plena atividade. Havia no mínimo umas cem pessoas presentes, vestidas a rigor, com elegância, segurando copos e conversando. Ao chegarmos à soleira, Hoffman levantou um braço na minha frente, como que para me proteger, e inspecionou a sala com o olhar.

— Ele ainda não está aqui — murmurou finalmente. Então, virando-se para mim com um sorriso, disse: — O Senhor Brodsky ainda não está aqui. Mas estou confiante, confiante, de que chegará logo.

Hoffman virou-se novamente para a sala e, por um instante, pareceu-me sem saber o que fazer. Então, ele disse:

— Se puder esperar um momento, Senhor Ryder, irei procurar a condessa. Oh, e se não se importar em ficar um pouco para trás, ha! ha!, fora de vista. Como deve se lembrar, o senhor será a nossa grande surpresa. Por favor, não me demoro.

Entrou na sala e, por alguns instantes, fiquei a observar sua figura se movendo entre os convidados, sua conduta preocupada contrastando claramente com a alegria à sua volta. Vi várias pessoas tentarem falar com ele, mas Hoffman sempre se afastava com um sorriso distraído. Acabei perdendo-o de vista e, provavelmente, devo ter avançado um pouco ao tentar localizá-lo de novo. De alguma forma, devo ter-me tornado visível, pois ouvi alguém bem perto dizer:

— Ah, Senhor Ryder, o senhor chegou. Que prazer tê-lo finalmente conosco!

Uma mulher grande, de uns sessenta anos, colocara a mão em meu braço. Sorri e murmurei algum gracejo, ao qual respondeu:

— Todos estão ansiosos por conhecê-lo.

Dito isso, se pôs a me conduzir firmemente para o centro da reunião.

Enquanto a acompanhava, forçando passagem entre os convidados, a mulher começou a me fazer perguntas. De início,

foram as questões usuais sobre minha saúde e viagem.

Mas então, enquanto prosseguíamos pela sala, começou a me interrogar, com minúcia, a respeito do hotel. Realmente, entrava em tantos detalhes — aprovou o jantar? o que achou do tapete do saguão? — que comecei a suspeitar de que fosse alguma profissional rival de Hoffman, irritada por eu estar hospedado em seu estabelecimento.

Entretanto, em geral, sua atitude e a maneira como assentia com a cabeça e sorria às pessoas por quem passávamos deixavam poucas dúvidas de que fosse a anfitriã, e concluí que, na verdade, era a condessa em pessoa.

Presumi que me conduzia ou a um local ou a uma pessoa em particular, mas, depois de um certo tempo, tive a nítida impressão de que andávamos em círculos. De fato, várias vezes tive certeza de que já passáramos por uma determinada parte do salão pelo menos duas vezes. Outra coisa que notei com curiosidade foi que, embora as cabeças se voltassem para cumprimentar a anfitriã, ela não fazia o menor esforço para me apresentar. Além disso, apesar de alguns convidados, de vez em quando, sorrirem educadamente para mim, ninguém parecia especialmente interessado na minha pessoa. Certamente, ninguém interrompeu a conversa quando eu passava. Fiquei, de certa forma, intrigado com isso, tendo me revestido de coragem para a enxurrada habitual de perguntas e elogios.

Então, depois de algum tempo, reparei que a atmosfera do salão tinha uma qualidade estranha — alguma coisa forçada, até

mesmo teatral em sua sociabilidade —, embora não fosse capaz de, imediatamente, afirmar qualquer coisa com exatidão. Então, finalmente, fizemos uma pausa — a condessa começou a conversar com duas mulheres cobertas de jóias — e, enfim, tive a chance de olhar em volta e reunir algumas impressões. Só então percebi que não se tratava em absoluto de um coquetel, mas que todas aquelas pessoas aguardavam o jantar, um jantar que deveria ter sido servido pelo menos há duas horas, mas que a condessa e seus amigos haviam sido obrigados a atrasar em razão da ausência de Brodsky — o convidado de honra oficial — e minha — a grande surpresa da noite. Depois, continuando a olhar em volta, comecei a perceber o que acontecera antes de nossa chegada.

A ocasião consistia no maior jantar já oferecido em homenagem a Brodsky. Por ser o último antes do evento crucial da noite de quinta-feira, naturalmente não poderia decorrer de modo descontraído, e o atraso de Brodsky havia aumentado ainda mais a tensão. Entretanto, no começo, os convidados — todos orgulhosamente cientes de pertencerem à elite da cidade — permaneceram calmos, evitando escrupulosamente qualquer comentário que pudesse ser interpretado como dúvida em relação à confiança em Brodsky. De fato, a maioria havia conseguido não mencionar seu nome, aliviando a ansiedade simplesmente em uma especulação sem fim sobre quando o jantar seria servido.

Então, chegaram as notícias sobre o cachorro de Brodsky. Não ficou claro como tal notícia fora divulgada de maneira tão casual. Possivelmente, a casa recebera a ligação e um dos líderes municipais, na tentativa infrutífera de acalmar o ambiente, deixou-a

escapar para alguns convidados. Seja como for, as conseqüências da propagação, boca a boca, de uma notícia como essa, em um grupo já extremamente tenso, preocupado e com fome, são previsíveis. Logo, toda espécie de rumor insensato começou a circular pela sala. Brodsky tinha sido descoberto completamente embriagado, ninando o cadáver do cachorro. Brodsky fora achado deitado em uma poça d'água na rua, falando coisas sem nexos. Brodsky, esmagado pela dor, tentara se matar bebendo parafina. Esta última história tinha sua origem em um incidente ocorrido há vários anos, quando, durante uma bebedeira, Brodsky foi levado às pressas ao hospital por um fazendeiro vizinho, depois de beber uma boa quantidade de parafina.

Se fez isso tentando se matar ou, simplesmente, por acaso, na confusão da embriaguez, nunca ficou esclarecido. Não demorou e tais rumores geraram, por toda parte, os comentários mais desesperadores.

— O cachorro significava tudo para ele. Nunca se recuperará disso. Temos de encarar a verdade, retornamos à estaca zero.

— Temos de cancelar a noite de quinta-feira. Cancelá-la imediatamente. Agora, só poderá ser um desastre. Se deixarmos que aconteça, a cidade nunca nos dará uma segunda chance.

— Esse homem sempre foi um risco. Não deveríamos ter deixado que as coisas fossem tão longe. O que vamos fazer agora? Estamos perdidos, irremediavelmente perdidos.

Então, quando a condessa e seus amigos tentavam retomar o controle da noite, um grito foi lançado perto do centro do salão.

Várias pessoas se precipitaram para o local do incidente, outras recuaram em pânico. O que tinha acontecido foi que um dos vereadores mais jovens havia imobilizado no chão uma figura rechonchuda, calva, que, logo depois, foi reconhecida como sendo Keller, o veterinário. O jovem vereador foi apartado, mas havia se agarrado tão tenazmente à lapela de Keller que o veterinário teve de ser levantado com ele.

— Fiz tudo o que pude! — gritava Keller, com o rosto vermelho. — Fiz o melhor que pude! O que mais podia fazer? Há dois dias o animal estava bem!

— Impostor! — berrou o jovem vereador e tentou atacá-lo de novo.

Novamente foi apartado, mas, agora, vários outros, reconhecendo nele um bom bode expiatório, também começaram a gritar com Keller. Por um tempo, as acusações caíram em cima do veterinário. Culpavam-no de negligência e de ter posto em risco o futuro de toda a comunidade. A essa altura, uma voz gritou:

— E os gatinhos de Breuer? Você passa o tempo todo jogando bridge e deixou os gatinhos morrerem um atrás do outro...

— Só jogo bridge uma vez por semana e mesmo então...
— O veterinário começou a protestar com a voz enrouquecida, mas, imediatamente, mais vozes se levantaram contra ele. De repente,

todos na sala pareciam ter uma queixa há muito reprimida contra o veterinário, em relação a um ou outro animal querido. Então, alguém gritou que Keller lhe havia tomado dinheiro emprestado, outro que ele nunca lhe devolvera o ancinho que lhe emprestara há seis anos. Logo os sentimentos hostis em relação ao veterinário cresceram a tal ponto que era natural que aqueles que seguravam o jovem vereador moderassem a força com que o agarravam. E, quando ele fez outra investida, esta pareceu ser em nome da grande maioria dos presentes.

A situação estava à beira de se tornar desagradável quando uma voz ressoou na sala e, finalmente, fez com que voltassem à razão.

O fato de o salão ter ficado em silêncio tão rapidamente talvez tenha sido devido mais ao espanto causado pela identidade do interlocutor do que a qualquer autoridade natural que impusesse. A figura para a qual todos se viraram e que, subindo na plataforma, olhava para eles de modo feroz, era a de Jakob Kanitz, um homem conhecido na cidade principalmente por sua timidez. Aos quarenta e tantos anos, Jakob Kanitz ocupava, desde quando se lembravam, o mesmo posto burocrático inexpressivo na prefeitura. Raramente se tinha notícia de que tivesse se aventurado a emitir uma opinião, muito menos a discordar ou discutir. Não tinha amigos íntimos e vários anos antes tinha se mudado da pequena casa que partilhava com sua mulher e três filhos, e alugado um minúsculo quarto em um sótão, na mesma rua. Todas as vezes em que alguém tocava no assunto, ele insinuava que logo voltaria a se juntar à família, mas os anos haviam se passado e sua atitude não havia se alterado. Nesse

ínterim, em grande parte por causa de sua boa vontade em se oferecer para várias tarefas mundanas em relação à organização de um evento cultural, havia se tornado um membro bem-vindo, de certa forma prestigiado, nos círculos artísticos da cidade.

A sala teve pouco tempo para se recuperar da surpresa antes que Jakob Kanitz — talvez ciente de que sua coragem não resistiria por muito tempo — começasse a falar.

— Outras cidades! E não me refiro apenas a Paris! Ou a Stuttgart! Falo de cidades menores, como a nossa, outras cidades. Reúnam seus melhores cidadãos e os coloquem diante de uma crise como esta. Como eles se comportarão? Eles ficarão calmos, seguros. Essas pessoas saberão o que fazer, como se conduzir. O que estou querendo dizer a vocês, a todos vocês, é que somos os melhores desta cidade. Isso não foge à nossa capacidade. Juntos podemos superar a crise. Estariam brigando em Stuttgart?! Não há necessidade de pânico, ainda. Não há necessidade de desistir, de começar a brigar entre si. Tudo bem, o cachorro é um problema, mas não é o fim, ainda não quer dizer nada. Qualquer que seja o estado do Senhor Brodsky neste momento, podemos recolocá-lo em condições de se apresentar. Podemos conseguir isso, contanto que façamos nossa parte nesta noite. Estou certo de que podemos, nós devemos. Temos de colocá-lo em forma. Porque se não o fizermos, só nos restará a miséria! Não há ninguém mais a quem recorrer, tem de ser o Senhor Brodsky, não há mais ninguém. Provavelmente, ele está a caminho. Temos de ficar calmos. O que estamos fazendo, brigando? Brigariam em Stuttgart? Temos de pensar com clareza. Em seu lugar, o que sentiríamos? Devemos mostrar que todos

estamos sofrendo com ele, que toda a cidade compartilha sua dor. Insisto, amigos, em que pensem sobre isso, devemos animá-lo. Oh, sim! Não podemos passar a noite toda deprimidos, mandá-lo embora acreditando que não restou nada, é bem possível que ele volte a... Não, não! O equilíbrio certo! Também temos de nos mostrar alegres, fazê-lo ver que há muito a viver, que todos confiamos nele, dependemos dele. Sim, temos de agir certo nas próximas horas. Provavelmente ele está a caminho e só Deus sabe em que condições. As próximas horas serão cruciais, cruciais. Temos de agir da maneira correta. Senão só restará a miséria. Devemos... devemos...

Nesse ponto, Jakob Kanitz ficou completamente confuso. Permaneceu ali, em pé, na plataforma, por alguns minutos, sem falar, sendo tragado por um constrangimento cada vez maior. Um certo resíduo de sua emoção anterior fez com que lançasse um último olhar ao grupo, depois, virou-se envergonhado, e desceu.

Mas esse apelo desajeitado causou um impacto imediato. Mesmo antes de Jakob Kanitz terminar de falar, ouviu-se um murmúrio de assentimento, e mais de uma pessoa empurrou de modo reprovador o ombro do jovem vereador — a essa altura, mexendo os pés, envergonhado. À descida de Jakob Kanitz da plataforma seguiram-se alguns segundos de um silêncio desconfortável. Depois, pouco a pouco, uma conversação irrompeu na sala, com as pessoas discutindo em tom sério, mas calmo, o que deveria ser feito quando Brodsky chegasse. Não demorou e formou-se o consenso de que Jakob Kanitz tinha mais ou menos razão. A questão era alcançar o equilíbrio correto entre a dor e a alegria. A

atmosfera deveria ser controlada cuidadosamente, o tempo todo, por cada uma das pessoas presentes. O sentimento de uma decisão tomada circulou pela sala e, então, finalmente, as pessoas foram relaxando aos poucos, até que, por fim, estavam sorrindo, conversando, saudando umas às outras de modo afável e cortês, como se os acontecimentos inconvenientes da última meia hora não tivessem ocorrido. Foi mais ou menos nesse ponto não mais de vinte minutos após Jakob Kanitz ter encerrado seu discurso — que eu e Hoffman chegamos. Portanto não é de admirar que eu tenha notado algo de esquisito sob a camada de alegria estudada.

Estava ainda refletindo sobre tudo que havia acontecido antes de nossa chegada quando vi Stephan no outro lado da sala, conversando com uma senhora mais velha.

Ao meu lado, a condessa parecia continuar absorvida em sua conversa com as duas mulheres cobertas de jóias, e então, pedindo licença a meia voz, me afastei. Ao dirigir-me a Stephan, ele me viu e sorriu.

— Ah, Senhor Ryder, então, chegou. Deixe-me apresentá-lo à Senhorita Collins.

Reconheci, então, a senhora idosa a cujo apartamento havíamos ido mais cedo. Estava vestida com simplicidade, mas elegantemente, em seu longo preto. Ela sorriu e estendeu a mão ao nos cumprimentarmos. Estava prestes a encetar uma conversa, por cortesia, quando Stephan se curvou e disse calmamente:

— Tenho sido tão tolo, Senhor Ryder. Francamente, não sei o que é melhor. A Senhorita Collins foi muito gentil, como

sempre, mas gostaria de ouvir também sua opinião sobre tudo isso.

— Refere-se... ao cachorro do Senhor Brodsky?

— Oh, não, não, isso é terrível, eu sei. Mas estávamos falando de outra coisa. Realmente gostaria de ouvir seu parecer. De fato, a Senhorita Collins estava sugerindo que o procurasse, não estava, Senhorita Collins? Detesto ser um chato, mas houve um problema. Quer dizer, em relação à minha apresentação na quinta-feira. Deus, como fui tolo! Como lhe disse, Senhor Ryder, estava preparando Dahlia, de Jean-Louis La Roche, mas não havia contado a meu pai nada sobre isso. Não até esta noite. Pensava em fazer uma surpresa, já que ele gosta tanto de La Roche. E o que é mais importante, Senhor Ryder, é que meu pai nunca imaginaria que eu fosse capaz de dominar uma peça tão difícil, por isso achei que seria uma incrível surpresa, pelos dois motivos. Mas então, recentemente, com a grande noite tão próxima, achei que não era nada prático continuar guardando esse segredo. Para começar, o número será impresso no programa oficial. Haverá uma cópia ao lado de cada guardanapo, meu pai tem andado aflitíssimo com o projeto gráfico, tentando decidir os relevos, a ilustração, tudo. Eu me dei conta há alguns dias de que deveria lhe contar, mas ainda queria que fosse, de certa forma, uma surpresa, por isso esperei o momento oportuno. Bem, mais cedo, logo depois de deixar o senhor e Boris, fui ao seu escritório devolver as chaves do carro, e lá estava ele no chão, examinando uma pilha de papéis. Estava de quatro, os papéis espalhados à sua volta, no tapete. Nada de estranho nisso, meu pai quase sempre trabalha assim. É um escritório pequeno, e sua mesa ocupa muito espaço, por isso tive de passar por tudo aquilo na ponta

dos pés, e colocar as chaves de volta. Ele me perguntou como iam as coisas e, antes que eu respondesse, pareceu, novamente, absorto, concentrado nos papéis. Mas, não sei bem por que, assim que eu ia sair, entrevi-o no tapete, de quatro, e senti, repentinamente, que era o momento certo para lhe contar. Foi simplesmente um impulso. Então, eu lhe disse casualmente: "A propósito, pai, vou tocar Dahlia, de La Roche, na noite de quinta-feira. Achei que gostaria de saber." Não disse de nenhuma maneira especial, apenas falei e esperei para ver sua reação. Bem, ele pôs de lado o documento que estava lendo, mas manteve o olhar fixo no tapete à sua frente. Então, com um sorriso, disse alguma coisa como: "Ah, sim, Dahlia", e, por alguns instantes, pareceu muito feliz. Não olhou para cima, ainda estava de quatro, mas parecia feliz. Então, fechou os olhos e se pôs a cantarolar a abertura do adágio, cantarolou ali, no chão, balançando a cabeça no compasso. Parecia tão feliz e tranqüilo, Senhor Ryder, que eu já estava me congratulando. Então, abriu os olhos, me sorriu sonhadoramente e disse: "Sim, é uma peça linda. Nunca entendi como sua mãe pode desprezá-la tanto." Como acabei de dizer à Senhorita Collins, de início, achei que não tinha escutado direito. Mas então ele repetiu: "Sua mãe a menospreza tanto, sim, como sabe, ela passou a detestar intensamente a última obra de La Roche. Não deixa eu tocar seus discos em lugar algum da casa, nem mesmo usando os headphones." Então, deve ter percebido como eu fiquei pasmo e perturbado. Na mesma hora tentou me animar, pois é típico do meu pai! "Eu já devia ter-lhe pedido há muito tempo", prosseguiu, "a culpa foi toda minha." De repente, bateu na testa, como se acabasse de se lembrar de mais alguma coisa e disse: "Na verdade, Stephan,

desapontei os dois. Na época, achei que estava fazendo a coisa certa, não interferindo, mas agora vejo que decepcionei os dois." E quando lhe perguntei o que queria dizer, explicou como minha mãe, durante todo aquele tempo, estava querendo me ouvir tocar Glass Passions, de Kazan.

Aparentemente, já há algum tempo ela havia lhe sugerido o que queria, e, bem, supôs que meu pai providenciaria tudo. Mas, como vê, meu pai pensou no meu lado. Ele é muito sensível em relação a essas coisas. Ele percebia que um músico, mesmo amador como eu, gostaria de tomar sua própria decisão em relação a uma apresentação tão importante. Portanto, não me disse nada, pretendendo explicar tudo à mamãe quando houvesse uma oportunidade. Mas, então, naturalmente, bem, acho que devo me explicar melhor, Senhor Ryder. Quando digo que minha mãe sugeriu Kazan a meu pai, não estou afirmando que ela lhe disse isso. É um pouco difícil explicar a um estranho. O que aconteceu é que minha mãe, de certa forma, deu a entender a meu pai, sem mencionar Kazan diretamente. Ela se comunica por meio de sinais, que para ele são muito claros. Não sei exatamente o que ela fez dessa vez. Talvez ele tenha chegado em casa e a encontrado escutando Glass Passions. Bem, como raramente ela põe algum disco para tocar, seria um sinal bastante óbvio. Ou, talvez, ele tenha ido se deitar, depois do banho, e a encontrado, na cama, lendo um livro sobre Kazan, não sei. Simplesmente é assim que as coisas sempre se deram entre eles. Como vê, não foi como se meu pai dissesse subitamente: "Não, Stephan deve fazer sua própria escolha." Meu pai estava aguardando, tentando descobrir a maneira adequada de

comunicar sua resposta. E, evidentemente, não tinha como ele saber que, de todas as peças, eu estava preparando Dahlia, de La Roche.

Eu fui tão idiota! Não fazia idéia de que minha mãe detestava tanto La Roche! Bem, ele me disse como eram as coisas, e, quando lhe perguntei o que achava que seria melhor eu tocar, ele refletiu e disse que eu devia prosseguir com o que tinha preparado, que era tarde demais para mudar. "Sua mãe não vai culpá-lo", insistiu, "não vai culpá-lo nem por um segundo. Vai culpar a mim e com toda razão." Pobre pai, tentava me consolar de qualquer jeito, mas percebi como tudo aquilo o estava deixando angustiado. Após um instante, ele olhava uma mancha no tapete, continuando no chão, mas, agora, totalmente agachado, como se fizesse flexões, encarava o tapete e o ouvi sussurrar para si mesmo: "Eu vou conseguir. Vou conseguir. Já passei por coisas piores. Vou conseguir." Parecia ter se esquecido de que eu estava lá e acabei indo embora, fechando a porta sem fazer ruído. A partir de então, bem, Senhor Ryder, passei a noite toda pensando praticamente só nisso. Para ser franco, estou um tanto confuso. Falta tão pouco tempo. E Glass Passions é uma peça tão difícil que me parece impossível prepará-la. De fato, tenho de ser franco, admito que essa peça está um pouco além de minha capacidade, mesmo que tivesse um ano inteiro para exercitá-la.

O rapaz fez uma pausa, com um suspiro aflito. Como, depois de alguns instantes, nem ele nem a Senhorita Collins haviam dito nada, deduzi que esperavam minha opinião.

Então, eu falei:

— É claro que isso não é da minha conta, deve decidir sozinho. Mas, a meu ver, nesse estágio final deveria insistir no que estava preparando...

— Sim, supus que dissesse isso, Senhor Ryder.

Foi a Senhorita Collins que interrompeu. Havia um cinismo inesperado em seu tom, o que fez com que eu parasse e me virasse para ela. A velha senhora olhava para mim de uma maneira sagaz, ligeiramente superior.

— Sem dúvida — prosseguiu ela —, chamaria isso de, como mesmo? Ah, sim, "integridade artística".

— Não se trata disso, Senhorita Collins — disse eu. — Simplesmente, de um ponto de vista prático, acho que, neste estágio, é tarde demais...

— Mas como sabe que é tarde demais, Senhor Ryder? — interrompeu-me novamente. — Conhece muito pouco a capacidade de Stephan. E nada das implicações mais graves de sua situação atual. Por que afirma isso com tanta autoridade, como se fosse abençoado com uma sensibilidade extra que não possuímos?

Desde a primeira intervenção da Senhorita Collins, comecei a me sentir cada vez mais desconfortável e, enquanto ela falava, me virei, fazendo um esforço para evitar seu olhar. Não consegui pensar em qualquer resposta incisiva, e, depois de um certo tempo, achando melhor pôr fim à conversa, dei uma pequena risada e me misturei aos outros.

Durante os minutos seguintes, me vi errando sem rumo pelo salão. Como antes, às vezes as pessoas se viravam quando eu passava, mas ninguém pareceu me reconhecer.

A certa altura, vi Pedersen, o homem que conhecera no cinema, rindo com alguns convidados, e pensei em ir até ele. Mas, antes que pudesse fazer isso, senti algo tocar em meu cotovelo e me virei, dando com Hoffman ao meu lado.

— Desculpe-me tê-lo deixado só. Espero que esteja sendo bem servido. Que situação!

O gerente do hotel respirava com dificuldade, o rosto coberto de suor.

— Oh, sim, estou me divertindo.

— Sinto muito, mas tive de atender a um telefonema. Mas agora, estão a caminho, definitivamente, estão a caminho. O Senhor Brodsky chegará a qualquer momento. Deus meu! — Olhou em volta, chegou para perto e falou em voz baixa. — A lista de convidados foi insensata. Eu os avisei. Algumas das pessoas presentes! — Abanou a cabeça.

— Que situação!

— Pelo menos, o Senhor Brodsky está vindo...

— Oh, sim, sim. Devo dizer, Senhor Ryder, que estou tão aliviado por estar aqui, conosco, esta noite. Exatamente quando precisamos do senhor. No todo, não vejo razão para modificar muito seu discurso em razão das... bem, das circunstâncias. Talvez uma ou

duas menções à tragédia não sejam inconvenientes, mas organizamos outra coisa para proferir algumas palavras a respeito do cachorro, por isso, não é preciso que altere o que preparou. Uma única coisa, ha! ha!, o discurso não deve ser muito longo. Mas evidentemente o senhor é a última pessoa a... — Interrompeu com uma breve risada. Depois, tornou a olhar em volta do salão. — Algumas dessas pessoas, repetiu. — Muito imprudente. Eu os avisei.

Hoffman continuou inspecionando o salão e, assim, pude voltar a atenção à questão do discurso mencionado pelo gerente. Depois de um certo tempo, eu disse:

— Senhor Hoffman, considerando as circunstâncias em que nos encontramos, sinto uma certa insegurança em relação a quando exatamente devo me levantar e...

— Sim, exato. Como é sensível. Como diz, se apenas ficar em pé no mesmo lugar, ninguém nunca poderá saber... sim, sim, como o senhor é previdente. Estarei sentado ao lado do Senhor Brodsky, e talvez seja melhor deixar eu avaliar o momento oportuno. Quem sabe possa fazer a gentileza de aguardar um sinal meu. Meu Deus, Senhor Ryder, é tão tranquilizador ter alguém como o senhor conosco em uma hora desta.

— É um prazer ser útil.

Um barulho no outro lado da sala fez com que Hoffman se virasse abruptamente. Ele esticou o pescoço para ver, mas parecia que não tinha acontecido nada importante.

Dei uma tossida para chamar sua atenção.

— Senhor Hoffman, ainda falta uma coisinha. Estava pensando... aponte para meu quimono —, em que talvez pudesse vestir algo um pouco mais formal. Seria possível conseguir algumas roupas emprestadas? Nada especial.

Hoffman olhou, indiferente, para meu traje, e quase imediatamente após desviou o olhar, dizendo distraidamente:

— Oh, não se preocupe, Senhor Ryder. Não estamos, em absoluto, vestidos de modo tão formal.

Novamente, esticou o pescoço para enxergar o outro lado do salão. Estava claro para mim que ele não havia dado atenção ao meu problema, e ia insistir no assunto quando houve uma agitação na entrada. Hoffman sobressaltou-se, depois se virou para mim com um sorriso lívido. "Ele chegou!", falou em um sussurro, tocou em meu ombro e se afastou apressado.

Uma quietude se impôs na sala, e, por alguns segundos, todos olhavam na direção da porta. Também tentei ver o que estava acontecendo, mas meu campo de visão estava completamente obstruído. Então, de repente, como se lembrando da resolução tomada há pouco, todos à minha volta recomeçaram a conversar em um tom de alegria controlada.

Forcei passagem até que consegui ver Brodsky sendo conduzido pela sala. A condessa segurava um braço, Hoffman o outro, e quatro ou cinco outras pessoas agitavam-se em volta. Brodsky, obviamente esquecido de seus assistentes, olhava sombriamente para o teto floreado da sala. Era mais alto, mais aprumado do que eu imaginara, embora, nesse momento,

caminhasse com tal rigidez — e em um ângulo estranhamente inclinado — que, à distância, parecia que sua comitiva o empurrava fazendo-o se mover como que sobre rodinhas. Estava com a barba por fazer, mas não de uma maneira afrontosa, e o paletó de seu smoking estava ligeiramente caído de um lado, como se tivesse sido vestido por outra pessoa. Suas feições, embora grosseiras e envelhecidas, sugeriam um quê jovial.

Por um momento, tive a impressão de que o conduziam na minha direção, mas então percebi que o levavam à sala de jantar ao lado. Um garçom, de pé na soleira, introduziu

Brodsky e sua comitiva e, quando desapareceram, a sala caiu de novo em silêncio. Pouco depois, os convidados retomaram a conversa, mas senti uma tensão renovada no ar.

Reparei em uma cadeira encostada a uma parede, e me ocorreu que um ponto de observação bem localizado me possibilitaria avaliar melhor o estado de ânimo predominante e decidir o tipo de discurso mais apropriado para o jantar. Portanto, encaminhei-me para lá e me sentei. Fiquei durante vários minutos observando a sala.

Os convidados continuavam a rir e a conversar, mas não havia dúvida de que a tensão subjacente crescia. Em vista disso e do fato de que outra pessoaalaria especificamente sobre o cachorro, pareceu-me sensato que meu discurso fosse o mais leve possível. Por fim, decidi que o melhor a fazer seria narrar algumas divertidas anedotas de bastidores, relacionadas a uma série de contratemplos que sofri durante minha viagem à Itália. Já havia contado essas

histórias publicamente vezes suficientes para estar seguro de sua capacidade de reduzir tensões, e tive certeza de que seriam muito apreciadas nas circunstâncias atuais.

Testava comigo mesmo as frases de abertura, quando notei que a multidão havia diminuído consideravelmente.

Somente então percebi que as pessoas penetravam, aos poucos, na sala de jantar, e me levantei.

Alguns me sorriram vagamente quando me juntei à procissão do jantar, mas ninguém falou comigo. Realmente não me importei com isso, pois procurava elaborar mentalmente uma abertura de fala atraente. Ao me aproximar das portas da sala de jantar, hesitei entre duas possibilidades. A primeira era: "Meu nome, ao longo dos anos, tendeu a ser associado a certas qualidades. Uma atenção meticulosa ao detalhe. Precisão na execução. O rigoroso controle da dinâmica." Esse começo simuladamente pomposo se tornaria rapidamente ineficaz pelas revelações hilárias do que realmente ocorrera em Roma. A outra alternativa era assumir um tom obviamente de farsa desde o começo: "Trilhos de cortinas vindo abaixo. Roedores venenosos. Partituras mal impressas. Poucos de vocês, acredito, associariam meu nome a esses fenômenos." As duas alternativas apresentavam prós e contras, e, por fim, decidi não fazer uma opção até ter uma noção melhor do estado de ânimo durante o jantar.

Na sala de jantar, as pessoas à minha volta falavam excitadamente. Fiquei de imediato impressionado com a amplitude. Mesmo com aquele número de pessoas — mais de cem —, pude

entender por que havia sido necessário iluminar somente uma parte da sala. Um número considerável de mesas redondas haviam sido cobertas com uma toalha branca e talheres de prata, mas parecia haver a mesma quantidade de outras vazias e sem cadeiras, desaparecendo em série, na escuridão do extremo oposto da sala.

Muitos convidados já estavam sentados e o quadro geral — o fulgor das jóias das senhoras, a alvura dos paletós dos garçons, a tela de fundo dos smokings pretos e a escuridão mais além — não deixava de causar impressão. Examinava a cena da entrada, aproveitando para ajeitar o quimono, quando a condessa surgiu ao meu lado.

Ela se pôs a me conduzir pelo braço, como havia feito antes, dizendo:

— Senhor Ryder, nós o colocaremos naquela mesa ali, onde não ficará em evidência. Não queremos que as pessoas o localizem e estraguem a surpresa! Mas não se preocupe, assim que anunciarmos sua presença e o senhor se levantar, ficará totalmente visível e audível para todos.

Embora a mesa à qual me levou ficasse em um canto, não entendi por que era particularmente mais discreta que qualquer outra. Fez-me sentar e, depois, disse alguma coisa rindo — não consegui ouvi-la naquele burburinho — e se afastou às pressas.

Descobri que estava sentado com mais quatro pessoas — um casal de meia-idade, e outro um pouco mais jovem —, que me sorriram rotineiramente, antes de recomeçarem a conversar. O marido mais velho explicava por que seu filho queria continuar

morando nos Estados Unidos, e, então, a conversa se deslocou para os outros vários filhos do casal. Ocasionalmente, um ou outro se lembrava de me incluir, de uma maneira pró forma — olhando na minha direção ou, quando se dizia uma piada, sorrindo para mim. Mas nenhum deles se dirigiu diretamente a mim e, logo, deixei de acompanhar a conversa.

Mas, então, quando os garçons começaram a servir a ceia, notei que a conversa se tornara esparsa e distraída. Finalmente, em algum ponto durante o prato principal, meus companheiros pareceram abandonar toda falsa aparência e começaram a discutir o assunto que realmente os preocupava. Lançando olhares mal dissimulados na direção de onde Brodsky estava sentado, trocaram especulações em voz baixa, em relação ao estado atual do velho homem. À certa altura, a mulher mais jovem disse:

— Com certeza, alguém deveria ir até ele e dizer como lamentamos. Deveríamos ir todos. Parece que ninguém ainda disse nada a ele. Vejam, as pessoas em sua mesa mal falam com ele. Talvez nós devêssemos ir até lá, daríamos a arrancada inicial. E todos nos seguiriam. Talvez todos estejam esperando por isso, exatamente como nós.

Os outros apressaram-se a reassegurá-la de que os anfitriões tinham tudo sob controle, que, de qualquer maneira, Brodsky parecia estar muito bem, mas, no minuto seguinte, todos olhavam desconfortáveis para o outro lado da sala.

Naturalmente, eu também tivera oportunidade de observar Brodsky atentamente. Havia sido colocado em uma mesa maior que as outras. Hoffman estava de um lado dele e a condessa do outro. O resto do grupo era composto por um círculo de homens grisalhos e solenes. A maneira como davam a impressão de não pararem de confabular a meia voz dava à mesa um ar de conspiração que não contribuía em nada para melhorar a atmosfera geral. Quanto ao próprio Brodsky, não demonstrava qualquer sinal evidente de embriaguez e comia inabalavelmente, mas sem entusiasmo. Entretanto, parecia ter-se retirado para um mundo só seu. Durante quase todo o prato principal, Hoffman manteve o braço no espaldar da cadeira de Brodsky e parecia estar constantemente murmurando algo em seu ouvido, mas o homem permanecia olhando fixa e desalentadamente o vazio, sem responder. Certa vez, quando a condessa tocou em seu braço e comentou algo, ele também não disse nada.

Perto do final da sobremesa — a comida, embora não espetacular, foi satisfatória —, vi Hoffman forçando passagem pelos garçons atarefados e percebi que vinha na minha direção. Ao chegar, curvou-se e disse em meu ouvido:

— O Senhor Brodsky parece querer proferir algumas palavras, mas francamente, ha! ha!, estamos tentando persuadi-lo a não fazê-lo. Acreditamos que não deva ser colocado sob mais tensão esta noite. Por isso, Senhor Ryder, talvez pudesse ser compreensivo, aguardar atentamente meu sinal, e levantar-se prontamente assim que eu o fizer. Então, imediatamente após seu discurso, a condessa encerrará a parte formal da cerimônia. Sim, realmente achamos que

é o melhor para o Senhor Brodsky, que não deve sofrer mais tensões por hoje. Pobre homem, ha, ha! Essa lista de convidados, realmente — abanou a cabeça e suspirou —, graças a Deus o senhor está aqui, Senhor Ryder.

Antes que eu dissesse alguma coisa, lá estava ele novamente esquivando-se dos garçons, apressando-se de volta à sua mesa.

Passei os minutos seguintes inspecionando a sala e pesando as duas possibilidades de abertura que tinha preparado para o discurso. Estava ainda pensando nisso quando o barulho na sala diminuiu repentinamente. Então, vi que o homem de expressão grave que estivera sentado ao lado da condessa tinha se posto de pé.

Era um homem grisalho e idoso. Exsudava autoridade e quase imediatamente instalou-se um completo silêncio na sala. Por mais alguns segundos o homem de expressão grave ficou apenas encarando o grupo de convidados com um ar de censura. Então, disse em um tom de voz ao mesmo tempo comedido e ressonante:

— Quando um companheiro tão bom e nobre falece, há pouco, muito pouco a dizer que não soe vazio e superficial. Entretanto, não poderíamos deixar esta noite passar sem algumas palavras formais, em nome de todos os presentes, que lhe transmitissem, Senhor Brodsky, nossos mais sinceros pêsames. — Fez uma pausa, enquanto um rumor de assentimento circulava pela sala. Então, prosseguiu: — Seu Bruno não era amado somente por aqueles que o viam por aí, pela cidade. Ele alcançou uma posição

incomum entre os seres humanos, sem falar entre nossos quadrúpedes. Isto é, tornou-se um emblema. Sim, chegou a ser exemplo de virtudes capitais. Uma lealdade arrebatada. Uma paixão intrépida pela vida. A recusa em ser tratado como inferior. A ânsia de fazer as coisas à sua própria maneira especial, por mais exótico que parecesse aos olhos de observadores mais atentos. Quer dizer, as virtudes que construíram essa comunidade exclusiva e orgulhosa de vocês, ao longo dos anos. Virtudes que, ousaria afirmar — sua fala se tornou mais lenta de modo significativo —, esperamos muito em breve ver florescer novamente em todas as esferas de nossa sociedade.

Fez uma pausa e tornou a olhar em volta. Continuou a manter a audiência com o olhar congelado por mais um momento, e, então, finalmente, disse:

— Agora, vamos todos juntos observar um minuto de silêncio em memória de nosso amigo que partiu.

Quando baixou os olhos, todo mundo curvou a cabeça e um silêncio completo voltou a reinar. A certa altura, olhei para cima e notei que alguns dos líderes municipais, na mesa de Brodsky — talvez em sua ansiedade de dar um bom exemplo —, haviam adotado posturas ridículas, exageradamente contritas. Um deles, por exemplo, segurava a testa com as duas mãos. Por sua vez, Brodsky — que permanecera imóvel durante todo o discurso, não olhando sequer uma vez para cima, nem para o palestrante, nem para o salão em geral — continuou sentado quieto, e, de novo, reparei no ângulo esquisito de sua postura. Era até mesmo possível que tivesse

adormecido em sua cadeira e que a função do braço de Hoffman às suas costas fosse essencialmente física.

Ao se encerrar o minuto, o homem de expressão grave sentou-se sem dizer mais nada, gerando um hiato desconfortável na cerimônia. Algumas pessoas recomeçaram cautelosamente a conversar, mas, então, houve um movimento em outra mesa e vi um homem grande e careca, com a pele manchada, levantar-se.

— Senhoras e senhores — disse ele com uma voz potente. Virando-se para Brodsky, curvou-se ligeiramente e murmurou: "Senhor." Olhou para baixo, para as mãos, por alguns segundos, depois, ao redor da sala. — Como já é do conhecimento de muitos de vocês, fui eu quem encontrou o corpo de nosso amigo. Espero que me concedam alguns instantes para dizer algumas palavras concernentes... concernentes ao que aconteceu. Em relação ao senhor — tornou a olhar para Brodsky —, devo suplicar seu perdão. Vou me explicar melhor. — O homem grande fez uma pausa e pigarreou. — Esta tarde, como sempre, fazia minhas entregas. Já havia quase terminado, só restavam duas ou três, peguei um atalho pela viela entre a linha de trem e a Schildstrasse.

Normalmente, não pego esse tipo de atalho, principalmente depois de escurecer, mas, hoje, era mais cedo e, como sabem, o crepúsculo foi muito bonito. Assim, peguei o atalho. E lá, mais ou menos na metade do caminho, eu o vi. Nosso querido amigo. Ele se havia colocado em uma posição discreta, virtualmente oculto entre o poste de luz e a cerca de madeira. Ajoelhei-me ao seu lado para me certificar de que realmente estava morto. Enquanto fazia isso, várias idéias me passaram pela cabeça. Pensei,

naturalmente, no senhor. Em como ele sempre havia sido seu grande amigo, e como essa perda seria trágica. Também pensei em como a cidade, em geral, sentiria a falta de Bruno, como seria solidária com o senhor nessa hora de sofrimento. E permita-me dizer que senti, apesar de toda a dor do momento, que o destino me reservara um privilégio. Sim, um privilégio. Coube a mim transportar o corpo de nosso amigo à clínica veterinária. Para o que aconteceu a seguir, eu... não tenho desculpa. Mesmo agora, enquanto o Senhor Von Winterstein falava, eu estava sentado aqui, atormentado pela indecisão. Deveria também me levantar e falar? Por fim, como vêem, decidi que sim, que falaria. E muito melhor que o Senhor Brodsky escute de meus próprios lábios do que por fofocas, pela manhã. Estou profundamente envergonhado com o que aconteceu em seguida. Só posso dizer que não tive qualquer intenção, a menor intenção... Agora, só me resta pedir seu perdão. Pensei nisso várias vezes nestas últimas horas, e, agora, sei o que deveria ter feito. Deveria ter colocado os embrulhos no chão. Entende? Eu continuei a carregar dois deles, os últimos a serem entregues. Deveria tê-los posto no chão. Estariam seguros na viela, perto da cerca. E, mesmo que alguém escapasse com eles, que importância teria? Mas por algum motivo idiota, talvez um estúpido instinto profissional, não pensei nisso. Não pensei. Quer dizer, quando ergui o corpo de Bruno, ainda segurava os pacotes. Não sei o que eu pretendia. Bem, amanhã ficariam sabendo de tudo mesmo, por isso resolvi eu mesmo contar. O fato é que seu Bruno já devia estar lá há algum tempo, pois seu corpo, majestoso, embora morto, tornara-se frio e, bem, enrijecido. Sim, enrijecido. Perdoe-me se o que vou dizer agora lhe causar tristeza, mas... mas deixe-me continuar. Para conseguir

carregar os pacotes, como me arrependo, me arrependi já mil vezes, bem, para continuar carregando os pacotes, suspendi Bruno até meu ombro, sem considerar seu estado enrijecido. Só quando havia descido quase toda a rua, ouvi o grito de uma criança e parei. Então, evidentemente, me dei conta da enormidade de meu erro.

Senhoras e senhores, Senhor Brodsky, será preciso que eu explique com mais detalhes? Percebo que sim. O fato foi o seguinte. Em razão da rigidez de nosso amigo, em razão da maneira estúpida que escolhi de transportá-lo em meu ombro, isto é, em uma posição elevada... Bem, a questão é que a parte superior de seu corpo devia ser visível por cima da cerca de uma das casas da Schildstrasse. De fato, crueldade atrás de crueldade, era aquela hora da tarde em que a maioria das famílias está reunida, nos fundos das casas, para o jantar. Deviam estar olhando o jardim enquanto comiam e ter visto nosso nobre amigo deslizando no ar, as patas para a frente, ah, que indignidade! Uma família atrás da outra! Fiquei assombrado, agora vejo claramente como deve ter parecido. Perdoe-me, perdoe-me, não conseguiria continuar sentado aqui sem desabafar... esse testemunho de meu trabalho malfeito. Que infortúnio esse privilégio tão doloroso ter sido destinado justamente a um palerma como eu! Senhor Brodsky, por favor, suplico que aceite essas desculpas irremediavelmente inadequadas pela humilhação a que submeti seu nobre companheiro imediatamente após o momento de sua partida. E a boa gente da Schildstrasse, talvez alguns deles estejam aqui agora, assim como todos os demais, nutria uma profunda afeição por Bruno. Tê-lo visto pela última vez dessa maneira... Peço ao senhor, a todos peço perdão, a todos vocês.

O homem grande sentou-se, abanando a cabeça pesarosamente. Então, uma mulher em uma mesa próxima à dele se levantou, enxugando os olhos com um lenço.

— Sem dúvida, não há a menor dúvida sobre isso — disse ela.

— Ele foi o maior cachorro de sua geração. Certamente, não há a menor dúvida sobre isso.

Um murmúrio de assentimento circulou na sala. Os líderes municipais que estavam em volta de Brodsky concordavam com a cabeça veementemente, mas Brodsky continuava sem erguer os olhos.

Esperamos a mulher dizer mais alguma coisa, mas, embora permanecesse em pé, não disse nada, simplesmente seguiu soluçando e enxugando levemente os olhos. Depois de um certo tempo, um homem de paletó de veludo, que estava a seu lado, se levantou e a ajudou gentilmente a se sentar. Entretanto, ele mesmo permaneceu de pé, encarou de modo acusador a sala e disse:

— Uma estátua. Uma estátua de bronze. Proponho erigirmos uma estátua de bronze de Bruno, de modo que possamos lembrá-lo para sempre. Alguma coisa grande e digna. Talvez na Walsenstrasse. Senhor Von Winterstein — dirigiu-se ao homem de expressão grave —, vamos decidir aqui, nesta noite, a construção de uma estátua para Bruno!

Alguém gritou "apoiado!", e um clamor de vozes se elevou expressando aprovação. Não apenas o homem de expressão

grave, mas todos os líderes à mesa de Brodsky pareceram, subitamente, confusos. Vários olhares aterrorizados foram trocados antes de o homem de expressão grave dizer, sem se levantar:

— Evidentemente, Senhor Haller, é uma idéia a ser considerada com muita atenção. Claro que junto com outras, como a de qual seria a melhor forma de celebrar...

— Isso está indo longe demais — de repente, interrompeu uma voz masculina do outro lado da sala. — Que idéia absurda. Uma estátua para esse cachorro? Se tal animal merece uma estátua de bronze, então nossa tartaruga Petra merece uma cinco vezes maior. Ela teve um fim tão cruel. É um absurdo. E esse cachorro atacou a Senhora Rahn no início deste ano mesmo...

O resto de seu pronunciamento foi abafado pela gritaria que irrompeu por todo o salão. Por um momento, todos pareciam gritar ao mesmo tempo. O homem que falara, ainda em pé, virou-se para alguém em sua mesa e iniciou uma discussão virulenta. No caos crescente, percebi que Hoffman, do outro lado, acenava para mim. Ou melhor, fazia um movimento circular estranho com a mão — como se limpasse uma janela invisível — e me recordei vagamente de que era uma espécie de sinal combinado por ele.

Levantei-me e pigarreei enfaticamente.

A sala quase que imediatamente ficou em silêncio e todos os olhares se dirigiram a mim. O homem que protestara contra a estátua interrompeu a discussão e logo se sentou. Pigarreei uma segunda vez e estava para começar a falar quando, repentinamente, percebi que meu quimono estava completamente aberto, expondo a

parte da frente de meu corpo inteiramente nu. Confuso, hesitei por um segundo, depois, voltei a me sentar. Quase que imediatamente, uma mulher ficou em pé no outro lado da sala e disse com uma voz estridente:

— Se uma estátua não é viável, por que não o nome de uma rua? Alteramos freqüentemente os nomes de ruas para homenagear um morto. Com certeza, Senhor Von Winterstein, isto não é pedir demais. Talvez a Meinhardstrasse. Ou, quem sabe, a Jahnstrasse.

Um coro de aprovação à idéia ecoou e logo as pessoas estavam gritando os nomes de outras ruas possíveis. Os líderes municipais pareciam, novamente, extremamente desconfortáveis.

Um homem alto, de barba, em uma mesa próxima à minha, levantou-se e disse em um tom de voz estrondoso:

— Concordo com o Senhor Hollànder. Isso está indo longe demais. Evidentemente, todos lamentamos muito pelo Senhor Brodsky. Mas temos de ser francos. Esse cachorro era uma ameaça, tanto aos outros cachorros quanto aos seres humanos. Se o Senhor Brodsky tivesse se importado em pentear o pêlo da criatura de vez em quando, tratado da infecção de pele de que, obviamente, sofria há anos...

O homem foi tragado por uma avalanche de protestos irados. Ouviram-se gritos de "Infame!" e "É uma vergonha!" por toda parte, e várias pessoas deixaram suas mesas para passar um sermão no ofensor. Hoffman estava de novo me fazendo sinais, limpando o ar furiosamente, com um horrível sorriso forçado na

cara. Eu escutava a voz do homem de barba ressoando por sobre a multidão descontrolada:

— É verdade! A criatura era um nojo!

Tratei de fechar bem meu quimono e ia me levantar quando vi Brodsky se mexer e ficar de pé.

A mesa fez um barulho quando se ergueu e todas as cabeças se viraram para ele. Em um instante, todos os que haviam se afastado de suas mesas retornaram e o silêncio voltou a reinar na sala.

Por um segundo, achei que Brodsky ia despencar sobre a mesa. Mas ele manteve o equilíbrio, inspecionando o salão por um momento. Ao falar, sua voz demonstrou um certo vigor delicado.

— O que é isso? — disse ele. — Acham que esse cachorro era tão importante para mim? Ele está morto e ponto final. Quero uma mulher. Às vezes, a solidão incomoda. Quero uma mulher. — Fez uma pausa e, por um certo tempo, pareceu perdido em seus pensamentos. Então, disse sonhadoramente: — Nossos marujos. Nossos marinheiros bêbados. O que foi feito deles? Ela, então, era jovem. Jovem e tão bonita. — Retornou aos seus pensamentos, olhando para cima, as luzes suspensas no teto alto, e pela segunda vez achei que se espatifaria sobre a mesa. Hoffman deve ter receado algo parecido, pois se levantou e, colocando gentilmente a mão atrás dele, sussurrou algo em seu ouvido. Brodsky não respondeu imediatamente. Depois, murmurou: — Ela já me amou. Amou-me mais que a qualquer coisa. Nossos marujos bêbados. Onde estão?

Hoffman deu uma gargalhada como se Brodsky tivesse proferido um dito espirituoso. Sorriu largamente para o salão, depois, cochichou novamente no ouvido de Brodsky.

Finalmente, Brodsky pareceu se lembrar de onde estava e, virando-se ligeiramente para o gerente de hotel, deixou que o sentasse.

Seguiu-se um silêncio durante o qual ninguém se mexeu. Então, a condessa levantou-se com um sorriso animado.

— Senhoras e senhores, neste ponto da noite, temos uma adorável surpresa! Ele chegou esta tarde e deve estar realmente muito cansado, ainda assim, consentiu em ser nosso convidado surpresa. Sim, o Senhor Ryder está entre nós! A condessa fez um gesto ostentoso na minha direção e exclamações excitadas irromperam no salão. Antes que eu tivesse tempo de fazer qualquer coisa, as pessoas em minha mesa rapidamente me engolfaram e tentaram apertar minha mão. No momento seguinte, percebi as pessoas ao meu redor, ofegando de prazer, me saudando e estendendo as mãos. Respondi a essas manifestações do modo mais cortês possível, mas quando lancei um olhar por sobre o ombro — não tinha conseguido me levantar da cadeira — vi uma multidão se agrupando às minhas costas, com pessoas se empurrando e ficando na ponta dos pés. Percebi que tinha de assumir o controle da situação antes que se desintegrasse em um caos. Com tanta gente de pé, decidi que o melhor seria eu me erguer acima deles, subir em algum pedestal. Rapidamente, me certificando de que o quimono estava bem fechado, subi em minha cadeira.

O clamor cessou instantaneamente, as pessoas se imobilizaram onde estavam, olhando para cima, para mim. De minha posição privilegiada, pude ver que mais da metade dos convidados havia deixado suas mesas, e decidi iniciar o discurso imediatamente.

— Trilhos de cortinas vindo abaixo! Roedores venenosos! Partituras mal impressas!

Percebi que uma única figura caminhava na minha direção, atravessando o grupo imóvel de pessoas. Ao chegar, a Senhorita Collins puxou uma cadeira da mesa ao lado, sentou-se e me olhou fixamente. Alguma coisa na maneira como fez isso me distraiu e por um momento não consegui lembrar o que diria a seguir. Percebendo que eu hesitava, ela cruzou as pernas e disse com a voz preocupada:

— Senhor Ryder, não está passando bem?

— Estou bem, obrigado, Senhorita Collins.

— Espero — prosseguiu — que não tenha levado demasiado a sério o que lhe disse antes. Quis me desculpar, mas não consegui encontrá-lo em parte alguma. Devo ter me expressado de modo mais exaltado do que era necessário. Realmente, espero que me perdoe. É que até hoje, quando esbarro com alguém de sua profissão, repentinamente algumas coisas me voltam à lembrança, e me vejo adotando esse tipo de tom.

— Está tudo bem, Senhorita Collins — disse calmamente, sorrindo para ela. — Por favor, não se preocupe. Não fiquei aborrecido, em absoluto. Se me afastei tão abruptamente foi porque

achei que queria aproveitar a oportunidade para falar à vontade com Stephan.

— É muita gentileza sua ser tão compreensivo — disse a Senhorita Collins. — Lamento ter reagido com raiva. Mas acredite-me, Senhor Ryder, de minha parte, não era apenas raiva. Sinceramente gostaria de ser útil ao senhor, de alguma forma. Ficaria muito triste em vê-lo cometer o mesmo erro várias vezes. Queria lhe dizer, agora que nos conhecemos, que será muito bem-vindo à minha casa para tomar um chá uma tarde dessas. Ficarei extremamente feliz em conversar sobre o que o estiver incomodando. O senhor terá uma ouvinte compreensiva, posso lhe assegurar.

— É muito gentil, Senhorita Collins. Sei que tem boa intenção. Mas, se me permite, parece que suas experiências passadas não a deixaram muito disposta, como a senhora mesmo disse, em relação àqueles da minha profissão. Não estou certo de que minha visita lhe causaria prazer.

A Senhorita Collins pareceu considerar o que eu acabara de dizer. Então, disse:

— Posso entender sua apreensão. Mas acho que é perfeitamente possível nos relacionarmos de uma maneira civilizada. Se preferir, será apenas uma visita breve. Se se sentir bem, poderá retornar sempre que quiser. Talvez pudéssemos até mesmo fazer uma pequena caminhada. O jardim Sternberg é bem perto de minha casa. Senhor Ryder, tive muitos anos para refletir sobre o passado e estou pronta a deixá-lo para trás. Mais uma vez, gostaria muito de

poder ajudar alguém como o senhor. Naturalmente, não posso garantir que tenha a resposta de todas as perguntas. Mas o escutarei com compreensão. E pode estar certo de que não idealizarei ou adotarei uma atitude sentimental com o senhor, como uma pessoa menos experiente faria.

— Pensarei a respeito de seu convite, Senhorita Collins — disse eu. Mas não consigo deixar de achar que me confundi com alguém que obviamente não sou eu. Digo isso porque o mundo está cheio de gente que alega ser um gênio, de um tipo ou de outro, e que, na verdade, é extraordinária somente por sua espantosa incapacidade de organizar sua própria vida. Mas, por algum motivo, sempre há várias pessoas como a senhora, Senhorita Collins, pessoas bem-intencionadas, ansiosas por socorrerem esses tipos. Talvez esteja sendo presunçoso, mas posso lhe garantir que não sou um deles. De fato, posso afirmar com segurança, neste exato momento, que não estou precisando ser salvo. A Senhorita Collins balançou a cabeça. Então, disse:

— Senhor Ryder, me causaria uma grande tristeza vê-lo cometer seguidamente seus erros. E pensar que passei o tempo todo aqui, simplesmente o observando, sem fazer nada. Acho mesmo que posso lhe prestar alguma ajuda em sua situação atual. É evidente que, quando estava com Leo — acenou vagamente na direção de Brodsky —, eu era muito jovem, não sabia muita coisa, não podia ver o que estava acontecendo. Mas, agora, tive muitos anos para refletir sobre tudo. E, quando soube que viria à nossa cidade, disse a mim mesma que já era hora de aprender a conter a amargura. Envelheci, mas ainda estou longe de ter parado. Há

certas coisas na vida que cheguei a entender bem, muito bem, e não é tarde demais para colocá-las em prática. É com este espírito que o estou convidando para me visitar, Senhor Ryder. Mais uma vez, peço desculpas por ter sido um tanto rude quando fomos apresentados. Não tornará a acontecer, prometo. Por favor, diga que aceita.

Enquanto falava, a imagem de sua sala — a luz baixa, aconchegante, as cortinas de veludo gastas, a mobília caindo aos pedaços surgiu à minha frente e, por um breve momento, a idéia de me recostar em um de seus sofás, longe das tensões, pareceu peculiarmente sedutora. Respirei fundo e suspirei.

— Não me esquecerei de seu convite gentil, Senhorita Collins — eu disse. — Mas, no momento, tenho de ir para a cama e descansar um pouco. Como deve saber, tenho viajado há meses, e desde que cheguei aqui mal pude parar. Sinto-me extremamente cansado.

Ao dizer isso, toda minha exaustão retornou. Sentia um comichão na pele sob os olhos e esfreguei o rosto com a palma da mão. Ainda esfregava o rosto quando senti que tocavam em meu cotovelo e uma voz disse gentilmente:

— Voltarei com o senhor.

Stephan estava se esticando para me ajudar a descer da cadeira. Apoiei uma mão em seu ombro e desci.

— Também estou muito cansado — disse Stephan. — Voltarei com o senhor.

— Voltará?

— Sim, hoje, dormirei em um dos quartos. Muitas vezes faço isso, quando pego no serviço de manhã cedo.

Por um instante suas palavras continuaram a me intrigar. Depois, ao passar pelos grupos de convidados em pé e sentados, pelos garçons e mesas, para onde o amplo salão desaparecia na escuridão, subitamente me dei conta de que estávamos no átrio do hotel. Não o tinha reconhecido porque, mais cedo, havia entrado pelo lado oposto.

Em algum lugar na escuridão, no outro extremo, estaria o bar em que eu tomara café e planejava o dia.

Não tive tempo para continuar pensando nisso, pois Stephan estava me conduzindo para fora com uma insistência surpreendente.

— Vamos indo, Senhor Ryder. Além do mais, há algo que quero lhe falar.

— Boa noite, Senhor Ryder — disse a Senhorita Collins, quando passamos. Olhei para trás, para lhe desejar boa noite, e teria feito isso de uma maneira menos apressada se Stephan não continuasse a me pressionar a sair. Realmente, ao atravessarmos o salão, ouvi as pessoas, de tudo que é lado, me desejarem boa noite e, embora sorrisse e acenasse o melhor que conseguia, estava consciente de que minha saída não se fazia do modo que deveria. Mas Stephan estava claramente determinado, e quando eu ainda

respondia boa noite por sobre o ombro, deu um puxão em meu braço e disse:

— Senhor Ryder, estive pensando. Talvez esteja sendo presunçoso, mas realmente acho que eu devia tocar Kazan. Lembrei-me de seu conselho de insistir no que estava preparando. Mas, na verdade, estive pensando e sinto ser capaz de dominar Glass Passions. Está dentro de minha capacidade, acredito realmente nisso. O único problema é o tempo. Mas se realmente me dedicar, trabalhar com afinco, à noite e tudo, acho que serei capaz de tocá-la.

Havíamos penetrado na parte escura do átrio. Os saltos de Stephan ecoavam no vazio, o ruído de meus chinelos serviam de contraponto. Consegui discernir na penumbra, em algum lugar à nossa direita, o pálido mármore da grande fonte, agora quieta e silenciosa.

— Sei que não é da minha conta — eu disse —, mas, em seu lugar, simplesmente prosseguiria com o que planejava tocar originalmente. Foi o que escolheu e deve persistir. De qualquer jeito, na minha opinião, é sempre um erro alterar um programa em cima da hora...

— Mas, Senhor Ryder, o senhor não entende. É a minha mãe. Ela...

— Lembro-me de tudo que me contou antes. E, como já disse, não quero me meter. Mas, com todo respeito, acho que há uma hora na vida em que devemos defender nossas decisões. Hora de dizer: "Isto sou eu, foi isto que escolhi fazer."

— Senhor Ryder, entendo o que quer dizer. Mas acho que só está dizendo isso... embora saiba que me aconselha com a melhor das intenções... mas, bem, acho que só está dizendo isso porque não acredita que um amador como eu seja capaz de executar Kazan decentemente, sobretudo com o pouco tempo que me restou. Mas, entenda, passei o jantar todo pensando nisso e acredito realmente...

— Não há dúvida de que não me compreendeu — disse eu, sentindo uma ponta de impaciência com ele. — Não entendeu mesmo. O que estou dizendo é que tem de resistir.

Mas o rapaz parecia que não estava escutando.

— Senhor Ryder — prosseguiu ele —, sei que é muito tarde e que está ficando cansado. Mas não seria possível me conceder apenas alguns minutos, digamos, uns quinze minutos? Poderíamos ir à sala e eu tocaria um trecho de Kazan, não a obra toda, só um trecho. Então, me diria se tenho alguma chance de me dar bem na noite de quinta-feira. Oh, com licença.

Hávamos chegado ao final do átrio e paramos no escuro, enquanto Stephan destrancava as portas que davam para o corredor. Olhei para trás e a área em que estivéramos jantando não passava de um pequeno lago iluminado em plena escuridão. Parecia que os

convidados tinham voltado a se sentar, e consegui ver as figuras dos garçons movendo-se em círculos com suas bandejas.

O corredor era muito mal iluminado. Stephan trancou as portas atrás de nós e caminhamos, lado a lado, sem falar. Depois de um certo tempo, em que o rapaz olhara para mim algumas vezes, ocorreu-me que estivesse esperando minha resposta. Dei um suspiro e disse:

— Certamente gostaria de ajudá-lo. Compreendo perfeitamente sua situação. Mas é que está tão tarde e...

— Senhor Ryder, percebo que está cansado. Posso fazer uma sugestão? E se eu entrar na sala sozinho e o senhor escutar do lado de fora? Assim que já tiver escutado o suficiente para formar uma opinião, poderá ir se deitar. Evidentemente, não saberei se ainda está lá fora ou não, de modo que me sentirei motivado a atuar da melhor maneira até o fim da peça — que é do que preciso. Poderá me dar sua opinião pela manhã.

Pensei e, finalmente, disse:

— Muito bem. A proposta me parece razoável. Satisfaz aos dois de modo muito conveniente. Está bem, faremos como disse.

— Senhor Ryder, é muita gentileza de sua parte. Não faz idéia de como isso me ajudará. Tenho vivido um dilema.

Em sua excitação, o jovem apressou a marcha. O corredor fez uma curva e se tornou mais escuro, de modo tal que, ao nos apressarmos, tive de estender os braços mais de uma vez com

receio de me desviar e me chocar com a parede. Além de, no extremo do corredor, uma certa iluminação emitida pelas portas envidraçadas que davam para o saguão do hotel, parecia não haver mais qualquer fonte de luz. Anotava o fato mentalmente para comentá-lo com Hoffman na próxima vez que o visse quando Stephan falou:

— Aqui estamos — e parou. Percebi que estávamos diante das portas da sala de estar.

As chaves tilintavam na mão de Stephan, quando, finalmente, as portas se abriram, e nada vi além da total escuridão. Mas o rapaz entrou animadamente na sala, depois, voltou a dar uma espiada no corredor.

— Se puder me dar apenas alguns segundos para que encontre a partitura — disse ele. — Está em algum lugar, sobre o banco, mas é que aqui está uma bagunça.

— Não se preocupe, não irei embora até ter formado uma opinião.

— Senhor Ryder, é tão gentil. Bem, não vai demorar.

As portas se fecharam com um estrépito e, por alguns minutos, fez-se silêncio. Permaneci de pé no escuro, olhando de vez em quando para o fim do corredor e para a luz que vinha do saguão.

Então, finalmente, Stephan iniciou o movimento da abertura de Glass Passions. Após os primeiros compassos, escutei cada vez mais atentamente. Imediatamente ficou claro que o rapaz

não estava familiarizado com a peça, entretanto, sob a insegurança e rigidez, pude discernir uma imaginação de uma originalidade e sutileza emocional que me surpreenderam. Mesmo nessa forma ainda tosca, sua leitura de Kazan apresentava certas dimensões nunca vislumbradas na grande maioria das interpretações.

Inclinei-me à frente, para mais perto da porta, esforçando-me para captar sua nuance hesitante. Mas então, quase no final do movimento, a fadiga me invadiu e me lembrei de como era tarde. Ocorreu-me que não precisava ouvir mais — tendo um tempo razoável para praticá-lo, Kazan estava obviamente dentro de sua capacidade — e comecei a andar lentamente na direção do saguão.

PARTE II

11

Fui acordado pelo telefone tocando na mesinha-de-cabeceira. A primeira coisa que me ocorreu foi que, novamente, havia sido perturbado após alguns minutos de sono, mas então vi, pela luz, que a manhã já avançava. Atendi, apreensivo pela súbita impressão de ter dormido demais.

— Ah, Senhor Ryder — disse a voz de Hoffman —, espero que tenha dormido bem.

— Obrigado, Senhor Hoffman, dormi muito bem. Mas, evidentemente, neste momento começava a pensar em me levantar. com um dia tão cheio à minha espera — dei uma risada —, está mais do que na hora de iniciá-lo.

— É verdade, que dia terá pela frente! Entendo perfeitamente que queira armazenar o máximo de energia nesta altura da manhã. Muito sensato, se posso dizer assim. Principalmente depois de ter dado tanto de si mesmo na noite passada. Ah, que discurso maravilhosamente espirituoso! A cidade

toda não fala de outra coisa! Mas de qualquer jeito, Senhor Ryder, como sabia que deveria estar se levantando a esta hora, achei que poderia ligar e lhe comunicar a situação. Fico feliz em lhe informar que o 343 está pronto. Permita-me sugerir que inicie sua mudança imediatamente. Seus pertences, se não fizer objeções, serão transferidos enquanto toma seu café. Sei que o 343 será muito mais satisfatório que seu quarto atual. Mais uma vez, peço desculpas pelo engano. Sinto-me mortificado por tê-lo cometido. Mas, como acho que expliquei ontem à noite, às vezes é muito difícil avaliar essas coisas.

— Sim, sim, entendo perfeitamente. — Olhei em volta e senti uma tristeza desesperadora começando a se entranhar em mim. — Mas, Senhor Hoffman — fiz um esforço para manter a voz sob controle —, há um pequeno problema. Meu filho, Boris, está comigo aqui, neste hotel, e...

— Ah, sim, o rapazinho também é muito bem-vindo. Já providenciei para que fosse transferido para o 342, ao lado do seu. De fato, Gustav providenciou sua transferência mais cedo, esta manhã. Portanto, não precisa se preocupar com nada. Após o desjejum, por favor, dirija-se ao 343. Encontrará todas as suas coisas lá. É apenas um andar acima do que está agora. Estou certo de que gostará muito mais desse. Mas, evidentemente, se não ficar satisfeito, comunique-me imediatamente.

Agradei e desliguei. Levantei-me da cama, olhei em volta, e respirei fundo. À luz da manhã, o quarto não parecia nada tão especial — apenas um típico quarto de hotel — e me ocorreu que demonstrava por ele um apego despropositado. Entretanto,

enquanto tomava banho e me vestia fui ficando, de novo, cada vez mais sentimental. Então, de repente, pensei que antes de descer para o café, de fazer qualquer coisa, deveria ver se estava tudo bem com Boris. Imaginava que estivesse, neste exato momento, sozinho em seu novo quarto, de certa forma, um pouco desorientado. Acabei de me vestir rapidamente, e, lançando um último olhar para trás, saí do quarto.

Seguia pelo corredor do terceiro andar, procurando o 342, quando ouvi um barulho e vi Boris correndo na minha direção, vindo do extremo oposto. Corria de uma maneira curiosa e parei ao vê-lo, pego de surpresa. Então, percebi que movia as mãos como se estivesse dirigindo e imaginei que personificasse alguém em um carro em alta velocidade. Falava furiosamente, a meia voz, com um passageiro invisível à sua direita, e, ao passar tão rapidamente, não deu mostras de ter me notado. Havia uma porta entreaberta bem adiante, no corredor, e quando se aproximou dela, gritou " Cuidado!" e deu uma guinada para dentro do quarto. De dentro, ressoou um barulho, feito pela voz de Boris, de coisas se quebrando. Dirigi-me à porta e, certificando-me de que realmente era o 342, entrei.

Encontrei Boris deitado de costas, com os pés para cima.

— Boris — eu disse —, não devia ficar correndo e gritando assim pelo corredor. Isto é um hotel. E, como sabe, as pessoas podem estar dormindo.

— Dormindo a esta hora do dia!

Fechei a porta atrás de mim.

— Não devia fazer esse barulho todo. Farão queixas.

— Se reclamarem, pior para eles. Eu mando o vovô cuidar deles.

Seus pés ainda estavam para cima e, agora, ele começava a bater, indolentemente, os sapatos um no outro. Peguei uma cadeira e o observei por um momento.

— Boris, preciso falar com você. Quer dizer, precisamos conversar, nós dois. Será bom para nós. Você deve ter muitas perguntas a respeito de tudo isso. A respeito de por que estamos aqui, no hotel.

Fiz uma pausa para ver se ele diria alguma coisa. Boris continuou a bater os sapatos, com os pés no ar.

— Boris, você foi muito paciente até agora — prossegui. — Mas sei que há muitas coisas que quer perguntar. Lamento estar sempre tão ocupado e não ter tempo para me sentar e conversar com você apropriadamente. E lamento a noite passada. Foi decepcionante para nós dois. Boris, deve ter tantas perguntas a fazer. Algumas não terão respostas fáceis, mas me esforçarei para responder da melhor forma possível.

Por alguma razão, ao dizer isso — talvez tivesse relação com o antigo quarto e o pensamento de tê-lo abandonado para sempre —, uma forte sensação de perda me invadiu e fui obrigado a fazer uma pausa. Boris continuou batendo os pés por mais um pouco. Suas pernas, então, pareceram se cansar e ele as deixou cair na cama. Pigarreei e disse:

— Então, Boris, por onde começamos?

— O Homem Solar! — Boris soltou, de repente, um grito agudo e cantou alto os compassos de abertura de alguma trilha sonora. Feito isso, caiu ruidosamente, desaparecendo no espaço entre a cama e a parede.

— Boris, estou falando sério. Pelo amor de Deus, tem de falar sobre essas coisas. Boris, saia daí, por favor. — Não houve resposta. Suspirei e fiquei de pé. — Boris, quero que saiba que, sempre que quiser me perguntar alguma coisa, simplesmente pergunte. Interromperei o que estiver fazendo para falar com você. Mesmo que eu esteja com alguém que pareça muito importante, quero que saiba, que nunca será tão importante para mim quanto você. Boris, está me ouvindo? Boris, saia daí.

— Não posso. Não posso me mexer.

— Boris, por favor.

— Não posso me mexer. Quebrei três vértebras.

— Muito bem, Boris. Talvez possamos conversar quando estiver se sentindo melhor. Vou descer agora para tomar café. Boris, ouça. Se quiser, depois do café, podemos ir até o antigo apartamento. Podemos fazer isso, se quiser. Podíamos ir e buscar a caixa. A que está com o Número Nove. — Continuou sem haver resposta. Esperei mais um pouco e disse: — Bem, pense nisso, Boris. Agora vou descer para tomar café.

Com isso, saí do quarto, fechando calmamente a porta atrás de mim.

Fui introduzido em uma peça comprida, ensolarada, na parte fronteira do saguão. As grandes janelas davam para a rua, ao nível da calçada, mas haviam sido empregados vidros opacos na metade inferior, para oferecer uma certa privacidade, e o barulho do trânsito lá fora ressoava amortecido. Palmeiras altas e ventiladores de teto davam um ar vagamente exótico ao ambiente. As mesas haviam sido dispostas em duas filas compridas e, quando o garçom me conduziu pela passagem entre elas, reparei que a maior parte já havia sido limpa.

O garçom me instalou perto do final e me serviu um pouco de café. Quando se afastou, vi que os únicos outros hóspedes presentes eram um casal falando em espanhol, perto da entrada, e um homem velho lendo um jornal, a algumas mesas adiante. Supus ser o último hóspede a tomar o café da manhã, mas afinal havia tido uma noite excepcionalmente absorvente e não via razão para me sentir culpado.

Pelo contrário, enquanto estava ali, observando as palmeiras se agitarem delicadamente sob os ventiladores ligados, comecei a ser tomado por uma sensação de contentamento.

Afinal, tinha motivos suficientes para estar muito satisfeito com o que realizara no curto espaço de tempo desde minha chegada. Naturalmente, ainda havia vários aspectos da crise local que permaneciam obscuros, até mesmo misteriosos. Porém, não estava ali nem há vinte e quatro horas, e as respostas às perguntas

fatalmente não tardariam a se apresentar. Mais tarde, por exemplo, visitaria a condessa e não apenas teria oportunidade de refrescar a memória a respeito da obra de Brodsky, em seu velho toca-discos, como também de conversar detalhadamente sobre a crise, tanto com ela quanto com o prefeito. Depois, haveria o encontro com os cidadãos afetados mais diretamente pelos problemas atuais — cuja importância havia sido salientada pela Senhorita Stratmann no dia anterior — e o encontro com Christoff em pessoa.

Em outras palavras, vários de meus compromissos mais significativos estavam ainda para acontecer, e não fazia sentido, nesse estágio, tentar tirar qualquer conclusão definitiva, nem mesmo começar a pensar em finalizar meu discurso. Por enquanto, tinha o direito de me sentir satisfeito com a quantidade de informações que já absorvera, e, certamente, podia me conceder alguns minutos de relaxamento indulgente enquanto tomava o café da manhã.

O garçom retornou trazendo frios, queijos e uma cesta de pãezinhos frescos, e comecei a comer sem pressa, vertendo café na xícara, um pouco de cada vez. Quando, finalmente, Stephan Hoffman apareceu, eu me aproximava de um estado de espírito totalmente relaxado.

— Bom dia, Senhor Ryder — disse o rapaz, aproximando-se com um sorriso. — Soube que acabara de descer. Não quero atrapalhar seu café, por isso não me demorarei.

Permaneceu incerto ao lado da mesa, ainda com o sorriso no rosto, claramente esperando que eu falasse. Só então me lembrei de nosso acordo na noite passada.

— Ah, sim — disse eu. — Kazan. Ah, sim. — Pus a faca de manteiga no prato e olhei para ele. — Evidentemente é uma das peças mais difíceis compostas para piano. Como só começou agora a praticá-la, não me surpreendi ao escutar uma certa aspereza. Nada muito mais que isso, uma falta de polimento. com essa peça, pouco se pode fazer a não ser se dedicar a ela. Por muito tempo. — Fiz uma pausa. O sorriso desaparecera da face de Stephan. — Mas no geral prossegui —, e não digo isso só por dizer, achei sua interpretação da noite passada excepcionalmente promissora. Contanto que tenha tempo suficiente, estou certo de que poderá interpretar bem até mesmo uma peça tão difícil. Evidentemente, o problema é...

Mas o rapaz já não estava mais ouvindo. Chegando mais perto, disse:

— Senhor Ryder, deixa eu ver se entendi direito. Está dizendo que a prática é tudo de que preciso? Que está dentro de minha capacidade? — Subitamente, o rosto de Stephan se contorceu, seu corpo se curvou e bateu com o punho no joelho levantado. Depois, aprumou-se, respirou fundo e sorriu exultante.

— Senhor Ryder, não faz a menor idéia, nenhuma idéia do que isso significa para mim. Que estímulo maravilhoso, não faz idéia! Sei que pode soar presunçoso, mas confesso que sempre senti isso, lá no fundo de mim mesmo, sempre senti que podia. Mas ouvi-lo dizer isso, o senhor mais que qualquer outra pessoa, meu Deus, é inestimável! Ontem à noite, Senhor Ryder, toquei várias vezes. Toda vez que sentia o cansaço se apoderar de mim e me sentia tentado a parar, uma vozinha em meu interior dizia: "Espera. O Senhor Ryder

talvez ainda esteja lá fora. Pode precisar escutar mais um pouco para avaliar."

E me entregava mais ainda, me dava inteiro, prosseguindo. Quando terminei, há mais ou menos duas horas, confesso que fui até a porta e dei uma espiada. É claro que descobri que tinha ido se deitar, uma atitude muito sensata. Mas foi tão bom ficando o tempo que ficou. Só espero que não tenha sacrificado muito seu sono por minha causa.

— Oh, não, não. Fiquei à porta por... um certo tempo. O suficiente para fazer uma avaliação.

— Foi tão gentil, Senhor Ryder. Sinto-me outro esta manhã. As nuvens se dissiparam!

— Ouça, não deve ter uma idéia errada. Disse que a peça está dentro de sua capacidade. Mas se tiver tempo antes de...

— Tenho certeza de que terei tempo suficiente. Aproveitarei todo o tempo disponível para praticá-la. Eu me esquecerei do sono. Não se preocupe, Senhor Ryder. Meus pais sentirão orgulho de mim amanhã à noite.

— Amanhã à noite? Oh, sim...

— Oh, mas aqui estou eu a falar egoisticamente só de mim mesmo, e ainda nem mencionei como o senhor esteve sensacional ontem à noite. Refiro-me ao jantar. Todos estão comentando, a cidade toda. Foi realmente um discurso encantador.

— Obrigado. Fico feliz que tenham gostado.

— E tenho certeza de que ajudou enormemente a criar a atmosfera do que se seguiu. Sim e esta é a verdadeira boa notícia que deveria ter-lhe contado imediatamente. Como viu, a Senhorita Collins esteve presente ontem à noite. A certa altura quando estava saindo, ela e o Senhor Brodsky, aparentemente, trocaram sorrisos. Sim, de verdade! Muitas pessoas testemunharam. Meu pai mesmo viu. Ele não forçou colocá-los em contato direto, tomou muito cuidado para que as coisas não fossem precipitadas, especialmente com a Senhorita Collins ainda refletindo a respeito do zôo e tudo. Mas foi exatamente quando ela estava de saída. Parece que o Senhor Brodsky notou que ela ia embora e se levantou. Havia ficado sentado àquela mesa a noite toda, mesmo quando as pessoas se agitavam de um lado para o outro, com toda liberdade, como costumam fazer. Mas então, o Senhor Brodsky ficou de pé e olhou para o outro lado do salão, para a saída, onde a Senhorita Collins dizia boa-noite a algumas pessoas. Um dos senhores, acho que foi o Senhor Weber, acompanhava-a, mas algum tipo de instinto deve tê-la alertado.

Seja como for, ela lançou um olhar para os fundos do salão e, naturalmente, viu o Senhor Brodsky em pé, olhando para ela. Meu pai notou, e também alguns outros, e o salão ficou mais silencioso. Papai pensou, por um momento terrível, que ela lhe lançaria um olhar rancoroso, sua face chegou a sugerir que assim seria. Mas então, no último momento, ela sorriu. Sim, ela sorriu para o Senhor Brodsky! Depois, saiu. Quanto ao Senhor Brodsky, bem, pode imaginar o que isso deve ter significado para ele.

Imagine só, depois de todos esses anos! Segundo meu pai, acabei de vê-lo, o Senhor Brodsky está trabalhando com uma energia incomum esta manhã. Já está ao piano há uma hora! Pegou-o assim que o larguei. Meu pai disse que há algo totalmente diferente nele e, evidentemente, nada indica que tenha precisado de uma bebida. É um triunfo para meu pai, mais do que para qualquer pessoa, mas estou certo de que seu discurso contribuiu enormemente para tudo isso! Ainda estamos aguardando a resposta da Senhorita Collins quanto a ir ou não ao zôo, mas, depois do que aconteceu ontem à noite, não conseguimos deixar de ficar otimistas. Que manhã está se tornando esta!

Bem, Senhor Ryder, não vou prendê-lo mais, estou certo de que está ansioso por terminar seu café. Só quero lhe dizer mais uma vez obrigado por tudo. Tenho certeza de que nos cruzaremos durante o dia, e, então, lhe direi como as coisas estão indo com Kazan.

Desejei-lhe boa sorte e o observei sair, com um ar decidido, da sala.

O encontro com o rapaz fez com que me sentisse mais satisfeito do que nunca. Em seguida, por vários minutos, prossegui com meu desjejum no mesmo ritmo descansado, deliciando-me principalmente com o paladar fresco da manteiga local. Em certo ponto, o garçom apareceu com outro bule de café, depois, tornou a se afastar. Passado um certo tempo, não sei bem por que, me peguei tentando lembrar a resposta a uma pergunta feita por um homem sentado ao meu lado em um avião. Três pares de irmãos haviam jogado juntos na final de uma Copa do Mundo, ele disse.

Recordava-me de seus nomes? Dei alguma desculpa e voltei ao meu livro, não querendo me distrair conversando.

Mas desde então, em ocasiões como essas, isto é, durante os raros minutos que encontro para mim mesmo, sua pergunta me voltava à memória. O irritante era que às vezes, ao longo dos anos, eu conseguia me lembrar dos três grupos de irmãos, mas, outras vezes, percebia ter-me esquecido de um ou outro. E assim acontecia nessa manhã. Lembrei-me de que os irmãos Charlton haviam jogado pela Inglaterra na final de 1966, os irmãos Van der Kerhof pela Holanda, em 1978.

Porém, por mais que me esforçasse, não consegui me lembrar do terceiro par. Depois de algum tempo, fui ficando cada vez mais irritado comigo mesmo, e, em certo ponto, decidi não me levantar dali e nem iniciar os compromissos do dia até ter conseguido lembrar o nome do terceiro par de irmãos.

Fui despertado de meu devaneio ao perceber que Boris entrara na sala e se dirigia a mim. Vinha tão lentamente, vagueando indiferente de mesa em mesa, todas vazias, como se aproximasse de mim simplesmente por acaso. Evitou me encarar, e, mesmo quando chegou à mesa ao lado, retardou-se ali, passando os dedos na toalha, de costas para mim.

— Boris, já tomou café? — perguntei.

Ele continuou passando a mão na toalha. Então, perguntou em um tom de voz que sugeria que não estava se importando com a resposta.

— Vamos ao antigo apartamento?

— Sim, se quiser. Prometi que iríamos se você quisesse. Quer ir, Boris?

— Não tem de trabalhar?

— Sim, mas posso fazê-lo mais tarde. Podemos ir ao velho apartamento se quiser. Mas, se vamos, tem de ser agora. Como sabe, tenho um dia cheio pela frente.

Boris pareceu refletir. Mantinha-se de costas para mim e continuava a mexer na toalha da mesa.

— Então, Boris? Vamos?

— O Número Nove está lá?

— Acho que sim. — Decidindo que devia tomar a iniciativa, me levantei e joguei o guardanapo ao lado do prato. — Vamos sair agora mesmo. Parece que faz sol. Não precisamos subir para pegar os casacos. Vamos assim mesmo, agora.

Boris pareceu hesitar, mas coloquei o braço em torno de seus ombros e o conduzi para fora da sala.

Quando eu e Boris atravessávamos o saguão, percebi que o recepcionista acenava para mim.

— Oh, Senhor Ryder — disse ele. — Os jornalistas chegaram mais cedo hoje. Achei melhor mandá-los embora por agora e propus que tentassem de novo daqui a uma hora. Não se preocupe, concordaram de bom grado.

Refleti por um momento, depois disse:

— Infelizmente, neste exato momento, tenho algo muito importante a fazer. Talvez pudesse pedir a esses senhores que combinassem um horário conveniente por meio da Senhorita Stratmann. Agora, se nos dá licença, temos de ir.

Somente quando já havíamos saído do hotel e estávamos na calçada ensolarada, me ocorreu que não sabia como chegar ao velho apartamento. Fiquei, por alguns instantes, olhando o trânsito lento à nossa frente. Então, Boris, talvez percebendo minha dificuldade, disse:

— Podemos pegar o ônibus elétrico. Em frente ao posto de bombeiros.

— Ótimo. Tudo bem, Boris, você me guia.

O barulho do trânsito era tal que, durante os minutos seguintes, mal nos falamos. Esquivamo-nos da multidão que ocupava as calçadas estreitas, atravessamos duas pequenas ruas e demos em uma ampla avenida com linhas de ônibus e várias faixas de trânsito lento. A calçada era bem mais larga e passávamos pelos pedestres, bancos, escritórios e restaurantes com mais facilidade. Então, ouvi passos apressados atrás de mim e senti uma mão tocar em meu ombro.

— Senhor Ryder! Finalmente o encontro!

Ao me virar, deparei com um homem que parecia um cantor de rock idoso. Tinha a cara curtida e um cabelo comprido

embaraçado, dividido ao meio. Sua camisa e calça eram largas e de cor creme.

— Como vai? — disse cautelosamente, ciente de que Boris o observava desconfiado.

— Quantos mal-entendidos infelizes! — disse o homem rindo. Marcaram vários horários tão diferentes. Ontem à noite esperamos por muito tempo, por mais de duas horas, mas não importa! Essas coisas acontecem. Ouso afirmar que nada disso foi culpa sua. De fato, estou certo de que não.

— Ah, sim. E, hoje de manhã, esperaram novamente. Sim, sim, o recepcionista me disse.

— Esta manhã, novamente, houve um mal-entendido. — O homem de cabelo comprido deu de ombros. — Disseram que voltássemos dali a uma hora. Por isso estávamos matando o tempo ali, naquele café, o fotógrafo e eu. Mas, já que passou por aqui, quem sabe não podemos fazer a entrevista e as fotos agora mesmo. Assim, não precisaremos incomodá-lo de novo. Evidentemente, sabemos que, para alguém como o senhor, falar para um pequeno jornal local não está incluído em suas prioridades...

— Pelo contrário — repliquei rapidamente —, sempre dei a maior importância a jornais como o seu. As opiniões locais dependem de vocês. Considero as pessoas como o senhor os contatos mais valiosos em uma cidade.

— É muita gentileza, Senhor Ryder. E, se me permite, muita perspicácia.

— Mas ia dizer que, infelizmente, neste exato momento, tenho de fazer algo.

— Claro, claro. Por isso mesmo, sugeria que resolvêssemos logo isso, em vez de ficarmos incomodando-o o dia todo. Nosso fotógrafo, Pedro, está logo ali, no café.

Ele pode tirar algumas fotos, enquanto lhe faço duas ou três perguntas. Então, o senhor e o jovem podem ir aonde quiserem. A coisa toda não levará mais de quatro ou cinco minutos. Parece, sem dúvida, a solução mais simples.

— Hum. Apenas alguns minutos — disse.

— Oh, ficaremos mais que satisfeitos com apenas alguns minutos. Entendemos perfeitamente quantos outros compromissos importantes devem constar em sua agenda. Como eu disse, estamos logo ali, naquele café.

Ele apontava para um lugar a uma pequena distância, onde mesas e cadeiras estavam dispersas na calçada. Não parecia o tipo de local ideal para se fazer uma entrevista, mas achei que talvez fosse a maneira mais simples de encerrar o assunto com os jornalistas.

— Muito bem — disse eu. — Mas quero deixar claro que minha agenda está muito apertada esta manhã.

— Senhor Ryder, é muito gentil. E com um jornal tão simples como o nosso! Bem, vamos acabar o mais rápido possível com isso. Por favor, siga-me.

O jornalista de cabelo comprido nos guiou de volta pela calçada, quase colidindo com outro pedestre na pressa de chegar ao café. Ele logo ficou alguns passos à frente e tive a oportunidade de dizer a Boris:

— Não se preocupe, não vai demorar nada. Eu cuidarei para que seja assim. — Boris continuou com a expressão de desapontamento e acrescentei: — Ouça, pode comer alguma coisa gostosa enquanto espera. Um sorvete ou uma torta de queijo. Sairemos logo em seguida.

Paramos em um pátio estreito, cheio de pára-sóis.

— Chegamos — disse o jornalista, apontando para uma das mesas. — Estamos logo ali.

— Se não se importa — eu disse —, antes vou acomodar Boris lá dentro. Estarei de volta em um minuto.

— Ótima idéia.

Apesar de muitas mesas do lado de fora estarem ocupadas, não havia qualquer cliente dentro do café. A decoração era leve e moderna, e a sala estava inundada de sol.

Uma jovem garçonete gorducha, com aparência nórdica, estava atrás de um balcão envidraçado que exibia uma série de tortas e pastéis. Quando Boris se sentou a uma mesa no canto, a jovem se dirigiu a nós sorrindo.

— O que deseja? — perguntou a Boris. — Hoje, temos as tortas mais frescas da cidade. Chegaram há dez minutos. Está tudo

muito fresco.

Boris interrogou minuciosamente a garçonete antes de se decidir pela torta de queijo com amêndoa e chocolate.

— Okay, não me demoro — eu lhe disse. — Vou só dar uma olhada nesse pessoal e volto logo. Se precisar de alguma coisa, estou lá fora.

Boris encolheu os ombros, a atenção fixa na garçonete, que agora retirava da vitrina um confeito elaborado.

12

Quando retornei à calçada, não encontrei o jornalista de cabelo comprido em lugar algum. Perambulei pelos pára-sóis por um certo tempo, sondando as caras das pessoas sentadas às mesas. Depois de ter dado uma volta pelo local, parei para considerar a possibilidade de o jornalista ter mudado de idéia e ido embora. Mas isso parecia estranho, e olhei em volta mais uma vez. Havia várias pessoas lendo jornal, com o café à frente. Um velho conversava com os pombos em torno de seus pés. Então, ouvi alguém dizer meu nome e, me virando, vi o jornalista na mesa logo atrás de mim. Estava absorto em uma conversa com um homem moreno, atarracado, que achei ser o fotógrafo. Deixando escapar uma exclamação, aproximei-me deles, mas, curiosamente, os dois

continuaram a discussão sem olhar para mim. Mesmo quando puxei uma cadeira e me sentei, o jornalista — que estava no meio de uma frase — lançou-me apenas um olhar superficial. Então, virando-se de novo para o fotógrafo, prosseguiu:

— Portanto, não lhe dê qualquer pista sobre a importância da construção. Só precisa inventar alguma justificativa artística, alguma razão para que ele fique sempre na frente dela.

— Não tem problema — disse o fotógrafo assentindo com a cabeça. — Nenhum problema.

— Mas não o pressione demais. Acho que foi nisso que Schulz errou em Viena, no mês passado. E não se esqueça, como todos desse tipo, ele é vaidoso. Por isso finja ser um grande fã. Diga que o jornal não fazia a menor idéia ao enviá-lo, mas que é realmente fã dele. Isso o conquistará. Mas não mencione o edifício Sattler até termos desenvolvido uma relação de mais confiança.

— Okay, okay. — O fotógrafo continuou anuindo com a cabeça.

— Mas de certa forma acho que isso já devia ter sido combinado. Pensei que já o tivesse convencido.

— Eu ia combinar por telefone, mas aí Schulz me avisou que o cara é um sujeitinho difícil. — Ao dizer isso, o jornalista se virou para mim e sorriu cortesmente.

O fotógrafo, seguindo o olhar do amigo, balançou discretamente a cabeça, e os dois voltaram a conversar.

— O problema com Schulz — disse o jornalista —, é que nunca os elogia o bastante. Ele tem aquele jeito impaciente, mesmo quando não está. Com essa gente, tem-se sempre de estar bajulando. Assim, sempre que bater uma foto, grite "ótimo". Continue exclamando. Não pare de alimentar seu ego.

— Okay, okay, não tem problema.

— Pois então, começarei com... — O jornalista deu um suspiro cansado. — Começarei falando de sua apresentação em Viena ou alguma coisa parecida. Trouxe algumas anotações sobre isso, vou blefar à minha maneira. Mas não vamos perder muito tempo. Após alguns minutos, você dá a entender que teve a inspiração de ir até o edifício Sattler. No começo, mostrarei estar chateado com a idéia, mas acabarei admitindo que é brilhante.

— Okay, okay.

— Tem alguma dúvida? Não vamos cometer erros. Não se esqueça de que ele é um palerma suscetível.

— Entendo.

— Se alguma coisa começar a dar errado, diga algo lisonjeiro.

— Tudo bem.

Os dois concordaram com a cabeça. Então, o jornalista respirou fundo, bateu palmas, e se virou para mim, animando-se repentinamente.

— Ah, Senhor Ryder, está aqui! É tão gentil nos concedendo um pouco de seu tempo precioso. E o jovem, espero que esteja se divertindo.

— Sim, sim. Pediu um pedaço grande de torta de queijo.

Rimos alegremente. O fotógrafo moreno deu um sorriso largo e forçado e disse:

— Torta de queijo. Sim, é a minha favorita. Desde que eu era pequeno.

— Oh, Senhor Ryder, este é Pedro.

O fotógrafo sorriu e estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo. Foi uma sorte, confesso. Fui designado para este trabalho só hoje de manhã. Quando acordei, tudo que esperava era ter de fazer outra foto na Câmara. Então, quando estava no banho, recebi a ligação. Quer fazer isso?, perguntaram. Se eu queria? Esse homem é o meu ídolo desde que era menino, respondi. Se quero fazer? Cristo! Faria isso de graça. Pagarei para fazê-lo, eu disse. Basta me dizerem aonde ir. Juro que nunca fiquei tão emocionado com um trabalho.

— Para ser franco, Senhor Ryder — disse o jornalista —, o fotógrafo que estava comigo ontem à noite, no hotel, bem, depois de termos esperado por algumas horas, começou a ficar um pouco impaciente. Naturalmente, me enfureci com ele. "Parece que não dá conta", eu lhe disse, "de que, se o Senhor Ryder se atrasou, com certeza teve um compromisso extremamente importante. Se é gentil

o suficiente para concordar em nos conceder um pouco de seu tempo e temos de esperar, que esperemos então." Confesso que fiquei muito irritado com ele. Na volta, eu disse ao editor que ele não era bom para o trabalho. "Encontre outro fotógrafo para hoje de manhã", exigi. " Quero alguém que saiba apreciar a posição do Senhor Ryder e lhe mostre a gratidão devida." Sim, acho que falei com convicção, pois aqui está Pedro, que acabou se revelando tão fã do senhor quanto eu.

— Mais, mais ainda — protestou Pedro. — Quando atendi o telefone hoje de manhã, não consegui acreditar. Meu ídolo está na cidade e vou fotografá-lo. Meu Deus, será o melhor trabalho que já fiz, disse para mim mesmo, enquanto tomava banho. com um cara desse, tem-se sempre de fazer o melhor. Eu o colocarei em frente ao edifício Sattler. Foi isso que imaginei. Enquanto tomava banho, a composição toda ficou clara em minha cabeça.

— Bem, Pedro — disse o jornalista, encarando-o com dureza —, tenho dúvidas se o Senhor Ryder estaria disposto a ir até o edifício Sattler só para que batesse algumas fotos. Tudo bem que, de carro, fique no máximo a alguns minutos daqui, mas, ainda assim, alguns minutos não são desprezíveis para um homem com a agenda cheia. Não, Pedro, faça o melhor que puder aqui mesmo, tire algumas fotos do Senhor Ryder enquanto conversamos. Sei que a calçada de um café é muito lugar-comum, não transmitirá o carisma tão exclusivo do Senhor Ryder. Mas terá de ser assim. Admito que sua idéia de colocar o Senhor Ryder diante do edifício Sattler é muito inspirada. Mas simplesmente ele não tem tempo. Teremos de nos satisfazer com uma foto mais comum.

Pedro bateu com um punho na palma da mão e balançou a cabeça.

— Acho que tem razão. Mas, Cristo, isso é duro. Uma oportunidade, uma oportunidade única na vida de fotografar o Senhor Ryder e tenho de me contentar com uma cena de café. A vida dá e tira. Abanou novamente a cabeça com tristeza. Então, ficaram os dois ali, por um momento, olhando para mim.

— Bem — finalmente eu disse —, esse tal edifício fica realmente a apenas alguns minutos de carro?

Pedro se aprumou abruptamente, sua fisionomia se iluminou com o entusiasmo.

— Concorda? Posaria em frente ao edifício Sattler? Cristo, que sorte! Sabia que era um grande sujeito!

— Um momento...

— Tem certeza, Senhor Ryder? -Disse o jornalista segurando meu braço. — Tem mesmo certeza? Sei que seu horário é apertado. Nossa, é realmente magnífico de sua parte! Sinceramente, não levará mais de três minutos de táxi. Se esperar aqui, eu mesmo irei buscar um. Pedro, por que não tira algumas fotos do Senhor Ryder enquanto espera? O jornalista se apressou. No momento seguinte, o vi na beira da calçada, inclinado na direção do trânsito, um braço sustentado no ar.

— Senhor Ryder, por favor.

Pedro estava abaixado, apoiado sobre um joelho, me olhando através da câmera. Endireitei o corpo na cadeira — assumindo uma postura relaxada, mas não excessivamente lânguida — e estampeei um sorriso cordial.

Pedro apertou o obturador algumas vezes. Então, recuou um pouco e tornou a se agachar, dessa vez ao lado de uma mesa vazia, perturbando um bando de pombos que bicavam algumas migalhas de pão. Eu estava rearrumando minha postura, quando o jornalista voltou correndo.

— Senhor Ryder, não estou conseguindo encontrar um táxi, mas o ônibus elétrico acaba de chegar. Por favor, se nos apressarmos, poderemos pegá-lo. Pedro, rápido, o ônibus.

— Chegaremos tão rápido quanto de táxi? — perguntei.

— Sim, sim. De fato, com um trânsito como este, o ônibus será mais rápido. Garanto, Senhor Ryder, que não há nada com que se preocupar. O edifício Sattler é muito perto. Na verdade — levantou a mão para proteger os olhos do sol e olhou para a frente —, na verdade, dá quase para vê-lo daqui. Se não fosse aquela torre cinza logo ali, poderíamos vê-lo neste exato momento. Estamos realmente muito perto. De fato, se alguém com uma altura normal, não mais alto do que eu ou o senhor, escalasse o telhado do edifício Sattler, ficasse de pé segurando um objeto como uma espécie de mastro, por exemplo, um esfregão, em uma manhã como esta, nós o veríamos facilmente acima da torre cinza. Portanto, como vê, logo estaremos lá. Mas, por favor, o ônibus, temos de andar depressa.

Pedro já estava no meio-fio. Podia vê-lo, como sua pesada bolsa de equipamento sobre o ombro, tentando convencer o motorista a nos esperar. Segui o jornalista e subi no ônibus.

O ônibus deu a partida enquanto nós três percorríamos o corredor procurando lugar vago. O veículo estava cheio e não foi possível sentarmos juntos. Eu me espremi em um banco na parte de trás, entre um homem idoso e pequeno e uma mulher matronal com uma criancinha no colo. O lugar era surpreendentemente confortável e depois de alguns instantes comecei a gostar da viagem. À minha frente, havia três homens velhos lendo um único jornal, que o do meio segurava aberto. O balanço do ônibus parecia lhes criar dificuldades e, às vezes, lutavam pelo controle de uma determinada página.

Viajávamos por algum tempo quando me dei conta da atividade à minha volta e vi a fiscal percorrendo o corredor. Pensei, então, que meus companheiros deviam ter comprado minha passagem, pois tinha certeza de que não pagara ao subir. Quando tornei a olhar por sobre meu ombro, vi que a fiscal, uma mulher pequena, cujo feio uniforme preto não conseguia ocultar uma aparência atraente, só faltava checar nossa parte no ônibus. À minha volta, as pessoas mostravam suas passagens. Reprimindo uma sensação de pânico, me pus a elaborar alguma coisa para dizer que fosse ao mesmo tempo digna e convincente.

Então, a fiscal apareceu e meus vizinhos mostraram suas passagens. Enquanto ela as recortava, declarei com firmeza:

— Estou sem a passagem, mas no meu caso as circunstâncias são especiais, as quais, se me permite, explicarei.

A fiscal olhou para mim e depois disse:

— Não ter a passagem é uma coisa. Mas, realmente, me desapontou ontem à noite.

Assim que ela falou, reconheci Fiona Roberts, uma garota da minha escola primária em Worcestershire, com quem havia desenvolvido uma amizade especial por volta dos meus nove anos. Ela morava perto de nós, um pouco mais adiante, em um chalé não muito diferente do nosso, onde passei muitas tardes brincando, principalmente durante o difícil período que antecedeu nossa partida para Manchester. Não a via desde então, por isso fiquei surpreso por sua maneira acusadora.

— Ah, sim — disse eu —, a noite passada.

Fiona Roberts continuou a me encarar. Talvez tenha sido por causa da expressão reprovadora que ela exibiu naquele momento, mas o fato é que me pus a relembrar uma tarde de nossa infância, quando nós dois ficamos juntos sob a mesa de jantar da casa dela. Como sempre, havíamos criado nosso "esconderijo" pendurando uma variedade de mantas e cortinas, que caíam pelos lados da mesa. Essa tarde em particular havia sido muito quente e ensolarada, mas tínhamos insistido em ficarmos no nosso esconderijo abafado e escuro. Eu dizia alguma coisa a Fiona, sem dúvida com certa minúcia e de uma maneira inquietante. Ela havia tentado me interromper mais de uma vez, mas eu continuava. Finalmente, quando terminei, ela disse:

— Isso é tolice. Assim você ficaria completamente sozinho, se tornaria um solitário.

— Não me importo — eu respondi. — Gosto de estar só.

— Está sendo tolo de novo. Ninguém gosta de ficar só. Eu vou ter uma família grande. No mínimo, cinco filhos. E vou preparar para eles um jantar delicioso todas as noites. — Então, como não respondi, ela repetiu: — Está sendo bobo. Ninguém gosta de ficar sozinho.

— Eu sim. Eu gosto.

— Como pode gostar de ser só?

— Eu gosto. Simplesmente gosto.

De fato, afirmei isso com certa convicção. Nessa tarde fazia já vários meses que eu dera início às minhas "sessões de treinamento"; na verdade, essa obsessão particular provavelmente atingiu seu ápice por volta dessa época.

As "sessões de treinamento" haviam acontecido sem terem sido planejadas. Certa tarde cinzenta, estava brincando na rua sozinho concentrado em alguma fantasia, entrando e saindo de uma vala seca entre uma série de alamos e um campo —, quando subitamente senti pânico e a necessidade da companhia de meus pais. Nosso chalé não ficava longe — via seus fundos do outro lado do campo — mas ainda assim a sensação de terror intensificou-se rapidamente até que fui tomado pela ânsia de correr para casa do outro lado da relva áspera. Mas, por alguma razão — talvez, no

mesmo instante, tenha associado essa sensação à imaturidade —, forcei-me a retardar a ida para casa. Não tive a menor dúvida de que logo correria em disparada através do campo. O que aconteceu foi simplesmente uma questão de usar a força de vontade para atrasar o momento por mais alguns instantes. A estranha mistura de medo e hilaridade que experimentei enquanto ficava ali, paralisado na vala seca, se tornaria bastante familiar nas semanas seguintes. Em alguns dias, minhas "sessões de treinamento" tornaram-se um aspecto regular e importante de minha vida. com o tempo adquiriram um certo ritual, de modo que, assim que sentia os primeiros sinais da necessidade de retornar para casa, ia para um local especial ao longo da rua, sob um grande carvalho, onde ficava por vários minutos, repelindo minhas emoções. Muitas vezes, decidia que já esperara o bastante, que agora podia ir, só para voltar de novo, me forçando a permanecer sob a árvore por mais alguns segundos. Não havia dúvida de que era atraído pela forte e estranha emoção que acompanhava o medo e o pânico crescente nessas ocasiões, uma sensação que talvez tenha sido a responsável pelo poder, de certa forma compulsivo, que as "sessões de treinamento" chegaram a exercer sobre mim.

— Mas você sabe, não sabe? — disse-me Fiona nessa tarde, com o rosto perto do meu, no escuro. — Quando se casar não será necessariamente como foi com sua mãe e seu pai. Não será igual mesmo. Maridos e mulheres nem sempre brigam o tempo todo. Apenas discutem quando... quando alguma coisa especial acontece.

— Que coisa especial?

Fiona ficou em silêncio por um instante. Eu ia repetir a pergunta, dessa vez mais agressivamente, quando ela disse com uma certa deliberação:

— Seus pais. Eles não discutem assim só porque não se dão bem. Não sabe? Não sabe por que discutem o tempo todo?

Então, repentinamente, uma voz irritada gritou do lado de fora de nosso esconderijo e Fiona desapareceu. E enquanto eu permanecia no escuro, debaixo da mesa, ouvi Fiona e a mãe discutirem na cozinha, em voz baixa. Em um determinado ponto, ouvi Fiona repetir em um tom magoado: "Por que não? Por que não posso contar a ele? Todo mundo sabe." E sua mãe respondeu, mantendo a voz baixa: "Ele é mais novo que você. Ele é muito jovem. Não vai lhe contar."

Essas lembranças foram interrompidas quando Fiona Roberts se aproximou um pouco mais e me disse:

— Esperei até às dez e meia. Então, mandei todas comerem. A essa altura, morriam de fome.

— Claro. Naturalmente. — Ri sem muito entusiasmo e olhei em volta. — Dez e meia. A essa hora, as pessoas teriam de estar com fome...

— E àquela hora era óbvio que você não viria mais. Ninguém mais acreditava nisso.

— Não. Suponho que àquela hora, inevitavelmente...

— De início, estava tudo indo bem — disse Fiona Roberts. Nunca tinha oferecido algo parecido, mas estava indo bem. Estavam todas lá, Inge, Trude, todas elas em meu apartamento. Estávamos um pouco tensas, mas tudo corria bem, eu estava realmente muito excitada. Algumas mulheres haviam preparado tanta coisa para a noite, tinham chegado carregadas de pastas cheias de informações e fotos. Só começaram a ficar inquietas a partir das nove horas, quando me ocorreu que talvez você não fosse. Eu saía e entrava na sala servindo mais café, acrescentando mais salgadinhos, tentando manter a expectativa. Percebi que começaram a cochichar, mas eu continuava a achar que, quem sabe?, você ainda chegaria, que talvez tivesse ficado preso no trânsito. Então foi ficando cada vez mais tarde, e, no final, conversavam e cochichavam abertamente. Entende?, até mesmo quando eu estava na sala. Em meu próprio apartamento! Foi quando falei para que comessem. Eu só queria acabar logo com aquilo tudo. Então, sentaram-se à mesa, eu tinha preparado omeletes. Mesmo enquanto comiam, algumas delas, como Ulrike, continuaram a cochichar e a rir baixinho. Mas, de certa forma, preferia as que riam furtivamente. Preferia-as àquelas como Trude, que fingiam se compadecer de mim, fazendo questão de ser gentis até o fim. Oh, como odeio essa mulher! Quando saía, pude ver que dizia a si mesma: "Coitadinha, vive no mundo da fantasia. Devíamos ter imaginado." Oh, detesto-as todas, desprezo a mim mesma por ter-me envolvido com elas. Mas, sabe?, eu vivia aqui há quatro anos e não tinha feito uma única amiga, ficava muito isolada. Há séculos, aquelas mulheres, aquela gente que estava em meu apartamento na noite passada, não tinha nada a ver comigo. Consideravam-se a elite, entende? Chamavam a si mesmas de a

Fundação Cultural e de Artes das Mulheres. É uma besteira, não se trata de uma fundação propriamente dita, mas elas acham que o nome impõe. Gostam de se ocupar elas mesmas do que está sendo organizado na cidade. Por exemplo, quando o Balé de Pequim esteve aqui, fizeram todas as bandeirinhas para a recepção de boas-vindas. Seja como for, consideram-se um grupo privilegiado e até recentemente não se achavam tendo nada a ver com alguém como eu. Essa Inge nem mesmo me cumprimentaria se cruzássemos pela cidade. Mas é claro que tudo isso mudou quando correu a notícia. Quer dizer, que eu o conhecia. Não sei bem como isso aconteceu, eu não andava por aí me gabando disso. Acho que devo ter apenas comentado com alguém. Bem, de qualquer jeito, como deve imaginar, isso mudou tudo. Apropria Inge, no começo do ano, me parou e me convidou para uma de suas reuniões. Eu não queria realmente me envolver com elas, mas aceitei. Acho que pensei que talvez finalmente pudesse fazer alguma amizade, sei lá. Desde o começo, algumas delas, inclusive Inge e Trude, não tinham certeza se deviam acreditar ou não em que eu era uma velha amiga sua. Mas acabaram aceitando a idéia, acho que isso as fazia se sentir bem. A idéia de se encarregarem de seus pais não foi minha, mas obviamente o fato de eu conhecê-lo teve muito a ver. Quando chegou a notícia de que você viria, Inge procurou o Senhor Von Braun dizendo que a Fundação agora estava preparada, depois do Balé de Pequim, para assumir algo realmente importante e que, além disso, um dos componentes do grupo era uma velha amiga sua. Esse tipo de coisa. Assim, a Fundação foi incumbida de dar assistência a seus pais durante sua permanência na cidade. Todas ficaram emocionadas, é claro, embora algumas se mostrassem

nervosas com a responsabilidade. Mas Inge as manteve confiantes, dizendo que agora merecíamos essa honra. Prosseguimos com as reuniões, quando então foram sugeridas idéias de como entretê-los. Inge nos disse, e lamentei saber disso, que seus pais não estavam muito bem, e que, desse modo, as coisas mais óbvias, como um tour pela cidade, não eram as mais apropriadas. Mas houve muitas idéias, e todas começavam a ficar muito agitadas. Então, na última reunião, alguém propôs, bem, por que não convidá-lo a comparecer a uma das reuniões e nos conhecer, a nós todas? Conversaríamos sobre o que seus pais gostariam de fazer. Por um instante, houve um silêncio mortal. Então, Inge disse: "Por que não? Afinal, somos as únicas qualificadas para convidá-lo." Então, todas olharam para mim. Portanto, acabei dizendo: "Bem, acho que estará muito ocupado, mas, se quiserem, posso perguntar-lhe."

E percebi como ficaram excitadas quando eu falei. Quando recebi sua resposta, bem, me tornei uma princesa, trataram-me com gratidão, sorriam carinhosamente sempre que cruzávamos na rua, trazendo presentes para as crianças, oferecendo-se para fazer isso ou aquilo para mim. Por isso pode imaginar o efeito que a noite passada causou, quando você não apareceu.

Suspirou profundamente e ficou em silêncio por um momento, olhando vagamente, através da janela, os prédios por que passávamos. Finalmente, prosseguiu:

— Acho que não devo culpá-lo. Afinal, não nos vemos há tanto tempo. Mas achei que iria por causa de seus pais. Todas tinham várias idéias do que poderíamos fazer com eles. Esta manhã,

devem estar falando de mim. Quase nenhuma foi trabalhar. Têm maridos que ganham bem. Devem estar telefonando uma para a outra ou indo uma à casa da outra, todas dizendo: "Pobre mulher, vive em um mundo só seu. Devíamos ter percebido isso antes. Gostaria de fazer algo para ajudá-la, mas é que, bem, ela é tão aborrecida." Posso ouvi-las perfeitamente, estarão se divertindo. E Inge, um lado dela estará realmente com muita raiva. Estará pensando: "Aquela putinha nos enganou." Mas estará sentindo prazer, estará aliviada. Sabe, por mais que Inge tenha gostado da idéia de eu conhecê-lo, sempre achou isso ameaçador. Posso garantir. A maneira como todas me trataram nestas últimas semanas, desde sua resposta, deve tê-la preocupado. Ela sempre ficou dividida, todas ficaram. Seja como for, estarão se divertindo esta manhã, sei que sim.

Naturalmente, enquanto a ouvia falar, achei que deveria estar sentindo remorso pelo que acontecera na noite passada. Entretanto, apesar do relato detalhado das cenas em seu apartamento, por mais que lamentasse profundamente por ela, descobri que só tinha uma recordação vaga de tal evento fazer parte de minha programação. Além disso, suas palavras fizeram com que me desse conta, com um certo choque, de como tinha dado pouca atenção até aquele momento à chegada iminente de meus pais.

Como Fiona havia dito, nenhum dos dois estava gozando de boa saúde, mal podiam cuidar de si mesmos. Enquanto observava o trânsito pesado e os edifícios envidraçados lá fora, senti realmente um forte desejo de proteção em relação a meus pais idosos. De fato, um grupo de mulheres do lugar ser encarregado de

seu bem-estar era a solução ideal, e eu tinha sido extremamente tolo em não ter aproveitado a oportunidade de conhecer e conversar com elas. Comecei a ser tomado pelo pânico em relação ao que fazer com meus pais — não podia imaginar como tinha dado tão pouca atenção à dimensão de minha visita à cidade — e, por um instante, meus pensamentos se aceleraram. Repentinamente, vi minha mãe e meu pai, os dois pequenos, de cabelos brancos e curvados pela idade, do lado de fora da estação de ferro, cercados pela bagagem que não podiam carregar. Pude vê-los olhando a cidade ao redor deles, e, então, finalmente, meu pai, o orgulho dominando o bom senso, pegando duas das três valises, enquanto minha mãe tentava em vão detê-lo, segurando seu braço com sua mão frágil, dizendo: "Não, não, não pode carregá-las. São pesadas demais."

E meu pai, com uma expressão determinada, livrando-se do braço de minha mãe, dizendo: "E quem vai carregá-las? Como chegaremos ao hotel? Quem, nesta cidade, nos ajudará além de nós mesmos?" Tudo isso enquanto carros e caminhões rugiam ao passar e pessoas se apressavam para o trabalho. Minha mãe, resignando-se com tristeza, observando meu pai cambaleando com a carga pesada, quatro, cinco passos, e, finalmente vencido, largando as malas, os ombros arqueados, a respiração ofegante. Então, minha mãe, depois de um certo tempo, aproximando-se dele, colocando gentilmente a mão em seu braço. "Não importa. Acharemos alguém para nos ajudar." E meu pai, agora conformado, talvez satisfeito por ter, pelo menos, demonstrado coragem, examinando o grande movimento à sua frente, procurando alguém que deveria ter ido buscá-los, que

cuidaria da bagagem, dando as boas-vindas e os conduzindo a um hotel em um carro confortável.

Todas essas imagens ocuparam minha mente enquanto Fiona falava, de modo que, por alguns momentos, não fui capaz de entender como sua situação era lamentável. Mas então, percebi que ela dizia:

— Estarão dizendo como deverão ser mais cuidadosas a partir de agora. Posso ouvi-las dizer: "Agora, que temos muito mais prestígio, é bem provável que tudo que é tipo de gente tente se introduzir no grupo. Devemos ter muito cuidado, especialmente agora que temos tantas responsabilidades. A putinha deve nos servir de lição." Esse tipo de coisa. Só Deus sabe que tipo de vida me espera a partir de agora. E meus filhos, eles terão de crescer aqui...

— Ouça — interrompi —, não pode imaginar como me sinto mal em relação a isso. Mas o fato é que algo imprevisto aconteceu na noite passada. Não quero aborrecê-la contando agora. Evidentemente, fiquei extremamente irritado por tê-la desapontado, mas foi totalmente impossível até mesmo ligar. Espero que não tenha lhe criado problemas demais.

— Tive muitos problemas. Não é fácil para mim, entende? Uma mãe solteira com dois filhos crescendo...

— Ouça, eu realmente me sinto muito mal com tudo isso. Deixe eu fazer uma sugestão. Neste momento, tenho um compromisso com aqueles jornalistas que estão logo ali, mas não vou demorar. Eu me livrarei deles o mais rápido possível, pegarei um táxi e irei ao seu apartamento. Estarei lá em, digamos, meia hora,

quarenta e cinco minutos no máximo. Podemos fazer o seguinte: caminharemos juntos por todo o bairro, de modo que as pessoas, seus vizinhos, essa Inge, a Trude, vejam com seus próprios olhos como somos velhos amigos. Então convidaremos as mais influentes, como a tal da Inge. Você me apresentará, pedirei desculpas pela noite passada, explicarei como na última hora fiquei impossibilitado de comparecer. Nós as convenceremos, uma por uma, e repararemos o mal que lhe fiz ontem à noite. De fato, se fizermos isso direito, ficará muito melhor com suas amigas que antes. O que acha?

Por alguns instantes, Fiona continuou a olhar fixamente a vista lá fora. Finalmente, disse:

— Meu primeiro impulso é dizer: "Esqueça essa coisa toda." Não vai me levar a nada dizer que sou sua velha amiga. E, de qualquer jeito, talvez não me interesse fazer parte do círculo de Inge. É que me sentia tão só, mas tendo experimentado como agem, não sei se seria mais feliz do que só tendo a companhia de meus filhos. Posso ler um bom livro, ou assistir à televisão à noite. Mas não posso pensar só em mim mesma. Tenho de pensar em meus filhos. Eles crescerão aqui, terão de ser aceitos. Por causa deles, devo aceitar sua sugestão. Como você mesmo disse, se fizermos assim, talvez me saia melhor do que se a reunião tivesse tido um sucesso estrondoso. Mas tem de prometer, jurar por tudo que lhe é mais sagrado, que não vai me desapontar pela segunda vez. Pois, se vai levar a cabo seu plano, assim que terminar meuturno, terei de fazer as ligações para marcar as visitas. Não há como saírmos batendo nas portas sem avisar. A vizinhança não é

desse tipo. Portanto, pode imaginar o que acontecerá se marco esse encontro e você não aparece. Só me restará bater de porta em porta explicando de novo sua ausência. Por isso tem de prometer que não me decepcionará outra vez.

— Tem minha palavra — eu disse. — Como já disse, só vou acabar esse trabalhinho e pegar um táxi para sua casa. Não se preocupe Fiona, tudo vai se arranjar.

Assim que disse isso, senti alguém tocar em meu braço. Ao me virar, vi Pedro, com sua grande bolsa no ombro.

— Senhor Ryder, por favor — disse ele e apontou o corredor na direção da saída.

O jornalista estava na frente, pronto para saltar.

— Este é o nosso ponto, Senhor Ryder — gritou, acenando para mim.

— Por favor, senhor.

Senti o ônibus diminuir a velocidade até parar. Levantando-me, forcei passagem e desci.

13

O ônibus elétrico partiu com estrépito, nos deixando, os três, em plena zona rural, circundados por campos varridos pelo vento. Achei a brisa refrescante e por alguns instantes fiquei a observar o ônibus desaparecer no horizonte, através dos campos.

— Senhor Ryder, por aqui.

O jornalista e Pedro esperavam a alguns passos. Dirigi-me a eles e começamos a atravessar o campo. De vez em quando, fortes rajadas de vento puxavam nossas roupas e encrespavam a relva. Finalmente, alcançamos o pé da colina, onde paramos para recobrar o fôlego.

— Fica apenas um pouco acima — disse o jornalista, apontando para o alto da colina. Após o esforço ao atravessar o extenso pasto, fiquei feliz em ver que havia uma trilha de terra para o cume da colina.

— Bem — disse eu —, não tenho muito tempo, por isso acho melhor irmos logo.

— Claro, Senhor Ryder.

O jornalista guiou o caminho que ascendia em ziguezague. Consegui acompanhá-lo, ficando só um ou dois passos

atrás. Pedro, talvez pelo peso do equipamento, rapidamente ficou para trás.

Enquanto subíamos, pensava em Fiona, em como a havia desapontado na noite passada, e me impressionou como, apesar da segurança com que até então me conduzira nessa visita, apesar de tudo que conseguira realizar até aquele momento, a maneira de lidar com certas questões — pelo menos, para meus padrões pessoais — deixava a desejar. Afora o constrangimento que causara a Fiona, era profundamente exasperante, com a iminente chegada de meus pais à cidade, ter deixado escapar uma oportunidade como essa de discutir suas várias carências, nada simples, com as pessoas incumbidas de cuidar deles.

Minha respiração foi se tornando mais ofegante e senti que me voltava uma intensa irritação em relação a Sophie, pela confusão que havia causado em assuntos que só me diziam respeito. Com certeza não era pedir demais, nesse ponto tão crucial tanto de minha vida quanto da dela, que guardasse seu caos para si mesma. Começou a passar por minha cabeça tudo que é tipo de coisa que gostaria de lhe dizer e, se não estivesse tão sem fôlego, provavelmente começaria a falar alto tudo que queria.

Depois de a trilha ter feito duas ou três curvas, paramos para descansar. Erguendo os olhos, deparei com a vista da vasta campina ao redor. Era um campo atrás do outro, estendendo-se a perder de vista. Somente ao longe, no horizonte, havia algo que parecia um ajuntamento de fazendas.

— Uma vista esplêndida — disse o jornalista, ofegando e afastando o cabelo do rosto. — É muito estimulante subir até aqui. O ar fresco nos tornará bem dispostos o resto do dia. Bem, é melhor não perder tempo, por mais prazeroso que seja. — Riu animadamente, e, então, recomeçou a caminhar.

Como antes, acompanhei seu passo, enquanto Pedro retardava-se. A certa altura, quando lutávamos para transpor um trecho especialmente íngreme, Pedro, lá embaixo, gritou alguma coisa. Achei que pedia para irmos mais devagar, mas o jornalista não alterou sua marcha, simplesmente gritou contra uma rajada de vento: "O que disse?"

Pude ouvir Pedro lutando para avançar alguns passos. Depois, ele gritou:

— Disse que devíamos ter convencido esse chato. Acho que ele concordaria.

— Bem — gritou de volta o jornalista — até agora ele está cooperando, mas nunca se pode ter certeza com esse tipo de cara. Por isso, continue a bajulação. Ele já chegou até aqui e parece feliz. Mas não acredito que o bobo saiba a importância da construção.

— O que responderemos se ele perguntar? — gritou Pedro.
— Vai perguntar a qualquer momento.

— Simplesmente mude de assunto. Peça que mude de posição. Qualquer comentário sobre sua aparência fatalmente o distrairá. Se insistir, bem, vamos acabar tendo de lhe dizer, mas até

lá já teremos um monte de fotos e o pateta não poderá fazer mais nada.

— Ficarei feliz quando tudo isso tiver terminado — disse Pedro, respirando com mais dificuldade ainda. — Deus, a maneira como ele fica batendo as mãos me dá arrepios.

— Estamos quase chegando. Estamos indo bem, não vá estragar tudo na última hora.

— Desculpe — eu disse —, mas preciso parar um pouquinho.

— É claro, Senhor Ryder, como fui desatencioso — disse o jornalista e demos uma parada. — Sou corredor de maratona — prosseguiu —, por isso levo uma grande vantagem. Mas tenho de admitir que o senhor parece em excelente forma. E para um homem de sua idade, só sei sua idade porque tenho anotado aqui, senão nunca imaginaria, realmente, o senhor deixou o coitado do Pedro fora do páreo. Então, gritou para Pedro, quando este conseguiu nos alcançar. — Vamos, molenga. O Senhor Ryder está rindo de você.

— Não é justo — disse Pedro sorrindo. — O Senhor Ryder é tão talentoso e, ainda por cima, possui o dom do atletismo. Nem todos são tão afortunados.

Ficamos olhando a vista, recuperando o fôlego. Então, o jornalista disse:

— Estamos bem perto. Vamos prosseguir. Afinal, o Senhor Ryder tem um dia cheio pela frente.

A última etapa da escalada foi a mais árdua. A trilha se tornou cada vez mais íngreme e, em vários trechos, se fragmentava em charcos barrentos. À minha frente, o jornalista mantinha uma marcha regular, se bem que, agora, eu o percebesse curvado por causa do esforço. Enquanto cambaleava atrás dele, minha cabeça recomeçou a se encher de coisas que gostaria de dizer a Sophie. "Não percebe?", me peguei murmurando entre os dentes trincados, ao ritmo de meus passos. "Não percebe?" Por algum motivo, a frase nunca ia além disso, mas a cada passo, seja na minha cabeça, seja a meia voz, eu a repetia sem parar, até que as próprias palavras começaram a estimular minha irritação.

Finalmente, a senda se aplainou e vi uma construção branca no pico da colina. O jornalista e eu seguimos aos trambolhões em sua direção, e, no momento seguinte, ofegantes, nos apoiávamos em sua parede. Depois de um certo tempo, Pedro juntou-se a nós, arfando freneticamente. Ele despencou de encontro ao muro, caindo de joelhos, e, por um instante, receei que tivesse um ataque. Porém, mesmo ofegando e chiando, se pôs a abrir a bolsa. Tirou a câmera, depois, as lentes. Nesse ponto, o esforço pareceu esmagá-lo e, apoiando um braço no muro, enterrou a cabeça nele e continuou sufocado, tentando respirar.

Por fim, quando me senti razoavelmente restabelecido, afastei-me um pouco para ter uma visão do edifício. Uma lufada de vento quase me achatou contra a parede, mas consegui chegar a um ponto em que me encontrei encarando um alto cilindro de alvenaria branca, sem janelas, exceto uma única fenda vertical perto

do topo. Era como se um único torreão tivesse sido retirado de um castelo medieval e transplantado ali, no cume da colina.

— Senhor Ryder, quando quiser.

O jornalista e Pedro haviam se posicionado a uns dez metros da construção. Pedro, restabelecido, evidentemente havia armado o tripé e olhava através do visor.

— Por favor, Senhor Ryder, bem contra a parede — gritou o jornalista. Voltei para perto do edifício.

— Senhores — eu disse, erguendo a voz acima do vento —, antes de começarmos, gostaria que explicassem a natureza precisa desse cenário.

— Senhor Ryder, por favor — gritou Pedro, fazendo movimentos com a mão —, fique de encontro à parede, se possível, com um braço encostado. Assim. — Ergueu o cotovelo contra o vento.

Fui para mais perto da parede e fiz o que pediu. Pedro bateu várias fotos, deslocando, ocasionalmente, o tripé e trocando de lentes. Enquanto isso, o jornalista permaneceu perto dele, olhando por sobre seu ombro e opinando.

— Senhores — disse eu depois de algum tempo —, com certeza é razoável que eu queira saber...

— Senhor Ryder, por favor — disse Pedro, passando para a frente da câmera —, sua gravata!

Minha gravata tinha voado para meu ombro. Eu a ajeitei, aproveitando a oportunidade para ajeitar também o cabelo.

— Senhor Ryder — gritou Pedro —, gostaria — de tirar algumas com sua mão assim, levantada, se possível. Sim, isso! Como se estivesse indicando o edifício para alguém.

— Sim, perfeito, perfeito. Mas, por favor, sorria orgulhosamente. Muito orgulhoso, como se o prédio fosse seu bebê. Assim, está perfeito. Isso, está excelente.

Segui as instruções o melhor que pude, apesar de as fortes rajadas dificultarem a manutenção da expressão jovial adequada.

Então, depois de um certo tempo, percebi uma figura à minha esquerda. Tive a impressão de ser um homem com um casaco preto, bem próximo à parede, mas, naquele momento, eu tinha de manter a pose e só podia vê-lo pelo canto do olho. Pedro continuou a gritar instruções através do vento — para que eu virasse um pouquinho o queixo para o lado, para sorrir mais largo — e parece que se passou algum tempo antes de eu poder me virar e olhar a figura. Quando, finalmente, o fiz, o homem — era alto e magro como uma vara, careca e as feições ossudas — veio imediatamente em minha direção. Mantinha sua capa de chuva bem fechada com as mãos, mas, quando se aproximou, soltou a mão.

— Senhor Ryder, como vai? É uma honra conhecê-lo.

— Ah, sim — eu disse, examinando-o. — Muito prazer, Senhor...? O homem com aparência de vara pareceu surpreso.

Então, disse:

— Christoff. Sou Christoff.

— Ah, Senhor Christoff. — Uma rajada particularmente forte fez com que tivéssemos de nos equilibrar por alguns segundos, dando tempo de me recompor. — Ah, sim, Senhor Christoff. Claro. Ouvi muito falar do senhor.

— Senhor Ryder — disse Christoff, inclinando-se para mim —, permita-me dizer como estou agradecido por ter concordado em comparecer a esse almoço. Sabia que era uma pessoa educada, portanto não fiquei nem um pouco surpreso quando respondeu afirmativamente. Sabia, entende?, que era o tipo de pessoa que, no mínimo, nos ouviria com imparcialidade. O tipo que estaria realmente interessado em ouvir o nosso lado da história. Não, não fiquei surpreso em absoluto, mas continuo imensamente grato. Bem, agora — consultou o relógio —, estamos um pouco atrasados, mas não tem importância. O trânsito não estará tão ruim. Por favor, siga-me.

Segui Christoff para a parte de trás do edifício branco. Ali, o vento soprava menos forte e uma massa de canos que transbordava da alvenaria emitia um ruído abafado e contínuo. Christoff continuou guiando o caminho para um local, na beira da colina, marcado com dois pilares de madeira. Imaginei que, para além dos pilares, fosse um precipício, mas, ao alcançá-los, olhei para baixo e vi um comprido lance de escada, que descia vertiginosamente pela encosta.

Lá embaixo, a escadaria acabava em uma estrada pavimentada, onde pude perceber a forma de um carro preto, supostamente nos aguardando.

— O senhor primeiro, Senhor Ryder — disse Christoff. — Por favor, desça no ritmo que lhe convier. Não há pressa.

Entretanto, notei que olhava discreta e ansiosamente o relógio.

— Lamento muito estarmos atrasados — eu disse. — As fotos demoraram mais do que eu esperava.

— Por favor, não se preocupe, Senhor Ryder. Estou certo de que chegará antes da hora. Por favor, o senhor na frente.

Senti-me um pouco tonto ao transpor os primeiros degraus. Não havia corrimão em qualquer dos dois lados e tinha de me concentrar profundamente, com medo de pisar em falso e rolar encosta abaixo. Mas, graças a Deus, o vento estava menos espinhoso e, depois de um certo tempo, fui ficando mais confiante — não era tão diferente de descer qualquer outra escada —, a ponto de, ocasionalmente, erguer os olhos, desviando-os dos pés, para examinar a vista panorâmica à nossa frente.

O céu continuava nublado, mas o sol começava a aparecer por entre as nuvens. Agora, podia ver que a estrada, na qual o carro esperava, fora construída sobre um platô.

Para além dela, a colina continuava sua descida por uma massa de copas de árvores. Ainda mais além, pude ver campos que

se estendiam a perder de vista, em todas as direções. Tenuemente visível no horizonte, a silhueta da cidade.

Christoff continuava bem atrás de mim. Durante os primeiros minutos, talvez percebendo meu nervosismo com a descida, absteve-se de falar. Mas, uma vez estabelecido meu ritmo, suspirou e disse:

— A floresta, Senhor Ryder, logo ali, à sua direita, a floresta Werdenberger. Muitas das pessoas mais ricas da cidade possuem um chalé ali. A floresta Werdenberger é muito agradável. Fica próxima da cidade e, ainda assim, ali nos sentimos longe de tudo. Quando estivermos no carro e descermos a montanha, verá os chalés. Alguns ficam bem na beirada de uma descida escarpada. A vista deve ser extraordinária. Rosa teria adorado um desses chalés. Na verdade, tínhamos um em mente. Quando estivermos descendo, mostrarei qual é. Um dos mais modestos, porém encantador da mesma forma. O atual proprietário quase não o frequenta, não mais que duas ou três semanas ao ano. Se eu fizer uma boa oferta, certamente a considerará seriamente. Mas não há por que pensar nisso agora. Está tudo acabado.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes. Então, sua voz recomeçou atrás de mim.

— Não tem nada de imponente. Rosa e eu nunca o vimos por dentro. Mas passamos de carro por ele tantas vezes que podemos imaginar como é seu interior. Localiza-se em um pequeno promontório, há um precipício escarpado, oh, temos a sensação de estarmos suspensos bem no alto, no céu. Dará para ver as nuvens

em cada janela ao passarmos de um cômodo para outro. Rosa teria adorado. Costumávamos passar por ele, diminuindo a velocidade do carro, às vezes até mesmo parando e ficando ali, imaginando como seria por dentro, cômodo por cômodo. Bem, como disse, isso tudo é passado. É inútil prolongar esse assunto. Seja como for, Senhor Ryder, não concordou em nos conceder um pouco de seu precioso tempo para ouvir isso. Perdoe-me. Falemos de questões mais importantes. Saiba que estamos imensamente gratos por ter concordado em nos encontrar e conversar. Que contraste com aquela gente, aqueles homens que alegam dirigir a comunidade! Em três ocasiões diferentes, os convidamos a um de nossos almoços, para conversar sobre essas questões, exatamente como o senhor agora. Mas eles não demonstraram consideração alguma. Nem por um segundo! São muito presunçosos, todos eles. Von Winterstein, a condessa, Von Braun, todos eles. Isso porque estão inseguros, entende? No fundo sabem que não entendem nada, por isso se recusam a vir e a discutir conosco. Nós os convidamos três vezes, e, todas as vezes, foram as recusas mais indelicadas. Mas, de qualquer jeito, teria sido inútil. Eles não entenderiam nem a metade do que disséssemos.

Calei-me novamente. Senti que deveria ter feito algum comentário, mas percebi que só seria ouvido se gritasse para trás, por sobre o ombro, e não estava disposto a arriscar tirar os olhos dos degraus. Portanto, durante os minutos seguintes, continuamos a descer em silêncio, a respiração de Christoff se tornando cada vez mais difícil. Então, o ouvi dizer:

— Para ser justo, a culpa não é deles. As formas musicais modernas são tão complexas. Kazan, Mullery, Yashimoto. Mesmo para um músico experiente como eu, é difícil, muito difícil. As pessoas como Von Winterstein, a condessa, que chance têm? Está completamente fora do alcance delas. Para elas, isso é apenas barulho, um turbilhão de ritmos estranhos. Talvez tenham se convencido, ao longo dos anos, de que eram capazes de sentir alguma coisa ali, certas emoções, significados. Mas a verdade é que não encontraram nada.

Está fora do alcance delas, nunca entenderão a música moderna. Antes era simplesmente Mozart, Bach, Tchaikovsky. Até mesmo o homem da rua era capaz de avaliar razoavelmente esse tipo de música. Mas as modernas! Como esse tipo de gente, não adestrada, pessoas provincianas, podem chegar a entender essas coisas, por maior que seja o sentimento de deverem relação à comunidade? Não há esperança, Senhor Ryder. Não são capazes de distinguir entre uma cadência quebrada e um tema partido. Ou entre um andamento fragmentado e uma seqüência de pausas abertas. E agora interpretam errado a situação toda! Senhor Ryder, está ficando cansado, por que não descansamos um pouco?

De fato, eu tinha parado por um segundo por causa de um pássaro que, voando assustadoramente próximo ao meu rosto, quase me fizera escorregar.

— Não, não, estou bem — gritei de volta, recomeçando a descer.

— Estes degraus são muito sujos para que possamos nos sentar neles. Mas, se quiser, podemos parar um pouco.

— Não, obrigado. Estou bem.

Prosseguimos a descida em silêncio. Então, Christoff disse:

— Na verdade, em meus momentos mais desprendidos, sinto pena deles. Não os culpo. Às vezes, mesmo depois de tudo que fizeram, que disseram de mim, ainda vejo a situação objetivamente. E digo para mim mesmo não, realmente não é culpa deles. Não é culpa deles a música ter se tornado tão difícil e complexa. Não é razoável esperar que alguém em um lugar como este a compreenda. Contudo, essas pessoas, esses vereadores, devem aparentar saber o que estão fazendo. Por isso repetem certas coisas para si mesmas e, depois de algum tempo, começam a se considerar autoridades. Entenda, em um lugar como este, não há ninguém para contradizê-las. Por favor, tenha muito cuidado com os próximos degraus, Senhor Ryder. Estão um pouco esfacelados na ponta.

Dei os passos seguintes bem devagar. Então, quando levantei os olhos, vi que restava pouco para descer.

— Teria sido inútil — disse Christoff atrás de mim. — Mesmo que tivessem aceitado o convite, teria sido inútil. Não teriam entendido nem a metade. O senhor, Senhor Ryder, pelo menos compreende nossos argumentos. Mesmo que não consigamos convencê-lo, tenho certeza de que continuará respeitando nossa posição. Mas, evidentemente, esperamos persuadi-lo. Convencê-lo de que, independente de meu destino pessoal, a orientação atual

deve ser mantida a qualquer custo. Sim, o senhor é um músico brilhante, um dos mais talentosos, atualmente, no mundo inteiro. No entanto, mesmo um especialista de seu calibre precisa adaptar o conhecimento às condições locais. Cada comunidade tem sua própria história, suas próprias necessidades. As pessoas a quem em breve o apresentarei estão entre as raras, nesta cidade, que podem ser descritas como intelectuais. Tiveram o trabalho de analisar as condições particulares que prevalecem aqui, e mais ainda, ao contrário de Von Winterstein e seus pares, compreendem um pouco como funcionam as formas musicais modernas. com a ajuda deles, de modo educado e respeitoso, naturalmente, espero persuadi-lo, Senhor Ryder, a modificar sua atitude atual. Evidentemente, todas as pessoas que irá conhecer têm o maior respeito pelo senhor e pelo que representa. Mas achamos que é possível, mesmo com seu profundo discernimento, que haja certos aspectos da situação que talvez ainda não tenha avaliado totalmente. Aqui estamos.

De fato, faltavam mais ou menos vinte degraus para alcançarmos a estrada. Christoff permaneceu em silêncio durante essa etapa final da descida. Eu estava aliviado, pois suas palavras começavam a me aborrecer. A insinuação de que eu era mais ou menos ignorante a respeito das condições locais, que eu era do tipo de tirar conclusões sem me incomodar com esses fatores, era ofensiva. Relembrei como, desde que chegara à cidade — apesar da agenda apertada, apesar do cansaço —, havia me dedicado justamente a me familiarizar com a situação local. Lembrei-me, por exemplo, de como na tarde anterior, quando podia facilmente ter me entregue a um descanso merecido no conforto do átrio do hotel, fui dar uma volta pela cidade para colher impressões. Na verdade,

quanto mais pensava nas palavras de Christoff, mais aborrecido ficava, de modo que, quando finalmente chegamos ao carro e Christoff abriu a porta para mim, entrei sem dizer sequer uma palavra.

— Não estamos tão atrasados — disse ele, sentando-se no banco do motorista. — Se o trânsito estiver bom, chegaremos rápido.

Enquanto ele dizia isso, lembrei-me imediatamente de meus outros compromissos do dia. Havia, por exemplo, Fiona — sem dúvida me aguardando em seu apartamento. Vi que a situação requeria uma certa firmeza de minha parte.

Ele deu a partida e logo descíamos uma estrada sinuosa e íngreme. Christoff, que parecia conhecer bem a estrada, fazia as curvas com segurança. Quando chegamos mais embaixo, a estrada se tornou menos vertiginosa e os chalés, que mencionara, localizados arriscadamente, começaram a aparecer nos dois lados. Acabei me virando para ele e dizendo:

— Senhor Christoff, estava ansioso por esse almoço com o senhor e seus amigos, por ouvir a versão de vocês. No entanto, várias coisas surgiram inesperadamente hoje de manhã, e, por conseguinte, fiquei com o dia muito ocupado. Na verdade, mesmo enquanto falávamos...

— Senhor Ryder, por favor, não precisa se explicar. Sabíamos desde o começo como provavelmente estaria ocupado e todos os presentes, posso lhe garantir, se mostrarão compreensivos. Se partir depois de uma hora e meia, mesmo depois de uma hora, ninguém, eu garanto, ficará ofendido. É um grupo excelente, são as

únicas pessoas na cidade com a capacidade de pensar e sentir nesse nível. Qualquer que seja o resultado desse almoço, Senhor Ryder, tenho certeza de que ficará feliz por tê-los conhecido. Lembro-me de muitos deles quando eram jovens e entusiasmados. Um grupo muito bom, posso atestar por cada um deles. Acho que antigamente se consideravam meus protegidos.

Ainda me respeitam. Mas, agora, somos colegas, amigos, talvez algo mais profundo. Nestes últimos anos, nos aproximamos ainda mais. Naturalmente, alguns me abandonaram, isso é inevitável. Mas os que ficaram, oh, têm se mostrado inabaláveis. Tenho orgulho deles, gosto imensamente deles. São a esperança desta cidade, embora saiba que não permitirão que exerçam sua influência ainda durante algum tempo. Ah, Senhor Ryder, logo passaremos pelo chalé de que lhe falei. Fica depois da próxima curva. Aparecerá do seu lado.

Ficou em silêncio, e, quando olhei para ele, notei que quase chorava. Senti um impulso de simpatia e disse com ternura:

— Nunca se sabe o que o futuro nos reserva, Senhor Christoff. Talvez, um dia, o senhor e sua esposa achem um chalé igual a esse. Se não for aqui, em outra cidade.

Christoff abanou a cabeça.

— Sei que está querendo ser gentil, Senhor Ryder. Mas, realmente, não tem mais importância. Está tudo terminado entre mim e Rosa. Ela vai me deixar. Sei disso há algum tempo. Na verdade, toda cidade sabe. Sem dúvida, deve ter escutado os boatos.

— Bem, acho que ouvi alguma coisa...

— Tenho certeza de que correm rumores a respeito disso. Agora, não dou muita importância. O principal é que Rosa logo me deixará. Ela não suportará ficar casada comigo por muito mais tempo, não depois do que aconteceu. Não faça uma idéia errada. Ao longo dos anos, nosso amor cresceu, nos amamos muito. Mas, entenda, fizemos um acordo, desde o começo. Ah, lá está, Senhor Ryder, à sua direita. Rosa sentava-se onde o senhor está agora e passávamos por ele lentamente. Certa vez, passávamos tão devagar, estávamos tão absortos, que quase batemos em um carro que subia a colina. Mas, sim, tínhamos um acordo. Enquanto eu ocupasse a posição preeminente que ocupei nesta cidade, ela seria capaz de me amar. Oh, sim, ela me amou genuinamente. Posso afirmar isso com toda convicção, Senhor Ryder. Porque para Rosa nada na vida importava tanto quanto estar casada com alguém que ocupasse minha posição. Talvez isso a faça parecer um pouco superficial. Mas não deve entendê-la mal. À sua própria maneira, a maneira que ela conhecia, me amou profundamente. Seja como for, é uma tolice acreditar que as pessoas se amam independentemente do que acontece. Só que no caso de Rosa, bem, da maneira como ela é, só é capaz de me amar sob determinadas circunstâncias. Isso não torna seu amor por mim menos verdadeiro.

Christoff tornou a se calar por um instante, evidentemente absorto em seu pensamento. A estrada fez uma curva larga, oferecendo uma vista panorâmica do meu lado.

Olhei para o vale lá embaixo e pude divisar o que parecia ser um subúrbio rico, com casas grandes, cada uma com um terreno

de meio hectare aproximadamente.

— Estava só me lembrando — disse Christoff —, de quando cheguei à cidade pela primeira vez. Como todos estavam excitados. E de como Rosa se aproximou de mim no Edifício das Artes. Tornou a se calar por um momento e, então, disse: — Sabe, naquele tempo, eu não tecia idéias fantásticas a meu respeito. Naquela altura da minha vida, eu já admitia não ser nenhum gênio. Nem nada parecido. Tive uma carreira medíocre, várias coisas aconteceram que me forçaram a enxergar minhas limitações. Quando cheguei a esta cidade, minha intenção era viver sossegadamente, eu tinha uma pequena renda, talvez dar algumas aulas, alguma coisa assim. Mas então, as pessoas daqui se mostraram tão compreensivas com meu pequeno talento, tão felizes por eu ter vindo! Depois de um certo tempo, comecei a refletir. Afinal, trabalhara com afinco tentando aprender as formas musicais modernas. Já as compreendia um pouco. Olhei em volta e pensei, bem, sim, posso dar uma contribuição a este lugar. Em uma cidade como esta, do jeito como as coisas iam, vi que podia fazê-lo. Vi como poderia fazer algo realmente bom. Então, Senhor Ryder, depois de todos estes anos, estou certo de que fiz algo de valor. Acredito nisso sinceramente. Não foram simplesmente meus proteges, isto é, meus colegas, meus amigos a quem conhecerá em breve, não foram eles que me fizeram pensar assim. Não, eu acredito, eu acredito firmemente nisso. Fiz algo digno de mérito. Mas sabe como é em uma cidade como esta. Mais cedo ou mais tarde as coisas começam a dar errado na vida das pessoas. O descontentamento cresce. E a solidão. E pessoas como essas, que não conhecem quase nada de música, dizem a si mesmas, oh, devemos ter feito tudo errado, vamos fazer exatamente

o contrário. Essas acusações contra mim! Dizem que minha abordagem celebra o mecânico, que suprimo a emoção natural. Como compreendem pouco! Como demonstraremos daqui a pouco para o senhor, simplesmente introduzi um método, um sistema que possibilitaria a essas pessoas o acesso a artistas como Kazan e Mullery. Uma maneira de descobrir o significado e o valor das obras. Senhor Ryder, quando cheguei aqui, eles imploravam exatamente isso. Algum método, algum sistema que pudessem compreender. As pessoas daqui não conseguiam lidar com a situação, as coisas estavam desabando.

Tinham medo, sentiam a situação escapando de seu controle. Guardei documentos, daqui a pouco verá tudo isso. Verá, então, tenho certeza, como o atual consenso foi mal orientado. Muito bem, sou uma mediocridade, não nego. Mas verá que sempre estive no caminho certo. Que o pouco que realizei foi um começo, uma contribuição útil.

Agora, o que é preciso, e espero que constate isso, Senhor Ryder, se puder ver isso, então nem tudo estará perdido para a cidade, o que é preciso é alguém, alguém mais talentoso do que eu, está certo, mas alguém que continue, que construa em cima do que fizemos. Eu contribuí, Senhor Ryder. Tenho a prova, verá quando chegarmos.

Havíamos entrado em uma auto-estrada. Era mais larga e reta, revelando uma ampla extensão de céu à frente. À distância, vi dois caminhões de carga na faixa interna, mas fora isso a estrada estava vazia.

— Acho que não imagina, Senhor Ryder — disse Christoff depois de um certo tempo —, que meu empenho em levá-lo hoje a esse almoço é uma manobra desesperada de minha parte para reconquistar a preeminência de que gozava. Tenho total consciência de que minha posição se tornou impossível. Além disso, nada me restou para oferecer.

Dei tudo, tudo que eu tinha, dei tudo a esta cidade. Agora, quero ir embora, partir para um lugar bem distante, tranqüilo, sozinho, e não ter mais nada a ver com a música. Naturalmente, meus proteges ficarão arrasados quando eu partir. Ainda não aceitaram a idéia. Querem que eu me defenda e os vença. Uma palavra minha e eles começam a agir, a fazer o máximo, até mesmo a bater de porta em porta. Disse-lhes qual era a situação, expliquei francamente, mas não conseguem aceitar. É muito difícil para eles. Eles me admiraram por tanto tempo, sempre encontrando um propósito através de mim. Ficarão arrasados. Mas não faz diferença, isso tem de terminar agora. Quero que termine. Até mesmo Rosa. Cada minuto de nosso casamento foi precioso para mim, Senhor Ryder. Mas sabendo que acabaria, embora não sabendo quando, foi terrível. Quero que tudo acabe agora. Quero o bem de Rosa. Espero que encontre outra pessoa, alguém com a reputação apropriada. Só espero que ela tenha o senso de olhar para além desta cidade. A cidade não pode oferecer o tipo de personalidade de que ela precisa como marido. Ninguém aqui compreende a música adequadamente. Ah, se eu tivesse seu talento, Senhor Ryder! Então, Rosa e eu envelheceríamos juntos.

O céu ficou nublado. O trânsito permaneceu esparso e nos vimos alcançando regularmente os caminhões à distância, antes de acelerarmos. Surgiram florestas densas de cada lado da estrada, e, finalmente, as extensões planas das fazendas. O cansaço dos últimos dias começou a se impor e, enquanto continuava a observar a estrada se desenrolar à nossa frente, ficou difícil não cochilar. Então, ouvi a voz de Christoff dizer:

— Ah, aqui estamos — e tornei a abrir os olhos.

14

Havíamos diminuído a velocidade e nos aproximávamos de um pequeno café — um bangalô branco — isolado na beira da estrada. Era o tipo de lugar em que se imagina que os caminhoneiros parem para comer um sanduíche, mas quando Christoff dirigiu o carro pelo átrio coberto de cascalhos e o estacionou, não havia qualquer outro veículo à vista.

— Vamos almoçar aqui? — perguntei.

— Sim. Há anos nosso pequeno círculo se reúne aqui. É tudo muito informal.

Saltamos e nos dirigimos ao café. Ao nos aproximarmos, vi pedaços chamativos de papelão pendurados no toldo, anunciando várias ofertas especiais.

— É tudo muito informal — repetiu Christoff, abrindo a porta para mim. — Por favor, sinta-se como se estivesse em casa.

A decoração de seu interior limitava-se ao básico. Havia grandes janelas panorâmicas em volta da sala. Pôsteres publicitários de refrigerantes ou amendoim haviam sido afixados com fita adesiva. Alguns haviam descorado com a luz do sol e um deles tinha se tornado simplesmente um retângulo azul desbotado. Mesmo agora, com o céu nublado, a luz natural que iluminava a sala era forte.

Já estavam presentes oito ou nove pessoas, todas sentadas às mesas mais ao fundo. Na frente de cada uma, havia uma tigela fumegante do que parecia ser purê de batatas.

Estavam comendo avidamente com compridas colheres de madeira, mas, quando cheguei, todos pararam e olharam para mim. Um ou dois fizeram menção de se levantar, mas

Christoff saudou-os animadamente, dizendo, com um gesto da mão, para que permanecessem sentados. Depois, virando-se para mim, disse:

— Como pode ver, o almoço começou sem nós. Mas, como atrasamos, estou certo de que os desculpará. Quanto aos outros, bem, tenho certeza de que chegarão logo. De qualquer jeito, não vamos mais perder tempo. Se me acompanhar, Senhor Ryder, eu o apresentarei aos meus bons amigos já presentes.

Estava para segui-lo quando percebemos, atrás do balcão, um homem grande e com barba, usando um avental listrado,

fazendo sinais, furtivamente, para nós.

— Tudo bem, Gerhard — disse Christoff, dando de ombros e virando-se para o homem —, começaremos por você. Este é o Senhor Ryder.

O homem de barba apertou minha mão dizendo:

— Seu almoço estará logo pronto. Deve estar com muita fome. Depois, murmurou algo rapidamente a Christoff, lançando um olhar para os fundos do café.

Eu e Christoff seguimos seu olhar. Como se estivesse esperando que nossa atenção se voltasse para ele, um homem, que estava sentado sozinho em um canto isolado, se pôs de pé. Era corpulento e grisalho, provavelmente na faixa dos cinqüenta e poucos anos, vestido com paletó e calça brancos. Dirigia-se a nós quando, então, se deteve no meio da sala e sorriu para Christoff.

— Henri — disse ele e estendeu os braços. Christoff encarou-o friamente e lhe deu as costas.

— Aqui não há nada para você — disse ele.

O homem de paletó branco pareceu não ouvir.

— Eu o estava observando, Henri — prosseguiu cordialmente, fazendo um gesto na direção da janela —, sair de seu carro. Ainda caminha com o corpo curvado. Costumava ser uma espécie de afetação, mas agora parece ser verdadeiro. Não há necessidade disso, Henri. Pode ser que as coisas não estejam bem, mas não há motivo para se curvar.

Christoff continuou de costas para o homem.

— Deixa disso, Henri, é criança.

— Já lhe disse — respondeu Christoff — que não temos nada a falar um com o outro.

O homem de paletó branco deu de ombros e deu mais alguns passos em nossa direção.

— Senhor Ryder — disse ele —, já que Henri não quer nos apresentar, eu me apresento. Sou o Doutor Lubanski. Como sabe, eu e Henri já fomos muito amigos. Mas agora, não quer sequer falar comigo.

— Você não é bem-vindo aqui. — Christoff continuava sem olhar para o homem. — Ninguém o quer aqui.

— Está vendo, Senhor Ryder? Henri sempre teve esse lado infantil. Tão tolo. Eu mesmo, há muitos anos, acabei admitindo a idéia de que nossos caminhos eram divergentes. Antigamente, costumávamos nos sentar e conversar por horas seguidas. Não era assim, Henri? Analisando uma obra ou outra, discutindo todas as suas facetas, tomando cerveja na Schoppenhaus. Ainda penso com carinho naqueles dias na Schoppenhaus. Às vezes, gostaria de nunca ter tido o bom senso de discordar. Desse modo, poderíamos nos sentar novamente hoje à noite, passar horas analisando e discutindo música, como preparar esta ou aquela peça. Moro sozinho, Senhor Ryder. Como pode imaginar — riu ligeiramente —, às vezes a solidão incomoda. Então, fico a lembrar como era naquele tempo. Penso cá comigo em como seria bom voltar a me sentar com Henri e

conversar sobre alguma partitura que ele esteja preparando. Houve um tempo em que ele não faria nada sem antes me consultar. Não era assim, Henri? Vamos lá, deixa de ser infantil. Sejamos, pelo menos, educados.

— Por que logo hoje? — gritou Christoff, repentinamente.
— Ninguém o quer aqui! Todos ainda estão com muita raiva de você! Veja! Veja por si mesmo!

O Doutor Lubanski, ignorando esse acesso de raiva, começou outra reminiscência relacionada a ele e Christoff. Desliguei-me rapidamente da história e voltei a atenção para aqueles que, nas mesas do fundo, observavam nervosamente.

Nenhum parecia ter mais de quarenta anos. Três eram mulheres e notei que uma delas olhava para mim de modo peculiarmente intenso. Era jovem, na faixa dos trinta anos, vestia preto e usava óculos com lentes pequenas e grossas. Teria examinado os outros mais atentamente, porém, exatamente nesse ponto, tornei a me lembrar do dia cheio que ainda teria pela frente, e de como era imperativo ser firme com meus anfitriões para não ser detido ali mais que o tempo combinado.

Quando o Doutor Lubanski fez uma pausa, toquei no braço de Christoff e disse calmamente:

— Será que os outros vão demorar?

— Bem... — Christoff olhou em volta da sala e disse: — Parece que, por hoje, estão todos aqui.

Tive a impressão de que ele esperava ser desmentido. Como ninguém disse nada, virou-se para mim e deu uma breve risada.

— Uma pequena reunião — disse ele —, mas, em compensação, temos aqui as melhores cabeças da cidade, eu garanto. Bem, Senhor Ryder, por favor.

Começou a me apresentar seus amigos. Cada um sorriu nervosamente e me cumprimentou à medida que seus nomes eram chamados. Enquanto isso, percebi que o Doutor Lubanski afastava-se lentamente para o fundo da sala, sem desviar os olhos. Então, quando Christoff terminava as apresentações, o Doutor Lubanski soltou uma risada, interrompendo-o e fazendo com que lhe lançasse um olhar furioso. O Doutor Lubanski que, a essa altura, havia se sentado de novo à mesa no canto, deu outra risada e disse:

— Bem, Henri, por mais que tenha perdido ao longo dos anos, não perdeu a coragem. Vai repetir toda a saga dos Offenbach ao Senhor Ryder? Ao Senhor Ryder? — Abanou a cabeça.

Christoff continuou encarando seu ex-amigo. Parecia a ponto de proferir uma réplica devastadora, mas, no último momento, virou-se sem falar nada.

— Expulse-me, se quiser — disse o Doutor Lubanski, voltando a comer o purê de batatas. — Mas está começando a parecer que agitou a colher indicando a sala — nem todos aqui acham minha presença tão maçante. Talvez pudéssemos fazer uma votação. Sairei de bom grado se não me quiserem aqui realmente. Que tal levantarem as mãos?

— Se insiste em ficar, não ligo a mínima — disse Christoff.
— Não faz a menor diferença. Tenho os fatos. Tenho-os aqui comigo. Ergueu uma pasta azul, que tirara de algum lugar, e deu uns tapinhas nela. — Sei o que estou dizendo. Pode fazer o que quiser.

O Doutor Lubanski virou-se para os outros, com um encolher de ombros que parecia querer dizer: "O que se pode fazer com alguém assim?" A mulher de óculos desviou o olhar imediatamente, mas seus companheiros pareceram mais confusos, chegando, um ou dois deles, a sorrir timidamente.

— Senhor Ryder — disse Christoff —, por favor, sente-se e fique à vontade. Assim que Gerhard voltar, servirá seu almoço. Agora bateu palmas e sua voz assumiu o tom de alguém que se dirigisse a uma grande audiência —, senhoras e senhores, em primeiro lugar, devo agradecer ao Senhor Ryder, em nome de todos os presentes, por ter aceitado comparecer e debater conosco, tendo tantos compromissos...

— Você realmente tem coragem — gritou o Doutor Lubanski lá de trás. — Não se deixou intimidar nem por mim, nem mesmo pela presença do Senhor Ryder. Que coragem, Henri.

— Não me deixo intimidar — replicou Christoff — porque tenho os fatos! Fatos são fatos! Estão aqui! Aprova! Sim, até mesmo o Senhor Ryder. Sim — virou-se para mim —, mesmo um homem de sua reputação, mesmo o senhor será obrigado a se render aos fatos!

— Bem, vale a pena presenciar isso — disse o Doutor Lubanski, dirigindo-se aos outros. — Um violoncelista provinciano dando lições ao Senhor Ryder. Ótimo, vamos ouvir, vamos ouvir.

Christoff hesitou por alguns segundos. Depois, com uma certa determinação, abriu a pasta dizendo:

— Iniciarei com um único caso que, acho, nos levará ao cerne da controvérsia em relação às harmonias de carrilhão.

Durante alguns minutos, Christoff descreveu o contexto do caso de uma certa família local, folheando seus papéis, lendo em voz alta uma ou outra citação e estatística.

Apresentava o caso de modo competente, mas havia algo em seu tom de voz — o pronunciamento desnecessariamente lento, a maneira como explicava as coisas duas, três vezes — que logo me irritou. Na verdade, me ocorreu que o Doutor Lubanski tinha razão. Havia um quê absurdo na pretensão desse músico falido de querer me ensinar alguma coisa.

— Então é isso que chama de fato? — O Doutor Lubanski interrompeu subitamente, quando Christoff lia as anotações de uma reunião do comitê municipal. — Os fatos de Henri são sempre interessantes, não?

— Deixe-o falar! Deixe Henri apresentar o caso ao Senhor Ryder! O rapaz que falara tinha uma cara rechonchuda e usava uma jaqueta de couro. Christoff olhou para ele com um sorriso de aprovação. O Doutor Lubanski levantou as mãos dizendo:

— Está bem, está bem.

— Deixe-o falar! — repetiu o rapaz de cara rechonchuda.

— Depois, veremos. Veremos o que o Senhor Ryder concluirá. Depois, saberemos de uma vez por todas.

Christoff pareceu levar alguns segundos para absorver a implicação dessas últimas palavras. De início, permaneceu imóvel, a pasta suspensa em seus braços. Então, olhou para os rostos à sua volta, como se fosse pela primeira vez. Havia, por toda sala, olhares inquiridores dirigidos a ele. Por um instante, Christoff pareceu muito abalado. com o olhar vago, murmurou como se para si mesmo:

— Estes são os fatos. Juntei as provas. Todos podem vê-las, examiná-las. — Olhou com cuidado dentro da pasta. — Eu as estou resumindo em função do tempo. Só isso. — Depois, com esforço, pareceu se recompor. — Senhor Ryder, se tiver um pouco mais de paciência, acredito que tudo se esclarecerá em pouquíssimo tempo.

Christoff prosseguiu com seu argumento, a voz ligeiramente tensa, mas, afora isso, da mesma maneira que antes. Enquanto falava, lembrei-me de como na noite passada eu abrira mão de horas preciosas de sono para realizar investigações sobre as condições locais. As insistentes suposições de Christoff acerca de minha ignorância — nesse instante mesmo, ele iniciava uma longa digressão para explicar um ponto completamente óbvio para mim — estavam me deixando à beira da exasperação.

Ao que parecia, não era o único impaciente. Vários outros na sala mexiam-se incomodados. Notei que a mulher jovem de óculos olhava de Christoff para mim, e várias vezes pareceu estar a ponto de interferir. Mas, por fim, foi um homem, com o cabelo à

escovinha, sentado em algum lugar atrás de mim, que se manifestou.

— Um momento, só um momento. Antes de prosseguir, vamos resolver uma coisa. De uma vez por todas.

Mais uma vez, a risada do Doutor Lubanski ressoou do fundo do café.

— Claude e sua tríade pigmentada! Ainda não resolveu isso?

— Claude — disse Christoff —, este não é o momento...

— Não! Já que o Senhor Ryder está aqui, quero que isso seja esclarecido.

— Claude, não é hora de levantar essa questão. Apresento um argumento para demonstrar que...

— Talvez seja irrelevante, mas vamos resolver isso. Senhor Ryder, Senhor Ryder, é verdade que as tríades pigmentadas têm valores emocionais intrínsecos independentes do contexto? Acredita que seja assim?

Senti que a atenção da sala se concentrara em mim. Christoff lançou-me um olhar rápido, algo parecido com desculpa misturada a medo. Mas, considerando a veemência da pergunta — para não falar do comportamento presunçoso de Christoff até aquele momento —, não vi motivo para deixar de responder da maneira mais franca. Portanto, eu disse:

— Uma tríade pigmentada não possui propriedades emocionais intrínsecas. De fato, sua cor emocional pode mudar significativamente não apenas em função do contexto, como do volume. Esta é a minha opinião pessoal.

Ninguém disse nada, mas o impacto de minha declaração era visível. Todos os olhares, um por um, se voltaram para Christoff que, nesse ínterim, fingia estar ocupado com a pasta. Então, o homem chamado Claude disse calmamente:

— Eu sabia. Sempre soube.

— Mas ele o convenceu de que estava errado — disse o Doutor Lubanski. — Mas ele o persuadiu, fazendo com que acreditasse que estava errado.

— O que isso tem a ver? — gritou Christoff. — Claude, você nos fez sair pela tangente. E o Senhor Ryder não tem muito tempo. Devemos retornar ao caso de Offenbach.

Mas Claude parecia absorto em seus pensamentos. Finalmente, virou-se e olhou para o Doutor Lubanski, que assentiu com a cabeça e sorriu circunspecto.

— O Senhor Ryder não tem muito tempo — repetiu Christoff. — Por isso, se permitem, resumirei minha argumentação.

Christoff começou a discorrer sobre o que ele considerava os pontos chaves referentes à tragédia da família Offenbach. Afetava indiferença, embora, agora, fosse evidente para todos que estava bastante perturbado. Em todo caso, nesse ponto, deixei de prestar

atenção nele. Sua observação a respeito de minha falta de tempo de repente me fez lembrar de Boris me esperando naquele café.

Eu me dei conta de que se passara um tempo considerável desde que o deixara lá. Ocorreu-me a imagem de um menino, logo depois de eu ter ido embora, sentado naquele canto, com seu refrigerante e torta de queijo, cheio de expectativas em relação ao dia que tinha pela frente.

Podia vê-lo observando animado os outros clientes lá fora, na calçada ensolarada, volta e meia olhando o trânsito na rua, pensando em que dali a pouco também estaria no meio dele. Relembraria mais uma vez o velho apartamento, o armário no canto da sala, onde estava cada vez mais certo de ter guardado a caixa com o Número Nove. Depois, enquanto os minutos passavam, as dúvidas que sempre estiveram ali, ocultas em alguma parte, dúvidas que até aquele momento havia mantido bem escondidas, começariam a se insinuar. Mas, por algum tempo ainda, Boris conseguiria se manter animado. Eu simplesmente teria sido detido inesperadamente. Ou talvez ido a algum lugar comprar coisas para fazermos um piquenique. Seja como for, ainda restava muito tempo até terminar o dia. Então, a garçonete, a garota escandinava gorducha, perguntaria se ele queria mais alguma coisa, deixando escapar um certo tom de preocupação, que não passaria despercebido a Boris. E ele fingiria novamente não estar preocupado, talvez pedindo, com um ar pseudoconfiante, mais um milk shake. Mas os minutos corriam. Boris notaria que, lá fora, na calçada, fregueses que haviam chegado bem depois dele fechavam seus jornais, se levantavam e iam embora. Veria o céu nublar-se, o

dia começar a entardecer. Pensaria novamente no velho apartamento de que tanto gostava, no armário na sala, no Número Nove, e gradativamente, enquanto continuasse a comer os restos da torta de queijo, começaria a se resignar à idéia de que seria desapontado mais uma vez, de que, afinal, não faríamos o passeio juntos.

Várias vozes gritavam ao meu redor. Um homem jovem, vestindo um terno verde, havia se colocado de pé e tentava expor seu ponto de vista a Christoff, enquanto outros três agitavam as mãos enfatizando alguma coisa.

— Mas isso é irrelevante — gritava Christoff, a voz acima das deles. — E de qualquer maneira é apenas a opinião pessoal do Senhor Ryder...

Isso provocou um ataque furioso contra ele, quase todos na sala tentando responder ao mesmo tempo. Mas, por fim, Christoff mais uma vez conseguiu que sua voz sobrepujasse a de todos.

— Sim! Sim! Estou perfeitamente consciente de quem exatamente o Senhor Ryder é! Mas as condições locais, as condições locais são uma outra história! Ele ainda não conhece nossas condições particulares! Enquanto eu... eu tenho aqui...

O resto de sua declaração foi abafada, mas Christoff ergueu a pasta azul acima de sua cabeça e a balançou no alto.

— Que coragem! Que coragem! — gritava o Doutor Lubanski lá dos fundos, dando uma risada.

— Com todo respeito — agora, Christoff se dirigia diretamente a mim —, com todo respeito, estou surpreso por não se mostrar mais interessado em ouvir sobre as condições locais. De fato, estou surpreso, apesar de sua competência, estou surpreso que tenha simplesmente tirado conclusões...

O coro de protesto recomeçou, mais violento que nunca.

— Por exemplo... — gritou Christoff acima de todos —, por exemplo, fiquei muito surpreso com o fato de o senhor ter permitido à imprensa fotografá-lo em frente ao monumento Sattler! — Para minha consternação, isso provocou um silêncio repentino. — Sim! Christoff estava nitidamente encantado com o efeito que tinha causado.

— Sim! Eu o vi, quando subi até lá, mais cedo! Estava bem em frente ao monumento Sattler, sorrindo, apontando para ele!

O silêncio causado pelo impacto prosseguiu. Alguns dos presentes pareciam ficar cada vez mais constrangidos, enquanto outros inclusive a jovem com os óculos grossos — olhavam para mim de modo inquiridor. Sorri e ia fazer um comentário quando a voz do Doutor Lubanski, agora controlada e peremptória, ressoou do fundo da sala:

— O fato de o Senhor Ryder ter escolhido fazer esse gesto só indica uma coisa: que a extensão de nossa má orientação é ainda maior do que imaginávamos.

Todos os olhares se voltaram para ele quando se levantou e deu alguns passos na direção do grupo. O Doutor Lubanski parou

e inclinou a cabeça para o lado, como se escutasse os ruídos distantes da estrada. Depois, prosseguiu:

— Devemos, todos nós, tomar a sério sua mensagem e examiná-la atentamente. O monumento Sattler! É claro que ele tem razão! Não é dar excessiva importância ao caso, não, de maneira alguma! Olhem só para vocês mesmos, insistem em se apegar às noções idiotas de Henri! A verdade é que, mesmo aqueles que já sabem o que elas realmente significam, mesmo nós, temos sido complacentes. O monumento Sattler! Sim, é isso. A cidade atingiu um ponto crítico. Um ponto crítico!

Era agradável o Doutor Lubanski ter imediatamente ressaltado o despropósito da declaração de Christoff, destacando, ao mesmo tempo, a forte mensagem que eu tinha querido transmitir à cidade. Contudo, minha indignação, em relação a Christoff, a essa altura, era considerável e decidi que já estava mais do que na hora de colocá-lo em seu devido lugar.

Mas a sala inteira voltara a gritar, todos ao mesmo tempo. O homem chamado Claude batia o punho insistentemente na mesa, salientando um ponto a um homem grisalho, de suspensórios e botas enlameadas. Pelo menos quatro pessoas, de várias partes da sala, gritavam com Christoff. A situação parecia à beira do caos e me ocorreu que o momento era o ideal para que eu saísse. Porém, ao me levantar, a mulher jovem de óculos com as lentes grossas surgiu diante de mim.

— Senhor Ryder, por favor — disse ela. — Vamos ao fundo da questão. Henri tem razão em acreditar que não podemos, de jeito

algun, abandonar a dinâmica circular em Kazan?

Ela não falou alto, mas sua voz tinha uma qualidade sutil. A sala toda ouviu sua pergunta e ficou rapidamente em silêncio. Alguns de seus companheiros lhe lançaram olhares indagadores, mas ela os encarou desafiadoramente.

— Não, eu perguntarei — disse ela. — Esta é uma oportunidade única. Não podemos perdê-la. Vou perguntar. Senhor Ryder, por favor, responda.

— Mas eu tenho os fatos — murmurou Christoff desconsoladamente. — Aqui. Estão todos aqui.

Ninguém lhe prestou atenção, todos os olhares fixados, de novo, em mim. Percebendo que minhas próximas palavras teriam de ser escolhidas com muito cuidado, esperei um momento. Depois, disse:

— Minha opinião é que Kazan nunca tira vantagem de barreiras formalizadas. Nem da dinâmica circular, nem mesmo de uma estrutura de barra dupla. Há simplesmente estratos demais, emoções demais, especialmente em suas últimas obras.

Eu podia sentir, quase que fisicamente, a maré de respeito por mim. O homem com a cara rechonchuda me encarava com quase reverência. Uma mulher, usando um anoraque escarlate, murmurava: "É isso, isso mesmo", como se eu tivesse acabado de articular algo que ela tentava formular há anos. O homem chamado Claude havia se levantado, e deu alguns passos na minha direção, assentindo veementemente com a cabeça. O Doutor Lubanski

também balançava a cabeça, porém lentamente e com os olhos fechados como se dissesse: "Sim, sim, finalmente alguém que sabe realmente." A mulher jovem de óculos, entretanto, havia permanecido quieta, me observando cuidadosamente.

— Entendo — prossegui — a tentação de recorrer a tais estratégias. Há um receio natural de a música inundar os recursos do músico. Mas a resposta é, sem dúvida alguma, se elevar a esse desafio e não recorrer a barreiras. Evidentemente, o desafio talvez seja grande demais, e, neste caso, a resposta seria deixar Kazan em paz. Em todo caso, não se deve tomar como virtude as limitações de alguém.

Quando proferi esta última observação, muitos na sala pareceram não mais conseguir reprimir seus sentimentos. O homem grisalho com as botas enlameadas irrompeu em um aplauso vigoroso, lançando olhares ríspidos a Christoff. Muitos outros começaram a gritar contra Christoff e a mulher de anoraque escarlate repetiu, dessa vez em voz mais alta: "É isso, é isso mesmo, é isso." Senti-me curiosamente estimulado e, erguendo a voz acima da excitação crescente, prossegui:

— Pela minha experiência, essa falta de coragem é freqüentemente associada a certos traços desagradáveis. Uma hostilidade em relação ao tom introspectivo, na maioria das vezes caracterizada por um emprego exagerado da cadência quebrada. A predileção por combinar inutilmente as passagens fragmentadas umas com as outras. E, em um nível mais pessoal, a megalomania disfarçada por trás de maneiras modestas e gentis...

Fui obrigado a me interromper porque agora todos gritavam contra Christoff. Ele, por sua vez, manuseando as folhas de papel no ar, enquanto mantinha a pasta azul suspensa, gritava:

— Os fatos estão aqui! Aqui!

— Evidentemente — gritei acima do barulho —, essa é outra falha comum. A crença de que, ao colocar uma coisa em uma pasta, a tornamos um fato!

Isso provocou uma explosão de gargalhadas que, no fundo, era uma fúria que se desenrolava. Então, a mulher de óculos grossos levantou-se e se aproximou de Christoff.

Fez isso com toda calma, transpondo o pequeno espaço que, até então, havia sido mantido em volta do violoncelista.

— Seu velho tolo — disse ela, e, novamente, sua voz penetrou claramente através do clamor —, nos arrastou para baixo, a nós todos, junto com você. — Depois, com uma certa determinação, bateu na face de Christoff com a parte externa da mão.

Com o choque, houve uma pausa. De repente, as pessoas começaram a se levantar, empurrando umas às outras, para alcançarem Christoff. Era evidente que o desejo de seguir o exemplo da mulher de óculos os assaltava com uma certa urgência.

Percebi que uma mão balançava meu ombro, mas no momento não lhe dei atenção, pois estava muito absorto no que acontecia à minha frente.

— Não, não, basta! — O Doutor Lubanski havia, de alguma forma, conseguido chegar a Christoff antes e levantava as mãos. — Não, deixem Henri em paz! O que pensam que estão fazendo? Basta!

Provavelmente foi a intervenção do Doutor Lubanski que salvou Christoff de ser atacado com violência. Vi de relance a fisionomia confusa, assustada, de Christoff, e, então, um círculo enraivecido se formou à sua volta e ele deixou de ser visível por mim. A mão balançava novamente meu ombro e, ao me virar, deparei com o homem barbudo de avental — lembrei-me de que se chamava Gerhard — segurando uma tigela, fumegando, com purê de batatas.

— Aceita almoçar, Senhor Ryder? — perguntou. — Desculpe o atraso, mas, como vê, tivemos de preparar um novo tonel.

— É muito gentil — disse eu —, mas realmente tenho de ir. Deixei meu filhinho me esperando. — Depois, afastando-o do barulho, eu disse: — Poderia me levar para a frente do café? — Pois, naquele momento, lembrei que o café em que deixara Boris e esse em que estava eram partes do mesmo edifício, um desses estabelecimentos que oferecem salas contrastantes — aberto para várias ruas diferentes —, servindo a diversos tipos de clientela.

O homem de barba ficou nitidamente desapontado com minha recusa de almoçar, mas logo se recompôs e disse:

— É claro, Senhor Ryder. Por aqui.

Acompanhei-o até a frente da sala e dei a volta no balcão. Então, ele abriu uma pequena porta e fez sinal para que eu a atravessasse. Ao transpô-la, lancei um último olhar para trás, e vi o homem da cara rechonchuda em cima de uma mesa, balançando a pasta azul de Christoff no ar. Agora, havia vaias e gargalhadas em meio a gritos furiosos, enquanto a voz do Doutor Lubanski apelava de forma emocionada:

— Não, Henri já teve o bastante! Por favor! Por favor! É o bastante!

Deparei com uma cozinha espaçosa, toda ladrilhada de branco. Havia um cheiro forte de vinagre e vi de relance uma mulher grande, curvada sobre um forno que chiava de tão quente, mas o homem de barba já estava do outro lado e abria outra porta no extremo oposto da cozinha.

— Por aqui, senhor — disse ele, me introduzindo.

A porta era peculiarmente comprida e estreita. Na verdade, era tão estreita que logo percebi que só conseguiria passar me virando de lado. Além do mais, quando olhei por sua abertura, só deparei com a escuridão. Não havia nada que sugerisse que eu estivesse vendo algo além de um armário de vassouras. Mas o homem de barba fez outro movimento para me conduzir e disse:

— Por favor, cuidado com os degraus, Senhor Ryder.

Vi então que havia três degraus — a pequena escada parecia ter sido feita de caixas de madeira pregadas uma em cima da outra subindo diretamente da soleira. Consegui passar pela porta

e subi cada degrau com cuidado. Ao alcançar o último, vi um pequeno retângulo de luz à minha frente. Mais dois passos e o atingi e me encontrei olhando, através de uma divisória de vidro, para uma sala iluminada pelo sol. Vi mesas e cadeiras, e, então, reconheci a sala em que deixara Boris. Havia a jovem garçonete gorducha — via a sala por trás do balcão — e, lá no canto, estava Boris com o olhar perdido e uma expressão desgostosa. Tinha terminado a torta e, distraído, balançava para cima e para baixo o garfo, sobre a toalha da mesa. Fora um jovem casal sentado perto da janela, o interior do café estava vazio.

Senti algo me pressionando e me dei conta de que o homem de barba havia se comprimido logo atrás de mim e estava, agora, agachado no escuro, mexendo em um conjunto de chaves. No momento seguinte, a parede divisória se abriu e entrei no café.

A garçonete virou-se para mim e sorriu. Depois, chamou Boris:

— Veja quem chegou!

Boris virou-se e fez uma cara de desapontamento.

— Onde estava? — disse chateado. — Demorou demais.

— Sinto muito, Boris — eu disse. Depois, perguntei à garçonete:

— Ele se comportou bem?

— Oh, ele é encantador. Ficou me contando sobre onde vocês moravam antes. No bairro à beira do lago artificial.

— Ah, sim — eu disse. — O lago artificial. Sim, era para lá que estávamos indo.

— Mas você demorou demais! — disse Boris. — Agora é muito tarde!

— Desculpe, Boris. Mas não se preocupe, ainda temos muito tempo. E o velho apartamento não vai sair do lugar, não é? Mas você tem razão, temos de ir agora mesmo. Bem, deixa eu ver — virei-me para a garçonete que tinha começado a dizer alguma coisa ao homem de barba. — com licença, talvez possa nos dizer qual o melhor caminho para o lago artificial.

— O lago artificial? — A garçonete apontou para a janela. — Esse ônibus que está parado em frente os levará direto para lá.

Olhei para onde ela apontava e vi, para além dos pára-sóis na calçada, um ônibus estacionado mais ou menos logo em frente.

— Está esperando já há algum tempo — prosseguiu a garçonete.

— É melhor irem logo. Deve partir a qualquer momento.

Agradei e, fazendo um sinal para Boris, saí do café para a luz do sol.

15

Embarcamos no ônibus no exato momento em que o motorista ligava o motor. Ao comprar as passagens, vi que estava muito cheio e, preocupado, comentei:

— Espero que eu e meu filho possamos nos sentar juntos.

— Oh, não se preocupe — disse o motorista —, são boa gente. Deixe que cuido disso.

Virou-se e berrou algo. Havia uma certa algazarra jovial, que não era comum, mas o ônibus todo ficou em silêncio. Então, em seguida, por todo o carro, os passageiros se levantaram, apontando, acenando e consultando uns aos outros sobre como poderíamos ficar melhor acomodados. Uma mulher grande inclinou-se no corredor e gritou:

— Aqui! Pode se sentar aqui!

Mas outra voz, de outra parte do ônibus, gritou:

— Se está com um menino, é melhor aqui, ele não ficará enjoado. Eu me sentarei ao lado do Senhor Hartmann.

Então, mais uma conferência teve início a respeito de nossas opções.

— Como vê, são boa gente — disse o motorista animadamente.

— Recém-chegados sempre têm um acolhimento especial. Bem, quando estiverem instalados, darei a partida.

Boris e eu nos apressamos na direção dos bancos que dois passageiros, em pé, nos indicavam. Coloquei Boris do lado da janela e me sentei no momento em que o ônibus dava a partida.

Quase que imediatamente senti me baterem no ombro e, no banco de trás, alguém se inclinou oferecendo balas.

— Talvez o menino goste — disse uma voz de homem.

— Obrigado — eu disse. Depois, mais alto, para que todos ouvissem: — Obrigado. Obrigado a todos. Foram muito gentis.

— Veja! — Boris, excitado, agarrou meu braço. — Estamos entrando na rodovia norte!

Antes que eu pudesse responder, uma mulher de meia-idade surgiu ao meu lado, no corredor. Segurando-se no alto de meu banco para se equilibrar, tirou um pedaço de bolo de um guardanapo de papel.

— Sobrou este pedaço de um senhor sentado lá atrás — disse ela. — Ele achou que talvez o menino gostasse.

Aceitei, agradecendo mais uma vez ao ônibus todo. Depois, quando a mulher se foi, ouvi uma voz a alguns bancos dizer:

— É agradável ver um pai e filho se dando tão bem. Aqui estão eles, fazendo um passeio juntos. Quase não se vê esse tipo de coisa hoje em dia.

Ao ouvir essas palavras, senti uma onda repentina de orgulho e olhei de relance para Boris. Talvez ele também tenha ouvido, pois me sorriu de um modo conspiratório.

— Boris — eu disse, dando-lhe o bolo —, não é um ônibus fantástico? Valeu a pena esperar, não acha?

Boris sorriu novamente, mas estava examinando o bolo e não falou nada.

— Boris — prossegui —, eu estava querendo falar com você. Às vezes, deve ficar imaginando coisas. Boris, eu não poderia desejar nada melhor que isso... — ri, de repente. — Estou parecendo um bobo. O que quero dizer é que estou muito feliz. com você. Muito feliz por estarmos juntos. — Dei outra risada. — Está gostando da viagem de ônibus?

Boris assentiu com a cabeça, a boca cheia de bolo.

— É boa — disse ele.

— Eu estou gostando muito. E as pessoas são tão gentis.

No fundo do ônibus, alguns passageiros começaram a cantar. Senti-me relaxado e afundei no banco. Lá fora, o dia tornara-se mais nublado. Ainda estávamos na parte da cidade com edifícios, mas vi passar duas tabuletas, uma atrás da outra, onde se lia: "Rodovia Norte".

— Desculpe — disse uma voz de homem em algum lugar atrás de nós —, mas o ouvi dizer ao motorista que ia ao lago artificial. Espero que lá não esteja muito frio para vocês. Se querem apenas um lugar bonito para passar a tarde, eu recomendaria que descessem um pouco antes, nos jardins Maria Christina. Há um lago com barcos. O menino vai gostar.

Quem falou estava sentado logo atrás de nós. Os encostos dos bancos eram altos e não consegui ver o homem direito, apesar de ter girado o corpo. Em todo caso, agradei sua sugestão — foi claramente bem intencionada — e comecei a explicar a natureza de nossa visita ao lago artificial. Não pretendia entrar em detalhes, mas, depois de ter começado a falar, senti algo na atmosfera festiva à nossa volta que me impeliu a continuar falando. De fato, fiquei satisfeito com o tom que usei, perfeitamente equilibrado entre a seriedade e a jocosidade. Além disso, percebi, a partir dos murmúrios emitidos atrás de mim, que o homem escutava atenta e compreensivamente.

Seja como for, dali a pouco, me vi explicando sobre o Número Nove e por que ele era tão especial. Estava contando como Boris o tinha esquecido na caixa, quando o passageiro me interrompeu com uma tosse educada.

— Desculpe — disse ele —, mas uma viagem desse tipo, em geral, causa uma certa inquietação. É perfeitamente natural. Mas, realmente, se me permite, acho que tem toda razão de estar otimista.

Presumi que estivesse inclinado para a frente, pois sua voz, calma e confortante, provinha de um ponto logo atrás de onde o ombro de Boris encostava no meu.

— Tenho certeza de que encontrará esse Número Nove. É claro que está preocupado. Tantas coisas podem dar errado, deve estar pensando. É muito natural. Mas, com base no que acaba de me contar, estou certo de que dará tudo certo. Evidentemente, quando bater à porta, os novos moradores, talvez não sabendo quem você é, fiquem um pouco desconfiados. Mas depois que explicar, será muito bem recebido. Se for a mulher a atender a porta, dirá: "Oh, finalmente! Ficamos imaginando quando viria." Sim, tenho certeza. E ela se virará e chamará o marido: "É o menino que morava aqui!" E, então, o marido aparecerá, será um homem gentil, talvez esteja redecorando o apartamento. E ele dirá: "Bem, finalmente. Entre e tome um chá." E o introduzirá na sala de visitas, enquanto sua mulher escapa para a cozinha para preparar o que oferecer. E você notará imediatamente como o lugar mudou desde que o deixou, e o marido perceberá isso e, no começo, tentará se justificar. Mas, quando você deixar claro que não está em absoluto ressentido com as mudanças, certamente ele começará a lhe mostrar a sala, todo o apartamento, indicando uma e outra mudança, a maior parte feita com as próprias mãos, do que sente orgulho. Então, a mulher entrará na sala com o chá e alguns bolinhos que ela mesma fez, e todos se sentarão, comendo e bebendo com prazer, escutando o casal falar de como gostam do apartamento e do bairro. Claro que, durante o tempo todo, vocês dois estarão preocupados com o Número Nove e esperando o momento mais apropriado para expor o propósito da visita. Mas

espero que eles levantem a questão antes. Espero que a mulher diga, depois de terem tomado chá e conversado por algum tempo: "Há alguma coisa que o tenha feito vir até aqui? Algo que esqueceram?" E será então que poderá mencionar esse Número Nove e a caixa. Então, ela provavelmente dirá: "Oh, sim, guardei a caixa em um lugar especial. Dava para sentir que era algo importante." E, enquanto diz isso, fará um sinal ao marido. Talvez não propriamente um sinal, maridos e esposas se tornam quase telepáticos quando vivem felizes juntos por tanto tempo quanto esse casal. Evidentemente, isso não quer dizer que não briguem. Oh, não, talvez até mesmo discutam com freqüência, talvez tenham passado por problemas ao longo dos anos quando se desentendiam seriamente. Mas verá, quando os conhecerem, que com um casal desse tipo as coisas acabam se ajeitando por si mesmas, e que são essencialmente muito felizes juntos. Bem, o marido irá buscar a caixa em um lugar onde guardam as coisas importantes, e a trará. Talvez esteja embrulhada em um papel de seda. Evidentemente, você a abrirá imediatamente e lá estará o Número Nove, estará lá dentro do jeito que o deixou, ainda esperando ser colado à sua base. Então, poderá fechar a caixa e as pessoas gentis oferecerão um pouco mais de chá. Depois de um certo tempo, você dirá que tem de ir, que não quer incomodá-los por mais tempo. Mas a mulher insistirá para que coma mais um pedaço de seu bolo. E o marido quererá mostrar, pela última vez, a vocês dois, o apartamento, para que admirem o modo como o redecorou. Finalmente, acenarão da porta, quando estiverem saindo, insistindo para que os procurem quando passarem por lá novamente. É claro que não precisa acontecer exatamente assim, mas, pelo que me disse, estou certo

que, de uma maneira geral, as coisas se darão dessa forma. Por isso não há motivo para se preocupar, nenhum mesmo...

A voz do homem em meu ouvido, junto com o leve balançar do ônibus enquanto prosseguia pela estrada, produzia um efeito extremamente relaxante. Eu já tinha fechado os olhos assim que ele começara a falar, e agora, mais ou menos nesse momento, deixando-me afundar no banco, cochilei satisfeito.

Percebi que Boris balançava meu ombro.

— Temos de descer agora — estava dizendo.

Completamente desperto, vi que o ônibus havia dado uma parada e que éramos os últimos passageiros. Na frente, o motorista se levantara e esperava pacientemente que desembarcássemos. Quando atravessávamos o corredor, o motorista disse:

— Tomem cuidado. Está muito frio lá fora. Esse lago, na minha opinião, devia ser tapado. Só causa aborrecimento e todo ano várias pessoas se afogam nele. Confessamente, algumas delas são suicidas, e acho que, se o lago não estivesse ali, talvez escolhessem algum outro método menos desagradável. A meu ver, o lago deveria ser coberto.

— Sim — eu disse —, obviamente o lago provoca controvérsia. Sou um estranho, por isso tendo a ficar fora dessa discussão.

— Muito sensato, senhor. Bem, aproveitem o dia. — Então, despedindo-se de Boris, disse: — Divirta-se, rapazinho.

Boris e eu saltamos do ônibus e, enquanto ele se afastava, olhamos em volta. Estávamos na orla externa de uma vasta bacia de concreto. A uma certa distância, no centro da bacia, estava o lago artificial. A forma de um rim fazia com que se parecesse com a versão gigantesca de uma piscina comum, do tipo que achávamos que as estrelas de Hollywood possuíam antigamente. Não pude deixar de admirar a maneira como o lago — na verdade, a região toda — exibia, orgulhosamente, sua artificialidade.

Não havia sinal de relva em lugar algum. Até mesmo as árvores delgadas dispersas ao redor das rampas de concreto haviam sido todas envolvidas em recipientes de aço e se interrompiam exatamente na altura do calçamento. Olhando por cima todo aquele cenário que nos circundava completamente, estavam as inúmeras e idênticas janelas dos blocos dos altos edifícios. Reparei que havia uma curvatura sutil na frente de cada bloco tornando possível o efeito circular sem emenda, que lembrava um estádio.

Porém, mesmo com todos aqueles apartamentos à nossa volta — calculei no mínimo uns quatrocentos —, não se via quase ninguém. Divisei algumas figuras caminhando rapidamente no outro lado do lago — um homem com um cachorro, uma mulher com um carrinho de criança. Mas havia algo na atmosfera que mantinha as pessoas dentro de casa. Certamente, como o motorista do ônibus nos avisara, o clima não contribuía. Mesmo quando Boris e eu estávamos ali, um vento desagradável soprou atravessando a água.

— Muito bem, Boris — eu disse —, é melhor nos apressarmos. O menino parecia ter perdido todo o entusiasmo.

Encarava o lago de maneira vaga e não se mexeu. Virei-me na direção do bloco às nossas costas, fazendo um esforço para me mostrar animado, mas, então, me lembrei de que não sabia onde, em toda essa vastidão, nosso apartamento se situava.

— Boris, por que não me guia? Vamos, o que há?

Boris suspirou e, depois, se pôs a andar. Segui-o na subida de vários andares pela escadaria de concreto. Quando estávamos para subir o último lance de escada, soltou um grito estridente e se enrijeceu em uma postura de arte marcial. Eu me assustei, mas vi que o único agressor existente estava na imaginação do menino. Eu disse simplesmente:

— Muito bom, Boris.

Daí em diante, ele repetiu o grito e a pose antes de cada novo lance de escada. Então, para meu alívio — já estava ficando sem fôlego —, Boris me levou para fora da escada e seguiu por uma passagem. Desse ponto privilegiado de observação, no alto, a forma de rim do lago ficava muito mais evidente. O céu estava de um branco opaco e, apesar da passagem ser coberta — devia haver mais uma ou duas diretamente acima —, a proteção era insuficiente e rajadas de vento nos atingiam com uma força selvagem. A nossa esquerda, estavam os apartamentos, uma série de pequenas escadas de concreto ligavam a passagem ao bloco principal do edifício, como pequenas pontes por cima de um fosso. Algumas das escadas levavam às portas dos apartamentos, enquanto outras levavam para baixo. Enquanto andávamos, me vi examinando cada uma das portas, mas como, depois de alguns minutos, nenhuma me

despertou a mais leve lembrança, desisti e olhei para fora, para a vista do lago.

Boris, durante o tempo todo, andou com determinação alguns passos à frente, seu entusiasmo por nossa aventura tendo, aparentemente, retornado. Sussurrava para si mesmo, e, quanto mais avançávamos, mais o sussurro parecia se intensificar. Então, ele começou a pular enquanto andava, dando golpes de caratê no ar. O barulho dos sapatos ecoava à nossa volta cada vez que batiam no chão. Mas absteve-se de dar o grito estridente, que emitira na escada, e já que ainda não havíamos cruzado com sequer uma única pessoa, resolvi que não havia por que reprimi-lo.

Um pouco depois, olhei casualmente para baixo, para o lago, e fiquei surpreso ao constatar que não o via de um ângulo significativamente diferente.

Só então me ocorreu que a passagem descrevia um círculo gradual ao redor do bairro. Era perfeitamente possível andarmos em círculos indefinidamente.

Observei Boris, avançando apressado à minha frente, executando ativamente suas momices, e tive dúvidas sobre se ele realmente se lembraria, mais do que eu, do caminho para o apartamento. Na verdade, me ocorreu que não havia planejado as coisas muito bem. Deveria, no mínimo, ter me preocupado em, antes, entrar em contato com os novos moradores. Afinal, pensando bem, não havia qualquer razão para quererem nos receber. Um pessimismo em relação à excursão começou a me invadir.

— Boris — chamei —, espero que esteja prestando atenção. Não vamos passar direto.

Ele olhou para trás, sem interromper seus sussurros furiosos, depois, correu ainda mais para frente e recomeçou seus movimentos de caratê.

Por fim, fiquei intrigado com o tempo excessivo que durava nossa caminhada, e, quando voltei a olhar para o lago lá embaixo, vi que havíamos dado pelo menos uma volta completa em torno dele. Na minha frente, Boris continuava a murmurar animadamente para si mesmo.

— Espera, espera um pouco — gritei para ele. — Boris, espera. Ele parou de andar e me lançou um olhar chateado, quando me aproximei. — Boris — eu disse com calma —, tem certeza de que se lembra do caminho para o apartamento antigo?

Encolheu os ombros e desviou o olhar. Então, disse de modo pouco convincente:

— Claro que sim.

— Mas parece que estamos dando voltas.

Boris deu de ombros outra vez. Sua atenção estava voltada totalmente para o sapato, que mexia de um lado para o outro. Finalmente, ele disse:

— Eles devem ter guardado bem o Número Nove, não devem?

— Acho que sim, Boris. Estava em uma caixa, uma caixa com aparência importante. Devem guardar uma coisa assim separado. Em uma prateleira alta, ou algum lugar parecido.

Boris continuou a olhar para o sapato por um instante. Depois, disse:

— Já passamos por ele. Passamos duas vezes por ele.

— O quê? Está dizendo que estamos dando voltas e mais voltas nesse vento frio por nada? Por que não disse, Boris? Não entendo você.

— Ele ficou em silêncio, mexendo o pé de um lado para o outro.

— Bem, acha que devemos voltar? — perguntei. — Ou teremos de dar outra volta no lago?

Boris suspirou e, por um momento, pareceu refletir. Então, levantou os olhos e disse:

— Está bem. Fica ali. Logo ali atrás.

Retrocedemos uma pequena distância ao longo da passagem. Pouco depois, Boris se deteve diante de uma das escadas e olhou rapidamente para a porta do apartamento.

Então, quase que imediatamente deu as costas à porta e recomeçou a observar o sapato.

— Ah, sim — disse eu, observando atentamente a porta. De fato, a porta, pintada de azul e sem nada que a distinguisse das

outras, não me despertou qualquer lembrança.

Boris olhou, por cima do ombro, para o apartamento, e depois, novamente desviou o olhar, cutucando o chão com o pé. Fiquei, por algum tempo, ao pé da escada, sem saber ao certo o que fazer. Finalmente, disse:

— Boris, por que não espera aqui um minuto? Vou subir e ver se tem alguém em casa.

O menino continuou a dar estocadas com o pé. Subi e bati à porta. Não houve resposta. Quando já tinha batido a segunda vez sem resultado, encostei o rosto na pequena parede envidraçada. O vidro estava embaçado e não consegui ver nada.

— A janela — disse Boris atrás de mim. — Dá uma olhada pela janela.

Vi à minha esquerda uma espécie de sacada — na verdade, nada além de uma saliência ao longo da fachada, tão estreita que não dava nem para colocar uma cadeira sem braços. Estendi a mão para alcançar a balastrada de ferro, e, mesmo inclinando o corpo sobre o muro da escada, só pude espreitar através da janela mais próxima.

Deparei com uma sala sem divisórias, com uma mesa de jantar encostada na parede do lado oposto, e móveis modernos já obsoletos.

— Consegue vê-la? — gritava Boris. — Consegue ver a caixa?

— Espera um pouco.

Tentei apoiar o corpo ainda mais na parede, porém consciente do fosso profundo embaixo de mim.

— Pode vê-la?

— Só um minutinho, Boris.

Agora a sala se tornava cada vez mais familiar. O relógio triangular na parede, o sofá de espuma, cor de creme, o móvel com a vitrola.

Cada objeto, quando meu olhar o encontrava, produzia de modo pungente um reconhecimento. Entretanto, enquanto prosseguia examinando a sala, fui tendo a forte impressão de que toda a parte de trás — que se juntava ao resto formando um L — não existia antes, que era um acréscimo recente. Contudo, ao continuar olhando, essa mesma parte me pareceu fortemente ligada ao passado, e, após um momento, percebi que isso se dava porque lembrava exatamente o fundo do salão da casa de meus pais, em Manchester, onde eu morara por vários meses. A casa, uma das estreitas casas geminadas, era úmida e precisava de reforma, mas suportávamos seu estado já que só ficaríamos ali até que o trabalho de meu pai nos possibilitasse mudar para algum lugar melhor. A casa, para mim, um menino de nove anos, rapidamente passou a representar não apenas uma mudança excitante, mas a esperança de que um capítulo novo e mais feliz começasse para todos nós.

— Não vai encontrar ninguém aí — disse uma voz de homem atrás de mim. Endireitando o corpo, vi que aquele que falava

havia saído do apartamento vizinho. Ele estava em pé, na porta, no alto da escada paralela àquela em que me encontrava. O homem tinha cerca de cinqüenta anos, as feições pesadas, parecendo um buldogue. Estava desgrenhado e sua camiseta tinha uma mancha úmida no peito.

— Ah — eu disse —, então este apartamento está vazio? O homem encolheu os ombros.

— Talvez eles voltem. Minha mulher e eu não gostamos de ter um apartamento vazio vizinho ao nosso, mas, depois de toda essa confusão, confesso que nos sentimos aliviados. Não somos pessoas hostis. Mas depois de tudo isso, bem, preferimos assim. Vazio.

— Ah, então está vazio há algum tempo. Semanas? Meses?

— Oh, no mínimo há um mês. Devem estar voltando, mas não nos importaremos se não vierem. Veja bem, às vezes sinto pena deles. Não somos pessoas inamistosas. Nós mesmos já atravessamos tempos difíceis. Mas quando acontece desse jeito, bem, você acaba querendo que partam. Preferimos o apartamento vazio.

— Entendo. Muito tumulto.

— Oh, sim. Para ser justo, não acho que tivesse violência física. Mas, ainda assim, ter de ouvi-los gritar tarde da noite é muito desagradável.

— Com licença, escute... — Cheguei para perto dele, fazendo um sinal com os olhos, indicando que Boris podia estar ouvindo.

— Não, minha mulher não gostava nem um pouco disso prosseguiu o homem, me ignorando. — Sempre que começavam, ela punha o travesseiro na cabeça. Até mesmo na cozinha.

Certa vez, entrei e a vi cozinhando com o travesseiro em volta da cabeça. Não era nada agradável. Sempre que o víamos, ele estava sóbrio, muito distinto. Ele nos cumprimentava rapidamente e seguia seu caminho. Mas minha mulher estava convencida do que estava por trás daquilo. Entende? O álcool...

— Ouça — sussurrei com raiva, inclinando o corpo sobre a parede de concreto que nos separava —, não vê que meu filho está comigo? Isso é tipo de conversa para se ter na frente dele?

O homem olhou para baixo, na direção de Boris, com uma expressão surpresa. Então, disse:

— Mas ele não é tão pequeno, é? Não pode protegê-lo de tudo. Se não gosta desse tipo de conversa, tudo bem, podemos falar de outra coisa. Pense em um tópico melhor, se for capaz. Eu só estava contando como as coisas eram. Mas se não quer falar sobre isso...

— Não, certamente eu não quero! Certamente não quero saber...

— Bem, não era importante. É que eu, naturalmente, tendia a tomar o partido dele, mais do que o dela. Se ele tivesse se tornado realmente violento, bem, aí seria diferente, mas não há evidência alguma de que isso tenha ocorrido. Por isso eu tendia a culpá-la. É verdade que ele passava muito tempo fora, mas, pelo que sabemos, ele tinha de fazer isso, era parte de seu trabalho. Não era motivo, é isso que quero dizer, que não era motivo para ela se comportar daquela maneira...

— Ouça, pode parar com isso? Não tem um mínimo de bom senso? O menino! Ele pode escutar...

— Está bem, talvez esteja escutando. E daí? As crianças sempre ouvem coisas, mais cedo ou mais tarde. Eu só estava explicando por que eu tendia mais para o lado dele, e foi por isso que minha mulher levantou a questão da bebida. Ficar longe de casa era uma coisa, ela dizia, mas a bebida era outra...

— Ouça, se continuar com isso, serei obrigado a encerrar esta conversa agora mesmo. Estou avisando, farei isso.

— Não pode esperar proteger seu filho para sempre, sabe? Quantos anos ele tem? Não parece tão pequeno. Não é bom superprotegê-los. Têm de aprender a lidar com o mundo, com o que é bom e ruim...

— Ele ainda não precisa! Ainda não! Além disso, não me importa o que acha. O que tem a ver com isso? Ele é meu filho, a responsabilidade é minha, não vou aceitar esse tipo de conversa...

— Não sei por que está com tanta raiva. Estou apenas conversando. Só estava dizendo o que achávamos disso tudo. Não eram más pessoas e não é que não gostássemos deles, mas, às vezes, era demais. Veja bem, acho que sempre soa pior quando ouvido através de uma parede. Ouça, é inútil tentar esconder isso de um menino desta idade. É uma batalha perdida. E o essencial é...

— Não me importa o que acha! Não ainda por alguns anos! Ele não vai, não vai ouvir esse tipo de coisa...

— Você é um bobo. As coisas de que estou falando são o que acontece na vida. Até mesmo minha mulher e eu tivemos nossos altos e baixos. Por isso era compreensivo com ele. Sei como é o momento em que, de repente, se dá conta de que...

— Estou avisando! Encerrarei esta conversa! Estou avisando!

— Mas eu nunca bebi. Isso muda a situação. Ficar muito longe de casa é uma coisa, mas beber dessa maneira...

— É meu último aviso! Mais uma palavra e vou embora!

— Ele era cruel quando bebia. Não fisicamente, tudo bem, mas ouvíamos o que dizia, era cruel. Não entendíamos todas as palavras, mas costumávamos nos sentar no escuro e escutar...

— Pronto! Eu avisei! Vou embora! Vou embora!

Dando as costas ao homem, desci correndo a escada para onde Boris estava. Peguei seu braço e parti apressado. Mas, nisso, o homem se pôs a gritar atrás de nós:

— É uma batalha perdida! Ele acabará descobrindo como são as coisas! É a vida! Não há nada de errado nisso! É simplesmente a vida real!

Boris olhava para trás com uma certa curiosidade e eu tinha de puxar seu braço com força. Por um bom tempo mantivemos o mesmo ritmo de marcha. Mais de uma vez senti que Boris tentava diminuir o passo, mas eu insistia, ansioso em afastar qualquer possibilidade de ameaça do homem que nos perseguia. Quando diminuámos para dar uma parada, vi que estava praticamente sem fôlego. Cambaleando para a parede — era perturbadoramente baixa, terminando logo acima de minha cintura —, ergui os cotovelos e me apoiei ali. Olhei para o lago, para os altos blocos de edifícios, para o céu pálido, e esperei que meu peito parasse de arfar.

Depois de um tempo, me dei conta de que Boris estava ao meu lado. Estava de costas para mim, e mexia em um fragmento de alvenaria, solto quase no topo da murada.

Comecei a sentir um certo constrangimento em relação ao que tinha acabado de acontecer, e vi que devia lhe dar algum tipo de explicação. Pensava no que poderia dizer quando ele, continuando de costas, murmurou:

— Aquele homem era louco, não era?

— Sim, Boris, completamente maluco. Possivelmente, era um perturbado.

Boris continuou a mexer na parede. Então, disse:

— Não tem mais importância. Não precisamos pegar o Número Nove.

— Se não fosse aquele homem, Boris...

— Não faz mal. Não tem mais importância. — Virou-se para mim e sorriu. — Até aquele momento, o dia estava sendo ótimo — disse animado.

— Está gostando?

— Foi bárbaro. A viagem de ônibus, tudo. Foi ótimo.

Fui tomado por um desejo de apertá-lo nos braços, mas achei que o deixaria intrigado, possivelmente alarmado com um gesto desse. Por fim, passei a mão de leve em seu cabelo e tornei a olhar a vista.

O vento deixara de ser tão aborrecido e, por um momento, ficamos ali, lado a lado, calados, observando a região. Depois, eu disse:

— Boris, sei que deve estar estranhando. Quer dizer, por que simplesmente não fixamos residência e vivemos sossegadamente, nós três. Deve, sei que sim, deve estar pensando por que eu tenho sempre de estar partindo, mesmo que isso chateie sua mãe. Bem, tem de entender, faço essas viagens não porque não goste e não queira muito estar com você. De certa forma, tudo que eu queria era ficar em casa com você e sua mãe, morar em um apartamento como esse, ou outro qualquer. Mas, entenda, não é tão simples. Preciso continuar viajando porque nunca se pode saber

quando acontecerá. Digo, a especial, a viagem mais importante, a que é muito importante, não somente para mim, mas para todos, no mundo inteiro. Como posso lhe explicar? Você é tão jovem. Sabe, seria muito fácil simplesmente deixar de ir. Dizer uma vez não, não irei, descansarei. Então, só depois, descobriria que havia sido essa, a muito, muito importante. E, entenda, uma vez que a perca, não há volta, será muito tarde. Não importa quantas viagens faça depois, não terá importância, será tarde demais, e todos esses anos terão sido em vão. Vi isso acontecer com outras pessoas, Boris. Passaram anos viajando e começaram a ficar cansadas, talvez um pouco preguiçosas. Mas foi exatamente nesse momento que ela aconteceu. E a perderam. E, sabe, lamentaram-se pelo resto de suas vidas. Tornaram-se mais amargas e tristes. Ao morrerem, eram pessoas arruinadas. Por isso, Boris, não posso. Esta é a razão por que, por enquanto, tenho de continuar viajando. Sei que isso dificulta as coisas entre nós. Mas temos de ser fortes e pacientes, nós três. Não vai demorar muito, tenho certeza. Acontecerá logo, o mais importante, e, então, acabará tudo, poderei relaxar e descansar. Poderei ficar em casa o tempo que quiser, não fará diferença, poderemos nos divertir, só nós três. Poderemos fazer todas as coisas que não pudemos fazer até então. Não vai demorar, tenho certeza, mas devemos ser pacientes. Boris, espero que possa entender o que estou dizendo.

Boris permaneceu em silêncio por muito tempo. Então, subitamente, aprumou-se e disse:

— Afastem-se em silêncio. Todos vocês. — No mesmo instante, correu uma pequena distância e recomeçou seus

movimentos de caratê.

Durante os minutos seguintes, continuei apoiado na murada, olhando a vista, escutando o ruído de Boris sussurrando furiosamente para si mesmo. Então, quando tornei a olhar para ele, percebi que representava em sua imaginação a versão mais recente de uma fantasia que tinha estado desempenhando repetidamente durante as últimas semanas. Sem dúvida, o fato de estarmos tão perto do cenário real havia tornado irresistível a possibilidade de vivenciar tudo de novo. Pois a seqüência imaginária envolvia Boris e seu avô lutando contra uma turma de bandidos nessa mesma passagem, bem em frente ao antigo apartamento.

Continuei a observá-lo se mover ativamente, agora, a vários metros de onde eu estava, e achei que chegava à parte em que ele e o avô, ombro a ombro, se preparavam para outra investida violenta. Já devia haver um mar de corpos inconscientes no chão, mas alguns dos bandidos mais persistentes estariam se reagrupando para um novo ataque. Boris e o avô aguardariam calmamente, lado a lado, enquanto os facínoras cochichavam estratégias no escuro do corredor. Nisso, como em todos os roteiros desse tipo, Boris era, de um modo indefinido, mais velho. Não exatamente um adulto — o que tornaria as coisas remotas demais, assim como criaria problemas quanto à idade de seu avô —, mas, de certa forma, com idade suficiente para dar crédito às proezas físicas necessárias.

Boris e Gustav lhes dariam todo tempo que pedissem para se organizarem. Então, assim que o grupo investisse, avô e neto, uma equipe coordenada uniformemente, se ocuparia com eficiência, quase com pesar, dos atacantes que caíam em cima deles por tudo

que é lado. Finalmente, o ataque terminaria — não, um último bandido surgiria do escuro, bramindo uma espada medonha. Gustav, por estar mais perto, desfecharia um rápido golpe em seu pescoço e, por fim, a luta se encerraria.

Durante um certo tempo, Boris e o avô examinariam, em silêncio, circunspectamente, os corpos espalhados ao redor. Então, Gustav, lançando, uma última vez, seu olhar experiente sobre a cena, faria um sinal com a cabeça e os dois se afastariam, com a expressão de homens que haviam feito o que deviam fazer sem, contudo, terem sentido prazer. Subiriam a pequena escada até a porta do antigo apartamento, dariam uma última olhada nos bandidos derrotados — alguns deles começando a gemer e a se arrastar para longe — antes de entrarem.

— Agora está tudo bem — diria Gustav, na porta. — Foram embora.

Sophie e eu apareceríamos, nervosos, no hall de entrada. Boris, entrando atrás de seu avô, acrescentaria:

— Ainda não terminou. Atacarão de novo, talvez antes do amanhecer.

Essa avaliação da situação, que teria sido tão óbvia para avô e neto que eles nem mesmo se dariam o trabalho de discuti-la, seria recebida com angústia por mim e Sophie.

— Não, não podemos suportar isso! — Sophie se queixaria e cairia em prantos. Eu a abraçaria na tentativa de confortá-la, mas minha expressão seria de desesperança.

Diante desse espetáculo patético, Boris e Gustav não demonstrariam o menor sinal de desprezo. Gustav colocaria, de modo tranqüilizador, a mão em meu ombro, dizendo:

— Não se preocupe. Boris e eu estaremos aqui. E, depois desse ataque, estará tudo terminado.

— Exatamente — confirmaria Boris. — Mais um confronto é o máximo que suportarão. — Então, virando-se para Gustav, diria: Vovô, talvez na próxima vez eu tente argumentar novamente com eles. Dê-lhes uma última oportunidade de recuar.

— Não escutarão — diria Gustav, balançando a cabeça gravemente. — Mas tem razão. Devemos lhes dar uma última chance.

Sophie e eu, dominados pelo medo, desapareceríamos dentro do apartamento, chorando um nos braços do outro. Boris e o avô olhariam um para o outro, suspirariam cansados e, então, abrindo a porta, tornariam a sair.

Encontrariam a passagem escura, silenciosa e vazia.

— Também podíamos descansar um pouco — diria Gustav.

— Você dorme primeiro, Boris. Eu o acordarei assim que os vir chegando.

Boris, assentindo com a cabeça, se sentaria no degrau de cima da escada e, recostando-se na porta, adormeceria imediatamente.

Alguns minutos depois, um toque em seu braço e se pôria de pé, despertando instantaneamente. Seu avô já teria se levantado e estaria encarando os bandidos agrupados à sua frente. Seriam mais numerosos que nunca, tendo a última confrontação impelindo-os a recrutar todos de cada recanto escuro da cidade. Estariam lá, vestidos de couro gasto, jaquetas do exército, cinturões agressivos, segurando barras de metal ou correntes de bicicleta — mas impedidos de portarem armas por seu próprio senso de honra. Boris e Gustav desceriam lentamente a escada, talvez fazendo uma pausa no segundo ou terceiro degrau. Então, Boris, a um sinal de seu avô, começaria a falar, elevando a voz de modo a que ressoasse pelas pilastras de concreto.

— Lutamos com vocês várias vezes. Vejo que, desta vez, são em número ainda maior. Mas cada um de vocês, no fundo, deve saber que não pode vencer. E desta vez eu e meu avô não podemos garantir que alguns não saiam seriamente feridos. Essa briga não tem sentido. Todos já devem ter tido um lar. Mães e pais. Talvez irmãos e irmãs. Quero que entendam o que está acontecendo. Esses ataques, esse terror contínuo à nossa casa, faz com que minha mãe chore o tempo todo. Ela está sempre tensa e irritada, o que faz com que me repreenda freqüentemente sem motivo. Também faz com que meu pai fique fora por longos períodos, às vezes no exterior, do que mamãe não gosta. Isso tudo é resultado de ficarem aterrorizando o apartamento. Talvez façam isso simplesmente porque estão animados, querendo aventuras, porque vieram de lares desfeitos e não conhecem coisa melhor. Por isso estou tentando fazê-los compreender o que está acontecendo realmente, os verdadeiros efeitos desse comportamento irrefletido. O que pode

acontecer, mais cedo ou mais tarde, é que papai não volte mais para casa. Talvez até tenhamos de mudar de apartamento. Foi por isso que trouxe meu avô, afastando-o do trabalho importante que realiza em um grande hotel. Não podemos permitir que continuem a fazer isso. É por isso que lutamos contra vocês. Agora, que já expliquei a situação, têm uma chance de pensar sobre tudo isso e se retirarem. Se não recuarem, eu e vovô não teremos outra escolha a não ser enfrentá-los mais uma vez.

Faremos o possível para deixá-los inconscientes sem causar um dano mais duradouro, mas, em uma grande luta, mesmo com nossa perícia, não podemos garantir que não acabem se ferindo gravemente, até mesmo fraturando ossos. Por isso, aproveitem a oportunidade e se retirem.

Gustav sorria ligeiramente aprovando o discurso, e, então, os dois examinariam mais uma vez os rostos selvagens à sua frente. Uma proporção significativa estaria olhando uns para os outros, hesitante, mais por medo que racionalmente. Mas então os líderes — personagens medonhos, carrancudos — dariam início a uma espécie de grito de guerra, que rapidamente se espalharia por suas fileiras. Então, avançariam com ímpeto. Rapidamente, Boris e seu avô tomariam posições, um de costas para o outro, movimentando-se de forma a guardar a mesma posição, empregando uma combinação, desenvolvida cuidadosamente pelos dois, de caratê com outras técnicas de combate. Os bandidos se lançariam sobre eles de todas as direções, e imediatamente rodopiariam, tropeçariam, escapariam emitindo grunhidos de horror inesperado, até que o chão, novamente, estivesse coberto de corpos

inconscientes. A seguir, Boris e Gustav ficariam juntos, ainda por um bom tempo, esperando, observando atentamente, até os facínoras começarem a se mexer, alguns gemendo, outros balançando a cabeça tentando entender onde estavam. Nesse ponto, Gustav daria um passo à frente, dizendo:

— Agora vão, que isso seja o fim. Deixem este apartamento em paz. Era um lar feliz antes de começarem a aterrorizá-lo. Se voltarem, meu neto e eu não teremos outra escolha a não ser quebrar seus ossos.

O discurso seria desnecessário. Os bandidos saberiam que dessa vez haviam sido completamente derrotados, que tinham sorte em não terem se machucado mais seriamente.

Lentamente começariam a se pôr de pé, com dificuldade, e a partir mancando, apoiados uns aos outros, em grupos de dois e três, muitos gemendo de dor.

Depois do último bandido se afastar coxeando, Boris e Gustav trocariam um olhar de satisfação, se virariam e retornariam ao apartamento. Ao entrarem, Sophie e eu — teríamos assistido a toda cena da janela — os acolheríamos radiantes.

— Graças a Deus, acabou — diria eu, emocionado —, graças a Deus.

— Eu já estava preparando uma comida para comemorar — diria Sophie, exultante de felicidade, a tensão abandonando sua fisionomia.

— Estamos tão gratos a você e a seu avô, Boris. Que tal um dos jogos de tabuleiro hoje à noite?

— Tenho de ir andando — diria Gustav. — Tenho muito o que fazer no hotel. Se tiverem mais algum problema, me avisem. Mas estou certo de que agora acabou.

Acenaríamos para Gustav, enquanto ele desceria a escada. Depois, fechando a porta, Boris, Sophie e eu nos prepararíamos para a noite. Sophie ficaria entrando e saindo da cozinha, preparando a comida, cantando baixinho, enquanto Boris e eu, relaxados no chão da sala, nos concentraríamos em um jogo. Então, depois de termos jogado por mais ou menos uma hora, quando Sophie estivesse fora da sala, eu olharia repentinamente para Boris com uma expressão grave e diria calmamente:

— Obrigado pelo que fez, Boris. Agora as coisas voltarão a ser como eram. Da maneira como eram antes.

— Veja! — gritou Boris, e eu vi que ele estava ao meu lado outra vez, apontando por cima da murada. — Veja! É a tia Kim!

Sem a menor dúvida, lá embaixo, uma mulher acenava freneticamente para atrair nossa atenção. Usava um cardigã verde, que, com as mãos, mantinha bem fechado, e seu cabelo voava, totalmente despenteado. Percebendo que finalmente a tínhamos localizado, gritou alguma coisa que se perdeu no vento.

— Tia Kim! — gritou Boris lá para baixo.

A mulher gesticulou e gritou alguma coisa outra vez.

— Vamos descer — disse Boris, e se pôs a guiar o caminho, novamente tomado pela excitação.

Eu o segui, enquanto ele descia correndo os vários lances da escada de concreto. Ao chegarmos ao térreo, o vento imediatamente nos atingiu com força, mas Boris, ainda assim, conseguiu executar, querendo se mostrar para a mulher, um movimento surpreendente, como se aterrissasse de pára-quedas.

A "tia Kim" era uma mulher atarracada, de cerca de quarenta anos, cuja fisionomia, de certa forma severa, me era definitivamente familiar.

— Vocês dois devem ser surdos — disse ela, ao nos aproximarmos. — Nós os vimos saltar do ônibus e os chamamos várias vezes. Não ouviram? Então, vim até aqui para encontrá-los e não os vi em parte alguma.

— Oh, querida — eu disse —, não ouvimos nada, não foi Boris? Deve ter sido por causa deste vento. Quer dizer — lancei um olhar em volta — que nos observava de seu apartamento.

A mulher atarracada apontou para uma das inúmeras janelas que nos inspecionavam.

— Chamamos várias vezes. — Então, virando-se para Boris, disse:

— Sua mãe está lá em cima, rapazinho. Está ansiosa para vê-lo.

— Mamãe?

— É melhor subir agora mesmo, ela está ansiosa para vê-lo. E sabe o que mais? Passou a tarde cozinhando, preparando um banquete fantástico para quando você voltasse para casa hoje à noite. Não vai acreditar, mas ela disse que preparou de tudo, todos os seus pratos favoritos, tudo o que puder imaginar. Ela estava exatamente me contando sobre isso quando olhamos pela janela e lá estavam vocês, saltando do ônibus. Mas ouçam, passei bem uma meia hora procurando por vocês, estou gelada. Vamos ficar aqui em pé?

Estendeu a mão. Boris a pegou e nos pusemos a caminho do bloco do edifício que ela havia indicado. Ao chegarmos mais perto, Boris correu na frente, abriu uma porta de fornalha e desapareceu em seu interior. A porta estava para se fechar quando a mulher atarracada e eu nos aproximamos. Ela a manteve aberta para que eu passasse, dizendo:

— Ryder, você não devia estar em outro lugar? Sophie acabava de me dizer que o telefone não parou de tocar a tarde toda. As pessoas estão atrás de você.

— Mesmo? Ah. Bem, como vê, estou aqui. — Dei uma risada. — Trouxe Boris.

A mulher deu de ombros.

— Deve saber o que está fazendo.

Estávamos em um espaço fracamente iluminado, ao pé da escada. Na parede do meu lado, havia uma série de caixas de correio e alguns extintores de incêndio. Ao começarmos a subir o

primeiro lance — havia, no mínimo, mais cinco andares acima —, o ruído dos pés de Boris correndo ressoou de algum lugar em cima de onde estávamos, e, então, eu o ouvi gritar: "Mãe!" Houve exclamações de alegria, mais bater de pés, e a voz de Sophie dizendo: "Oh, meu querido, meu querido!" O abafamento de sua voz sugeria que estavam se abraçando, e, quando a mulher atarracada e eu chegamos no patamar, eles haviam desaparecido dentro do apartamento.

— Não repare na bagunça — disse a mulher, me introduzindo. Passei por um minúsculo hall de entrada e entrei em um cômodo sem divisórias, decorado com objetos modernos simples. Uma grande janela panorâmica dominava a sala, e ao entrar vi Sophie e Boris juntos, bem em frente a ela, suas figuras quase se tornando silhuetas contra um céu cinza. Sophie me sorriu brevemente, depois retomou a conversa com Boris.

Pareciam excitados em relação a alguma coisa e Sophie continuava com os braços em torno dos ombros de Boris. Pela maneira como apontavam para fora da janela, achei que talvez estivesse contando como ela e a mulher atarracada nos haviam localizado. Mas, quando cheguei mais perto, ouvi Sophie dizer:

— Sim, verdade. Está tudo pronto. Só precisamos esquentar algumas coisas, como o bolo de carne.

Boris disse alguma coisa que não entendi, à qual Sophie respondeu:

— É claro que podemos. Jogaremos o que você quiser. Poderá escolher um dos jogos quando acabarmos de comer.

Boris olhou para a mãe de modo interrogativo, e percebi que suas maneiras haviam se tornado mais comedidas, impedindo que ficasse tão excitado quanto, talvez, Sophie desejasse. Então, quando ele se afastou para outra parte da sala, Sophie veio para perto de mim e abanou a cabeça pesarosamente.

— Sinto muito — disse ela calmamente. — Não serviu para nada. Pelo contrário, era pior que a do mês passado. A vista é fantástica, foi construída na beira de um rochedo, mas não é sólida o bastante. O Senhor Mayer acabou concordando. Ele acha que o telhado pode desabar com uma ventania, talvez até mesmo em alguns poucos anos. Voltei direto para casa, cheguei mais ou menos às onze horas. Sinto muito. Posso ver que está desapontado. — Olhou na direção de Boris, que examinava um gravador portátil, à esquerda, em uma prateleira.

— Não há por que desanimar — eu disse com um suspiro. Tenho certeza de que logo encontraremos alguma coisa.

— Mas estive pensando — disse Sophie —, no ônibus, enquanto voltava. Estive pensando em que não há razão para que, agora, não comecemos a fazer as coisas juntos, com ou sem casa. Por isso, assim que cheguei, comecei a preparar a comida. Pensei que hoje à noite poderíamos fazer um grande banquete, só nós três. Lembrei-me de como minha mãe costumava fazer isso quando eu era pequena, antes de sua doença. Costumava preparar uma porção de coisinhas diferentes e colocá-las de modo a que pudéssemos ir comendo o que escolhêssemos. Eram noites tão boas que achei, bem, que não havia por que não fazermos alguma coisa parecida

hoje, só nós três. Não havia pensado nisso antes, não com a cozinha naquele estado.

Mas, olhando-a direito, vi que estava sendo uma tola. Tudo bem que esteja longe do ideal, mas tem muita coisa aproveitável. Assim, me pus a cozinhar. Cozinhei a tarde toda. E consegui preparar praticamente todas as coisas de que Boris mais gosta. Está tudo lá, esperando por nós, só precisa ser esquentado. Hoje à noite, faremos um grande banquete.

— Isso é ótimo. Estou ansioso para que aconteça.

— Não há razão que nos impeça, mesmo nesse apartamento. E você tem sido tão compreensivo com... com tudo. Pensei nisso tudo. No ônibus de volta. Temos de deixar o passado para trás. Temos de recomeçar a fazer as coisas juntos. As boas coisas.

— Sim. Tem toda razão.

Sophie ficou olhando pela janela por alguns segundos. Depois, ela disse:

— Oh, ia me esquecendo. Aquela mulher continua a ligar. Ligou o tempo todo em que eu cozinava. A Senhorita Stratmann. Perguntou se eu sabia onde você estava. Ela conseguiu entrar em contato com você?

— A Senhorita Stratmann? Não. O que ela queria?

— Parece que houve uma certa confusão em relação aos seus compromissos de hoje. Ela foi muito educada, sempre se

desculpando por estar me incomodando. Disse que estava certa de que você estava ciente de tudo, que estava telefonando só para confirmar, nada mais, que não estava nem um pouco preocupada. Mas, depois de quinze minutos, o telefone tocava de novo, e era ela outra vez.

— Não há nada com que se preocupar. É que... bem, disse que ela achava que eu devia estar em outro lugar?

— Não sei direito o que ela disse. Foi muito simpática e continuou ligando. Por causa disso acabei fritando demais os bolinhos de galinha. Então, da última vez que liguei, perguntou se eu estava esperando muito por isso. Pela recepção desta noite na Galeria Karwinski. Você não me disse nada a respeito, mas ela falou como se estivessem esperando que eu fosse. Então, respondi que sim, que estava ansiosa por isso. Depois, ela perguntou se Boris estava, e eu disse que sim, que ele também estava, e você também, que também estava aguardando com ansiedade. Parece que isso a tranqüilizou. Disse que não estava preocupada, que havia mencionado a recepção por acaso, só isso. Desliguei o telefone e fiquei um pouco decepcionada. Achei que essa recepção interferiria na nossa noite. Mas, depois, vi que tinha tempo para preparar tudo antes, que, contanto que não nos demorássemos muito, poderíamos ir e voltar a tempo de passarmos a noite juntos. Então, pensei, bem, realmente, vai ser bom. Vai ser bom eu e Boris irmos a uma recepção como essa. — De repente, se aproximou de Boris, que vinha na nossa direção, e o abraçou rudemente. — Boris, você vai ser um grande sucesso, não? Não vai se importar com toda aquela gente. Simplesmente seja você mesmo, e se divertirá. Será um

sucesso. Antes que se dê conta, estará na hora de voltarmos para casa e, então, teremos uma grande noite, só nós três. Já preparei tudo, tudo de que você mais gosta.

Boris, chateado, soltou-se de sua mãe e tornou a se afastar. Sophie ficou a observá-lo com um sorriso, depois, virou-se para mim e disse:

— Não é melhor irmos logo? Para a Galeria Karwinski. Daqui até lá leva algum tempo.

— Sim — eu disse e consultei o relógio. — Sim, tem razão. Virei-me para a mulher atarracada, que voltara para a sala. — Talvez possa nos orientar — eu lhe disse. — Não estou muito certo sobre que ônibus nos levaria à galeria. Sabe se vai demorar para passar?

— Para a Galeria Karwinski? — A mulher atarracada me lançou um olhar desdenhoso e tive a impressão de que, se não fosse a presença de Boris, acrescentaria algum comentário sarcástico. Então, ela disse: — Não há ônibus daqui para a Galeria Karwinski. Têm de pegar um de volta ao centro. Depois, esperar um ônibus elétrico em frente à biblioteca. Não há como chegarem na hora.

— Ah. Que pena. Contava que houvesse um ônibus.

A mulher atarracada me lançou outro olhar de desprezo e disse:

— Levem meu carro. Não vou precisar dele hoje à noite.

— Você é muito gentil — eu disse. — Mas tem certeza de que não...

— Oh, deixa disso, Ryder. Precisa do carro. Não há outra maneira de chegarem à Galeria Karwinski a tempo. Mesmo de carro, têm de partir imediatamente.

— Sim — eu disse. — Mas, veja bem, não queremos incomodá-la.

— Poderiam levar algumas caixas de livros com vocês. Não terei como carregá-las se tiver de ir de ônibus amanhã.

— Sim, claro. O que quiser.

— Basta levá-las à loja Hermann Roth pela manhã, a qualquer hora antes das dez.

— Não se preocupe, Kim — disse Sophie, antes que eu pudesse responder. — Cuidarei disso. Você é tão boa.

— Tudo bem, agora, devem partir. E você, rapazinho — a mulher atarracada fez um sinal a Boris —, por que não me ajuda a carregar os livros?

Fiquei, por alguns instantes, sozinho à janela, olhando a vista. Os outros desapareceram em um quarto. Podia escutá-los conversar e rir. Ocorreu-me que deveria ir ajudá-los, mas, então, percebi a importância de aproveitar a oportunidade para organizar o que pensava a respeito da noite que me aguardava e continuei a contemplar o lago artificial lá embaixo. Algumas crianças haviam começado a chutar uma bola para uma cerca no outro extremo da água. Mas, afora isso, ao redor, a área estava deserta.

Por fim, ouvi a mulher atarracada me chamar e me dei conta de que me esperavam para partir. Dirigi-me ao vestíbulo e vi Sophie e Boris, cada um carregando uma caixa de papelão, já de saída para o corredor. Começaram a discutir sobre alguma coisa enquanto desciam a escada.

A mulher atarracada mantinha a porta aberta para mim.

— Sophie está certa de que tudo correrá bem esta noite, por isso não a decepcione de novo, Ryder.

— Não se preocupe — eu disse. — Vou cuidar para que tudo corra bem.

Ela me lançou um olhar severo, depois se virou e começou a descer, retinindo as chaves.

Eu a segui. Estávamos no segundo andar quando vi uma mulher que subia, cansada. Comprimiu-se ao passar pela mulher atarracada, murmurando "com licença", e já havia passado por mim quando me dei conta de que era Fiona Roberts, ainda em seu uniforme de trabalho. Ela também pareceu não me reconhecer até o último momento — a escada era pouco iluminada —, mas se virou, com o ar cansado, uma mão apoiada no corrimão, e disse:

— Oh, aqui está. Foi gentil sendo tão pontual. Desculpe, demorei mais que o combinado. Houve uma mudança de rota, um ônibus no trajeto leste, por isso meu turno foi mais longo. Espero que não tenha esperado muito.

— Não, não. — Subi um ou dois degraus. — Não mesmo. Mas, infelizmente, meu horário está muito apertado...

— Tudo bem, não ocuparei seu tempo mais que o estritamente necessário. Na verdade, liguei para as garotas, como havíamos combinado. Liguei da cantina da estação, na hora de meu lanche. Falei que me esperassem com um amigo, mas não lhes disse que era você.

Eu quase disse, como havíamos combinado, mas comecei ligando para Trude e, assim que ouvi sua voz, a maneira como disse "Oh, sim, é você querida?", senti tanta coisa nesse tom, tanta irascibilidade condescendente. Pude imaginar como passou o dia falando de mim, um telefonema atrás do outro, com Inge e todas as outras, como haviam discutido na noite passada, todas fingindo sentir pena de mim, dizendo como deveriam ser compreensivas, pois afinal eu era uma pessoa doente, e tinham a obrigação de ser gentis. Mas é claro que não poderiam me manter no grupo. Como alguém como eu poderia fazer parte da Fundação? Oh, devem ter se divertido hoje.

Pude sentir tudo isso só pela maneira como disse "Oh, sim, é você querida?", assim que liguei. Aí pensei, tudo bem, não vou preveni-las. Vamos ver no que dá não acreditarem em mim. Foi isso que pensei. Pensei, tomara que fiquem completamente pasmas quando abrirem a porta e virem quem está ao meu lado. Tomara que estejam com suas piores roupas, talvez em trajes esportivos, com a maquiagem desfeita, de modo que a espinha perto do nariz esteja completamente visível, e o cabelo preso para trás, daquela maneira que faz com que pareçam pelo menos quinze anos mais

velhas. E tomara que o apartamento esteja uma bagunça, com todas aquelas revistas idiotas, aquelas novelinhas românticas, escandalosas, de segunda categoria, que lêem, espalhadas sobre os móveis. Ficarão tão desconcertadas que não saberão o que dizer, tão constrangidas com tudo que agravarão mais ainda a situação ao dizerem uma coisa completamente vazia atrás da outra. E Trude oferecerá algo para comer, mas verá que não tem nada em casa, e se sentirá extremamente idiota por não ter acreditado em mim. Vamos ver só, pensei. Por isso não lhe disse nada, não disse nada a nenhuma delas. Só disse que passaria por lá com um amigo. — Calou-se e se acalmou um pouco. Depois, disse:

— Desculpe. Acho que não devia me mostrar tão vingativa. Mas esperei por isso o dia todo. Consegui trabalhar, checar todas aquelas passagens, consegui me controlar. Os passageiros devem ter ficado imaginando por que eu estava assim, quer dizer, com aquele brilho nos olhos. Bem, se seu horário está apertado, acho melhor começarmos agora mesmo. Podemos ir primeiro à casa de Trude. Inge deve estar com ela, geralmente, a esta hora da tarde, está lá. Desse modo, nos ocuparemos logo das duas.

Não me importo muito com as outras, só quero ver a cara dessas duas. Bem, vamos. Começou a subir, todo o cansaço de antes desaparecera. A escada parecia não ter fim, um andar atrás do outro, até que fiquei sem fôlego.

Fiona, no entanto, não parecia em absoluto estar se esforçando. Enquanto subíamos, ela não parou de falar, com a voz sempre baixa, como se houvesse gente escutando.

— Não precisa falar muito — eu a ouvi dizer a certa altura.
— Basta deixar que o bajulem por alguns minutos. Mas é claro que vai querer analisar com elas a situação de seus pais.

Quando finalmente saímos da escada, eu estava tão sem fôlego — meu peito realmente chiava — que fui incapaz de prestar muito atenção ao lugar. Percebi que era conduzido por um corredor pouco iluminado, passando por uma série de portas, e que Fiona, sem dar conta de minhas dificuldades, andava na frente. Então, de repente, ela parou e bateu a uma porta. Alcançando-a, fui forçado a apoiar uma mão na moldura da porta, a cabeça baixa, na tentativa de recuperar o fôlego. Quando a porta abriu, devia estar parecendo alguém, de certa forma, arrasado, perto de uma Fiona triunfante.

— Trude — disse Fiona —, trouxe um amigo.

Fazendo um esforço, aprimei o corpo e sorri cordialmente.

16

A mulher que abria a porta tinha cerca de cinqüenta anos, o cabelo curto branco e era rechonchuda. Usava um blusão rosa largo e uma calça listrada folgada. Trude relanceou os olhos

para mim, depois, sem notar nada fora do comum, virou-se para Fiona e disse:

— Oh, sim. Bem, acho que devem entrar.

O ar condescendente era óbvio, mas pareceu apenas servir para confirmar a previsão de Fiona, e ela me lançou um sorriso de cumplicidade, enquanto acompanhávamos Trude para dentro do apartamento.

— Inge está aqui? — perguntou Fiona, quando penetrávamos em um hall de entrada mínimo.

— Sim, acabamos de chegar — disse Trude. — Como sempre, temos muito o que contar. Já que você acaba de aparecer, será a primeira a saber as novidades. Sorte sua.

Esta última observação pareceu ter sido feita sem nenhuma ironia. Trude, então, desapareceu por uma porta, deixando-nos no pequeno vestíbulo, e ouvimos sua voz dizendo:

— Inge, é Fiona. E um amigo dela. Acho que devemos lhe contar o que nos aconteceu hoje à tarde.

— Fiona? — A voz de Inge soou um tanto ultrajada. Então, com esforço, ela disse: — Bem, acho que ela deve entrar.

Ao ouvir essa conversa, Fiona tornou a sorrir animada para mim. Então, a cabeça de Trude apareceu pela porta e fomos introduzidos em uma sala.

A sala não era diferente, quanto ao tamanho e à forma, da sala da mulher atarracada, mas a mobília era mais elaborada e dominada por padrões florais. Talvez fosse simplesmente porque a frente do apartamento desse para outra direção, ou quem sabe, lá fora, o céu tivesse clareado um pouco. Em todo caso, o sol da tarde atravessava a grande janela e, quando fiquei sob a luz, esperei que as duas mulheres me reconhecessem. Obviamente, Fiona pensou o mesmo, pois notei como se colocou cuidadosamente de lado, para o caso de sua presença diminuir o impacto. Entretanto, nem Trude, nem Inge pareceram perceber alguma coisa. As duas relancearam os olhos para mim indiferentes, e, então, Trude nos convidou, friamente, a sentar. Sentamos lado a lado em um sofá estreito. Fiona, embora inicialmente confusa, pareceu ter concluído que essa virada repentina dos acontecimentos acabaria servindo para intensificar o momento da revelação, e me lançou mais outro ligeiro sorriso jubiloso.

— Eu conto ou você mesma quer contar? — dizia Inge. Trude, que nitidamente submetia-se à vontade da mais jovem, disse:

— Não, conta você. Merece contar. Mas Fiona — virou-se para nós —, não vá sair por aí comentando. Queremos que seja uma surpresa para a reunião de hoje à noite. Oh, não havíamos lhe falado sobre a reunião de hoje à noite? Bem, mas acabamos de falar. Apareça, se tiver tempo. Mas se seu amigo estiver com você balançou a cabeça na minha direção —, entenderemos perfeitamente se não puder comparecer. Mas, Inge, conta, você realmente merece.

— Bem, Fiona, estou certa de que vai lhe interessar. Tivemos um dia muito emocionante. Como sabe, o Senhor Von

Braun havia nos chamado a seu escritório para discutir, pessoalmente com ele, nossos planos de assistência aos pais do Senhor Ryder. Oh, não sabia? Pensei que vocês todas soubessem. Bem, hoje à noite, contaremos com todos os detalhes como decorreu a entrevista, por enquanto só lhe direi que foi tudo muito bem realmente, embora tenha sido tão breve. Oh, o Senhor Von Braun pediu muitas desculpas por isso, não poderia ter sido mais atencioso, não é, Trude? Desculpou-se tanto por ter de sair cedo, mas quando soubemos a razão, bem, entendemos perfeitamente.

Sabe, providenciaram um passeio muito importante ao zôo. Ah, talvez ria, querida Fiona, mas não era um passeio comum. Uma delegação oficial, incluindo, naturalmente, o próprio Senhor Von Braun, acompanharia o Senhor Brodsky ao zôo. Sabia que o Senhor Brodsky nunca tinha ido? Mas o principal é que a Senhorita Collins foi convencida a estar presente. Sim, no zôo! Pode imaginar? Depois de todos estes anos! E ninguém merece isso mais do que o Senhor Brodsky, dissemos imediatamente. Sim, a Senhorita Collins estaria lá quando chegassem, estaria esperando em um local combinado, e a delegação oficial a encontraria casualmente e ela conversaria com o Senhor Brodsky. Estavam providenciando tudo. Pode imaginar? Iam se encontrar e conversar de verdade depois de todo esse tempo! Dissemos que entendíamos perfeitamente por que nossa entrevista teria de ser interrompida, mas o Senhor Von Braun, que foi tão atencioso conosco, obviamente se sentiu mal com isso e nos disse: "Por que as senhoras não vão ao zôo? Não posso pedir que se juntem à delegação oficial, mas poderiam, talvez, observar a uma certa distância." Respondemos que ficaríamos extremamente emocionadas. Foi quando ele nos disse: "Evidentemente, se fizerem

como sugeri, não apenas verão o primeiro encontro do Senhor Brodsky com sua esposa depois de todo esse tempo, como..." E ele fez uma pausa, não fez Trude? Fez uma pausa e, depois, disse: "Como também poderão ver bem de perto o Senhor Ryder, que gentilmente concordou em participar da delegação oficial. E se surgir uma oportunidade, embora não possa garantir que ocorra, eu lhes farei um sinal e as apresentarei, todas as duas, a ele." Ficamos completamente atônitas! Mas é claro que, ao pensarmos sobre isso no caminho de volta para casa, estávamos mesmo ainda há pouco falando disso, quando refletimos mais atentamente sobre o que aconteceu, percebemos que não foi tão surpreendente. Afinal, percorremos um longo caminho nestes últimos anos, que com as bandeirolas para as pessoas de Pequim, e todo nosso empenho nos sanduíches para o lanche de Henri Ledoux...

— O Balé de Pequim foi realmente o ponto decisivo — declarou Trude.

— Sim, foi determinante. Mas acho que, na verdade, nunca paramos para pensar sobre isso, apenas prosseguíamos, trabalhando com afinco. Provavelmente nunca nos demos conta de como subíamos, durante todo o tempo, na estima de todos. Francamente, a verdade é que agora nos tornamos uma parte muito importante da vida da cidade. Está na hora de assumirmos isso. Temos de encarar os fatos: foi por isso que o Senhor Von Braun nos convidou para ir ao seu escritório, por isso que acabou sugerindo esse tipo de coisa. "Se surgir uma oportunidade, eu as apresentarei a ele." Foi isso que ele disse, não foi, Trude? "Sei que o Senhor Ryder ficará encantado em conhecê-las, especialmente por serem as

responsáveis pela assistência aos seus pais, uma questão extremamente importante para ele." É claro que, como sempre soubemos, não foi?, assim que recebêssemos esse encargo, teríamos uma grande chance de ser apresentadas ao Senhor Ryder. Mas não esperávamos que acontecesse tão cedo, por isso ficamos tão excitadas. Fiona, algum problema, querida?

Ao meu lado, Fiona agitava-se impaciente, tentando interromper o fluxo das palavras de Inge. Agora que esta tinha se calado, Fiona cutucou meu braço e me olhou como se dissesse: "Agora! Este é o momento!" Infelizmente, eu continuava sem muito fôlego por causa do esforço na subida e, talvez por causa disso, hesitei. Seja como for, houve um momento constrangedor em que as três mulheres ficaram me encarando. Depois, como eu não dissesse nada, Inge prosseguiu:

— Bem, se não se importa, Fiona, vou concluir o que estava dizendo. Sei que tem muitas histórias interessantes a contar, querida, e queremos muito escutá-las. Sem dúvida, também deve ter passado um dia muito interessante em seu ônibus, enquanto estávamos no centro fazendo tudo isso que estou lhe contando. Mas, se esperar só um minutinho, poderá ouvir uma coisa que talvez tenha um pequeno interesse para você. Afinal — e, nesse ponto, o sarcasmo em sua voz me pareceu ter ultrapassado os limites da boa educação —, envolve seu velho amigo, seu velho amigo Senhor Ryder.

— Inge, por favor! — Trude interrompeu, mas um sorriso se insinuava em seus lábios, e as duas trocaram um rápido sorriso afetado.

Fiona estava me cutucando de novo. Olhando de relance para ela, percebi que sua paciência estava se esgotando e que queria que suas torturadoras recebessem a punição sem mais delongas. Inclinando-me para a frente, pigarreei, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Inge recomeçou a falar.

— Bem, o que estava dizendo era que, quando se pensa sobre isso, vemos que merecemos esse nível de tratamento. O Senhor Von Braun claramente pensa assim também. Ele foi muito gentil e cortês conosco o tempo todo, não foi? Pediu muitas desculpas quando teve de sair para se encontrar com o grupo oficial na prefeitura. "Chegaremos ao zôo em cerca de trinta minutos", insistiu. "Espero realmente que as senhoras estejam lá." Disse que estaria tudo bem se ficássemos a seis, até a cinco metros da delegação oficial. Afinal, não fazíamos parte do público em geral! Oh, desculpe, Fiona, não esquecemos, íamos comentar com o Senhor Von Braun que um dos membros de nosso grupo, quer dizer, você, querida, que uma de nós era muito amiga do Senhor Ryder, amiga muito querida de há muitos anos. Tínhamos toda a intenção de mencionar isso, mas, de certa forma, não tivemos tempo, não foi, Trude?

Novamente as duas mulheres trocaram um risinho afetado. Fiona encarou-as furiosamente. Vi que, a essa altura, as coisas tinham ido longe demais e decidi intervir.

Entretanto, imediatamente me ocorreram duas maneiras de fazê-lo. Uma opção seria chamar a atenção para minha identidade de uma forma que se encaixasse elegantemente no que Inge estava dizendo. Por exemplo, poderia interpor calmamente:

"Bem, não tivemos o prazer de nos conhecermos no zôo, mas que importância tem isso, se podemos nos conhecer no conforto de sua casa?" Ou algo parecido. A outra alternativa seria simplesmente me levantar abruptamente, talvez abrindo os braços, e fazer a seguinte declaração grosseira: "Eu sou Ryder!" Naturalmente, gostaria de escolher a seqüência que produzisse o máximo de impacto, mas a hesitação fez com que, mais uma vez, eu perdesse a oportunidade, pois Inge recomeçara a falar.

— Chegamos ao zôo e esperamos, oh, cerca de vinte minutos, não foi Trude? Esperamos perto daquele lugar em que se pode tomar um cafezinho, e depois de aproximadamente vinte minutos, vimos os carros dirigindo-se diretamente aos portões e aquele grupo, tão ilustre, saltar. Cerca de dez ou onze deles, todos homens, o Senhor Von Winterstein estava lá, o Senhor Fischer e o Senhor Hoffman. E o Senhor Von Braun, evidentemente. No meio deles estava o Senhor Brodsky, parecendo realmente muito distinto, não foi Trude?

Completamente diferente de como era antes. É claro que procuramos imediatamente o Senhor Ryder, mas ele não estava. Trude e eu olhamos bem a cara de cada um, mas eram os de sempre, os membros da Câmara, você sabe. Por um segundo, quando saltou do carro, achamos que o Senhor Reitmayer fosse o Senhor Ryder. De qualquer maneira, ele não estava com eles, e dissemos uma para a outra que talvez ele chegasse um pouquinho mais tarde, já que sua agenda estava tão cheia. E ali estavam eles, todos aqueles senhores, todos eles usando sobretudos pretos, exceto o Senhor Brodsky, que usava um cinza, de aparência muito

distinta, com um chapéu da mesma cor. Passaram pelos bordos, todos caminhando de modo pausado, até alcançarem a primeira jaula. O Senhor Von Winterstein dava a impressão de ser o anfitrião, mostrando as coisas ao Senhor Brodsky, mostrando os animais em cada jaula. Porém, como pode imaginar, ninguém prestava muita atenção aos animais, de tão excitados que estavam com o encontro do Senhor Brodsky com a Senhorita Collins. E não pudemos resistir, não foi Trude? Avançamos, contornamos a esquina para o ponto central de confluência e, inegavelmente, lá estava a Senhorita Collins, sozinha, diante das girafas, olhando para elas. Havia umas poucas pessoas por ali, mas, evidentemente, não faziam a menor idéia de nada. Só quando a delegação oficial dobrou a esquina é que perceberam que algo estava para acontecer e se afastaram respeitosamente. A Senhorita Collins permaneceu ali, em pé, em frente às girafas, parecendo mais sozinha que nunca. Vimos quando relanceou os olhos para eles, quando o grupo chegou mais perto. Parecia muito calma, era impossível saber o que se passava em seu interior. E o Senhor Brodsky, podíamos ver sua expressão, muito teso, lançando olhares furtivos à Senhorita Collins, embora ainda estivessem a uma boa distância um do outro, separados por muitas jaulas de macacos e guaxinins. O Senhor Von Winterstein parecia estar apresentando todos os animais ao Senhor Brodsky, assim, como se fossem convidados oficiais em um banquete, não foi, Trude? Não sabíamos por que não iam diretamente para as girafas e a Senhorita Collins, mas, obviamente, haviam decidido agir daquela maneira. E foi tão emocionante, tão comovente, que chegamos até mesmo a esquecer, por um instante, a possibilidade de o Senhor Ryder aparecer. Dava para sentir a respiração do Senhor Brodsky no

ar, completamente enlevado, e a dos outros senhores também. Então, quando só faltavam algumas jaulas até as girafas, o Senhor Brodsky pareceu perder todo o interesse nos animais e tirou o chapéu. Foi um gesto respeitoso, muito antiquado, Fiona. Sentimo-nos privilegiadas por estar ali e poder assistir a isso.

— Dava para sentir tanta coisa — interrompeu Trude —, tanta coisa na maneira como ele fez isso e ficou segurando o chapéu de encontro ao peito. Foi como uma declaração de amor e desculpas, tudo ao mesmo tempo. Foi muito comovente.

— Mas eu estava contando a história, obrigada, Trude. A Senhorita Collins é tão elegante, de longe ninguém dá sua idade. Uma figura muito juvenil. Virou-se para ele de modo desinteressado, somente uma ou duas jaulas separavam um do outro. A essa altura, alguns membros do público já haviam recuado, e Trude e eu nos lembramos do que o Senhor Von Braun havia dito a respeito dos cinco metros, e avançamos o máximo que nossa coragem permitiu, mas parecia um momento tão íntimo que não nos atrevemos a chegar mais perto. Primeiro, acenaram com a cabeça um para o outro e trocaram alguma saudação comum. Depois, o Senhor Brodsky, repentinamente, deu alguns passos à frente e estendeu a mão prontamente, era como se tivesse planejado com muita antecipação, Trude achou...

— Sim, como se tivesse ensaiado em particular durante dias...

— Sim, foi o que pareceu. Concordo. Foi exatamente assim. Ele se curvou, pegou sua mão e a beijou leve e

educadamente, depois a largou. A Senhorita Collins apenas se curvou graciosamente e, imediatamente depois, voltou sua atenção aos outros cavalheiros, saudando-os e sorrindo. Estávamos muito distantes para entender o que diziam.

Mas ali estavam todos e, durante um certo tempo, ninguém parecia saber o que fazer a seguir. Então, o Senhor Von Winterstein tomou a iniciativa e começou a explicar, para o Senhor Brodsky e a Senhorita Collins, alguma coisa sobre as girafas, dirigindo-se a eles como se fossem um casal, não foi Trude? Como se fossem um velho e simpático casal, como se tivessem chegado juntos. Pois ali estavam o Senhor Brodsky e a Senhorita Collins, depois de todos esses anos, lado a lado, sem se tocarem, apenas em pé um ao lado do outro, os dois contemplando as girafas, escutando o Senhor Von Winterstein. Prosseguiram assim por algum tempo, e dava para ver os outros cavalheiros cochichando entre si a respeito do que deveria acontecer em seguida. Então, gradualmente, sem que percebêssemos, todos sumiram. Foi tudo muito bem-feito, de modo muito educado, todos simulando conversar, e afastando-se aos pouquinhos, de modo que, no final, só ficaram o Senhor Brodsky e a Senhorita Collins diante das girafas. É claro que, agora, observávamos de bem perto, e os outros deviam estar fazendo o mesmo, se bem que todos fingissem não estar olhando. E vimos o Senhor Brodsky se virar graciosamente para a Senhorita Collins, levantar a mão na direção da jaula das girafas e dizer alguma coisa. Tivemos a impressão de ser algo profundamente sincero. A Senhorita Collins curvou a cabeça, apenas um pouquinho, não podia permanecer imóvel, e, então, o Senhor Brodsky continuou a falar. Ocasionalmente, era possível vê-lo erguendo a mão novamente,

assim, delicadamente, apontando para as girafas. Não podíamos ter certeza sobre se falava das girafas ou de outra coisa, mas continuava apontando para elas. A Senhorita Collins parecia triunfante, mas é uma mulher tão elegante que se aprumou, sorriu e os dois caminharam para onde os outros senhores conversavam. Podíamos vê-la trocando algumas palavras com eles, depois, muito cordial e polida, parece ter mantido uma longa conversa com o Senhor Fischer. Então, despediu-se de todos, cada um de uma vez. Inclinou ligeiramente o corpo diante do Senhor Brodsky. Podíamos ver como ele estava feliz com tudo aquilo. Ele ficou ali como que em uma espécie de sonho, com o chapéu contra o peito. Então, ela subiu a aléia, percorreu todo o caminho até a barraca de refrigerante, prosseguiu passando pela fonte e desapareceu ao passar pelo abrigo dos ursos polares. Assim que sumiu, os cavalheiros abandonaram a pose e cercaram o Senhor Brodsky.

Dava para ver que estavam todos muito alegres e excitados e pareciam cumprimentá-lo. Oh, adoraríamos saber o que o Senhor Brodsky disse à Senhorita Collins! Talvez devêssemos ter sido mais audaciosas e ter nos aproximado um pouco mais, teríamos, pelo menos, escutado o essencial. Mas, agora que somos quem somos, devemos tomar mais cuidado. Em todo caso, foi maravilhoso. E as árvores no zôo ficam tão bonitas nesta época do ano! Fico imaginando o que terão dito um ao outro. Trude acha que vão voltar a viver juntos. Sabia que nunca se divorciaram? Não é interessante? Todos esses anos, com toda a insistência da Senhorita Collins em ser chamada de senhorita, nunca se divorciaram. O Senhor Brodsky merece tê-la de volta. Oh, desculpe, com todas essas emoções ainda nem começamos a contar o principal! Sobre o

Senhor Ryder! Como ele não estava com a delegação oficial, achamos que não podíamos nos aproximar, mesmo depois de a Senhorita Collins ter ido embora. Afinal, o Senhor Von Braun havia sugerido que fôssemos especificamente para conhecer o Senhor Ryder. Seja como for, embora observássemos o Senhor Von Braun atentamente, e, às vezes, chegássemos bem perto, ele não olhou para nós uma só vez.. Provavelmente estava muito concentrado no Senhor Brodsky. Por isso não nos aproximamos. Porém, quando estavam indo embora, quando estavam para atravessar o portão, todos pararam e foram abordados por alguém, por um homem. Mas estavam tão distantes que, dessa vez, não pudemos ver direito. Mas Trude tinha certeza de que era o Senhor Ryder que se juntara a eles — sua vista para longe é melhor que a minha e eu estava sem as lentes. Tinha certeza, não tinha, Trude? Estava certa de que era ele, que, muito delicadamente, havia se mantido afastado para não tornar as coisas ainda mais difíceis para o Senhor Brodsky e a Senhorita Collins, e, agora, tornava a se juntar ao grupo, no portão.

De início, achei que era apenas o Senhor Braunthal, mas estava sem lentes e Trude tinha certeza de que era o Senhor Ryder. Mais tarde, refletindo sobre isso, também achei que talvez fosse o Senhor Ryder. Desse modo, perdemos a oportunidade de ser apresentadas a ele! Nesse ponto, eles estavam tão longe, sabe?, já nos portões, e os motoristas já tinham aberto as portas dos carros. Mesmo que saíssemos correndo, não chegaríamos a tempo. Por isso, no sentido mais estrito do termo, não conhecemos o Senhor Ryder. Mas Trude e eu estávamos ainda há pouco analisando essa questão e dizíamos que, em outro sentido, isto é, no sentido que realmente importa, é justo dizer que o conhecemos hoje. Afinal, se ele

estivesse com o grupo oficial, no momento em que estavam perto das girafas, logo depois que a Senhorita Collins foi embora, certamente o Senhor Von Braun nos teria apresentado. Foi culpa nossa não termos percebido como o Senhor Ryder seria delicado e ficaria próximo aos portões. De qualquer jeito, a questão é que sem dúvida teria sido pertinente nossa apresentação ao Senhor Ryder. Este é o ponto. O próprio Senhor Von Braun obviamente pensou da mesma maneira.

Agora que ocupamos uma posição de peso, é lógico que teria sido pertinente. E sabe, Trude — virou-se para a amiga —, quanto mais penso nisso, mas estou de acordo com você. Talvez devamos dizer na reunião de hoje que o conhecemos realmente. Como você diz, está mais perto da verdade do que o contrário. E temos tantas coisas a tratar nesta noite que, simplesmente, não teremos tempo de explicar tudo de novo. Afinal, foi apenas um acaso que impediu que fôssemos formalmente apresentadas, só isso. Para todos os efeitos, nós o conhecemos. Certamente ouvirá falar de nós, se é que já não ouviu, e quererá saber mais detalhes a respeito de como seus pais serão recebidos. Sendo assim, praticamente o conhecemos, como você disse, não seria justo as pessoas pensarem o contrário. Oh, por favor, perdoe-me — Inge, de repente, virou-se para Fiona —, tinha me esquecido, estou falando com uma velha amiga do Senhor Ryder. Para uma velha amiga, isso tudo deve parecer muito estardalhaço por nada...

— Inge — disse Trude —, coitada de Fiona, ela deve estar muito confusa. Não a provoque. — Depois, sorrindo para Fiona, disse: Está tudo bem, querida, não se preocupe.

Enquanto Trude dizia isso, veio-me a lembrança da terna amizade entre mim e Fiona quando crianças. Lembrei-me do pequeno chalé branco onde ela morava, a uma pequena distância da alameda lamacenta de Worcestershire, e de nós dois brincando horas seguidas sob a mesa de jantar de seus pais. Lembrei-me das vezes em que andava até o chalé, chateado e confuso, e com que jeitinho ela me confortava, fazendo com que eu esquecesse rapidamente o que quer que tivesse me acontecido. A percepção de que essa mesma amizade preciosa estava sendo ridicularizada diante de meus olhos fez com que brotasse uma fúria dentro de mim e, apesar de Inge ter recomeçado a falar, decidi que não podia deixar aquela situação continuar sem ser esclarecida nem por mais um segundo. Decidido a não repetir o erro de antes, isto é, não falar diretamente, inclinei-me para a frente com determinação, com a intenção de interromper Inge anunciando audaciosamente quem eu era, depois voltar a me recostar, enquanto o impacto surtia efeito. Infelizmente, embora tenha colocado muita ênfase em minha intervenção, tudo que saiu foi um grunhido levemente abafado, contudo alto o bastante para fazer Inge se calar e as três mulheres se virarem e me encararem. Houve um momento desconfortável antes de Fiona, sem dúvida querendo encobrir meu constrangimento — talvez um pouco de sua atitude protetora antiga tenha sido despertado —, explodir:

— Vocês duas não fazem idéia de como parecem tolas! Sabem por quê? Não, não imaginariam, nunca conseguiriam imaginar como, neste momento, parecem duas idiotas, indescritivelmente ridículas. Não calculam, sequer imaginam, isso é típico, simplesmente típico das duas! Oh, há muito tempo queria

dizer isso a vocês, desde que nos conhecemos, bem, agora verão por si mesmas, vocês mesmas poderão julgar se são tolas ou o quê. Vejam!

Fiona jogou a cabeça em minha direção. Inge e Trude, as duas confusas, me encararam mais uma vez. Fiz outro grande esforço para me identificar, mas, para minha consternação, tudo que consegui emitir foi mais um grunhido, mais vigoroso que o outro, se bem que não mais coerente. Respirei fundo, o pânico começava a me invadir, e tentei de novo, só conseguindo produzir outro ruído forçado, dessa vez mais prolongado.

— O que afinal ela está nos dizendo, Trude? — disse Inge.
— Por que essa putinha está falando assim conosco? Como se atreve? O que aconteceu com ela?

— A culpa é minha — disse Trude. — O erro foi meu. Foi minha a idéia de convidá-la para o grupo. Ainda bem que ela está mostrando quem é realmente antes da chegada dos pais do Senhor Ryder. Ela está com ciúmes, só isso. Está com inveja porque conhecemos o Senhor Ryder hoje. Enquanto tudo que tem são essas historietas patéticas...

— O que quer dizer com tê-lo conhecido hoje? — explodiu Fiona.

— Acabaram de dizer que não...

— Sabe perfeitamente que praticamente o conhecemos! Não é, Trude? Estamos perfeitamente autorizadas a dizer que o conhecemos. É uma coisa que terá de aceitar, Fiona...

— Bem, neste caso — Fiona, agora, estava quase tremendo —, vamos ver se aceitam isso!

Lançou os braços na minha direção, como se estivesse anunciando a entrada em cena mais dramática já ocorrida em um palco. Mais uma vez fiz todo o possível para ajudá-la.

Dessa vez, estimulado pela raiva e frustração cada vez maiores, o ruído foi mais intenso ainda e senti o sofá estremecer com meu esforço.

— O que há de errado com este seu amigo? — perguntou Inge, me notando de repente. Mas Trude não prestava a menor atenção.

— Não deveria ter lhe dado ouvidos — dizia, irada, a Fiona. Devia estar óbvio desde o começo a reles mentirosa que você era. E deixamos nossos filhos brincarem com essas suas pestinhas! Provavelmente também são uns mentirosos, e já devem ter ensinado aos nossos filhos a mentir. Como foi ridícula sua festa ontem à noite! E como decorou o apartamento! Que absurdo! Todas rimos muito disso hoje de manhã...

— Por que não me ajuda? — de repente, Fiona dirigiu-se a mim diretamente, pela primeira vez. — Qual é o problema, por que não faz alguma coisa?

De fato, durante esse tempo todo continuei a fazer força. No momento em que Fiona virou-se para mim, pude me ver de relance no espelho pendurado na parede do lado oposto. Vi que meu rosto estava muito vermelho e achatado como se fosse o de um

porco, enquanto meu punho apertado na altura do peito tremia junto com todo meu torso. Ao me ver nesse estado, minha confiança foi totalmente abalada e, perdendo as forças, desabei no canto do sofá, com palpitações.

— Eu acho, Fiona querida — Inge dizia —, que está na hora de você e este... este seu amigo saírem. Não acredito que sua presença seja solicitada hoje à noite.

— Está fora de questão — gritou Trude. — Agora temos responsabilidades. Não podemos mais nos dar o luxo de ser indulgentes com passarinhos de asas quebradas, como ela. Deixamos de ser um simples grupo de voluntárias. Fomos incumbidas de um trabalho muito importante e pessoas que não estejam à altura devem ser afastadas.

Vi lágrimas nos olhos de Fiona. Ela tornou a olhar para mim, agora com uma raiva crescente, e pensei em tentar só mais uma vez dizer minha identidade, mas a idéia da figura que tinha visto refletida no espelho fez com que decidisse o contrário. Em vez disso, me levantei cambaleando e procurei a saída. Continuava sem fôlego por causa do esforço, e, quando alcancei a porta, fui obrigado a parar por um instante para me apoiar na parede. Atrás de mim, ouvi as duas mulheres continuando a falar em um tom exaltado. A certa altura, ouvi Inge dizer:

— E que pessoa mais desagradável escolheu para trazer a seu apartamento.

Com esforço, atravessei apressado o pequeno vestíbulo e, depois de alguns instantes atrapalhado com a tranca da porta de

entrada, consegui sair para o corredor.

Quase que imediatamente, comecei a me sentir melhor e me dirigi à escada com a postura mais ereta.

17

Ao descer os sucessivos lances de escada, consultei o relógio e vi que estava mais do que na hora de partir para a Galeria Karwinsky. Naturalmente, sentia muito pesar pela situação que deixava para trás, mas a prioridade, claramente, tinha de ser nossa chegada pontual ao importante evento daquela noite. Contudo, tomei a resolução de me ocupar dos problemas de Fiona em um futuro razoavelmente próximo.

Quando finalmente cheguei ao térreo, fui recebido por um cartaz na parede onde se lia "Estacionamento", com uma seta apontando o caminho. Passei por vários armários que serviam de depósito e, depois, atravessei uma saída.

Desemboquei nos fundos dos edifícios, no outro lado do lago artificial. Agora, o sol do final da tarde estava baixo. Havia uma extensão de terra verde à minha frente, formando declive gradualmente, à medida que se distanciava. O estacionamento, logo à minha frente, era simplesmente um retângulo de relva cercado, como um curral em um rancho americano. O chão não havia sido

concretado, embora o ir e vir dos carros o tivesse danificado a ponto de virtualmente ter exposto a terra.

Havia espaço suficiente para talvez cinqüenta carros, mas, nesse momento, só abrigava sete ou oito, estacionados um longe do outro, o pôr-do-sol ricocheteando nas carrocerias. Quase no fundo do estacionamento, vi a mulher atarracada e Boris carregando a mala de uma caminhonete. Ao me aproximar, vi Sophie sentada no banco da frente, contemplando com a expressão vaga o pôr-do-sol, através do pára-brisa. Quando cheguei, a mulher atarracada fechava a mala.

— Desculpe — disse eu —, não pensei que fossem tantos. Eu teria ajudado se não...

— Tudo bem. Este aqui me deu toda a ajuda de que precisava. — A mulher atarracada passou a mão no cabelo de Boris e lhe disse: — Por isso não se preocupe, está bem? Vocês terão uma noite e tanto. De verdade. Ela preparou tudo de que você mais gosta.

Curvou-se e deu um abraço tranqüilizador em Boris, mas o menino tinha o ar sonhador e olhava para o vazio. A mulher atarracada me estendeu as chaves do carro.

— Deve estar com o tanque cheio. Dirija com cuidado. Agradei e a observei se afastar. Ao me virar para Boris, ele continuava a contemplar o pôr-do-sol. Pus a mão em seu ombro e demos a volta no carro. Entrou no banco de trás sem falar nada.

Evidentemente, o crepúsculo estava surtindo um efeito hipnótico, pois, quando me sentei à frente do volante, Sophie continuava encarando a distância. Nem pareceu reparar em minha chegada, mas, enquanto eu me familiarizava com os comandos, disse calmamente:

— Não podemos deixar que a questão da casa nos deprima a todos. Não podemos permitir. Não sabemos quando voltará, quando estará novamente conosco, com ou sem casa, temos de começar a fazer as coisas juntos, as boas coisas. Foi isso que percebi hoje de manhã, voltando de ônibus. Mesmo com esse apartamento. E essa cozinha.

— Sim, sim — disse eu e pus a chave na ignição. — Sabe o caminho para a galeria?

A pergunta tirou Sophie de seu estado quase cataléptico.

— Oh — disse ela, pondo as mãos na boca, como se acabasse de se lembrar de alguma coisa. Depois, disse: — Possivelmente, encontrarei o caminho a partir do centro. Mas daqui, não sei.

Dei um longo suspiro. Sentia que as coisas corriam o risco de escapar do controle mais uma vez, e percebi que me voltava um pouco da intensa irritação que sentira mais cedo com a maneira como Sophie instalara o caos em minha vida. Mas, então, ouvi sua voz ao meu lado dizer animadamente: "Por que não perguntamos ao rapaz do estacionamento? Ele deve saber."

Ela apontava para a entrada, onde realmente havia um pequeno quiosque de madeira abrigando uma figura uniformizada, visível da cintura para cima.

— Está bem — eu disse —, vou perguntar.

Saltei do carro e me dirigi ao quiosque de madeira. Um carro que saía parou ao lado do quiosque e quando cheguei mais perto pude ver o atendente — um homem gordo e careca — curvando-se sobre o postigo, sorrindo jovialmente e fazendo um gesto para o motorista. A conversa entre eles se prolongou por alguns instantes e eu estava quase entre os dois quando o carro, finalmente, deu a partida. Mesmo assim, o atendente continuou a acompanhá-lo com os olhos, enquanto se afastava pela comprida estrada sinuosa que seguia o perímetro da área residencial. Na verdade, também ele parecia paralisado pelo crepúsculo e, apesar de eu ter tossido diretamente sob o postigo, continuou a contemplar sonhadoramente o carro que se afastava. Por fim, eu simplesmente vociferei: "Boa tarde."

O homem gorducho levou um susto. Depois, olhando para baixo, para mim, respondeu:

— Oh, boa tarde, senhor.

— Desculpe incomodá-lo — eu disse —, mas é que temos certa pressa. Precisamos ir à Galeria Karwinsky, mas, como não sou da cidade, não estou certo de qual o caminho mais rápido, saindo daqui.

— Galeria Karwinsky. — O homem refletiu por um instante, depois, disse: — Bem, para ser franco, não vai ser fácil entender. Na minha opinião, a coisa mais simples a fazer seria seguir o cavalheiro que acabou de partir. Naquele carro vermelho. — Apontou para a frente. — Aquele senhor, por sorte, mora bem perto da Galeria Karwinsky. Claro que posso tentar lhe explicar o caminho, mas precisaria dar uma parada e elaborar tudo antes, todas as curvas e bifurcações, principalmente no final do trajeto. Isto é, quando sair da auto-estrada e tiver de se orientar por todas aquelas estradinhas em volta das fazendas. De longe o mais fácil é seguir o senhor do carro vermelho. Se não me engano, ele mora a apenas duas ou três curvas da Galeria Karwinsky. É uma região muito agradável e esse senhor, ele e a esposa, gostam muito de lá. É uma região rural. Ele me contou que possui um belo chalé, com galinhas no quintal e uma macieira. Uma bela região para uma galeria de arte, se bem que um pouco fora de mão. Mas vale o passeio.

O senhor do carro vermelho diz que não pensa em se mudar mesmo tendo de vir diariamente a este bairro. Oh, sim, ele trabalha aqui, no bloco da administração. — O homem repentinamente debruçou-se no postigo e apontou para algumas janelas atrás dele. — Aquele bloco ali. Oh, não, não são apartamentos residenciais, de jeito nenhum. Para administrar um bairro deste tamanho, oh, é preciso muita papelada. O senhor do carro vermelho trabalha nesse prédio desde o dia em que a companhia de água começou a construir aqui. Hoje, ele supervisiona todo o trabalho de conservação do bairro. É um cargo importante e ele tem de percorrer diariamente uma longa distância para vir trabalhar, mas diz que nunca pensou em se mudar para mais perto.

E não o censuro, lá é muito aprazível. Mas lá estou eu tagarelando e o senhor deve estar com pressa. Peço desculpas. Como já disse, basta seguir o carro vermelho. É sem sombra de dúvida a maneira mais fácil de chegar lá. Estou certo de que gostará da Galeria Karwinsky. A região é muito agradável e soube que na galeria há objetos muito bonitos.

Agradei secamente e voltei para o carro. Ao me instalar à frente do volante, Sophie e Boris, de novo, olhavam fixamente o pôr-do-sol. Liguei o motor sem dizer nada.

Só depois de termos passado pelo quiosque de madeira — acenei rapidamente ao atendente —, Sophie perguntou:

— Então, já sabe o caminho?

— Sim, sim. Basta seguir o carro vermelho que acaba de partir. Ao dizer isso, me dei conta de como ainda estava furioso com ela.

Entretanto, não falei mais nada e dirigi para a estrada que circundava o distrito.

Passamos por vários blocos de edifícios, o pôr-do-sol refletido nas inúmeras janelas. Então, a parte construída se esvaneceu e o caminho se transformou em uma auto-estrada margeada, lado a lado, por bosques de pinheiros. A estrada ficou virtualmente vazia, oferecendo uma visão bem definida, e, pouco depois, localizei o carro vermelho, um pequeno ponto à distância, rodando em uma velocidade lenta. Em razão do trânsito esparso, não vi necessidade de segui-lo de tão perto e também reduzi para

uma velocidade de passeio, continuando a manter uma distância respeitosa entre nós. Nesse ínterim, Sophie e Boris haviam permanecido em silêncio, como em sonhos, e, por fim, acabei também me deixando ser acalentado por um estado de espírito tranqüilo, observando o sol se pôr sobre a rodovia deserta.

Depois de algum tempo, me peguei repassando mentalmente o segundo gol marcado pelo time holandês, na semifinal da Copa do Mundo contra a Itália, há alguns anos. Havia sido um chute de longa distância e sempre fora uma de minhas recordações esportivas favoritas, mas agora, para minha irritação, percebi ter esquecido o nome do jogador. O nome de Rensenbrink passou pela minha cabeça e, certamente, ele jogara nessa partida, mas, por fim, tive certeza de que não tinha sido ele quem marcara o gol. Revi a bola flutuando através da luz do sol, passando pela defesa italiana, curiosamente petrificada, movendo-se com facilidade por cima da mão estirada do goleiro. Era frustrante ter esquecido esse detalhe e repassava, sistematicamente, os nomes de todos os jogadores holandeses dessa época, quando, de repente, Boris falou:

— Estamos muito perto do meio da estrada. Vamos bater.

— Bobagem — disse eu. — Estamos indo bem.

— Não, não estamos! — Sentia-o empurrando as costas de meu banco. — Estamos muito perto do meio. Se alguma coisa vier na direção oposta, vamos bater!

Não falei nada, mas levei o carro mais para a beira da estrada. Isso pareceu tranqüilizar Boris e ele voltou a ficar quieto. Então, Sophie disse:

— Sabe, tenho de admitir que não fiquei feliz quando soube. Falo da recepção. Achei que estragaria nossa noite juntos. Mas, após refletir um pouco mais sobre isso, e, principalmente, quando me dei conta de que não impediria que jantássemos juntos, achei, bem, que tinha sido bom. De certa forma, é exatamente disso que precisamos.

Sei que posso me sair bem e Boris também. Nós dois nos comportaremos bem e, depois, ao voltarmos, teremos o que festejar. Esta noite pode realmente definir as coisas entre nós.

Antes que eu pudesse fazer qualquer comentário, Boris tornou a gritar:

— Estamos muito perto do meio!

— Não saí nem um pouco da faixa — eu disse. — Agora, estamos muito bem.

— É capaz de ele estar assustado — disse-me Sophie, calmamente.

— É claro que não está assustado.

— Estou com medo! Vamos sofrer um acidente grave!

— Boris, por favor, fique calado. Estou dirigindo com toda segurança.

Falei asperamente e Boris ficou em silêncio. Então, enquanto dirigia, percebi que Sophie me observava

apreensivamente. Olhava ocasionalmente para trás, para Boris, depois, de novo para mim. Finalmente, ela disse com calma:

— Por que não paramos em algum lugar?

— Parar? Por que pararíamos?

— Chegaremos à galeria na hora. Alguns minutos não nos atrasarão.

— Acho que primeiro deveríamos encontrar o lugar.

Sophie calou-se por mais alguns minutos. Depois, tornou a se virar para mim e disse:

— Acho que devemos dar uma parada. Poderíamos beber e comer alguma coisa. Ajudará você a se acalmar.

— O que quer dizer com acalmar?

— Quero parar! — gritou Boris lá de trás.

— O que quer dizer com acalmar?

— É muito importante que vocês não briguem de novo esta noite — disse Sophie. — Pressinto que vão recomeçar. Esta noite, não. Não vou permitir. Devíamos relaxar. Ficar com um humor mais conveniente.

— O que quer dizer com humor conveniente? Não há nada de errado com nenhum de nós.

— Quero parar! Tenho medo! Estou enjoado!

— Veja — Sophie apontou para uma placa —, há um posto de gasolina logo adiante. Por favor, vamos parar.

— Isso é totalmente desnecessário...

— Vocês estão ficando com raiva, e a noite de hoje é tão importante. Não pode acontecer nesta noite.

— Quero parar! Quero ir ao banheiro!

— Ali está. Por favor, pare. Vamos resolver logo isso antes que se agrave.

— Resolver o quê?

Sophie não respondeu, continuou olhando ansiosamente para fora, através do pára-brisa. Passávamos, agora, por uma região montanhosa. Os bosques de pinheiros haviam desaparecido e sido substituídos por declives escarpados, que se elevavam nas duas margens da estrada. O posto de gasolina era visível no horizonte, uma estrutura que se assemelhava a uma espaçonave, construída no alto dos penhascos. Toda minha irritação com Sophie voltou, por um momento, com uma intensidade renovada, mas, com tudo isso quase que contra a vontade —, diminuí a velocidade na faixa do meio.

— Está tudo bem, estamos parando — Sophie disse a Boris. Não se preocupe.

— Em primeiro lugar, ele não está preocupado — eu disse friamente, mas Sophie não demonstrou ter escutado.

— Faremos um lanche rápido — dizia ela ao menino. — Depois, todos nos sentiremos bem melhor.

Segui uma placa na direção de uma estrada íngreme e estreita. Subimos fazendo curvas fechadas, em ziguezagues, até que a estrada se aplainou e penetramos em um estacionamento ao ar livre. Vários caminhões estavam estacionados um ao lado do outro, assim como uma dezena de carros.

Saltei e me espreguicei. Ao olhar para trás, vi Sophie ajudando Boris a sair do carro. Observei-o dar alguns passos no outro lado da pista, parecendo sonolento.

Então, como se para despertar, virou o rosto para o céu e emitiu um grito de Tarzã, batendo no peito.

— Boris, pare com isso! — gritei.

— Mas ele não está incomodando ninguém — disse Sophie. Ninguém pode ouvi-lo.

Era verdade que estávamos no alto de um rochedo e a uma certa distância da estrutura envidraçada que constituía o posto de gasolina. O crepúsculo tornara-se de um vermelho intenso e se refletia em todas as superfícies do prédio. Sem falar, passei pelos dois, na direção da entrada.

— Não estou incomodando ninguém — gritou Boris, atrás de mim. Soltou um segundo brado de Tarzã, dessa vez enfraquecido por um falsete. Continuei andando sem me virar.

Só quando cheguei à porta de entrada parei e esperei, segurando a porta para eles.

Atravessamos um vestíbulo com uma série de telefones públicos, e uma segunda porta de vidro, e entramos no café. Fomos recebidos por um aroma de carne grelhada.

A sala era ampla, com longas fileiras de mesas ovais. Em todos os lados havia grandes vidraças, através das quais podiam-se ver extensões do céu. De alguma parte mais distante, chegava o ruído da estrada lá embaixo.

Boris correu para a bancada de self-service e pegou uma bandeja. Pedi a Sophie que me comprasse uma garrafa de água mineral e me afastei para escolher uma mesa.

Havia poucas pessoas — somente quatro ou cinco mesas estavam ocupadas —, mas me dirigi diretamente ao final de uma das fileiras e me sentei de costas para as nuvens.

Após alguns minutos, Boris e Sophie chegaram carregando suas bandejas. Sentaram-se à minha frente e começaram a separar o lanche de uma maneira curiosamente silenciosa.

Notei, então, que Sophie lançava olhares para Boris e imaginei que, enquanto estavam no balcão, ela havia recomendado ao menino me dizer alguma coisa algo que reparasse o mal causado por nossa discussão recente. Até então, não me ocorrera a necessidade de algum tipo de reconciliação entre mim e Boris, e me aborreceu ver Sophie se intrometendo tão ineptamente. Na tentativa

de abrandar o clima, fiz uma observação jocosa em relação ao cenário futurista à nossa volta, mas Sophie respondeu distraidamente e lançou outro olhar a Boris. A falta de sutileza foi tal que não teria feito diferença se o tivesse cutucado com o cotovelo. Boris, compreensivelmente, mostrou-se relutante em obedecer, e continuou, mal-humorado, a girar entre os dedos o pacote de castanhas que tinha comprado. Finalmente, murmurou sem erguer os olhos:

— Andei lendo um livro em francês.

Dei de ombros e olhei o crepúsculo lá fora. Estava ciente da insistência de Sophie para que Boris falasse mais alguma coisa. Aborrecido, ele acabou dizendo:

— Li um livro todo em francês. Virei-me para Sophie e disse:

— Quanto a mim, nunca consegui aprender o idioma francês. Tenho mais dificuldades com o francês do que com o japonês. É verdade. Eu me saio melhor em Tóquio do que em Paris.

Sophie, supostamente insatisfeita com minha resposta, encarou-me secamente. Irritado com sua coação, tornei a olhar, por sobre o ombro, para o pôr-do-sol. Dali a pouco, ouvi Sophie dizer:

— Boris está ficando muito melhor em línguas.

Como nem eu nem Boris respondemos, inclinou-se para o menino e disse:

— Boris, agora vai precisar ter um pouco mais de paciência. Logo chegaremos à galeria. Lá, vai ter muita gente. Alguns parecerão muito importantes, mas não terá medo, não é? A mamãe não terá medo deles e nem você. Mostraremos a todo mundo como podemos lidar bem com a situação. Seremos um sucesso, não seremos?

Por um instante, Boris continuou girando o pequeno pacote nas mãos. Então, levantou os olhos e deu um suspiro.

— Não se preocupe — disse ele. — Sei o que se deve fazer. Levantou-se e prosseguiu: — Tem de pôr a mão no bolso. Assim. E segurar a bebida assim.

Manteve a postura por um instante, assumindo uma expressão bastante arrogante. Sophie caiu na risada. Eu também não consegui conter um breve sorriso.

— E quando as pessoas se aproximarem de você — prosseguiu Boris —, basta que fique repetindo: "Extraordinário! Extraordinário!" Ouse preferir: "Inestimável! Inestimável!"

E, quando o garçom vier com as coisas na bandeja, faça assim. — Boris fez uma cara rabugenta e balançou o dedo de um lado para o outro.

Sophie continuava a rir.

— Boris, você será um sucesso hoje à noite.

Boris ficou radiante, claramente satisfeito consigo mesmo. Então, de repente, levantou-se e disse:

— Vou ao banheiro. Esqueci que queria ir. Volto logo.

Mais uma vez, balançou o dedo desdenhosamente para nós e saiu apressado.

— Às vezes, ele é muito divertido — eu disse. Sophie olhava para trás, observando Boris se afastar.

— Está crescendo tão depressa — disse ela. Então, deu um suspiro e sua expressão ficou mais absorta. — Logo será um adulto. Não temos muito tempo.

Eu não disse nada, esperando que ela prosseguisse. Por alguns segundos, ela continuou olhando para trás. Depois, virando-se para mim, disse calmamente:

— Sua infância está escapando. Logo estará crescido e não terá experimentado nada melhor.

— Fala como se ele estivesse passando um tempo terrível. Ele leva uma vida perfeitamente satisfatória.

— Tudo bem, sei que sua vida não é tão ruim. Mas agora é a infância. Sei como deveria ser. Porque me lembro, entende?, como era quando eu era bem pequena, antes de minha mãe adoecer. Era muito bom. — Encarou-me, mas seu olhar pareceu fixar-se nas nuvens às minhas costas. — Quero alguma coisa assim para ele.

— Bem, não se preocupe. Ajeitaremos a situação em breve. Enquanto isso, Boris tem se conduzido bem. Não há por que se preocupar.

— Você é como todo mundo. — Havia agora um quê de raiva em sua voz. — Age como se tivesse todo o tempo do mundo. Simplesmente não se dá conta, dá? Meu pai ainda tem alguns anos pela frente, mas já não é tão jovem. Um dia, terá se ido e ficaremos sós. Eu, você e Boris. Por isso temos de agir. Construir logo alguma coisa para nós mesmos.

— Respirou fundo e abanou a cabeça, o olhar pousando na xícara de café à sua frente. — Você não percebe. Não percebe como o mundo pode se tornar um lugar solitário se não tocarmos com as coisas.

Não vi por que discutir.

— Bem, é o que faremos então — disse eu. — Logo encontraremos algo.

— Não se dá conta de como há pouco tempo. Olhe para nós. Mal começamos.

O tom acusatório de sua voz se intensificava. Nesse ínterim, ela parecia ter se esquecido inteiramente do papel, nada insignificante, que seu comportamento desempenhara para nos impedir de "tocar com as coisas". Repentinamente, vi-me tentado a lhe apontar todos os fatos, mas acabei ficando em silêncio. Então, depois de permanecermos calados por algum tempo, me levantei e disse: — com licença. Acho que vou comer alguma coisa.

Sophie voltara a contemplar o céu e mal notou eu me afastar. Dirigi-me à bancada de self-service e peguei uma bandeja. Foi quando examinava o que escolher que lembrei, de repente, que

não sabia o caminho para a Galeria Karwinsky e que dependíamos totalmente do carro vermelho. Pensei no carro vermelho, rodando na estrada, distanciando-se cada vez mais, e me dei conta de que não podíamos perder muito mais tempo, atrasando-nos ali. De fato, me ocorreu que devíamos tornar a partir sem demora, e estava para devolver a bandeja e me apressar de volta à mesa quando percebi que as duas pessoas sentadas perto de onde eu estava falavam de mim.

Olhando-as de relance, vi que eram duas mulheres de meiaidade, bem vestidas. Estavam curvadas sobre a mesa, uma na direção da outra, falando em voz baixa, e, até onde pude deduzir, não faziam idéia de que eu, naquele momento, estivesse tão perto. Raramente se referiam a mim pronunciando meu nome e por isso, de início, não pude ter certeza de ser o tema da conversa. Mas, em pouco tempo, tornou-se impossível supor que falassem de outra pessoa.

— Oh, sim — uma delas dizia —, entraram em contato com essa tal de Stratmann várias vezes. Ela insistiu garantindo que ele iria inspecionar, mas, até agora, não apareceu. Dieter disse que não estão tão preocupados, como se não tivessem tanto trabalho a fazer, mas estão todos muito excitados, achando que ele pode aparecer a qualquer momento. E, evidentemente, o Senhor Schmidt entra a toda hora, gritando com eles para porem o lugar em ordem.

O que ele pensaria se chegasse agora e visse a sala de concerto nesse estado? Dieter disse que estão todos nervosos, até mesmo Edmundo. E, com esses gênios, nunca se sabe o que criticarão. Todos ainda se lembram de quando Igor Koblyansky

inspeccionou e testou tudo minuciosamente. Como ficou de quatro enquanto todos formavam um círculo em volta dele no palco, como todos o observavam enquanto andava de gatinhas, verificando todas as tábuas do assoalho, colocando o ouvido no chão. Nos últimos dois dias Dieter não tem sido o mesmo. Tem ficado muito tenso quando vai trabalhar. Tem sido terrível para todos eles. Toda vez que ele não comparece na hora marcada, esperam por mais uma hora e tornam a ligar para essa mulher, a Stratmann. Ela sempre pede muitas desculpas, sempre se justifica e marca outra hora.

Ao escutar isso, me veio em mente um pensamento que me ocorrera várias vezes nas últimas horas: isto é, que eu deveria entrar em contato com a Senhorita Stratmann com mais frequência do que vinha fazendo. De fato, achei que poderia ligar para ela de um dos telefones públicos no saguão. Mas, antes que pudesse considerar com mais seriedade essa idéia, a mulher prosseguiu:

— E tudo isso foi depois de a tal de Stratmann haver insistido durante semanas em como ele estava ansioso em fazer a inspeção, em que ele não estava apenas preocupado com a acústica e coisas do gênero, mas com seus pais, onde seriam colocados durante o evento. Aparentemente, eles não estão muito bem, de modo que precisam de um lugar, de atenção especial, precisam de pessoas capacitadas por perto, para o caso de um ou outro ter um ataque ou coisa assim. As providências a serem tomadas são complicadas e, segundo a tal de Stratmann, ele está ansioso para examinar todos os detalhes com a equipe. Bem, esse aspecto é muito comvente, isso de se preocupar com os pais idosos. Mas, como sabe, ele não apareceu! É claro que talvez isso tenha mais a

ver com a Stratmann do que com ele. É o que Dieter acha. Pelo que dizem ele tem uma excelente reputação, não parece de jeito algum ser o tipo de pessoa que deixa os outros em uma situação embaraçosa como essa.

Estava ficando irritado com a mulher e, naturalmente, senti certo alívio ao ouvir sua última observação. Mas foi o que disseram a respeito de meus pais — sobre a importância de providenciar para suprir suas necessidades especiais — que me convenceu de que não podia esperar nem mais um minuto para entrar em contato com a Senhorita Stratmann. Abandonando a bandeja no balcão, corri para o saguão.

Entrei em uma cabine telefônica, procurando, nos bolsos, o cartão da Senhorita Stratmann. Passado um momento, encontrei-o e disquei o número. A própria Senhorita Stratmann atendeu imediatamente.

— Senhor Ryder, que bom que ligou. Estou contente de que tudo esteja correndo tão bem.

— Ah. Então, acha que está tudo indo bem.

— De modo esplêndido! O senhor tem sido um sucesso. As pessoas estão muito emocionadas. Seu discurso depois do jantar na noite passada, oh, todos comentam como foi espirituoso e divertido. É um enorme prazer, se me permite dizer, trabalhar com alguém como o senhor.

— Bem, obrigado, Senhorita Stratmann. É muito gentil. É um prazer ser tão bem assistido. Estou ligando porque, bem, porque

queria verificar algumas coisas relacionadas à minha programação. Evidentemente, hoje, houve alguns atrasos inevitáveis, com certas conseqüências lamentáveis. — Fiz uma pausa, esperando que ela dissesse alguma coisa, mas houve um silêncio no outro lado da linha. Dei uma leve risada e prossegui: — Mas, é claro que estamos a caminho da Galeria Karwinsky neste exato momento.

Naturalmente, queremos chegar na hora, e, devo admitir, estamos ansiosos por isso. Pelo que soube, a região em que se localiza a Galeria Karwinsky é esplêndida.

Sim, estamos felizes por estar indo para lá.

— Fico tão feliz, Senhor Ryder. — A Senhorita Stratmann pareceu hesitar.

— Espero que goste do evento. — Depois, disse repentinamente: — Senhor Ryder, espero realmente que não o tenhamos ofendido.

— Me ofendido?

— Na verdade, não tivemos a intenção de insinuar coisa alguma. Quer dizer, sugerindo que fosse à casa da condessa hoje de manhã. Todos sabemos que está bastante familiarizado com a obra do Senhor Brodsky, nunca nos passou pela cabeça o contrário. E que simplesmente esses discos são muito raros e a condessa e o Senhor Von Winterstein acharam... Oh, Deus, espero realmente que não tenha se ofendido, Senhor Ryder! Não pretendemos insinuar nada.

— Não fiquei nem um pouco ofendido, Senhorita Stratmann. Pelo contrário, estava muito preocupado que a condessa e o Senhor Von Winterstein se ofendessem por eu não ter podido ir...

— Oh, por favor, não se preocupe com isso, Senhor Ryder.

— Estava querendo muito conhecê-los e conversar com eles, mas as circunstâncias tornaram impossível fazer o que planejáramos originalmente. Achei que entenderiam, principalmente por não haver, como a senhorita disse, necessidade de eu escutar as gravações do Senhor Brodsky...

— Senhor Ryder, estou certa de que a condessa e o Senhor Von Winterstein entendem perfeitamente a situação. Em todo caso, e posso ver isso agora, foi muita presunção termos organizado esse encontro, principalmente por seu tempo ser tão limitado. Realmente espero que não tenha se ofendido.

— Garanto que não me sinto ofendido em absoluto. Na verdade, Senhorita Stratmann, se me permite, estou ligando para discutir certos outros aspectos de minha agenda na cidade.

— Pois não, Senhor Ryder.

— Por exemplo, a inspeção da sala de concerto.

— Ah, sim.

Esperiei para ver se ela diria mais alguma coisa, mas como não se manifestou, prossegui:

— Sim, só queria me certificar de que estava tudo em ordem para minha chegada.

Finalmente, a Senhorita Stratmann reagiu ao tom preocupado de minha voz.

— Oh, entendo — disse ela. — Entendo o que quer dizer. Não reservei muito tempo para que realize a inspeção. Mas como pode ver

— fez uma pausa e escutei um farfalhar de papel —, como pode ver, antes e depois da visita à sala de concerto, tem dois compromissos importantes. De modo que achei que, se tivesse de reduzir o tempo em algum lugar, seria na sala de concerto. É sempre possível retornar lá, se realmente achar necessário. Ao passo que não poderíamos conceder menos tempo aos outros dois encontros. Por exemplo, a reunião com o Grupo de Apoio Mútuo dos Cidadãos. Sei a importância que confere ao encontro com as pessoas comuns afetadas...

— Sim, claro, tem razão. Concordo inteiramente com o que diz. Como salientou, posso retornar à sala de concerto mais tarde. Sim, sim. É que eu estava um pouco preocupado com, bem, com os preparativos. Isto é, em relação a meus pais. — Fez-se silêncio mais uma vez no outro lado da linha. Pigarreei e continuei. — Quer dizer, como sabe, minha mãe e meu pai já são muito idosos. Será necessário acomodá-los de modo especial na sala de concerto.

— Sim, sim, claro. — A Senhorita Stratmann pareceu ligeiramente intrigada. — E assistência médica por perto, no caso de

alguma ocorrência desagradável. Sim, está tudo sob controle, como verá quando realizar a inspeção.

Refleti por um instante. Depois, disse:

— Meus pais. Falávamos deles. Espero que não tenha havido alguma confusão.

— De maneira nenhuma, Senhor Ryder. Por favor, não se preocupe. Agradei-lhe e saí da cabine de telefone. Ao me dirigir ao café, parei, por um instante, na entrada. O pôr-do-sol fazia com que sombras compridas se formassem na sala. As duas mulheres de meia-idade continuavam a conversar veementemente, embora eu não pudesse saber se ainda falavam de mim. No fundo, podia ver Boris explicando algo a Sophie e os dois rindo alegremente. Permaneci ali por alguns instantes, refletindo sobre a conversa que acabara de ter com a Senhorita Stratmann. Ao pensar seriamente sobre isso, percebi que havia um quê presunçoso na noção de que seria bom para mim a condessa tocar os velhos discos do Senhor Brodsky. Sem dúvida, ela e o Senhor Von Winterstein haviam estado ansiosos para me orientar, passo a passo, na música. A idéia me irritou e me senti grato por ter sido obrigado a faltar ao encontro.

Então, consultei o relógio e vi que, apesar de todas as garantias dadas à Senhorita Stratmann, corríamos o risco de chegar tarde à Galeria Karwinsky. Dirigi-me à mesa e, sem me sentar, disse:

— Temos de partir agora. Já nos demoramos muito aqui. Falei com uma certa urgência, mas Sophie simplesmente olhou para mim e disse:

— Boris acha que essas rosquinhas são as melhores que já comeu. Não foi o que disse, Boris?

Relanceei os olhos para Boris e percebi que ele me ignorava. Então, me lembrei de nossa discussão — tinha me esquecido totalmente disso — e achei que devia dizer algo conciliatório.

— Então, achou as rosquinhas gostosas — disse-lhe. — Vai me dar uma para experimentar?

Boris continuou a olhar para o outro lado. Esperei alguns instantes e, então, dei de ombros.

— Está bem — eu disse. — Se não quer falar, tudo bem. Sophie tocou no ombro de Boris e ia lhe fazer um apelo, mas eu me virei e disse:

— Vamos, temos de nos pôr a caminho.

Sophie cutucou Boris novamente. Então, ela me disse, com um quê desesperado na voz:

— Vamos ficar só mais um pouco. Você ainda não se sentou conosco. E Boris está gostando tanto daqui. Não está, Boris?

Mais uma vez, Boris não deu sinal de ter escutado.

— Ouça, temos de ir agora — disse eu. — Vamos chegar atrasados. Sophie tornou a olhar para Boris, depois para mim, com a expressão enraivecida. Finalmente, se levantou. Eu me virei e saí do café, sem olhar para trás, sem olhar para eles.

18

Quando descemos a estrada íngreme e sinuosa de volta à auto estrada, o sol estava muito baixo. O trânsito continuava esparsos e dirigi, por um certo tempo, em boa velocidade, sondando o horizonte em busca do carro vermelho. Passados muitos minutos, deixamos as montanhas e atravessamos grandes extensões de pastos. Em ambos os lados da estrada, os campos se estendiam a perder de vista. Foi quando a estrada fazia uma longa curva fechada, em um trecho plano do terreno, que tornei a localizar o carro vermelho. Continuava a uma certa distância, mas percebi que estava rodando como antes, a uma velocidade de passeio. Reduzi minha velocidade, e logo me pus a admirar o cenário que se desdobrava à minha frente; os campos no final da tarde, o sol baixo tremeluzindo por trás das árvores distantes, agrupamentos ocasionais de fazendas. Durante esse tempo todo, o carro vermelho permanecia à nossa frente, visível ou não a cada curva da estrada. Então, ouvi Sophie, ao meu lado, dizer:

— Quantas pessoas acha que haverá?

— Na recepção? — encolhi os ombros. — Como posso saber? Acho que está se preocupando demais com isso. É apenas mais uma recepção, só isso.

Sophie continuou olhando fixamente a paisagem. Depois, disse:

— Muitas pessoas hoje à noite. Estarão lá os mesmos que estavam no banquete Rusconi. Por isso estou nervosa. Achei que tivesse percebido.

Tentei recordar o banquete a que ela se referia, mas o nome não me dizia muita coisa.

— Eu já estava lidando bem melhor com isso até aquele dia prosseguiu Sophie. — Aquelas pessoas foram terríveis comigo. Realmente, ainda não me recuperei. Provavelmente muitas delas estarão lá esta noite.

Eu continuava tentando lembrar, sem êxito, o evento.

— Está dizendo que as pessoas foram muito rudes com você? perguntei.

— Rude? Bem, talvez possa dizer assim. Certamente, conseguiram fazer com que me sentisse bem pequena e patética. Espero, realmente, que, hoje, nem todos estejam presentes.

— Se alguém for grosseiro com você esta noite, me avise logo. E, no que me diz respeito, você pode, em troca, ser tão rude quanto quiser.

Sophie virou-se e olhou para Boris no banco de trás. Depois de algum tempo, percebi que o menino havia adormecido. Sophie continuou observando-o por mais um pouco, depois se virou para mim:

— Por que está recomeçando com isso? — perguntou ela, com a voz em um tom diferente. — Sabe o quanto isso o deixa nervoso. Está começando tudo outra vez. Por quanto tempo pretende sustentar a situação desta vez?

— Sustentar o quê? — perguntei, aborrecido. — Do que está falando?

Sophie me encarou por um instante, depois desviou os olhos.

— Você não se dá conta — disse quase que para si mesma. — Não temos tempo para coisas desse tipo. Mas você simplesmente não percebe, percebe?

Senti que minha paciência se esgotava. O caos todo a que me submetera durante o dia inteiro me voltou à memória e me peguei dizendo em voz alta:

— O que a faz pensar que tem o direito de me criticar dessa maneira o tempo todo? Talvez não se dê conta, mas estou, neste exato momento, sob muita tensão. Mas, em vez de me dar apoio, você critica, critica, critica. E agora parece ter aprontado tudo para me causar uma decepção na recepção. Pelo menos, parece estar preparando bem o terreno para fazer exatamente isso...

— Está bem! Então nós não entramos! Boris e eu esperaremos no carro. Você vai sozinho!

— Não há necessidade disso. Só estava dizendo...

— Estou falando sério! Você vai sozinho. Assim não teremos como desapontá-lo.

Depois disso, viajamos calados por vários minutos. Por fim, eu disse:

— Ouça, me desculpe. Provavelmente se sairá bem nessa recepção. Na verdade, tenho certeza de que sim.

Não respondeu. Continuamos a viajar em silêncio e, toda vez que relanceava os olhos para ela, encontrava-a encarando de modo vazio o carro vermelho à distância.

Uma estranha sensação de pânico começou a se desenvolver em mim até que, finalmente, eu disse:

— Ouça, mesmo que as coisas não corram bem esta noite, não importa. O que quero dizer é que não fará diferença. Não precisamos ser infantis dessa maneira.

Sophie continuou a olhar fixamente o carro vermelho. Então, disse:

— Pareço ter engordado? Seja franco.

— Não, de jeito algum. Você está maravilhosa.

— Mas engordei. Engordei um pouco.

— Não importa. O que quer que aconteça esta noite, não fará diferença. Não há necessidade de se preocupar. Logo teremos organizado tudo. Uma casa, tudo. Por isso não precisa se preocupar.

Ao dizer isso, comecei a lembrar alguma coisa a respeito do banquete que ela mencionara. Ocorreu-me particularmente a imagem de Sophie em um vestido toailete carmim escuro, em pé, pouco à vontade, sozinha no centro de uma sala cheia de gente, enquanto, à sua volta, as pessoas riam e conversavam em grupos. Pensei subitamente na humilhação que ela devia ter sofrido e, por fim, toquei delicadamente em seu braço. Para meu alívio, ela reagiu descansando a cabeça em meu ombro.

— Você vai ver — disse ela, quase a meia voz —, vou lhe mostrar. E Boris também. Quem quer que esteja lá, nós lhe mostraremos.

— Sim, sim. Tenho certeza de que sim. Vocês dois se sairão muito bem.

Vários minutos depois, notei que o carro vermelho assinalava que estava saindo da estrada principal. Reduzi a distância que nos separava e logo seguíamos nosso guia, subindo uma estrada, entre prados. O barulho da rodovia principal recuava à medida que avançávamos, e, então, nos vimos atravessando uma pista de terra, nada apropriada para transportes modernos. A certa altura, uma sebe espessa passou raspando por todo um lado do carro, e logo depois estávamos sacolejando por um terreno lamacento, repleto de tratores arruinados. Depois, deparamos com algumas estradas rurais em boas condições, uniformemente sinuosas através dos campos, e de novo ganhamos velocidade. Por fim, ouvi Sophie gritar: "Lá está!" E vi uma tabuleta de madeira em uma árvore anunciando a Galeria Karwinsky.

Reduzi a velocidade ao nos aproximarmos do portão. Dois mourões resistiam à entrada, mas o portão em si já não existia. Enquanto o carro vermelho prosseguia estrada abaixo, até finalmente desaparecer de nossa vista, passamos por entre os pilares para um vasto campo coberto de vegetação.

Havia um caminho de terra que subia no meio do campo e, durante algum tempo, dirigi lentamente colina acima. Ao atingirmos o cume, uma bela vista descortinou-se à nossa frente. O campo se estendia, descendo até um vale pouco profundo, no fundo do qual se localizava uma construção imponente, à maneira de um chateau francês.

O sol se punha na floresta atrás, e mesmo à distância eu podia ver que a construção estava impregnada de um encanto esmaecido, evocando o lento declínio de uma família de proprietários de terra sonhadores.

Engrenei uma marcha lenta e dirigi, cuidadosamente, colina abaixo. Pude ver, pelo espelho retrovisor, que Boris, agora, estava completamente desperto, olhando à direita e à esquerda, mas a relva estava tão alta que impedia qualquer visão dos dois lados do carro.

Quando chegamos mais perto, vi que uma grande área do campo perto da casa havia sido invadida por carros estacionados. Dirigi para lá, completando nossa descida, e percebi que havia quase cem veículos ao todo, vários muito bem polidos para a ocasião. Rodei um pouco, procurando um bom lugar para estacionar, e dei uma parada não muito distante do muro esfacelado do pátio.

Saltei do carro, estiquei pernas e braços. Ao olhar para trás, vi que Sophie e Boris também haviam saltado e que ela o arrumava.

— Não se esqueça — escutei-a dizer — de que ninguém naquela sala é mais importante que você. Fique repetindo isso para você mesmo. Em todo caso, não vamos nos demorar.

Estava para me dirigir à casa quando fui distraído por alguma coisa que percebi pelo canto do olho. Virando-me, vi que um velho carro arruinado fora abandonado no gramado, perto de onde eu estava. Os outros convidados haviam deixado um espaço livre em torno dele, como se sua deterioração geral e ferrugem pudessem se alastrar pelos outros carros.

Dei alguns passos na direção do destroço. De certa forma, havia afundado na terra e a relva crescia em volta, de modo que nunca repararia nele se o crepúsculo não se refletisse em sua capota. Estava sem pneus e a porta do lado do motorista havia sido arrancada. A pintura havia sido retocada em várias ocasiões, na última das quais o pintor parecia ter usado tinta comum, antes de desistir na metade do trabalho. Os pára-lamas traseiros haviam sido substituídos por peças não originais, tiradas de outros veículos. Apesar de tudo isso, antes mesmo de tê-lo examinado de mais perto, soube que estava olhando para os restos do velho carro de família, que meu pai dirigira durante anos.

Evidentemente, passara-se muito tempo desde a última vez que colocara os olhos nele. Revendo-o agora nesse triste estado, recordei seus últimos dias conosco, quando se tornara tão velho que

eu ficava realmente envergonhado quando meus pais saíam com ele. Lembrei-me de que, no final, eu começara a forjar manobras elaboradas para evitar andar nele, tal era meu horror de ser visto por algum colega ou professor. Mas isso só no final. Durante muitos anos me afeiçoei à crença de que nosso carro — apesar de ser popular — era, em alguns aspectos, superior a quase todos os outros na estrada e que por isso meu pai não o trocava. Lembrei-me dele estacionado na alameda de nosso pequeno chalé em Worcestershire, a pintura e o metal reluzindo, e eu a olhá-lo durante vários minutos, sentindo-me imensamente orgulhoso. Passei várias tardes — principalmente aos domingos brincando dentro e ao redor dele. Ocasionalmente, eu levava brinquedos — talvez até mesmo minha coleção de soldadinhos de plástico para espalhá-los no banco de trás. Porém, na maior parte das vezes, minha imaginação simplesmente ficava construindo, interminavelmente, histórias que giravam em torno do carro, disparando pistolas através de suas janelas, ou saindo em perseguições, em alta velocidade. De vez em quando, minha mãe aparecia mandando eu parar de bater as portas do carro, que o barulho a estava deixando nervosa e que se eu fizesse aquilo mais uma vez ela me "esfolaria vivo". Eu podia vê-la nitidamente ali de pé na porta dos fundos da casa, gritando na direção do carro. O chalé era pequeno, mas, situando-se em plena região rural, ocupava meio acre de pasto.

Uma vereda passava por nosso portão e seguia à fazenda nas vizinhanças, e duas vezes por dia passava uma fileira de vacas, conduzidas por garotos da fazenda, segurando varas enlameadas.

Meu pai sempre deixava o carro com a traseira para essa vereda, e eu sempre parava o que estava fazendo para observar essa procissão de vacas, através do vidro de trás.

O que chamávamos de nossa "estradinha" era apenas uma área gramada ao lado da casa. Nunca havia sido concretada e, quando chovia muito, o carro afundava na água, o que contribuiu para seus problemas de ferrugem e, possivelmente, para acelerar seu estado atual. Mas quando era pequeno, os dias chuvosos causavam um prazer especial.

A chuva, além de criar uma atmosfera especialmente acolhedora no interior do carro, oferecia-me o desafio de ter de saltar por sobre os canais de lama toda vez que entrava ou saía do carro. No começo, meus pais desaprovavam esse costume, alegando que eu iria sujar todo o estofado, mas, quando o carro ficou um pouco mais velho, pararam de se preocupar com isso. O bater das portas, entretanto, continuou a irritar minha mãe enquanto o carro foi nosso. Isso era desastroso, pois era fundamental na representação de minhas histórias, ressaltando, invariavelmente, os momentos chaves da tensão dramática. A questão se complicou com o fato de minha mãe, às vezes, passar semanas, até mesmo meses, sem se queixar das portas, a ponto de eu quase me esquecer de que aquilo era um motivo de conflito. Então, um dia, quando eu estivesse completamente absorvido por algum drama, ela apareceria de repente, extremamente aflita, me dizendo mais uma vez que me "esfolaria vivo". Em algumas ocasiões essa ameaça era lançada quando a porta, na realidade, estava entreaberta, deixando-me na incerteza quanto a se devia deixá-la aberta quando terminasse de

brincar — embora, desse modo, pudesse ficar aberta a noite toda —, ou se devia arriscar fechá-la, fazendo o mínimo de barulho possível. Esse dilema me atormentaria o resto do tempo que teria para brincar no carro, estragando completamente minha alegria.

— O que está fazendo? — disse a voz de Sophie atrás de mim. — Temos de ir.

Percebi que ela falava comigo, mas eu estava tão absorvido pela descoberta de nosso velho carro que respondi a meia voz sem pensar no que dizia. Então a ouvi dizer:

— O que há com você? Parece ter se apaixonado por esta coisa.

Só então me dei conta de que envolvia o carro em um abraço. Minha face encostada em sua capota, enquanto minhas mãos faziam movimentos circulares suaves sobre o cascão de sua superfície. Aprumei-me dando uma breve risada e ao me virar deparei com Sophie e Boris me olhando intrigados.

— Apaixonado por isso? Deve estar brincando. — Dei outra risada. — É um crime as pessoas deixarem destroços assim por aí. Continuaram me olhando, e então, gritei: — Que montoeira nojenta! — e dei uns bons chutes no carro. Isso pareceu satisfazê-los e deixaram para lá. Então, vi que Sophie, apesar de aparentemente estar me apressando, continuava preocupada com a aparência de Boris e recomeçara a pentear seu cabelo.

Voltei minha atenção ao carro, minha ansiedade crescendo com a possibilidade de ter causado algum dano com meus

chutes. Examinando mais de perto, vi que tudo que fizera fora deslocar algumas lascas enferrujadas, mas sentia muito remorso por ter demonstrado tanta insensibilidade. Dei a volta pela grama até o outro lado do carro e olhei seu interior pelo vidro de trás. Algum objeto solto havia batido no vidro, mas este permanecera intato e fiquei olhando a teia de aranha desfeita no banco traseiro, onde já passara tantas horas alegres. Constatei que o banco quase todo estava coberto de fungos. A água da chuva se acumulara em um canto, onde o estofamento do assento se juntava ao do braço. Quando puxei a porta, ela se abriu sem muita dificuldade, mas ficou presa, entreaberta, na grama espessa. Restou apenas a abertura suficiente para que eu, me comprimindo, entrasse. Fazendo esforço, consegui me sentar.

Uma vez dentro, ficou evidente que um extremo do banco havia caído no chão do carro, e me vi em uma posição baixa, antinatural. Através da janela mais próxima à minha cabeça, podia ver o limbo das folhas e um céu rosado de final de tarde. Ajeitando-me no banco, puxei a porta até quase fechá-la — alguma coisa impediu que se fechasse completamente — e, depois de algum tempo, me encontrei em uma posição razoavelmente confortável.

Dali a pouco, comecei a ser tomado por uma profunda quietude e me permiti fechar os olhos por um instante. Então, voltou-me à memória um dos passeios em família mais alegres feitos nesse carro, na vez em que rodamos por toda a região procurando uma bicicleta de segunda mão para mim. Era uma tarde ensolarada de domingo, e passamos de aldeia em aldeia, examinando uma bicicleta atrás da outra, meus pais trocando idéias animadamente no

banco da frente, enquanto eu, atrás, observava a paisagem de Worcestershire. Isso foi quando, na Inglaterra, ainda não se tornara uma rotina possuir telefones, e minha mãe mantinha no colo um exemplar do jornal local em que as pessoas anunciavam o que queriam vender, com o endereço impresso. Não era necessário marcar uma hora. Uma família como a nossa podia simplesmente bater a uma porta e dizer: "Viemos por causa da bicicleta." Então seríamos conduzidos ao galpão nos fundos para inspecioná-la. Os mais cordiais ofereceriam chá — que meu pai recusaria fazendo sempre a mesma observação espirituosa. Contudo uma mulher idosa — que vendia não uma "bicicleta para menino", mas sim a de seu marido recentemente falecido — insistiu para que entrássemos. "É sempre um prazer", ela disse, "receber pessoas como vocês." Depois, quando estávamos sentados em sua sala iluminada pelo sol, tomando chá, referiu-se a nós mais uma vez como "pessoas como vocês", e de repente, quando meu pai falava sobre o tipo de bicicleta mais adequada a um menino de minha idade, percebi que, para essa senhora idosa, meus pais e eu representávamos o ideal da felicidade familiar. Essa compreensão foi seguida por uma enorme tensão, que continuou crescendo durante a meia hora, mais ou menos, em que ali permanecemos.

Não que eu receasse que meus pais não conseguissem manter aquela imagem — era inconcebível que dessem início a uma versão, mesmo que mais abrandada, de uma de suas brigas. Mas eu tinha me convencido de que a qualquer instante algum sinal, quem sabe até mesmo um cheiro, faria com que a velha senhora se desse conta do enorme erro que cometera, e esperava, com pavor, o momento em que, subitamente, paralisaria de terror diante de nós.

Sentado no banco de trás do velho carro, tentei me lembrar de como se encerrou essa tarde, mas em vez disso, minha mente divagou para outra tarde em que chovia torrencialmente e em que eu tinha ido para o carro, para o santuário desse banco traseiro, enquanto esbravejavam furiosos dentro de casa. Naquela tarde, eu me deitara de costas, com a cabeça comprimida sob o braço do banco. Nessa posição, tudo o que pude ver das janelas foi a chuva correndo pelo vidro. Naquele momento, meu desejo profundo foi o de simplesmente poder permanecer ali, deitado, sem ser perturbado, por horas seguidas. Mas a experiência me ensinara que meu pai, em algum momento, apareceria na porta de casa, passaria pelo carro, desceria até o portão e sairia para a alameda, e, desse modo, fiquei ali deitado por muito tempo, os ouvidos atentos ao chocalhar do trinco da porta dos fundos.

Quando, finalmente, escutei esse ruído, levantei-me e comecei a brincar. Tinha parodiado uma disputa excitante de uma pistola caída, de tal maneira que ficasse evidente que eu estava muito absorto para notar qualquer coisa.

Somente quando ouvi seus passos úmidos em direção ao final da estradinha, atrevi-me a parar. Então, rapidamente me ajoelhando no banco, olhei cautelosamente através do vidro traseiro a tempo de ver a figura de meu pai em sua capa de chuva fazendo uma pausa perto do portão, curvando-se ligeiramente para abrir o guarda-chuva. Logo em seguida, saiu decidido para a alameda e ficou fora de vista.

Devo ter cochilado um pouco, pois fui acordado com um sacolejo e vi que estava sentado no banco de trás do carro

destruído, na escuridão total. Sentindo um ligeiro pânico, empurrei a porta mais próxima. Primeiro, ela continuou emperrada, mas aos poucos foi cedendo, até que fui capaz de, me comprimindo, sair do carro.

Passando a mão na roupa para limpá-la, olhei em volta. A casa estava bastante iluminada — vi os lustres acesos através das janelas altas — e, ao lado de nosso carro, Sophie continuava a mexer no cabelo de Boris. Eu estava além do alcance da luz emitida pela casa, mas Sophie e Boris eram virtualmente iluminados pelos holofotes.

Enquanto eu observava, Sophie curvou-se para se olhar no espelho lateral e dar os retoques finais em sua maquiagem.

Boris virou-se para mim quando apareci sob a luz.

— Você demorou séculos — disse ele.

— Sim, desculpe. Agora temos de ir.

— Só um segundo — murmurou Sophie distraidamente, ainda curvada sobre o espelho.

— Estou ficando com fome — disse-me Boris. — Quando vamos para casa?

— Não se preocupe, não vamos nos demorar muito. Aquela gente toda está esperando para nos conhecer, por isso é melhor ir e cumprimentá-los rapidamente. Sairemos logo. Então, iremos para casa e teremos uma noite agradável. Só nós.

— Podemos jogar Warlord?

— Claro que sim — disse eu, satisfeito pelo menino, agora, parecer ter esquecido a discussão de mais cedo. — Ou qualquer outro jogo que preferir. Mesmo que iniciemos um e na metade você queira parar e jogar outro, porque acha que esse está chato ou porque está perdendo, tudo bem, Boris. Hoje mudaremos para o que você preferir. E se quiser parar de jogar e ficar apenas conversando sobre futebol, por exemplo, então é o que faremos. Será uma noite maravilhosa, só nós três. Mas primeiro vamos e terminemos logo com isso. Não vai ser tão ruim.

— Tudo bem, estou pronta — disse Sophie, porém curvou-se e olhou-se mais uma vez.

Passamos sob um arco de pedra no pátio. Quando nos encaminhávamos para a entrada, Sophie disse:

— Agora, estou realmente ansiosa para entrar. Acho que vai ser bom.

— Ótimo — eu disse. — Apenas relaxe e seja você mesma. Vai dar tudo certo.

19

A porta foi aberta por uma criada robusta. Ao penetrarmos no espaçoso hall da entrada, ela sussurrou:

— É um prazer revê-lo.

Somente ao escutá-la dizer isso, me dei conta de já ter estado naquela casa — na verdade, era a mesma a que Hoffman me levava na noite anterior.

— Ah, sim — eu disse, olhando as paredes revestidas de madeira de carvalho —, é bom estar de volta. Desta vez, como vê, trouxe a família.

A criada não respondeu. Possivelmente por deferência, mas ao relancear os olhos para ela, que estava à porta, carrancuda, não pude deixar de sentir uma certa hostilidade.

Foi então que notei meu rosto no meio de revistas e jornais espalhados sobre a mesa de madeira redonda, ao lado do suporte para guarda-chuvas. Aproximando-me, peguei o que constatei ser a edição da tarde do jornal local, cuja primeira página estampava um retrato meu — tirado, aparentemente, em um campo varrido pelo vento. Então, localizei a construção branca no fundo e me lembrei da sessão de fotos da manhã, no cume da colina. Levei o jornal para perto do abajur e segurei a foto sob a luz amarela.

A força do vento fazia com que meu cabelo fosse jogado para trás. Minha gravata esvoaçava atrás de minha orelha. Meu paletó também voava às minhas costas, de modo que eu parecia estar usando uma pelerine. Ainda mais intrigante era a minha expressão de ferocidade descontrolada.

Meu punho erguia-se ao vento e eu dava a impressão de estar emitindo um grito de guerra. Não conseguia, por mais que me

esforçasse, entender como surgira aquela pose. A manchete — era o único texto em toda a primeira página — proclamava: "RYDER CONVOCA PARA A ASSEMBLÉIA".

Um tanto nervoso, abri o jornal e deparei com uma série de seis ou sete fotos menores, variações da publicada na primeira página. A atitude beligerante era evidente em todas, exceto em duas. Nestas, eu parecia estar apresentando orgulhosamente o edifício branco atrás de mim, exibindo um estranho sorriso, que revelava extensivamente minha arcada dentária inferior e não a superior. Ao dar uma olhada no texto, esbarrei com várias referências a alguém chamado Max Sattler.

Teria examinado o jornal mais atentamente, porém, desconfiado como estava de que a hostilidade da criada tivesse a ver com essas fotos, comecei a me sentir claramente desconfortável. Larguei o jornal e me afastei da mesa, resolvendo examinar a reportagem mais tarde.

— Está na hora de entrarmos — disse a Sophie e a Boris, que hesitavam no meio do hall. Falei alto o suficiente para que a criada escutasse e esperei que nos conduzisse à recepção. Mas ela não fez qualquer movimento e, após alguns segundos constrangedores, eu lhe sorri e disse:

— Claro que me lembro da noite passada. — com isso, entrei na casa.

De fato, o prédio não era como me lembrava, e logo nos encontramos em um corredor comprido, as paredes revestidas de madeira, completamente desconhecido para mim.

No entanto, isso revelou não ter importância, pois ouvimos uma algazarra assim que demos alguns passos, e não demorou para que alcançássemos a entrada de uma sala estreita, apinhada de gente vestida a rigor e com coquetel na mão.

À primeira vista, parecia bem menor que o salão em que os convidados haviam se reunido na noite anterior. De fato, inspecionando com mais atenção, vi que, originalmente, não deveria ter sido um salão, mas sim um corredor, ou, na melhor das hipóteses, um vestíbulo comprido e curvo. A configuração da curva sugeria que formasse um semicírculo, embora fosse impossível avaliar com segurança a partir da entrada. Do lado de fora, vira suas enormes janelas, agora cobertas com cortinas, prosseguindo além da curva, enquanto a parede interna parecia formada por uma série de portas. O piso era de mármore, lustres pendiam do teto e, aqui e ali, em volta da sala, havia objetos de arte expostos em pedestais ou em elegantes redomas de vidro.

Paramos na soleira, apreendendo a cena. Procurei com o olhar alguém que nos introduzisse, que, talvez, anunciasse nossa chegada, mas, apesar de ficarmos ali e observarmos por algum tempo, ninguém apareceu. Ocasionalmente, alguém apressava-se em nossa direção, mas, no último momento, percebia-se que era para outro convidado.

Olhei de soslaio para Sophie. Ela mantinha o braço em torno de Boris, e os dois encaravam apreensivamente aquele monte de gente.

— Venham, vamos entrar — disse afetando indiferença. Demos alguns passos e tornamos a parar.

Olhei em volta, procurando Hoffman ou a Senhorita Stratmann, ou qualquer outra pessoa conhecida, mas não vi ninguém. Então, enquanto ficava ali, encarando rosto por rosto, ocorreu-me que grande parte dessas pessoas poderia ter estado presente no evento em que Sophie havia sido tão aterradoramente ameaçada. De repente, fui capaz de perceber, vividamente, o que Sophie tivera de suportar, e senti uma raiva perigosa crescer em mim. Na verdade, enquanto olhava em volta, pude localizar pelo menos um grupo de convidados — agrupados quase no ponto em que a sala fazia a curva e deixava de ser visível — que certamente estavam entre os principais culpados. Examinei-os através da multidão: os homens com seus sorrisos de satisfação consigo mesmos, a maneira pomposa como colocavam e tiravam as mãos dos bolsos das calças, como se quisessem mostrar a todos que se sentiam à vontade em uma reunião desse tipo; e as mulheres com suas roupas ridículas, e aquela maneira de balançar impotentemente a cabeça quando riam.

Era inacreditável — completamente absurdo — que essas pessoas se atrevessem a escarnecer ou a tratar alguém como inferior, muito menos alguém como Sophie. De fato, não vi motivo para não me dirigir imediatamente a esse grupo e passar-lhes uma descompostura à vista de seus pares. Murmurei algo tranqüilizador ao ouvido de Sophie, e me pus a atravessar a sala.

Enquanto forçava a passagem por toda aquela gente, vi que a sala realmente formava um semicírculo. Também pude ver os

garçons posicionados como sentinelas ao longo das paredes internas, segurando as bandejas com bebida e canapés. Às vezes, as pessoas esbarravam em mim e pediam desculpas alegremente, ou eu trocava sorrisos com alguém que abria caminho na direção oposta, mas, curiosamente, ninguém parecia realmente me reconhecer. A certa altura, me encontrei me comprimindo para passar por três homens de meia-idade, que balançavam a cabeça desesperançados, e reparei que um estava com o exemplar do jornal debaixo do braço. Vi minha cara batida pelo vento espiando por trás de seu cotovelo e comecei a pensar se as fotos não teriam concorrido de alguma forma para que nossa chegada fosse ignorada daquela maneira estranha. Mas, agora, eu estava virtualmente perto das pessoas a que me dirigia e deixei essa idéia de lado.

Ao perceberem minha aproximação, dois se colocaram de lado como que para me acolher no círculo. Compreendi que comentavam os objetos de arte à nossa volta, e, quando cheguei, todos assentiam com a cabeça como resposta ao que um deles acabara de dizer. Então, uma das mulheres falou:

— Sim, está tão claro que se poderia traçar uma linha até o outro lado da sala, logo depois daquele Van Thillo. — Ela apontou para uma estatueta branca em um pedestal não muito longe de nós. — O jovem Oskar nunca teve bom olho. E, para ser franca, ele sabia disso, mas sentia ter uma obrigação, um dever com a família.

— Desculpe, mas tenho de concordar com Andreas — disse um dos homens. — Oskar era muito orgulhoso. Devia ter delegado a missão a pessoas mais preparadas.

Então, um dos outros homens me disse, sorrindo alegremente:

— Qual é a sua opinião, sir? Sobre a contribuição de Oskar à coleção?

A pergunta me pegou de surpresa e fiquei momentaneamente sem saber o que responder, mas não estava a fim de ser distraído de meu propósito.

— Tudo bem que as senhoras e os senhores fiquem discutindo a incompetência de Oskar — comecei —, porém o mais importante...

— Seria ir longe demais — interrompeu uma mulher — chamar o jovem Oskar de incompetente. Seu gosto era muito diferente do de seu irmão e realmente cometeu um erro peculiar, mas, no todo, acho que trouxe uma nova dimensão à coleção. Quebrou a austeridade. Sem isso, bem, a coleção seria como um bom jantar sem sobremesa. Aquele vaso da lagarta, logo ali — apontou através da multidão — é realmente adorável.

— Está tudo muito bem... — recomecei com veemência, mas antes que pudesse prosseguir, um homem disse firmemente: — O vaso da lagarta é a única, a única de suas peças que realmente merece estar aqui. Seu problema foi não ter noção da coleção como um todo, a harmonia da coisa.

Senti minha paciência se esgotando.

— Ouçam — gritei —, parem com isso! Parem com isso só por um segundo, parem essa conversa oca! Parem só por um segundo e deixem os outros falar, alguém de fora, fora desse mundinho fechado no qual se sentem tão felizes!

Fiz uma pausa e os encarei furiosamente. Meu tom assertivo surtira efeito, pois estavam todos — quatro homens e três mulheres me encarando atônitos. Tendo finalmente ganhado sua atenção, minha raiva parecia deliciosamente sob controle, como uma arma que eu pudesse manejar com deliberação. Baixei a voz — havia gritado um pouco mais alto do que pretendia — e prossegui: — É de admirar, há algum motivo para se ficar admirado que em uma cidadezinha como esta vocês tenham todos esses problemas, essa crise, como alguns gostam de dizer? Que tantos de vocês estejam tão infelizes e frustrados? Isso surpreende alguém, alguém de fora? É uma surpresa? Nós, observadores provenientes de um mundo maior, mais amplo, coçamos a cabeça confusos? Dizemos a nós mesmos como é possível que uma cidade como esta — senti alguém puxando meu braço, mas estava determinado a dar minha opinião —, que uma comunidade como esta passe por tal crise? Ficamos admirados e surpresos? Não! Nem por um momento! Ao se chegar o que se vê imediatamente? Exemplos, senhoras e senhores, em pessoas como vocês, sim, vocês! Vocês tipificam, desculpem se estou sendo injusto, se há exemplos ainda mais gritantes e ridículos a ser encontrados sob as rochas e o calçamento desta cidade —, mas, a meu ver, o senhor, a senhora, sim, por mais que lamente ter de dizê-lo, sim, vocês exemplificam tudo que está errado aqui! — Percebi que a mão que puxava minha manga era de uma das mulheres desse grupo, que, não sei por que, se esticava por trás do

homem que estava ao meu lado. Relanceei os olhos em sua direção e depois prossegui. — Para começar, faltam-lhes as boas maneiras básicas. Vejam como tratam uns aos outros.

Vejam como tratam minha família. Como tratam até mesmo a mim, uma figura eminente, convidado de vocês. Olhem só para si mesmos, preocupadíssimos a respeito da coleção de arte de Oskar. Em outras palavras, extremamente obcecados, obcecados pelas pequenas desordens internas dessa coisa que chamam de comunidade, obcecados demais para demonstrar nem que seja um nível mínimo de boas maneiras conosco.

A mulher que puxava meu braço deu a volta, de modo que ficou bem atrás de mim e me dei conta de que dizia alguma coisa, tentando me afastar dali. Ignorei-a e continuei:

— E é aqui, com tantos lugares, que ironia cruel!, sim é para cá que meus pais tiveram de vir. De todos os lugares, vieram para cá, para receber o que chamam de hospitalidade. Que ironia, que crueldade, de todos os lugares no mundo, depois de todos esses anos, tinha de serem um local como este, com pessoas como vocês! E meus pobres pais, vindos de tão longe, para me verem tocar pela primeira vez! Acham que torna minha tarefa mais simples ser obrigado a deixá-los aos cuidados de pessoas como você, você e você?

— Senhor Ryder, Senhor Ryder... — A mulher empurrava insistentemente meu cotovelo já há algum tempo e só agora vi que não era outra senão a Senhorita Collins. Essa compreensão fez com

que eu perdesse o ritmo e, antes que desse por mim, ela havia conseguido me afastar do grupo.

— Ah, Senhorita Collins — disse-lhe, um pouco confuso. — Boa noite.

— Sabe, Senhor Ryder — disse a Senhorita Collins, continuando a me afastar —, estou realmente surpresa, tenho de admiti-lo. Isto é, pelo nível de fascinação que há. Uma amiga me disse, ainda há pouco, que a cidade toda está comentando. Comentando, ela me garantiu, da maneira mais gentil possível! Mas realmente não entendo por que toda essa agitação. Só porque fui ao zôo hoje! Realmente não consigo entender. Só concordei porque me convenceram de que era no interesse de todos, entende?, para que Leo se saísse bem amanhã à noite. Por isso concordei em ir, só isso. E, para falar a verdade, acho que queria dizer algumas palavras de estímulo a Leo, já que está há tanto tempo sem beber. Parecia justo eu reconhecer isso de alguma maneira. Garanto, Senhor Ryder, se ele tivesse ficado sem beber em qualquer época destes últimos vinte anos, eu faria exatamente a mesma coisa. Só não fiz porque não havia acontecido até esse momento. Na verdade, minha presença hoje no zôo não significou nada além disso.

Havia parado de me puxar, mas mantinha seu braço no meu e, agora, passávamos vagorosamente por entre as pessoas.

— Estou certo de que não, Senhorita Collins — disse eu. — E posso lhe assegurar que, quando me aproximei da senhora ainda há pouco, não tive a menor intenção de levantar o assunto sobre a senhora e o Senhor Brodsky. Ao contrário da grande maioria desta

cidade, não estou de acordo que se intrometam em seus assuntos particulares.

— É muito decente de sua parte, Senhor Ryder. Mas, em todo caso, como eu disse, nosso encontro esta tarde não significou algo tão importante. As pessoas ficariam tão decepcionadas se soubessem. Tudo o que aconteceu foi que Leo veio a mim e disse: "Hoje, você está adorável." Exatamente o tipo de coisa que se esperaria que dissesse depois de passar vinte anos bêbado. E isso foi praticamente tudo. Evidentemente, eu agradei e disse que ele estava com melhor aparência do que da última vez em que o vi. Então, ele baixou os olhos, para os sapatos, algo que não recordo que tenha feito nem quando era mais jovem. Naquela época, ele nunca agia tão timidamente. Sim, seu fogo se apagara, eu via que sim. Mas algo o substituiu, algo com certa gravidade. Bem, lá estava ele, olhando para os sapatos, e o Senhor Von Winterstein e os outros senhores estavam todos um pouco adiante, olhando para o outro lado, fingindo terem se esquecido de nós. Fiz algum comentário sobre o tempo, ele ergueu os olhos e disse "sim, as árvores estão esplêndidas". Depois, começou a me contar de quais animais gostara entre aqueles que tinha visto até então. Era claro que não prestara a menor atenção, pois disse: "Gosto de todos esses animais. Do elefante, do crocodilo, do chimpanzé." Bem, as jaulas dos macacos ficavam no caminho e com certeza as teriam visto, mas certamente não haviam passado pelos elefantes e crocodilos, e eu lhe disse isso. Mas Leo não fez caso, como se eu tivesse levantado uma questão totalmente irrelevante. Depois, pareceu entrar em um ligeiro pânico. Talvez tivesse a ver com o fato de o Senhor Von Winterstein ter se aproximado mais um pouco.

Sabe, o acordo original havia sido de eu dizer algumas palavras a Leo, literalmente, algumas palavras. O Senhor Von Winterstein me garantira que interviria depois de um minuto mais ou menos. Bem, essas foram minhas condições, mas, ao começarmos a conversar, pareceu muito pouco tempo. Eu mesma comecei a ficar apreensiva com a visão de o Senhor Von Winterstein rondando por perto. De qualquer jeito, Leo sabia que tínhamos pouco tempo, pois, em seguida, foi direto ao assunto. Disse: "Talvez pudéssemos tentar de novo. Viver juntos. Não é tarde demais." Tem de acreditar, Senhor Ryder, isso foi de certa forma indelicado, após todos estes anos, mesmo levando em conta as restrições de tempo. Eu simplesmente respondi: "Mas o que faríamos juntos? Quase não temos mais nada em comum." E, por um ou dois segundos, ficou olhando em volta, confuso, como se eu tivesse mencionado algo em que nunca pensara. Então, apontou para a jaula à nossa frente e disse: "Podíamos ter um animal. Podíamos amá-lo e cuidar dele juntos. Talvez seja isso que nos faltasse antes." E eu não soube o que responder, por isso apenas ficamos ali, e eu vi o Senhor Von Winterstein fazer menção de se aproximar, mas, então, ele deve ter sentido alguma coisa na maneira como eu e Leo estávamos ali, pois mudou de idéia, se deteve e se pôs a conversar com o Senhor Von Braun. Então, Leo ergueu o dedo, um gesto típico dele, de há muito tempo, e disse: "Tinha um cachorro, como sabe, mas ele morreu ontem. Cachorro não é bom. Escolheremos um animal que viva por muito tempo. Vinte, vinte e cinco anos. Dessa maneira, contanto que cuidemos bem dele, morreremos primeiro, não precisaremos lamentá-lo. Nunca tivemos filhos, por isso podíamos fazer assim." Eu respondi: "Você não pensou em tudo. Nosso animal querido pode

sobreviver a nós, mas é pouco provável que nós dois morrámos ao mesmo tempo. Talvez não precise chorar o animal, mas se, digamos, eu morrer antes de você, terá de me prantear." Ao que ele respondeu rapidamente: "É melhor que não ter ninguém para pranteá-la quando se for." "Mas não receio esse tipo de coisa", eu disse. Ressaltei que havia ajudado muitas pessoas nesta cidade ao longo dos anos e que quando morresse não faltaria quem me chorasse. E ele disse: "Nunca se sabe. Talvez as coisas melhorem para mim, a partir de agora. Eu também devo ter muitos pranteadores quando morrer. Talvez centenas." Depois, ele disse: "Mas que importância tem se nenhum deles realmente ligar para mim? Trocaria todos eles por alguém que amei e que me amou." Devo admitir, Senhor Ryder, que essa conversa me entristecia um pouco e não consegui pensar em nada para lhe dizer. Então, Leo falou: "Se tivéssemos tido filhos, qual seria a idade deles hoje? Agora seriam belos." Como se precisassem de anos para ficarem bonitos! Então, tornou a falar: "Nunca tivemos filhos. Então, vamos fazer assim." Quando repetiu isso, bem, acho que fiquei confusa e olhei de relance, por sobre seu ombro, para o Senhor Von Winterstein, que imediatamente veio até nós fazendo uma observação jocosa, e isso foi tudo. Foi o fim de nossa conversa.

Continuávamos a caminhar vagarosamente pela sala, seu braço ainda no meu. Passei um instante digerindo o que ela havia me contado. Depois, disse:

— Estava me lembrando da última vez em que nos encontramos, Senhorita Collins. A senhora foi gentil me convidando ao seu apartamento para falarmos sobre meus problemas.

Ironicamente, parece que agora trata-se mais de discutir sobre as decisões que a senhora deve tomar em sua vida. Eu me pergunto o que decidirá fazer. Se me permite, está em uma espécie de encruzilhada.

A Senhorita Collins riu.

— Oh, caro Senhor Ryder, estou velha demais para ficar em qualquer encruzilhada. E é realmente tarde demais para Leo falar dessa maneira. Se tivesse acontecido há pelo menos sete ou oito anos... — Ela deu um suspiro e, por um momento fugaz, uma tristeza profunda atravessou sua face. Depois, tornou a exibir seu sorriso dócil. — Não é mais o momento para começar todo um conjunto novo de esperanças, medos e sonhos. Sim, sim, vai me dizer imediatamente que não sou tão velha, que minha vida está longe de ter acabado, e agradeço. Mas o fato é que é tarde demais e seria... bem, digamos que seria confuso complicar as coisas agora. Ah, o Mazursky! Sempre me cativou! — Fez um gesto na direção do gato vermelho de argila sobre um pedestal em nosso caminho. — Não, Leo já criou confusão suficiente em minha vida. Há muito tempo construí uma vida diferente, e se perguntar às pessoas da cidade, a maioria, espero, lhe dirá que me saí muito bem. Que fui muito útil a muitos deles durante uma época de penúria crescente. É claro que não fui capaz de alcançar nada em seu nível, Senhor Ryder. Mas isso não significa que eu não possa desfrutar uma certa sensação de satisfação quando olho para trás e vejo o que fui capaz de fazer. Sim, no todo, sinto-me satisfeita com a vida que criei para mim mesma depois de Leo, e quero deixá-la como está.

— Mas certamente, Senhorita Collins, deveria, pelo menos, considerar atentamente a situação atual. Não consigo entender como não vê como uma boa recompensa, depois de toda sua obra, ser capaz de compartilhar o anoitecer de sua vida com o homem que, perdoe-me, com o homem que, de certa forma, admite continuar amando. Digo isso porque, bem, por que outra razão continuaria a viver nesta cidade por tantos anos? Por que nunca pensou em se casar de novo?

— Oh, pensei em me casar de novo, Senhor Ryder. Pelo menos com três homens, ao longo desses anos. Mas eles... não eram corretos. Talvez haja um fundo de verdade no que diz. Leo estava por perto e isso tornava impossível que eu sentisse o suficiente por esses outros. Bem, em todo caso, estou falando de há muito tempo. Sua pergunta, por sinal compreensível, consiste em por que eu não terminaria meus dias com Leo? Bem, vamos refletir por um momento. Leo, agora, está sóbrio e calmo. Permanecerá assim por muito tempo? Talvez. Há uma chance, admito. Principalmente se agora conquistar o reconhecimento, voltar a ser uma personalidade de renome, com grandes responsabilidades. Mas se eu concordar em voltar para ele, bem, aí será uma outra história. Depois de pouco tempo ele decidirá destruir tudo o que construiu, exatamente como fez antes. E aonde isso nos levaria? Aonde isso levaria a cidade? De fato, Senhor Ryder, acho que tenho um dever público de não aceitar os pedidos dele.

— Perdoe-me, Senhorita Collins, mas não consigo deixar de acreditar que a senhora não está tão convencida de seus argumentos como gostaria. Que em algum lugar, lá no fundo,

sempre esperou retomar sua antiga vida, sua vida com o Senhor Brodsky, reatar. Que toda sua boa ação, a que, não tenho dúvida, o povo desta cidade sempre será grato, foi encarada, essencialmente, como algo a ser empreendido enquanto esperava.

A Senhorita Collins inclinou a cabeça e considerou minhas palavras com um sorriso divertido.

— Talvez haja um fundo de verdade no que diz, Senhor Ryder — disse ela, por fim. — Talvez eu não me desse conta da velocidade com que o tempo passa. Só recentemente, de fato, no ano passado, percebi como era rápido. Que nós dois estávamos envelhecendo e que, talvez, fosse tarde demais para pensar em recuperar o que tivemos. Sim, talvez o senhor tenha razão. Quando o deixei pela primeira vez, não via a situação como permanente. Mas será que eu estava esperando, como o senhor diz? Realmente, não sei. Penso em termos do dia-a-dia. E agora descubro que o tempo passou. Mas, hoje, ao pensar em tudo isso, em minha vida, no que fiz com ela, não me parece tão ruim. Gostaria que as coisas terminassem assim, da maneira como estão. Por que me envolveria com Leo e esse animal? Seria realmente complicado demais.

Eu estava a ponto de tornar a exprimir, da maneira mais delicada possível, meu ceticismo em relação à sua total convicção do que dizia, quando percebi Boris tocando em meu cotovelo.

— Temos de ir logo para casa. Mamãe está ficando chateada. Olhei para onde ele apontava. Sophie estava a alguns passos de onde a deixara, completamente isolada, sem falar com ninguém. Um tênue sorriso pairava em seu rosto, embora não

houvesse a quem exhibi-lo. Seus ombros estavam curvados, e seu olhar parecia fixo nos sapatos do grupo mais próximo.

A situação era claramente irremediável. Contendo minha fúria em relação a todos os presentes, disse a Boris:

— Tem razão. É melhor irmos. Vá buscar sua mãe. Tentaremos sair sem ninguém notar. Viemos, por isso ninguém pode reclamar.

Lembrei-me, por causa da noite anterior, que a casa era contígua ao hotel. Quando Boris se perdeu na multidão, virei-me para averiguar as portas alinhadas à parede, tentando lembrar qual delas havia conduzido eu e Stephan Hoffman ao corredor do hotel. Mas, exatamente nesse momento, a Senhorita Collins, que ainda segurava meu braço, recomeçou a falar:

— Se tivesse de ser franca, totalmente franca, teria de admiti-lo. Sim, em meus momentos menos racionais, foi meu sonho.

— Oh, o que, Senhorita Collins?

— Bem, tudo. Tudo que está acontecendo agora. Que Leo se recuperasse, que ocupasse uma posição digna na cidade. Que tudo voltasse ao normal, que os anos terríveis ficassem de vez para trás. Sim, tenho de admiti-lo, Senhor Ryder. Uma coisa é, durante o dia, sermos sensatos e racionais. Mas, durante a noite, a história é outra. Muitas vezes ao longo desses anos todos despertei à noite, na madrugada, e fiquei ali deitada pensando sobre isso, pensando em como esse tipo de coisa poderia acontecer. Agora, começa a acontecer de verdade, e me confunde. Mas, entende?, não está

acontecendo realmente. Oh, Leo pode ser bem capaz de realizar alguma coisa aqui, já teve muito talento, e este não pode ter desaparecido por completo. É verdade, ele nunca teve uma chance, uma boa chance antes, onde estávamos. Mas é tarde demais para nós dois. O que quer que ele diga, sem dúvida é tarde demais.

— Senhorita Collins, gostaria muito de falar sobre isso com mais tempo. Porém, infelizmente, tenho de sair agora.

Na verdade, enquanto dizia isso, vi Sophie e Boris atravessando a sala na minha direção. Soltando-me da Senhorita Collins, tornei a pensar nas portas, recuando um pouco para ter uma visão daquelas depois da curva. Ao examiná-las, todas me pareceram vagamente familiares, mas não sentia segurança em relação a nenhuma. Ocorreu-me pedir a orientação de alguém, mas resolvi não fazê-lo, com medo de atrair a atenção para nossa partida prematura.

Conduzi Sophie e Boris na direção das portas, ainda na dúvida. Não sei bem por que, passaram-se na minha cabeça as várias cenas de filmes em que um personagem, querendo sair de uma sala de uma maneira majestosa, abre a porta errada e entra em um armário. Ainda que pela razão diametralmente oposta — queria que saíssemos sem chamar a menor atenção, de modo que, depois, ao comentarem, ninguém tivesse muita certeza da hora em que havíamos partido —, era crucial evitar uma calamidade dessa.

No final, decidi pela porta mais central, simplesmente porque era a mais imponente. Havia incrustações de pérolas em suas almofadas e era ladeada por duas colunas de pedra. Nesse

momento, na frente de cada coluna, posicionaram-se garçons uniformizados, tão rígidos como sentinelas. Uma passagem com essa imponência, pensei, mesmo que não nos leve diretamente ao hotel, certamente conduzirá a um local de importância, de onde poderíamos achar nosso caminho, longe do olhar do público.

Fazendo um sinal a Sophie e Boris para que me acompanhassem, me dirigi para lá e, acenando ligeiramente com a cabeça para um dos homens uniformizados, como se dissesse "Não precisa se mexer, sei o que estou fazendo", empurrei a porta. Então, para meu horror, a coisa que eu mais temia aconteceu: havia aberto um armário de vassouras, cheio além de sua capacidade. Vários esfregões despencaram, caindo com um estrondo sobre o chão de mármore, espalhando uma substância escura e felpuda para tudo que é lado. Olhando para dentro do armário, vi uma pilha desordenada de baldes, trapos gordurosos e latas de aerossol.

— Com licença — disse a meia voz ao homem uniformizado mais perto de mim, enquanto ele se apressava a juntar todos os esfregões e, com olhares acusadores na nossa direção, dirigi-me rapidamente à porta do lado.

Determinado a não cometer o mesmo erro duas vezes, abri essa segunda porta com cuidado. Agi bem lentamente, e mesmo sentindo vários olhares às minhas costas, mesmo sentindo o vozerio aumentar e alguém perto dizer "Meu Deus, não é o Senhor Ryder?", resisti à tentação do pânico, movendo a porta aos pouquinhos, sem deixar de espreitar pela fenda, para me certificar de que não havia nada para despencar. Quando, para meu alívio, vi

que a porta dava para um corredor, atravessasse-a rapidamente e fiz um sinal para Sophie e Boris se apressarem.

20

Fechei a porta quando passaram e nós três olhamos em volta. com um certo orgulho, vi que, na segunda tentativa, havia escolhido exatamente a porta certa e, agora, estávamos no comprido e escuro corredor que passava pela sala de estar e conduzia ao saguão. De início, ficamos imóveis, um pouco atordoados pelo silêncio depois do barulho da galeria. Então, Boris bocejou e disse:

— Foi uma festa muito chata.

— Atroz — disse eu, tornando a me sentir furioso com todas as pessoas presentes na recepção. — Que bando patético. Não fazem a menor idéia do que seja um comportamento educado. — Depois, acrescentei: — Sua mãe era, de longe, a mulher mais bonita. Não era, Boris?

Sophie deu uma risadinha no escuro.

— Era — eu disse. — Era disparado a mais bonita.

Boris ia dizer alguma coisa, mas, então, todos escutamos o ruído de algo coleando, proveniente de algum lugar naquela escuridão. Quando minha vista se acostumou, consegui divisar, mais adiante, a silhueta de um animal enorme, vindo lentamente em nossa direção, emitindo o ruído sempre que se movia. Sophie e Boris

perceberam sua presença ao mesmo tempo e, por um instante, ficamos todos paralisados. Então, Boris exclamou a meia voz:

— É o vovô!

Foi quando vi que o animal, na realidade, era Gustav, arqueado, carregando uma mala sob o braço, uma outra pela alça e puxando uma terceira — a responsável pelo ruído de algo coleando. Por um momento, deu a impressão de não estar avançando, e sim se balançando em um ritmo lento.

Boris precipitou-se alegremente para ele, enquanto Sophie e eu o acompanhamos de certa forma hesitantes. Ao nos aproximarmos, Gustav, finalmente ciente de nossa presença, parou e endireitou, parcialmente, o corpo. Não pude ver sua expressão no escuro, mas sua voz soou animada quando disse:

— Boris, que surpresa agradável.

— É o vovô! — Boris tornou a exclamar. Depois, disse: — Está ocupado?

— Sim, muito trabalho.

— Deve estar muito ocupado. — Havia uma tensão incomum na voz de Boris. — Muito, muito ocupado.

— Sim — disse Gustav, recobrando o fôlego —, muito ocupado. Chegando mais perto de Gustav, eu disse:

— Lamentamos incomodá-lo em pleno trabalho. Estivemos em uma recepção e agora íamos para casa. Para um grande jantar.

— Ah — disse o carregador, nos olhando. — Ah, sim. Isso é ótimo. Fico contente em ver os três juntos. — Depois, disse a Boris: — Como vai você, Boris? E como vai sua mãe?

— Mamãe está um pouco cansada — disse Boris. — Estamos todos ansiosos pelo jantar. Depois, jogaremos Warlord.

— Parece esplêndido. Tenho certeza de que se divertirão. Bem...

— Gustav calou-se por um instante. Depois, disse: — É melhor eu continuar meu trabalho. Estamos muito ocupados no momento.

— Sim — disse Boris, com calma.

Gustav passou a mão no cabelo do menino. Depois, curvou-se de novo e recomeçou sua marcha arrastada. Estendendo a mão a Boris, tirei-o do caminho de Gustav. Talvez porque estivéssemos observando, ou porque aquela breve pausa restaurara parte de sua energia, o carregador, dessa vez, ao passar por nós, deu a impressão de avançar de modo mais firme. Pus-me a guiar o caminho até o saguão, mas Boris se mostrava relutante em me seguir, olhando para trás, para onde a figura curvada de seu avô podia ainda ser distinguida.

— Vamos, depressa — disse eu, colocando o braço em volta de seus ombros. — Estamos todos com fome.

Havia recomeçado a andar quando ouvi Sophie, atrás de mim, dizer:

— Não, o caminho é por aqui.

Virei-me e a vi se abaixando para passar por uma pequena porta, na qual eu não havia reparado antes. De fato, mesmo que a tivesse notado, nunca teria pensado que fosse algo mais que a porta de um armário, pois mal chegava ao meu ombro. Entretanto, Sophie a segurava aberta e Boris, como o ar de alguém que já fizera aquilo inúmeras vezes, a atravessou. Sophie continuou a segurá-la e, depois de hesitar um pouco, também me abaixei e me arrastei atrás de Boris.

Achei que esbarraria em um túnel, tendo de andar de gatinhas, mas, de fato, dei em outro corredor. Sem dúvida era mais espaçoso que o primeiro, o que acabáramos de deixar, mas claramente destinado aos funcionários. O piso não era carpetado e havia canos aparentes ao longo da parede. De novo, estávamos no escuro, embora, um pouco mais adiante, uma faixa de luz elétrica atravessasse o chão. Caminhamos até a luz. Então, Sophie tornou a parar e empurrou uma porta de emergência. No momento seguinte estávamos do lado de fora, em uma tranqüila rua secundária.

Era uma bonita noite, com muitas estrelas. Olhando a rua, vi que estava deserta e que todas as lojas estavam fechadas. Quando nos pusemos a andar, Sophie disse alegremente:

— Foi uma surpresa encontrarmos assim seu avô, não foi, Boris? Boris não respondeu. Andava com passadas largas à nossa frente, falando baixinho consigo mesmo.

— Você também deve estar com muita fome — me disse Sophie.

— Só espero que tenha preparado o suficiente. Fiquei tão entusiasmada ao preparar todas aquelas coisas que me esqueci de um prato realmente substancial. À tarde, achei que era muita coisa, mas agora, pensando bem...

— Não seja boba, dará certo — disse eu. — Estou a fim exatamente disso. Uma porção de coisinhas, uma atrás da outra. Entendo perfeitamente por que Boris gosta de comer assim.

— Minha mãe costumava fazer isso quando eu era pequena. Nas noites especiais. Não nos aniversários ou no Natal, quando fazíamos como todo mundo. Mas nas noites que queríamos que fossem especiais, só nós três. Uma porção de pequenas coisas deliciosas. Mas, depois, nos mudamos e minha mãe não estava bem, portanto não fizemos mais com tanta frequência. Espero ter preparado o bastante para vocês. Devem estar famintos. — Então, de repente, acrescentou:

— Desculpe. Não causei muito boa impressão esta noite, não foi?

Eu a revi sozinha, desamparada, no meio daquele monte de gente. Coloquei o braço em torno dela. Reagiu apertando-se contra mim, e, sem falarmos, caminhamos assim durante alguns minutos, passando por uma série de ruazinhas desertas. A certa altura, Boris veio para nosso lado e perguntou:

— Posso comer sentado no sofá? Sophie pensou por um momento e disse:

— Está bem. Dessa vez sim, tudo bem.

Boris andou ao nosso lado por mais algum tempo, depois perguntou:

— Posso comer no chão? Sophie riu.

— Só hoje à noite, Boris. Amanhã de manhã, no café, terá de se sentar à mesa.

Isso pareceu agradar a Boris e ele correu à frente com um certo entusiasmo.

Por fim, fizemos uma parada em frente a uma porta espremida entre uma barbearia e uma padaria. A rua era estreita, ainda mais exígua por causa da quantidade de carros estacionados nas calçadas. Quando Sophie pegou as chaves, olhei para cima e vi que havia mais quatro andares acima das lojas. Algumas janelas estavam com as luzes acesas e dava para escutar vagamente o som de uma televisão.

Segui os dois, subindo dois lances de escada. Quando Sophie abriu a porta, ocorreu-me que talvez esperassem que eu me comportasse como se estivesse familiarizado com o apartamento. Por outro lado, era igualmente possível que me comportasse como um convidado. Quando entramos, resolvi observar atentamente como Sophie agia e imitá-la. Acontece que, nem bem fechou a porta atrás de nós, ela nos comunicou que tinha de acender o forno e desapareceu no apartamento. Boris, por sua vez, tirou a jaqueta e entrou correndo, fazendo o som de uma sirene de polícia.

Deixado só no hall de entrada, aproveitei a oportunidade para dar uma boa olhada à minha volta. Era quase certo que Sophie

e Boris esperavam que eu conhecesse o ambiente, e claro que quanto mais olhasse para as portas entreabertas à minha frente, o papel de parede amarelo desbotado, com seu padrão floral indistinto, a tubulação exposta, do piso ao teto, por trás do cabide, poderia sentir a imagem desse hall retornando gradualmente à minha memória.

Passados alguns minutos, entrei na sala de estar. Apesar de haver muitas coisas que não reconheci — o par de poltronas fundas e antigas, cada uma de um lado da lareira sem uso, eram, indubitavelmente, aquisições recentes —, minha impressão foi de poder me lembrar mais claramente desse cômodo do que do hall. A grande mesa de jantar oval encostada à parede, a segunda porta que dava para a cozinha, o sofá escuro e disforme, o carpete laranja e gasto, tudo era nitidamente familiar. A luz projetada — uma única lâmpada coberta por um abajur de chintz — formava um padrão impreciso ao redor, de modo que eu não podia afirmar que o papel de parede estivesse com algumas manchas de mofo. Boris estava deitado no chão e rolou de costas quando entrei na sala.

— Decidi fazer uma experiência — declarou, mais ao teto que a mim. — Ficarei com o pescoço assim.

Olhei para baixo e vi que havia encurtado o pescoço de modo tal que o queixo estava comprimido em sua clavícula.

— Entendo. E durante quanto tempo pretende ficar assim?

— No mínimo, vinte e quatro horas.

— Muito bom, Boris.

Passei por cima dele e fui à cozinha. Era uma peça comprida e estreita e, também, incontestavelmente familiar. As paredes encardidas, os indícios de teias de aranha próximo às cornijas, a máquina de lavar roupa em péssimas condições, tudo instigava insistentemente minha memória. Sophie colocara um avental e estava ajoelhada, arrumando alguma coisa no forno. Olhou para cima quando entrei, fez alguma observação sobre a comida, apontou para dentro do forno e riu alegre. Eu também ri e, depois, lançando mais um olhar à cozinha, me virei e voltei para a sala.

Boris continuava deitado no chão e, quando cheguei, encolheu o pescoço imediatamente. Não lhe dei atenção e me sentei no sofá. Havia um jornal no tapete e o peguei, pensando que talvez fosse o que tivesse minhas fotos. De fato, era de muitos dias atrás, mas resolvi lê-lo assim mesmo. Enquanto lia a primeira página — o tal Von Winterstein era entrevistado sobre os planos para conservar a Cidade Velha —, Boris continuou ali no tapete, sem falar, emitindo, ocasionalmente um som como o de um robô. Sempre que relanceava os olhos para ele, via seu pescoço encolhido e decidi não falar nada até que parasse com essa brincadeira ridícula. Se o encolhia toda vez que pressentia que eu o observaria, ou se o mantinha contraído o tempo todo, eu não sabia, mas logo deixei de me preocupar. "Pois que fique deitado, então", pensei e continuei a ler.

Finalmente, após cerca de vinte minutos, Sophie entrou com uma travessa carregada. Distingui vol-au-vents, salgadinhos, tortas, tudo pequenino e elaborado. Sophie colocou a travessa sobre a mesa.

— Vocês estão muito quietos — disse olhando em volta. Venham, vamos nos divertir. Boris, veja! E tem outro prato igual lá dentro. Tudo de que você mais gosta! Por que não escolhem alguma coisa para jogarmos enquanto vou buscar o resto?

Assim que Sophie voltou para a cozinha, Boris ficou de pé com um pulo, foi até a mesa e encheu a boca com uma torta. Senti-me tentado a lhe dizer que seu pescoço voltara ao normal, mas acabei continuando a ler o jornal sem falar nada. Boris tornou a fazer o som de sirene e, atravessando a sala correndo, parou em frente a um armário no outro extremo. Lembrei-me de que todos os jogos eram guardados ali, as caixas grandes e chatas empilhadas precariamente em cima de outros brinquedos e materiais domésticos. Boris ficou olhando o armário por um instante, e, então, de repente, escancarou a porta.

— Qual nós vamos jogar? — perguntou.

Fingi não ter escutado e continuei a ler. Vi-o, pelo canto do olho, primeiro se virar para mim, depois, percebendo que eu não responderia, voltar-se para o armário.

Ficou ali por algum tempo, contemplando a pilha de jogos e, de vez em quando, estendia a mão para uma ou outra caixa.

Sophie retornou trazendo mais comida. Enquanto ajeitava a mesa, Boris se aproximou dela e ouvi os dois discutindo sem se alterarem.

— Você disse que eu podia comer no chão — insistia Boris. Dali a pouco, ele tornou a se jogar no chão à minha frente,

colocando um prato cheio ao seu lado.

Levantei-me e fui até a mesa. Sophie me rondava ansiosamente enquanto eu pegava um prato e pensava no que escolher.

— Parece excelente — eu disse, me servindo.

Retornando ao sofá, vi que, colocando o prato sobre uma almofada ao meu lado, poderia continuar a ler o jornal e comer ao mesmo tempo. Havia resolvido examiná-lo atentamente, esmiuçando até mesmo os anúncios dos negócios locais, e persisti no projeto, pegando algo no prato ocasionalmente, sem tirar os olhos do jornal.

Nesse ínterim, Sophie sentara-se no chão ao lado de Boris, fazendo-lhe, de vez em quando, uma pergunta — sobre como ele gostava de um certo bolo de carne ou sobre algum colega. Mas, sempre que ela tentava encetar uma conversa, Boris estava com a boca cheia demais para responder outra coisa que não um grunhido. Então, Sophie disse:

— Bem, Boris, já decidiu o que quer jogar?

Senti o olhar dele na minha direção. Depois, ele disse calmamente:

— Para mim tanto faz, qualquer um.

— Tanto faz? — Sophie parecia incrédula. Houve uma pausa longa, depois, ela disse: — Se é assim, tudo bem. Se para você tanto faz, eu escolho.

Essa estratégia pareceu convencer Boris por um certo tempo. Levantando-se um tanto excitado, seguiu a mãe até o armário e ouvi os dois trocando idéias em frente à pilha de caixas, a voz baixa como se em deferência ao fato de eu estar lendo. Por fim, retornaram e se sentaram no chão novamente.

— Bem, comecemos — disse Sophie. — Podemos começar a jogar enquanto comemos.

Quando tornei a olhar de relance para eles, o tabuleiro havia sido aberto e Boris posicionava os cartões e as fichas de plástico, de certa forma entusiasmado. Portanto fiquei surpreso quando dali a alguns minutos entendi Sophie dizer:

— O que há? Disse que queria este.

— Eu queria.

— Então, qual é o problema, Boris? Houve uma pausa antes de Boris responder.

— Estou cansado demais. Como o papai.

Sophie deu um suspiro. De repente, disse em um tom mais animado:

— Boris, seu pai comprou uma coisa para você.

Não consegui deixar de olhar pelo canto do jornal, e, ao fazê-lo, Sophie me lançou um sorriso de cumplicidade.

— Posso dar para ele agora? — me perguntou.

Não fazia a menor idéia do que ela estava falando e lhe devolvi um olhar intrigado, mas ela se levantou e saiu da sala. Voltou quase que imediatamente depois, segurando o esfarrapado manual do faz tudo que eu tinha comprado no cinema na noite anterior. Boris, esquecendo-se de seu suposto cansaço, ficou em pé de um pulo, mas Sophie, para mexer com ele, não deixou que alcançasse o livro.

— Seu pai e eu saímos juntos ontem à noite — disse ela. — Foi uma noite maravilhosa e ele se lembrou de você e comprou isso. Nunca teve nada parecido, não é, Boris?

— Não lhe diga que é uma coisa tão maravilhosa — disse por trás do jornal. — É apenas um velho manual.

— Papai foi muito gentil, não foi?

Dei outra espiada. Sophie, agora, deixou Boris pegar o livro e ele se pôs de joelhos para examiná-lo.

— É o máximo — murmurou, folheando-o. — É mesmo o máximo. — Deteve-se em uma página. — Mostra como fazer tudo.

Virou mais algumas páginas e, então, o livro fez um craque e se partiu em dois. Boris continuou a folheá-lo como se nada tivesse acontecido. Sophie, que fizera menção de se abaixar, parou ao ver a reação dele.

— Mostra tudo — disse Boris. — É muito bom.

Tive a nítida impressão de que se dirigia a mim. Continuei a ler e um pouco depois ouvi Sophie dizer com ternura:

— Vou buscar a fita adesiva. Só precisamos disso.

Ouvi Sophie sair da sala e continuei lendo. Podia ver, pelo canto do olho, Boris continuando a virar as páginas. Pouco depois, ergueu os olhos para mim e disse:

— Há uma brocha especial para se colocar papel de parede. Continuei lendo. Por fim, Sophie surgiu de volta.

— É estranho, não consigo achar a fita adesiva em lugar algum — resmungava.

— O livro é o máximo — Boris lhe disse. — Mostra como fazer tudo.

— É estranho. Talvez tenha acabado. — Sophie voltou para a cozinha. Eu tinha uma vaga lembrança de os diversos rolos de fita adesiva serem guardados no mesmo armário que os jogos, dentro de uma das pequenas gavetas no canto direito embaixo. Pensei em largar o jornal e procurá-los, mas Sophie entrou de novo na sala.

— Não importa — disse ela —, comprarei amanhã de manhã e remendaremos o livro. Agora, vamos começar logo a jogar, Boris, ou não terminaremos antes de dormir, Boris não respondeu. Eu percebia que ainda estava no tapete, virando as páginas.

— Bem, se não vai jogar — disse Sophie —, começarei sozinha.

Ouviu-se o som de um dado chacoalhando no copo. Enquanto lia o jornal, não pude deixar de sentir um pouco de pena de Sophie em função de como a noite transcorria.

Mas ela não podia esperar que, sendo responsável pelo caos em minha vida, não pagasse um certo preço. Além disso, não havia se esmerado de modo particular na cozinha.

Não pensara em preparar, por exemplo, sardinhas sobre torradas, ou queijos e kebabs com molho. Não havia feito qualquer tipo de omelete, nem batatas recheadas com queijo, nem bolinhos de peixe. Tampouco havia algo com pimenta. Nem pãozinhos com pasta de anchova, nem pepinos cortados ao comprido, nem mesmo fatias de ovos cozidos, com as bordas em ziguezague. E, para depois, não havia ameixas, creme de nata, nem mesmo rocambole suíço de morango.

Fiquei aos poucos consciente de que Sophie chacoalhava o dado já há muito tempo. De fato, o chocalhar mudara sua qualidade desde que ela começara a brincar com o dado. Agora, parecia agitá-lo bem vagarosamente, como se no ritmo de alguma melodia que tocasse em sua mente. Abaixei o jornal, um tanto alarmado.

No chão, Sophie estava inclinada sobre o braço enrijecido, uma postura que fazia com que seu cabelo comprido caísse sobre seu ombro, ocultando completamente sua face. Parecia completamente absorvida pelo jogo, e seu peso caíra para a frente extraordinariamente, de modo que estava suspensa sobre o tabuleiro. Seu corpo balançava delicadamente. Boris observava-a chateado, passando as mãos sobre a parte em que o livro se separara.

Sophie continuou agitando o dado por trinta, quarenta segundos, antes de finalmente deixá-lo rolar à sua frente. Examinou-o com ar sonhador, moveu algumas peças no tabuleiro, e recomeçou a chocalhá-lo.

Eu pressentia alguma coisa perigosa na atmosfera e decidi que estava na hora de assumir o controle da situação. Largando o jornal, bati palmas e me levantei.

— Tenho de voltar ao hotel — comuniquei. — E sugiro aos dois irem para a cama. Todos tivemos um dia cansativo.

Notei a expressão surpresa de Sophie ao me dirigir com passos largos ao hall. Logo em seguida, ela apareceu atrás de mim.

— Já vai? Comeu bem?

— Lamento, sei que trabalhou muito preparando tudo, mas já é muito tarde. Amanhã meu dia será muito agitado.

Sophie suspirou e pareceu desanimada.

— Desculpe — disse ela. — A noite não foi muito boa. Desculpe.

— Não se preocupe, a culpa não é sua. Estávamos todos cansados. Agora, realmente tenho de ir.

Sophie acompanhou-me contrariada até a porta e disse que me ligaria pela manhã.

Passei os minutos seguintes vagando pelas ruas desertas, tentando me lembrar do caminho de volta ao hotel. Finalmente, dei

em uma rua que reconheci e comecei a desfrutar o silêncio da noite, a oportunidade de estar só com meus pensamentos e o ruído de meus passos. Entretanto, não passou muito tempo e senti um certo remorso pelo modo como a noite se encerrara. Porém o fato era que, além de todo o resto, Sophie conseguira reduzir minha agenda tão cuidadosamente planejada a um caos. E agora, ali estava eu, chegando ao final de meu segundo dia na cidade, tendo conseguido apenas os insights mais superficiais a respeito da crise que eu tinha vindo avaliar.

Lembrei que havia sido impedido, até mesmo, de comparecer ao encontro com a condessa e o prefeito, quando teria tido a chance de finalmente escutar um pouco da música de Brodsky. Evidentemente, ainda havia muito tempo para eu recuperar o que havia perdido. Os vários encontros substanciais que tinha pela frente — como, por exemplo, com o Grupo de Apoio Mútuo — certamente me dariam fundamentos para formar um quadro mais completo da situação. Entretanto, era inegável que havia sido colocado sob uma certa tensão e Sophie dificilmente teria motivos para se queixar de eu não ter encerrado o dia com o mais relaxado dos estados de espírito.

Fiquei errando sobre uma ponte de pedra pensando nessas coisas. Ao parar e olhar para a água lá embaixo, para a fileira de postes ao longo das margens do canal, ocorreu-me que ainda poderia aceitar o convite da Senhorita Collins. Não havia dúvida de que insinuara que sua posição era exclusivamente a de prestar ajuda e agora, com meu tempo na cidade tornando-se cada vez mais limitado, percebi como uma boa conversa com ela poderia

desembaraçar-me enormemente, fornecendo-me virtualmente toda a informação que já teria coletado sozinho se Sophie não tivesse interferido. Pensei novamente na sala da Senhorita Collins, nas cortinas de veludo e na mobília gasta, e senti uma vontade inesperada de estar lá naquele exato momento. Recomecei a andar sobre a ponte, depois, na rua escura, decidido a visitá-la de manhã, na primeira oportunidade.

PARTE III

21

Acordei e deparei com a forte luz do sol que atravessava as persianas verticais. Fui tomado pela sensação de pânico por ter perdido grande parte da manhã. Então, lembrei a decisão que tomara na noite anterior de fazer uma visita à Senhorita Collins e saí da cama sentindo-me muito mais calmo.

O quarto era menor e claramente mais abafado que o outro e, de novo, me senti irritado com Hoffman por ter me obrigado a mudar. Mas o assunto dos quartos já não tinha tanta importância quanto tivera na manhã anterior e enquanto me lavava e me vestia não senti dificuldades em me concentrar no importante encontro com a Senhorita Collins, do qual dependia tanta coisa. Quando saí do quarto, já não me preocupava mais em ter dormido demais — ter dormido bem, eu sabia, se revelaria inestimável a longo prazo — e estava ansioso por um bom café da manhã, durante o qual organizaria minhas idéias a respeito dos tópicos que abordaria com a Senhorita Collins.

Chegando à sala do café, fiquei surpreso ao ser recebido pelo ruído do aspirador de pó. A porta da sala estava fechada e, quando a abri ligeiramente, vi duas mulheres de macacão limpando o tapete, as mesas e cadeiras encostadas à parede. A possibilidade de enfrentar um encontro tão crucial sem tomar o café da manhã não era nada satisfatória e retornei ao saguão bastante desapontado. Passei por um grupo de turistas americanos, na direção da recepção. O recepcionista estava sentado, lendo uma revista, mas ao me ver levantou-se.

— Bom dia, Senhor Ryder.

— Bom dia. Fiquei um pouco desapontado ao saber que o café da manhã não será servido.

Por um instante, o rapaz pareceu intrigado. Depois, disse:

— Normalmente, mesmo a esta hora, alguém lhe serviria o desjejum. Mas, evidentemente, hoje sendo o dia que é, naturalmente grande parte do pessoal está na sala de concerto para ajudar com os preparativos. O próprio Senhor Hoffman está lá desde cedo. Receio só estarmos funcionando com a metade dos funcionários. Infelizmente, o átrio também teve de ser fechado até a hora do almoço. É claro que se for questão de apenas um café e algumas rosquinhas...

— Está tudo bem — disse eu friamente. — Não tenho tempo de ficar à toa enquanto organizam isso. Hoje, terei de me virar sem o café da manhã.

O recepcionista recomeçou a se desculpar, mas interrompi-o com um gesto da mão e me afastei.

Saí do hotel para a luz do sol. Só quando já havia percorrido uma certa distância, lado a lado com um trânsito intenso, me dei conta de não ter certeza da localização do apartamento da Senhorita Collins. Não havia prestado muita atenção na noite em que fomos até lá com Stephan, e além disso, com as ruas agora tão cheias de gente e carros, nada era reconhecível. Parei por um momento na calçada e pensei em pedir uma orientação a algum passante. Era bem provável que a Senhorita Collins fosse conhecida o bastante para que justificasse eu fazer isso. De fato, estava a ponto de parar um homem de terno que vinha na minha direção, quando senti alguém tocar, por trás, em meu ombro.

— Bom dia, senhor.

Virei-me e vi Gustav, carregando uma grande caixa de papelão, cujas dimensões virtualmente obscureciam a metade superior de seu corpo. Ele ofegava bastante, mas não saberia dizer se isso era em razão exclusivamente da carga excessiva ou de ter-se apressado para me alcançar. Em todo caso, ao cumprimentá-lo e perguntar como estava passando, levou algum tempo antes que pudesse responder.

— Oh, estava levando isso à sala de concerto — acabou dizendo.

— Os objetos maiores foram transportados por caminhonete na noite passada, mas ainda faltavam muitas coisas. Estou de lá para cá, entre o hotel e a sala de concerto, desde manhã

cedinho. Lá, todos estão muito excitados. O clima está muito animado.

— É bom ouvir isso — eu disse. — Também mal posso esperar pelo evento. Mas talvez você possa me ajudar. Tenho um encontro com a Senhorita Collins agora de manhã, mas estou um tanto perdido.

— A Senhorita Collins? Bem, não está muito longe. É por aqui. Andarei com o senhor, se não se incomodar. Oh, não se preocupe, fica bem no meu caminho.

— Talvez a caixa não fosse tão pesada quanto parecia, pois, quando começamos a andar, Gustav manteve o passo firme ao meu lado.

— Estou contente por nosso caminho coincidir — prosseguiu —, pois, para ser franco, há um assunto que gostaria de comentar com o senhor. Na verdade, queria falar sobre isso desde que nos conhecemos, mas por uma razão ou outra nunca consegui mencioná-lo. Agora, a noite está se aproximando e ainda não lhe perguntei. É algo que foi levantado há algumas semanas, no Hungarian Café, em uma de nossas reuniões aos domingos. Aconteceu logo depois de sabermos que viria à cidade e naturalmente, como todo mundo, falamos sobre isso. Alguém, acho que foi Gianni, contava que haviam lhe dito que o senhor era uma pessoa muito decente, completamente diferente dos tipos "prima donna", que tinha a reputação de se preocupar com o cidadão comum, e esse tipo de coisa. Éramos oito ou nove à mesa, Josef não estava, e observávamos o sol se pôr na praça e acho que todos

pensamos a mesma coisa ao mesmo tempo. De início, ficamos em silêncio, sem ninguém se atrever a expor seu pensamento em voz alta. Por fim, Karl, é típico dele, disse o que todos estávamos pensando. "Por que não lhe pedimos? O que temos a perder? Podíamos, pelo menos, perguntar. Ele parece ser completamente diferente daquele outro. Talvez até concorde, nunca se sabe. Por que não lhe pedimos? Pode ser nossa última oportunidade." E, então, de repente, estávamos todos comentando o assunto, e desde então, para falar a verdade, não tornamos a nos sentar sem levantar essa questão. Falávamos sobre qualquer outra coisa, todos rindo, e, de repente, o silêncio caía sobre nós e percebíamos que estávamos todos pensando de novo na mesma coisa. Por isso estava tão descontente comigo mesmo.

Eu o tinha visto algumas vezes, tinha tido a honra de conversar com o senhor e ainda não reunira coragem para pedir. Agora, aqui estamos, a apenas algumas horas do grande evento, e eu ainda não lhe perguntei. Como poderia me justificar diante dos rapazes no domingo? Na verdade, ao me levantar esta manhã, disse a mim mesmo, tenho de procurá-lo, devo pelo menos colocar o assunto ao Senhor Ryder, os rapazes dependem disso. Mas, então, fiquei tão ocupado e o senhor tinha tantas coisas a fazer que eu pensei, bem, talvez tenha perdido a oportunidade. Como vê, estou feliz por tê-lo encontrado casualmente. Espero que não se incomode que eu lhe coloque a questão e é claro que, se achar que pedimos algo impossível, naturalmente, o assunto será encerrado, os rapazes aceitarão, oh, sim, aceitarão.

Dobramos uma esquina e demos com um bulevar agitado. Gustav ficou em silêncio enquanto atravessávamos vários sinais. Só quando estávamos no outro lado, passando por uma série de cafés italianos, ele disse:

— Estou certo de que já sabe o que vou pedir. Tudo que queremos é uma breve alusão. Só isso.

— Uma breve alusão?

— Somente uma pequena menção. Como sabe, muitos de nós trabalhamos duro ao longo dos anos para mudar a atitude desta cidade em relação à nossa profissão. Talvez tenhamos influenciado um pouco, mas no geral não conseguimos causar um impacto maior. E, bem, como é perfeitamente compreensível, desenvolveu-se a frustração. Nenhum de nós é jovem e há um sentimento de que as coisas talvez realmente nunca se modifiquem. Mas uma palavra sua esta noite pode alterar o curso dos acontecimentos. Pode se tornar um marco histórico definitivo em nossa profissão. É como os rapazes vêem a situação. De fato, alguns deles acreditam que é a nossa última chance, pelo menos para a nossa geração. Quando teremos outra oportunidade como essa? Por isso insistem em pedir. Por isso, aqui estou eu colocando a questão para o senhor.

É claro que, se achar que não é relevante, poderei entender muito bem, afinal veio até aqui para tratar de assuntos muito importantes, e estou me referindo a uma questão menor. Grande para nós, mas, se considerada em geral, admito que é pequena. Se achar que é impossível, por favor, diga-o francamente e nunca mais ouvirá falar disso.

Pensei por um instante, consciente de que me observava intensamente pelo canto da caixa.

— Está sugerindo — disse eu depois de algum tempo — que eu os mencione brevemente durante... durante meu discurso às pessoas desta cidade.

— Nada além de algumas poucas palavras.

Certamente, a idéia de ir em auxílio do velho carregador e seus colegas não deixava de ser atraente. Refleti por um instante depois disse:

— Muito bem, ficarei feliz em dizer alguma coisa em nome de vocês.

Percebi Gustav respirar profundamente após o impacto de minha resposta. Então, ele disse calmamente:

— Ficaremos em dívida com o senhor para sempre.

Ia falar mais alguma coisa, porém, não sei por que, fui tomado pela idéia de frustrar, por um certo tempo, suas tentativas de expressar gratidão.

— Sim, vamos pensar sobre isso. Como podemos fazer? — disse eu imediatamente, assumindo um ar preocupado. — Sim, poderia dizer ao subir ao pódio alguma coisa como: "Antes de começar, gostaria de dar minha opinião a respeito de um assunto que embora modesto me parece importante." Alguma coisa assim. Sim, seria bastante natural.

De repente, vi nitidamente o grupo de homens idosos e robustos à mesa do café, a expressão em seus rostos — de incredulidade, de uma alegria inesperada — enquanto Gustav lhes comunicava as boas novas. Vi a mim mesmo sendo introduzindo em seu meio, calma e modestamente, e seus rostos voltados para mim. Durante todo esse tempo, estava ciente de Gustav caminhando ao meu lado, sem dúvida virtualmente pronto para acabar de me agradecer, mas eu continuava a falar.

— Sim, sim, poderia dizer "Um assunto modesto, mas importante". "Há algo aqui que, tendo visitado muitas outras cidades por todo o mundo, achei um tanto peculiar..."

Talvez "peculiar" seja uma palavra muito forte. Talvez fosse melhor dizer "excêntrico".

— Ah, sim — Gustav interrompeu —, "excêntrico" seria uma boa palavra. Nenhum de nós quer provocar antagonismos. Exatamente por isso o senhor é uma oportunidade única para nós. Entende? Mesmo que, daqui a alguns anos, outra celebridade concorde em visitar nossa cidade, e mesmo que consigamos convencê-la a falar em nosso nome, quais seriam as chances de que se expressasse com o mesmo tato do senhor? "Excêntrico" seria perfeito, senhor.

— Sim, sim — prossegui —, e talvez faça uma pausa de um segundo, encarando-os com a expressão levemente acusatória, de modo que todos, a sala toda se cale, aguardando.

Depois, finalmente, poderia dizer algo como, bem, deixa eu ver, poderia dizer: "Senhoras e senhores, para todos vocês que

moram aqui há tantos anos, certas coisas devem parecer normais, coisas que um estrangeiro consideraria de imediato conspícuas..."

Subitamente, Gustav parou de andar. Primeiro, achei que fosse porque a ânsia de expressar sua gratidão tivesse se tornado insuportável. Mas, ao olhar para ele, compreendi que não era o caso. Ficou paralisado na calçada, a cabeça esticada para um lado, por trás da caixa, de modo que seu queixo se comprimia contra ela.

Seus olhos fechados, bem apertados, o cenho franzido, como se, mentalmente, fizesse um cálculo difícil. Então, enquanto o observava, seu pomo-de-adão moveu-se lentamente para

cima e para baixo uma, duas, três vezes.

— O senhor está bem? — perguntei, colocando o braço em suas costas. — Nossa, é melhor se sentar.

Tentei pegar a caixa, mas as mãos de Gustav não a largaram.

— Não, não — disse mantendo os olhos fechados. — Estou bem.

— Tem certeza?

— Sim, sim. Estou muito bem.

Permaneceu completamente imóvel por mais alguns segundos. Depois, abriu os olhos, olhou para mim, riu brevemente e recomeçou a andar.

— Não faz idéia do que isso significará para nós — disse ele, alguns passos adiante. — Depois de todos estes anos. — Balançou a cabeça com um sorriso. — Transmitirei a notícia aos rapazes na primeira oportunidade. Há muito trabalho nesta manhã, mas posso dar um telefonema a Josef, isso bastará. Ele comunicará aos outros. Pode imaginar o que significará para eles? Ah, mas deve dobrar aqui. Eu tenho de prosseguir mais um pouco. Oh, não se preocupe, estou muito bem. O apartamento da Senhorita Collins, como sabe, fica logo ali, à sua direita. Bem, não imagina como estou agradecido. Os rapazes aguardarão a noite de hoje como aguardaram poucas coisas em suas vidas. Eu sei que sim.

Desejando-lhe um bom-dia, segui por onde indicara. Quando, depois de alguns passos, olhei para trás, Gustav continuava na esquina observando-me pela borda da caixa.

Vendo-me virarem sua direção, acenou veementemente com um movimento de cabeça — a caixa impedia que acenasse com a mão — e prosseguiu seu caminho.

A rua em que me encontrava era predominantemente residencial. Passados alguns blocos, ela se tornou mais silenciosa e surgiram edifícios com sacadas no estilo espanhol, que reconheci como aquelas que vira na noite em que a percorrera no carro de Stephan. Estendiam-se quadra após quadra, e comecei a recluir não reconhecer o prédio na frente do qual Boris e eu havíamos esperado naquela noite. Mas, então, me vi parando diante de uma entrada sem dúvida familiar, e após um instante me aproximei e espreitei pelas paredes envidraçadas, uma de cada lado da porta principal.

O hall estava mobiliado de uma maneira neutra e ordeira, e não consegui discriminar quase nada. Então, me lembrei como, naquela noite, tinha observado Stephan e a Senhorita Collins conversando por algum tempo na sala de frente antes de irem mais para o fundo. E correndo o risco de ser confundido com um ladrão, enganchei a perna na murada e me inclinei para olhar pela janela mais próxima. O sol intenso dificultou a visão do interior, mas consegui divisar um homem atarracado, usando uma camisa branca e gravata, sentado em uma poltrona, quase diretamente em frente à janela. Seu olhar parecia fixo em mim, mas sua expressão era vazia e não estava de maneira alguma claro se havia me notado ou se simplesmente encarava a janela perdido em seus pensamentos. Nada do que vi me ajudou muito, mas quando tirei a perna da murada e tornei a olhar para a porta, fiquei convencido de que era realmente aquela e toquei a campainha do apartamento térreo.

Pouco depois, fiquei contente ao ver através da parede envidraçada a figura da Senhorita Collins vindo na minha direção.

— Ah, Senhor Ryder — disse ela, abrindo a porta. — Estava pensando se o veria hoje de manhã.

— Como vai, Senhorita Collins? Depois de pensar um pouco, resolvi aproveitar sua sugestão delicada de vir visitá-la. Mas vejo que já está recebendo alguém. — Fiz um gesto na direção da sala. — Talvez prefira que eu volte outra hora.

— Não permitirei que se vá, Senhor Ryder. Na verdade, embora diga que estou ocupada, em relação às outras manhãs, hoje está bem tranqüilo. Como vê, há apenas uma pessoa aguardando.

Neste momento, estou com um jovem casal. Estamos conversando já há uma hora, mas seus problemas estão tão arraigados, têm tanta coisa a falar, e que não foram capazes de manifestar até hoje, que não tenho coragem de apressá-los. Mas, se não se importar de esperar na sala, não levarão muito mais tempo. — Então, baixando a voz repentinamente, disse: O senhor que está aguardando é apenas um infeliz e solitário que quer que alguém o escute falar sobre isso por alguns minutos, nada mais. Ele não vai se demorar, eu o despacharei logo. Ele vem toda manhã, não se incomoda de às vezes ser apressado, eu o recebo freqüentemente.

— Sua voz voltou ao tom normal quando prosseguiu: — Bem, entre, por favor, Senhor Ryder, não fique aí fora, embora admita que o dia está muito bonito. Se quiser e não houver ninguém esperando, poderíamos dar uma volta no Jardim Sternberg. Fica bem perto e com certeza temos muito o que falar. De fato, pensei muito no que me disse.

— É muito gentil, Senhorita Collins. Na verdade, sabia que poderia estar muito ocupada e não lhe importaria minha presença se não houvesse uma certa urgência. Bem, o fato é que — soltei um suspiro profundo e balancei a cabeça —, o fato é que, por algum motivo, não consegui lidar com as coisas como havia planejado originalmente, e agora aqui estamos e o tempo está passando e... Bem, em primeiro lugar, como sabe, devo discursar hoje à noite, e para ser totalmente franco com a senhora... -

Quase parei, mas, então, vi como olhava para mim, sua expressão bondosa, e fiz um esforço para continuar. — Para ser franco, há várias questões, questões locais, sobre as quais gostaria

de ouvir sua opinião antes de... antes de finalizar — fiz uma pausa na tentativa de fazer minha voz parar de tremer —, antes que eu possa finalizar meu discurso. Afinal, toda essa gente depende tanto de mim...

— Senhor Ryder, Senhor Ryder — a Senhorita Collins colocou a mão em meu ombro —, por favor, acalme-se. E entre. É melhor entrar. Agora, por favor, pare de se preocupar. É bastante compreensível que fique um pouco inquieto, é perfeitamente natural. De fato, sua preocupação é até mesmo louvável. Podemos discutir tudo isso, todas as questões locais, não se preocupe, faremos isso logo logo. Mas permita-me dizer uma coisa agora, Senhor Ryder. Acho que está se preocupando excessivamente. Sim, a responsabilidade será muito grande hoje à noite, mas já passou por várias situações semelhantes e, pelo que se sabe, comportou-se de maneira extremamente louvável. Por que seria diferente dessa vez?

— O que estou querendo dizer, Senhorita Collins — falei, interrompendo-a —, é que desta vez é completamente diferente. Desta vez, não soube lidar com as coisas... de novo suspirei profundamente. — O fato é que não tive chance de preparar o terreno como sempre faço...

— Bem, logo falaremos sobre isso. Mas tenho certeza de que está dando excessiva importância à situação. O que há para se preocupar tanto? Sua perícia é incomparável, é um homem cujo talento é reconhecido internacionalmente, afinal, o que tem a temer? A verdade é que — tornou a baixar a voz — as pessoas de uma cidade como esta ficariam agradecidas com qualquer coisa que

fizesse. Basta lhes dizer suas impressões gerais, não se queixarão. Não tem absolutamente nada a temer.

Assenti com a cabeça, percebendo que ela tinha razão, e quase que imediatamente senti a tensão se dissipar.

— Mas discutiremos tudo isso minuciosamente daqui a pouco. Ainda com a mão em meu ombro, a Senhorita Collins conduziu-me à sala.

— Prometo não me demorar. Por favor sente-se e fique à vontade.

Entrei em uma pequena sala quadrada iluminada pelo sol e cheia de flores naturais. O agrupamento discrepante de poltronas, assim como as revistas na mesinha de centro, sugeriam uma sala de espera de um consultório médico ou de um dentista. Ao ver a Senhorita Collins, o homem atarracado pôs-se de pé imediatamente, ou por cortesia ou porque esperasse que agora ela o chamasse para a sala de estar. Esperei ser apresentado, mas o protocolo que prevalecia também parecia ser o de uma sala de espera, pois a Senhorita Collins simplesmente sorriu para o homem, antes de desaparecer pela porta interna murmurando uma desculpa, aparentemente para nós dois:

— Não me demoro.

O homem atarracado voltou a se sentar e a olhar para o chão. Por um instante, achei que ele ia dizer alguma coisa, mas, como permaneceu calado, virei-me e me sentei no sofá de vime, situado sob a ogiva ensolarada da janela pela qual olhara

anteriormente. O vime rangeu tranqüilizadamente quando me instalei. Uma larga faixa de sol atravessava meu colo, e havia um grande vaso de tulipas perto do meu rosto. Senti-me imediatamente muito confortável e com um estado de espírito completamente diferente em relação ao que diria do que quando toquei a campainha há apenas alguns minutos. É claro que a Senhorita Collins estava absolutamente certa. Uma cidade como aquela se sentiria grata por qualquer coisa que me dispusesse a oferecer. Era pouco provável que as pessoas examinassem minuciosamente minhas opiniões ou se mostrassem críticas. E, como a Senhorita Collins salientara, eu já passara por isso inúmeras vezes. Mesmo tendo preparado menos o terreno do que gostaria, ainda era capaz de proferir um discurso com certa autoridade. Enquanto permanecia ali sentado, sob a luz do sol, fui ficando cada vez mais tranqüilo, e cada vez mais atônito com o fato de como podia ter me deixado dominar por tal estado de ansiedade.

— Estava pensando se... — disse, de repente, o homem atarracado. — Ainda mantém contato com alguém do grupo antigo? com pessoas como Tom Edwards? Ou Chris Farleigh? Ou com aquelas duas garotas que moravam na Fazenda Alagada? Então, me dei conta de que o homem atarracado era Jonathan Pankhurst, que eu conhecera razoavelmente bem durante meu tempo de escola na Inglaterra.

— Não — respondi —, infelizmente perdi o contato com todos daquele tempo. Mudando sempre de país, como sou obrigado a fazer, é simplesmente impossível.

Ele assentiu com a cabeça, sem sorrir.

— Suponho que deva ser difícil — disse ele. — Bem, eles todos se lembram de você. Oh, sim. Quando voltei à Inglaterra no ano passado, esbarrei com muitos deles. Parece que todos se encontram uma vez por ano, mais ou menos. Às vezes os invejo, mas, em geral, fico feliz por não ter me prendido a um círculo como esse. Por isso gosto de viver fora. Aqui posso ser quem quiser, as pessoas não esperam que eu seja o palhaço o tempo todo. Mas sabe, quando retornei, quando os encontrei naquele bar, recomeçaram imediatamente. "Ei, é o velho Parkers!", gritaram todos. Continuam a me chamar assim, como se o tempo não tivesse passado. "Parkers! É o velho Parkers!" Fizeram realmente todo esse estardalhaço na primeira vez que me viram. Meu Deus, não imagina como foi horrível! E senti que voltaria a ser aquele palhaço patético, do qual fugi vindo para cá, sim, no momento em que me viram começaram a gritaria toda. Era um bar simpático, acredite, o típico bar inglês rústico, com fogo de verdade, aqueles pequenos objetos de bronze sobre os tijolos, uma espada antiga sobre o consolo da lareira, um proprietário cordial dizendo coisas alegres, tudo era muito nostálgico, realmente perdi tudo isso vindo para cá. Mas o resto, meu Deus, sinto arrepios só de pensar. Fizeram aquele estardalhaço todo, contando com que eu me juntasse à mesa, fazendo palhaçadas. E, durante a noite toda, ficaram mencionando um nome atrás do outro, sem comentarem nada sobre a pessoa, apenas fazendo mais algazarra, ou rindo logo que o citavam. Sabe, mencionaram uma tal de Samantha e todos riram, aplaudiram e deram gritos. Então, gritavam outro nome, Roger Pavão, por exemplo, e todos iniciavam uma espécie de cantilena de futebol. Foi terrível. Mas o pior de tudo foi que esperavam que eu voltasse a

fazer graça e eu não consegui fazer nada para evitar. Era como se fosse totalmente inconcebível que eu tivesse me tornado outra pessoa e, assim, comecei tudo de novo, as vozes, as caras engraçadas, oh, sim, vi que ainda podia fazer tudo aquilo muito bem. Acho que não tinham motivo para supor que eu não continuasse a ser daquele jeito aqui. De fato, foi exatamente o que um deles disse. A certa altura da noite, todos estavam muito bêbados, e acho que foi Tom Edwards que me deu um tapa nas costas e disse: "Parkers! Lá, devem adorar você! Parkers!" Acho que isso foi logo depois de eu ter feito mais uma graça, talvez tenha falado sobre um dos aspectos da vida por aqui e brincado um pouco com isso, quem sabe, em todo caso foi o que ele disse e os outros não paravam de rir. Oh, sim, fui um sucesso.

Todos disseram que sentiam muito minha falta, que eu era muito engraçado, oh, fazia tanto tempo que eu não ouvia alguém dizer isso, há tanto tempo não era recebido dessa maneira, foi tudo tão caloroso e amigável. com tudo isso, por que agir de novo daquele jeito? Havia jurado nunca mais ser assim, por isso vim para cá. Quando estava indo para o bar, fiquei repetindo para mim mesmo, durante o caminho todo, fazia muito frio naquela noite, tinha muita neblina e estava gelado, foi há muito tempo atrás, fiquei dizendo a mim mesmo o caminho todo que não era mais daquele jeito, que mostraria a eles como era agora, e repeti isso sem parar, tentando ser forte, mas logo que entrei e senti aquele calor e eles fizeram o estardalhaço todo para me receber, oh, como aqui tem sido solitário. Tudo bem, é verdade que aqui não preciso fazer todas aquelas caras e vozes engraçadas, mas, pelo menos, isso funcionou. Talvez tenha sido intolerável, mas funcionou, todos gostaram de

mim. Meus velhos amigos da universidade, pobres coitados, ainda devem achar que sou assim. Nunca imaginariam que meus vizinhos me consideram um inglês sério, enfadonho. Educado, acham, mas muito enfadonho. Muito solitário e enfadonho. Bem, pelo menos é melhor que voltar a ser o Parkers. Aquela algazarra, oh, como foi patético um grupo de homens de meia-idade fazendo aquele barulho todo, e eu, fazendo caretas e vozes idiotas, oh, Deus!, foi realmente nauseante. Mas não pude evitar, fazia tanto tempo que não era cercado por amigos. E você, Ryder, às vezes não sente saudades daquele tempo? Mesmo com todo seu sucesso? Oh, sim, era isso que eu ia lhe dizer. Talvez não se lembre muito bem de nenhum deles, mas eles com certeza se lembram muito bem de você. Parece que, sempre que organizam uma dessas reuniões, dedicam uma pequena parte da noite especialmente a você. Oh, sim, sou testemunha. Primeiro, mencionam um monte de outros nomes, não gostam de se referir a você imediatamente, sabe, gostam de se aquecer antes. Na verdade, fazem pequenas pausas, quando fingem não se lembrar de mais ninguém daquele tempo. Então, finalmente, alguém diz: "E o Ryder? Alguém soube dele recentemente?" Então, todos explodem, fazendo o barulho mais repugnante, algo entre a zombaria e a ânsia de vômito. Fazem isso todos ao mesmo tempo, várias vezes, é tudo que fazem durante o primeiro minuto depois que seu nome é mencionado. Em seguida, começam a rir e a imitar um pianista, você sabe como, assim — Parkhurst assumiu uma expressão arrogante e tocou um teclado invisível, de uma maneira extremamente afetada. — Todos fazem isso e depois mais barulho de vômito. Então, começam a contar histórias, algumas coisas que lembram sobre você, e dá para ver que já contaram aquilo várias

vezes um para o outro, pois todos sabem, todos sabem em que ponto devem repetir o barulho de ânsia de vômito, em que ponto dizer: "O quê? Você está brincando!" E assim por diante. Oh, realmente se divertem. Quando eu estava lá, alguém se lembrou da tarde em que havíamos feito as provas finais, de como todos estavam prontos para sair para mijar e o viram subindo a estrada muito sério. E lhe disseram: "Venha, Ryder, venha ser gozado por seu cérebro, venha mijar conosco!" E parece que você respondeu, bem, quem quer que estivesse contando fez uma cara assim, de você respondendo — Parkhurst mais uma vez se transformou na criatura arrogante e sua voz assumiu um tom grotescamente pomposo. — Você teria respondido: "Estou muito ocupado. Não posso deixar de praticar esta noite. Perdi dois dias de prática por causa desses exames terríveis!" Então, todos juntos fizeram aquele barulho nojento de vômito e bancaram o pianista, e foi quando começaram... Bem, não vou contar outras coisas que aprontaram, eles são aterrorizantes, um bando repulsivo e, a maioria, tão infeliz, tão frustrada e irritada.

Enquanto Parkhurst falava, me voltou um fragmento de lembrança de meus dias de estudante, que, por um momento, fez com que me sentisse relaxado de tal modo que durante certo tempo mal ouvi o que ele estava dizendo. Recordava uma bela manhã, não diferente dessa de agora, em que também relaxava em um sofá ao lado de uma janela ensolarada. Estava no meu pequeno quarto na velha casa de fazenda que dividia com quatro outros estudantes. No meu colo estava a partitura de algum concerto que estivera estudando preguiçosamente naquela última hora, e que havia pensado em deixar de lado por um dos romances do século XIX

empilhados no chão de madeira, ao lado do meu pé. A janela estava aberta, permitindo que a brisa a atravessasse, e, lá de fora, chegavam as vozes de estudantes sentados na grama não aparada, discutindo filosofia ou poesia, ou outra coisa parecida. Em meu pequeno quarto não havia muitas coisas além desse sofá — apenas um colchão e, no canto, uma pequena escrivaninha e uma cadeira —, mas eu me afeiçoara muito a ele. Frequentemente o chão ficava coberto de livros e revistas que eu folheava a esmo nessas tardes compridas, e tinha o hábito de deixar a porta entreaberta para o caso de se alguém passasse poder entrar para bater um papo. Fechei os olhos e, por um momento, fui invadido por um desejo intenso de retornar a essa pequena fazenda circundada por campos abertos e companheiros vadiando na relva alta. Isso foi um pouco antes de despertar para o que Parkhurst dizia. Só então me ocorreu que falava de algumas dessas mesmas pessoas, cujos rostos agora se fundiam uns nos outros, que eu recebia indolentemente quando espiavam pela minha porta e com quem passava uma ou duas horas casuais, discutindo algum romancista ou violinista espanhol. Porém o prazer quase sensual que experimentava ao me reclinar no sofá de vime da Senhorita Collins, sob a ogiva ensolarada, era tal que não senti nada além de um vago e distante desconforto em relação às palavras de Parkhurst.

Continuava a falar e eu não lhe prestava atenção já há algum tempo, quando levei um susto com o ruído de alguém batendo na vidraça atrás de mim. Parkhurst pareceu não querer escutar e continuou falando. Eu também tentei ignorar o barulho como alguém faria com o alarme de um despertador que perturbasse um sono voluptuoso.

Mas as batidas persistiam e Parkhurst finalmente se interrompeu dizendo:

— Oh, Deus, é o tal do Brodsky.

Abrindo os olhos, olhei para trás. Realmente, Brodsky perscrutava ansiosamente. A claridade intensa, lá fora, ou quem sabe alguma coisa em sua vista, parecia atrapalhar que enxergasse o interior. Seu rosto estava pressionado contra a vidraça e ele fazia sombra nos olhos com as duas mãos, mas parecia continuar sem nos ver, e me ocorreu que ele batia na vidraça acreditando que fosse a Senhorita Collins quem estivesse na sala.

Por fim, Parkhurst levantou-se e disse:

— Acho que é melhor ver o que ele quer. — ouvi Parkhurst abrir a porta e vozes discutindo no hall. Finalmente, retornou, revirou os olhos para mim e deu um suspiro, Brodsky chegou logo atrás dele. Parecia mais alto do que quando o vira do outro lado daquele salão apinhado de gente, e reparei de novo em sua postura esquisita — ligeiramente pendente, como se fosse cair a qualquer momento —, mas que estava totalmente sóbrio. Usava uma gravata-borboleta e um terno preto um tanto pomposo e que parecia novinho em folha. A gola da camisa branca apontava para fora — se por causa do modelo ou por estar excessivamente engomada, não sei. Segurava um buquê de flores e tinha o olhar cansado e triste.

Brodsky se deteve na soleira e examinou a saleta atentamente, talvez esperando encontrar a Senhorita Collins ali.

— Ela está ocupada, já disse — falou Parkhurst. — Ouça, por acaso sou confidente da Senhorita Collins e posso lhe dizer com toda certeza de que ela não vai querer vê-lo. — Parkhurst olhou para mim, esperando que eu confirmasse, mas resolvi não me envolver e, simplesmente, lancei um breve sorriso a Brodsky. Só então ele me reconheceu.

— Senhor Ryder — disse ele, e, circunspecto, curvou a cabeça. Então, virou-se novamente para Parkhurst. — Se ela está, chame-a, por favor. — Mostrou o buquê, como se isso bastasse para explicar como era imperativo vê-la. — Por favor.

— Já disse, não posso ajudá-lo. Ela não quer vê-lo. Além do mais, está falando com algumas pessoas.

— Está bem — murmurou Brodsky. — Tudo bem. Não vai me ajudar. Tudo bem.

Com isso, moveu-se na direção da porta pela qual a Senhorita Collins saíra anteriormente. Parkhurst bloqueou imediatamente sua passagem e, por um instante, a compleição alta e desengonçada de Brodsky e a baixa e atarracada de Parkhurst entraram em conflito. O método de Parkhurst para deter Brodsky consistiu simplesmente em empurrar o peito deste com as duas mãos. Brodsky, por sua vez, colocou a mão no ombro do outro e olhou por cima, para a porta interna, como se estivesse no meio de uma multidão e encarasse a pessoa à sua frente. Tudo isso sem parar de avançar, arrastando os pés, murmurando intermitentemente "por favor".

— Está bem! — Parkhurst acabou gritando. — Está bem, falarei com ela. Sei o que ela vai responder, mas tudo bem, tudo bem.

Eles se separaram, e Parkhurst disse, com o dedo em riste:

— Você espere aqui! Não me saia daqui!

Lançando um último olhar a Brodsky, virou-se e atravessou a porta, fechando-a com força ao passar.

De início, Brodsky deu a impressão de estar ensaiando algo mentalmente, os lábios se mexendo, e não parecia o momento de lhe dizer alguma coisa. De vez em quando, examinava o buquê, como se tudo dependesse dele, e o menor desarranjo significasse um retrocesso. Passado algum tempo ali sentados e calados, ele finalmente olhou para mim e disse:

— Senhor Ryder, é um prazer conhecê-lo finalmente.

— Muito prazer, Senhor Brodsky. Espero que esteja bem.

— Oh... — Fez um gesto vago com a mão. — Não posso dizer que esteja bem. Como vê, sinto dor.

— Ah? Dor? — como não respondeu, perguntei: — Quer dizer uma dor emocional?

— Não, não. É um ferimento. Feri-me há alguns anos e isso continua a me causar problemas. Uma dor forte. Talvez seja por isso que eu beba tanto. Quando bebo, não a sinto.

Esperiei que dissesse mais alguma coisa, mas ele permaneceu calado. Após um instante, eu disse:

— Refere-se a um ferimento do coração, Senhor Brodsky?

— Coração? Meu coração não está tão mal. Não, não, trata-se de... — De repente, riu bem alto. — Entendo, Senhor Ryder. Acha que estou sendo poético. Não, não, quis apenas dizer que tenho um ferimento. Machuquei-me, gravemente, há muitos anos. Na Rússia. Os médicos não eram bons, trabalharam mal. E a dor tem sido forte. Nunca curou como devia. Já faz tanto tempo e continua a doer.

— Lamento muito. Deve ser uma grande amolação.

— Amolação? — Refletiu e tornou a rir. — Pode chamar assim, se quiser, Senhor Ryder. Amolação. Tem sido uma amolação infernal para mim. — Subitamente, pareceu se lembrar de que segurava as flores. Cheirou-as e respirou fundo. — Mas não vamos falar disso. Perguntou como eu estava e respondi, mas não pretendia falar sobre isso. Tento ser forte em relação a esse problema. Durante anos, nunca o mencionei, mas agora que estou velho e não bebo, tornou-se muito doloroso. Não sarou nada.

— Deve haver alguma coisa que se possa fazer. Procurou um médico? Um especialista?

Brodsky olhou de novo para as flores e sorriu.

— Quero fazer amor com ela outra vez — disse, quase que para si mesmo. — Antes que a dor piore. Quero tornar a fazer amor

com ela.

Fez-se silêncio. Então, eu disse:

— Se o ferimento é tão antigo, Senhor Brodsky, não acho provável que piore.

— Esses ferimentos antigos. — Deu de ombros. — Estacionam por anos. A gente pensa que já incomodaram tudo que deviam. Então, envelhece e começam a aumentar de novo. Mas ainda não está tão ruim. Talvez eu ainda possa fazer amor. Estou velho, mas às vezes... — Inclinou-se para a frente, confidencialmente. — Eu tentei. Sabe, sozinho. Ainda posso. Posso esquecer a dor. Quando ficava bêbado, meu pau não significava nada, nada, entende? Nunca pensava nele. Só para ir ao banheiro. Isso era tudo. Mas agora eu posso fazer isso, mesmo com toda a dor, tentei na noite de anteontem. Não consigo necessariamente de modo completo, não tudo, entende? Meu pau está tão velho e por tantos anos foi usado só para, bem, para irão banheiro. Ah. — Reclinou-se na cadeira e seus olhos passaram por mim, fixando-se na luz do sol. Pareciam melancólicos. — Por isso quero fazer amor com ela novamente. Mas não moraríamos aqui. Não neste apartamento. Sempre o detestei. Costumava passar por aqui, admito. Costumava passar por aqui tarde da noite, quando ninguém podia me ver. Ela nunca soube, mas eu sempre vinha e ficava lá fora, olhando para o prédio. Sempre detestei esta rua, este apartamento. Não moraríamos aqui. Sabe, é a primeira vez, a primeira vez mesmo que entro neste lugar horrível. Por que ela escolheu um lugar como este? Não é o que ela gosta. Moraremos fora da cidade. Se não quiser voltar para a fazenda, tudo bem.

Acharemos algo diferente, talvez um chalé. Alguma coisa cercada de relva e árvores, onde nosso animal se sintam bem. Nosso animal não gostaria daqui. — Ele olhou atentamente em volta, as paredes e o teto, quem sabe, por um momento, reconsiderando os méritos do apartamento. Então, concluiu: — Como nosso animal poderia gostar daqui? Viveremos em outro lugar, relva, árvores, campos. Sabe, daqui a um ano, ou seis meses, se a dor se agravar demais e meu pau não conseguir e nunca mais tornarmos a fazer amor, não me importarei. Contanto que possa fazer só mais uma vez. Não, uma vez não seria suficiente, teremos de fazer como era antes, como costumávamos fazer, entende? Seis vezes, é isso, seis vezes e teremos recordado tudo, é só isso que quero. Depois, tudo bem, tudo bem. Se alguém, um médico, Deus, disser que posso fazer amor com ela só mais seis vezes e, depois estarei velho demais, o ferimento doerá excessivamente, que depois disso será o fim, só servirá para urinar, não vou me importar. Responderei, está bem, para mim está ótimo. Contanto que possa tornar a tê-la em meus braços, seis vezes é o bastante, se for como era antes, se voltarmos a ser como éramos, não me importo com o que aconteça depois. Afinal, teremos nosso animal. Não precisaremos fazer amor. Isso é para amantes jovens que não se conhecem o suficiente, que nunca se odiaram e se tornaram a amar. Sabe, ainda posso fazer isso. Tentei sozinho, na noite de anteontem. Não totalmente, mas consegui fazê-lo ficar duro.

Fez uma pausa e assentiu com a cabeça, com a expressão grave.

— Realmente — disse eu sorrindo —, isso é maravilhoso.

Brodsky recostou-se na cadeira e tornou a olhar pela janela. Depois disse:

— É diferente, não é como quando somos jovens. Quando somos jovens, pensamos em putas, sabe, putas fazendo coisas sujas, esse tipo de coisa. Agora não ligo para nada disso, só quero que meu pau faça mais uma coisa. Quero fazer amor com ela de novo, à maneira antiga, voltar aonde paramos, só isso. Depois, se ele quiser descansar, tudo bem, não lhe peço mais nada. Mas quero fazer de novo, mais seis vezes é o bastante, da maneira como fazíamos antes. Quando éramos jovens, não éramos grandes amantes. Não fazíamos isso o tempo todo, como talvez os jovens de agora façam, não sei. Mas nos entendíamos bem. Sim, às vezes, é verdade, quando era jovem, ficava farto daquilo, de fazer sempre da mesma maneira. Mas ela era assim, ela... ela não queria fazer de outra maneira. Eu ficava com raiva e ela não entendia por quê. Mas agora quero repetir a antiga rotina, passo a passo, exatamente como fazíamos. Na noite de anteontem, sabe, quando eu estava tentando, pensei em putas, imaginárias, fantásticas, fazendo coisas fantásticas, e nada, nada, nada. Então, pensei, bem, é compreensível. Meu velho pau só tem uma única e última missão, por que escarnecer dele com todas essas putas? O que, agora, isso tem a ver com ele? Tem apenas uma última missão a cumprir, eu tinha de pensar nisso. Então, eu fiz. Deitei-me no escuro, recordando, recordando, recordando. Relembrei como era, passo a passo. E é assim que faremos. Evidentemente, nossos corpos estão velhos, mas considere seriamente este aspecto. Faremos exatamente da maneira como fazíamos. E ela se lembrará, gradativamente, não terá se esquecido. Quando estivermos no escuro, sob os lençóis. Nunca fomos ousados,

entende?, por causa dela, era tão recatada, queria daquela maneira. Mas me lembro de que sempre quis lhe dizer: "Por que não pode ser como uma puta? Mostrar-se com a luz acesa?" Mas agora não me importo, quero fazer exatamente como costumávamos fazer, fingir que íamos dormir, ficarmos quietos por dez, quinze minutos. Então, eu diria algo repentinamente, algo atrevido e obsceno, no escuro. "Quero que a vejam nua", eu diria. "Marinheiros bêbados num bar. Uma taverna do cais do porto, homens bêbados e indecentes, quero que a vejam nua no chão." Sim, Senhor Ryder, eu costumava dizer essas coisas, de repente, quando havíamos nos deitado e fingíamos que íamos dormir, sim, de repente, quebrava o silêncio, isso era muito importante, de repente. É claro que ela era jovem, bonita, agora parece estranho uma mulher idosa nua no chão de uma taberna, mas direi isso do mesmo jeito, pois era assim que costumávamos começar.

Ela não responderá nada e, então, eu continuarei falando. "Quero que todos a vejam, de gatinhas, no chão." Pode imaginar? Uma mulher velha e enfraquecida fazendo isso? O que os marinheiros bêbados veriam agora? Mas talvez eles tenham envelhecido como nós, os marinheiros da taberna do cais do porto, talvez a seus olhos ela parecerá simplesmente como era antes e eles não se importarão. "Sim, estarão olhando para você! Todos eles!" E eu tocarei nela, em seu quadril, lembro-me de que ela gostava que eu tocasse seus flancos, tocarei nela exatamente como costumava fazer, e então chegarei bem perto e sussurrarei: "vou botá-la para trabalhar em um bordel. Todas as noites." Conseguir imaginar? Direi isso porque é assim que fazíamos. E afastarei os lençóis e me curvarei sobre ela, separarei suas coxas, talvez estalem, a

articulação entre a coxa e o quadril, sim pode ser que faça um leve estalido, alguém disse que ela machucou o quadril e talvez não consiga abrir muito as pernas. Bem, faremos o melhor que pudermos por causa do que virá a seguir. Eu me curvarei para beijar sua vagina, não estou esperando que cheire como antes, não, pensei muito nisso, deve cheirar mal, como peixe deteriorado, seu corpo todo talvez agora cheire mal, pensei bem sobre isso. Quanto a mim, a meu corpo, olha só para mim, tampouco estou muito bem. Minha pele tem essas películas que ficam descarnando, como escamas de peixe, são como que transparentes, elas se soltam. Antes era só no couro cabeludo, agora é no corpo todo, nos cotovelos, nos joelhos, e agora, no peito. Também cheiram a peixe, essas escamas. Bem, continuarão a cair, não serei capaz de parar isso, ela terá de suportar, por isso não me queixarei de sua vagina cheirar como cheira, ou por suas coxas não poderem se separar apropriadamente sem estalar. Não vou ficar com raiva, não as forçarei a se abrir como alguma coisa se quebrando, não, não. Faremos exatamente como costumávamos fazer. E meu velho pau, talvez só meio duro, quando chegar a hora, ela o pegará e sussurrará: "Sim, eu deixarei! Deixarei que todos os marinheiros me vejam! Eu os provocarei até que não agüentem mais!" Pode imaginar? Sendo como ela é agora? Mas não nos importaremos. De qualquer jeito, como já disse, talvez os marinheiros também tenham envelhecido. Ela buscará com a mão meu velho pau, antes ele ficava muito duro, nada no mundo o tornaria frouxo, exceto para... bem, mas agora talvez só fique meio duro, isso foi o máximo que consegui na noite de anteontem. Mas quem sabe, talvez fique completamente duro, e tentaremos colocá-lo dentro, talvez ela seja uma concha,

mas tentaremos. E nesse momento, nós lembraremos, mesmo que não aconteça nada ali dentro, saberemos como concluir as etapas, porque então teremos nos lembrado tão bem que nada conseguirá nos deter, mesmo que nada esteja acontecendo, mesmo que tudo que estejamos fazendo seja nos apertar um contra o outro, não vai ter importância, ainda assim diremos na hora certa. "Irão possuí-la! Irão possuí-la, provocou-os demais!" E ela dirá: "Sim, eles me terão, todos os marinheiros, eles me possuirão!" E mesmo que nada esteja acontecendo ali embaixo, poderemos continuar abraçados, nos apertaremos e diremos o que costumávamos dizer, não terá importância. Talvez a dor seja demasiada para meu velho pau, entende?, por causa do ferimento, mas não terá importância, ela se lembrará de como fazíamos. Passaram-se muitos anos, mas ela se lembrará, de cada etapa. Senhor Ryder, o senhor tem um machucado?

Olhou para mim repentinamente.

— Machucado?

— Eu tenho esse antigo ferimento. Talvez seja por isso que eu beba. Dói muito.

— É lamentável. — Então, após um silêncio breve, acrescentei: — Certa vez, machuquei um dedo do pé em um jogo de futebol. Tinha dezenove anos. Não foi nada muito sério.

— Na Polônia, Senhor Ryder, quando eu era regente, mesmo naquela época, nunca pensei que fosse sarar. Quando regia a orquestra, sempre tocava no machucado, acariciava-o. Às vezes, pegava na sua ponta, chegava a pressioná-lo fortemente com os

dedos. Logo se percebe quando um ferimento não vai sarar. A música, mesmo quando era maestro, sabia que era apenas um lenitivo. Ajudava por algum tempo. Gostava da sensação, ao pressioná-lo, me fascinava. Um bom ferimento é capaz disso, de fascinar. Parece diferente a cada dia. Mudou?, pensamos. Talvez, finalmente, esteja sarando. Olha-se para ele no espelho, parece diferente. Mas então o tocamos e ficamos sabendo que é o mesmo, seu velho amigo. Fazemos isso ano após ano, e, então, ficamos sabendo que não ficará bom e ficamos fartos dele. Tão fartos. — Calou-se e tornou a olhar para o buquê. Depois, repetiu: — Ficamos fartos. Ainda não ficou, Senhor Ryder? Ficamos tão cansados.

— Talvez — disse eu cautelosamente —, a Senhorita Collins tenha o poder de curar seu machucado.

— Ela? — Riu repentinamente, depois voltou a ficar em silêncio. Após algum tempo, disse calmamente: — Ela será como a música. Um lenitivo. Um lenitivo maravilhoso. É tudo que peço agora. Um lenitivo. Mas curar? — Abanou a cabeça. — Se eu lhe mostrasse agora, amigo, poderia mostrá-lo ao senhor, veria que é impossível. Uma impossibilidade clínica. Tudo que quero, tudo que peço é um lenitivo. Mesmo que seja como descrevi, só meio enrijecido e que não façamos nada além de nos mexermos, mais seis vezes, será o suficiente. Depois disso o ferimento pode fazer o que quiser. Teremos nosso animal, a relva, os campos. Por que ela escolheu um lugar como este?

Tornou a olhar em volta e balançou a cabeça. Dessa vez, permaneceu em silêncio durante muito tempo, talvez por três

minutos. Eu ia dizer alguma coisa, quando, de repente, ele se inclinou para a frente.

— Senhor Ryder, eu tinha um cachorro, Bruno, ele morreu. Eu... eu ainda não o enterrei. Está em uma caixa, uma espécie de caixão. Era um bom amigo. Apenas um cachorro, mas um bom amigo. Planejei uma pequena cerimônia, só para me despedir, o que há de errado nisso? Senhor Ryder, queria lhe pedir um pequeno favor, para mim e Bruno.

De repente, a porta se abriu e a Senhorita Collins entrou na saleta. Quando eu e Brodsky nos levantamos, Parkhurst entrou atrás dela e fechou a porta.

— Sinto muito, Senhorita Collins — disse ele, lançando um olhar furioso a Brodsky. — Ele simplesmente não quis saber de respeitar sua privacidade.

Brodsky estava de pé, rígido, no meio da saleta. Quando a Senhorita Collins se aproximou, fez uma medida, e pude ver um laivo da elegância que certamente já possuía.

Estendeu-lhe o buquê e disse:

— É só um pequeno presente. Colhi-as eu mesmo.

A Senhorita Collins pegou as flores, porém demonstrando total desdém.

— Eu devia ter imaginado que apareceria aqui dessa maneira, Senhor Brodsky — disse ela. — Ontem, fui ao zôo e, agora, acha que pode tomar liberdades.

Brodsky baixou os olhos.

— Mas temos tão pouco tempo — disse ele. — Não podemos nos dar o luxo de perder tempo.

— Perder tempo de fazer o quê, Senhor Brodsky? É ridículo o senhor vir até aqui desta maneira. Deve saber que fico muito ocupada de manhã.

— Por favor — levantou a mão —, por favor. Estamos velhos. Não precisamos discutir como fazíamos antes. Só vim para lhe dar as flores. E fazer uma proposta simples. É tudo.

— Uma proposta? Que tipo de proposta, Senhor Brodsky?

— Simplesmente que me encontre esta tarde no cemitério Saint Peter. Meia hora, só isso. Estaremos a sós e falaremos de algumas coisas.

— Mas não temos nada a conversar. Foi um erro eu ter ido ontem ao zôo. Disse cemitério? Por que afinal propôs um lugar como esse para um encontro? Perdeu totalmente o juízo? Um restaurante, um café, talvez um parque ou um lago. Mas propôs um cemitério!

— Desculpe. — Brodsky pareceu genuinamente acabrunhado. Não pensei. Esqueci. É isso, me esqueci de que o cemitério Saint Peter é um cemitério.

— Não seja tão ridículo.

— Quer dizer, é que íamos até lá tantas vezes, ali costumávamos nos sentir tão tranquilos, Bruno e eu. Mesmo quando

a situação estava muito ruim, não me sentia tão mal ali, era tudo tão calmo, muito bonito, gostávamos de lá. Foi por isso que propus. Realmente, me esqueci. Dos mortos que ali estão.

— E o que pretende que façamos em um lugar como esse? Que nos sentemos nos túmulos e recordemos os velhos tempos? Senhor Brodsky, o senhor realmente devia pensar melhor em suas propostas.

— Mas gostávamos de lá, eu e Bruno. Achei que também gostaria.

— Oh, entendo. Agora que seu cachorro morreu, quer que eu o substitua.

— Não quis dizer isso. — Brodsky perdeu subitamente seu ar reservado e um laivo de impaciência atravessou sua fisionomia. — Não quis dizer isso em absoluto, você sabe. Sempre fez assim. Passo muito tempo pensando, tentando encontrar algo bom para nós, e, então, você despreza, ri do que eu disse, faz a coisa parecer ridícula. Se fosse qualquer outra pessoa, diria que a idéia era encantadora. Sempre agiu assim. Como quando eu providenciei para que nos sentássemos na frente, no concerto Kobylainsky...

— Isso foi há mais de trinta anos. Como pode ainda falar sobre esse tipo de coisa?

— Mas é a mesma coisa, a mesma. Penso em algo, em algo bom para nós, porque sei que no fundo gosta das coisas um tanto incomuns. Então, você só ri. Talvez porque minhas idéias,

como a do cemitério, realmente, bem lá no fundo, a atraíam, e percebe que entendo seu coração. Por isso finge...

— É uma tolice. Não há razão no mundo para que estejamos discutindo esse tipo de coisa. É tarde demais, não há nada a discutir, Senhor Brodsky. Não posso encontrá-lo em um cemitério, seja ou não atraente para mim, porque não tenho nada a falar com o senhor...

— Só queria explicar. Por que aconteceu, explicar tudo, por que eu era daquela maneira...

— É tarde demais para isso, Senhor Brodsky. Está atrasado em pelo menos vinte anos. Além do mais, eu não suportaria ter de escutá-lo tentando se desculpar de novo. Mesmo agora, tenho certeza de que não seria capaz de ouvir uma desculpa sua sem sentir um arrepio. Durante muitos, muitos anos, suas desculpas não foram o fim, mas o começo. O começo de outra série de sofrimentos e humilhação. Oh, por que não me deixa em paz? É tarde demais. Além disso, começou a se vestir de maneira ridícula desde que ficou sóbrio. Por que começou a usar essas roupas?

Brodsky hesitou, depois disse:

— Foi o que me aconselharam a vestir. As pessoas estão me ajudando. Voltarei a reger. Tenho de me vestir da maneira como as pessoas querem me ver.

— Quase lhe disse isso ontem, no zôo. Aquele casaco cinza ridículo! Quem lhe mandou usá-lo? O Senhor Hoffman? Francamente, devia ter um pouco mais de noção de sua aparência.

Essa gente o está vestindo como uma marionete, e o senhor permite. Olha só para si mesmo! Que terno ridículo. Acha que vestido assim parece um artista?

Brodsky relanceou os olhos para sua roupa, com uma expressão magoada. Depois, ergueu o olhar e disse:

— Você é uma mulher velha. Não sabe qual é a moda de agora.

— É uma prerrogativa dos velhos deplorar as roupas dos jovens. Mas fica tão ridículo vestido assim. Realmente, não faz sentido, simplesmente não é seu estilo. Francamente, acho que a cidade preferiria como se vestia há alguns meses. Quer dizer, com aqueles andrajos elegantes.

— Não faça pouco de mim. Não sou mais assim. Logo voltarei a ser um maestro. Agora, essas serão minhas roupas. Quando olho para mim mesmo, acho que estou bem. Esqueceu-se de que em Varsóvia eu tinha roupas como estas. Uma gravata como esta. Você se esqueceu. Por um segundo, uma tristeza trespassou o olhar da Senhorita Collins. Então, ela disse:

— É claro que me esqueci. Por que me lembraria dessas coisas? Houve tantas outras coisas mais vividas a lembrar a partir daquele tempo.

— Seu vestido — disse ele repentinamente — está muito bem. Muito elegante. Mas seus sapatos estão piores que nunca, um desastre. Nunca aceitou ter tornozelo grosso. Para uma mulher tão

magra, seus tornozelos sempre foram muito grossos. E mesmo agora, veja. — Apontou para os pés da Senhorita Collins.

— Não seja infantil. Acha que é como naqueles dias em Varsóvia, quando bastava uma observação como essa para que conseguisse me fazer trocar de roupa minutos antes de sairmos? Como o senhor vive no passado, Senhor Brodsky! Acha que significa alguma coisa para mim o que acha do que calço? E acha que não percebo que isso tudo é meramente um truque seu, deixar deliberadamente para fazer sua crítica no último instante? Naturalmente, na época, eu trocava tudo, vestindo apressada qualquer outra coisa. Então, uma vez no carro, ou, talvez, na sala de concerto, só então me daria conta de que a sombra nos olhos não combinava com o vestido, ou que o colar ficava horrível com aqueles sapatos. E, naquele tempo, isso era tão importante para mim. A mulher do maestro! Era tão importante para mim, e o senhor sabia disso. Acha que, agora, não sei o que estava fazendo? Como diria "bom, bom, muito bonito", até faltarem apenas alguns minutos. Depois, ah, sim, aí diria algo exatamente assim: "Seus sapatos são um desastre!" Como se conhecesse esse tipo de coisa! O que sabe da moda atual, se passou as duas últimas décadas bebendo?

— Ainda assim — disse Brodsky, com um certo ar dominador —, ainda assim, o que eu falei é verdade. Esses sapatos tornam a metade inferior de seu corpo absurda. É verdade.

— Olha só seu terno ridículo! Alguma criação italiana, sem dúvida. O tipo de coisa que um bailarino jovem vestiria. E acredita que isso o ajudará a conquistar credibilidade aos olhos das pessoas daqui?

— Sapatos ridículos. Parece um desses soldadinhos de brinquedo com uma base para não cair.

— Já está na hora de sair! Como se atreve a vir aqui dessa maneira, perturbando minha manhã? O jovem casal lá dentro está muito angustiado, precisa mais que nunca de meu aconselhamento hoje, e aqui está o senhor, nos atrapalhando. Esta foi nossa última conversa. Foi um erro tê-lo encontrado ontem no zôo.

— O cemitério. — Sua voz assumiu subitamente um tom desesperado. — Tem de me encontrar hoje à tarde. Está bem, não pensei nos mortos, não pensei. Mas já expliquei por quê. Temos de conversar antes de... antes desta noite. Senão como vou conseguir? Como poderei fazer? Não vê como esta noite é importante? Temos de conversar, tem de me encontrar...

— Preste atenção — Parkhurst avançou e encarou Brodsky —, ouviu o que a Senhorita Collins disse. Ela pediu que saísse de sua casa. Saísse da sua frente, da sua vida. Ela é muito educada para falar assim, por isso falarei por ela. Depois de tudo que fez, não tem direito algum, sequer o menor direito de fazer o pedido que acabou de fazer. Como pode solicitar um encontro como se todas aquelas coisas não tivessem acontecido? Talvez finja estar tão bêbado que não se lembra. Pois então, eu o farei se lembrar. Não faz muito tempo, ficou ali fora, na rua, urinando no muro deste prédio, gritando obscenidades na direção desta janela. A polícia acabou levando-o daqui, arrastando-o embora, enquanto gritava as maiores indecências a respeito da Senhorita Collins. Isso não faz nem um ano. Sem dúvida, está esperando que ela tenha esquecido tudo. Mas posso assegurar-lhe que esse foi apenas um dos incidentes desse

tipo. E quanto às suas opiniões a respeito de como se vestir, há menos de três anos, foi encontrado inconsciente no Volksgarten, em trajes no qual vomitara diversas vezes, levado à Igreja da Santíssima Trindade, e lá descobriram que tinha piolhos. Espera que a Senhorita Collins se importe com o que um homem desse tipo diga a respeito de sua maneira de vestir? Temos de encarar os fatos, Senhor Brodsky. Quando um homem cai tanto quanto o senhor caiu, sua posição é irredimível. Nunca, mas nunca mesmo reconquistará o amor de uma mulher, posso afirmar isso com uma certa autoridade. Jamais reconquistará sequer o respeito dela. Talvez sua piedade, mas nada mais. Maestro! Acha que a cidade chegará a vê-lo como algo além de um miserável repelente? Deixe-me lembrá-lo, Senhor Brodsky, que há quatro anos, talvez cinco, atacou fisicamente a Senhorita Collins na saída da Bahnhofplatz, e que, se não fossem dois estudantes que estavam passando, certamente a teria machucado gravemente. E, durante o tempo todo que tentava agredi-la, gritava-lhe as obscenidades mais...

— Não, não, não! — gritou Brodsky, subitamente, balançando a cabeça e tampando os ouvidos.

— Gritava as piores obscenidades. De natureza sexual e pervertida. Comentou-se que o senhor deveria ser preso por isso. Depois, houve o episódio da cabine de telefone, em Tillgasse...

— Não, não!

Brodsky agarrou Parkhurst pelo paletó, fazendo com que este recuasse alarmado. Mas Brodsky não o agrediu além disso, simplesmente agarrou sua lapela como se fosse um cabo salva-

vidas. Parkhurst passou os minutos seguintes lutando para se livrar da mão de Brodsky. Quando finalmente conseguiu, o corpo de Brodsky pareceu vergar.

O velho fechou os olhos e suspirou. Depois, virou-se e saiu silenciosamente da sala.

De início, ficamos os três calados, sem saber o que dizer ou fazer. Então, o barulho de Brodsky batendo a porta da frente nos despertou e Parkhurst e eu fomos até a janela.

— Lá vai ele — disse Parkhurst, com a testa encostada na vidraça. — Não se preocupe, Senhorita Collins, ele não voltará.

A Senhorita Collins pareceu não escutar. Encaminhou-se à porta, depois, tornou a voltar.

— Por favor, desculpem-me, devo... devo... — Dirigiu-se com ar sonhador à janela e olhou para fora. — Por favor, tenho de... Espero que entendam...

Ela não estava falando com nenhum de nós em particular. Então, sua confusão pareceu se desfazer e disse:

— Senhor Parkhurst, não tem o direito de falar assim com Leo. Ele demonstrou uma enorme coragem neste ano. — Lançou ao Senhor Parkhurst um olhar penetrante, e precipitou-se para fora da sala. Em seguida, ouvimos a porta bater de novo.

Eu continuava do lado da janela e pude ver a figura da Senhorita Collins descer a rua apressada. Ela o avistou mais à frente e, após alguns segundos, se pôs a caminhar a passo rápido, quem

sabe tentando evitar a indignidade de ter de chamá-lo e pedir que esperasse. Mas Brodsky, com seu andar esquisito, de lado, mantinha uma marcha surpreendentemente rápida. Obviamente estava transtornado e dava a impressão genuína de não imaginar que ela pudesse ir atrás dele.

A Senhorita Collins, ficando cada vez mais sem fôlego, perseguiu-o, passando por uma fileira de edifícios residenciais e lojas na parte alta da rua, sem conseguir diminuir consideravelmente a distância.

Brodsky mantinha sua marcha, dobrando, agora, a esquina em que mais cedo eu me separara de Gustav, e passou pelos cafés italianos do amplo bulevar. A calçada estava mais cheia do que quando eu passara por lá com Gustav, mas Brodsky andava sem erguer os olhos, de modo que muitas vezes quase esbarrou em pessoas que atravessavam seu caminho.

Então, quando ele chegava ao cruzamento, a Senhorita Collins pareceu se dar conta de que não tinha chances de alcançá-lo. Dando uma parada, pôs as mãos em concha ao redor da boca, mas foi tomada por um dilema, talvez relacionado a se devia chamar por Leo, ou então, como o havia chamado durante toda a conversa, Senhor Brodsky.

Certamente, algum instinto alertou-a da urgência da situação, pois gritou:

— Leo! Leo! Leo! Por favor, espere!

Brodsky virou-se com a expressão sobressaltada, enquanto a Senhorita Collins seguia apressada em sua direção. Ela continuava a segurar o buquê, e, confuso, ele estendeu as duas mãos, como se a ajudasse a se livrar dele. Mas a Senhorita Collins continuou segurando as flores e, embora quase sem fôlego, pareceu calma ao dizer:

— Senhor Brodsky, por favor. Por favor, espere.

Por um instante, ficaram lado a lado, constrangidos, ambos se dando conta, de repente, dos transeuntes ao redor, muitos dos quais começavam a olhar, alguns mal ocultando a curiosidade. Então a Senhorita Collins fez um gesto na direção de seu apartamento, dizendo com ternura:

— O Jardim Sternberg é muito bonito nesta época do ano. Por que não vamos até lá e conversamos?

Puseram-se a caminho com cada vez mais gente os olhando, a Senhorita Collins um ou dois passos à frente de Brodsky, os dois satisfeitos por terem de adiar a conversa até chegar ao seu destino. Dobraram a esquina de volta à rua dela e, dali a pouco, estavam passando de novo diante dos edifícios. Mais ou menos uma quadra adiante, a Senhorita Collins parou perto a um pequeno portão de ferro, um pouco recuado na calçada.

Estendeu a mão para a aldrava, mas se deteve antes de abri-lo. Ocorreu-me que a caminhada que acabavam de fazer juntos, o simples fato de estarem agora lado a lado na entrada do Jardim Sternberg, teria um significado para ela, muito além do que qualquer coisa que Brodsky pudesse imaginar naquele momento. Pois a

verdade era que ela fizera este mesmo tipo de trajeto com ele, da agitação do bulevar até o pequeno portão de ferro do jardim, inúmeras vezes em sua imaginação, ao longo dos anos — desde a tarde de verão em que haviam se encontrado casualmente no bulevar, em frente à joalheria. E, em todos esses anos, ela não se esquecera da indiferença estudada com que ele se virara, fingindo estar concentrado em alguma coisa na vitrina da loja.

Nessa época — um ano antes do começo da bebedeira e dos insultos —, tal demonstração de indiferença continuava a ser a principal característica de qualquer contato entre eles. E apesar de, naquela tarde, ela já ter resolvido várias vezes tomar a iniciativa para alguma forma de reconciliação, também desviou o olhar e continuou andando. Só quando já tinha avançado bastante no bulevar, passado pelos cafés italianos, cedeu à curiosidade e olhou para trás. Nesse dia, como no de hoje, a ampla calçada ensolarada estava apinhada de gente, mas ela tinha tido a satisfação de tê-lo visto claramente, quando parava e olhava na direção de uma barraca de flores.

Um sorriso aflorou-lhe nos lábios, e quando ela dobrou a esquina foi agradavelmente surpreendida pela leveza de seu próprio estado de espírito. Agora, reduzindo também o passo, se pôs a olhar vitrinas. Olhou para a casa de doces, para a loja de brinquedos, de tecidos — naquela época, ali não havia livrarias —, o tempo todo tentando formular mentalmente o que lhe dizer de início quando finalmente ele viesse até ela. "Leo, como somos crianças", pensou em dizer. Mas soaria excessivamente sentimental e pensou em algo mais irônico: "Notei que estamos indo na mesma direção" ou algo

parecido. Então sua figura apareceu na esquina e ela viu que carregava um vistoso buquê. Virando-se rapidamente voltou a caminhar, agora, a um passo normal. Quando chegou a seu prédio, pela primeira vez naquele dia, foi tomada por uma certa irritação com ele. Sua tarde havia sido claramente planejada. Por que ele escolhera justamente esta hora para conversar com ela? Quando chegou à porta de seu apartamento, lançou outro olhar furtivo à rua, e viu que ele ainda estava, no mínimo, a uns vinte metros.

Ela fechou a porta ao entrar e resistindo ao desejo de olhar pela janela, correu para o quarto, que dava para os fundos. Ali, se olhou no espelho e se recompôs da emoção. Então, saindo do quarto, levou um susto no corredor. A porta ficara entreaberta e ela pôde ver, através de sua sala banhada pelo sol e da saliência da janela, a calçada lá fora, onde agora ele era visível, de costas para a casa, retardando-se ali como se tivesse marcado um encontro justamente naquele lugar. Por um instante, ela não se moveu, temendo que ele se virasse, olhasse pela vidraça e a visse. Então, a figura dele ficou fora de vista e ela se pegou perscrutando a frente das casas no outro lado da rua, aguardando atentamente a campainha tocar.

Como, depois de um minuto, ele ainda não tivesse tocado, voltou a sentir uma onda de irritação. Percebeu que ele esperava que ela saísse e o convidasse a entrar. Acalmou-se novamente e, refletindo cuidadosamente sobre a situação, decidiu que não faria nada até que ele tocasse a campainha.

Esperou durante vários minutos. Depois de ter voltado para o quarto, sem nenhum motivo, retornou ao corredor. Quando

acabou achando que ele tinha ido embora, seguiu vagarosamente para o hall de entrada.

Ao abrir a porta e olhar para os dois lados, a Senhorita Collins ficou surpresa em não perceber nenhum sinal, qualquer que fosse, dele. Esperou encontrá-lo escondido a algumas portas ou que pelo menos que as flores estivessem na soleira. com tudo isso, naquele momento não ficou nem um pouco desapontada. Experimentou uma ligeira sensação de alívio, certamente, e uma excitação nada desagradável com o fato de finalmente ter se iniciado o processo de reconciliação, e não se sentiu desapontada em absoluto. De fato, quando se sentou na saleta de frente, sentiu um arrebatamento de triunfo por ter se mantido firme. Tais pequenas vitórias, disse para si mesma, são muito importantes e os auxiliaria a evitar os erros do passado.

Somente vários meses depois, lhe ocorreu que, naquele dia, cometera um erro. Mesmo então, de início, a idéia permaneceu muito vaga, e não a aprofundou. Mas, com o passar dos meses, aquela tarde de verão começou a ocupar um lugar cada vez maior em seus pensamentos. Concluiu que seu grande erro havia sido entrar em casa. Ao fazer isso, exigira demais dele. Tendo feito com que percorresse todo esse caminho, dobrado a esquina e passado pelas lojas, deveria ter parado no pequeno portão de ferro; depois, certificando-se de que ele a via, entrado no Jardim Sternberg. Desse modo, sem dúvida, ele a teria acompanhado. E mesmo que, por um certo tempo, ficasse a vagar pelos arbustos em silêncio, mais cedo ou mais tarde, ele começaria a falar. E mais cedo ou mais tarde, ele lhe daria as flores. Desde então, ao longo desses vinte anos, a

Senhorita Collins raramente olhara para esse portão sem experimentar um leve puxão em seu interior. E assim naquela manhã, ao conduzir, finalmente, Brodsky ao jardim, o fez com uma certa cerimônia.

Apesar de toda a proeminência que o Jardim Sternberg assumia na imaginação da Senhorita Collins, não era um lugar especialmente atraente.

Essencialmente uma praça de concreto, não maior que o estacionamento de um supermercado, que dava a impressão de existir basicamente para a horticultura, e não para prover beleza ou comodidade ao bairro. Não havia grama nem árvores, simplesmente uma série de canteiros de flores, e, nessa hora do dia, a praça ficava totalmente exposta ao sol, sem nenhum sinal óbvio de sombra em parte alguma. Mas a Senhorita Collins, olhando em volta as flores e as samambaias, bateu palmas encantada.

Brodsky, fechando cuidadosamente o portão de ferro atrás de si, olhou para o jardim sem entusiasmo, mas pareceu satisfeito pelo fato de, exceto pelas janelas dos apartamentos ao redor, terem total privacidade.

— Às vezes, os trago aqui, as pessoas que me procuram — disse a Senhorita Collins. — É tão fascinante. Vêm-se espécimes que não existem em lugar nenhum da Europa.

Ela prosseguiu caminhando devagar, olhando ao redor com admiração, enquanto Brodsky, a seguia, respeitosamente, a alguns passos atrás. O constrangimento que demonstravam na presença um do outro há apenas alguns minutos havia desaparecido

completamente, de modo que alguém que os visse do portão, facilmente os confundiria com um casal idoso, fazendo seu passeio habitual sob o sol.

— Mas, evidentemente — disse a Senhorita Collins, fazendo uma pausa, perto de um arbusto —, nunca gostou de jardins como este, não é, Senhor Brodsky? Despreza todo esse aproveitamento da natureza.

— Não vai me chamar de Leo?

— Está bem. Leo. Não, você prefere algo mais selvagem. Mas, veja, somente com um cuidado e planejamento controlado algumas dessas espécies podem sobreviver.

Brodsky olhou gravemente a folha na qual a Senhorita Collins tocava.

Depois, disse:

— Lembra-se? Todo domingo de manhã, depois de tomarmos o café juntos no Praga, costumávamos ir àquela livraria. Tantos livros velhos, tão amontoados e sujos de poeira, por toda parte. Lembra-se? Você ficava tão impaciente. Ainda assim, íamos todos os domingos, depois do café no Praga.

A Senhorita Collins permaneceu em silêncio por alguns segundos. Então, riu ligeiramente e recomeçou a andar sem pressa.

— O homem girino — ela disse. Brodsky sorriu.

— O homem girino — repetiu, assentindo com a cabeça. — Exatamente. Se retornarmos lá agora, é bem provável que continue ali, atrás de sua mesa. O homem girino. Nunca lhe perguntamos seu nome? Era sempre tão gentil conosco. Embora nunca comprássemos seus livros.

— Exceto naquela manhã em que gritou conosco.

— Gritou conosco? Não me lembro. O homem girino era sempre tão cortês. E nunca comprávamos seus livros.

— Oh, sim. Uma vez em que entramos, chovia, e tomamos muito cuidado em não respingar água nos livros, sacudimos as capas na entrada, mas ele estava mal-humorado naquela manhã e gritou conosco. Não se lembra? Gritou por eu ser inglesa. Oh, sim, foi muito rude, mas só naquela manhã. No domingo seguinte, parecia não se lembrar do que tinha acontecido.

— É engraçado — disse Brodsky —, não me lembro. O homem girino. Sempre me recordo dele como muito tímido e cordial. Não me lembro dessa vez que está falando.

— Talvez não esteja me recordando direito — disse a Senhorita Collins. — Talvez eu o esteja confundindo com outra pessoa.

— Acho que sim. O homem girino sempre foi muito atencioso. Não faria uma coisa dessa. Por você ser inglesa? — Brodsky balançou a cabeça. — Não, sempre foi muito cordial.

A Senhorita Collins parou novamente, por alguns instantes, absorvida por uma samambaia.

— Tantas pessoas naquele tempo — disse ela. — Eram assim. Tão cordiais, tão resignadas. Esforçavam-se em ser gentis, sacrificariam tudo e, então, um dia, sem nenhum motivo especial, o clima, qualquer coisa, simplesmente explodiriam. Depois, tornariam a voltar ao normal. Havia tanta gente assim. Como Andrzej. Ele era assim.

— Andrzej era louco. Sabe, li em algum lugar que morreu em um acidente de carro. Sim, li em um jornal polonês, há cinco ou seis anos. Morto em um acidente de carro.

— É uma pena. Acho que muita gente daquele tempo já morreu.

— Eu gostava de Andrzej — disse Brodsky. — Li em um jornal polonês, só uma menção de passagem, dizendo que havia morrido. Um acidente de carro. Foi uma pena. Pensei naquelas noites, no antigo apartamento. Como nos cobríamos com as mantas, partilhávamos o café, todos aqueles livros e jornais espalhados e conversávamos. Sobre música, literatura, por horas seguidas, olhando para o teto, falando, falando.

— Eu sempre queria ir para a cama, mas Andrzej nunca ia embora. Às vezes, ficava até o amanhecer.

— Isso mesmo. Se estivesse perdendo uma discussão, não saía. Só saíria quando achasse que estava ganhando. Por isso, às vezes, ficava até o amanhecer.

A Senhorita Collins sorriu, depois, deu um suspiro.

— Como é triste saber que está morto — disse ela.

— Não foi o homem girino — disse Brodsky. — Foi o homem da galeria de quadros. Foi ele que gritou. Era estranho, sempre fingindo que não sabia quem éramos. Lembra-se?

Mesmo depois da apresentação de Lafcadio. Garçons, motoristas de táxi, todos querendo apertar minha mão, mas quando entrávamos na galeria, nada. Ele olhava para nós, a cara impassível, como sempre. Então, por fim, as coisas iam mal, entramos, estava chovendo, e ele gritou conosco. Estávamos molhando o chão, disse. Que sempre fazíamos aquilo quando chovia, que molhávamos seu chão durante todos aqueles anos e ele estava farto. Foi ele que gritou, reclamando que era inglesa, foi ele e não o homem girino. O girino sempre foi atencioso, até o fim. O girino apertou minha mão, eu me lembro, assim que saímos. Lembra-se? Fomos à livraria, ele sabia que era pela última vez, saiu de trás de sua mesa e apertou minha mão. Na época, a maioria das pessoas não queria apertar minha mão, mas ele apertou. Ele era cordial, o girino, sempre foi.

A Senhorita Collins protegeu os olhos com as mãos e olhou para o lado oposto do jardim. Depois, recomeçou a andar vagarosamente, dizendo:

— É bom lembrar essas coisas. Mas não podemos viver no passado.

— Mas você se lembra — disse Brodsky. — Lembra-se do girino, da livraria. Também se lembra do armário? Da porta que

caiu? Lembra-se de tudo, exatamente como me lembro.

— Lembro-me de algumas coisas. De outras, inevitavelmente, me esqueci. — Sua voz tornou-se cautelosa. — Certas coisas daquele tempo é melhor que sejam esquecidas.

Brodsky pareceu considerar o que ela disse. Finalmente, falou:

— Talvez tenha razão. O passado está cheio de coisas. Estou envergonhado, envergonhado, por isso esqueçamos. Acabemos com o passado. Vamos escolher um animal.

A Senhorita Collins continuou a andar, agora, vários passos à frente de Brodsky. Então, parou e se virou para ele.

— Eu o encontrarei, de tarde, no cemitério, se é o que quer, mas não ache que signifique algo. Não quer dizer que eu concorde a respeito do animal ou qualquer outra coisa. Mas percebo que está preocupado com hoje à noite, que gostaria de falar com alguém sobre sua ansiedade.

— Estes últimos meses. Eu vi as lagartas, mas prossegui, prossegui, eu me preparei. Terá sido em vão, se você não voltar.

— Só estou concordando em encontrá-lo por pouco tempo, nesta tarde. Talvez, por meia hora.

— Mas pensará sobre isso. Pensará sobre isso antes de nos encontrarmos. Pensará sobre isso. Sobre o animal, sobre tudo.

A Senhorita Collins virou-se e ficou por um longo tempo examinando outro arbusto. Finalmente, disse:

— Está bem, pensarei sobre isso.

— Sabe como tem sido para mim. Como tem sido difícil. Às vezes, é tão terrível que tenho vontade de morrer, só para parar com isso, mas insisti porque, desta vez, pude ver uma saída. Maestro novamente. Você voltaria. Será como antes, talvez até mesmo melhor. As vezes, é tão terrível, as lagartas, não há nada mais que eu possa fazer para provar. Não tivemos filhos. Então, vamos ter um animal.

A Senhorita Collins recomeçou a andar, e, dessa vez, Brodsky caminhou ao seu lado, encarando-a com gravidade. Ela fez menção de dizer algo, mas, nesse exato momento,

Parkhurst, atrás de mim, falou.

— Não me juntei a eles, sabe? Quer dizer, quando começaram a falar de você daquela maneira. Nem mesmo ri, nem sorri, não participei. Provavelmente vai achar que só estou dizendo isso porque está aqui, mas é a verdade. Eles me dão nojo, a maneira como falam. E aquela barulheira! Assim que atravessei a porta, a algazarra recomeçou! Nem mesmo um minuto, eles não me deram nem um minuto, nem sessenta segundos para mostrar que tinha mudado. "Parkers! Parkers!" Oh, me dão nojo...

— Ouça — disse eu, ficando subitamente impaciente com ele —, se eles o irritam tanto, por que não lhes disse? Da próxima vez, por que não os enfrenta? Mande-os parar com a algazarra. E

lhes pergunte por que me odeiam tanto. Por que meu sucesso os ofende tanto. Sim, pergunte-lhes! De fato, para causar um impacto maior, por que não faz isso no meio de uma de suas palhaçadas? Sim, bem no meio de uma de suas anedotas, quando estiver fazendo aquelas caras e vozes engraçadas. Quando estiverem todos rindo e dando tapinhas em suas costas, tão alegres por você não ter mudado nem um pouco, pergunte. Pergunte, de repente: "Por quê? Por que o sucesso de Ryder os provoca tanto?" É isso que tem de fazer. Não só me faria um favor, como demonstraria a todos esses idiotas, com um gesto elegante, que há, e sempre houve, uma pessoa muito mais profunda por trás da aparência de palhaço. Alguém não tão facilmente manipulado ou desacreditado. Este seria meu conselho.

— Está tudo muito bem! — gritou Parkhurst com raiva. — É muito fácil para você dizer isso! Não tem nada a perder, eles o odeiam de qualquer jeito! Mas são meus amigos mais antigos. Quando estou lá, cercado por todos esses europeus, na maior parte do tempo me sinto bem. Quando volta e meia acontece algo desagradável, então, digo a mim mesmo: "E daí? O que me importa? São apenas estrangeiros. Em meu próprio país, tenho bons amigos. Basta eu voltar e todos estarão lá, esperando." É muito tranquilo você dar um conselho inteligente como este. Na verdade, pensando bem, provavelmente não está nada bem para você. Não entendo como pode ser tão auto-suficiente. Não dá para se esquecer de seus velhos amigos, mais que eu. Está certo, sabe, algumas das coisas que dizem. Você é mesmo muito cheio de si e ainda pagará por isso. Só porque se tornou famoso! Eles têm razão. "Por que não os enfrenta?" Que arrogância!

Parkhurst insistiu nesse filão por mais algum tempo, mas eu tinha parado de escutar. Sua alusão à minha "auto-suficiência" egoísta havia desencadeado algo, fazendo com que eu subitamente me lembrasse de que meus pais deveriam chegar à cidade em breve. E ali na saleta da Senhorita Collins me veio a clara percepção, provocando-me um pânico glacial, quase palpável, de que não havia preparado nada da peça que deveria executar naquela noite diante deles. Na verdade, fazia vários dias, talvez semanas, que não tocava piano. Agora, ali estava eu, a apenas algumas horas de meu mais importante recital, sem sequer ter providenciado para ensaiar. Quanto mais pensava na situação, mais alarmante parecia. Percebi que andara muito mais preocupado com o discurso que teria de proferir, e, de certa forma irresponsavelmente, havia negligenciado o ponto mais fundamental da apresentação. De fato, não consegui nem mesmo me lembrar de qual peça decidira tocar. Era *Globe-structures: Option*, de Yamanaka? Ou *Asbestos and Fibre*, de Mullery? As duas, ao refletir melhor, se apresentavam perturbadoramente confusas em minha mente. Cada uma delas, me lembrei, continham seções de grande complexidade, mas, ao tentar pensar melhor nessas passagens, vi que não recordava quase nada. E, nesse ínterim, pelo que sabia, meus pais já estavam na cidade. Percebi que não havia um minuto a perder, que, por mais que me solicitassem, tinha primeiro de reservar para mim mesmo pelo menos duas horas de tranqüilidade e privacidade, com um bom piano.

Parkhurst continuava falando com veemência.

— Ouça, desculpe — disse eu, dirigindo-me à porta. — Tenho de ir agora.

Parkhurst ficou em pé de um pulo e sua voz assumiu um tom de súplica.

— Não participei, sabe. Oh, não, não participei mesmo. — Veio atrás de mim como se fosse pegar meu braço. — Nem mesmo sorri. É repugnante a maneira como falavam de você...

— Tudo bem, agradeço — eu disse, ficando longe de seu alcance. — Mas realmente tenho de ir.

Saindo do apartamento da Senhorita Collins, andei às pressas rua acima, incapaz de pensar em qualquer outra coisa que não a necessidade de retornar ao hotel e o piano na sala de estar. De fato, estava tão absorto que não só deixei de olhar para o pequeno portão de ferro quando passei por ele, como não vi Brodsky na minha frente, na calçada, até virtualmente esbarrar com ele. Fez uma mesura e me cumprimentou calmamente, de um modo que sugeria ter estado me observando aproximar há algum tempo.

— Senhor Ryder, nos encontramos de novo.

— Ah, Senhor Brodsky — respondi, sem parar. — Por favor, desculpe, mas estou com muita pressa.

Brodsky me acompanhou por um certo tempo, em silêncio. Embora tenha me ocorrido que havia algo incomum nisso, estava muito absorto para encetar qualquer conversa.

Dobramos a esquina juntos e demos no amplo bulevar. Ali, o passeio estava mais cheio que nunca — era a hora do almoço dos funcionários dos escritórios — e fomos obrigados a diminuir a marcha. Foi então que Brodsky disse:

— Toda aquela conversa da outra noite. Uma grande cerimônia. Uma estátua. Não, não, não teremos nada disso. Bruno detestava essa gente. Vou enterrá-lo discretamente, só eu, o que há de errado nisso? Encontrei um lugar, hoje de manhã, um canto para enterrá-lo, só eu, ele não queria ninguém mais, ele odiava todos eles. Senhor Ryder, eu queria música para ele, a melhor. Um canto tranqüilo, encontrei hoje de manhã. Sei que Bruno gostaria dali. Eu cavarei. Não é preciso cavar muito fundo. Depois, me sentarei ao lado do túmulo, pensarei nele, em tudo que fizemos, direi adeus, e será tudo. Quero música enquanto estiver pensando nele, a melhor música. Faria isso por mim, Senhor Ryder? Faria isso por mim e Bruno? Um favor, Senhor Ryder. Estou pedindo um favor.

— Senhor Brodsky — disse eu, voltando a andar depressa —, não estou entendendo bem o que me pede. Mas devo dizer que não estou em condições de aceitar qualquer outra solicitação de meu tempo.

— Senhor Ryder...

— Senhor Brodsky, lamento muito pelo seu cachorro. Mas o fato é que tenho sido obrigado a atender muitos pedidos, e como resultado fiquei sem tempo para fazer as coisas mais importantes que me trouxeram aqui... — De repente, senti um ímpeto de impaciência me dominar e dei uma parada brusca. — Francamente,

Senhor Brodsky disse, quase gritando —, devo pedir-lhe e a todos os outros que parem de me pedir favores. Está na hora de isso terminar! Deve parar!

Por um segundo, Brodsky olhou-me com uma expressão ligeiramente surpresa. Então, desviou os olhos e pareceu completamente desalentado. Arrependi-me imediatamente de minha explosão, percebendo a irracionalidade de culpar Brodsky pelos diversos contratempos com que tivera de lidar desde que chegara à cidade. Suspirei e disse mais delicadamente:

— Ouça, deixe-me fazer uma sugestão. Estou indo agora ao hotel para ensaiar. Preciso de pelo menos duas horas sem ser perturbado de maneira nenhuma. Mas depois, dependendo de como as coisas se desenvolverem, talvez possa discutir com o senhor a questão relacionada a seu cachorro. Devo deixar claro que não posso prometer nada, mas...

— Era apenas um cachorro — disse Brodsky, repentinamente. Mas eu quero lhe dizer adeus. Queria a melhor música.

— Muito bem, Senhor Brodsky, mas agora estou com pressa. Realmente tenho muito pouco tempo.

Recomecei a andar. Achei realmente que Brodsky me acompanharia, mas ele não se moveu. Hesitei por um segundo, relutando em deixá-lo simplesmente ali, na calçada, mas então me lembrei de que não podia, de maneira alguma, ser distraído. Passei rápido pelos cafés italianos, e não olhei para trás até alcançar o cruzamento e esperar o sinal abrir. Por um instante não percebi por

causa da multidão de pedestres, mas, depois, a figura de Brodsky ficou visível exatamente onde o deixara, um pouco curvado para olhar o trânsito. Ocorreu-me que aquele lugar era, na verdade, um ponto de ônibus elétrico e que Brodsky permanecera ali pela simples razão de estar esperando a condução. Mas, então, o sinal abriu e, quando atravessei o bulevar, meus pensamentos retornaram ao assunto mais urgente, à minha apresentação à noite.

23

Quando cheguei ao hotel, tive a impressão de que o saguão estava agitado, mas, a essa altura, estava tão concentrado na necessidade de providenciar as condições para praticar que nem olhei em volta. De fato, talvez tenha até mesmo passado na frente de outros hóspedes para falar com o recepcionista.

— Com licença, há alguém ocupando a sala de estar?

— A sala de estar? Bem, sim, Senhor Ryder. Os hóspedes gostam de ficar lá depois do almoço, por isso acho que...

— Preciso falar com o Senhor Hoffman imediatamente. É um assunto de extrema urgência.

— Sim, claro, Senhor Ryder.

O recepcionista pegou o telefone e disse algumas palavras. Depois, desligando-o, disse:

— O Senhor Hoffman não demora.

— Ótimo. Mas é um assunto urgente.

Nisso, senti alguém tocar em meu ombro e, ao me virar, encontrei Sophie ao meu lado.

— Olá — eu disse. — O que está fazendo aqui?

— Só estou tentando entregar uma coisa. Você sabe, para o meu pai. — Sophie deu uma risada, constrangida. — Mas ele está ocupado, está na sala de concerto.

— Ah, o casaco — disse eu, reparando no embrulho que carregava.

— Está esfriando, por isso o trouxe, mas ele está na sala de concerto, ainda não voltou. Estamos esperando há quase meia hora. Se não chegar em alguns minutos, teremos de deixar para depois.

Notei Boris sentado em um sofá no outro lado do saguão. Minha visão dele estava obscurecida por um grupo de turistas, no meio do salão, mas dava para ver que estava absorto no manual que eu comprara no cinema. Sophie seguiu meu olhar e tornou a rir.

— Ele anda tão concentrado nesse livro — disse ela. — Depois que você saiu ontem à noite, ficou lendo-o até dormir. E hoje de manhã, desde que se levantou. — Deu outra risada e tornou a olhar para ele.

— Foi uma ótima idéia comprá-lo para ele.

— Fico contente que tenha gostado — eu disse, virando-me para a recepção. Levantei a mão para perguntar ao rapaz o que tinha acontecido com Hoffman, mas, então, Sophie chegou mais perto e disse em um tom de voz diferente:

— Por quanto tempo ainda pretende continuar com isso? Sabe, ele está confuso.

Olhei para ela surpresa, mas continuou a me fitar com um olhar severo.

— Sei que as coisas estão difíceis para você neste momento prosseguiu. — E não tenho ajudado muito. Mas o fato é que ele está triste e preocupado. Por quanto tempo ainda isso vai continuar?

— Não sei a que está se referindo.

— Ouça, já disse que admito que a culpa também é minha. Por que fingir que não está acontecendo?

— Fingindo que não está acontecendo o quê? Presumo que tenha sido uma sugestão de Kim, não foi? Vir com todas essas acusações.

— Na verdade, Kim sempre diz que é muito melhor ser franca com você. Mas, desta vez, não tem nada a ver com ela. Estou falando nisso porque... porque não suporto ver Boris preocupado dessa maneira.

Um pouco confuso, virei-me para o recepcionista. Mas, antes de poder atrair sua atenção, Sophie disse:

— Ouça, não o estou acusando de nada. Tem sido muito compreensivo em relação a tudo. Não poderia lhe pedir que fosse ainda mais razoável. Você sequer gritou comigo. Mas sempre soube que deve sentir uma certa raiva e ela se manifesta assim.

Soltei uma risada.

— Suponho que seja esse o tipo de psicologia barata que converse com essa tal de Kim, não é?

— Eu sempre soube — prosseguiu Sophie, ignorando minha observação. — Você foi muito compreensivo com tudo, mais do que se podia esperar, até mesmo Kim admite isso.

Mas a situação não é realista. Não podemos simplesmente continuar assim, como se nada tivesse acontecido. Você está com raiva. Quem pode censurá-lo? Sempre soube que isso se manifestaria de alguma maneira. O que nunca pensei é que fosse ser dessa maneira. Coitado do Boris. Ele não sabe o que fez.

Olhei novamente para onde Boris estava. Parecia continuar completamente concentrado no manual.

— Ouça — disse eu —, ainda não entendi direito do que está falando. Talvez esteja apenas se referindo ao fato de eu e Boris estarmos adaptando um pouco nosso comportamento um em relação ao outro. Mas certamente isso só é pertinente em razão das circunstâncias. Se andei um pouco distante dele recentemente, foi simplesmente por não querer iludi-lo quanto à verdadeira natureza de nossa vida em comum atual. Temos de ser mais cautelosos. Depois do que aconteceu, quem sabe o que o futuro reserva para

nós três? Boris tem de aprender a ser mais resistente, mais independente. Tenho certeza de que, à sua própria maneira, ele compreende a situação tanto quanto eu.

Sophie desviou o olhar e, por um momento, pareceu refletir sobre alguma coisa. Fiz menção de chamar o recepcionista, mas, de repente, ela falou:

— Por favor, vá até lá. Diga-lhe alguma coisa.

— Ir até lá? Bem, o problema é que tenho um assunto urgente a tratar e assim que Hoffman aparecer...

— Por favor, só algumas palavras. Será muito importante para ele. Por favor.

Ela me olhava fixamente. Quando dei de ombros, ela se virou e se pôs a atravessar o saguão.

Boris olhou para cima quando nos aproximamos, depois, voltou a atenção ao livro com uma expressão grave. Achei que Sophie ia dizer alguma coisa, mas, para minha irritação, ela simplesmente lançou-me um olhar sugestivo e, então, passou pelo sofá em que Boris estava e foi até uma prateleira com revistas, próxima à janela.

Desse modo, me encontrei sozinho, em pé, diante de Boris, enquanto ele continuava sua leitura. Por fim, puxei uma poltrona e me sentei na frente dele.

Boris continuou a ler, sem dar sinal de ter notado minha presença. Então, sem levantar os olhos, murmurou para si mesmo:

— Este livro é o máximo. Mostra tudo.

Pensava no que responder, mas vi Sophie, de costas para nós, fingindo examinar uma revista que acabara de pegar. De repente, senti uma onda de raiva e me arrependi amargamente de tê-la seguido. Percebi que ela conseguira manobrar as coisas de modo que, o que quer que eu tivesse dito a Boris, pudesse ser considerado um triunfo e uma justificação. Lancei mais um olhar às suas costas, os ombros ligeiramente arqueados, afetando estar absorta na revista, e senti a raiva crescer.

Boris virou uma página e continuou a ler. Depois de algum tempo, murmurou, sem erguer os olhos:

— Ladrilhar o banheiro. Agora vou poder fazer isso.

Havia uma seleção de jornais sobre uma mesinha ao lado e não vi por que não ficar também lendo. Peguei um e o abri. Passamos algum tempo em silêncio. Então, quando eu dava uma olhada em um artigo sobre a indústria automobilística alemã, ouvi Boris dizer repentinamente:

— Desculpe.

Havia pronunciado a palavra de uma maneira um tanto agressiva e, de início, cheguei a pensar se Sophie não teria conseguido incitá-lo ou lhe feito um sinal enquanto eu lia. Mas, ao lançar um olhar furtivo em sua direção, vi que continuava de costas e que não parecia ter se mexido. Então, Boris disse:

— Desculpe, fui egoísta. Não quero mais ser assim. Nunca mais falarei do Número Nove. Agora, estou muito velho para isso. com este livro, será fácil. É fantástico. Serei capaz de fazer tudo logo. Vou refazer o banheiro. Não havia me dado conta. Mas aqui mostra tudo, como se faz tudo. Nunca mais falarei do Número Nove.

Era como se proferisse frases que tivesse memorizado e ensaiado. No entanto, havia um quê emocional em sua voz e senti um forte ímpeto de abraçá-lo e confortá-lo.

Mas, então, vi os ombros de Sophie se erguerem e abaixarem, e voltei a pensar na irritação que sentia em relação a ela. Além disso, percebi que a longo prazo nenhum de nossos interesses seriam satisfeitos se eu permitisse que ela manipulasse a situação da maneira como tentava fazer agora.

Dobrei o jornal e me levantei, olhando para trás para ver se Hoffman tinha aparecido. Ao fazer isso, Boris tornou a falar, revelando pânico em sua voz.

— Prometo. Prometo que aprenderei a fazer tudo. Agora vai ser fácil.

Sua voz tremeu um pouco, mas, quando tornei a olhar para ele, seus olhos estavam fixos na página. Notei que seu rosto estava corado de um modo estranho. Percebi, então, um movimento do outro lado do saguão e vi Hoffman ao lado da recepção, acenando para mim.

— Tenho de ir — gritei para Sophie. — Tenho algo muito importante a fazer. Eu os verei em outra hora.

Boris virou uma página, mas não olhou para cima.

— Logo mais — eu disse a Sophie. — Conversaremos logo mais. Agora tenho de ir.

Hoffman havia se dirigido ao meio do saguão e me aguardava com ansiedade.

— Desculpe tê-lo feito esperar, Senhor Ryder — disse ele. — Devia ter previsto que chegaria bem antes da hora para esse tipo de reunião. Acabo de vir da sala da diretoria, e posso lhe garantir que aquelas pessoas, aquelas senhoras e senhores comuns, estão extremamente gratos por ter concordado em conhecê-los pessoalmente. Agradecidos pelo senhor avaliar a importância de escutar de sua própria boca o que estão passando.

Olhei-o duramente.

— Senhor Hoffman, parece que está havendo um mal-entendido. Exijo, agora, duas horas para praticar. Duas horas de completa privacidade. Devo pedir que esvazie a sala de estar o mais rápido possível.

— Ah, sim, a sala. — Então deu uma risada. — Desculpe, Senhor Ryder, não compreendo. Como sabe, o comitê do Grupo de Apoio Mútuo está neste exato momento aguardando na sala da diretoria...

— Senhor Hoffman, parece que não percebeu a urgência da situação. Em razão de eventos imprevistos, um atrás do outro, há

vários dias não tenho tido chance de tocar. Insisto em ter acesso a um piano o mais rápido possível.

— Ah, sim, Senhor Ryder. É perfeitamente compreensível. Farei tudo o que puder para ser útil. Mas no que se refere à sala de estar, não seria nada viável no momento. Está cheia de hóspedes...

— O senhor parece perfeitamente capaz de esvaziá-la para o Senhor Brodsky.

— Ah, sim, tem razão. Bem, se insiste realmente em preferir o piano da sala de estar aos demais pianos do hotel, certamente, terei prazer em obedecer. Irei agora

mesmo, pessoalmente, pedir a todos os hóspedes que saiam, independente de eles estarem no meio de um cafezinho ou fazendo qualquer outra coisa. Sim, farei isso. Mas, quem sabe antes de eu tomar essa medida extrema, o senhor pudesse considerar outras opções. Sabe, o piano da sala de estar não é de modo algum o melhor do hotel. De fato, algumas das notas graves são distintamente duvidosas.

— Senhor Hoffman, se não for o da sala de estar, não importa, por favor, diga-me o que tem disponível. Não tenho uma preferência especial pela sala em si. Só preciso de um bom piano e privacidade.

— A sala de ensaio. Satisfará muito mais às suas necessidades.

— Muito bem, então. A sala de ensaio.

— Excelente.

Começou a me conduzir. Depois de apenas alguns passos, se deteve e curvou-se confidencialmente.

— Entendo, Senhor Ryder, que esteja pedindo a sala de ensaio para assim que acabe a reunião?

— Senhor Hoffman, não gostaria de ressaltar mais uma vez a urgência da presente situação...

— Ah, sim, sim, Senhor Ryder. É claro, é claro. Entendo perfeitamente. Então... está pedindo para praticar antes da reunião. Sim, sim, entendo perfeitamente. Não tem problema, as pessoas ficarão felizes em esperar um pouco. Bem, não importa, siga-me, por favor.

Deixamos o saguão, atravessando uma porta que eu não notara antes, localizada à esquerda do elevador, e logo estávamos percorrendo o que obviamente era um corredor

de serviço. As paredes não estavam decoradas e tubos fluorescentes acima davam a tudo um aspecto pesado e severo. Passamos por uma série de grandes portas de correr, por trás das quais chegava um barulho de cozinha. Uma das portas estava aberta e entrevi uma peça excessivamente iluminada, com latas de metal empilhadas, em colunas, em uma bancada de madeira.

— Estamos tendo de organizar a maior parte das provisões para hoje à noite aqui, nas dependências do hotel — disse

Hoffman. — A sala de concerto, como pode imaginar, tem pouco espaço para a cozinha.

O corredor fez uma curva e passamos pelo que supus ser as dependências da lavanderia. A certa altura, passamos por uma série de portas por trás das quais nos chegou o som de duas mulheres gritando uma com a outra, com um rancor alarmante. Hoffman, entretanto, pareceu nada perceber e continuou a andar em silêncio. Então, ouvi-o dizer a meia voz:

— Não, não, aqueles cidadãos ficarão gratos, independente disso. Um pequeno atraso, não se importarão com isso.

Por fim, se deteve em frente a uma porta não assinalada. Esperei que a abrisse para mim, mas, em vez disso, desviou o olhar e se afastou.

— É ali, Senhor Ryder — murmurou e fez um gesto rápido, furtivo, por sobre o ombro.

— Obrigado, Senhor Hoffman. — Empurrei a porta.

Hoffman continuou imóvel em seu lugar, o olhar para longe da porta.

— Esperarei aqui — sussurrou.

— Não é preciso, Senhor Hoffman. Conseguirei achar o caminho de volta.

— Estarei aqui, não se preocupe.

Eu não podia perder tempo discutindo e apressei-me a entrar.

Encontrei-me em uma sala estreita e comprida com o piso de pedra cinza. As paredes eram revestidas de ladrilhos até o teto. Tive a impressão de que havia uma fileira de pias, à minha esquerda, mas estava tão ansioso para chegar ao piano que prestei pouca atenção a esses detalhes. Seja como for, meu olhar foi imediatamente atraído pelos cubículos de madeira à minha direita. Havia três, pintados de uma cor desagradável, verde-sapo, um ao lado do outro. As portas dos dois compartimentos da ponta estavam fechadas, mas o cubículo central — que parecia ter dimensões um pouco maiores — estava com a porta entreaberta e pude divisar, em seu interior, um piano, com a tampa aberta, deixando as teclas à mostra. Sem mais cerimônias, tentei entrar, e descobri, frustrado, que não seria nada fácil. A porta — que se abria sendo empurrada — era impedida de ser escancarada pelo próprio piano, e para conseguir entrar e tornar a fechá-la, fui obrigado a me comprimir o máximo possível em um canto e puxar a beirada da porta bem devagar para passar o tronco. Acabei conseguindo passar e trancar a porta, depois — novamente com certa dificuldade, dado o espaço exíguo —, puxei o banco debaixo do piano. Contudo, uma vez sentado, senti-me razoavelmente confortável, e quando corri os dedos pelas teclas, descobri que, apesar da descoloração das teclas e de seu corpo externo arranhado, o piano possuía um tom sensível e suave e estava perfeitamente afinado. Além do mais, a acústica no interior do cubículo não era tão claustrofóbica como seria de se esperar.

Uma intensa sensação de alívio me invadiu e, repentinamente, me dei conta de como passara aquela última hora tenso. Respirei lenta e profundamente algumas vezes e comecei a me preparar para a mais importante das sessões de prática. Foi quando me lembrei de que ainda não resolvera a questão de que peça executar naquela noite.

Sabia que minha mãe acharia particularmente comovente o movimento central de *Globestructures: Option II*, de Yamanaka. Mas meu pai certamente preferiria *Asbestos and Fibre*, de Mullery. De fato, era até mesmo possível que ele não aprovasse Yamanaka. Fiquei ali, encarando as teclas por mais alguns instantes, antes de me decidir com firmeza por Mullery.

A decisão me fez sentir melhor e estava me preparando para iniciar seus explosivos acordes de abertura quando senti algo duro bater em minhas costas. Ao me virar, percebi, desanimado, que a porta, não sabia como, se destrancara e se abriu.

Fiquei de pé com dificuldade e a fechei com força. Então, notei que o mecanismo do trinco pendia de cabeça para baixo. Depois de examiná-lo mais atentamente, e com uma certa engenhosidade, consegui colocá-lo no lugar. Mas, quando tornei a fechar a porta, vi que tinha realizado apenas a mais provisória das soluções. O trinco estava propenso a cair novamente a qualquer momento. Poderia estar no meio de *Asbestos and Fibre* — no meio, digamos, de uma das passagens mais intensas, no terceiro movimento — e a porta facilmente tornaria a se abrir, expondo-me a quem quer que estivesse passando casualmente no lado de fora de meu cubículo. E, certamente, se alguém insensível, não percebendo

que eu estava ali dentro, tentasse entrar, a tranca não ofereceria a menor resistência.

Todos esses pensamentos me passaram pela cabeça quando voltei a me sentar no banco. Porém, dali a pouco, cheguei à conclusão de que se não aproveitasse totalmente essa oportunidade de praticar, talvez não tivesse outra chance. E, mesmo que as condições não fossem as ideais, o piano era perfeitamente adequado, com uma certa determinação, esforcei-me para deixar de me preocupar com a porta defeituosa e me preparar mais uma vez para os compassos de abertura da peça de Mullery.

Então, assim que meus dedos se sustentaram sobre as teclas, ouvi um ruído — um ligeiro rangido, como o causado por um sapato ou peça de roupa — proveniente de algum lugar bem próximo. Girei sobre o banco. Só então percebi que, embora a porta estivesse fechada, sua parte superior não existia, de modo que se parecia mais ou menos com a porta de um estábulo. Tinha ficado tão preocupado com o trinco defeituoso que deixara de reparar nesse fato gritante. Agora, vi como a porta terminava em uma ponta áspera na altura logo acima da cintura. Se a parte de cima havia sido arrancada por um ato de vandalismo injustificado ou porque estava sendo reformada, não podia saber. Em todo caso, mesmo de minha posição, ali sentado, pude, esticando o pescoço, ter uma clara visão dos ladrilhos brancos e das pias ali fora.

Não podia acreditar que Hoffman tivesse tido a desfaçatez de me oferecer tais condições. Na verdade, ninguém mais entrara ali até aquele momento, mas era perfeitamente possível que um grupo de seis ou sete funcionários do hotel chegasse a qualquer momento

e começasse a usar as pias. A situação parecia insustentável e estava prestes a abandonar, furioso, o cubículo, quando percebi um trapo pendurado em um prego no batente da porta, perto da dobradiça superior.

Encarei-o por um segundo e, então, localizei outro prego no outro batente da porta, exatamente na mesma altura do primeiro. Adivinhando imediatamente o propósito do trapo e dos pregos, levantei-me para examiná-los melhor. O trapo revelou-se uma velha toalha de banho. Quando o estendi, prendendo cada ponta em um dos pregos, vi que formava uma cortina bastante adequada, cobrindo a parte que faltava da porta.

Tornei a sentar, sentindo-me muito melhor, e me preparei mais uma vez para os acordes de abertura. Quando ia começar a tocar, fui interrompido de novo pelo rangido.

Dessa vez, percebi que provinha do cubículo à esquerda. Comecei a me dar conta de que, não apenas alguém estivera no compartimento ao lado o tempo todo, como também o isolamento perfeito entre os cubículos virtualmente não existia, e que a pessoa me passara despercebida até aquele momento porque — por qualquer motivo que fosse — permanecera muito quieta.

Furioso, tornei a me levantar e puxei a porta, fazendo com que o trinco se soltasse novamente e a toalha caísse no chão. Ao me comprimir para sair, o homem do cubículo ao lado, talvez não vendo por que se reprimir, pigarreou estrondosamente. Apressei-me a sair dali, extremamente enojado.

Fiquei um tanto surpreso ao deparar com Hoffman me esperando no corredor, mas, então, me lembrei de que ele prometera fazer isso. Estava de costas para a parede, mas, assim que apareci, se aprumou e ficou em posição de sentido.

— Bem, Senhor Ryder — disse ele sorrindo —, se fizer o favor de me acompanhar. As senhoras e senhores estão ansiosos para conhecê-lo.

Encarei-o friamente.

— Que senhoras e senhores, Senhor Hoffman?

— Ora, os membros do comitê, Senhor Ryder. Do Grupo de Apoio Mútuo...

— Ouça, Senhor Hoffman... — Eu estava com muita raiva, mas a sutileza do que eu tinha para explicar fez com que eu me interrompesse. Hoffman, finalmente percebendo que alguma coisa me perturbava, se deteve no meio do corredor e me olhou preocupado.

— Senhor Hoffman, lamento muito essa reunião, mas é imperativo que eu pratique. Não posso fazer nada mais até que tenha conseguido praticar.

Hoffman pareceu genuinamente surpreso.

— Desculpe — disse ele, baixando a voz discretamente —, mas não acabou de praticar?

— Não. Fui... fui incapacitado de fazê-lo.

— Foi incapacitado? Senhor Ryder, está tudo bem? Quer dizer, está passando bem?

— Estou muito bem. Ouça — dei um suspiro —, se quer saber, não pude praticar porque... bem, francamente, as condições não ofereciam o nível de privacidade necessário. Não, deixe-me falar. O nível de privacidade é inadequado. Pode satisfazer a algumas pessoas, mas a mim... Bem, vou falar, Senhor Hoffman, vou falar francamente. Tem sido assim desde que eu era pequeno. Nunca fui capaz de praticar sem total, sem a completa privacidade.

— Mesmo?

— Hoffman assentiu gravemente com a cabeça.

— Compreendo, compreendo.

— Bem, espero que sim. As condições ali — abanei a cabeça estão longe de serem adequadas. A questão é que tenho, tenho de ter as condições satisfatórias para praticar...

— Sim, sim, claro — assentiu compreensivamente. — Acho que tenho a solução. A sala no anexo lhe proporcionará absoluta privacidade. O piano é excelente e, quanto à privacidade, eu a garanto. É muito, muito privado.

— Muito bem. Parece uma solução. O anexo, o senhor disse?

— Sim, senhor. Eu o levarei até lá assim que tiver terminado sua reunião com o Grupo de Apoio Mútuo...

— Senhor Hoffman! — gritei repentinamente, contendo o ímpeto de agarrá-lo pelo colarinho. — Preste atenção! Não estou me importando com esse grupo de cidadãos! Não me importa quanto tempo levem esperando! O fato é que, se não puder praticar, arrumarei as malas e deixarei a cidade imediatamente! com certeza, Senhor Hoffman. Não haverá palestra, nem apresentação, nada! Está me entendendo, Senhor Hoffman? Está entendendo?

Hoffman olhou-me espantado, empalidecendo.

— Sim, sim — murmurou —, sim, é claro, Senhor Ryder.

— Por isso lhe peço — consegui controlar um pouco o tom de voz —, por favor. Faça a gentileza de me conduzir a esse anexo sem mais delongas.

— Muito bem, Senhor Ryder. — Riu de modo estranho. — Entendo perfeitamente. Afinal, são apenas pessoas comuns. Que necessidade alguém como o senhor teria de... — Então se recompôs e disse com firmeza: — Por aqui, Senhor Ryder, queira me acompanhar.

24

Avançamos uma pequena distância pelo corredor, depois passamos por uma lavanderia grande, com várias máquinas rosnando. Hoffman conduziu-me por uma saída e deparei com as portas duplas da sala de estar.

— Cortaremos caminho por aqui — disse Hoffman.

Assim que entramos na sala, compreendi sua relutância anterior em esvaziá-la para mim. Estava lotada de gente que ria e conversava, alguns vestidos de modo vistoso, e a primeira idéia que me ocorreu foi a de que havíamos penetrado em uma festa particular. Porém, ao atravessarmos lentamente a sala, passando por toda aquela gente, distingi vários grupos distintos. Alguns habitantes locais ocupavam uma parte da sala. Outro grupo parecia composto de jovens americanos ricos — muitos dos quais cantavam, em uníssono, algum hino da universidade —, enquanto, ainda em outra parte, um grupo de japoneses havia juntado algumas mesas e também se comportava excitada e tumultuosamente. De modo curioso, embora os grupos estivessem nitidamente separados, a impressão era de perfeita interação entre eles. Ao meu redor, as pessoas erravam de mesa em mesa, dando tapinhas uns nas costas dos outros, tirando fotos uns dos outros e passando pratos de sanduíches de lá para cá. Um garçom, com um ar aborrecido, de uniforme branco, passava por eles com um bule de café em cada mão. Pensei em procurar o piano, mas estava muito ocupado, me comprimindo para conseguir abrir passagem e acompanhar Hoffman. Por fim, alcancei o outro lado da sala, onde Hoffman segurava, para mim, a porta aberta.

Atravessei um corredor cuja extremidade dava para o lado de fora. No momento seguinte, encontrei-me em um pequeno estacionamento ensolarado, que logo reconheci como aquele em que estivera com Hoffman na noite do banquete para Brodsky. Ele me conduziu a um grande carro preto, e, alguns minutos depois,

rodávamos vagorosamente pelo congestionamento da hora do almoço.

— O trânsito nesta cidade — Hoffman suspirou. — Senhor Ryder, gostaria que ligasse o ar-condicionado? Tem certeza? Meu Deus, olha só o trânsito! Graças a Deus não teremos de suportá-lo por muito tempo. Pegaremos a estrada sul.

Realmente, no sinal seguinte, Hoffman dobrou, pegando uma estrada em que os veículos se moviam de modo mais tranqüilo, e logo rodávamos a uma boa velocidade através da vasta região rural.

— Ah, sim, isso é algo maravilhoso na nossa cidade — disse Hoffman. — Não é necessário ir muito longe para estarmos em um local agradável. Vê? O ar já está melhorando.

Disse alguma coisa concordando e me calei, não querendo me distrair conversando. Em primeiro lugar, comecei a ter dúvidas a respeito de minha decisão de executar Asbestos and Fibre. Quanto mais pensava, mais me voltava à memória certa vez em que minha mãe expressara sua irritação especificamente com essa composição. Considerei por um momento a possibilidade de algo totalmente diferente, algo como Wind Tunnels, de Kazan, mas, então, lembrei que a peça levava duas horas e quinze minutos.

Não havia dúvida de que a curta e profunda Asbestos and Fibre era a escolha óbvia. Nenhuma outra peça com sua extensão ofereceria a mesma oportunidade de demonstrar uma gama tão ampla de estados de espírito. E, com certeza, pelo menos aparentemente, era uma peça que se esperava que minha mãe

apreciasse. Mas havia mais alguma coisa nada mais que a vaga sombra de uma recordação — que impedia que me sentisse tranqüilo quanto à escolha.

Exceto um caminhão muito à frente, parecíamos estar sós na estrada. Observei as terras de fazendas dos dois lados e tornei a me esforçar para recordar o fragmento evasivo de memória.

— Estamos perto, Senhor Ryder — disse Hoffman. — Estou certo de que achará a sala no anexo muito mais adequada. É muito tranqüila, o local ideal para praticar por uma ou duas horas. Logo, logo, estará entregue à sua música. Como o invejo! Logo estará vagando por suas idéias musicais. Exatamente como se vagasse por uma galeria majestosa, onde, por algum milagre, lhe dissessem para pegar uma sacola de papel e levar para casa o que quisesse. Perdoe-me — deu uma risada —, mas sempre alimentei essa fantasia. Minha mulher e eu andando por uma galeria maravilhosa, repleta dos mais belos objetos. Exceto nós, o lugar está deserto. Sequer uma recepcionista. E, sim, carrego uma sacola de papel, na qual nos disseram que podíamos colocar tudo o que quiséssemos. Naturalmente, haveria algumas normas. Não poderíamos levar mais do que coubesse na sacola. E, evidentemente, não seria permitido que vendêssemos nada — não que tivéssemos pensado em abusar dessa maneira de uma oportunidade tão sublime. Pois bem, lá estaríamos nós, minha mulher e eu, caminhando juntos por esse salão celestial. A galeria faria parte de uma grande mansão no campo, talvez com vista para vastas extensões de terra. O panorama da sacada seria espetacular. Estátuas fantásticas de leões em cada lado. Minha mulher e eu ficaríamos ali, contemplando o cenário,

analisando que objetos levaríamos. Nessa fantasia, não sei por que, uma tempestade está sempre para desabar. O céu está cinza escuro, mas, ainda assim, as sombras sugerem o sol de verão mais intenso. Trepadeiras, heras, por toda a varanda. E somente minha mulher e eu, nossa sacola de papelão ainda vazia, analisando o que levar. — Riu subitamente. Perdoe-me, Senhor Ryder, estou sendo indulgente comigo mesmo. É que é assim que imagino que deva ser para alguém como o senhor, com seu talento ficar ao piano por mais de uma hora, em uma localidade tranqüila. É como deve ser para o inspirado. Vagará por suas idéias musicais sublimes. Examinará uma, abanará a cabeça, a deixará de lado. Por mais bela que seja, não é exatamente o que procura. Ah! Como deve ser belo no interior de sua mente, Senhor Ryder! Como adoraria ser capaz de acompanhá-lo na jornada que empreenderá no momento em que seus dedos tocarem as teclas. Mas é claro que irá aonde possivelmente não poderei acompanhá-lo. Como o invejo!

Murmurei alguma coisa indefinida e ficamos em silêncio por algum tempo. Então, Hoffman disse:

— Minha mulher, antes de nos casarmos. Acho que era assim que via nossa vida juntos. Alguma coisa parecida com isso, Senhor Ryder. Que entraríamos, de braços dados, em algum museu belo e deserto, com nossa sacola de papel. Embora ela nunca o tenha concebido nesses termos tão fantasiosos. Sabe, minha mulher é de uma linhagem de pessoas talentosas. Sua mãe era uma ótima pintora. Seu avô foi um dos maiores poetas da língua flamenga de sua geração. Por alguma razão inexplicável, foi esquecido, mas isso não altera nada. Oh, há outros na família muito talentosos, todos

eles. Sendo educada em uma família como essa, sempre considerou a beleza e o talento como coisa certa. Como poderia ter sido de outro modo? Vou lhe dizer uma coisa: isso causou alguns mal-entendidos. De fato, um grande mal-entendido logo no começo de nosso relacionamento.

Tornou a se calar e, por um momento, fixou o olhar na estrada que se desenrolava à nossa frente.

— Foi a música que primeiro nos uniu — disse ele. — Sentávamos nos cafés, na Harrengasse, e conversávamos sobre música. Ou melhor, eu falava. Acho que eu falava sem parar. Lembro-me de certa vez em que caminhava com ela pelo Volksgarten e descrevia, detalhadamente, meus sentimentos em relação a *Ventilations*, de Mullery. Evidentemente, éramos jovens, tínhamos tempo de nos distrair com essas coisas. Mesmo naqueles dias, ela não era muito de falar, mas escutava o que eu dizia e dava para eu ver que ficava extremamente emocionada. Oh, sim. Incidentalmente, Senhor Ryder, eu disse que éramos jovens, mas, na verdade, acho que não éramos tão jovens. Estávamos naquela idade em que já poderíamos estar casados há algum tempo. Talvez ela sentisse uma certa urgência, quem sabe? Em todo caso, falamos em nos casar. Eu estava tão apaixonado por ela, Senhor Ryder, pela primeira vez eu estava muito apaixonado. E ela era tão bonita. Mesmo agora, se conhecê-la, verá como deve ter sido bonita. Um tipo de beleza especial. Percebia-se imediatamente que tinha uma sensibilidade para as coisas belas. Não me importo em admitir que estava muito apaixonado por ela. Não posso descrever o que senti quando aceitou se casar comigo. Pensei que minha vida seria só

alegria, uma constante e inabalável alegria. Mas, então, alguns dias depois, um pouco antes de ela concordar com o casamento, veio à minha casa pela primeira vez. Nessa época, eu trabalhava no Hotel Burgenhof, e alugava um quarto próximo à Glockenstrasse, à margem do canal. Não exatamente o ideal, mas um quarto digno. Havia uma estante de livros e uma mesa de carvalho sob a janela. E, como disse, dava para o canal. Era inverno, uma esplêndida manhã ensolarada de inverno, e uma bonita luz invadia o cômodo. Evidentemente, eu planejara tudo, exatamente daquela maneira. Ela entrou e olhou em volta, olhou tudo ao redor. Então, perguntou calmamente: "Mas onde compõe?" Lembro-me disso muito bem, daquele exato momento, Senhor Ryder, lembro-me nitidamente. Percebi que era um momento crítico em minha vida. Não estou exagerando. Em vários aspectos, agora compreendo, minha vida atual teve início naquele instante. Christine, em pé, próxima à janela, a luz de janeiro, sua mão na mesa, apenas alguns dedos, como se estivesse se apoiando. Estava muito bonita. E ela me fez essa pergunta, genuinamente surpresa. Entende? Ela estava realmente intrigada. "Mas onde compõe suas músicas? Não há um piano." Não sabia o que responder. Percebi que tinha havido um mal-entendido, um mal-entendido de proporções catastróficamente cruéis. O senhor seria capaz de me censurar por ter sentido a tentação de me salvar? Eu não diria uma mentira completa. Oh, não, nem mesmo para me preservar. Mas foi um momento muito difícil. Agora, pensando nisso, sinto um arrepio me atravessar, mesmo hoje, ao lhe contar. "Mas onde compõe suas músicas?" "Não, não há piano", disse animado. "Não há nada. Nenhuma pauta, nada. Decidi não tornar a compor por dois anos." Foi isso que respondi. Fui muito

rápido, disse isso sem demonstrar a menor aflição ou hesitação. Cheguei até mesmo a dar uma data específica em que pretendia voltar a compor. Mas chegou o dia marcado e, nada, não compunha. O que poderia dizer? Esperava que eu olhasse para essa mulher, a mulher que eu amava desesperadamente, que há apenas alguns dias aceitara se casar comigo, esperava que eu me entregasse? Que eu dissesse "Oh, querida, foi tudo um mal-entendido. Naturalmente, eu a deixo livre de qualquer obrigação. Por favor, vamos nos separar com isso..." É claro que eu não podia. Talvez pense que eu tenha sido desonesto. Isso é muito duro. Seja como for, na fase de minha vida em que disse aquilo não era totalmente uma mentira. Acontece que eu tinha a intenção de um dia dedicar-me a um instrumento e, sim, queria tentar compor. Portanto, não foi uma mentira rematada. Fui insincero, admito. Mas o que mais podia fazer? Não podia perdê-la. Por isso lhe disse que tinha decidido parar de compor por dois anos. Para clarear minhas idéias e emoções, ou algo parecido. Lembro-me de ter falado sobre isso por algum tempo. E ela me escutava, aceitando tudo, assentindo com sua bela e inteligente cabeça, solidária nesse disparate que eu lhe contava. Mas o que eu podia fazer? E sabe que, depois dessa manhã, ela nunca mais tornou a mencionar o assunto, nunca mais em todos estes anos. Incidentalmente, Senhor Ryder, vejo que está a ponto de perguntar, e Vou lhe dizer uma coisa: responder, Vou lhe dizer uma coisa: garantir. Nunca, antes dessa manhã, nunca durante o tempo todo de nosso namoro, durante todas as nossas caminhadas à margem do canal, nas vezes em que nos encontrávamos para tomar café na Harrengasse, eu nunca, nunca, intencionalmente levei-a a acreditar que compunha. Que estava perpetuamente apaixonado pela música,

que ela alimentava meu espírito diariamente, que a escutava em meu coração sempre que despertava pela manhã, sim, todas essas coisas eram sugeridas e eram verdadeiras. Mas nunca a enganei deliberadamente.

Oh, não, nunca. Foi simplesmente um terrível mal-entendido. Vindo de uma família como a dela, inevitavelmente supôs que... Quem sabe? Mas até aquela manhã, em meu quarto, eu nunca havia proferido uma única palavra para insinuar esse tipo de coisa. Bem, como já disse, Senhor Ryder, ela nunca mais tocou no assunto, sequer uma vez. Casamo-nos no devido tempo, compramos um pequeno apartamento na praça Friedrich, consegui uma boa colocação no Ambassadors. Começamos nossa vida em comum e, durante algum tempo, fomos razoavelmente felizes. É claro que nunca me esqueci do... do mal-entendido. Mas não me preocupou tanto como talvez imagine. Sabe, como disse antes, naquele tempo, bem, eu tinha intenção, quando chegasse a hora, quando tivesse uma oportunidade, de me dedicar a um instrumento. Talvez ao violino. Eu tinha alguns planos na época, como é comum quando somos jovens, quando não nos damos conta de como o tempo é limitado, quando não nos damos conta de que somos cercados por uma concha, uma concha tão sólida que não conseguimos escapar dela! — Subitamente, tirou as mãos do volante e as empurrou contra um domo invisível à sua volta.

O gesto encerrava mais saturação que raiva. Logo em seguida, deixou suas mãos caírem de novo sobre o volante. Prosseguiu com um suspiro:

— Não, eu não sabia disso. Ainda esperava poder me tornar o tipo de pessoa que ela acreditava que eu era. Na verdade, eu achava que conseguiria me tornar essa pessoa justamente por causa de sua presença, de sua influência. E no primeiro ano de nosso casamento, Senhor Ryder, como já disse, fomos razoavelmente felizes. Compramos aquele apartamento, era perfeitamente adequado. Havia dias em que eu achava que ela perceberia o mal-entendido e que não se importaria. Não sei, naquele tempo, tudo que é tipo de pensamento me passava pela cabeça. Então, naturalmente, a data que eu mencionara, ao fim de dois anos, em que eu deveria voltar a compor, chegou e passou.

Eu a observava atentamente, mas ela não dizia nada a respeito. Ficava calada, é verdade, sempre se calou. Não disse nada, não agiu de modo diferente. Mas acho que foi por volta dessa época, por volta da data marcada, que a tensão se introduziu em nossa vida. Era uma espécie de tensão não aparente, mas que parecia sempre presente, por mais alegre que passássemos uma noite, sempre estava ali. Eu organizava, de surpresa, idas a seu restaurante preferido, ou levava flores para casa, com seus perfumes favoritos. Sim, agia diligentemente para agradá-la. Mas sempre havia essa tensão. Por muito tempo, consegui não prestar atenção nela. Dizia a mim mesmo que era imaginação minha.

Acho que não queria admitir que existia e crescia a cada dia. Só soube realmente que ela estava ali quando desapareceu. Sim, desapareceu e, então, me dei conta do que tinha sido. Foi numa tarde, estávamos casados há três anos, cheguei do trabalho, levei-lhe um pequeno presente, um livro de poesia que sabia que ela

queria. Ela não havia dito nada explicitamente, mas adivinhei. Entrei em casa e a vi olhando lá para baixo, para a praça. Via-se todo mundo voltando do trabalho a essa hora da tarde. Era um apartamento barulhento, mas não tão ruim para quando se é relativamente jovem. Dei-lhe o livro. "Só um pequeno presente", disse eu. Ela continuou a olhar pela janela. Estava ajoelhada no sofá, os braços apoiados no encosto, de modo que podia deitar a cabeça enquanto olhava. Então, pegou o livro da minha mão, cansada, e, sem dizer uma palavra, continuou a olhar a praça. Permaneci em pé no meio da sala, esperando que falasse alguma coisa, que agradecesse. Talvez não se sentisse bem. Fiquei esperando, um pouco preocupado. Então, finalmente, se virou e olhou para mim. Não de modo grosseiro, oh, não, mas me lançou um olhar particular. De quem confirmava com os olhos o que andara pensando. Sim, era exatamente isso, e eu soube que ela finalmente me vira. E foi quando compreendi, me dei conta da tensão. O tempo todo estivera esperando, esperara por esse momento. E, sabe, pode parecer estranho, mas foi um enorme alívio. Finalmente, finalmente, ela havia me enxergado. Oh, que alívio! Senti-me tão libertado. Na verdade, exclamei "Ah!" e sorri. Ela deve ter achado esquisito, mas, logo em seguida, me recompus. Percebi imediatamente, oh, sim, a sensação de libertação foi breve, pois percebi imediatamente os novos dragões que teria de combater e logo me pus em alerta. Vi que teria de trabalhar em dobro, em triplo, para conservá-la. Mas, sabe, ainda acreditava que se trabalhasse nisso, ainda que ela tivesse se dado conta, se eu trabalhasse duro, ainda poderia conquistá-la. Como fui tolo! Sabe que durante vários anos, a partir desse dia, continuei a acreditar nisso, a acreditar que estava

conseguindo? Oh, ficava muito atento. Fazia tudo o que estivesse ao meu alcance para agradá-la. E nunca fui displicente. Percebi que seus gostos, suas preferências, provavelmente mudariam com o tempo, por isso, observava cada nuance, pronto para antecipar qualquer alteração. Oh, sim, Senhor Ryder, durante aqueles poucos anos, cumpri meu papel de marido de modo magnífico. Se um compositor de quem ela gostava há anos começasse a desagradá-la, eu perceberia instantaneamente, quase antes de ela expressar a mudança para si mesma.

Na próxima vez que o compositor fosse mencionado, eu diria rapidamente, mesmo que ela hesitasse em expressar sua dúvida, eu diria rapidamente: "É claro que ele não é mais o que era. Por favor, não vamos nos dar o trabalho de ir ao concerto hoje à noite. Você o achará maçante." E eu seria recompensado por sua inegável expressão de alívio. Oh, sim, eu era extremamente atencioso, e, como já disse, acreditava nisso. Enganei a mim mesmo, eu a amava tanto, iludi-me pensando que, aos poucos, a estava conquistando. Por alguns anos, realmente me senti confiante. Então, tudo mudou, mudou tudo em uma só noite. Vi como tudo era inevitável, como todos os meus esforços não adiantavam nada. Vi tudo isso em uma noite. Havíamos sido convidados à casa do Senhor Fischer, que organizara uma pequena recepção para Jan Piotrowski, depois de seu concerto. Começávamos a ser convidados para esse tipo de eventos, eu começava a ganhar um certo respeito pela minha apreciação aguçada das artes. Bem, em todo caso, lá estávamos nós na casa do Senhor Fischer, em sua bela sala. Não havia muitas pessoas, quarenta no máximo, foi uma noite muito descontraída. Não sei se chegou a conhecer Piotrowski. Revelou-se

um homem realmente muito agradável, muito habilidoso em deixar todos à vontade. Sua conversa fluía facilmente, todos nos divertíamos. Então, a certa altura, dirigi-me à mesa em que estava o bufê, e me servia de algumas coisas, quando percebi o Senhor Piotrowski ao meu lado. Eu ainda era muito jovem, não tinha experiência com celebridades, e, sim, fiquei um pouco nervoso, admito. Mas o Senhor Piotrowski sorriu gentilmente, perguntou se eu estava gostando, logo me pôs à vontade. Então, ele disse: "Acabo de conversar com sua encantadora esposa. Ela me falava de seu amor por Baudelaire. Tive de lhe confessar que não conhecia sua poesia profundamente. Ela me repreendeu com razão por causa disso. Oh, ela me deixou muito envergonhado. Pretendo corrigir isso sem mais demora. O amor de sua esposa pelo poeta é absolutamente contagiante!" Concordei com a cabeça e disse: "Sim, claro. Ela sempre gostou de Baudelaire." "E com que paixão", Piotrowski prosseguiu, "ela realmente me deixou envergonhado." E isso foi tudo que aconteceu, tudo que dissemos um ao outro. Mas, sabe, Senhor Ryder, a questão é a seguinte: eu nunca soube de seu amor por Baudelaire! Nunca sequer suspeitei. Entende o que quero dizer? Ela nunca me revelara tal paixão! E quando Piotrowski me contou, algo se tornou claro. De repente, vi nitidamente o que evitava enxergar ao longo daqueles anos. Isto é, que ela sempre escondera de mim certas partes de si mesma. Preservava-as como se o contato com minha rudeza as danificasse.

Como disse, talvez eu sempre tenha suspeitado disso. De que havia todo um lado que ela mantinha afastado de mim. E quem poderia censurá-la? Uma mulher de grande sensibilidade, criada em uma casa como a dela. Não hesitou em contar a Piotrowski, mas, ao

longo de todos aqueles anos que havíamos passado juntos, jamais tinha insinuado nada sobre seu amor por Baudelaire. Durante os minutos seguintes, errei pelo salão, mal sabendo o que dizia aos outros, apenas fazendo gracejos mecânicos, perturbado interiormente. Então, olhei para o outro lado do salão, devia ter passado uma meia hora desde que conversara com Piotrowski, olhei para o outro lado do salão e a vi, minha mulher, rindo animada no sofá, ao lado dele. Não estavam flertando, entende? Oh, não, minha mulher sempre foi muito meticulosa no que diz respeito a decoro. Mas ria tão à vontade, de um modo que não a vira fazer desde nossas caminhadas à margem do canal, antes de nos casarmos. Quer dizer, antes de ela se dar conta. Era um sofá comprido e havia mais duas pessoas sentadas nele, e algumas outras, no chão, para ficarem perto de Piotrowski. E ele acabava de falar algo para ela que a fez rir descontraída. Mas não foi apenas a risada que teve grande importância para mim. Eu estava observando do outro lado do salão, e o que aconteceu depois foi o seguinte. Piotrowski, até então, estava sentado no canto do sofá, as mãos juntas sobre os joelhos, assim! Ao rir e fazer algum comentário com minha mulher, começou a se reclinar, sim, como se quisesse simplesmente se recostar no sofá. Então, quando ele começava a se recostar, minha mulher rápida e habilmente pegou uma almofada atrás dela e a acomodou para Piotrowski, de modo que, quando sua cabeça tocasse no encosto do sofá, a almofada estivesse lá. Isso foi feito tão prontamente, quase instintivamente, um gesto muito gracioso, Senhor Ryder. E quando vi, senti meu coração partir. Foi um gesto tão cheio de respeito, tão natural. Um desejo de ser solícita, de agradar de uma maneira simples. Esse pequeno ato revelou todo um

domínio de seu coração que mantinha firmemente fechado para mim. Nesse instante, compreendi como havia me iludido. Compreendi o que sempre soubera, e nunca mais tive dúvidas a partir de então. Quer dizer, que mais cedo ou mais tarde ela me deixaria. Era só uma questão de tempo. A partir daquela noite, eu soube disso. Calou-se e, mais uma vez, pareceu perdido em seus pensamentos. Agora, havia, dos dois lados da estrada, terras cultivadas e vi tratores movendo-se vagarosamente à distância, através dos campos. Eu lhe disse:

— Perdoe-me, mas quando foi essa noite a que se referia?

— Há quanto tempo? — Hoffman parecia levemente ofendido pela pergunta. — Oh... acho que foi, bem, o concerto de Piotrowski deve ter sido há vinte e dois anos.

— Vinte e dois anos — disse eu. — Quer dizer que sua mulher continuou com o senhor durante todo esse tempo?

Hoffman virou-se para mim furioso.

— O que está insinuando? Que não conheço a situação em minha própria casa? Que não entendo minha própria mulher? Aqui estou eu, confidenciando-lhe, partilhando com o senhor pensamentos íntimos, e ousa querer me dar lições, como se conhecesse o assunto muito mais que eu...

— Desculpe, Senhor Hoffman, se pareço intrometido. Só quis mostrar que...

— Mostrar nada! Não sabe nada sobre isso! O fato é que minha situação é desesperadora, e tem sido assim há algum tempo. Naquela noite, na casa do Senhor Fischer, a situação tão claro como se fosse dia, tão claro como vejo agora esta estrada à nossa frente. É verdade que ainda não aconteceu, mas só porque... porque fiz esforços. Sim, e como! Talvez ria de mim. Se sei que é uma causa perdida, por que me atormento? Por que me prendo a ela dessa maneira? É muito fácil para o senhor me fazer essa pergunta. Mas a amo profundamente, mais do que nunca. É inconcebível para mim, não poderia vê-la partir, tudo perderia o sentido. Está bem, sei que isso é inútil, que mais cedo ou mais tarde ela me deixará por alguém como Piotrowski, alguém assim, alguém como o homem que ela pensou que eu fosse. Mas o senhor não pode escarnecer de um homem por ele se aferrar a algo. Fiz tudo que podia, fiz o máximo possível, da única maneira ao alcance de alguém como eu. Trabalhei duro, organizei eventos, participei de comitês, e consegui, ao longo dos anos, me tornar uma personalidade de certa estatura entre os círculos musicais e artísticos da cidade. E é claro, havia sempre aquela esperança. Havia aquela esperança, que talvez explique como eu consegui mantê-la comigo por tanto tempo. Essa esperança, agora, está morta, morreu já há alguns anos, mas, sabe, por um certo tempo, havia essa única esperança. Naturalmente estou me referindo ao nosso filho, Stephan. Se ele fosse diferente, se tivesse sido abençoado com pelo menos um dos dons que a família dela possuía com tanta abundância! Por alguns anos, nós dois alimentamos essa esperança. Cada um à sua maneira, os dois observamos Stephan e esperamos. Nós o colocamos em aulas de piano, o observamos atentamente, sem perder a esperança, mesmo

diante das evidências em contrário. Esforçamo-nos para perceber algum sinal que nunca se manifestava, oh, ficamos alerta, cada qual por motivos diferentes, queríamos tanto perceber alguma coisa, mas nunca acontecia...

— Com licença, Senhor Hoffman, fala assim de Stephan, mas posso lhe assegurar...

— Iludi-me durante anos! Eu dizia, bem, talvez ele desenvolva mais tarde. Há alguma coisa ali, uma pequena semente. Oh, enganava a mim mesmo e, ousou dizer, que minha mulher também se iludia. Esperamos, e esperamos. Então, nos últimos anos, tornou-se inútil continuar fingindo. Stephan está com vinte e três anos. Não posso mais continuar querendo me convencer de que ele, repentinamente, desenvolverá essas qualidades amanhã ou depois. Tenho de enfrentar isso. Ele saiu a mim. E sei que ela também pensa assim. Evidentemente, como mãe, ama Stephan de todo coração. Mas, longe de ser o meio para minha salvação, ele se tornou o oposto. Toda vez que ela olha para ele, vê o grande erro que cometeu casando-se comigo...

— Senhor Hoffman, realmente tive o prazer de escutar Stephan tocar, e devo lhe dizer...

— A personificação, Senhor Ryder! Ele se tornou a personificação do grande erro que ela cometeu em sua vida. Oh, se conhecesse sua família! Quando ela era jovem, devia sempre supor isso. Devia pensar que um dia teria filhos lindos e talentosos. Tão sensível à beleza como ela é. E, então, cometeu o erro! É claro que, como mãe, ela, definitivamente, ama Stephan. Mas isso não quer

dizer que, ao olhar para ele, não veja seu erro. Ele é tão parecido comigo. Não posso mais negar esse fato. Não agora que se tornou adulto...

— Senhor Hoffman, Stephan é um jovem muito talentoso...

— Não precisa dizer essas coisas! Por favor, não insulte uma confiança sincera e tão íntima com expressões banais de cortesia! Não sou um tolo, posso ver o que Stephan é. Durante algum tempo, ele foi minha única esperança, mas desde que percebi que era inútil, e se não me engano, percebi isso há pelo menos seis ou sete anos, tentei, e quem pode me censurar?, tentei me conservar ao lado dela de qualquer modo. Disse-lhe para esperar pelo menos até o próximo evento que eu estava organizando. Esperar pelo menos até que tivesse terminado, quem sabe, então, ela me veria de outra maneira. E quando o evento terminava, eu lhe dizia imediatamente, não, espere, há outro, outro evento magnífico, estou trabalhando nele. Por favor, espere. Foi assim que agi. Durante os últimos seis ou sete anos. Sei que a noite de hoje será minha última chance. Apostei tudo nela. Quando eu lhe disse, no ano passado, quando lhe falei pela primeira vez de meus planos para a noite de hoje, quando lhe descrevi todos os detalhes, como seriam dispostas as mesas, o programa, até mesmo, e queira me perdoar, previ que o senhor, ou um outro de reputação comparável, aceitaria o convite e seria a peça central da noite, sim, quando lhe expliquei pela primeira vez tudo isso, expliquei como por minha causa, esta mediocridade a que ela se sujeitara por tanto tempo, como, por minha causa, o Senhor Brodsky conquistaria os corações e a

confiança dos cidadãos desta cidade, e no auge dessa grande noite, mudaria o curso dos acontecimentos. Ha! Ha! Vou lhe dizer uma coisa: dizer uma coisa, ela me olhou como se dissesse: "Lá vamos nós outra vez." Mas pude ver em seus olhos um lampejo. Alguma coisa que dizia: "Talvez você realmente consiga. Já seria alguma coisa." Sim, só um lampejo, mas foi justamente esse lampejo que me fez persistir por tanto tempo. Ah, aqui estamos, Senhor Ryder.

Estacionamos à beira de um campo de relva alta.

— Senhor Ryder — disse Hoffman —, na verdade, estou um pouco atrasado. Não sei se seria indelicado não acompanhá-lo até o anexo.

Seguindo seu olhar, vi que o campo se erguia por uma colina íngreme, no cume da qual havia uma pequena cabana de madeira. Hoffman remexeu no porta-luvas e tirou uma chave.

— Encontrará um cadeado na porta da cabana. As acomodações não são luxuosas, mas terá privacidade, como pediu. E o piano é um exemplar excelente do tipo Bechstein produzido na década de vinte.

Tornei a olhar para o cume da colina e disse:

— Retornarei em duas horas, Senhor Hoffman. A não ser que precise do carro mais cedo.

— Duas está perfeito.

— Bem, então, espero que encontre tudo em ordem.

Hoffman ergueu a mão na direção da cabana, como se, delicadamente, estivesse me indicando o lugar, mas havia um quê de impaciência no gesto. Agradei-lhe e saí do carro.

25

Abri um portão, retirando a trava de segurança, e segui por uma vereda que subia até uma pequena cabana de madeira. De início, o campo era desconcertantemente lamacento, mas, à medida que eu subia, ia se tornando mais firme. Na metade do caminho, olhei para trás e pude divisar a longa estrada, sinuosa, através dos campos cultivados, e a capota do que provavelmente era o carro de Hoffman distanciando-se.

Senti-me um pouco sem fôlego ao alcançar a cabana e destrancar o cadeado enferrujado. De fora, não parecia muito diferente de um galpão de jardim, no entanto, fiquei surpreso ao encontrar seu interior sem nenhum acabamento. As paredes e o piso eram revestidos apenas de pranchas rústicas, algumas das quais vergadas. Vi insetos movendo-se ao longo das fendas entre elas, enquanto, em cima, restos de teias de aranha pendiam dos caibros do telhado. Um piano de armário, parecendo imundo, ocupava quase todo o espaço, e, quando puxei o banco e me sentei, minhas costas virtualmente encostaram na parede.

Essa mesma parede continha a única janela existente, e, girando o corpo sobre o banco e esticando o pescoço, descobri que

a vista dava para o campo que descia escarpado até a estrada. O piso da cabana não estava totalmente nivelado, e, ao tornar a me virar de frente para o piano, tive a sensação desconfortável de estar a ponto de escorregar para trás, colina abaixo. Entretanto, ao abri-lo e tocar algumas frases, constatei que o tom das notas estava perfeitamente ajustado, que, principalmente, as notas baixas soavam de modo extremamente agradável. O mecanismo não era leve demais e o instrumento estava muito bem afinado. Ocorreu-me que talvez o madeiramento rústico ao meu redor tivesse sido escolhido intencionalmente para prover o nível optimum de absorção e reflexão. Fora um leve estalido produzido toda vez que eu pressionava o pedal, não restava muito do que reclamar.

Após um breve instante, para recuperar meu controle, iniciei a abertura vertiginosa de *Asbestos and Fibre*. Quando o primeiro movimento entrou em sua fase mais reflexiva, fui ficando cada vez mais relaxado, de tal modo que me peguei tocando sua maior parte de olhos fechados.

Ao começar o segundo movimento, tornei a abrir os olhos e percebi o sol forte da tarde atravessando a janela atrás de mim, lançando minha sombra sobre o teclado. Porém, nem mesmo as exigências do segundo movimento alteraram minha calma. Na verdade, percebi estar com o domínio total e absoluto de cada dimensão da composição. Lembrei-me de como ficara preocupado durante o dia todo e, agora, sentia-me um tolo por isso. Além do mais, agora que estava no meio da peça, parecia inconcebível que minha mãe não tivesse se emocionado com ela. Na verdade, não

havia motivo algum para não me sentir totalmente confiante no recital daquela noite.

Quando penetrava na sublime melancolia do terceiro movimento, foi que me dei conta de um barulho nos fundos. De início, pensei que estivesse relacionado ao pedal, depois, a alguma coisa no chão. Era um ruído indistinto, rítmico, que parava e recomeçava, e, durante algum tempo, tentei não prestar muita atenção nele. Mas persistiu e, então, durante as passagens em pianíssimo, na metade do movimento, percebi que alguém cavava no lado de fora, não muito distante.

A descoberta de que o ruído não tinha nada a ver comigo possibilitou que o ignorasse sem maiores preocupações, e prossegui o terceiro movimento, me deleitando com a facilidade com que os nós bem atados de emoção cresciam languidamente até a superfície e se desatavam. Fechei os olhos novamente, e dali a pouco me pus a imaginar os rostos de meus pais, sentados lado a lado, escutando com uma aparente concentração, solenes. Curiosamente, não os imaginei em uma sala de concerto — como sabia que os veria mais tarde, naquela noite —, mas na sala de estar de uma vizinha, em Worcestershire, uma certa Senhora Clarkson, uma viúva de quem minha mãe fora amiga durante algum tempo. Possivelmente foi a grama alta do lado de fora da cabana que me fez lembrar a Senhora Clarkson. Seu chalé, assim como o nosso, localizava-se no meio de um pequeno campo, e, naturalmente, por viver sozinha, lhe era impossível manter a relva aparada. O interior de sua casa, em compensação, era impecavelmente arrumado. Havia um piano em um canto da sala, que não me lembro de alguma vez ter visto com a

tampa levantada. Podia até ser que estivesse desafinado ou quebrado.

Mas uma recordação particular me ocorreu: eu sentado em silêncio nessa sala, a xícara de café sobre o joelho, escutando meus pais conversarem sobre música com a Senhora Clarkson. Talvez meu pai tivesse perguntado se ela já tocara piano, pois certamente a música não era um tópico abordado regularmente com a Senhora Clarkson.

Em todo caso, sem qualquer razão lógica, enquanto prosseguia com o terceiro movimento de Asbestos and Fibre, ali na cabana de madeira, me permiti o prazer de fingir estar de volta àquela sala, meu pai, minha mãe, a Senhora Clarkson escutando com a expressão séria eu tocar piano, o cordão da cortina ameaçando ser soprado em meu rosto pela brisa de verão.

Ao me aproximar dos últimos estágios do terceiro movimento, tornei a ficar consciente do barulho de alguém cavando. Não tinha certeza se havia cessado por um tempo e depois recommençado, ou se havia prosseguido continuamente, mas, seja como for, agora parecia muito mais evidente que antes. De repente, me veio a idéia de que o barulho era provocado por Brodsky no processo de enterrar seu cachorro. Na verdade, lembrei-me de ele ter manifestado, em mais de uma ocasião pela manhã, sua intenção de enterrá-lo mais tarde, naquele dia, e tinha uma vaga lembrança de ter feito um acordo, no qual eu tocara piano enquanto ele realizaria a cerimônia do sepultamento.

Então, comecei a imaginar o que deveria ter acontecido antes de minha chegada à cabana. Brodsky, presumivelmente, chegara um pouco mais cedo e ficara esperando no pico da colina, em um local não muito distante da cabana de madeira, onde havia um agrupamento de árvores e uma ligeira depressão no solo. Ele ficara ali, em silêncio, deixando sua pá apoiada em um tronco de árvore, e bem próximo, no solo, quase que completamente oculto pela relva ao redor, o corpo de seu cachorro envolto em um lençol. Como me havia dito naquela manhã, planejara uma cerimônia simples, na qual o acompanhamento de meu piano seria o único aparato, e, compreensivelmente, não quisera dar início à formalidade antes de minha chegada. Portanto, tinha esperado, talvez por uma hora, contemplando o céu e o panorama.

Naturalmente, Brodsky, primeiro, teria recordado o falecido companheiro. Mas o tempo passou e continuei a não dar sinal, e, então, seus pensamentos se voltaram para a Senhorita Collins e o encontro em breve, no cemitério. Não demorou e Brodsky se pôs a recordar uma manhã de primavera, há muitos anos, quando ele levava duas cadeiras de vime para o campo, nos fundos de seu chalé. Isso havia sido quinze dias depois de sua chegada à cidade e, apesar dos escassos recursos, a Senhorita Collins conseguira montara casa com uma eficiência considerável. Nessa manhã de primavera, ao descer para o café, ela expressara sua vontade de repousar um pouco ao ar livre, sob o sol.

Relembrando essa manhã, recordou-se vividamente da úmida relva amarela e o sol brilhando, quando colocava as cadeiras

lado a lado. Ela aparecera um pouco depois e se sentaram juntos, por algum tempo, trocando observações ocasionais e descontraídas.

Por um breve instante, pela primeira vez em meses, teve a sensação de que o futuro, afinal, talvez houvesse reservado algo para eles. Brodsky esteve à beira de articular esse pensamento, mas, então, dando-se conta de que isso levantaria o delicado tópico de seus recentes fracassos, mudou de idéia.

Então, ela deu sua opinião a respeito da cozinha. Já que ele não retiraria as tábuas de compensado dali, como havia prometido há dias, seria impossível ajeitá-la.

Ele ficou em silêncio por certo tempo, depois, respondeu calmamente que tinha muito trabalho a fazer no galpão. Como não conseguiam ficar juntos nem por alguns segundos sem se tornarem desagradáveis, bem que podia começar a fazê-lo. Ele se levantou e atravessou a casa, indo para o galpão no pátio da frente. Nenhum dos dois havia levantado a voz em momento algum, e toda a discussão não durou mais que alguns segundos. Na hora, ele não deu muita importância a isso, e logo se viu concentrado em seus projetos de carpintaria. Em algumas ocasiões durante a manhã, ergueu os olhos e a viu através da janela empoeirada do galpão vagando sem rumo pelo pátio.

Continuou a trabalhar, esperando que ela aparecesse na porta, mas ela sempre voltava para dentro de casa. Ao entrar para o almoço — confessamente atrasado —, viu que ela já terminara o seu e subido. Ele tinha esperado um pouco e, depois, retornando ao galpão, continuara a trabalhar durante a tarde toda. O tempo passou

e ele se viu contemplando a noite cair e as luzes da casa serem acesas. Finalmente, quase à meia-noite, foi para dentro.

Todo o andar térreo estava as escuras. Sentou-se, na sala, em uma cadeira de madeira e, contemplando o luar refletido na mobília tosca, pensou na maneira curiosa como o dia transcorrera. Não conseguiu se lembrar de terem passado assim qualquer outro dia, e, resolvendo encerrá-lo de uma maneira melhor, levantou-se e subiu a escada.

Alcançando o patamar, viu que a luz do quarto dela continuava acesa. Ao se encaminhar para lá, as tábuas do assoalho estalaram ruidosamente, anunciando sua aproximação tão claramente como se a tivesse chamado. Chegando em frente à porta do quarto, parou, olhando para a faixa de luz embaixo, e tentou se recompor um pouco. Então, no exato momento em que estendia a mão para a maçaneta, ouviu sua tosse. Foi uma tosse breve, certamente involuntária, mas, ainda assim, alguma coisa nela o deteve, e recuou a mão vagorosamente. Alguma coisa nesse ruído breve serviu como a advertência de uma dimensão da personalidade dela, que, nos últimos tempos, conseguira manter excluída de sua mente.

Uma característica que, quando eram mais felizes, admirara muito, mas que — de repente, percebeu — tentava ignorar cada vez com mais determinação, desde a derrocada da qual escapara recentemente.

De certa forma, a tosse em si continha todo seu perfeccionismo, sua arrogância, o lado que sempre a fazia exigir

muito de si mesma quando aplicava suas energias da maneira mais útil possível. Repentinamente, sentiu-se extremamente irritado com ela, pela tosse, pela maneira como o dia transcorrera, e se afastou, pouco ligando que o assoalho rangesse. De volta ao escuro matizado da sala de estar, deitou-se no velho sofá, cobriu-se com o sobretudo e adormeceu.

Na manhã seguinte, acordou cedo e preparou o café para os dois. Ela desceu na hora habitual e se cumprimentaram sem constrangimento. Ele começou a expressar como lamentava o que tinha acontecido, mas ela o interrompeu dizendo que ambos haviam sido extremamente infantis. Prosseguiram o desjejum, nitidamente aliviados pela discussão ter sido deixada para trás. Contudo, no resto do dia e por vários dias que se seguiram, persistiu uma certa frieza na vida de ambos. E quando, meses depois, o período de silêncio entre eles tendo se intensificado tanto em duração quanto em frequência, ele parou e pensou, fazendo um esforço para descobrir o que o causara, pegou-se retornando àquele dia de primavera, aos dois sentados lado a lado na relva úmida, à manhã que se iniciara tão promissora.

Foi quando se perdia nessas recordações que cheguei à cabana e comecei a tocar. Durante os primeiros acordes, Brodsky continuara a olhar o vazio. Então, com um suspiro, voltou a atenção para sua tarefa e pegou a pá. Testou o solo com a ponta, mas não seguiu adiante, talvez por achar que a música ainda não transmitia a emoção desejada. Só quando iniciei a lenta melancolia do terceiro movimento, Brodsky começou a cavar. O solo era macio e não lhe deu muito trabalho. Arrastou o corpo do cachorro através da grama

alta e o pôs no túmulo sem muitas dificuldades, sem se sentir tentado a levantar o lençol para olhá-lo pela última vez. Havia começado a colocar a terra sobre a cova quando alguma coisa, talvez a tristeza da música pairando no ar, fez com que parasse. Então, endireitando o corpo, se permitiu olhar, por alguns instantes, o túmulo metade coberto. Somente quando me aproximei do final do terceiro movimento, Brodsky tornou a pegar a pá e a cobrir o resto com a terra.

Ao concluir, ainda ouvi Brodsky trabalhando e decidi esquecer o último movimento — não era adequado para a cerimônia — e, simplesmente, recomecei o terceiro. Achava que era o mínimo que podia fazer por ele, por tê-lo deixado esperando. Trabalhou por mais um pouco, e se deteve quando ainda restava a metade final do movimento. Isso satisfaria Brodsky, achei, e lhe dei um pouco mais de tempo para que ficasse perto da sepultura com seus pensamentos, dando mais ênfase que antes às nuances elegíacas.

Quando cheguei mais uma vez ao final do movimento, permaneci sentado em silêncio, por vários minutos, antes de me levantar e me espreguiçar no espaço exíguo. O sol da tarde invadia a cabana, e escutei grilos na relva. Dali a pouco, ocorreu-me que devia sair e lhe dizer, pelo menos, algumas palavras.

Ao abrir a porta, fiquei surpreso em ver como o sol mergulhara na estrada lá embaixo. Alguns passos na relva levaram-me de volta à trilha e subi a distância que restava até o cume. Pude então ver como, do outro lado, o solo descia gradualmente até um belo vale. Brodsky estava de pé ao lado do túmulo, sob um

agrupamento de árvores delgadas, um pouco abaixo de onde eu estava.

Ele não se virou quando me aproximei, mas disse, sereno, sem desviar os olhos:

— Obrigado, Senhor Ryder. Foi muito bonito. Estou muito agradecido.

Murmurei alguma coisa e me detive a uma distância respeitosa. Brodsky permaneceu olhando para baixo. Depois, disse:

— Era só um velho animal. Mas eu queria a melhor música. Estou muito grato.

— Não há de quê, Senhor Brodsky. Foi um prazer.

Ele deu um suspiro e olhou para mim pela primeira vez.

— Sabe, não consigo chorar por Bruno. Tentei, mas não consegui. Minha mente está tomada pelo futuro. E, às vezes, pelo passado. Acho que entende. Da nossa velha vida. Agora, vamos, Senhor Ryder. Deixemos Bruno aqui. — Virou-se e pôs-se a descer lentamente, na direção do vale. — Vamos embora. Adeus, Bruno, adeus. Você foi um bom amigo, mas apenas um cachorro. Vamos deixá-lo, Senhor Ryder. Vamos, venha comigo. Foi bom ter tocado para ele. A melhor música. Mas não consigo chorar. Ela virá logo. Não vai demorar. Por favor, vamos.

Olhei de novo para o vale e vi que era totalmente coberto por pedras tumulares. Compreendi, então, que nos dirigíamos ao

mesmo cemitério em que Brodsky combinara se encontrar com a Senhorita Collins. Caminhando ao seu lado, escutei-o dizer:

— A sepultura de Per Gustavsson. É lá que nos encontraremos. Nenhuma razão especial. Ela disse que conhecia o túmulo, só isso. Esperarei lá, não me importo de esperar um pouco.

Havíamos caminhado por uma relva áspera, mas, agora, seguíamos uma vereda, e à medida que descíamos a encosta, eu avistava o cemitério cada vez mais nitidamente.

Era um local tranqüilo, isolado. Os túmulos eram dispostos em fileiras ordenadas ao pé da colina, alguns subiam pela encosta, dos dois lados. Nesse momento, notei que acontecia um funeral. Pude divisar as figuras de preto do grupo consternado, talvez trinta pessoas ao todo, reunidas sob o sol, à nossa esquerda.

— Espero que tudo corra bem — disse eu. — É claro que me refiro ao seu encontro com a Senhorita Collins.

Brodsky balançou a cabeça.

— Hoje de manhã, me senti bem. Achei que, se conversássemos, as coisas se ajeitariam novamente. Mas agora, não sei. Talvez aquele homem, seu amigo que estava no apartamento dela, talvez ele tenha razão. Talvez ela nunca mais me perdoe. Talvez eu tenha ido longe demais e ela nunca me perdoe.

— Estou certo de que não há motivo para ficar pessimista — eu disse. — O que quer que tenha acontecido, agora é passado. Se vocês dois simplesmente pudessem...

— Todos estes anos, Senhor Ryder — disse ele. — Muito fundo. Na verdade, nunca aceitei o que falaram de mim naquela época. Nunca acreditei que fosse simplesmente aquele... aquele João-ninguém. Talvez em minha cabeça, sim, eu tenha aceitado. Mas, no coração, não, nunca acreditei nisso. Nem por um minuto, em todos estes anos. Eu sempre a ouvi, eu sempre ouvi a música. Por isso sabia que era melhor, melhor do que diziam. E por um certo tempo, depois que viemos para cá, ela também sabia disso, eu sei que sim. Mas, então, bem, ela começou a ter dúvidas e quem pode censurá-la? Não a censuro por ter ido embora. Não, não a censuro. Mas a censuro, realmente a censuro por não ter feito melhor. Oh, sim, ela devia ter feito mais! Fiz com que me odiasse, pode imaginar quanto isso me custou? Dei-lhe liberdade e o que ela fez? Nada. Nem mesmo saiu da cidade, apenas perdeu tempo. com essa gente, essas pessoas fracas e inúteis com quem conversa todos os dias. Se eu soubesse que era isso que ia fazer! É doloroso, Senhor Ryder, rechaçar alguém que se ama. Acha que eu faria isso? Que me tornaria esta criatura se isso era tudo que ela faria? Essas pessoas fracas e infelizes com quem fala!

Antigamente, ela tinha os propósitos mais elevados. Ia fazer grandes coisas. Era o que pretendia. E, veja, perdeu tudo. Nem mesmo partiu desta cidade. Admira-se de eu ter gritado com ela de vez em quando? Se só faria isso por que não me disse na época? Ela acha que é brincadeira, uma grande brincadeira, ser um mendigo beberrão?

As pessoas acham, tudo bem, ele é um bêbado, não liga para nada. Não é verdade. Às vezes, fica tudo claro, muito claro e

então... imagina como é terrível, Senhor Ryder?

Ela nunca aproveitou a chance que lhe dei. Nunca nem mesmo deixou a cidade. Apenas fala e fala com essa gente fraca. Insultei-a. Seria capaz de me culpar? Ela mereceu, mereceu tudo o que eu disse, cada sílaba de cada insulto foi merecida...

— Senhor Brodsky, por favor, um momento. Esta não é a maneira mais adequada de se preparar para um encontro tão importante...

— Ela acha que eu sentia algum prazer? Que fazia isso para me divertir? Não precisava disso. Ouça, quando quero parar de beber, eu paro, entende? Ela acha que eu fazia isso de brincadeira?

— Senhor Brodsky, não quero me intrometer, mas já está na hora de deixar esses pensamentos de lado. Certamente, todas essas diferenças, esses mal-entendidos, devem ser esquecidos. Deve tentar aproveitar ao máximo o que resta para viverem. Por favor, acalme-se. Não convém encontrar a Senhorita Collins neste estado, com certeza se arrependeria mais tarde. De fato, Senhor Brodsky, se me permite, tem sido extremamente correto até o momento, enfatizando o futuro com ela. Sua idéia de um animal, a meu ver, é muito boa. Realmente, acho que deve insistir nesta e em outras idéias semelhantes. Não há razão para ficar pensando no passado. E, naturalmente, agora, o futuro é muito promissor. De minha parte, pretendo fazer o que puder hoje à noite para que seja aceito pelas pessoas da cidade...

— Ah, sim, Senhor Ryder! — Seu humor pareceu ter-se modificado repentinamente. — Sim, sim, sim. Hoje à noite, sim, esta

noite pretendo... pretendo ser grandioso!

— Isso, Senhor Brodsky, esta é a atitude certa.

— Hoje à noite, não decepcionarei, não, de jeito algum. Sim, é verdade, me perseguiram, eu desisti, fugimos, viemos para cá. Mas, no fundo do coração, nunca desisti completamente. Sabia que não tinha tido uma boa oportunidade. E agora, finalmente, hoje à noite... Esperei muito tempo, não decepcionarei. A orquestra, ficarão surpresos como utilizarei todos os seus recursos. Senhor Ryder, estou muito grato. O senhor foi uma inspiração. Até esta manhã estava com medo. Medo da noite de hoje, medo do que aconteceria.

É melhor ser cauteloso, eu pensava. Hoffman, todos eles diziam vá com calma, com cuidado. Conquiste-os pouco a pouco. Mas, hoje de manhã, vi sua foto. No jornal, o monumento Sattler. E disse, é isso aí, isso mesmo! Tudo, entregue-se totalmente! Não retenha nada! Nem vão acreditar, a orquestra! E as pessoas, a cidade, tampouco acreditarão! Sim, entregar-se totalmente! Ela, então, verá. Ela me verá novamente, verá quem eu sou realmente, quem eu sempre fui! O monumento Sattler, é isso!

Nesse ínterim, o solo se aplainara e caminhávamos ao longo da aléia central do cemitério. Dei-me conta de um movimento atrás de nós e, olhando por sobre o ombro, vi um dos acompanhantes do funeral se encaminhando para nós, fazendo sinais com uma certa urgência. Quando chegou mais perto, vi que era um homem moreno, atarracado, com cerca de cinqüenta anos.

— Senhor Ryder, é realmente uma honra — disse, ofegando, quando me virei para ele. — Sou o irmão da viúva. Ela gostaria muito que se juntasse a nós.

Ao olhar para onde ele apontava, vi que estávamos perto do funeral. Na verdade, era possível até mesmo ouvir o som dos soluços desesperados.

— Por favor, siga-me — disse o homem.

— Mas, certamente, em um momento tão íntimo...

— Não, não, por favor. Minha irmã, todos se sentirão honrados. Por aqui, por favor.

Um tanto relutante, acompanhei-o. O solo foi se tornando cada vez mais pantanoso à medida que passávamos pelos túmulos. De início, não consegui avistar a viúva no meio da fileira de costas pretas curvadas, mas, ao alcançarmos o grupo, localizei-a em frente, curvada sobre o túmulo ainda não coberto. Sua dor parecia tão imensa que dava a impressão de ser perfeitamente capaz de se lançar sobre o caixão. Talvez por causa dessa possibilidade, um senhor idoso, de cabelo branco, abraçava-a com força, segurando seu braço. Atrás dela, a grande maioria soluçava, demonstrando um pesar genuíno. Contudo, mesmo assim, os lamentos angustiados da viúva continuavam nitidamente perceptíveis — lentos, exaustos, ainda assim, gritando escandalosamente com o peito todo, como faria a vítima de uma tortura prolongada. O som me deu vontade de ir embora, mas o homem atarracado, agora, me fazia sinais para que ficasse na frente. Como não me mexi, ele sussurrou nada calmamente:

— Senhor Ryder, por favor. — Isso fez com que algumas pessoas se virassem e nos olhassem. — Senhor Ryder, por aqui.

O homem atarracado pegou meu braço e começou a abrir passagem por entre as pessoas. Vários rostos viraram-se para mim e escutei pelo menos duas vozes murmurar: "É o Senhor Ryder." Ao chegarmos à frente, grande parte dos soluços havia diminuído e senti vários pares de olhos fixados em minhas costas. Assumi uma postura discreta, de respeito, dolorosamente consciente de que vestia um paletó verde-claro, esportivo, sem sequer uma gravata. Além do mais, minha camisa era laranja e amarela. Abotoei rapidamente o paletó, enquanto o homem atarracado procurava atrair a atenção da viúva.

— Eva — dizia, delicadamente. — Eva.

Apesar de o homem idoso, de cabelo branco, virar-se para nós, a viúva não deu sinal de ter escutado. Continuou perdida em sua aflição, o pranto derramando-se ritmicamente sobre o túmulo. Seu irmão olhou para mim, claramente embaraçado.

— Por favor — murmurei, recuando —, darei meus pêsames depois.

— Não, não, Senhor Ryder, por favor, só um momento. — O homem atarracado pôs a mão no ombro da irmã e disse novamente, dessa vez nitidamente impaciente: — Eva. Eva.

A viúva se aprumou e, finalmente, controlando o pranto, virou-se para nos olhar de frente.

— Eva — disse o irmão —, o Senhor Ryder está aqui.

— Senhor Ryder?

— Meus pêsames, senhora — disse eu, abaixando a cabeça solenemente.

A viúva continuou a me olhar surpresa.

— Eva! — sibilou o irmão.

A viúva se sobressaltou, olhou para o irmão e, depois, de novo para mim.

— Senhor Ryder — disse ela, com uma voz inesperadamente controlada —, é realmente uma honra. Hermann — fez um gesto na direção da sepultura —, é um grande admirador seu. — Então, subitamente, foi, outra vez, dominada pelo pranto.

-Eva!

— Senhora — eu disse imediatamente —, vim apenas para expressar meus mais sinceros pêsames. Realmente, sinto muito. Mas por favor, senhora, todos, permitam-me deixá-los com sua dor...

— Senhor Ryder — prosseguiu a viúva, e notei que havia se recomposto —, é realmente uma honra. Estou certa de que todos aqui concordam em que nos sentimos imensamente lisonjeados.

Levantou-se um coro de murmúrios de assentimento.

— Senhor Ryder — prosseguiu ela —, como está sendo sua permanência na cidade? Espero que tenha encontrado pelo menos

uma ou duas coisas que o fascinem.

— Estou gostando muito. Todos têm sido muito gentis. Uma comunidade encantadora. Lamento muito a... a morte.

— Talvez aceite comer alguma coisa. Tomar um chá ou um café.

— Não, não, obrigado...

— Aceite pelo menos algo para beber. Oh, meu Deus, ninguém trouxe um pouco de café ou chá? Nada? — A viúva olhou atentamente o grupo.

— Por favor, não tive a intenção de interromper. Prossigam, por favor, com... com o que estavam fazendo.

— Mas tem de tomar alguma coisa. Ninguém trouxe nem mesmo uma garrafinha de café?

Atrás de mim, várias vozes consultavam umas às outras, e, olhando por sobre o ombro, pude ver as pessoas procurando nos bolsos e bolsas. O homem atarracado estava acenando para além do grupo e, então, algo foi passado para ele. Quando o examinou, vi que era uma fatia de bolo embrulhada em papel celofane.

— Isto é o melhor que podemos fazer? O que significa? — gritou o homem atarracado.

Agora, um verdadeiro rebuliço se desenvolvia às minhas costas. Uma voz, em particular, perguntava irritada:

— Otto, onde está o queijo?

Por fim, entregaram um saco de balas de hortelã ao homem atarracado. Este olhou com raiva para o grupo, depois, se virou para dar as balas e o bolo à irmã.

— Realmente, são muito gentis — disse eu —, mas só vim para...

— Senhor Ryder — disse a viúva, com a voz emocionada —, parece que isso é tudo o que temos para lhe oferecer. Não sei o que Hermann diria, ser desmoralizado assim, logo neste dia. Só me resta pedir desculpa. Isto é tudo, tudo que podemos oferecer, toda a hospitalidade que temos a oferecer.

As vozes, que haviam se calado quando a viúva começou a falar, agora irromperam em várias discussões. Ouvi alguém gritar:

— Não! Eu não disse nada disso!

Então, o homem de cabelo branco, que antes amparava a viúva, avançou e me cumprimentou.

— Senhor Ryder — disse ele —, perdoe nossa maneira vergonhosa de agradecer sua cortesia. Como pode ver, lamentavelmente, nos encontramos desprevenidos. No entanto, posso assegurar que todos estamos imensamente gratos. Por favor, aceite as balas e o bolo, mesmo não sendo apropriados.

— Senhor Ryder, por favor, sente-se. — A viúva limpava, com um lenço, a superfície de uma sepultura de mármore, do lado da de seu marido. — Por favor.

Vi que me retirar estava fora de questão. Dirigi-me, pedindo desculpas, ao túmulo que a viúva limpou para mim e disse:

— Vocês são todos muito gentis.

Assim que me sentei sobre o pálido mármore, o grupo todo deu um passo à frente e se reuniu à minha volta.

— Por favor — escutei a viúva repetir. Ela estava em pé, na minha frente, abrindo o celofane que continha o bolo. Quando finalmente o abriu, deu-me o bolo, com o papel e tudo. Agradei e comecei a comer. Era do tipo com frutas secas e tive de tomar cuidado para evitar que esfarelasse nas minhas mãos. Além disso, era uma fatia generosa e não algo que eu pudesse engolir com algumas mordidas. Enquanto comia, tinha a sensação de que o grupo se comprimia, cada vez mais, em torno de mim, mas, quando olhei para eles, vi que estavam imóveis, respeitosamente com os olhos baixos. Fez-se silêncio por algum tempo, depois, o homem atarracado tossiu e disse:

— O dia foi muito agradável.

— Sim, muito agradável — respondi, com a boca cheia. Realmente, muito agradável.

Então, o senhor de cabelo branco deu um passo à frente e disse:

— Há passeios lindos nos arredores da cidade, Senhor Ryder. A uma pequena distância do centro, esplêndidos passeios

pelos campos. Se o senhor tiver tempo, ficarei feliz em acompanhá-lo.

— Senhor Ryder, aceita uma bala de hortelã?

A viúva segurava o saco de balas perto do meu rosto. Agradei e pus uma bala na boca, embora soubesse que não ia bem com o bolo.

— Quanto à cidade em si — dizia o senhor de cabelo branco —, se tem interesse em arquitetura medieval, há várias casas bastante fascinantes. Principalmente na cidade velha. Seria um prazer mostrar-lhe a cidade.

— O senhor é muito gentil — eu disse.

Continuei a comer, querendo terminar o bolo o mais rápido possível. Ficamos de novo em silêncio e, então, a viúva suspirou e disse:

— Está muito bonito.

— Sim — eu disse —, o tempo tem estado maravilhoso desde que cheguei.

Isso foi confirmado por um murmúrio geral de aprovação, algumas pessoas até mesmo riram cortesmente, como se eu tivesse dito algo espirituoso. Forcei-me a engolir o que restava do bolo e limpei as migalhas das mãos.

— Ouçam — eu disse —, vocês foram todos muito gentis. Mas, agora, por favor, prossigam com a cerimônia.

— Mais uma bala de hortelã, Senhor Ryder. É tudo o que podemos oferecer. — A viúva tornou a colocar o saquinho diante de meu rosto.

Foi então que percebi, repentinamente, nesse exato momento, que a viúva sentia um ódio intenso por mim. Na verdade, ocorreu-me que, por mais cortesias que fossem, todos os presentes — inclusive o homem atarracado — ressentiam-se amargamente de minha presença. Curiosamente, no mesmo instante em que essa idéia me passou pela cabeça, alguém no fundo disse, não em voz alta, mas perfeitamente distinta:

— Afinal, por que ele é tão especial? Este momento é de Hermann.

Houve um ruído surdo, incômodo, de vozes, e pelo menos dois cochiches ofendidos de: "Quem disse isso?" O senhor de cabelo branco tossiu e disse:

— O passeio à beira dos canais também é muito bonito.

— O que há de tão especial nele? Interromper tudo.

— Cale-se idiota! — replicou alguém. — Boa hora de nos desmoralizar, desmoralizar nós todos.

Várias vozes manifestaram apoio a esta última declaração, mas, agora, uma segunda voz começou a gritar alguma coisa agressivamente.

— Senhor Ryder, por favor. — A viúva, de novo, me oferecia balas.

— Não, realmente não...

— Por favor, aceite.

Uma furiosa troca de opiniões, envolvendo umas cinco pessoas, teve início na parte de trás do grupo. Uma voz gritava:

— Ele foi longe demais. O monumento Sattler! É ir longe demais! Mais e mais pessoas começaram a gritar umas com as outras, e senti que uma briga estava prestes a se desencadear.

— Senhor Ryder — o homem atarracado estava inclinado sobre mim —, por favor, ignore-os. Sempre desonraram a família. Sempre. Temos vergonha deles. Oh, sim, vergonha. Por favor, não aumente nossa vergonha escutando-os.

— Mas, com certeza... — Fiz menção de me levantar, mas senti algo me abaixando de novo. Então, vi que a viúva agarrava meu ombro.

— Por favor, relaxe, Senhor Ryder — disse ela de maneira cortante. — Por favor, termine de comer.

Havia agora argumentos sendo vociferados por toda parte, e na parte de trás do grupo parecia que algumas pessoas empurravam umas às outras. A viúva continuou a me manter sentado, pressionando meu ombro, e olhando o grupo com uma expressão de rebeldia orgulhosa.

— Não me importa! Não me importa! — gritava uma voz. Estamos muito bem assim!

Houve mais empurrões, e, então, um rapaz gordo forçou passagem até a frente. Seu rosto era muito redondo e, nesse momento, estava claramente transtornado. Ele me encarou e gritou:

— Para o senhor é muito fácil vir para cá e agir dessa maneira. Posar diante do monumento Sattler! Sorrir daquela maneira! Depois, vai embora. Não é tão simples assim para nós que temos de viver aqui. O monumento Sattler!

O rapaz de rosto redondo não parecia acostumado a fazer pronunciamentos audaciosos e não deixava dúvidas quanto à sinceridade de suas emoções. Senti-me um pouco confuso, e, por um instante, fiquei impossibilitado de responder. Quando o jovem de cara redonda começou mais outra rodada de acusações, senti que uma coisa dentro de mim desmoronava. Percebi que de alguma forma havia, inexplicavelmente, no dia anterior, cometido um engano ao escolher ser fotografado em frente ao monumento Sattler. Evidentemente, naquele momento, havia me parecido a maneira mais eficaz de transmitir uma mensagem adequada aos cidadãos dessa cidade. É claro que estava ciente de todos os prós e os contras envolvidos lembrava-me de como, naquela manhã, durante o café, pesara tudo cuidadosamente —, mas agora percebia a possibilidade de haver mais coisas relacionadas ao monumento Sattler do que eu tinha suposto.

Algumas pessoas, estimuladas pelo rapaz de cara redonda, começaram a gritar na minha direção. Outras tentavam contê-las, se bem que não com a urgência que se esperaria.

Então, no meio de toda essa gritaria, discriminei uma nova voz, falando delicadamente, logo atrás de meu ombro. Era uma voz de homem, refinada e calma, que me pareceu vagamente familiar.

— Senhor Ryder — dizia —, Senhor Ryder. A sala de concerto. O senhor deve se pôr a caminho. Eles o estão esperando. Deve reservar um tempo para inspecionar as instalações e as condições...

Então, a voz foi abafada por outra discussão particularmente ruidosa que se desencadeou diante de mim. O rapaz de cara redonda apontou para mim e se pôs a repetir algo várias vezes.

De repente, um silêncio caiu sobre o grupo. De início, achei que os acompanhantes do funeral finalmente haviam se acalmado e esperavam que eu falasse. Mas, então, notei que o rapaz de cara redonda — na verdade, que todo mundo — olhava surpreso para um ponto acima da minha cabeça. Isso foi alguns segundos antes de eu pensar em me virar. Então, vi que Brodsky havia subido em uma sepultura e estava diretamente em cima.

Talvez fosse simplesmente em razão do ângulo do qual o olhava — ele pendia ligeiramente para a frente, de modo que via grande parte do lado inferior de seu maxilar contra o céu —, mas havia um quê fortemente imponente em sua pessoa. Parecia avultar-se acima de nós, como uma estátua gigantesca, as mãos abertas suspensas no ar. De fato, ele estudava o agrupamento à sua frente quase da mesma maneira que eu imaginava que fizesse com a

orquestra, segundos antes de começar a reger. Alguma coisa nele sugeria uma autoridade estranha sobre as emoções que acabavam de provocar a rixa à sua frente — que podia intensificá-las ou abrandá-las como quisesse. O silêncio continuou por mais um tempo. Então, uma voz solitária gritou:

— O que quer, seu velho bêbado?

Talvez a pessoa pretendesse provocar mais outro alvoroço. Ninguém deu sinal de ter escutado.

— Seu velho bêbado! — A pessoa tentou novamente, mas a convicção havia desaparecido de sua voz.

Houve um silêncio, enquanto todos os olhares se fixavam em Brodsky. Depois do que pareceu muito tempo, ele disse:

— Se é assim que quer me chamar, tudo bem. Veremos. Veremos quem eu sou. Nos próximos dias, semanas, meses. Verão se sou só isso.

Falou sem pressa, com serenidade, o que não diminuiu em nada o impacto inicial. As pessoas continuaram olhando para ele, surpresas, aparentemente fascinadas. Brodsky disse afetuosamente:

— Morreu alguém que amaram. Este é um momento precioso. Senti a bainha de sua capa roçar minha nuca e me dei conta de que estendia a mão à viúva.

— É um momento precioso. Venha. Acaricie sua ferida. Permanecerá pelo resto de sua vida. Mas a acaricie agora, enquanto está em carne viva e sangrando. Venha.

Brodsky desceu da sepultura, mantendo a mão estendida para a viúva. Ela a pegou com o ar sonhador, e, então, ele colocou a outra mão atrás dela e se pôs a conduzi-la delicadamente à beirada do túmulo aberto.

— Venha — escutei-o dizer com serenidade. — Venha agora. Moveram-se lentamente através das folhas mortas, até ela estar novamente na borda da sepultura olhando para baixo, para o caixão. Depois, quando a viúva voltou a soluçar, Brodsky retirou-se discretamente, afastando-se. A essa altura, muitos outros recomeçaram a chorar, e vi que logo as coisas voltariam a ser como antes de minha chegada. Em todo caso, a atenção já não estava voltada para mim e resolvi aproveitar a oportunidade para escapar.

Levantei-me discretamente e já havia passado por vários túmulos quando senti alguém caminhando bem atrás de mim. Uma voz disse:

— Senhor Ryder, realmente, está em cima da hora, deve ir à sala de concerto. Nunca se pode saber que ajustes serão necessários.

Ao me virar, reconheci Pedersen, o membro da câmara que conhecera no cinema, na primeira noite na cidade. Também me dei conta de que havia sido sua voz que antes escutara falando baixinho atrás de mim.

— Ah, Senhor Pedersen — disse eu quando ele ficou ao meu lado —, agradeço ter me lembrado da sala de concerto. com as emoções daquele grupo tão exaltadas, confesso que acabei perdendo a hora.

— Realmente, e eu também — disse Pedersen, soltando uma risadinha. — Eu também tinha um encontro. Claro que não tão importante, mas ainda assim tinha a ver com a noite de hoje.

Chegamos à trilha herbosa que passava pelo meio do cemitério e paramos.

— Talvez possa me ajudar, Senhor Pedersen — eu disse, olhando em volta. — Providenciei um carro para me levar à sala de concerto, já deve estar me esperando. Só que não estou muito certo do caminho de volta à estrada.

— Terei prazer em orientá-lo, Senhor Ryder. Por favor, siga-me.

Recomeçamos a andar, descendo a colina em que estivera com Brodsky. O sol agora se punha sobre o vale e as sombras formadas pelos túmulos haviam nitidamente se alongado. Enquanto prosseguíamos, tive a impressão, em pelo menos duas ocasiões, de que Pedersen ia falar alguma coisa e, então, mudava de idéia e se calava. No final, eu lhe disse, como que casualmente:

— Algumas daquelas pessoas pareciam extremamente aflitas. Quer dizer, em relação às minhas fotos no jornal.

— Bem, senhor — disse Pedersen com um suspiro —, é o monumento Sattler. Max Sattler continua a exercer um forte poder sobre as emoções das pessoas.

— Suponho que também o senhor tenha alguma opinião. Isto é, sobre as fotos em frente ao monumento Sattler.

Pedersen sorriu constrangido e evitou me encarar.

— Como posso explicar? — acabou dizendo. — É tão difícil para alguém de fora compreender. Mesmo para uma autoridade como o senhor. Não está claro por que Max Sattler — o porquê desse episódio na história da cidade — passou a significar tanto para as pessoas daqui. Os jornais não esclarecem muito. Bem, tudo aconteceu quase há cem anos. Mas, como certamente já descobriu, Senhor Ryder, Sattler conquistou um lugar nas fantasias dos cidadãos daqui. Seu papel, por assim dizer, tornou-se mítico. Às vezes, é temido, outras, abominado. E ainda outras vezes, sua memória é venerada. Como posso explicar? Conheço um homem, um bom amigo. Hoje já está muito velho, mas sua vida não foi ruim. É muito respeitado e ainda desempenha um papel ativo nos assuntos municipais. Uma vida nada ruim realmente. Mas esse homem, de vez em quando, relembra a vida que levou e se pergunta se não deixou escapar algumas coisas. Ele se pergunta como teria sido se, bem, se tivesse sido menos tímido. Um pouco menos tímido e mais apaixonado.

Pedersen deu uma pequena risada. A trilha, agora, fez uma curva e vi adiante o portão de ferro do cemitério.

— Bem, então, ele começou a recordar — prosseguiu Pedersen. Retornou a um ponto crucial de sua juventude, antes de se estabelecer. Digamos que se tenha recordado de quando uma certa mulher tentou seduzi-lo. Evidentemente, não cedeu, era excessivamente correto. Ou, quem sabe, tenha sido covardia. Talvez fosse jovem demais, quem pode saber? Tem dúvidas quanto ao que teria acontecido se tivesse seguido outro caminho, se tivesse se

sentido mais seguro em relação... em relação ao amor e à paixão. Sabe como é, Senhor Ryder. Sabe como os velhos às vezes sonham, imaginando como teria sido se tivessem agido em algum momento decisivo de forma diferente. Bem, isso também pode acontecer com uma cidade, com uma comunidade. De vez em quando, ela olha para trás, relembra sua história e se pergunta: "E se? O que nos teríamos tornado se apenas tivéssemos..." Ah, tivéssemos o quê, Senhor Ryder? Permitido que Max Sattler nos levasse aonde queria? Seríamos agora algo totalmente diferente? Seríamos agora uma cidade como Antuérpia? Como Stuttgart? Sinceramente, acho que não. Há, entende?, algumas coisas que estão tão arraigadas. Nunca mudarão, não por cinco, seis, sete gerações. Sattler, em termos práticos, foi irrelevante. Apenas um homem com sonhos extravagantes. Nunca conseguiria modificar nada fundamentalmente. Acontece o mesmo com esse meu amigo. Ele é como é. Experiência alguma, por mais crucial, o teria modificado. Bem, Senhor Ryder, chegamos. Se descer por aquela escada, dará na estrada.

Havíamos atravessado o alto portão de ferro do cemitério e estávamos agora em um grande jardim projetado cuidadosamente. Pedersen apontava para uma cerca viva à minha esquerda, atrás da qual avistei uma escada de pedras no início de uma descida em curva. Hesitei por um momento, depois, disse:

— Senhor Pedersen, o senhor tem sido excessivamente cortês. Mas posso lhe garantir que, sempre que surge a possibilidade de eu ter cometido um erro de julgamento, sou o tipo de pessoa que não o admite. Em todo caso, isso é uma coisa que uma pessoa na

minha posição tem de enfrentar. Quer dizer, qualquer dia desses serei chamado para tomar várias decisões importantes, e a verdade é que o máximo que posso fazer é pesar a evidência disponível no momento da melhor forma possível e tirar uma conclusão. Às vezes, inevitavelmente, cometo um engano. Como poderia ser de outra maneira? Isso é algo com que há muito tempo já aprendi a lidar. E como pode ver, quando ocorre, minha única preocupação é como poderei corrigi-lo na primeira oportunidade. Por isso, por favor, fale francamente. Acha que cometi um erro ao posar diante do monumento Sattler? Por favor, seja franco.

Pedersen pareceu constrangido. Olhou para trás, na direção de um mausoléu à distância, depois disse:

— Bem, Senhor Ryder, é apenas minha opinião.

— Ela me interessa muito, Senhor Pedersen.

— Bem, já que pergunta, sim. Para ser franco, fiquei muito desapontado quando vi o jornal, hoje de manhã. A minha opinião é que simplesmente não é da natureza desta cidade aceitar os extremos de Sattler. Ele exerce uma atração sobre determinadas pessoas justamente porque está tão distante, um mito local. Reintroduzi-lo como um prospecto sério... bem, francamente, causaria o pânico. As pessoas recuariam. Subitamente, se agarrariam ao que conhecem, independente da infelicidade que isso lhes tivesse causado. Pedi minha opinião. Acho que a introdução de Max Sattler nessas discussões prejudicou seriamente a possibilidade de progresso. Mas, evidentemente, ainda resta a noite de hoje. No final, tudo dependerá do que acontecer hoje à noite. Do que irá

dizer. E do que o Senhor Brodsky nos mostrará. E, como salientou, não existe alguém mais capacitado que o senhor para recuperar o terreno perdido. — Refletiu por um momento, depois abanou a cabeça com gravidade. — Senhor Ryder, o melhor que pode fazer agora é ir à sala de concerto. Hoje à noite, tudo deve estar conforme o planejado.

— Sim, sim, tem toda razão — disse eu. — Estou certo de que o carro está me esperando. Senhor Pedersen, agradeço sua franqueza.

26

A escadaria descia íngreme, passando por sebes e arbustos. Encontrei-me na beira da estrada, contemplando o sol se pôr no campo do lado oposto. A escadaria me levava a um ponto em que a estrada fazia uma curva fechada, mas, quando comecei a contorná-la, a vista se ampliou. Pude, então, ver, mais adiante, a colina que escalara recentemente — a silhueta contra o céu da pequena cabana era visível — e o carro de Hoffman esperando no acostamento onde me deixara anteriormente.

Caminhei na direção do carro, o pensamento na conversa que acabara de ter com Pedersen. Lembrei-me de nosso primeiro encontro, no cinema, quando sua estima por mim se revelou óbvia em cada palavra e gesto seu. Agora, apesar de toda sua cortesia, era claro que estava profundamente decepcionado. Este pensamento me perturbou peculiarmente e, enquanto prosseguia pela beira da

estrada, observando o pôr-do-sol, comecei a me sentir cada vez mais irritado por não ter agido com mais prudência em relação à questão do monumento Sattler. Era verdade — como havia salientado para Pedersen — que, para mim, aquela decisão tinha sido a coisa mais sensata a fazer naquele momento. Entretanto, não consegui evitar a sensação de desconforto, pois, apesar de toda a limitação de meu tempo, da enorme pressão exercida sobre mim, de certa forma, a essa altura, deveria ter sido mais bem informado. E agora, mesmo nessa última etapa, com o evento da noite estando virtualmente para acontecer, certos aspectos dessas questões locais não estavam de modo algum esclarecidos. Percebi que cometera um grande erro não comparecendo ao encontro do Grupo de Apoio Mútuo — e tudo por causa de uma sessão de prática que se mostrou desnecessária.

Ao alcançar o carro, sentia-me cansado e desanimado. Hoffman estava atrás do volante, escrevendo diligentemente em um caderno de notas, e só me notou quando abri a porta.

— Ah, Senhor Ryder — exclamou, afastando o caderno rapidamente.

— Correu tudo bem?

— Oh, sim.

— E as instalações? — Apressou-se em ligar o carro. — Foram satisfatórias?

— Excelentes, Senhor Hoffman, obrigado. Agora devo chegar à sala de concerto o mais rápido possível. Nunca se sabe que

tipo de ajustes será necessário.

— É claro. De fato. eu também tenho de correr para lá. Consultou de relance o relógio. — Preciso conferir o bufê. Tenho a satisfação de dizer que, quando estive lá, há uma hora, estava tudo correndo tranqüilo. Mas é claro que pode ocorrer alguma confusão.

Hoffman conduziu o carro de volta à estrada e rodamos em silêncio por alguns minutos. A estrada, embora mais movimentada do que na vinda, não estava de modo algum cheia e ele logo acelerou. Contemplei os campos e tentei relaxar, mas minha mente retornou à noite que me aguardava. Então, ouvi Hoffman dizer:

— Senhor Ryder, espero que não se incomode de eu mencionar o assunto. Só uma pequena questão. Sem dúvida, deve ter se esquecido.

— Deu uma pequena risada e balançou a cabeça.

— Qual é o assunto, Senhor Hoffman?

— Refiro-me aos álbuns de minha esposa. Talvez se recorde de que falei neles quando nos conhecemos. Minha mulher é uma admiradora sua há tantos anos...

— Sim, claro, lembro-me muito bem. Ela organizou uns álbuns com recortes sobre minha carreira. Sim, sim, não me esqueci. Na verdade, durante o tempo todo, tenho ansiado por vê-los.

— Ela se ocupou deles com muita dedicação. Ao longo de muitos anos. As vezes, esbarrou com uma enorme dificuldade para

obter determinados exemplares de revistas e jornais contendo artigos importantes sobre o senhor. Realmente foi maravilhoso presenciar sua dedicação. Significaria tanto para ela...

— Senhor Hoffman, tenho realmente a intenção de examinar os álbuns em breve. Como disse, estou ansioso para fazer isso. No entanto, neste momento, gostaria de poder aproveitar a oportunidade para discutir, bem, para discutir certos aspectos da noite de hoje.

— Como quiser. Mas posso garantir que está tudo sob controle. Não precisa se preocupar com nada.

— Sim, sim, tenho certeza. Entretanto, já que o evento está tão próximo, sem dúvida seria apreciável dar-lhe um pouco de atenção. Por exemplo, Senhor Hoffman, a questão de meus pais. Embora confie totalmente em que as pessoas desta cidade lhes prestarão uma boa assistência, não podemos nos esquecer do fato de ambos estarem com a saúde tão debilitada, e por isso agradeceria muito se...

— Ah, é claro, entendo perfeitamente. Na verdade, acho bastante comovente que demonstre preocupação em relação aos seus pais. Fico feliz em poder lhe garantir que foram tomadas todas as providências para assegurar seu conforto. Um grupo de senhoras encantadoras e competentes foi designado para atendê-los durante toda sua estada na cidade. Quanto ao evento desta noite, planejamos algo especial para eles, um pequeno aparato, que acho que o agradará. Como sem dúvida deve saber, a companhia local Irmãos Seeler foi célebre durante dois séculos por seu serviço de

frete de carruagens, tendo atendido a vários clientes eminentes de lugares tão distantes quanto a França e a Inglaterra. Há alguns exemplos esplêndidos de seus préstimos nesta cidade e imaginei que seus pais gostariam de chegar à sala de concerto em um modelo particularmente distinto. Para isso preparamos uma parelha de belos cavalos puros-sangues. Talvez possa imaginar a cena, Senhor Ryder. À noite, a clareira diante da sala de concerto estará completamente iluminada e todos os membros proeminentes de nossa comunidade estarão ali reunidos, rindo e saudando uns aos outros, todos extremamente bem vestidos, muita excitação no ar. Evidentemente, não se pode chegar à clareira de carro, por isso as pessoas chegarão a pé, surgindo das árvores. E quando um número substancial de pessoas estiver reunido do lado de fora da sala, consegue imaginar?, do escuro da floresta se ouvirá o som de cavalos se aproximando.

As mulheres e os homens pararão de falar e virarão a cabeça. O som de cascos aumentará, aproximando-se cada vez mais da parte iluminada. E, então, ficarão inesperadamente visíveis, os cavalos esplêndidos, o cocheiro de fraque e cartola, a fulgurante carruagem da Irmãos Seeler transportando seus pais encantadores! Consegue imaginar a excitação, a expectativa das pessoas nesse momento? Evidentemente, seus pais não terão de ficar muito tempo na carruagem. Apenas partir da avenida central e atravessar a floresta.

E lhe asseguro que a carruagem é uma obra-prima do luxo. Eles a acharão tão acolhedora e confortável quanto uma limusine. Naturalmente, balançará um pouco, mas isso, em uma carruagem de primeira classe, torna-se uma característica

positivamente relaxante. Espero que consiga imaginar a cena. Devo confessar que, originalmente, concebi isso para sua chegada, mas, depois, me dei conta de que preferiria ser recebido discretamente. Afinal, não seria desejável diluir o impacto de sua aparição no palco. Por isso, quando soubemos que seus pais também nos dariam a honra de sua presença, pensei imediatamente: "Ah, a solução ideal!" Sim, a chegada de seus pais se ajustava perfeitamente ao espírito da cena. É claro que não esperamos que eles fiquem em pé daí em diante. Serão conduzidos diretamente aos lugares reservados especialmente para eles no auditório, e esse será o sinal de que está na hora de todos começarem a se instalar. Então, logo depois disso, terá início a parte formal do evento. Começaremos com um breve recital de piano de meu filho, Stephan. Ha, ha! Admito que isso é um tanto condescendente de minha parte. Mas Stephan estava querendo tanto se apresentar e, na época, acreditei, talvez tolamente... Bem, não há por que falar disso agora. Stephan dará um breve recital, meramente para criar uma certa atmosfera. Durante essa parte, as luzes continuarão acesas para que as pessoas encontrem seus lugares, se cumprimentem, troquem algumas palavras nas passagens etc. Depois que todos estiverem sentados, as luzes serão obscurecidas. Haverá algumas palavras formais de boas-vindas. Por fim, os membros da orquestra aparecerão, tomarão seus lugares, afinarão seus instrumentos. Depois de uma pequena pausa, o Senhor Brodsky aparecerá. Então, ele... ele se apresentará. Quando terminar e se ouvir, esperamos que sim, suponhamos que aconteça, aplausos estrondosos e o Senhor Brodsky se curvar várias vezes para agradecer, se seguirá um pequeno intervalo.

Não um intervalo propriamente dito, pois não deixaremos que as pessoas se levantem. Mas um breve período de cinco minutos mais ou menos, quando então as luzes tornarão a se acender e as pessoas terão a oportunidade de trocar impressões. Então, enquanto trocam opiniões, o Senhor Von Winterstein surgirá no palco, na frente da cortina.

Fará uma introdução simples. Não mais que alguns minutos. Afinal, que introdução seria necessária? Depois, se retirará para os bastidores. O auditório inteiro mergulhará na escuridão. Agora, chegamos ao momento. O momento de sua aparição. Na verdade, este é um assunto que pretendia discutir com o senhor, já que sua cooperação é, de certa forma, essencial. Sabe, nossa sala de concerto é extremamente bela, mas, por ser muito antiga, naturalmente é carente de muitos recursos que as construções mais modernas oferecem. As instalações para o bufê, como acredito que já mencionei, estão longe de ser adequadas, o que nos obriga a recorrer às do hotel. Mas a questão é a seguinte: pedi emprestado ao centro de esportes, que é realmente moderno e muito bem equipado, o placar eletrônico que costuma ficar pendurado na arena interna. Neste exato momento, a arena está com um aspecto desolador! Fios elétricos pendendo do espaço que o placar ocupava. Bem, voltando ao assunto, o Senhor Von Winterstein se retirará para os bastidores depois dessa breve introdução. O auditório inteiro, por um instante, ficará mergulhado na escuridão, e as cortinas serão abertas. Então, um único projetor de luz o revelará no centro do palco, diante da estante. Nesse momento, obviamente, a platéia irromperá em aplausos emocionados. Depois, quando os aplausos diminuírem, antes de o senhor ter falado qualquer coisa —

evidentemente, demorará o tempo que lhe convier —, uma voz ressoará por todo o auditório e fará a primeira pergunta. A voz será a de Horst Jannings, o ator mais antigo da cidade. Ele estará lá em cima, na caixa de som, falando através do sistema de alto-falantes. Horst tem uma bela voz de barítono e lerá cada pergunta lentamente. E, enquanto fizer isso, a idéia foi minha!, as palavras serão simultaneamente impressas no placar eletrônico, fixado diretamente acima de sua cabeça. Bem, até esse momento, em razão da escuridão, ninguém terá percebido o placar. Será como se as palavras aparecessem no ar, lá em cima. Ha, ha! Perdoe-me, mas acho que o efeito servirá ao aspecto dramático da ocasião e, ao mesmo tempo, o esclarecerá. As palavras no placar, me atrevo a dizer, auxiliarão alguns dos presentes a se lembrar da natureza importante das questões que lhe são dirigidas. Afinal, é muito fácil que com toda a excitação algumas pessoas deixem de se concentrar.

Bem, como vê, com minha simples idéia, haverá pouca chance de isso acontecer. Cada pergunta estará ali, diante deles, impressas em letras gigantes.

Portanto, se o senhor estiver de acordo, é assim que faremos. A primeira pergunta será feita, impressa no placar, o senhor dará sua resposta e, quando tiver terminado, Horst lerá a próxima, e assim por diante. A única coisa que gostaríamos de lhe pedir é que, no fim de cada resposta, afaste-se da estante, encaminhe-se à beira do palco e agradeça com uma mesura. Há dois motivos para este pedido. Primeiro, a natureza transitória do placar apresenta, inevitavelmente, algumas dificuldades.

O eletricista precisará de vários segundos para colocar cada questão no placar eletrônico, e haverá uma demora adicional de uns quinze ou vinte segundos para que as palavras comecem a aparecer. Como vê, ao se encaminhar à beira do palco e fazer a reverência, inevitavelmente provocando aplausos, evitaremos uma série de pausas desagradáveis durante o processo. Depois, assim que os aplausos começarem a diminuir, a voz de Horst e o placar anunciarão a próxima pergunta, dando-lhe bastante tempo de retornar à estante. Há mais uma razão para essa estratégia. Sua ida à beira do palco e a reverência assinalarão ao eletricista, sem deixar nenhuma dúvida, que concluiu sua resposta. Afinal, quero evitar de qualquer maneira uma situação em que, por exemplo, o placar comece a imprimir uma pergunta enquanto ainda estiver falando. Como já expliquei, em razão dos problemas de interrupção, isso poderia facilmente ocorrer. Afinal, pode ser que dê a impressão de ter terminado ao fazer uma simples pausa somente porque lhe ocorreu algum ponto pertinente a acrescentar. O senhor prossegue fazendo essa observação final, mas o eletricista já começou... Ha! Que desastre! Não dá nem para imaginar! Por isso, permita-me propor esse simples, mas eficaz, estratagema de o senhor se dirigir à beira do palco e fazer uma reverência no final de cada resposta. De fato, além de conceder alguns segundos extras ao eletricista para preparar a próxima pergunta, seria extremamente útil se pudesse dar algum tipo de sinal, que não seja percebido pela platéia, quando estiver se aproximando do final de cada resposta. Digamos, um ligeiro balançar de ombros.

Evidentemente, Senhor Ryder, todos esses arranjos estão sujeitos à sua aprovação. Se não estiver satisfeito com qualquer uma

dessas idéias, por favor, fale francamente.

Enquanto Hoffman falava, um quadro nítido da noite começou a se formar em minha mente. Podia ouvir os aplausos, o zumbido do placar eletrônico acima de minha cabeça. E me vi fazendo o movimento com o ombro, depois me movendo sob a luz ofuscante em direção à beira do palco. E fui tomado por uma sensação curiosa, meio visionária, de irrealidade, ao me dar conta de que não estava preparado. Notei que Hoffman esperava minha resposta e murmurei cansado:

— Parece esplêndido, Senhor Hoffman. Pensou em tudo muito bem.

— Ah, então, aprova. Todos os detalhes, são todos...

— Sim, sim — disse eu, abanando a mão com impaciência.

— O placar eletrônico, a ida à beira do palco, o balançar de ombros, sim, sim, sim. Foi tudo muito bem planejado.

— Ah. — Por um segundo, Hoffman continuou parecendo hesitar, mas, então, concluiu que eu falara com sinceridade. Esplêndido, esplêndido. Então, está combinado.

— Assentiu com a cabeça para si mesmo e ficou em silêncio por algum tempo. Então, voltou a murmurar para si mesmo, sem tirar os olhos da estrada.

— Sim, sim, está tudo certo.

Nos minutos seguintes, Hoffman não me disse mais nada, embora continuasse a falar baixinho consigo mesmo. Havia agora

um matiz rosa no céu e quando a estrada fazia

curvas, passando por fazendas, o sol aparecia no pára-brisa, inundando o carro com seu brilho e nos obrigando a semicerrar os olhos. A certa altura, quando eu contemplava a vista de minha janela, ouvi Hoffman ofegar repentinamente:

— Um boi! Um boi! Um boi!

Embora isso tenha sido dito a meia voz, tive um sobressalto e olhei para ele. Então, vi que continuava absorto em seu próprio mundo, encarando à frente e assentindo com a cabeça. Olhei para os campos à nossa volta e, embora avistasse carneiros, não vi nenhum boi. Tive a vaga lembrança de ele ter feito algo parecido antes, em uma viagem de carro comigo, mas logo perdi o interesse no assunto.

Dali a pouco nos encontrávamos de volta às ruas da cidade e o trânsito logo se tornou mais lento, arrastado. As calçadas estavam lotadas de gente que ia para casa,

depois do trabalho, e muitas vitrinas já estavam iluminadas para a noite. Agora, que estava de volta à cidade, voltei a me sentir um pouco confiante. Ocorreu-me que, uma vez na sala de concerto, uma vez tendo tido a oportunidade de estar no palco e examinar o ambiente, muitas coisas se esclareceriam.

— Realmente — disse Hoffman de repente —, está tudo em ordem. Não há nada com que se preocupar. Vai ver como se orgulhará desta cidade. E, quanto ao Senhor Brodsky, confio plenamente nele.

Achei que devia demonstrar um mínimo de otimismo.

— Sim — disse eu animado —, tenho certeza de que o Senhor Brodsky se sairá de modo esplêndido esta noite. Agora mesmo, ele parecia em ótima forma.

— Ha? — Hoffman me lançou um olhar surpreso. — Viu-o recentemente?

— Há pouco, no cemitério. Como eu dizia, ele parecia muito seguro...

— O Senhor Brodsky estava no cemitério? Eu me pergunto o que ele estaria fazendo lá.

Hoffman me olhou com curiosidade, e, por um momento, cheguei a pensar em lhe contar toda a história do funeral e a impressionante intervenção de Brodsky. Mas, por fim, não tive ânimo e disse simplesmente:

— Acho que tinha um encontro. com a Senhorita Collins.

— com a Senhorita Collins? Meu Deus! Para que seria? Olhei para ele, de certa forma surpreso com sua reação.

— Parece que a reconciliação se torna uma possibilidade genuína — eu disse. — Se resultar em um desfecho feliz, haverá mais uma coisa cujo mérito será legitimamente seu, Senhor Hoffman.

— Sim, sim. — Hoffman refletiu, o cenho franzido. — O Senhor Brodsky está agora no cemitério? Esperando a Senhorita Collins? Curioso. Muito curioso.

Ao penetrarmos no centro da cidade, o trânsito foi se tornando cada vez mais denso, até que, em um certo ponto, em uma rua pequena e estreita, ficamos engarrafados.

Hoffman, que se tornava cada vez mais inquieto, virou-se para mim:

— Senhor Ryder, preciso ir a um lugar. Quer dizer, eu me encontrarei com o senhor, na sala de concerto, no devido tempo, mas agora... Consultou o relógio, demonstrando um verdadeiro pânico. — Entende? Devo comparecer a... tenho de... — Agarrou o volante e me encarou assustado. — Senhor Ryder, o fato é o seguinte. Por causa desse péssimo sistema de mão única e deste diabólico trânsito de final de tarde, de carro ainda levaremos algum tempo para chegarmos à sala. Enquanto que a pé... — De repente, apontou para fora da janela de meu lado. — Lá está. Bem na sua frente. Uma caminhada de apenas alguns minutos. Sim, aquele telhado logo ali.

Vi um grande domo, assomando acima dos outros prédios, a meia distância. Sem dúvida, não parecia se localizar a mais de três ou quatro quadras.

— Senhor Hoffman — disse eu —, se tem um compromisso urgente, daqui, posso ir a pé.

— Mesmo? Não se importaria?

O trânsito moveu-se um pouco e tornou a se paralisar.

— De fato, seria bom caminhar — eu disse. — A tarde está agradável. E, como disse, a distância é curta.

— Esse sistema infernal de mão única! Ficaremos presos neste carro por mais uma hora! Senhor Ryder, ficaria imensamente agradecido se me perdoasse. Sabe, há algo que devo... que devo providenciar...

— Sim, sim, é claro. Saltarei aqui. O senhor foi muito gentil ficando assim, à minha disposição, e estando tão ocupado. Estou muito agradecido.

— Chegará à sala de concerto pelos fundos. Basta seguir na direção do domo. Não se perderá, se não perder o telhado de vista.

— Por favor, não se preocupe. Não terei problemas. — Interrompendo suas desculpas, agradei-lhe novamente e saí para a calçada.

Logo me vi errando por uma rua estreita, passando por uma série de livrarias, depois, por alguns hotéis turísticos bem simpáticos. Não era de jeito algum difícil manter o domo à vista e, por um certo tempo, fiquei agradecido pela oportunidade de poder caminhar ao ar livre.

No entanto, após ter ultrapassado duas ou três quadras, vários pensamentos inquietantes ocuparam minha mente, pensamentos que não conseguia expulsar. Para começar, percebi que havia mais de uma possibilidade da sessão pergunta-resposta não acontecer de modo tão tranquilo. Na verdade, se a intensidade das

emoções manifestadas no cemitério era algo a ser levado em conta, a possibilidade de cenas desagradáveis não podia ser excluída. Além do mais, se a sessão pergunta-resposta não corresse bem, seria compreensível que meus pais, assistindo à cena com uma apreensão e um constrangimento cada vez maiores, pedissem para ser retirados do auditório. Em outras palavras, sairiam antes de eu ter a chance de chegar ao piano, e era impossível saber quando poderiam me ver tocar outra vez. O que era ainda pior é que, se as coisas corressem realmente mal, não podia descartar a chance de um deles sofrer um ataque. Estava mais seguro do que nunca de que meu pai e minha mãe ficariam ambos admirados após alguns segundos de eu ter começado a tocar. Mas, nesse meio tempo, a sessão pergunta-resposta seria um obstáculo poderoso.

Estava tão absorto nesses pensamentos que deixei o domo desaparecer por trás de alguns prédios. De início, não me preocupei muito com isso, supondo que logo ficaria novamente à vista. Mas, então, à medida que caminhava, a rua foi se tornando cada vez mais estreita. Os prédios ao redor pareciam ter seis ou sete andares, de modo que mal podia avistar o céu, muito menos o domo. Decidi procurar uma rua paralela, mas, ao dobrar a esquina seguinte, me vi errando de uma viela a outra, possivelmente andando em círculos, a sala de concerto não estando visível de parte alguma.

Passados vários minutos, comecei a ser tomado por uma sensação de pânico e pensei em pedir informações a alguém. Porém, ocorreu-me que isso seria imprudente. Durante o tempo todo, as pessoas tinham se virado — às vezes, chegando mesmo a parar

abruptamente — para olhar para mim. Tinha percebido isso vagamente, pois, na preocupação de encontrar o caminho, não prestara muita atenção. Mas agora via que, com o evento da noite tão próximo e com tanta coisa pesando na balança, não me convinha ser visto andando a esmo pelas ruas, obviamente perdido e inseguro. Fazendo um esforço, aprumei o corpo e adotei a postura de alguém que, com todos os seus negócios sob controle, dava uma volta relaxada pela cidade. Forcei-me a diminuir a marcha e sorri com simpatia a todos que me olhavam.

Finalmente, dobrei outra esquina e localizei a sala de concerto à minha frente, mais próxima que nunca. Agora, a rua em que estava era mais larga, com cafés e lojas bem iluminados nas duas calçadas. O domo ficava no máximo a duas ou três quadras, logo além de onde a rua fazia uma curva e se perdia de vista.

Senti-me não apenas aliviado, mas, repentinamente, também mais tranqüilo em relação ao evento. A sensação que experimentara mais cedo — de que muitas coisas se esclareceriam quando chegasse ao local e pudesse subir no palco — retornou e prossegui meu caminho com um certo entusiasmo.

Porém, ao fazer a curva, deparei com uma estranha visão. Um pouco mais adiante, havia um muro de tijolos atravessando o caminho — de fato, ocupando toda a largura da rua. O primeiro pensamento que me ocorreu foi que corria uma linha férrea por trás, mas, então, notei como os andares mais altos dos prédios nos dois lados continuavam sem interrupção, acima do muro, até perder de vista. Enquanto o muro despertou minha curiosidade, não o encarei

como um problema, supondo que quando o alcançasse encontraria uma arco ou um caminho subterrâneo que me levasse ao outro lado.

O domo, em todo caso, estava agora muito próximo, iluminado por holofotes contra um céu escuro.

Só quando estava virtualmente em frente ao muro, me dei conta de que não havia como atravessá-lo. As calçadas dos dois lados da rua simplesmente finalizavam abruptamente ao encontrarem-no. Olhei em volta, confuso, depois percorri a distância até a calçada oposta, sem poder admitir que não havia uma passagem em algum lugar, nem mesmo um pequeno buraco, pelo qual pudesse me arrastar. Não descobri nada, e, por fim, depois de permanecer, por alguns instantes, impotente diante do muro, acenei para uma mulher que passava uma mulher de meia-idade, que surgira de uma loja de presentes nas proximidades — e perguntei: — com licença, quero ir à sala de concerto. Como posso atravessar este muro?

A mulher pareceu surpresa com minha pergunta.

— Oh, não — disse ela —, não pode atravessá-lo. É claro que não. Ele fecha totalmente a rua.

— Mas isso é extremamente irritante — disse eu. — Tenho de ir à sala de concerto.

— Suponho que seja irritante — disse a mulher, como se nunca tivesse pensado nisso. — Quando, agora mesmo, o vi encarando-o, logo vi que era um turista. O muro é uma atração turística, como pode ver.

Apontou para um suporte giratório de cartões-postais em frente à loja. A iluminação proveniente da porta permitiu que eu visse nitidamente vários cartões representando, orgulhosamente, o muro.

— Mas que, diabos, faz um muro em um lugar como este? perguntei, a voz aumentando contra minha vontade. — É realmente um absurdo. A que propósito pode servir?

— Compreendo. Para um estrangeiro, principalmente para alguém que está com pressa de chegar a um lugar, deve ser um aborrecimento. Suponho que seja o que chamam de asneira. Foi construído por algum excêntrico, no final do século passado. Evidentemente, é muito estranho, mas ficou famoso desde então. No verão, esta área toda, em que estamos agora, fica repleta de turistas. Americanos, japoneses, todos tirando fotos.

— Isso é um disparate — eu disse furioso. — Por favor, qual é a maneira mais rápida de chegar à sala de concerto?

— A sala de concerto? Bem, fica distante, se pensa em ir a pé. Naturalmente, estamos muito perto de lá — olhou para cima, para o domo.

— Mas, em termos práticos, isso não significa muito, por causa do muro.

— Isso é completamente absurdo! — perdi toda a paciência. Acharei o caminho sozinho. Obviamente, a senhora é incapaz de conceber que alguém esteja apressado, muito atarefado, tendo de lidar com uma agenda apertada, e que, simplesmente, não

possa se dar o luxo de perder horas vadiando pela cidade. De fato, se me permite, este muro é típico da cidade. Obstáculos definitivamente despropositados por toda parte. E o que vocês fazem? Ficam irritados? Exigem que seja demolido imediatamente para que as pessoas possam tratar de seus negócios? Não, vocês o toleram por quase um século. Fazem cartões-postais e se convencem de que é encantador. Este muro de tijolos encantador? Que disparate! Eu bem que poderia tê-lo usado como símbolo, aliás bem que gostaria, no discurso de hoje à noite! Sorte de vocês eu já ter preparado, mentalmente, a maior parte do que direi, de modo que, naturalmente, reluto em modificar a fala agora, em cima da hora. Que noite!

Deixei a mulher e comecei a retroceder rapidamente, resolvido a não deixar que tal contratempo absurdo destruísse minha confiança, há pouco reconquistada. Mas, ao prosseguir andando, o tempo todo consciente de que a sala de concerto ficava cada vez mais longínqua, senti o desânimo anterior retornar. A rua parecia mais longa do que antes, e, quando finalmente alcancei seu final, vi que novamente estava perdido no entrelaçamento de pequenas ruas estreitas.

Passados muitos minutos de perambulação inútil, senti-me, subitamente, incapaz de seguir adiante e parei. Notei que havia parado justamente na calçada de um café e desabei em uma cadeira da mesa mais próxima e senti, imediatamente, que o que restava de minhas forças se exauria. Estava vagamente consciente de que, à minha volta, escurecia, que uma luz elétrica brilhava em algum lugar às minhas costas, que essa mesma luz provavelmente me iluminava

aos passantes e clientes do café, mas, não sei como, não sentia a necessidade de me aprumar, nem de disfarçar meu abatimento. Logo apareceu um garçom. Pedi um café e continuei a encarar a sombra de minha cabeça projetada sobre a superfície metálica da mesa. Todas as possibilidades em relação ao evento da noite, que haviam me perturbado anteriormente, começaram a ocupar minha mente, todas ao mesmo tempo. Antes de mais nada, voltava a ser dominado pela idéia deprimente de que a decisão de ser fotografado diante do monumento Sattler havia, irrevogavelmente, prejudicado minha autoridade na cidade; que isso me deixara com uma quantidade intimidadora de terreno a recuperar e que o menor descuido com a atuação durante a sessão pergunta-resposta resultaria em conseqüências catastróficas. De fato, por um instante, senti-me tão assoberbado por tais pensamentos que fiquei à beira das lágrimas. Então, percebi uma mão em minhas costas e alguém repetindo delicadamente:

— Senhor Ryder. Senhor Ryder.

Supus que fosse o garçom com meu café e fiz um gesto para que o colocasse na mesa. Mas a voz continuou a dizer meu nome e, olhando para cima, deparei com Gustav me observando com uma expressão preocupada.

— Oh, olá — disse eu.

— Boa noite. Como está? Achei que era o senhor, mas não tive certeza, então, vim até aqui. O senhor está bem? Estamos todos logo ali, todos os rapazes. Não quer se juntar a nós? Os rapazes ficarão emocionados.

Olhei à minha volta e vi que estava sentado na beira de uma praça. Embora houvesse um poste de luz em seu centro, a maior parte da praça estava às escuras, de modo que as figuras das pessoas que a atravessavam não pareciam mais que sombras. Gustav apontava para o lado oposto, onde vi outro café, um pouco maior do que aquele em que eu estava, com a porta e as janelas projetando uma luz acolhedora. Mesmo àquela distância, pude perceber uma atividade intensa em seu interior. Acordes de uma rabeça e risadas nos alcançavam através da noite. Só então me dei conta de estar na cidade velha, na praça principal, de frente para o Hungarian Café. Enquanto continuava a olhar ao redor, ouvi Gustav dizer:

— Os rapazes me fizeram repetir inúmeras vezes o que, o senhor sabe, como concordou. Já lhes contei cinco, seis vezes, mas querem que eu repita. Nem bem acabavam de rir e dar tapinhas uns nas costas dos outros e já insistiam de novo: "Vamos lá, Gustav, sabemos que ainda não contou tudo. O que o Senhor Ryder disse exatamente?"

"Já disse", eu respondia. "Já contei tudo. Sabem muito bem disso." Mas queriam escutar mais uma vez e, atrevo-me a dizer, vão querer ouvir a história ainda várias vezes antes de a noite terminar. É claro que, embora assumisse um tom cansado cada vez que me pediam para contar, naturalmente, era só para causar impressão. Na verdade, evidentemente, estou tão emocionado quanto qualquer um deles e seria capaz de repetir sem parar, e com o maior prazer, nossa conversa de hoje de manhã. É tão bom vê-los novamente com essa expressão nos rostos.

Sua promessa, senhor, trouxe nova esperança, uma nova juventude. Até mesmo Igor estava sorrindo, rindo de algumas das piadas! Já nem me lembro da última vez em que o vi assim. Oh, sim, terei muito prazer em repeti-la ainda muitas vezes. Sempre que chego no ponto em que o senhor disse "Muito bem, terei muito prazer em falar algo em nome de vocês", quando chego nessa parte, bem, precisa vê-los! Dão vivas, riem, dão tapinhas uns nos outros. Fazia tanto tempo que não os via assim! Bem, lá estamos nós, tomando cerveja e falando sobre sua grande generosidade, falando sobre como depois de todos estes anos o ofício de carregador mudará para sempre a partir de hoje à noite. Enquanto falávamos disso tudo, olhei casualmente para fora e o vi. O proprietário, como pode constatar, deixou a porta aberta. Isso dá ao local uma atmosfera muito mais agradável. Podemos ver o outro lado da praça quando a noite começa a cair. Bem, lá estava eu olhando o outro lado da praça e dizendo a mim mesmo: "Quem será aquela pobre alma sentada ali sozinha?" Mas minha vista não é tão boa, entende? Eu não sabia se era realmente o senhor. Então, Karl me disse, como que a meia voz, deve ter percebido que não seria uma boa idéia falar em voz alta, me disse: "Devo estar enganado, mas aquele não é o Senhor Ryder? Logo ali em frente?" Aí, olhei de novo e pensei, sim, é possível. O que diabos estará fazendo ali, no frio, e parecendo tão triste? Irei até lá e verei se é mesmo ele. Bem, Karl foi muito discreto. Nenhum dos outros ouviu o que ele disse, por isso, se depender dele, ninguém saberá por que eu dei uma escapada, por isso atrevo-me a dizer que alguns estarão olhando para cá sem entender o que pretendo. Mas o senhor está mesmo bem? Dá a impressão de estar preocupado com alguma coisa.

— Oh... — dei um suspiro e enxuguei o rosto. — Não é nada. É só que essa viagem, toda essa responsabilidade... Volta e meia isso... — Interrompi-me dando uma risada.

— Por que fica sentado aqui sozinho? A noite está fria e só está vestindo um paletó. E isso depois de eu ter-lhe dito como seria bem vindo ao nosso grupo no Hungarian Café. Acha que não será recebido com todo entusiasmo? Sentar-se aqui sozinho! Francamente! Por favor venha e junte-se a nós agora mesmo. Poderá relaxar e se divertir um pouco. Expulse todas as preocupações de sua cabeça. Os rapazes ficarão felicíssimos. Por favor.

No outro lado da praça, a luz forte filtrada pela porta, a música, as risadas, tudo parecia tentador. Pus-me de pé e enxuguei o rosto mais uma vez.

— Isso mesmo. Logo se sentirá melhor.

— Obrigado. Obrigado. Realmente, muito obrigado. — Fiz um esforço para controlar a emoção. — Eu lhe agradeço muito. Sinceramente. Só espero não ser um intruso.

Gustav riu.

— Logo verá se está sendo um intruso ou não.

Enquanto atravessávamos a praça, ocorreu-me que seria melhor preparar-me para me apresentar aos carregadores, que, sem dúvida, me cumulariam de gratidão e excitação assim que me vissem. A cada passo, sentia-me com mais controle e estava para

fazer alguma observação agradável a Gustav, quando, repentinamente, ele se deteve.

Havia mantido, gentilmente, a mão em minhas costas e senti seus dedos, só por um segundo, apertar o tecido de meu paletó. Virei-me e vi, na iluminação espectral, Gustav imóvel, olhando para o chão, uma mão na testa, como se acabasse de se lembrar de algo importante. Antes de eu ter tempo de dizer qualquer coisa, ele abanou a cabeça e sorriu constrangido;

— Desculpe. É que eu... eu... — Deu um breve risinho e recomeçou a andar.

— Está tudo bem?

— Oh, sim, sim. Sabe, os rapazes ficarão emocionados quando o senhor atravessar a porta.

Avançou mais um ou dois passos à minha frente e guiou o resto do caminho com determinação.

27

Somente quando entrei no café e senti o calor da lenha na lareira no extremo da sala foi que me dei conta de como a noite estava fria. O interior do café havia sido rearrumado desde a vez anterior em que ali estivera. A maior parte das mesas havia sido encostada nas paredes, de modo que o centro fosse ocupado por

uma grande mesa circular. Em volta desta, havia uns dez homens tomando cerveja e fazendo algazarra. Pareciam um pouco mais jovens que Gustav, embora todos já estivessem passando da meia-idade.

Um pouco adiante, perto do balcão, dois homens magros, vestidos de ciganos, tocavam uma valsa animada em seus violinos. Havia outros fregueses presentes, mas pareciam satisfeitos em se sentar no fundo, em geral nos recantos sombrios da sala, como se estivessem conscientes de presenciar a festa de uma outra pessoa.

Quando Gustav e eu entramos, os carregadores se viraram e nos encararam surpresos, sem acreditarem no que viam. Então, Gustav disse:

— Sim, rapazes, é ele mesmo. Veio pessoalmente nos desejar boa sorte.

Fez-se um silêncio completo, enquanto todos — os carregadores, os garçons, os músicos, os outros fregueses — olhavam fixamente para mim. A sala irrompeu em um aplauso caloroso. Não sei bem por que essa recepção me pegou de surpresa, e quase me vieram lágrimas aos olhos. Sorri, dizendo:

— Obrigado, obrigado. — Os aplausos continuavam com tanta intensidade que mal pude escutar a mim mesmo. Todos os carregadores haviam ficado de pé, e até mesmo os músicos ciganos haviam colocado as rabeças debaixo do braço para também aplaudir. Gustav conduziu-me à mesa central e, quando me sentei, os aplausos finalmente diminuíram.

Os músicos voltaram a tocar e me vi cercado por faces excitadas. Gustav, que se sentara ao meu lado, começou a dizer:

— Rapazes, o Senhor Ryder foi gentil o bastante em...

Antes que pudesse concluir, um carregador corpulento, com o nariz vermelho, inclinou-se para mim e ergueu seu copo de cerveja.

— Senhor Ryder, o senhor nos salvou — declarou. — Agora, nossa história será diferente. Meus netos se recordarão de mim de modo diferente. Esta é uma grande noite para nós.

Eu ainda sorria para ele quando senti uma mão pegando meu braço e deparei com um rosto macilento, de aparência nervosa, me encarando.

— Por favor, Senhor Ryder — disse o homem —, o senhor realmente fará isso, não fará? O senhor não vai, quando chegar a hora e com todas as coisas importantes que estão em sua cabeça, o senhor não vai mudar de idéia e...

— Não seja insolente — disse alguém e o homem nervoso sumiu, como se o tivessem puxado. Então, escutei uma voz dizer atrás de mim:

— É claro que ele não vai mudar de idéia. com quem acha que está falando?

Virei-me na cadeira, querendo tranquilizar o homem nervoso, mas alguém começou a apertar minha mão dizendo:

— Obrigado, Senhor Ryder. Obrigado.

— Vocês todos são muito gentis — disse eu sorrindo para o grupo em geral. — Mas eu... eu realmente devo avisá-los...

Nesse momento, fui empurrado, quase caindo sobre a pessoa ao meu lado. Ouvi alguém pedir desculpas e outro dizer: "Não empurre!" Então, outra voz, perto de mim:

— Achei que era o senhor lá fora. Fui eu que o mostrei a Gustav. É tão gentil vindo até aqui. Esta noite será lembrada para sempre. Um momento decisivo para todos os carregadores de hotel da cidade.

— Ouçam, tenho de alertá-los — eu disse em voz alta. — Farei o melhor que puder por vocês, mas devo avisá-los que talvez não tenha mais tanta influência quanto antes. Vejam...

Mas minhas palavras foram abafadas por vários carregadores que deram início a um coro de "burras!". No segundo brado, o grupo todo se uniu, a música cessou momentaneamente, e todos que estavam no café uniram-se no ensurdecido hurra final. Houve mais aplausos.

— Obrigado. Obrigado — eu disse, genuinamente comovido. Quando os aplausos começaram a diminuir, o carregador de nariz vermelho, do outro lado da mesa, disse:

— O senhor é muito bem-vindo. É uma pessoa famosa e reputada, mas queremos que saiba que nós reconhecemos uma boa pessoa assim que a vemos. É isso mesmo. Não passamos tanto

tempo nesse negócio sem desenvolver um bom faro para a decência. Todos somos capazes de reconhecer no senhor uma pessoa extremamente decente. Decente e gentil.

Talvez pense que o recebemos bem só porque vai nos ajudar. É claro que estamos agradecidos. Mas sei que este grupo, todos realmente gostam do senhor, não sentiria assim se não fosse um sujeito decente. Se fosse muito orgulhoso, ou insincero de alguma forma, teriam torcido o nariz para o senhor. Oh, sim. Evidentemente, apesar de tudo, se sentiriam gratos, o tratariam bem, mas não gostariam do senhor desta maneira. O que estou tentando dizer é que, mesmo que não fosse famoso, se fosse apenas algum estrangeiro que passasse por aqui casualmente, quando percebêssemos que é uma boa pessoa, depois que explicasse que estava longe de casa e procurava companhia, nós o acolheríamos. Não o receberíamos de modo tão diferente quanto o fazemos agora, uma vez percebido se tratar de um bom sujeito. Oh, sim, não somos tão esquivas quanto as pessoas acham. De agora em diante, pode contar com cada um de nós como seu amigo.

— Isso mesmo — disse alguém à minha direita. — Agora somos seus amigos. Se tiver qualquer problema nesta cidade, pode recorrer a nós.

— Muito obrigado — eu disse. — Obrigado. Hoje à noite, farei tudo o que puder por vocês. Mas realmente devo avisá-los...

— Por favor — Gustav falava delicadamente ao meu ouvido. Por favor, pare de se preocupar. Sairá tudo bem. Por que não se divertir pelo menos por alguns minutos?

— Mas eu só queria avisar seus bons amigos...

— Verdade — Gustav prosseguiu com calma —, sua dedicação é admirável. Mas se preocupa demais. Por favor, relaxe e divirta-se. Só por alguns minutos. Olhe para nós.

Todos temos preocupações. Eu mesmo tenho de sair daqui a pouco para voltar à sala de concerto, voltar ao trabalho. Mas, quando nos reunimos aqui, ficamos felizes por nos encontrarmos entre amigos e esquecemos os problemas. Descontraímos e nos divertimos. — Gustav elevou a voz acima da algazarra. — Vamos lá, vamos mostrar ao Senhor Ryder como realmente nos divertimos! Vamos mostrar como fazemos isso!

Esse pronunciamento foi recebido por vivas e mais aplausos que se transformaram em um bater de palmas rítmico em torno da mesa. Os ciganos se puseram a tocar mais rápido, ao compasso dos aplausos, e alguns dos outros fregueses que assistiam à cena, também começaram a bater palmas. Reparei que as outras pessoas na sala pararam de conversar e giraram suas cadeiras, como se fossem assistir a um espetáculo ansiosamente aguardado. Alguém, que supus ser o proprietário — um homem moreno, magricela e desengonçado — surgiu do fundo da sala e permaneceu encostado à moldura da porta, evidentemente tão ansioso quanto em não perder o que se seguiria.

Nesse meio tempo, os carregadores mantiveram o ritmo dos aplausos, ainda mais alegres, alguns batendo os pés no chão, para enfatizar a marcação do compasso. Dois garçons apareceram e começaram a limpar rapidamente a superfície da mesa. Copos de

cerveja, xícaras de café, açucareiros, cinzeiros, tudo sumiu em um instante, e, então, um dos carregadores, um homem pesado e barbado, subiu na mesa. Por trás da barba espessa, seu rosto era de um vermelho vivo, se por estar envergonhado ou ter bebido muito, não sei. Em todo caso, uma vez em cima da mesa, pareceu sentir pouca inibição e, com um sorriso largo, começou a dançar.

Era uma dança curiosa, estática, os pés mal se erguendo, com maior ênfase nas posições de estátuas assumidas pelo corpo do que na agilidade e graça de movimentos.

O carregador barbado assumiu uma pose de deus grego, os braços posicionados como se carregassem uma carga invisível. com o incentivo dos aplausos e gritos de encorajamento, modificava sutilmente o ângulo de seu quadril ou girava o corpo lentamente. Por um momento, me perguntei se aquilo pretendia ser cômico, mas apesar das risadas exuberantes da platéia, logo ficou claro que não havia intenção satírica na atuação. Enquanto eu o observava, alguém me cutucou e disse:

— É isso, Senhor Ryder. É a nossa dança. A Dança dos Carregadores. Já deve ter ouvido falar.

— Sim — disse eu. — Ah, sim. Então esta é a Dança dos Carregadores.

— Exatamente. Mas o senhor ainda não viu nada. — O interlocutor sorriu com os dentes arreganhados e me cutucou de novo.

Eu me dei conta de que uma grande caixa de papelão marrom estava sendo passada de um carregador para outro. A caixa tinha as dimensões aproximadas de uma valise, se bem que, pela maneira como era lançada de um para o outro, via-se que era leve e estava vazia. A caixa ficou passando em torno da mesa por alguns minutos. A certa altura da dança, foi jogada para o carregador barbado. Dava a impressão de uma apresentação bem ensaiada. No exato momento em que o homem barbado mudou a pose e ergueu os braços novamente, a caixa de papelão atravessou o ar, caindo diretamente em suas mãos.

O homem barbado reagiu como se tivesse pegado uma laje provocando um rosnado de apreensão na platéia — e, por um ou dois segundos, parecia certo que vergaria com o peso. Mas, então, com uma firme determinação, começou a endireitar o corpo, até, finalmente, ficar completamente ereto, com a caixa contra o peito. Quando sua proeza foi saudada com vivas, ele começou a erguê-la lentamente acima de sua cabeça. Por fim, a segurou suspensa no ar, com os braços totalmente esticados. Apesar de na verdade não ter sido uma proeza, havia dignidade e drama na atuação que fizeram com que me unisse ao coro de vivas, exatamente como se ele tivesse realmente levantado um peso enorme. Depois, o carregador barbado prosseguiu criando, com certa habilidade, a ilusão de sua carga estar se tornando cada vez mais leve. Dali a pouco, suspendia a caixa apenas com uma mão, executando algumas piruetas, às vezes lançando-a por cima do ombro e a apanhando nas costas. Quanto mais leve se tornava, mais efusivos se tornavam seus colegas. Então, quando as façanhas do homem barbado se tornaram mais petulantes que nunca, seus colegas começaram a olhar em

volta da mesa, sorrindo, incitando uns aos outros, até que outro, um homenzinho rijo, com um bigode fino, moveu-se para subir na mesa.

A mesa oscilou e pendeu para o lado, mas os outros riram, como se isso fizesse parte do drama, e firmaram-na enquanto o homenzinho subia. O homem barbado não reparou em seu colega imediatamente e continuou a exhibir seu controle sobre a caixa de papelão, enquanto o homenzinho rijo permanecia atrás dele, mal-humorado, como um homem esperando a vez com um parceiro de dança ambicioso. Finalmente, o homem barbado o viu e lançou a caixa para ele. Ao apanhar a caixa, o homenzinho cambaleou para trás, e deu a impressão de que despencaria da mesa. Mas se recompôs a tempo e, com muito esforço, endireitou o corpo, segurando a caixa nas costas. Ao fazer isso, o carregador barbado, agora batendo palmas com os outros e sorrindo satisfeito, desceu da mesa, auxiliado por várias mãos.

O homenzinho procedeu quase da mesma maneira que seu antecessor, se bem que com muito mais movimentos cômicos. Provocou gargalhadas quando fazia caretas engraçadas e executou tropeções no melhor estilo pastelão. Enquanto o observava, as palmas rítmicas, os violinos ciganos, as gargalhadas, os apupos de assombro pareciam não apenas preencher meus ouvidos, mas todos os meus sentidos. Depois, quando um terceiro carregador substituiu o homenzinho, senti o calor humano me absorver. De repente, os sentimentos de Gustav me pareceram profundamente sensatos. Por que realmente me preocupar tanto? Era fundamental, de vez em quando, descontrair e se divertir.

Fechei os olhos e deixei a atmosfera agradável fluir à minha volta, só vagamente consciente de que continuava a aplaudir e meus pés a marcar o compasso batendo no chão. Formou-se em minha mente o quadro de meus pais na carruagem, aproximando-se da clareira do lado de fora da sala de concerto. Podia ver os habitantes locais — os homens de paletós pretos, as mulheres com casacos, xales e jóias — interrompendo sua conversa e se virando na direção do som dos cascos trotando, a respiração se acentuando no ar noturno. Minha mãe e meu pai estariam espreitando pela janela da carruagem, em seus rostos os primeiros sinais da expectativa emocionada, se bem que um tanto controlados e reservados, relutantes em ceder totalmente ao desejo de que a noite seja um triunfo fulgurante.

Então, quando o cocheiro de libré apressar-se para ajudá-los a descer, e se formar uma fila de pessoas eminentes para saudá-los, assumirão o sorriso intencionalmente calmo que adotavam na minha infância, nas raras ocasiões em que convidavam pessoas para almoçar ou jantar em nossa casa.

Abri os olhos e vi que, agora, havia dois carregadores em cima da mesa, executando um número divertido. Qualquer um dos dois que estivesse segurando a caixa vacilaria, ficando a ponto de desabar, ameaçando cair, só para largar a caixa para o outro no último momento. Então, reparei que Boris — que, supostamente, estivera o tempo todo em algum lugar no café — tinha ido direto para a mesa e olhava os dois homens, nitidamente encantado. Pela maneira como batia palmas e ria nos momentos certos, via-se que o menino estava bastante familiarizado com os números. Estava

sentado entre dois carregadores grandes e morenos, muito parecidos, talvez irmãos. Enquanto eu observava, Boris fez um comentário com um deles, e o homem riu e beliscou, de modo brincalhão, a bochecha do menino.

Toda aquela agitação parecia atrair cada vez mais pessoas que estavam na praça e o café foi ficando muito cheio. Também reparei que, embora só houvesse dois músicos ciganos quando cheguei, agora mais três haviam se juntado a eles e a música de suas rabeças chegava de todas as direções, com mais força que nunca. Então, alguém no fundo — tive a impressão de que não era um dos carregadores — gritou: "Gustav!" E imediatamente, o grito foi adotado pela mesa. "Gustav! Gustav!" gritavam os carregadores, transformando o brado em um cântico. Logo, até mesmo o carregador nervoso que falara comigo antes e que, agora, estava sobre a mesa uma atuação vigorosa, se bem que não particularmente habilidosa — se juntou ao coro, de modo que mesmo enquanto manipulava a caixa nas costas e em torno dos quadris, também cantava: "Gustav! Gustav!" Olhei em volta, procurando Gustav — ele não estava mais ao meu lado — e vi que ele tinha ido até Boris e lhe dizia alguma coisa ao ouvido. Um dos irmãos morenos pôs a mão no ombro de Gustav e percebi que implorava para que o velho carregador assumisse sua vez. Gustav sorriu e abanou a cabeça modestamente, o que só serviu para intensificar o canto. Agora virtualmente todas as pessoas na sala cantavam seu nome e até mesmo os que estavam lá fora, na praça, participaram. Finalmente, lançando um sorriso cansado a Boris, levantou-se.

Sendo, por alguns anos, o mais velho dos carregadores, teve mais dificuldades em subir na mesa, mas várias mãos foram estendidas para ajudá-lo. Uma vez em cima, aprumou-se e sorriu para a platéia. O carregador nervoso entregou-lhe a caixa e desceu prontamente.

Desde o começo, o número de Gustav divergiu dos apresentados pelos outros dançarinos. Em vez de simular que a caixa era extremamente pesada, ao recebê-la, lançou-a, sem o menor esforço, para um ombro e fez um movimento de encolhê-los. Isso provocou uma gargalhada geral e ouvi gritarem "O bom velho Gustav!" e "É típico dele!".

E enquanto demonstrava não dar importância à caixa, um garçom irrompeu na frente e jogou na mesa uma mala de verdade. Pela maneira como a lançou e o barulho que provocou, a mala obviamente não estava vazia. Ela caiu perto dos pés de Gustav e um murmúrio circulou pela multidão. O canto voltou a se intensificar, mais rápido que nunca. "Gustav! Gustav! Gustav!" Pude ver que Boris acompanhava atentamente cada movimento de seu avô, com um imenso orgulho estampado na fisionomia, batendo as mãos vigorosamente e participando do canto. Gustav, ao notar Boris, sorriu mais uma vez para ele, abaixou-se e pegou a alça da mala.

Quando Gustav — ainda curvado — colocou a mala no quadril, ficou evidente para mim que não simulava seu peso. Depois, ao estender o corpo, a caixa ainda no ombro, a mala na mão, fechou os olhos e seu rosto pareceu anuviar-se. Mas ninguém deu mostras de notar qualquer coisa inconveniente — provavelmente esse era um maneirismo característico de Gustav, antes de executar uma proeza

— e o canto e as palmas continuaram estrondosamente, acima dos violinos agudos. No momento seguinte, Gustav abriu os olhos e sorriu largamente para todos. Depois, erguendo ainda mais a mala, conseguiu prendê-la sob o braço, e nessa posição — a mala debaixo de um braço, a caixa no ombro do lado oposto —, começou a dançar, fazendo movimentos lentos de arrastar os pés. Deram vivas e aplaudiram e escutei alguém na entrada perguntar: "O que está fazendo agora? Não consigo ver. O que está fazendo?"

Gustav levantou a mala mais alto e continuou a dançar com ela em um ombro e a caixa no outro. O fato de a mala ser muito mais pesada do que a caixa obrigava-o a se inclinar muito mais para um lado. Mas, afora isso, parecia à vontade e seus passos continuaram a demonstrar leveza. Boris, radiante de prazer, gritou para o avô alguma coisa que não entendi, e Gustav respondeu girando a cabeça, com uma careta, provocando mais apupos e risadas.

Enquanto Gustav prosseguia com sua dança, me dei conta de que alguma coisa acontecia atrás de mim. Já há algum tempo alguém batia em minhas costas com o cotovelo, com uma regularidade irritante, mas supus que tivesse a ver simplesmente com a ansiedade das pessoas em conseguir um bom ângulo de visão da atuação. Mas, agora, me virei e descobri que, diretamente atrás de mim, apesar de todos se empurrarem, dois garçons estavam ajoelhados no chão enchendo uma mala. Já estava quase totalmente repleta do que pareciam ser tábuas de bater carne. Um deles arrumava as tábuas de forma compacta, enquanto o outro gesticulava impacientemente para o fundo do café, apontando

irritado para os espaços que faltavam ser preenchidos. Então, vi chegarem mais tábuas, duas ou três de cada vez, passadas de mão em mão através da multidão.

Os garçons trabalhavam rápido, colocando as tábuas dentro da mala, até ela estar cheia a ponto de rebentar. Porém mais tábuas — às vezes, apenas as partes quebradas — continuavam a ser trazidas, e os garçons, com uma engenhosidade exercitada, encontravam meios de comprimi-las na mala. Talvez continuassem encontrando espaço para mais delas, mas as pessoas apertadas umas contra as outras, em torno deles, pareciam, finalmente, perder a paciência. Então, baixaram a tampa, puxaram as correias e, me empurrando ao passarem, suspenderam a mala e a colocaram sobre a mesa.

Boris olhou para ela assustado e depois, inseguro, para o avô. Este exibia um lento arrastar de pés, não muito diferente do movimento de um toureiro. Naquele momento, o esforço exigido para carregar a caixa e a mala sobre os ombros impediu-o de notar o novo desafio colocado à sua frente. Boris observava atentamente o avô, esperando o momento em que ele veria a segunda mala. Era evidente que todo mundo também estava esperando por isso, mas o avô continuava a dançar, fingindo não ter notado nada.

Certamente esse era um truque seu! Era quase certo que provocava a platéia e a qualquer momento, Boris sabia, pegaria a pesada mala, talvez se livrando da caixa vazia. Mas, por algum motivo, Gustav continuou a não vê-la e, agora, as pessoas gritavam e apontavam. Finalmente, Gustav a viu e seu rosto — preso entre a caixa e a mala — revelou uma expressão de desânimo. Ao redor de

Boris, todos riam e batiam palmas com mais força ainda. Gustav continuou a girar lentamente, mas com os olhos fixos na outra mala, a expressão perturbada, e, por um instante, Boris chegou a pensar que não se tratava simplesmente de uma simulação de preocupação.

Mas todos em volta riam, gente que já o havia visto executar esse número várias vezes, e, logo em seguida, Boris também ria e incitava Gustav. A voz do menino atraiu sua atenção e avô e neto trocaram sorrisos outra vez.

Gustav tirou a caixa vazia do ombro e, quando ela deslizou por seu braço, lançou-a na multidão com uma insolência quase graciosa. Houve novamente um misto de risadas e vivas, e a caixa, passando pelas cabeças dos espectadores, desapareceu nos fundos da sala. Gustav olhou para a segunda mala e ergueu a primeira ainda mais alto em seu ombro. Demonstrou, mais uma vez, uma séria preocupação — dessa vez, não havia dúvida de que era uma zombaria — e Boris riu junto com todo mundo. Então, Gustav começou a arquear os joelhos. Fez isso bem devagar, se para se firmar ou como parte da atuação, não ficou claro, até estar agachado, conservando a primeira mala no ombro e estendendo o braço livre para pegar a alça da outra a seus pés. Depois, lenta e uniformemente, enquanto as palmas continuavam, tornou a se levantar, trazendo consigo a mala mais pesada.

Gustav agora simulava um enorme esforço — tanto quanto o carregador barbado quando recebeu a caixa de papelão. Boris observava, cheio de orgulho, desviando, ocasionalmente, os olhos de seu avô para as faces admiradas dos espectadores que se comprimiam à sua volta. Até mesmo os músicos ciganos agora procuravam ver melhor, usando o movimento vigoroso de seus cotovelos para empurrar sem serem percebidos. com esse método, um violinista abriu caminho até a frente, de modo que tocava curvado diretamente sobre a mesa, a parte central do corpo comprimida contra a quina.

Gustav, então, recomeçou a arrastar os pés. O peso das duas malas, principalmente a carregada de tábuas de carne, que nem tentou erguer até o ombro — sem dúvida, uma impossibilidade

física —, fazia com que seus passos apenas se movimentassem ligeiramente. Contudo era impressionante e as pessoas ficaram extasiadas. "bom velho Gustav!", os gritos voltaram a se intensificar e Boris, também, embora não costumasse chamar seu avô dessa maneira, gritou a plenos pulmões: "bom velho Gustav! bom velho Gustav!"

O velho carregador escutou a voz de Boris acima do resto e, apesar dessa vez não responder ao menino — simulava estar muito preocupado com as malas para perceber qualquer outra coisa —, seus movimentos tornaram-se mais lépidos. Recomeçou a girar lentamente e suas costas perderam o último resquício de uma postura desengonçada.

Por um momento, pareceu majestoso, assumindo a pose de uma estátua no tampo da mesa, uma mala no ombro, a outra no quadril, girando ao ritmo das palmas e da música. Então, pareceu tropeçar, mas se recompôs quase que imediatamente, e a multidão soltou um "ooh!" e essa pequena variação provocou mais risadas.

Boris, então, percebeu uma certa comoção às suas costas e viu que os dois garçons haviam voltado e mexiam de novo em algo no chão, afastando as pessoas para terem espaço para trabalhar. Os dois estavam ajoelhados e lutavam com o que parecia ser uma grande sacola de golfe. Suas maneiras demonstravam irritação e impaciência — talvez se irritassem com o modo como os joelhos das pessoas em volta se chocavam com eles. Boris tornou a se virar para seu avô e, quando olhou novamente para trás, viu um dos garçons segurando a sacola bem aberta, como se algo grande fosse ser colocado dentro. E, realmente, o outro garçom surgiu, andando de

costas, afastando as pessoas bruscamente, e arrastando um objeto. Apertando-se entre a multidão, Boris viu que o objeto era uma peça de máquina. Estava difícil ver direito — as pernas das pessoas atrapalhavam —, mas parecia ser algum tipo de motor velho, como o de uma motocicleta ou o de uma lancha. Os dois garçons estavam tendo muita dificuldade para colocá-lo dentro da sacola, forçando o material já retesado, puxando com força o fecho e cler. Erguendo os olhos, viu que seu avô continuava controlando as duas malas, não dando sinal de precisar parar. A multidão, em todo caso, não tinha a menor intenção de deixá-lo parar. Então, houve uma agitação à sua volta e os dois garçons colocaram a sacola de golfe sobre a mesa.

Por um instante, o vozerio aumentou, anunciando a chegada da sacola, desde as pessoas mais à frente até as que estavam bem lá atrás. Gustav não notou a sacola imediatamente, pois seus olhos estavam fechados com força, em concentração, mas, instigado pela multidão, logo olhou ao redor. Seu olhar fixou-se na sacola de golfe e, por um segundo, pareceu muito circunspecto. Depois, sorriu e continuou a girar vagarosamente. Então, como antes, se bem que não com a mesma facilidade, deslizou a mala mais leve pelo braço. Gustav, com um supremo esforço, conseguiu erguer o braço, de modo que a mala fosse lançada para a multidão. Sendo muito mais pesada do que a caixa vazia, mal conseguiu descrever um arco e bateu no tampo da mesa antes de cair nos braços dos carregadores logo em frente. A primeira mala, assim como a caixa vazia, desapareceu na multidão, e todos os olhares voltaram a se fixar em Gustav. Recomeçaram a gritar seu nome e o velho encarava atentamente a sacola próxima a seus pés.

O alívio momentâneo de carregar apenas um único objeto — embora fosse a mala abarrotada de tábuas de carne — pareceu renovar sua energia. Fez uma cara de desapontado e abanou a cabeça, em dúvida, na direção da sacola, levando a multidão a instigá-lo ainda mais.

— Vamos, Gustav, mostra para eles! — Boris escutava o carregador ao seu lado gritar.

Gustav começou a erguer a mala pesada, para colocá-la no ombro em que antes apoiara a mais leve. Fez isso com deliberação, os olhos fechados, apoiado em um joelho.

Depois, lentamente, corrigiu a postura. Suas pernas tremeram uma ou duas vezes, e, então, se firmaram, a mala segura em seu ombro, o outro braço estendido na direção da sacola de golfe. Repentinamente, Boris sentiu medo e gritou: "Não!" Mas foi abafado pelos gritos e risadas, pelos "oohs!" e suspiros da multidão ao seu redor.

— Vamos, Gustav! — gritava o carregador ao seu lado. — Mostra a eles o que pode fazer! Mostra a eles!

— Não! Não! Vovô! Vovô!

— bom velho Gustav! — gritavam as vozes. — Vamos, mostra a eles do que é capaz!

— Vovô! Vovô! — Boris estendia os braços para a mesa, procurando atrair a atenção dele, mas a fisionomia de Gustav permanecia inflexível, concentrada, fixada na alça da sacola de

golfe. Então, o velho carregador começou a se abaixar novamente, o corpo todo tremendo sob o peso da mala ao ombro, a mão procurando prematuramente agarrar a alça, ainda a uma certa distância. A tensão se renovou na sala, uma sensação de que talvez Gustav estivesse tentando uma façanha além de sua capacidade.

A atmosfera, apesar disso, prosseguiu festiva, cantando seu nome.

Boris olhou suplicante para os adultos à sua volta, depois, puxou o braço do carregador ao seu lado.

— Não! Não! Chega. Vovô já fez o bastante!

O carregador barbado — pois era ele — olhou surpreso para o menino e disse dando uma risada:

— Não se preocupe, não se preocupe. Seu avô é fantástico. Pode fazer isso e muito mais. Muito mais. Ele é fantástico.

— Não! O vovô já mostrou o bastante!

Mas ninguém, nem mesmo o carregador barbado — que colocara seu braço em torno do ombro de Boris para tranquilizá-lo —, estava escutando. Pois Gustav, agora, estava virtualmente agachado na mesa, a mão a apenas uma ou duas polegadas da alça da sacola. Então, a agarrou e, ainda com o corpo agachado, colocou a alça em torno do ombro livre.

Puxou a correia para mais perto e começou a se levantar. Boris gritou e bateu na mesa até que, finalmente, Gustav o viu. Seu

avô já começara a esticar as pernas, mas parou e, por um segundo, os dois se encararam.

— Não. — Boris balançou a cabeça. — Não. Vovô já fez muito. Talvez Gustav não pudesse escutá-lo com todo aquele barulho, mas pareceu entender os sentimentos de seu neto. Assentiu rapidamente com a cabeça, com um sorriso reconfortante, e tornou a se concentrar, fechando os olhos.

— Não! Não! Vovô! — Boris voltou a puxar o braço do carregador barbado.

— O que há? — perguntou o carregador barbado, com lágrimas nos olhos de tanto rir. Depois, sem esperar uma resposta, sua atenção voltou a se fixar em Gustav, cantando mais alto que nunca com os outros.

Gustav continuou a estender o corpo lentamente. Uma, duas vezes, estremeceu como se fosse vergar. Seu rosto ficou estranhamente corado. O queixo travado com fúria, as faces se contorcendo cada vez mais, os músculos do pescoço à mostra. Mesmo com aquele alarido todo, a respiração do velho dava a impressão de ser audível. Porém ninguém mais a não ser Boris parecia reparar nisso.

— Não se preocupe, seu avô é grandioso! — disse o homem barbado. — Isso não é nada! Ele faz isso toda semana!

Gustav continuou endireitando o corpo, a sacola de golfe pendurada no ombro, a mala suspensa no outro. Por fim, ficou totalmente ereto, a face tremendo, mas triunfante e, pela primeira

vez depois de vários minutos, o bater rítmico de mãos transformou-se em aplausos e vivas efusivos. Os violinos iniciaram uma melodia mais lenta, mais grandiosa, condizente com um finale. Gustav girou lentamente, mal conseguindo abrir os olhos, a face contorcida de dor e dignidade.

— Chega! Vovô! Pare! Pare!

Gustav continuou a girar, decidido a exhibir seu feito a todos na sala. Então, de repente, alguma coisa dentro dele pareceu estalar. Parou abruptamente e, por um segundo, balançou para frente e para trás, como se oscilasse na brisa. Em seguida, se recompôs e continuou com a rotação. Só quando voltou à exata posição em que iniciara o movimento, começou a baixar a mala do ombro. Deixou-a cair na mesa como um estrondo — deve ter achado que era muito pesada para ser jogada ao público, sem correr o risco de machucar alguém — e a empurrou com o pé até que caísse nos braços de seus colegas.

A multidão aplaudia e dava vivas. Uma parte começou a cantar — alguma balada com a letra em húngaro — junto com o que os ciganos tocavam. Cada vez mais gente se pôs a cantá-la e logo toda a sala cantava. Em cima da mesa, Gustav abaixava a sacola de golfe, que caiu sobre a mesa fazendo um ruído metálico. Dessa vez não tentou lançá-la ao público, mas suspendeu os braços por um segundo — até mesmo esse gesto parecia custar-lhe muito —, depois, apressou-se a descer da mesa. Várias mãos o ajudaram, e Boris observou seu avô vir para o chão em segurança.

A sala agora se concentrava na canção. A balada possuía um timbre doce e nostálgico, e enquanto a entoavam começaram a se dar os braços, de modo a se balançarem juntos. Um dos violinistas ciganos subiu na mesa, logo seguido por um outro, e lideraram a sala, movendo o corpo no compasso, sem parar de tocar.

Boris forçou passagem até onde seu avô estava, recuperando o fôlego. De modo curioso, embora Gustav, até há apenas alguns segundos, tivesse sido o foco de atenção da sala inteira, ninguém parecia prestar muita atenção quando avô e neto se abraçaram fortemente, os olhos fechados, sem se preocuparem em ocultar um do outro o imenso alívio que sentiam. Depois do que pareceu bastante tempo, Gustav sorriu para Boris, mas o menino continuou a apertá-lo forte, sem abrir os olhos.

— Boris — disse Gustav. — Boris. Tem de me prometer uma coisa. — O menino não respondeu, apenas continuou abraçado ao avô. — Boris, ouça. Você é um bom menino.

Se alguma coisa me acontecer, terá de me substituir. Entenda, sua mãe e seu pai são boas pessoas, mas, às vezes, é difícil para eles. Não são fortes como você e eu. Por isso se acontecer alguma coisa comigo e eu não estiver mais aqui, você deverá ser o forte. Deverá cuidar de sua mãe e de seu pai, manter a família forte, mantê-la unida. — Gustav soltou Boris e lhe sorriu. — Vai me prometer, não vai, Boris?

Boris pareceu refletir, depois, assentiu, circunspecto, com um movimento da cabeça. Em seguida, foram como que engolfados

pela multidão e deixei de vê-los. Alguém puxava minha manga, insistindo para que eu desse o braço e me juntasse ao canto.

Olhando à minha volta, vi que os outros violinistas haviam se juntado aos dois que estavam sobre a mesa e a sala toda girava em torno deles, cantando. Havia chegado muito mais gente ao café, que agora se tornara virtualmente uma massa compacta de corpos. Vi que as portas continuavam abertas para a praça e que no escuro, lá fora, as pessoas também cantavam e se balançavam. Dei o braço a um homem grande — um carregador, ao que me parecia — e a uma mulher gorda, que supostamente teria vindo da praça, e me vi dando voltas pela sala, com eles, cada um de um lado. Eu não conhecia a canção, mas, então, percebi que a maioria das pessoas presentes também não conhecia a letra, nem estava familiarizada com a língua húngara. Cantava aproximações vagas do que imaginava serem as palavras. O homem e a mulher do meu lado, por exemplo, cantavam coisas completamente diferentes, mas sem nenhum constrangimento ou hesitação. Na verdade, um momento de atenção me revelou que ambos cantavam palavras sem sentido, o que parecia não ter a menor importância, e dali a pouco também me deixei levar pela atmosfera e comecei a cantar, inventando palavras que me soavam como húngaro. Não sei bem por qu? isso funcionava surpreendentemente bem — cada vez saíam mais palavras, com uma facilidade prazerosa —, e logo depois eu cantava com uma grande emoção.

Percebi, talvez uns vinte minutos depois, que, finalmente, a multidão começava a diminuir. Vi também os garçons limpando as mesas e as recolocando nos lugares, dispersas pelo café. Entretanto,

ainda restavam eu e outros, um grupo de bom tamanho, circundando a sala, de braços dados, cantando apaixonadamente. Os ciganos também haviam permanecido em cima da mesa, sem dar mostras de quererem parar de tocar. Enquanto eu girava em torno da sala, conduzido pelos puxões e empurrões de meus companheiros, senti alguém batendo às minhas costas. Ao olhar para trás, deparei com um homem, que supus ser o proprietário, sorrindo para mim. Era um homem magricela e desengonçado, e como eu prosseguia a me balançar com os outros, ele foi obrigado a me acompanhar, assumindo um arrastar de pés, meio agachado, algo remanescente de Groucho Marx.

— Senhor Ryder, o senhor parece muito cansado. — Gritava virtualmente em meu ouvido, mas eu não conseguia escutá-lo muito bem, por causa da música. — E ainda tem uma noite longa e importante pela frente. Por que não descansa um pouco? Temos um quarto confortável no fundo. Minha mulher arrumou o sofá com cobertas e almofadas e está ligando o aquecimento. Achará bem confortável. Pode se enroscar ali e dormir um pouco. É verdade que o cômodo é pequeno, mas fica nos fundos e é silencioso. Cuidaremos para que ninguém entre e o perturbe. Vai achar muito confortável. Sinceramente, acho que deveria aproveitar o pouco tempo que resta antes de a noite realmente começar. Por favor, acompanhe-me. Parece tão cansado. Por mais que estivesse gostando da música e da companhia, me dei conta de que estava realmente muito cansado e que sua sugestão era bastante sensata. De fato, a idéia de um breve repouso cada vez me atraía mais, e enquanto o proprietário arrastava os pés atrás de mim e sorria, comecei a me sentir agradecido não apenas por sua oferta, mas

também por esse café maravilhoso e por sua generosidade em relação aos carregadores — um grupo claramente subestimado pela comunidade. Soltei meus braços, despedindo-me com um sorriso das pessoas do meu lado. O proprietário colocou uma mão em meu ombro e me conduziu a uma porta no fundo do café.

Introduziu-me em uma peça escura — pude distinguir montes de mercadorias empilhadas contra a parede — depois, abriu outra porta, que filtrava uma luz baixa e aconchegante.

— Chegamos — disse o proprietário, me conduzindo. — Relaxe aqui no sofá. Mantenha a porta fechada e, se ficar muito quente, basta girar o botão do aquecimento para o nível mais baixo. Não se preocupe, é totalmente seguro.

O fogo era a única fonte de luz. No fulgor alaranjado, distingi o sofá, que cheirava a mofo, mas não de modo desagradável. Antes de me dar conta, a porta se fechou e fui deixado só. Fui para o sofá, comprido o suficiente para eu deitar contanto que dobrasse os joelhos, e puxei a coberta que a mulher do proprietário deixara para mim.

PARTE IV

28

Despertei meio em pânico, com a sensação de ter dormido demais. De fato, meu primeiro pensamento foi que já seria de manhã e que perdera o evento da noite. Mas, ao me sentar no sofá, vi que, exceto o brilho do aquecimento, tudo em volta continuava escuro.

Fui até a janela e afastei a cortina. Deparei com um pátio estreito ocupado por várias latas de lixo grandes. Um clarão vindo de algum lugar iluminava vagamente o pátio, mas também reparei que o céu não estava mais completamente escuro e, mais uma vez, tive medo que estivesse amanhecendo. Larguei a cortina e me dirigi à saída do quarto, lamentando amargamente ter aceitado a oferta do quarto feita pelo dono do café.

Entrei na pequena peça anexa, onde vira as mercadorias empilhadas contra as paredes. Estava completamente escura e, enquanto buscava, às apalpadelas, a saída, tropecei duas vezes em objetos duros. Finalmente, encontrei-me na parte principal do café, onde há pouco todos dançávamos e cantávamos tão animados. Uma

luz tênue chegava das janelas em frente à praça, e pude distinguir as formas misturadas das cadeiras empilhadas em cima das mesas. Passei por elas e ao alcançar a porta da frente olhei para fora através das paredes envidraçadas.

Lá fora, nada se movia. O poste de luz solitário no centro da praça vazia era o responsável pela sutil iluminação no café, mas reparei mais uma vez em como o céu já apresentava os primeiros sinais da alvorada. Enquanto olhava para a praça, fui ficando cada vez mais com raiva. Eu me dava conta de como havia permitido que várias coisas me desviassem de minhas prioridades centrais — a ponto de ter dormido durante uma boa parte da noite mais decisiva de minha vida. Então, minha raiva misturou-se a um sentimento de desespero e, por algum tempo, estive a ponto de chorar.

Mas depois, enquanto continuava a contemplar o céu noturno, comecei a me perguntar se os sinais do alvorecer não seriam imaginação minha. Realmente, agora que o examinava melhor, vi que o céu continuava muito escuro, e me ocorreu que talvez ainda fosse relativamente cedo e meu pânico desnecessário. Tudo indicava que ainda era possível chegar à sala de concerto a tempo de assistir à parte principal dos eventos, e, certamente, de dar minha contribuição pessoal.

Até aquele momento estivera sacudindo as portas distraidamente. Notei então o sistema de trincos, e destranquei um de cada vez, saindo para a praça.

O ar pareceu maravilhosamente refrescante depois do abafamento do café e, se não tivesse tão pouco tempo, andaria pela

praça por alguns momentos, para clarear as idéias. Mas, como tinha de ser, saí expressamente em busca da sala de concerto.

Durante os minutos seguintes, apressei-me, passando por cafés e lojas fechados, sem avistar o domo sequer uma vez. A cidade velha sob a iluminação dos postes adquiria um encanto diferente, porém quanto mais andava, mais difícil ficava evitar a sensação de pânico. Esperara, o que é compreensível, encontrar alguns táxis circulando pela noite, no mínimo, algumas pessoas, quem sabe saindo de algum estabelecimento noturno, a quem pudesse pedir informações. Mas, exceto alguns gatos extraviados, eu parecia a única coisa acordada por quilômetros.

Atravessei uma linha de ônibus elétrico, e me vi caminhando ao longo da barragem de um canal. Soprava um vento frio e, ainda sem o menor sinal da sala de concerto, não pude evitar pensar que estava completamente perdido. Havia decidido dobrar um pouco adiante uma rua estreita que dava em uma esquina simpática – quando ouvi passos e uma mulher apareceu.

Eu já estava tão convencido de que as ruas estariam completamente vazias que, ao avistá-la, parei com um susto. Minha surpresa também foi provocada pelo fato de ela estar usando um elegante vestido de baile. A mulher, por sua vez, também parou, mas, depois, pareceu me reconhecer e veio na minha direção com um sorriso. Ao ficar sob a luz do poste, vi que devia estar com uns quarenta e tantos, talvez no começo dos cinquenta anos. Era ligeiramente roliça, mas se movia com muita graça.

— Boa noite, senhora — disse eu. — Talvez possa me ajudar. Procuro a sala de concerto. Estou seguindo a direção certa?

A mulher agora estava bem na minha frente. Sorrindo, me disse:

— Não, na verdade é por ali. Acabo de vir de lá. Caminhava para tomar um pouco de ar, mas terei prazer em levá-lo, Senhor Ryder. Se não fizer objeções, é claro.

— Seria um grande prazer, senhora. Mas não quero abreviar seu passeio.

— Não, não. Já estou caminhando há quase uma hora. Está na hora de voltar. Eu devia ter esperado e chegado com os outros convidados. Mas tive a idéia tola de que deveria estar presente durante os preparativos, para o caso de virem a precisar de mim. É claro que não tinha nada para eu fazer. Senhor Ryder, me desculpe, ainda não me apresentei. Sou Christine Hoffman. Meu marido é o gerente de seu hotel.

— É um prazer conhecê-la, Senhora Hoffman. Seu marido falou muito na senhora.

Arrependi-me dessas palavras assim que saíram da minha boca. Relanceei os olhos para a Senhora Hoffman, mas não pude ver claramente seu rosto.

— É por aqui, Senhor Ryder — disse ela. — Não fica longe.

As mangas de seu vestido se enfunaram quando começamos a andar. Tossi e disse:

— Devo entender, pelo que diz, que o evento ainda não teve início? Que os convidados e tudo mais ainda não chegaram?

— Os convidados? Oh, não. Não imagino que chegue ninguém antes de mais uma hora.

— Ah, ótimo.

Prosseguimos ao longo do canal, em uma marcha tranqüila, os dois virando, de vez em quando, para observar o reflexo da luz na água.

— Estava pensando, Senhor Ryder — acabou dizendo —, se meu marido, quando falou de mim, se o deixou com a impressão de que eu era... uma pessoa fria. Estava pensando se ele o teria deixado com esta impressão.

Dei uma curta risada.

— A impressão mais forte que me deixou, Senhora Hoffman, foi a de ser extremamente dedicado à senhora.

Ela continuou a andar em silêncio e fiquei em dúvida se teria escutado minha resposta. Depois de algum tempo, ela disse:

— Quando eu era jovem, Senhor Ryder, ninguém jamais pensaria em me descrever dessa forma. Como uma pessoa fria. Certamente, quando criança, podia ser tudo, menos fria. Mesmo hoje, não consigo pensar em mim dessa maneira.

Murmurei alguma coisa discreta. Quando nos desviamos do canal e entramos em uma estreita rua secundária, finalmente

avistei o domo da sala de concerto iluminado contra o céu escuro.

— Mesmo atualmente — disse a Senhora Hoffman, ao meu lado —, de manhã bem cedo, tenho esses sonhos. Sempre de manhã bem cedo. Os sonhos são sempre sobre... sobre a ternura. Não acontece mais nada, geralmente não passam de fragmentos. Por exemplo, posso ficar observando meu filho, Stephan. Observando-o brincar no jardim. Éramos muito ligados, Senhor Ryder, quando ele era pequeno. Às vezes, o sonho pode ser com meu marido. Outra manhã sonhei que eu e meu marido desfazíamos uma mala juntos.

Estávamos em algum quarto e a desfazíamos em cima da cama. Talvez estivéssemos em um quarto de hotel no exterior, ou quem sabe em casa mesmo. Seja como for, desfazíamos a mala juntos e havia... um sentimento agradável entre nós. Lá estávamos nós, fazendo aquilo juntos. Ele tirava uma coisa, depois eu tirava outra. Conversávamos o tempo todo, sobre nada em especial, apenas papeando enquanto esvaziávamos a mala. Sonhei isso na manhã de ontem. Despertei e fiquei ali, contemplando o amanhecer através das cortinas, sentindo-me muito feliz. Disse a mim mesma que isso poderia acontecer realmente assim. Mais tarde, naquele mesmo dia, poderíamos ter um momento como esse. É claro que não teríamos de necessariamente desfazer uma mala. Mas alguma coisa, faríamos alguma coisa mais tarde, haveria uma chance. Tornei a adormecer, repetindo isso e me sentindo muito feliz. Então, chegou a manhã. É estranho, Senhor Ryder, acontece sempre assim. Logo que o dia começa, essa coisa, essa força, vem e domina. E independente do que eu fizer, tudo acontece ao contrário do que eu

queria. Luto contra isso, Senhor Ryder, mas vou perdendo terreno com o passar do tempo.

É algo que... que me acontece. Meu marido tenta de tudo, tenta me ajudar, mas não adianta. Quando desço para tomar café, tudo que senti no sonho já desapareceu há muito tempo.

Carros estacionados na calçada nos obrigaram a andar em fila indiana e a Senhora Hoffman deu alguns passos à minha frente. Quando tornei a me emparelhar com ela, perguntei:

— O que acha que é isso? Essa força de que falou? Ela riu subitamente.

— Não tive intenção de fazer parecer tão sobrenatural, Senhor Ryder. Evidentemente, a resposta óbvia seria que tudo tem a ver com o Senhor Christoff. Foi o que acreditei por algum tempo. E, certamente, sei que meu marido acredita que seja assim. Como muitas pessoas desta cidade, achei que se tratava simplesmente de substituir o Senhor Christoff em nossas afeições por alguém mais substancial. Mas recentemente comecei a não ter tanta certeza disso. Comecei a acreditar que tinha mais a ver comigo. com algum tipo de doença. Talvez faça parte do processo de envelhecimento. Afinal, ficamos mais velhos e partes nossas começam a morrer. Talvez comecemos a morrer também emocionalmente. Acha que isso é possível, Senhor Ryder? Tenho medo realmente, temo que isso seja verdade. Que o afastamento do Senhor Christoff só sirva para descobrirmos, pelo menos no meu caso, que nada mudou.

Dobramos outra esquina. A calçada era muito estreita e caminhamos no meio da rua. Tive a impressão de que esperava

minha resposta e acabei dizendo:

— Senhora Hoffman, na minha opinião, independente do aspecto do envelhecimento, é essencial que não se deixe desanimar. Não ceder a essa... ao que quer que seja.

A Senhora Hoffman olhou para o céu e caminhou por algum tempo sem responder. Depois, disse:

— Esses sonhos adoráveis pela manhã. Quando o dia tem início e nada daquilo acontece, geralmente me culpo muito. Mas garanto que ainda não desisti, Senhor Ryder. Se desistir, restará muito pouco em minha vida. Recuso-me a deixar que meus sonhos morram. Ainda quero, um dia, ter uma família unida e afetuosa. Mas não é só isso, Senhor Ryder. Talvez eu seja uma tola acreditando nisso, talvez o senhor possa dizer se sou ou não. Mas um dia, sabe, espero capturar isso, seja o que for. Espero capturá-lo, depois, não me importarei mais. Durante todos estes anos trabalhou incessantemente em mim, e tudo será apagado. Tenho a sensação de que tudo não levará mais que um momento, um momento mínimo, contanto que seja o correto. Como se o cordão de uma pesada cortina se rompesse repentinamente e a fizesse cair no chão, revelando todo um mundo novo, um mundo repleto de sol e calor. Senhor Ryder, parece totalmente incrédulo. Estou completamente louca por acreditar nisso? Que, apesar de todos estes anos, apenas um único momento, o momento certo, mudará tudo?

O que ela entendera por incredulidade estava longe de ser algo parecido. Em vez disso, enquanto falava, eu me lembrava do

recital de Stephan em breve e, sem dúvida, minha excitação se tornara óbvia. Disse, talvez um pouco ansiosamente:

— Senhora Hoffman, não quero lhe criar falsas esperanças. Mas é possível, apenas possível, que em breve, muito em breve, experimente uma coisa que pode vir a ser esse momento, exatamente o instante a que se referiu. É bem possível que depare com esse momento em um futuro bem próximo. Algo que a surpreenderá, a obrigará a reavaliar e a ver tudo sob um ângulo novo e melhor. Algo que realmente afastará todos esses anos ruins. Não quero alimentar falsas esperanças, só estou dizendo que é possível. Tal momento pode até mesmo ocorrer hoje à noite, por isso é fundamental que se mantenha animada.

Calei-me com o pensamento de que estava instigando o destino. Afinal, apesar de ter ficado impressionado com o pouquinho que escutara Stephan tocar, pelo que sabia, o rapaz era perfeitamente capaz de se desmoronar sob pressão. De fato, quanto mais pensava nisso, mais me arrependia de ter insinuado tanta coisa. No entanto, quando olhei para a Senhora Hoffman, percebi que minhas palavras não a haviam nem surpreendido, nem excitado. Depois de alguns instantes, ela disse:

— Ainda agora, quando me encontrou vagando pela rua, Senhor Ryder, eu não estava apenas tomando ar fresco, como disse. Tentava me preparar. Pois a possibilidade que mencionou também me ocorreu. Uma noite como a de hoje. Sim, muitas coisas são possíveis. Por isso me preparava. E não me importo de confessar que estou um tanto amedrontada. Porque, ocasionalmente, no passado, tais momentos vieram e não fui forte o bastante para

apreendê-los. Quem pode saber quantas chances mais terei? Por isso, Senhor Ryder, tentava me preparar da melhor forma possível. Ah, chegamos. Este é o fundo do prédio. Esta entrada o levará às cozinhas. Indicarei a entrada dos artistas. Não entrarei ainda. Acho que preciso tomar um pouco mais de ar fresco.

— Foi um prazer conhecê-la, Senhora Hoffman. Foi muito gentil em trazer-me, em um momento tão delicado para a senhora. Realmente desejo que tudo corra bem para a senhora nesta noite.

— Obrigada, Senhor Ryder. Para o senhor também. Estou certa de que tem muito em que pensar. Foi encantador conhecê-lo.

29

Quando a senhora Hoffmann desapareceu na noite, apressei-me na direção que ela indicara. Dizia a mim mesmo que devia ficar muito atento à lição do alarme falso que acabara de experimentar; que era imperativo não deixar que nada mais me desviasse das tarefas cruciais que tinha pela frente.

De fato, nesse momento, prestes a finalmente entrar no edifício da sala de concerto, tudo me pareceu repentinamente muito simples. A verdade é que, enfim, depois de todos esses anos, estava para tocar mais uma vez diante de meus pais. A prioridade acima de qualquer outra era garantir que meu recital fosse o mais rico, o mais surpreendente de que eu fosse capaz. Em comparação a isso, até

mesmo a sessão pergunta-resposta era secundária. Todos os obstáculos, o caos dos dias anteriores, se revelariam sem conseqüência, contanto que agora, nessa noite, eu realizasse meu objetivo central.

A ampla porta branca estava fracamente iluminada por uma única lâmpada. Tive de empurrá-la com o corpo para conseguir abri-la e penetrei no prédio com um ligeiro tropeção.

Embora a Senhora Hoffman tivesse garantido que essa era a porta de entrada dos artistas, minha primeira impressão foi que entrara pela cozinha. Encontrei-me em um largo corredor, desguarnecido, bastante iluminado por lâmpadas fluorescentes. Por todo lado chegava o som de vozes gritando, chamando umas às outras, o tinido de pesados objetos metálicos, a sibilância da água e do vapor. Diretamente em frente, havia um carrinho para a comida e a bebida, do lado do qual dois homens uniformizados discutiam furiosamente. Um segurava um pedaço grande de papel que se desenrolara até quase seus pés e o apontava com o dedo insistentemente. Pensei em interrompê-los para perguntar onde poderia encontrar Hoffman — minha principal preocupação no momento era fazer a inspeção do auditório e do piano, antes que o público começasse a chegar —, mas eles pareciam totalmente absortos na discussão e continuei andando.

O corredor fazia, gradativamente, uma curva. Cruzei com muita gente, mas todos pareciam muito ocupados e de certa forma carregados. A maioria, de uniforme branco, andava apressada, com a expressão distraída, carregando sacos pesados ou empurrando carrinhos. Não me senti inclinado a parar nenhum deles e continuei

a avançar no corredor, supondo que acabaria alcançando alguma outra seção do prédio, onde encontraria os camarins — e, tomara, Hoffman ou alguém mais que me mostrasse o lugar.

Então, percebi que, atrás de mim, alguém me chamava e, ao me virar, vi um homem correndo na minha direção. Ele me pareceu familiar e, logo, reconheci o carregador barbado que abrira a dança no café.

— Senhor Ryder — disse ofegante —, graças a Deus, finalmente consegui encontrá-lo. Esta foi a terceira vez que rondei o prédio. Ele está resistindo bem, mas todos estamos aflitos, queremos levá-lo ao hospital e ele insiste em não sair do lugar até ter falado com o senhor. Por favor, siga-me. Ele está resistindo bem, Deus o abençoe.

— Quem está resistindo? O que aconteceu?

— Por aqui, senhor. É melhor andarmos rápido, se não se incomoda. Desculpe, Senhor Ryder, não expliquei nada. É Gustav, está doente. Eu não estava aqui quando aconteceu, mas alguns dos rapazes, Wilhelm e Hubert, estavam trabalhando com ele, ajudando-o com os preparativos, e nos avisaram. É claro que, assim que soube, corri para cá, e os outros rapazes fizeram o mesmo. Aparentemente, Gustav estava bem, mas foi ao banheiro e começou a demorar demais para voltar. Como isso não era comum, Wilhelm foi dar uma olhada. Parece que, ao entrar, Gustav estava sobre uma pia, a cabeça caída. Nessa fase, ainda não estava tão mal, disse a Wilhelm que se sentia um pouco tonto, só isso, que não havia motivo para estardalhaço. Sendo como é, Wilhelm não sabia o que

fazer, principalmente com Gustav dizendo para não fazer estardalhaço, e procurou Hubert. Assim que o viu, Hubert decidiu que ele devia se deitar em algum lugar. Então, cada um o apoiou de um lado e foi quando perceberam que ele havia desmaiado, de pé, segurando a pia. Segurava a beira da pia, na verdade, se agarrava a ela, e Wilhelm disse que tiveram de fazer força para soltar cada dedo, abrindo um por um. Gustav pareceu voltar um pouco a si e cada um pegou em um braço dele e o levaram para lá. Gustav insistia que não queria estardalhaço, que estava bem e podia continuar a trabalhar. Mas Hubert não lhe deu ouvidos e o colocaram em um dos camarins, um dos que estavam vazios.

Ele guiava o caminho corredor abaixo em um passo apressado, falando o tempo todo por sobre seu ombro. Interrompeu-se quando nos esquivamos de um carrinho.

— Isso tudo é muito inquietante — disse eu. — Quando exatamente aconteceu?

— Acho que há umas duas horas. No começo, não parecia tão mal e insisti que só precisava de alguns minutos para recuperar o fôlego, mas Hubert ficou preocupado e mandou nos avisar. Viemos imediatamente, todos nós. Encontramos um colchão e uma manta, mas ele pareceu piorar e decidimos que precisava de atendimento médico. Mas Gustav não quis saber disso. Subitamente, mostrou-se muito determinado e disse que tinha de falar com o senhor. Insisti muito, disse que iria para o hospital, se era isso que havíamos decidido, mas só depois de ter falado com o senhor. E ali estava ele, ficando cada vez pior diante de nossos olhos. Mas ninguém

conseguia convencê-lo, por isso saímos à sua procura. Graças a Deus o encontrei. É aquele ali, aquele no final.

Imaginei que o corredor fosse um circuito contínuo, mas então vi que tinha um fim, que terminava em uma parede cor creme, à nossa frente. A última porta antes da parede estava entreaberta e, detendo-se na soleira, o carregador barbado perscrutou cautelosamente. Depois, me fez um sinal e o segui para dentro.

Havia mais ou menos uma dezena de pessoas dentro do camarim. Todas se viraram para nós e deram passagem imediatamente. Acho que eram os outros carregadores, mas não me detive para observá-los com mais atenção, olhando diretamente para a figura de Gustav no outro lado do pequeno cômodo.

Estava deitado em um colchão colocado sobre o piso de cerâmica, coberto por uma manta. Um dos carregadores estava agachado ao seu lado, dizendo algo baixinho. Porém ao me ver, se levantou. Em um minuto, o quarto se esvaziou, a porta foi fechada e fiquei sozinho com Gustav.

O pequeno camarim não continha mobília alguma, nem mesmo uma cadeira. Não tinha janelas e, embora a grade de ventilação no teto emitisse um zunido discreto, o ar exalava mofo. O piso era frio e duro, e a luz no teto ou tinha se apagado ou queimado, deixando as lâmpadas em volta do espelho de maquiagem como nossa única fonte de luz. Entretanto, pude ver nitidamente como a tez de Gustav tornara-se de um cinza estranho. Estava deitado de costas, completamente imóvel, exceto quando,

volta e meia, uma onda passava sobre ele fazendo com que pressionasse a parte de trás da cabeça bem fundo no colchão. Quando entrei, sorriu para mim, mas não disse nada, sem dúvida se poupando para quando estivéssemos a sós. Então disse, com a voz fraca, mas surpreendentemente serena:

— Lamento tê-lo arrastado para cá dessa maneira. É uma decepção ter acontecido logo hoje. Logo quando está para nos fazer um favor tão grande.

— Sim, sim — respondi rapidamente —, mas como está se sentindo? — Agachei-me ao seu lado.

— Acho que não estou tão bem e que devo ir logo para o hospital, checar algumas coisinhas.

Fez uma pausa quando outra onda passou impetuosamente por cima dele, e, por alguns segundos, uma luta silenciosa foi travada ali no colchão, durante a qual o velho porteiro ficou com os olhos fechados. Depois, tornou a abri-los e disse:

— Precisava falar com o senhor. Há uma coisa que tenho de lhe falar.

— Por favor, deixe-me assegurá-lo desde já — disse eu —, que continuo tão comprometido quanto antes com a sua causa. De fato, estou ansioso para demonstrar a todos a injustiça do tratamento que o senhor e seus colegas foram obrigados a suportar ao longo dos anos. Pretendo enfatizar os vários mal-entendidos...

Parei ao me dar conta de que ele fazia um enorme esforço para chamar minha atenção.

— Não duvidei nem por um segundo — disse ele, depois de uma pausa — que cumpriria sua palavra. Estou muito agradecido por nos defender assim. Mas queria falar sobre outra coisa. — Fez mais uma pausa e outra luta silenciosa teve início sob a coberta.

— Francamente — eu disse —, não sei se seria mais sensato levá-lo logo para o hospital...

— Não, não. Por favor. Quando eu for para o hospital, será tarde demais. Entenda, agora é a hora para que eu fale com ela. Isto é, com Sophie. Devo realmente falar com ela. Sei que está muito ocupado esta noite, mas é que ninguém mais sabe. Sobre a situação entre mim e Sophie, sobre nosso acordo. Sei que é pedir muito, mas pensei que talvez o senhor pudesse procurá-la e lhe explicar o que está acontecendo. Ninguém mais poderia fazer isso.

— Desculpe — disse eu, genuinamente intrigado —, explicar o que exatamente?

— Explicar por que nosso acordo... por que tem de terminar agora. Não será fácil persuadi-la, depois de tantos anos. Mas se pudesse tentar e fazê-la ver por que devemos terminá-lo agora. Sei que estou pedindo muito, mas ainda falta um tempinho até que tenha de subir ao palco. E, como eu disse, o senhor é o único que sabe...

Ele se interrompeu quando uma nova onda de dor o dominou. Pude sentir todos os seus músculos se retesando sob a

coberta. Mas dessa vez continuou me encarando, mantendo os olhos abertos mesmo quando seu corpo estremeceu. Quando tornou a se acalmar, eu disse:

— É verdade, ainda tenho um tempo até ter de me apresentar. Muito bem, vou ver o que consigo fazer. Tentarei fazê-la entender. Em todo caso, a trarei o mais rápido possível. Mas esperemos que se recupere logo e veremos que a situação de agora não foi tão crucial quanto o senhor temia...

— Por favor, ficarei muito grato se a trouxer o mais rápido possível. Nesse ínterim, obviamente, farei tudo para resistir...

— Sim, sim, irei imediatamente. Por favor, seja paciente, voltarei o mais rápido que puder.

Levantei-me e me dirigi à porta. Já estava quase lá quando me ocorreu um pensamento e voltei para perto da figura no chão.

— Boris — disse eu, me agachando de novo. — E Boris? Devo trazê-lo também?

Gustav olhou para mim, respirou fundo e fechou os olhos. Como ficou sem falar por alguns instantes, eu disse:

— Talvez seja melhor que ele não o veja neste... no estado de agora.

Achei ter visto um vago assentimento com a cabeça, mas Gustav permaneceu calado, os olhos fechados.

— Afinal — prossegui —, ele faz uma imagem sua. Talvez prefira que ele o lembre dessa maneira.

Dessa vez, Gustav anuiu mais claramente.

— Achei que devia lhe perguntar — eu disse, levantando-me.

— Muito bem. Só trarei Sophie. Não me demoro.

Eu tinha alcançado a porta — girava a maçaneta — quando ele gritou de repente:

— Senhor Ryder!

Não só chamou surpreendentemente alto, como sua voz apresentou uma intensidade tão peculiar que mal acreditei que tivesse sido emitida por Gustav. No entanto, ao me virar para ele, seus olhos estavam fechados e ele, completamente imóvel. Aproximei-me rápido, de novo apreensivo. Gustav abriu os olhos e fixou-os em mim.

— Deve trazer Boris também — disse calmamente. — Já não é tão pequeno. Deixe-o me ver assim. Tem de aprender a vida. Encará-la.

Os olhos tornaram a se fechar e, como sua fisionomia se contraiu, achei que estava sofrendo outro acesso de dor. Porém, dessa vez, havia algo diferente, e quando olhei para baixo, preocupado, percebi que o velho homem chorava. Continuei observando por algum tempo, sem saber o que fazer. Finalmente, toquei levemente em seu ombro.

— Voltarei o mais rápido que puder — sussurrei.

Quando saí do camarim, os outros carregadores, amontoados na porta, viraram-se para mim, aflitos. Forcei passagem, dizendo com firmeza:

— Por favor, fiquem com ele, senhores. Tenho de realizar uma solicitação urgente, por isso, com licença.

Alguém começou a fazer uma pergunta, mas eu não me detive.

Planejava encontrar Hoffman e insistir para ser conduzido imediatamente ao apartamento de Sophie. Mas, enquanto avançava com pressa pelo corredor, me dei conta de que não tinha idéia de onde procurá-lo. Além do mais, o próprio corredor assumira um aspecto muito diferente de quando o atravessara com o carregador barbado.

Ainda havia alguns carrinhos com comida e bebidas sendo empurrados, mas, agora, tornara-se esmagadoramente dominado por pessoas que supus serem membros da orquestra convidada. Surgiu uma fila de camarins de cada lado, muitos com a porta aberta, e os músicos em grupos de dois ou três, conversando e rindo, às vezes um chamando o outro no outro lado do corredor. Ocasionalmente, passava por uma porta fechada, através da qual se ouvia o som de um instrumento, mas, no geral, tive a impressão de um estado de espírito surpreendentemente frívolo. Ia parar e perguntar a um deles onde podia encontrar Hoffman, quando, de repente, avistei o gerente em pessoa por uma porta de camarim entreaberta. Fui até lá e a abri mais um pouquinho.

Hoffman estava diante de um espelho de corpo inteiro, se examinando cuidadosamente. Estava vestido a rigor e notei que seu rosto havia sido excessivamente maquiado, de modo que caíra um pouco de pó-de-arroz nos ombros e na lapela. Murmurava alguma coisa a meia voz, sem desviar o olhar de seu reflexo. Então, enquanto eu continuava a observá-lo da porta, executou algo curioso. Repentinamente, dobrou o corpo à frente, posicionou os braços rigidamente, de modo que o cotovelo projetava-se para fora, e bateu na testa com o punho — uma, duas, três vezes. Tudo isso sem tirar os olhos do espelho, nem parar de sussurrar. Então, endireitou o corpo e se olhou em silêncio. Achei que repetiria tudo outra vez, portanto, pigarreei imediatamente e disse:

— Senhor Hoffman.

Levou um susto e me olhou.

— Eu o estou incomodando — disse eu. — Desculpe. Hoffman olhou em volta de uma maneira confusa, depois, se recompôs.

— Senhor Ryder — disse com um sorriso. — Como está se sentindo? Espero que tenha encontrado tudo conforme seu desejo.

— Senhor Hoffman, aconteceu uma emergência muito grave. Preciso imediatamente de um carro que me leve a um certo lugar o mais rápido possível. Gostaria que fosse providenciado sem demora.

— Um carro, Senhor Ryder? Agora?

— É um caso urgente. É claro que retornarei logo, a tempo de realizar meus vários compromissos.

— Sim, sim, claro. — Hoffman parecia vagamente perturbado.

— Não será um problema conseguir um carro. Evidentemente, Senhor Ryder, em circunstâncias normais, poderia oferecer também um motorista, ou eu mesmo dirigiria com prazer. Infelizmente, neste exato momento, meu pessoal está atarefadíssimo. Quanto a mim, tenho ainda de providenciar muitas coisas, além de ensaiar algumas modestas frases. Ha, ha! Como sabe, farei um pequeno discurso hoje à noite. E por mais trivial que, sem dúvida, parecerá em comparação à sua contribuição e à do Senhor Brodsky, que por sinal está um pouco atrasado, sinto que devo me preparar da melhor forma possível. Sim, sim, o Senhor Brodsky está um pouco atrasado, é verdade, mas não há com que se preocupar. De fato, este é seu camarim, eu o estava checando. Um camarim muito bom. Tenho certeza de que ele chegará a qualquer momento. Como sabe, Senhor Ryder, tenho supervisionado pessoalmente, bem, a recuperação do Senhor Brodsky, e como tem sido gratificante. Que motivação, que dignidade! Tanto que hoje, nesta noite, nesta noite crucial, estou totalmente confiante. Oh, sim. Confiança incondicional! Na verdade, uma recaída neste estágio é inconcebível. Um desastre para a cidade toda! E, naturalmente, um desastre pessoal, só meu. E claro que é uma preocupação insignificante, ainda assim, perdoe-me, mas devo dizer que, quanto a mim, uma recaída logo na noite de hoje, neste ponto, ah, sim, para mim, seria o fim. À beira do triunfo, seria meu fim. Um fim

humilhante! Não poderia mais encarar ninguém nesta cidade. Teria de me esconder. Ah! Mas o que estou fazendo, falando de coisas tão improváveis? Tenho total confiança no Senhor Brodsky. Ele chegará.

— Sim, tenho certeza de que sim, Senhor Hoffman — eu disse. — De fato, estou certo de que esta noite será um grande sucesso...

— Sim, sim, eu sei! — gritou impacientemente. -Não preciso ser tranqüilizado a esta altura dos acontecimentos! Eu nem teria falado nisso, afinal ainda falta muito tempo para o evento começar, não teria falado nisso se não fosse... pelos acontecimentos de mais cedo.

— Acontecimentos?

— Sim, sim. Ah, o senhor não sabe. Como poderia saber? Não foi nada tão importante. Uma certa seqüência de eventos mais cedo resultam em que, quando deixei o Senhor Brodsky há algumas horas, ele estivesse tomando uma pequena dose de uísque. Não, não! Posso ver o que está pensando. Não, não! Ele me consultou. E, depois de refletir um pouco, cedi, já que, dadas as circunstâncias especiais, um copinho não faria mal. Achei que seria melhor. Talvez tenha me enganado, veremos. Pessoalmente, acho que não. É claro que, se tomei a decisão errada, então, a noite — puff! — uma catástrofe do início ao fim! Serei obrigado a me esconder para o resto da minha vida. Mas o fato é que as coisas se complicaram e fui obrigado a tomar uma decisão. Seja como for, o desfecho de tudo é que deixei o Senhor Brodsky em casa, com sua pequena dose de uísque. Estou confiante de que parará por aí. A única coisa que me

ocorre é que eu deveria ter feito alguma coisa em relação ao armário. Mas insisto, tenho certeza de que fui extremamente precavido. Afinal, o Senhor Brodsky progrediu tanto que merece total confiança, total. — Ele ficara mexendo em sua gravata-borboleta e agora a ajeitava, olhando-se no espelho.

— Senhor Hoffman — disse eu —, o que aconteceu exatamente? Se algo aconteceu ao Senhor Brodsky, algo que tenha alterado de alguma forma esse quadro geral, preciso ser informado imediatamente. Estou certo de que concorda comigo.

O gerente deu uma risada.

— Senhor Ryder, está completamente enganado. Não há a menor razão para se preocupar. Veja bem, estou preocupado? Não. Toda minha reputação depende desta noite e não continuo calmo e confiante? Garanto que não há nada, mas nada mesmo com que se preocupar.

— Senhor Hoffman, o que quis dizer há pouco ao mencionar o armário?

— Armário? Oh, foi apenas o armário que descobri hoje, na casa do Senhor Brodsky. Talvez saiba que ele viveu anos em uma velha fazenda um pouco além da rodovia norte. Evidentemente, estive lá várias vezes, mas como as coisas eram um pouco desordenadas — é claro que o Senhor Brodsky tinha sua própria maneira de organizá-las —, nunca olhei muito atentamente sua casa. Isto é, só hoje descobri que tem um bom suprimento de bebida. Ele me jurou que se esquecera dele. Só hoje quando aconteceu, quando eu disse, bem, nas circunstâncias, nessas circunstâncias especiais,

em razão do desfecho perturbador do encontro com a Senhorita Collins e coisas assim, somente nessas circunstâncias, entende?, concordei com ele que, pesando tudo, apesar do pequeno risco, sim, seria melhor tomar uma pequena dose de uísque, só para se controlar. Afinal, estava muito aflito, por causa de seu caso com a Senhorita Collins.

Só quando me ofereci para buscar uma garrafa em meu carro, ele se lembrou de que ainda havia uma no armário que ele não jogara fora. Então, fomos à sua, bem, cozinha, acho que podemos chamar assim. O Senhor Brodsky, nestes últimos meses, esteve empenhado no conserto da casa. Fez um bom progresso, e agora as forças da natureza não penetram na casa, se bem que, evidentemente, ainda não haja janelas propriamente ditas. Em todo caso, ele abriu o armário, que na verdade estava virado de lado e, dentro, bem, havia mais ou menos uma dúzia de garrafas de bebidas alcoólicas. A maior parte, uísque. O Senhor Brodsky ficou tão surpreso quanto eu. Realmente me ocorreu, tenho de admitir, que deveria fazer algo a respeito. Que deveria levar as garrafas comigo, ou, quem sabe, despejá-las no chão. Mas, como pode imaginar, seria um insulto. Uma grande afronta à coragem e determinação que o Senhor Brodsky tem demonstrado. E seu ego já tendo sofrido um sério golpe nesta tarde, por causa da Senhorita Collins...

— Perdoe-me, Senhor Hoffman, mas por que insiste em mencionar o nome da Senhorita Collins?

— Ah, a Senhorita Collins. Sim, bem, é uma outra história. Por isso eu estava lá, na casa de fazenda do Senhor Brodsky. Sabe,

Senhor Ryder, hoje à tarde fui, casualmente, portador de uma mensagem muito triste. Ninguém invejaria essa minha incumbência. O fato é que já há algum tempo me sentia cada vez mais inquieto, mesmo antes de se encontrarem ontem, no zôo. O que quero dizer é que me preocupava com a Senhorita Collins. Quem imaginaria que as coisas andariam tão rápido entre eles depois de todos estes anos? Sim, sim, eu estava preocupado. A Senhorita Collins é uma pessoa muito querida, por quem tenho o maior respeito. Eu não suportaria ver sua vida ser destroçada novamente, a esta altura. Sabe, a Senhorita Collins é uma mulher muito sábia, a cidade toda pode atestar o que digo, mas, com tudo isso — e se o senhor morasse aqui, com certeza concordaria comigo —, sempre houve algo vulnerável em sua pessoa. Todos acabamos por respeitá-la imensamente, e muitos consideram seu aconselhamento inestimável, porém, ao mesmo tempo — como posso explicar? —, sempre nos sentimos protetores em relação a ela. À medida que o Senhor Brodsky se tornava... mais ele mesmo, várias questões se apresentaram, questões que eu nunca considerara antes e, bem... como disse, fiquei preocupado. Por isso pode fazer idéia de como me senti quando o trazia de volta de seu ensaio, esta tarde, e o senhor mencionou casualmente, e tão inocentemente, que a Senhorita Collins havia concordado em encontrar o Senhor Brodsky, quando deixou claro que ele estava, naquele momento mesmo, esperando por ela no Cemitério Saint Peter... Meu Deus, atitudes tão rápidas! Nosso Brodsky com certeza já foi um verdadeiro Valentino! Senhor Ryder, percebi que tinha de fazer alguma coisa. Não podia permitir que a vida da Senhorita Collins voltasse a ser um tormento, principalmente como resultado de algo que eu tinha feito, por mais

indiretamente que fosse. Por isso, nesta tarde, quando gentilmente concordou em seguir a pé, aproveitei a oportunidade para visitar a Senhorita Collins em seu apartamento. É claro que ficou surpresa ao me ver. Surpresa que eu tivesse ido pessoalmente à sua casa justamente nesta tarde. Em outras palavras, minha presença falava por si mesma. Convidou-me a entrar imediatamente e lhe pedi desculpas pelo inesperado de minha visita e pelo fato de não poder abordar o assunto delicado com a atenção e o tato que normalmente mereceria. Naturalmente, ela entendeu perfeitamente. "Compreendo, Senhor Hoffman", ela disse, "que esteja sendo muito pressionado hoje." Sentamo-nos na saleta da frente e fui direto ao assunto. Disse-lhe que soubera do encontro marcado. A Senhorita Collins baixou os olhos assim, exatamente como uma colegial. Depois, disse timidamente: "Sim, Senhor Hoffman. Eu estava até mesmo me arrumando. Faz mais de uma hora que experimento roupas diferentes, maneiras diferentes de prender o cabelo. Na minha idade, não é engraçado? Sim, Senhor Hoffman, é verdade. Ele passou por aqui hoje de manhã e me convenceu. Concordei em me encontrar com ele." Disse algo assim, foi murmurado, de jeito algum da maneira como essa senhora elegante costuma falar. Então, eu agi. É claro que fiz isso com muita delicadeza.

Apontei com muito tato as possíveis ciladas. "Está tudo muito bem, Senhorita Collins." Usei estas palavras. Fui o mais prudente que pude, dada a limitação de meu tempo.

Naturalmente, se fosse em outro dia, se tivéssemos tempo de conversar um pouco, fazemos graça, atrevo-me a dizer que teria me saído melhor. Ou talvez não fizesse muita diferença. De

qualquer jeito, a verdade teria sido difícil para ela. Seja como for, com todo meu tato ao abordar o assunto, quando a confrontei com a verdade, quando lhe disse: "Senhorita Collins, todas as velhas feridas podem ser reabertas. Doerão, lhe causarão aflição. E isso a derrubará, Senhorita Collins. Daqui a semanas, talvez dias. Como pôde esquecer? Como pode se expor a tudo de novo? Tudo que passou antes, a humilhação, a grande mágoa, tudo retornará e de modo mais agudo que nunca. E depois de tudo que fez, durante todos estes anos, para construir uma nova vida!" Quando coloquei a questão nesses termos — oh, confesso que não foi nada fácil —, pude sentir que desmoronava por dentro, mesmo procurando manter a aparência calma. Pude sentir tudo isso lhe voltando à memória, as velhas dores recomeçando. Não foi fácil, posso lhe garantir, mas achei que era minha obrigação. Finalmente, ela disse com calma: "Mas, Senhor Hoffman, eu lhe prometi. Prometi que o encontraria hoje à tarde. Ele estará contando comigo. Sempre precisa de mim antes de uma grande noite como a de hoje." Eu respondi: "Senhorita Collins, é claro que ele ficará desapontado, mas farei pessoalmente tudo que puder para explicar-lhe a situação. Em todo caso, ele sabe, lá no fundo do coração, assim como a senhora, que esse encontro é imprudente.

Que é melhor deixar o passado em paz." Ela olhou pela janela, como em sonhos, e disse: "Mas ele já deve estar lá. Está lá, esperando." E eu respondi: "Irei até lá, Senhorita Collins. Sim, estou muito ocupado, mas considero essa missão tão importante que só eu mesmo poderei cumpri-la. De fato, irei agora imediatamente ao cemitério e lhe comunicarei a situação. Pode ficar certa de que farei tudo que puder para confortá-lo. Eu o encorajarei a pensar no

futuro, no desafio extremamente importante que enfrentará esta noite." Falei esse tipo de coisa, Senhor Ryder. Tenho de admitir que, no momento, ela pareceu completamente arrasada. É uma mulher sensível e um lado dela deve ter percebido que eu tinha razão. Pois tocou em meu braço delicadamente, e disse: "Procure-o. Agora mesmo. Faça o que puder." Levantei-me para sair, mas me lembrei de que ainda tinha um último dever doloroso. "Oh, e Senhorita Collins", disse, "no que diz respeito a esta noite, sob as circunstâncias atuais, acho que seria melhor que a senhora ficasse em casa." Ela assentiu com a cabeça e vi que estava prestes a chorar. "Afinal", prossegui, "temos de respeitar os sentimentos dele. Sob tais circunstâncias, sua presença no concerto poderia exercer uma certa influência sobre ele, nesse momento crítico." Anuiu de novo e demonstrou entender perfeitamente. Pedi licença e saí. Apesar de ter muitas outras coisas urgentes para providenciar — o bacon, a entrega do pão —, percebi que era prioritário fazer com que o Senhor Brodsky transpusesse essa última barreira imprevista. Portanto, dirigi direto ao cemitério. Já estava escuro quando cheguei e levei algum tempo andando pelos túmulos até localizá-lo, sentado em uma sepultura, parecendo desolado. Quando me viu aproximar, olhou para mim cansado e disse: "Veio me avisar. Eu sabia. Sabia que não aconteceria." Talvez ache que isso tenha facilitado minha tarefa, mas vou dizer uma coisa: não foi nada fácil. Ser o portador dessa notícia. Assenti solenemente com a cabeça e disse, sim, ele tinha razão, ela não iria. Havia refletido melhor e mudara de idéia. Além disso, decidira também não comparecer ao concerto. Não vi por que falar mais que isso. Ele pareceu muito perturbado, por isso desviei o olhar e fingi estar examinando a sepultura do lado. "Ah, o

velho Senhor Kaltz", falei para as árvores, pois sabia que o Senhor Brodsky chorava silenciosamente. "Ah, Senhor Kaltz. Há quantos anos o enterramos? Parece que foi ontem, mas sei que já faz quatorze anos. Como era solitário antes de morrer." Eu falava essas coisas só para deixar o Senhor Brodsky chorar. Então, senti que controlara suas lágrimas e me virei para ele. Propus que fosse comigo à sala de concerto para se aprontar. Mas ele respondeu que não, que era muito cedo. Ficaria muito tenso, vagando por ali durante tanto tempo. Achei que tinha razão e me ofereci para levá-lo para casa. Ele aceitou, saímos do cemitério e nos dirigimos ao carro. Durante todo o trajeto, o tempo todo que subíamos a rodovia norte, ele ficou apenas olhando para fora da janela, sem dizer nada, as lágrimas, ocasionalmente, correndo de seus olhos. Então, me dei conta de que ainda não havíamos conseguido, que as coisas não estavam tão definidas como pareciam há algumas horas. Mas eu continuava confiante, Senhor Ryder, exatamente como estou agora.

Então, chegamos à sua casa. Ele a havia reformado, muitos cômodos agora estão confortáveis. Entramos na sala de estar e acendemos a luz. Olhei em volta, encetando conversa. Eu me ofereci para providenciar quem examinasse o problema de bolor nas paredes. Ele não parecia escutar, sentado em sua cadeira, com o olhar distante. Então, ele disse que queria uma bebida. Uma pequena dose. Disse-lhe que era impossível. Ele respondeu, como muita calma, que não queria beber como fazia antes. Não era daquela maneira. Beber daquela forma havia ficado definitivamente para trás. Mas é que acabara de sofrer uma terrível decepção. Seu coração estava partindo.

Empregou estas palavras. Seu coração estava partindo, ele disse, mas sabia o quanto dependiam dele naquela noite. Sabia que tinha de se comportar bem. Não pedia para beber da maneira que pedia antes. Como eu podia ter certeza? Olhei para ele e vi que falava a verdade. Vi um homem entristecido, decepcionado, mas responsável.

Ele se conhecia melhor que a maioria dos homens pode esperar um dia vir a se conhecer, e estava com total controle sobre si mesmo. Disse isso, que em uma crise como essa precisava apenas de uma pequena dose. Para fazê-lo se recuperar do choque do golpe emocional. Para lhe dar o controle necessário para cumprir as exigências desta noite. Senhor Ryder, já o ouvi pedir para beber várias vezes, nos primeiros dias, e era completamente diferente.

Pude perceber isso. Olhei fundo em seus olhos e disse: "Senhor Brodsky, posso confiar no senhor? Tenho um pouco de uísque em um frasco no meu carro. Se eu lhe oferecer uma pequena dose, posso ficar certo de que será o suficiente? Uma pequena dose e nada mais?" E ele respondeu, me encarando com firmeza: "Não é como antes. Eu juro." Então, fui até o carro, estava muito escuro e as árvores faziam um barulho danado ao vento, peguei o frasco e entrei de novo na casa. Ele não estava mais na cadeira. Encontrei-o na cozinha. Na verdade, é um anexo conectado à casa principal, muito habilmente aproveitado pelo Senhor Brodsky. Sim, foi quando o vi abrindo o armário, o armário que estava de lado. Ele tinha se esquecido dele, disse ao me ver entrar. E lá estava o uísque. Garrafas e garrafas de uísque. Pegou apenas uma, abriu-a e verteu uma pequena dose em um copo. Depois, me olhando nos olhos,

despejou o que sobrara no chão. O chão da cozinha, tenho de dizer, é quase todo de terra, por isso não sujou muito. Bem, ele despejou tudo, depois voltamos para a sala, ele tornou a se sentar em sua cadeira, e começou a tomar o uísque. Observei-o atentamente e vi que não bebia da maneira como fazia antes. Mesmo com a possibilidade de ele voltar a fazer como antes... eu sabia que tinha tomado a decisão certa. Disse-lhe que eu tinha de retornar. Que havia me afastado por tempo demais. O bacon e o pão tinham de ser supervisionados. Eu me levantei e nós dois soubemos, sem nos falarmos, o que se passava em minha mente. Isto é, o armário. O Senhor Brodsky me olhou fundo nos olhos e disse: "Não é mais como antes." Isso me bastou. Insistir em ficar por mais tempo só serviria para enfraquecê-lo. Teria sido um insulto. Em todo caso, como eu disse, quando olhei seu rosto, me senti confiante. Parti sem me preocupar.

Só há alguns minutos uma sombra de dúvida me passou pela cabeça. Mas sei que é simplesmente a tensão antes de um grande evento. Ele chegará logo, tenho certeza.

E a noite, tenho certeza, será um sucesso, um grande sucesso...

— Senhor Hoffman — disse eu, a impaciência me dominando —, se está satisfeito por ter deixado o Senhor Brodsky bebendo uísque, o problema é seu. Não estou tão certo de que tenha sido uma boa decisão, mas conhece a situação melhor que eu. Seja como for, permita-me lembrá-lo de que, neste momento, sou eu que estou precisando de ajuda.

Como lhe expliquei, preciso de um carro o mais rápido possível. É realmente uma emergência, Senhor Hoffman.

— Ah, sim, um carro. — Hoffman olhou em volta, pensativamente. — O mais simples, Senhor Ryder, seria lhe emprestar meu carro. Está estacionado lá fora, logo na frente daquela saída de emergência, ali em frente.

— Apontou para mais adiante no corredor. — Onde estão as chaves? Ah, aqui estão. O volante está tendendo um pouco para a esquerda. Tenho pensado em mandar ajustá-lo, mas não consegui ter tempo. Por favor, use-o à vontade. Não precisarei dele até amanhã de manhã.

30

Dirigi o grande carro preto de Hoffman do estacionamento para a estrada sinuosa, margeada de pinheiros. Obviamente, não era o caminho mais utilizado. A estrada estava esburacada, escura e era muita estreita para duas faixas, forçando um dos veículos a reduzir a marcha quando cruzava com outro. Dirigi com cuidado, sondando o escuro, esperando topar a qualquer momento com um obstáculo ou uma curva fechada. Então, a estrada se tornou reta e os faróis me mostraram que dirigia por uma floresta.

Aumentei a velocidade e rodei, por alguns instantes, pela escuridão. Então, avistei alguma coisa cintilando por entre as

árvores, à minha esquerda, e, reduzindo novamente a marcha, percebi que olhava para a frente da sala de concerto, majestosamente iluminada na noite.

O prédio estava a alguma distância e eu o via por um certo ângulo, mas dava para divisar grande parte de sua impressionante fachada. Havia uma série de colunas de pedras majestosas em cada lado da arcada central e janelas altas, que se estendiam na direção do vasto domo. Perguntei-me se os convidados já teriam começado a chegar e, parando o carro, baixei o vidro para ver melhor. Porém, mesmo ao me erguer no banco, as árvores me impediram de enxergar qualquer coisa no nível do solo.

Enquanto continuava a olhar para o prédio, pensei na possibilidade de meus pais estarem para chegar. De repente, lembrei-me nitidamente da descrição feita por Hoffman da carruagem puxada a cavalos, surgindo das trevas, diante do olhar admirado da multidão. De fato, nesse exato momento, enquanto eu me debruçava na janela do carro,

tive a nítida impressão de escutar, não muito distante, o ruído da carruagem. Desliguei o motor, e fiquei escutando, debruçando-me ainda mais. Então, saí do carro e fiquei ali, na noite, escutando atentamente.

O vento se deslocava nas árvores. Escutei mais uma vez os ruídos abafados de antes: a batida dos cascos, o ritmo constante, o chocalhar de um veículo de madeira.

Então, os ruídos foram diminuindo gradualmente por trás do farfalhar das árvores. Continuei escutando por mais algum

tempo, mas não ouvi mais nada. Por fim, me virei e voltei para o carro.

Senti-me calmo — quase tranqüilo — ali fora, na estrada. Mas, quando tornei a ligar o carro, fui tomado por um misto violento de frustração, pânico e raiva. Nesse momento, meus pais estariam chegando, e eu ainda estava ali, de modo algum pronto, afastando-me da sala de concerto para tratar de um assunto completamente diferente.

Não conseguia entender como tinha permitido que esse tipo de coisa acontecesse, e atravessei a floresta com a raiva se intensificando, resolvido a encerrar, na primeira oportunidade, o que quer que eu tivesse de fazer, e retornar à sala o mais rápido possível. Porém, então, me ocorreu que não sabia como chegar ao apartamento de Sophie, nem sequer se esse caminho pela floresta seria o correto. Uma sensação de futilidade começou a me invadir, contudo acelerei, encarando a floresta que se desenvolvia à minha frente sob a luz dos faróis.

Repentinamente, percebi duas figuras acenando para mim. Estavam bem no meu caminho e, embora tenham se afastado para o lado quando me aproximei, continuaram a acenar insistentemente. Reduzi a marcha e vi que um grupo de cinco ou seis pessoas acampavam à beira da estrada, em torno de um fogão portátil. Minha primeira idéia foi de que se tratava de vagabundos, mas, então, uma mulher de meia idade, vestida com elegância, e um homem grisalho de terno se curvaram à minha janela. Atrás deles, os outros — que estavam sentados ao redor do fogão, sobre o que

pareciam ser caixotes levantaram-se e se dirigiram ao carro. Notei que todos carregavam canecos de lata.

Quando baixei o vidro, a mulher me examinou, dizendo:

— Oh, estamos tão felizes que tenha passado. Sabe, estávamos discutindo sem conseguir chegar a um acordo. O problema é sempre este, não é? Nunca conseguimos chegar a qualquer acordo quando a ação é necessária.

— Mas, sem dúvida — disse, solenemente, o homem grisalho de terno —, precisamos chegar logo a uma conclusão.

Porém, antes de qualquer outro dizer alguma coisa, vi que a figura que surgira por trás deles e agora se curvava, me olhando, era Geofrey Saunders, meu ex-colega.

Ao me reconhecer, avançou e deu um tapinha na porta do carro.

— Ah, estava pensando em quando o veria de novo — disse ele.

— Para ser franco, estava um pouco chateado. Você sabe, por não ter ido tomar chá. Disse que iria. Mas não é o momento para falarmos disso. Ainda assim, foi um tanto insolente, cara. Não importa. É melhor saltar. — Com isso, abriu a porta do carro e ficou de lado. Eu ia protestar, mas ele prosseguiu: — É melhor vir tomar uma xícara de café. Poderá se inteirar da nossa discussão.

— Francamente, Saunders — disse eu —, esta não é a melhor hora para mim.

— Ora, vamos lá, cara. — Havia um quê de irritação em sua voz.

— Sabe, andei pensando muito em você, desde a noite em que nos encontramos. Relembrando os dias de escola, esse tipo de coisa. Hoje de manhã, por exemplo, acordei pensando naquela vez, provavelmente não se lembra, naquela vez em que fomos designados para orientar a corrida através dos campos para alguns garotos mais novos. Acho que estávamos no sexto ano, não sei. Provavelmente não se recorda, mas fiquei pensando nisso, de manhã, deitado na cama. Esperávamos na frente do bar do outro lado do campo e você estava muito transtornado com alguma coisa. Saia do carro, não consigo conversar com você assim. — Continuava a me pressionar impaciente. — É melhor. — Ao me mostrar relutante, agarrou meu cotovelo com a mão que estava livre, pois com a outra segurava um caneco de lata. — Sim, fiquei pensando naquele dia. Uma dessas manhãs nevoentas de outubro, típicas da Inglaterra. Lá estávamos nós, em pé, aguardando os meninos do terceiro ano surgirem ofegando na névoa, e lembro que você ficava dizendo: "Para você está tudo bem, está tudo muito bem." E parecendo terrivelmente infeliz. Por fim, acabei dizendo: "Ouça, não é só com você. Você não é o único no mundo com problemas." E comecei a lhe contar de quando tinha sete ou oito anos, e saímos de férias em família, meus pais, meu irmãozinho e eu. Fomos a um desses balneários à beira-mar, Bournemouth, ou outro parecido. Talvez fosse a Isle of Wight. O tempo estava bonito e tudo mais, porém havia uma coisa errada. Simplesmente não nos entendíamos. É claro que isso é muito comum em feriados em família, mas eu ainda não sabia disso na época. Eu tinha apenas sete ou oito anos. Em todo

caso, não estava funcionando e, uma certa tarde, meu pai se enfureceu. Quer dizer, inesperadamente. Estávamos olhando alguma coisa na avenida beiramar, minha mãe nos mostrando algo, e, de repente, ele se afastou. Não gritou nem nada, só se afastou.

Não sabíamos o que fazer, por isso o acompanhamos, minha mãe, o pequeno Christopher e eu. Não de muito perto, sempre mais ou menos trinta metros atrás, o suficiente para não perdê-lo de vista. Meu pai continuava andando. Atravessou toda a avenida à beira-mar, subiu a trilha dos rochedos, passou pelas cabanas da praia e por todo mundo que tomava banho de sol. Depois, seguiu na direção do centro, passou pelas quadras de tênis e pela área das lojas. Devemos tê-lo seguido por mais de uma hora.

Depois de algum tempo, começamos uma espécie de jogo. Dizíamos: "Veja, ele não está mais com raiva. Só está brincando!" Ou então: "Ele está com a cabeça assim de propósito. Vejam!" E ríamos muito. Olhando com atenção, parecia mesmo que ele afetava um andar engraçado. Christopher era muito pequeno e eu lhe disse que meu pai andava assim só para fazer graça e Christopher ria muito, como se tudo fosse uma grande brincadeira. E minha mãe também ria e dizia: "Ah, esse seu pai, meninos!"

E ria ainda mais. E continuávamos andando assim. Eu era o único, embora só tivesse sete ou oito anos, eu era o único que sabia que o meu pai não estava brincando.

Que ele não superara o que tinha acontecido e que, talvez, estivesse ficando cada vez mais irritado com o fato de nós o seguirmos. Talvez porque quisesse se sentar em um banco ou entrar

em um café, e não podia por nossa causa. Lembra-se disso? Conte tudo para você naquele dia. E, a certa altura, olhei para a minha mãe porque queria que aquilo parasse. Foi aí que percebi. Percebi que ela se convencera de que meu pai agia daquela maneira por brincadeira. O pequeno Christopher só queria correr. Entende? Correr atrás de meu pai. E eu ficava inventando desculpas, rindo o tempo todo, dizendo: "Não, isso não vale. Não faz parte do jogo. Temos de ficar a uma certa distância, senão não vale." E a mamãe dizia: "Oh, sim! Por que não vão e puxam a camisa dele e vêem se conseguem voltar antes que ele os veja?" E eu tinha de continuar dizendo, já que era o único, percebe?, o único, eu ficava insistindo: "Não, não, vamos esperar. Fiquem distante, distante." Estava engraçado, meu pai. Seu andar era esquisito, olhado assim, à distância. Cara, por que não se senta? Parece exausto e muito preocupado. Sente-se e nos ajude a decidir.

Geoffrey Saunders apontava para um caixote laranja, perto do fogão portátil. Eu realmente me sentia muito cansado e decidi que, independente do que tivesse de fazer, o faria melhor depois de uma breve pausa e um gole de café.

Sentei-me, percebendo que meus joelhos tremiam e que me abaixava de modo vacilante. As pessoas se reuniram à minha volta compreensivamente.

Alguém me estendeu uma caneca de café, enquanto outro colocou a mão em minhas costas, dizendo:

— Apenas relaxe. Não se afobe.

— Obrigado, obrigado — disse eu, aceitando o café e tomando-o avidamente, embora estivesse muito quente.

O homem grisalho, que agora estava agachado na minha frente, me encarando, disse com calma:

— Temos de tomar uma decisão. Você terá de nos ajudar.

— Uma decisão?

— Sim. A respeito do Senhor Brodsky.

— Ah, sim. — Bebi um pouco mais de café. — Sim, eu sei. Percebo agora que está tudo contra mim.

— Eu não chegaria ao ponto de dizer isso — disse o homem grisalho.

Tornei a olhar para ele. Era uma pessoa tranquilizadora, com maneiras gentis e calmas. Mas, naquele momento, vi que falava sério.

— Eu não chegaria ao ponto de dizer que está tudo contra você. Apenas, em razão da situação, cada um de nós tem de assumir uma responsabilidade. Minha opinião, como já esclareci, é que deve ser tirada.

— Tirada?

O homem grisalho assentiu gravemente com a cabeça. Vi, então, o estetoscópio em volta de seu pescoço e entendi que era médico.

— Ah, sim — disse eu. — Deve ser tirada. Sim.

Foi então que olhei em volta e vi, com um sobressalto, no chão, não muito distante do carro, uma grande massa de metal. Passou vagamente pela minha cabeça que eu havia causado aquele desastre, que eu possivelmente teria me envolvido em um acidente sem saber. Levantando-me — imediatamente várias mãos foram estendidas para me firmar —, movi-me na direção do metal e vi que, de fato, eram os restos de uma bicicleta. O metal ficara irrevogavelmente contorcido e, para meu horror, Brodsky estava no meio. Estava deitado de costas no chão de terra, e me observou calmamente quando me aproximei.

— Senhor Brodsky — murmurei, olhando-o assustado.

— Ah, Ryder — disse ele, a voz demonstrando, surpreendentemente, pouca dor.

Virei-me para o homem grisalho, que viera atrás de mim, e disse:

— Tenho certeza de que não tive nada a ver com isso. Não me lembro de acidente algum. Simplesmente dirigia...

O homem grisalho assentiu compreensivamente, fazendo um gesto para que eu me calasse. Afastando-me um pouco, ele disse em voz baixa:

— É quase certo que ele tentou se suicidar. Está muito bêbado. Muito, muito bêbado.

— Ah, sim.

— Estou certo de que tentou o suicídio. Mas tudo o que conseguiu foi enredar as pernas. A perna direita saiu virtualmente ilesa. Só está presa. É a esquerda que me preocupa. Não está em bom estado.

— Não — disse eu, relanceando o olhar para Brodsky. Ele notou e disse no escuro:

— Ryder. Olá.

— Analisávamos a situação há algum tempo quando você passou — prosseguiu o homem grisalho. — Minha opinião é que deve ser tirada. Assim, talvez salvemos sua vida. Depois de discutirmos um pouco, a maioria dos presentes chegou a essa conclusão. Mas as duas senhoras que ali estão são contra. São a favor de esperarmos uma ambulância. Eu acho que corremos um risco se fizermos isso. Esta é minha opinião profissional.

— Ah, sim, entendo seu ponto de vista.

— A meu ver, a perna esquerda deve ser amputada sem demora. Sou cirurgião, mas, infelizmente, não tenho o material comigo. Nenhum anestésico, nada. Nem mesmo uma aspirina. Não estou de serviço, só dava uma volta para apanhar um pouco de ar fresco. Assim como alguns deles. Por acaso trazia este estetoscópio no bolso, nada mais. Mas, agora que chegou, a história é outra. Tem alguma coisa no carro?

— No carro? Bem, na verdade, não sei. É um carro emprestado.

— Quer dizer, alugado.

— Não exatamente. Ele me foi emprestado. Por um conhecido.

— Entendo. — Olhou gravemente para o chão, refletindo. Por sobre seu ombro, vi que os outros nos observavam ansiosamente. Então, o cirurgião disse:

— Talvez não se importe em verificar na mala. Deve haver alguma coisa que nos ajude. Alguma ferramenta afiada com que eu possa realizar a operação.

Pensei sobre isso e disse:

— Terei prazer em verificar. Mas talvez antes eu deva trocar uma palavra com o Senhor Brodsky. Eu o conheço um pouco e realmente devo falar com ele antes... antes de ser dado um passo tão drástico.

— Muito bem — disse o cirurgião. — Mas, a meu ver, minha opinião profissional é que já perdemos muito tempo. Por favor, seja rápido.

Fui até Brodsky e olhei em seu rosto.

— Senhor Brodsky... — comecei, mas ele me interrompeu imediatamente.

— Ryder, ajude-me. Tenho de falar com ela.

— Com a Senhorita Collins? Acho que há outras coisas com que se preocupar agora.

— Não, não. Tenho de falar com ela. Agora, entendo claramente. Minha mente está muito clara. Desde que aconteceu. Não sei bem, estava na bicicleta, alguma coisa bateu em mim, algum veículo, um carro, quem pode saber? Eu devia estar bêbado, não me lembro dessa parte, mas consigo me lembrar do resto. Agora, posso ver, posso ver tudo. Foi ele. O tempo todo ele quis que desse errado. Foi ele, ele causou tudo isso.

— Quem? Hoffman?

— Ele é o mais vil. O mais vil. Antes eu não percebia, mas agora está claro. Desde que o veículo, seja qual for, bateu em mim, um carro, um caminhão, desde então, entendi. Ele me procurou hoje à noite, muito compreensivo. Eu estava esperando no cemitério. Esperando, esperando. Meu coração palpitava. Esperei todos estes anos. Não sabia, Ryder? Esperei muito tempo. Mesmo quando estava bêbado, esperava. Na próxima semana, costumava dizer. Na semana que vem paro de beber e vou procurá-la. Vou pedir para que me encontre no cemitério Saint Peter. Disse isso ano após ano. E hoje, finalmente, eu estava lá esperando. Na sepultura de Per Gustavsson, onde, às vezes, costumava me sentar com Bruno. Esperava. Quinze minutos, depois, meia hora, depois, uma hora. Então, ele chega. Toca aqui, no meu ombro. Ela mudou de idéia, ele diz. Não virá. Nem mesmo irá ao concerto hoje à noite. Ele é gentil como sempre. Eu o escuto. Beba um uísque. Isso o acalmará. É uma situação especial. Mas não posso beber uísque, eu digo. Como posso beber uísque? Está louco? Não, beba uísque, ele diz. Só um pouco. Isso o acalmará. Pensei que estivesse sendo gentil. Agora, entendo. Desde o começo, ele nunca quis que desse certo. Achava que eu nunca

conseguiria. Que eu nunca conseguiria porque sou este... este pedaço de estrume.

É o que ele pensou. Agora, estou sóbrio. Bebi o suficiente para matar um cavalo, mas desde o acidente estou sóbrio. Agora, vejo tudo claramente. Foi ele. É mais vil que eu. Não quero deixar que vença. Eu farei. Ajude-me, Ryder. Não vou deixá-lo vencer. Irei à sala de concerto. Mostrarei a todo mundo. A música está pronta, está tudo aqui, na minha cabeça, tudo aqui. Mostrarei para todo mundo. Mas ela tem de ir. Tenho de falar com ela. Ajude-me, Ryder. Leve-me a ela. Ela tem de ir, tem de estar lá. Assim, se lembrará. Ele é o mais abjeto, agora vejo isso claramente. Ajude-me, Ryder.

— Senhor Brodsky — interrompi —, há aqui um cirurgião. Ele terá de fazer uma operação. Talvez seja um pouco dolorosa.

— Ajude-me, Ryder. Apenas me ajude a chegar até ela. Seu carro? Seu carro? Leve-me. Leve-me até ela. Estará naquele apartamento. Eu o detesto. Como o detesto, o detesto. Costumava ficar do lado de fora. Leve-me até ela, Ryder. Leve-me agora.

— Senhor Brodsky, parece que não se dá conta de seu estado. Não temos tempo a perder. De fato, prometi ao cirurgião que daria uma busca na mala. Voltarei logo.

— Ela está com tanto medo. Mas não é tarde demais. Podemos ter um animal. Mas isso agora não importa. Não importa o animal. Apenas que vá à sala de concerto. É tudo que peço. Simplesmente que vá. É tudo que peço.

Deixei Brodsky e fui até o carro. Ao abrir a mala, vi que Hoffman a havia abarrotado, desordenadamente, com objetos variados. Havia uma cadeira quebrada, um par de botas de borracha, um conjunto de caixas de plástico. Encontrei uma tocha e, quando iluminei a mala com ela, descobri uma pequena serra de metal em um canto.

Parecia um tanto oleosa, mas quando corri o dedo pela lâmina os dentes pareceram bem afiados. Fechei a mala e fui para onde os outros estavam, conversando em torno do fogão. Quando me aproximei, ouvi o cirurgião dizendo:

— Obstetrícia tornou-se um campo insípido. Não é mais como era quando eu estudava.

— Com licença — disse eu. — Encontrei isto.

— Ah — disse o cirurgião, virando-se para mim. — Obrigado. Falou com o Senhor Brodsky? Ótimo.

De repente, me senti indignado por ter me envolvido com a situação a esse ponto, e disse, talvez um pouco mal-humorado, olhando o círculo de rostos em volta:

— Não existem, na cidade, recursos adequados para eventualidades como esta? Disseram que chamaram a ambulância?

— Chamamos há mais ou menos uma hora — falou Geoffrey Saunders. — Daquela cabina logo ali. Infelizmente, há poucas ambulâncias esta noite, por causa do evento na sala de concerto.

Olhei para onde apontava e vi que, realmente, um pouco afastada da estrada, quase onde começava a escuridão da floresta, havia uma cabina telefônica. Ao vê-la, lembrei-me subitamente do assunto urgente que tinha de tratar e me ocorreu que, se ligasse para Sophie não apenas a prepararia um pouco, como poderia ter uma informação de como chegar a seu apartamento.

— Se me dão licença — disse eu, me afastando —, tenho de fazer uma ligação importante.

Caminhei na direção das árvores e entrei na cabina. Enquanto procurava algumas fichas nos bolsos, vi, através da parede de vidro, a figura do cirurgião encaminhar-se vagarosamente para Brodsky, segurando a serra discretamente nas costas. Geoffrey Saunders e os outros andavam em círculos, pouco à vontade, olhando para seus canecos de lata ou para os pés. Então, o cirurgião se virou e disse algo para eles, e dois dos homens, Geoffrey Saunders e um jovem usando uma jaqueta de couro, se juntaram a ele, relutantes. Por alguns segundos, os três ficaram olhando sinistramente para Brodsky.

Virei-me e disquei o número de Sophie. O telefone tocou durante algum tempo. Então, Sophie, parecendo sonolenta e um pouco alarmada, atendeu. Respirei fundo.

— Ouça — eu disse —, você parece não se dar conta da tensão que estou vivendo. Acha que é fácil para mim? Tenho muito pouco tempo e ainda não consegui nem um segundo para inspecionar a sala de concerto. Em vez disso, há todas essas coisas que as pessoas esperam que eu faça. Acha que a noite de hoje é

fácil para mim? Meus pais chegarão hoje. Exatamente! Finalmente, virão esta noite! É bem capaz que já estejam lá neste momento! E veja o que acontece. Deixam-me livre para me preparar? Não, me dão uma coisa atrás da outra para fazer. Para começar, essa maldita sessão pergunta-resposta. Chegaram a buscar um placar eletrônico. Dá para acreditar? O que esperam que eu faça? Eles dão tanta coisa por certo; toda essa gente. O que querem que eu faça nesta noite tão exclusiva? É o mesmo que em todo lugar. Esperam tudo de mim. Provavelmente me atacam hoje à noite, isso não me surpreenderia. Quando ficarem insatisfeitos com minhas respostas, me atacam, e para onde irei?

Talvez não possa ir muito além do piano. Ou meus pais sairão, quando começarem a me agredir...

— Calma — disse Sophie. — Dará tudo certo. Eles nunca o atacam. Sempre diz que o agredirão e, até hoje, ninguém, nem uma única pessoa, em todos estes anos, o atacou...

— Mas não entende o que estou dizendo? Não é uma noite como outra qualquer. Meus pais estão vindo. Se me agredirem hoje, será... será...

— Não o agredirão — interrompeu novamente. — Você sempre diz isso. Liga de toda parte do mundo para dizer a mesma coisa. Sempre que chega nesse ponto. Vão me atacar, vão me desmascarar. E o que acontece? Algumas horas depois, liga de novo, e está muito calmo e satisfeito de si mesmo. Pergunto como foi e se mostra um tanto surpreso por eu ter levantado a questão. "Oh, foi

ótimo", diz. Sempre alguma coisa assim e, depois, fala de outras coisas, como se não valesse a pena discutir o assunto...

— Espere um minuto. Ao que está se referindo? Que ligações são essas? Você se dá conta de como é difícil conseguir fazer essas ligações? Às vezes, estou extremamente ocupado, mas encontro alguns minutos em minha agenda para ligar, só para ter certeza de que você está bem. E na maioria das vezes é você, é você que despeja seus problemas em mim. O que quer dizer ao sugerir que eu falo dessa maneira...

— Não há por que falar disso agora. O que quero dizer é que tudo correrá bem hoje à noite...

— É muito fácil para você dizer isso. É como todos os outros. Dá tudo como certo. Acha que tudo que tenho de fazer é aparecer e o resto acontecerá por si mesmo...

— De repente, lembrei-me de Gustav no colchão, no chão do camarim desguarnecido, e me interrompi abruptamente.

— O que houve? — perguntou Sophie.

Por alguns instantes, continuei tentando me acalmar. Então, eu disse:

— Ouça, há uma coisa que quero lhe falar. São más notícias. Lamento.

Sophie ficou em silêncio no outro lado da linha.

— É seu pai — disse eu. — Está doente. Na sala de concerto. Você tem de ir para lá imediatamente.

Fiz outra pausa, mas Sophie continuou sem responder.

— Está resistindo bem — prossegui depois de um instante. — Mas tem de ir agora mesmo. Boris também. De fato, é por isso que liguei. Estou de carro, estou indo buscá-los.

Durante o que pareceu muito tempo, permaneceu em silêncio. Então, ela disse:

— Desculpe por ontem à noite. Na Galeria Karwinsky, quero dizer. — Fez uma pausa e pensei que se calaria de novo. Mas prosseguiu. — Fui patética. Não precisa fingir. Sei que fui patética. Não sei o que acontece, mas simplesmente não consigo lidar com situações como essa. Tenho de enfrentar isso. Nunca fui o tipo capaz de viajar com você de uma cidade para outra, acompanhá-lo em todas essas recepções. Simplesmente não consigo. Lamento.

— Mas que importância tem isso? — disse eu compreensivamente. — A galeria, ontem, esqueci totalmente. Quem se importa com a impressão que você causa em pessoas desse tipo? É uma gente horrível, todos eles. E você era de longe a mulher mais bonita.

— Não posso acreditar nisso — disse ela, rindo repentinamente.

— Agora, sou um velho corvo.

— Está envelhecendo muito linda.

— Que coisa para dizer! — Riu novamente. — Como se atreve?

— Desculpe — eu disse, rindo também. — Quero dizer que não envelheceu nada. Não que dê para notar.

— Não que dê para notar?

— Não sei... — Confuso, dei outra risada. — Talvez esteja abatida e feia. Não consigo me lembrar agora.

Sophie riu mais uma vez, depois se calou. Quando voltou a falar, sua voz se tornou séria de novo. — Mas eu estava patética. Nem mesmo posso viajar com você enquanto estiver assim.

— Ouça, prometo, não viajarei por muito mais tempo. Esta noite, se tudo correr bem, nunca se sabe. Talvez seja hoje.

— Lamento não ter encontrado nada ainda. Prometo que logo encontrarei algo para nós. Um lugar realmente confortável.

Não soube o que responder imediatamente e, por alguns segundos, ficamos, os dois, calados. Então a ouvi dizer:

— Você realmente não se importa? Como eu estava ontem? Como sempre me comporto?

— Não me importo em absoluto. Pode se comportar do jeito que quiser em recepções como essa. Fazer o que quiser. Não faz a menor diferença. Você tem mais valor do que todos eles juntos.

Sophie não disse nada. Depois de algum tempo, prossegui:

— Em parte, também é culpa minha. Isto é, em relação à casa. Não é justo caber só a você encontrá-la. Talvez, a partir de agora, contanto que hoje corra tudo bem, possamos fazer de outro modo. Poderíamos procurar juntos.

Ela permaneceu em silêncio e, por um segundo, me perguntei se Sophie teria desligado. Mas, então, ela disse, com a voz distante, sonhadora:

— Estamos prestes a encontrar algo juntos, não estamos?

— Sim, é claro. Procuraremos juntos. Boris também. Encontraremos algo.

— E você já está chegando, não é? Para nos levar para ver meu pai.

— Sim, sim. Chegarei o mais rápido possível. Estejam prontos, vocês dois.

— Está bem. — Sua voz pareceu distante e sem urgência. — Vou acordar Boris. Sim, tudo bem.

Quando saí da cabina, tive a impressão de que o céu revelava os primeiros sinais da aurora. Vi as pessoas em volta de Brodsky e, ao chegar mais perto, localizei o cirurgião ajoelhado, serrando. Brodsky parecia aceitar a provação em silêncio, mas, então, assim que alcancei o carro, ele soltou um grito medonho, que ressoou pelas árvores.

— Tenho de ir — eu disse a alguém, e, na verdade, ninguém pareceu me escutar. Mas, quando fechei a porta e liguei a ignição, seus rostos viraram-se para mim com expressões horrorizadas. Antes de poder fechar a janela, Geoffrey Saunders aproximou-se correndo.

— Ouça bem — disse ele com raiva —, ouça bem, não pode ir assim. Quando ele ficar livre, teremos de levá-lo a algum lugar. Vamos precisar de seu carro, não percebe?

Certamente, basta o bom senso.

— Ouça, Saunders — disse eu com firmeza —, sei que estão com problemas. Gostaria de ajudar mais, porém fiz tudo que podia. Agora, tenho meus próprios problemas com que me preocupar.

— É típico de você, cara — disse ele. — Bem típico.

— Ouça, não faz a menor idéia. Realmente, Saunders, não faz a menor idéia. Tenho mais responsabilidades do que é capaz de imaginar. Simplesmente não levo a vida que você leva!

Fiz essa declaração aos berros e notei que até mesmo o cirurgião interrompeu seu trabalho e olhou para mim. Pelo que percebi, também Brodsky esqueceu, por um momento, sua dor e me olhou surpreso. Senti-me constrangido e disse, em um tom mais conciliador:

— Desculpe, mas tenho algo muito urgente a fazer. Quando terminarem, quando o Senhor Brodsky estiver em condições

de ser transportado, estou certo de que a ambulância já terá chegado. Em todo caso, lamento, mas não posso esperar nem mais um minuto.

Com isso, levantei rapidamente o vidro e parti novamente através da floresta.

31

A estrada seguiu pela floresta durante algum tempo. Depois, as árvores começaram a rarear e vislumbrei a manhã se delineando à distância. Por fim, o bosque desapareceu e penetrei nas ruas desertas da cidade.

Um sinal vermelho obrigou-me a parar em um cruzamento e, enquanto esperava no silêncio — não havia qualquer outro veículo à vista —, olhei em volta e, aos poucos, reconheci o bairro em que estava. Para meu alívio, percebi que estava bem perto do apartamento de Sophie; na verdade, não tinha dúvidas de que a rua bem à minha frente me levaria diretamente a ele. Também me lembrei de que o apartamento ficava sobre uma barbearia, e, quando o sinal mudou, atravessei o cruzamento e descii a rua silenciosa, examinando atentamente os prédios por que passava. Então, percebi, mais adiante, duas figuras esperando no meio-fio e desacelerei.

Sophie e Boris usavam jaquetas leves e pareciam sentir frio no ar da manhã que despontava. Vieram correndo para o carro e Sophie, se abaixando, gritou irritada:

— Demorou tanto! Por que levou tanto tempo?

Antes que eu pudesse responder, Boris colocou a mão no braço dela, dizendo:

— Está tudo bem. Chegaremos a tempo. Está tudo bem. Olhei para o menino. Ele carregava uma grande valise, parecida com uma maleta de médico, que lhe prestava um ar de gravidade um tanto cômico. Mas suas maneiras eram extraordinariamente tranqüilizadoras e pareceu conseguir acalmar sua mãe.

Pensei que Sophie se sentaria ao meu lado, mas ela e Boris instalaram-se atrás.

— Desculpe — disse eu, dando a volta com o carro —, mas ainda não conheço bem o caminho.

— Quem ficou com ele? — perguntou Sophie, com a voz tensa.

— Tem alguém cuidando dele?

— Está com os amigos. Estão todos com ele. Todos.

— Viu? — A voz de Boris soou calma atrás de mim. — Eu disse. Não se preocupe. Dará tudo certo.

Sophie suspirou profundamente. Boris, novamente, conseguira acalmá-la. Depois de um instante, escutei-o dizer:

— Estão cuidando bem dele. Não se preocupe. Estão cuidando bem dele, não estão?

Esta pergunta foi, evidentemente, dirigida a mim. De certa forma, desagradava-me o papel que ele assumira — também não gostara que os dois tivessem se sentado no banco de trás, como se eu fosse um chofer de táxi — e resolvi não responder.

Durante os minutos seguintes, rodamos em silêncio. Retornamos ao cruzamento, depois do que fiz o possível para me lembrar do caminho de volta à estrada da floresta.

Ainda atravessávamos as ruas vazias quando Sophie disse baixinho, com a voz quase inaudível pelo barulho do motor:

— É um aviso.

Não sabia se se dirigia a mim e ia olhar para trás quando ela prosseguiu com o mesmo tom de voz:

— Boris, está me ouvindo? Temos de encarar isso, é um aviso. Seu avô está ficando velho. Ele precisa moderar sua atividade. Não há como negar isso. Ele precisa moderar.

Boris respondeu alguma coisa que não consegui ouvir.

— Ando pensando nisso já há algum tempo — prosseguiu Sophie.

— Não lhe disse nada antes porque sei o quanto você... o quanto você gosta de seu avô. Mas tenho pensado nisso. Houve outros sinais antes deste. Agora que aconteceu isso não podemos

mais ignorá-lo. Ele está ficando velho e tem de moderar a atividade. Fiz planos, nunca lhe contei, mas já há muito tempo faço planos. Terei de falar com o Senhor Hoffman. Ter uma boa conversa com ele sobre o futuro de seu avô. Preparei tudo. Falei com o Senhor Sedelmayer no Hotel Imperial e também com o Senhor Weissberg, no Ambassadors. Nunca lhe contei, mas eu percebi que seu avô já não era tão forte como antes. Andei sondando. Não é de modo algum extraordinário, quando alguém trabalhou em um hotel por tanto tempo quanto seu avô, não é de modo algum fora do comum, em um certo estágio, que seja designado para um outro tipo de função. De modo que não tenha de se esforçar tanto quanto antes. No Hotel Imperial, há um homem, muito mais velho que seu avô, e o vemos assim que entramos no saguão. Antes ele era o maître, mas, quando ficou velho demais para exercer essa função, foi isso que decidiram. Usa um uniforme esplêndido e fica no canto do saguão, atrás de sua grande mesa de mogno, com um descanso para a caneta-tinteiro. O Senhor Sedelmayer disse que isso funciona muito bem, que ele vale cada centavo que ganha. Os hóspedes, principalmente os regulares, se sentiriam insultados se penetrassem no saguão e não encontrassem o velho sentado atrás de sua mesa. Isso tudo confere muita distinção ao lugar. Bem, pensei em falar com o Senhor Hoffman a esse respeito. Seu avô poderia fazer algo assim. É claro que ganharia menos, mas poderia conservar seu pequeno quarto, já que é tão apegado a ele, e fazer suas refeições no hotel. Talvez pudessem instalá-lo em uma mesa, como no Imperial. Talvez seu avô aceite. Usando um uniforme especial, em alguma parte do saguão. Não quero dizer que isso aconteça imediatamente. Mas dentro em pouco. Ele já não é jovem e este foi

um aviso. Não podemos ignorá-lo. Não ganharemos nada fingindo não percebê-lo.

Sophie fez uma pausa. A essa altura, eu dirigia para a beira da floresta. O céu tornou-se da cor púrpura.

— Não se preocupe — disse Boris —, meu avô vai estar bem. Ouvei Sophie respirar fundo. Depois, ela disse:

— Terá mais tempo livre, também. Não ficará tão atarefado e você poderá passar mais tardes com ele na cidade velha. Ou onde quiser. Mas ele precisará de um bom casaco. Por isso estou trazendo este. Está na hora de eu entregá-lo. Já o guardei por muito tempo.

Ouvei-se um farfalhar e olhei pelo espelho retrovisor. Vi, ao lado de Sophie, o embrulho marrom que continha o sobretudo de seu pai. Nesse ponto, fui obrigado a atrair sua atenção para perguntar o caminho, e ela pareceu se dar conta de minha presença pela primeira vez desde que partíramos. Inclinou-se à frente e disse perto de meu ouvido:

— Estava preparada para que algo assim acontecesse. Falarei logo com o Senhor Hoffman.

Murmurei algo concordando e acendi os faróis altos quando penetramos na escuridão da floresta.

— Há pessoas — disse Sophie —, que simplesmente se comportam como se tivessem todo o tempo do mundo. Nunca fui capaz de ser assim.

Durante os minutos seguintes, ela permaneceu em silêncio, mas sentia sua presença bem próxima, e, não sei bem por que, me peguei esperando sentir o toque de seus dedos em meu rosto. Então, ela disse calmamente:

— Eu me lembro. Depois que mamãe morreu. Como ficamos sós. Relanceei os olhos para ela, através do espelho retrovisor.

Continuava inclinada para a frente, mas seu olhar estava fixo na floresta lá fora.

— Não se preocupe — disse ela baixinho, e o embrulho tornou a farfalhar. — Providenciarei para que dê tudo certo. Para nós três. Cuidarei disso.

Parei o carro em um pequeno estacionamento atrás da sala de concerto. Havia uma porta à nossa frente, com uma lâmpada em cima, ainda acesa, mas não era a mesma que eu usara antes. Saltei do carro e apressei-me em sua direção. Ao olhar rapidamente para trás, Boris ajudava a mãe a sair do carro. Mantinha uma mão protetoramente às suas costas quando se dirigiram às pressas ao prédio. A maleta de médico que ele segurava com a outra mão batia desajeitadamente em suas pernas.

A porta nos conduziu a um grande corredor circular e, quase que imediatamente, fomos obrigados a dar passagem a um carrinho de comida empurrado por dois homens. A temperatura estava um pouco mais quente que antes — agora, possivelmente, abafada —, mas notei dois músicos, em trajes a rigor, conversando

afavelmente em uma porta e percebi, com alívio, que não estávamos muito longe de onde eu deixara Gustav.

A medida que os conduzia, o corredor tornava-se cada vez mais apinhado de membros da orquestra. A maioria já estava vestida para a apresentação, mas a atmosfera continuava a parecer frívola. Gritavam e riam mais que nunca no corredor e, a certa altura, quase colidimos com um homem que surgiu de um camarim, segurando um violoncelo como se fosse um violão. Alguém disse:

— Oh, é o Senhor Ryder, não é? Já nos encontramos antes. Lembra-se de mim?

Um grupo de uns cinco homens, que vinha da direção oposta, se deteve e olhou para nós. Estavam vestidos a rigor e percebi imediatamente que estavam bêbados.

O homem que falara segurava um buquê de rosas e, ao se dirigir a mim, agitou-o descuidadamente.

— Outra noite, no cinema — disse ele. — O Senhor Pedersen nos apresentou. Como vai? Meus amigos me disseram que fui grosseiro naquela noite e que lhe devo desculpas.

— Oh, sim — disse eu, reconhecendo o homem. — Como vai? É um prazer revê-lo. Infelizmente tenho algo urgente a fazer...

— Espero não ter sido grosseiro — disse o homem bêbado, vindo diretamente a mim, até seu rosto tocar no meu. — Nunca tenho a intenção de ser rude.

Nesse momento, todos os seus companheiros emitiram ruídos de uma hilaridade reprimida.

— Não, não foi grosseiro de modo algum — eu disse. — Mas agora me desculpe, tenho de...

— Estávamos procurando — disse o homem bêbado — o maestro. Não, não o senhor. Nosso próprio maestro. Nós lhe trouxemos flores. Como prova de nosso respeito. Sabe onde podemos encontrá-lo?

— Infelizmente não faço idéia. Não... não acho que o encontrem aqui neste exato momento.

— Não? Ainda não chegou? — O homem bêbado virou-se para seus amigos. — Nosso maestro ainda não chegou. O que acham? Depois, para mim: — Temos flores para ele. — Balançou o buquê e algumas pétalas caíram no chão. — Uma prova de afeição e respeito do conselho municipal. E um pedido de desculpa, evidentemente. Nós o interpretamos mal durante muito tempo. — Houve mais sons de risadas reprimidas. — Ainda não chegou. Nosso amado maestro. Bem, neste caso, é melhor conversar mais um pouco com estes músicos. Ou, quem sabe, voltar ao bar. O que acham, amigos?

Vi Sophie e Boris observando com impaciência.

— Com licença — murmurei e me pus a caminho. Atrás de nós, os homens irromperam em mais risadas abafadas, mas decidi não olhá-los.

O local foi ficando cada vez mais silencioso e então vimos, à nossa frente, o final do corredor e os carregadores amontoados do lado de fora do camarim. Sophie acelerou o passo, mas se deteve quando estávamos quase chegando. Os carregadores, por sua vez, notando nossa aproximação, abriram caminho rapidamente e um deles — um homem magro, mas rijo, de bigode, que reconheci do Hungarian Café — veio na nossa direção. Parecia inseguro e, inicialmente, dirigiu-se somente a mim.

-

— Ele está resistindo bem. Está agüentando bem. — Então, virou-se para Sophie e, baixando o olhar, murmurou: — Está suportando bem, Senhorita Sophie.

Sophie não respondeu logo, ficou simplesmente encarando a porta do camarim ligeiramente entreaberta, atrás dos carregadores. Então, disse repentinamente, como que para justificar sua presença:

— Trouxe uma coisa para ele. Aqui está. — Ergueu o embrulho.

— Trouxe isto para ele.

Alguém chamou de dentro do camarim e outros dois carregadores apareceram na soleira. Sophie não se moveu e, por um instante, ninguém parecia saber o que dizer ou fazer. Boris avançou, com a maleta preta suspensa à sua frente.

— Por favor, senhores — disse ele. — Abram caminho. Fiquem de lado, por favor.

Afastou os carregadores da porta. Os dois homens na soleira permaneceram onde estavam, parecendo confusos, e Boris fez um gesto de impaciência.

— Senhores, aqui, por favor!

Tendo esvaziado o espaço diante da porta do camarim, Boris relanceou os olhos para sua mãe. Sophie avançou alguns passos, depois, tornou a parar. Seus olhos fixavam a porta — os dois carregadores a haviam deixado metade aberta —, com apreensão. De novo, ninguém parecia saber o que fazer e foi Boris quem, novamente, quebrou o silêncio.

— Mãe, espere aqui, por favor — disse ele e se virou, desaparecendo no camarim.

Sophie relaxou visivelmente. Deu mais alguns passos à frente e se curvou, de um modo quase indiferente, tentando ver dentro do camarim. Como Boris praticamente fechara a porta ao passar, endireitou o corpo e ficou esperando, como se estivesse no ponto de ônibus, com o embrulho nos braços.

Boris tornou a aparecer depois de alguns minutos. Ainda carregando sua maleta de médico, fechou a porta com cuidado atrás de si.

— Meu avô disse que está muito contente por termos vindo disse ele calmamente, olhando para a mãe. — Está muito

contente. Continuou olhando para o rosto da mãe e fiquei intrigado com a maneira como fazia isso. Então, percebi que esperava que Sophie lhe passasse uma mensagem para ser transmitida ao avô e, ela, depois de pensar um pouco, disse:

— Diga-lhe que lhe trouxe algo. Um presente. Que vou levar-lhe daqui a pouco. Estou... estou aprontando-o.

Quando Boris tornou a desaparecer dentro do camarim, Sophie colocou o sobretudo sobre o braço e se pôs a alisar as dobras do embrulho marrom. Talvez tenha sido a falta de sentido desse movimento, mas o fato é que, nesse momento, me lembrei, repentinamente, das várias outras obrigações que tinha de cumprir. Por exemplo, de que ainda tinha de inspecionar as condições do auditório e que as chances de fazer isso em um nível satisfatório se reduziam a cada minuto.

— Estarei de volta logo — disse eu a Sophie. — Há algo que tenho de providenciar.

Ela continuou a cuidar do embrulho e não respondeu. Eu ia repetir o que havia dito em voz mais alta, porém, achei melhor não chamar muita atenção sobre mim, e apressei-me a ir em busca de Hoffman.

Havia avançado um pouco pelo corredor quando vi uma agitação à minha frente. Umas dez pessoas se empurravam, gritando e gesticulando, e a primeira coisa que me ocorreu foi que, com a tensão crescente, uma briga fora desencadeada entre o pessoal da cozinha. Então, notei que toda aquela gente, uma mistura curiosa de pessoas, se movia lentamente na minha direção. Algumas estavam em traje a rigor, enquanto outras — usando anoraques, capas de chuva e jeans — pareciam ter vindo diretamente da rua. Alguns membros da orquestra também se juntaram ao grupo.

Um dos homens, o que gritava mais alto, me pareceu familiar e tentava lembrar onde o tinha visto quando o ouvi protestar:

— Senhor Brodsky, devo insistir!

Reconheci, então, o cirurgião grisalho que conhecera mais cedo, na floresta, e percebi que, no centro do grupo, avançando vagarosamente com uma determinação obstinada, estava Brodsky. Estava lívido. A pele do rosto e do pescoço estava branca e assustadoramente enrugada.

— Mas ele disse que está bem! Por que não o deixa decidir? gritou um homem de meia-idade, de smoking. Imediatamente suas palavras foram endossadas por várias vozes, às quais se uniu um coro de protesto.

Enquanto isso, Brodsky continuava a avançar lentamente, ignorando toda a agitação à sua volta. À primeira vista, parecia estar sendo sustentado pelo grupo, mas, ao chegar mais perto, vi que

andava sozinho, com a ajuda de uma muleta. Havia algo nessa muleta que me levou a examiná-la mais atentamente. Percebi que, de fato, era uma tábua de passar roupa que ele apoiava, verticalmente e fechada, sob a axila.

Enquanto eu observava aquele espetáculo, as pessoas me viam e iam se silenciando, respeitosamente, uma por uma, de modo que, quanto mais se aproximavam, mais o silêncio se impunha. O cirurgião, entretanto, continuava a gritar.

— Senhor Brodsky! Seu corpo sofreu um choque muito grave. Devo realmente insistir para que se sente e relaxe!

Brodsky olhava para baixo, extremamente concentrado em cada passo que dava, e não me viu de imediato. Finalmente, sentindo uma mudança ao seu redor, ergueu os olhos.

— Ah, Ryder — disse ele. — Aqui está você.

— Senhor Brodsky, como está se sentindo?

— Estou bem — disse calmamente.

A multidão afastou-se um pouco e ele percorreu a distância restante até mim com mais facilidade. Quando elogiei a rapidez com que dominara o uso da muleta, ele olhou para a tábua de passar roupa, como se só agora voltasse a percebê-la.

— O homem que me trouxe — disse ele — casualmente tinha esta coisa na parte de trás de sua caminhonete. Não é tão ruim. É sólida, posso caminhar bem com ela. O único problema, Ryder, é que, às vezes, ela dá de abrir. Assim.

Ele a balançou e, efetivamente, a tábua começou a abrir. Segurando-a rapidamente, ele impediu que se abrisse mais, contudo percebi como esse abrir repetido, mesmo que só um pouquinho, provocava-lhe uma extrema irritação.

— Preciso de um cordão — disse Brodsky, lamentando-se. Alguma coisa assim. Mas agora não há tempo.

Quando olhei para onde apontava, não pude deixar de encarar espantado a perna esquerda de sua calça, amarrada com um nó logo abaixo da coxa.

— Senhor Brodsky — eu disse, forçando-me a erguer os olhos —, o senhor não pode estar se sentindo tão bem. Está com forças para reger a orquestra esta noite?

— Sim, sim. Eu me sinto bem. Regerei e será... será magnífico. Exatamente como sempre acreditei que seria. E ela verá, com seus próprios olhos, e escutará com seus próprios ouvidos. Durante estes anos todos, não fui tão idiota. Durante todos estes anos, conservei isso em mim, esperando. Ela me verá esta noite, Ryder. Será grandioso.

— Refere-se à Senhorita Collins? Mas ela virá?

— Ela está vindo, está vindo. Oh, sim, sim. Ele fez o possível para detê-la, amedrontá-la, mas ela virá, oh, sim. Agora percebo o jogo dele. Ryder, fui ao apartamento dela, caminhei por uma longa distância, foi difícil, mas, por fim, este homem apareceu, este bom homem — Brodsky olhou em volta e acenou ligeiramente para alguém.

— Ele passou, tinha uma caminhonete. Fomos ao apartamento dela, bati à porta, bati várias vezes. Alguém, um vizinho, pensou que fosse como antes. Você sabe. Eu costumava fazer isso, bater várias vezes, à noite, e eles acabavam chamando a polícia. Mas eu disse, não, idiota, não estou bêbado. Sofri um acidente e, agora, estou sóbrio, posso entender tudo. Gritei tudo isso a ele, o vizinho, um homem velho e gordo. Agora percebo tudo, tudo que ele vem fazendo durante este tempo todo, foi isso que gritei. Então, ela veio à porta, ela mesma, ela se aproximava da porta e me escutou falar com o vizinho. Pude vê-la pela vidraça, sem saber o que fazer, e aí, me esqueci do vizinho e comecei a falar com ela. Ela ouviu, mas não abriu a porta imediatamente. Mas, então, eu disse, ouça, sofri um acidente, e ela abriu a porta. Onde está o alfaiate? Aonde ele foi? Já devia estar com meu paletó pronto. — Brodsky olhou em volta e uma voz, lá no fundo, disse:

— Ele não demora, Senhor Brodsky. De fato, aqui está ele.

Um homem baixinho apareceu com uma fita métrica e começou a tirar as medidas de Brodsky.

— O que é isso? O que é isso? — murmurou Brodsky, com impaciência. — Depois, me disse: — Não tenho terno. Eles têm um pronto, dizem que foi entregue em minha casa. Quem pode saber? Sofri o acidente, não sei onde está. Terão de me dar um novo. Um smoking, nesta noite quero o melhor. Ela vai ver o que eu pretendi durante todos estes anos.

— Senhor Brodsky — disse eu —, está me falando da Senhorita Collins? Está dizendo que, afinal, conseguiu convencê-la a

vir?

— Oh, ela virá. Prometeu. Não faltará com a palavra uma segunda vez. Não foi ao cemitério. Fiquei esperando e ela não foi. Mas não foi culpa dela. Foi ele, o gerente do hotel, ele a assustou. Mas eu disse a ela que agora era tarde demais para ter medo. Sentimos medo durante toda nossa vida e agora temos de ser corajosos. De início, ela não escutou. Ficava dizendo "O que fez?". Não se comportava como sempre. Estava quase chorando, com as mãos no rosto, quase chorando, sem nem mesmo se importar com que os vizinhos escutassem. No silêncio da noite, ela só dizia Leo, Leo, sim, agora me chama assim, Leo, o que fez com sua perna? Há sangue. E eu respondi, não é nada, não importa. Um acidente, mas um médico estava passando, isso agora não importa, muito mais importante é que você tem de ir ao concerto. Não dê ouvidos àquele desgraçado do hotel, àquele... àquele garoto de recados. Temos pouco tempo. Esta noite, ela verá o que eu sempre quis dizer. Durante todos estes anos não fui o tolo que ela pensou que eu fosse. Ela ficou dizendo que não viria, que não estava pronta e que, além disso, as feridas se reabririam. E eu respondi que não desse ouvidos ao garoto de recados, aquele porteiro de hotel, que era tarde demais para isso. E ela apontou para minha perna e perguntou o que tinha acontecido, que estava sangrando e eu disse que não tinha importância e, então, gritei. Não importa, gritei. Não entende? Preciso que você vá! Tem de ir! Tem de ver por si mesma, tem de ir! Então, deu para perceber que ela tinha entendido que eu falava sério. Pude ver em seus olhos como as coisas mudavam, como o medo desaparecia, como algo revivia e, finalmente, soube que vencera e que aquele limpador de banheiros de hotel tinha perdido.

Depois perguntei, agora com calma: "Você irá?" Ela assentiu, também calmamente, com a cabeça e soube que podia confiar nela. Nenhuma sombra de dúvida, Senhor Ryder. Ela assentiu e eu soube que podia confiar nela, por isso, me virei e vim embora. Vim para cá, este bom homem, onde está?, me trouxe em sua caminhonete. Mas eu teria caminhado. Agora, não há nada de errado comigo.

— Mas, Senhor Brodsky — eu disse —, tem certeza de que está em condições de subir ao palco? Afinal, sofreu um horrível acidente...

Não tive a intenção, mas minha retomada do assunto surtiu o efeito de desencadear uma nova rodada de gritarias. O cirurgião avançou, abrindo caminho, e, levantando a voz acima de todos, bateu com o punho na mão, para dar mais ênfase.

— Senhor Brodsky, eu insisto! Nem que seja por minutos, deve relaxar!

— Estou bem, estou bem, deixem-me em paz! — gritou Brodsky e se pôs a andar. Então, virando-se para mim, que tinha ficado parado, gritou: — Se vir o garoto de recados, diga-lhe que estou aqui. Diga isso a ele. Ele achou que eu nunca chegaria, acha que sou titica de cachorro. Diga-lhe que estou aqui. Veja como ele reagirá.

— Com isso, desapareceu no corredor, perseguido pela multidão que discutia.

Segui na direção oposta, procurando algum sinal de Hoffman. Havia menos membros da orquestra pelo corredor e vários

camarins estavam fechados. A certa altura, pensei em voltar e espreitar pelas portas que estavam abertas, mas então avistei, mais adiante, a figura de Hoffman.

Estava de costas para mim e andava devagar, com a cabeça baixa. Embora eu estivesse muito longe para escutá-lo, era evidente que repetia as frases de seu discurso para si mesmo. Quando cheguei mais perto, ele tropeçou repentinamente. Pensei que ia cair, mas percebi que praticava, mais uma vez, o movimento curioso que o vira fazer no espelho do camarim do Senhor Brodsky. Dobrou o corpo para a frente, ergueu os braços, com os cotovelos para fora, e começou a bater na testa com o punho.

Ainda estava assim quando me aproximei por trás e tossi. Hoffman se ergueu com um susto e se virou para mim.

— Ah, Senhor Ryder. Por favor, não se preocupe, tenho certeza de que o Senhor Brodsky chegará a qualquer momento.

— Realmente, Senhor Hoffman. Se estava ensaiando o discurso de desculpas pelo não comparecimento do Senhor Brodsky, fico satisfeito em lhe informar que não será necessário. O Senhor Brodsky está aqui fiz um gesto apontando para o extremo do corredor. — Ele acaba de chegar.

Hoffman ficou atônito e, por um segundo, completamente paralisado. Então, se recompôs e disse:

— Ah. Ótimo. Que alívio. Mas é claro que eu sempre estive... estive sempre confiante. — Riu, olhando o corredor de cima

a baixo, como se esperasse ver Brodsky. Tornou a rir e disse: — Bem, é melhor eu ir vê-lo.

— Senhor Hoffman, antes disso, gostaria que me desse notícias de meus pais. Acredito que agora estejam neste prédio. E, quanto à sua idéia da carruagem e dos cavalos, acho que a escutei ao passar, mais cedo, pela frente do edifício, acredito que tenha causado o impacto esperado.

— Seus pais? — Hoffman pareceu confuso novamente. Pôs a mão em meu ombro e disse: — Ah, sim. Seus pais. Deixa eu ver.

— Senhor Hoffman, confiei em que o senhor e seus colegas dariam toda assistência a meus pais. Nenhum dos dois goza de excelente saúde...

— Claro, claro. Não há razão para se preocupar. É que, com tantas coisas a providenciar, o Senhor Brodsky um pouco atrasado, embora me diga que ele apareceu... Ha, ha... — Calou-se e observou o corredor mais uma vez. Perguntei friamente:

— Senhor Hoffman, onde estão meus pais neste momento? Faz alguma idéia?

— Ah. Neste exato momento, para ser franco, eu mesmo não... Mas posso lhe assegurar que estão em mãos seguras. Evidentemente, eu adoraria cuidar pessoalmente de cada detalhe da noite, mas deve entender... Ha, ha. Senhorita Stratmann. Ela saberá onde seus pais estão exatamente. Foi instruída a se manter atenta à situação em relação aos seus pais. Não que exista o risco de lhes faltar qualquer assistência enquanto estiverem conosco. Pelo

contrário, tive de pedir à Senhorita Stratmann que tomasse cuidado para que não se sentissem exaustos por causa da hospitalidade que, inevitavelmente, os cercaria por tudo que é lado...

— Senhor Hoffman, já entendi que não faz a menor idéia de onde estão neste momento. E onde está a Senhorita Stratmann?

— Oh, tenho certeza de que está em algum lugar por aqui. Senhor Ryder, vamos ver como está o Senhor Brodsky. Não tenho dúvida de que logo cruzaremos com a Senhorita Stratmann. Talvez ela esteja no escritório. Em todo caso — adotou, subitamente, um comportamento mais autoritário —, não ganharemos nada ficando aqui parados.

Avançamos juntos pelo corredor. Enquanto andávamos, Hoffman deu a impressão de recuperar a compostura e disse com um sorriso:

— Agora, podemos ter certeza de que tudo correrá bem. O senhor parece um homem que sabe exatamente o que está fazendo. E com o Senhor Brodsky aqui, está tudo perfeito. Tudo correrá conforme o planejado. Uma noite esplêndida nos aguarda.

Então, seu andar se modificou e notei que olhava surpreso para algo à nossa frente. Seguindo seu olhar, vi Stephan no meio do corredor, com a expressão perturbada. O rapaz nos viu e veio rapidamente na nossa direção.

— Boa noite, Senhor Ryder — disse ele. Depois, baixando a voz, disse a Hoffman: — Pai, queria lhe falar.

— Estamos muito ocupados, Stephan. O Senhor Brodsky acabou de chegar.

— Sim, eu soube. Mas é algo que tem a ver com minha mãe.

— Ah. Sua mãe.

— Ela continua no foyer e vou me apresentar em quinze minutos. Acabei de vê-la, andando a esmo pelo foyer, e eu lhe disse que subiria ao palco daqui a pouco e ela respondeu: "Bem, querido, preciso fazer algumas coisas. Tentarei assistir pelo menos ao final de sua apresentação, mas antes tenho de tratar de umas coisas." Foi o que ela disse, mas não parecia tão ocupada. Está realmente na hora de você e minha mãe se sentarem. Faltam menos de quinze minutos.

— Sim, sim, estarei lá em um instante. E sua mãe, estou certo de que fará logo o que tem a fazer. Por que se preocupar tanto? Volte ao camarim e se apronte.

— Mas o que minha mãe tem de fazer no foyer? Ela só fica ali, em pé, conversando com quem passa casualmente. Não demora e só restará ela no saguão. As pessoas estão se sentando.

— Acredito que ela esteja esticando um pouco as pernas antes de se acomodar para o evento. Agora, Stephan, acalme-se. Tem de começar a noite bem. Estamos todos contando com você.

O jovem refletiu sobre isso, e de repente pareceu se lembrar de mim.

— Foi muito gentil, Senhor Ryder — disse ele com um sorriso. — Seu estímulo foi inestimável.

— Seu estímulo? — Hoffman me olhou pasmo.

— Oh, sim — disse Stephan. — O Senhor Ryder foi extremamente generoso tanto em tempo quanto em elogio. Escutou-me e me encorajou como não me acontecia há anos.

Hoffman olhava de um para o outro de nós, com um sorriso de incredulidade nos lábios. Então, disse para mim:

— Passou tempo escutando Stephan tocar? Ele?

— Sim, realmente. Tentei lhe contar certa vez, Senhor Hoffman. Seu filho é extremamente talentoso e, independente do que acontecer esta noite, estou certo de que sua atuação causará sensação.

— Como? Acha isso mesmo? Mas o fato é que Stephan... ele... ele... — Hoffman começou a ficar confuso e com uma risada rápida deu um tapinha nas costas do filho.

— Bem, Stephan, parece que tem algo para nós.

— Espero que sim, pai. Mas minha mãe ainda está no foyer. Talvez esteja esperando você. Quer dizer, sempre é constrangedor uma mulher entrar sozinha em uma ocasião como esta. Talvez seja isso o que esteja acontecendo. Assim que entrar e se sentar, ela se juntará a você. Agora, falta muito pouco tempo.

— Muito bem, Stephan, cuidarei disso. Não se preocupe. Volte ao camarim e se apronte. O Senhor Ryder e eu temos de tratar de algumas coisas.

Apesar de Stephan continuar a parecer insatisfeito, seguimos nosso caminho, deixando-o só.

— Devo avisá-lo, Senhor Hoffman — disse eu, depois de termos avançado um pouco no corredor. — Talvez o Senhor Brodsky assuma uma atitude um tanto hostil em relação... bem, em relação ao senhor.

— Em relação a mim? — Hoffman pareceu surpreso.

— Quer dizer, quando o vi agora há pouco, demonstrou estar aborrecido com o senhor. Parecia estar ressentido. Achei que devia saber disso.

Hoffman resmungou alguma coisa que não consegui entender. Enquanto o corredor continuava sua curva gradual, o que obviamente era o camarim de Brodsky — uma pequena multidão flanava no lado de fora — surgiu diante de nós. O gerente diminuiu o passo até parar totalmente.

— Senhor Ryder, refleti sobre o que Stephan acabou de dizer. Pensando melhor, acho que devo procurar minha esposa. Certificar-me de que está bem. Afinal, os nervos em uma noite como esta, o senhor entende.

— É claro.

— Por isso, me perdoará. Mas me perguntava se poderia lhe pedir para verificar se está tudo correndo bem com o Senhor Brodsky. Quanto a mim, bem, eu realmente — consultou o relógio —, está na hora de sentar no meu lugar. Stephan tem razão.

Hoffman deu uma risada breve e se apressou na direção da qual tinha vindo.

Esperei até que estivesse fora de vista, e me aproximei do grupo diante da porta de Brodsky. Algumas pessoas pareciam estar ali por simples curiosidade, enquanto outras argumentavam calorosamente, em um tom de voz abafado. O cirurgião grisalho rondava perto da porta, ressaltando algo para um membro da orquestra, agitando a mão repetidamente, de uma maneira exasperada, na direção do interior do camarim. Fiquei surpreso ao ver que a porta estava completamente aberta, e, quando me aproximei, o alfaiate baixinho, que vira antes, colocou a cabeça para fora e gritou:

— O Senhor Brodsky quer uma tesoura. Uma tesoura grande! Alguém se afastou correndo e o alfaiate tornou a desaparecer no camarim. Forcei passagem e olhei lá dentro.

Brodsky estava de costas para a porta, examinando sua aparência no espelho. Vestia o paletó do smoking, cujas ombreiras o alfaiate apertava e puxava. Também já estava com a camisa, mas sem a gravata-borboleta.

— Ah, Ryder — disse ao ver meu reflexo. — Entre, entre. Sabe, faz muito tempo que não visto este tipo de roupa.

Parecia muito mais calmo do que quando o encontrara mais cedo e me lembrei do ar autoritário que demonstrara no cemitério, no momento em que apareceu diante dos que acompanhavam o funeral.

— Bem, Senhor Brodsky — disse o alfaiate, se aprumando, e durante alguns segundos os dois ficaram examinando o paletó no espelho. Então, Brodsky balançou a cabeça.

— Não, não. Aperte mais um pouco — disse ele. — Aqui e aqui. Há muito pano.

— Só vai levar um instantinho, Senhor Brodsky. — O alfaiate tirou imediatamente o paletó e, me fazendo uma rápida medida ao passar, desapareceu no lado de fora.

Brodsky continuou a olhar seu reflexo no espelho, tocando pensativamente no colarinho de ponta virada. Depois, pegou um pente e ajeitou o cabelo — que havia sido friccionado, como notei, com uma loção brilhante.

— Como está se sentindo? — perguntei, chegando mais perto dele.

— Ótimo — respondeu devagar, continuando a ajeitar o cabelo.

— Agora, eu me sinto bem.

— E sua perna? Tem certeza de poder reger com um ferimento tão sério?

— Minha perna não é nada. — Largou o pente e observou o efeito.

— Não estava tão mal como parecia. Agora, estou bem.

Quando Brodsky disse isso, pude ver, no espelho, o cirurgião que permanecera perto da porta o tempo todo — dar um passo para dentro do camarim, com a expressão de quem não consegue mais se conter. Mas, antes de ele poder dizer qualquer coisa, Brodsky gritou para o espelho, com uma certa ferocidade:

— Agora, estou bem! O ferimento não é nada!

O cirurgião recuou para o vão da porta, mas continuou a encarar irritado as costas de Brodsky.

— Mas Senhor Brodsky — disse eu com calma —, o senhor perdeu um membro. Isso não é uma questão tão rotineira.

— Perdi um membro, é verdade. — Brodsky continuou a arrumar o cabelo. — Mas isso foi há anos, Ryder. Há muitos anos. Possivelmente, quando eu era uma criança. Foi há tanto tempo que quase não me lembro mais. Esse médico idiota não percebeu. Fui pego por aquela bicicleta, mas foi só a perna artificial que ficou presa. O idiota não percebeu nem mesmo isso. E se diz um cirurgião! Minha vida inteira, Ryder, parece ter sido assim, sem essa perna. Quanto tempo faz? A gente começa a esquecer quando chega na minha idade. Nem mesmo se preocupa mais com isso. O ferimento torna-se um velho amigo. É claro que o incomoda de vez em quando, mas vivo com ele há tantos anos. Deve ter acontecido quando eu era pequeno. Talvez um acidente na estrada de ferro. Na

Ucrânia, ou em qualquer outro lugar. Talvez na neve. Quem sabe? Agora não importa. A sensação que tenho é a de que foi assim durante toda minha vida. Somente uma perna. Não é tão ruim. A gente supera. Esse médico idiota. Serrou a perna de madeira. Sim, havia sangue, ainda sangra, por isso preciso de uma tesoura, Ryder. Pedi uma tesoura. Não, não, não para o ferimento. A perna da calça, me referi à perna da calça, esta aqui. Como posso reger com a perna de calça oscilando vazia dessa maneira? Mas o idiota do médico, esse acadêmico residente, cortou a de pau, o que posso fazer? Tenho de — fez o gesto de uma tesoura cortando a calça logo abaixo de seu joelho —, tenho de fazer alguma coisa. Tornar isso o mais elegante possível. Esse idiota não apenas arruinou minha perna de pau, como também esfolou o coto. Há anos não sangrava assim. Que idiota, e com a cara tão séria.

Ele se acha um homem muito importante, e serrou minha perna de pau. Cortou a ponta de meu coto. Não é de admirar que continue a sangrar. Sangra para tudo que é lado. Mas eu a perdi há muitos anos. Há muitos e muitos anos, é como parece. Tive toda uma vida para me habituar a isso. E agora vem esse idiota com a serra e está sangrando de novo.

— Olhou para baixo e esfregou alguma coisa no chão com o sapato.

— Mandei trazerem uma tesoura. Minha aparência tem de estar a melhor possível, Ryder. Não sou um homem vaidoso. Não faço isso porque sou vaidoso. Mas um homem precisa ter a aparência decente em uma hora como essa. Ela vai me ver, se lembrará da noite de hoje por todos os anos que nos restam viver. E

a orquestra é uma boa orquestra. Veja isso. — Estendeu o braço e ergueu uma batuta na direção da luz. — Uma boa batuta. Pode-se dizer que há uma sensação particular. Sabe, isso é fundamental. Para mim, o ponto é sempre importante. O ponto tem de ser exato. — Olhou para a batuta. — Faz muito tempo, mas não estou com medo. Hoje, mostrarei para eles todos. Não decepcionarei. Vou conseguir. Como você diz, Ryder. Max Sattler. Mas como esse homem é um idiota! Um palerma! Esse porteiro de hospital!

Brodsky gritou estas últimas palavras, para o espelho, com um certo prazer, e vi o cirurgião — que ficara olhando da porta com uma expressão assombrada — retirar-se envergonhado.

Depois que o cirurgião finalmente desapareceu, Brodsky pela primeira vez manifestou sinais de tensão. Fechou os olhos e inclinou-se para um lado, na cadeira, respirando com dificuldade. Mas, no momento seguinte, um homem irrompeu no camarim, estendendo uma tesoura.

— Ah, finalmente — disse Brodsky, pegando-a. Depois que o homem saiu, colocou a tesoura na prateleira em frente do espelho e começou a se levantar. Usou as costas da cadeira para se apoiar, depois, estendeu a mão para a tábua de passar roupa, encostando-se na parede ao lado do espelho. Avancei para ajudá-lo, mas, com uma agilidade surpreendente, alcançou a tábua de passar sem qualquer ajuda e a pôs sob o braço.

— Sabe — disse ele, olhando, com tristeza, para a perna de calça vazia —, tenho de fazer alguma coisa com isso.

— Quer que eu chame o alfaiate de volta?

— Não, não. Ele não vai saber o que fazer. Eu mesmo darei um jeito.

Brodsky continuou a olhar para a perna de calça vazia. Enquanto o observava, lembrei-me dos diversos outros assuntos urgentes que tinha de tratar. Em particular, precisava retornar para junto de Sophie e Boris, e saber como estava Gustav. Era até mesmo possível que alguma decisão crucial em relação a ele estivesse sendo protelada, aguardando meu retorno. Dei uma tossida e disse:

— Se não se incomoda, Senhor Brodsky, tenho de ir. Brodsky continuava a olhar para a perna de calça.

— Hoje à noite vai ser grandioso, Ryder — disse ele calmamente.

— Ela vai ver. Ela verá finalmente.

33

A cena do lado de fora do camarim de Gustav não mudara muito durante o tempo em que eu estivera fora. Os carregadores tinham se afastado da porta e agora comprimiam-se, confabulando em voz baixa, no outro lado do corredor. No entanto, Sophie continuava no mesmo lugar em que a deixara, o embrulho nos braços, olhando para a porta ligeiramente aberta. Ao me ver chegar, um dos carregadores se aproximou e disse em voz baixa:

— Ele ainda está resistindo bem. Mas Josef foi buscar um médico. Decidimos que tínhamos de fazer alguma coisa.

Assenti com a cabeça e perguntei calmamente, olhando na direção de Sophie:

— Ela ainda não entrou?

— Ainda não. Mas estou certo de que entrará daqui a pouquinho. Nós dois a olhamos por um instante.

— E Boris? — perguntei.

— Oh, entrou algumas vezes.

— Algumas vezes?

— Oh, sim. Agora mesmo está lá dentro.

Assenti de novo com a cabeça e fui até Sophie. Ela não havia percebido minha chegada e teve um sobressalto quando toquei em seu ombro. Então, riu e disse:

— Ele está lá. O papai. -Sim.

Ela endireitou um pouco o corpo, inclinando-se para um lado, como se quisesse ver melhor através da porta.

— Não vai lhe dar o casaco? — perguntei. Sophie olhou para o pacote e disse:

— Oh, sim. Sim, sim. Eu estava indo ao... — Calou-se e tornou a se inclinar para um lado. Depois, chamou: — Boris? Boris! Saia por um minuto.

Depois de alguns segundos, Boris surgiu, parecendo calmo, e fechou a porta com cuidado atrás de si.

— Então? — perguntou Sophie.

Boris lançou-me uma olhadela rápida. Depois, virou-se para sua mãe e disse:

— Vovô diz que lamenta. Pedi para que dissesse que lamenta.

— Só isso? Foi tudo que disse?

Por um instante, uma incerteza atravessou a fisionomia do menino. Depois, ele disse, de modo tranqüilizador:

— Vou entrar de novo. Ele vai dizer mais.

— Mas isso foi tudo o que ele disse agora para você? Que lamenta?

— Não se preocupe. Vou entrar de novo.

— Espere um pouco. — Sophie começou a abrir o embrulho do casaco. — Leve isto para seu avô. Dê para ele. Veja se cai bem. Diga-lhe que posso consertar se for preciso.

Deixou o papel do embrulho cair no chão e estendeu o sobretudo marrom escuro. Boris pegou-o e voltou a entrar no camarim. Talvez por causa do sobretudo — era muito volumoso para os braços do menino —, Boris deixou a porta metade aberta e, logo, um murmúrio de vozes chegou ao corredor. Sophie não se mexeu, mas percebi que tentava entender alguma coisa do que diziam. Atrás

de nós, os carregadores mantinham uma distância respeitosa, mas dava para perceber que também eles olhavam ansiosamente para a porta.

Passaram-se alguns instantes e Boris tornou a aparecer.

— Vovô diz que agradece — disse a Sophie. — Agora está muito feliz. Diz que está muito feliz.

— Foi tudo o que disse?

— Disse que está feliz. Não estava se sentindo confortável antes. Mas agora o casaco chegou, disse que significa muito para ele. Boris relanceou os olhos para trás, depois, de novo para sua mãe. — Ele diz que está feliz com o casaco.

— Foi tudo o que disse? Nada sobre... nada sobre se cai bem nele? Se gosta da cor?

Como eu observava Sophie, não reparei direito no que Boris fez em seguida. Tive a impressão de que não foi nada muito notável. Simplesmente uma pequena pausa, enquanto pensava em uma resposta à dúvida de sua mãe. Mas Sophie gritou inesperadamente:

— Por que está fazendo isso? O menino a olhou confuso.

— Por que está fazendo isso? Sabe do que estou falando. Assim! Assim! — Agarrou Boris pelo ombro e começou a sacudi-lo com violência. — Exatamente como seu avô! — disse ela, virando-se para mim. — Ele o imita! — Depois, para os carregadores, que observavam a cena alarmados. — O avô dele! Foi dele que pegou

isso! Vêem como faz com o ombro? Tão presunçoso, tão convencido. Estão vendo? Exatamente como seu avô! — Encarou Boris e continuou a sacudi-lo. — Oh, então se acha formidável, não? Não se acha? Boris se soltou e deu alguns passos para trás.

— Você viu só? — perguntou-me Sophie. — A maneira como faz isso. É igualzinho ao avô.

Boris afastou-se mais um pouco de nós. Abaixou-se e apanhou do chão a maleta de médico que havia trazido e a manteve, defensivamente, na frente de seu peito. Achei que estava a ponto de cair em prantos, mas no último momento conseguiu se conter.

— Não se preocupe... — começou, então, parou. Ergueu ainda mais a maleta preta em frente ao peito. — Não se preocupe. Eu... eu...

— Desistiu e olhou em volta. A porta do camarim ao lado estava logo atrás dele e o menino se virou rapidamente e desapareceu através dela, batendo-a com força ao passar.

— Está maluca? — eu disse a Sophie. — Ele já está transtornado o suficiente.

Sophie ficou calada por um instante. Depois, soltou um suspiro e se encaminhou à porta por onde Boris desaparecera. Bateu e entrou.

Ouvi Boris falar alguma coisa, mas, apesar de Sophie ter deixado a porta aberta, não consegui entender o que disse.

— Desculpe — escutei Sophie responder. — Não tive intenção. Boris falou mais alguma coisa que não entendi.

— Não, não, está bem — disse Sophie, com calma. — Você tem sido maravilhoso. — Depois de uma pausa, ela disse: — Tenho de falar com seu avô. Tenho de ir.

Boris tornou a falar alguma coisa.

— Sim, está bem — disse Sophie. — Vou lhe pedir para entrar e esperar com você.

O menino, então, começou a dizer algo mais extenso.

— Não, ele não fará isso — Sophie interrompeu, depois de um tempo. — Será gentil com você. Não, eu prometo. Ele será. Vou lhe pedir para vir. Mas agora tenho de ir e falar com seu avô. Antes de o médico chegar.

Sophie saiu do camarim e fechou a porta. Aproximou-se de mim e disse calmamente:

— Por favor, entre e espere com ele. Está transtornado. Tenho de falar com papai. — Antes que eu pudesse me mover, ela colocou a mão em meu braço e disse: — Por favor, seja afetuoso com ele novamente. Como costumava ser. Ele sente muita falta disso.

— Desculpe, mas não sei a que está se referindo. Se está triste é porque você...

— Por favor — disse Sophie. — Talvez a culpa seja minha de tudo o que está acontecendo, mas, por favor, vamos parar com isso agora. Por favor, entre e fique com ele.

— É claro que ficarei — disse eu friamente. — Por que não ficaria? É melhor ir ver seu pai. Provavelmente, ele escutou tudo o que aconteceu ainda há pouco.

Entrei onde Boris se escondera e fiquei surpreso ao ver que não se parecia com nenhum dos outros camarins que vira ao longo do corredor. De fato, parecia mais uma sala de aula, com fileiras bem ordenadas de carteiras e cadeiras e, na frente, um grande quadro-negro. O local era amplo e pouco iluminado, formando sombras densas por tudo que é lado. Boris estava sentado em uma carteira no fundo e relanceou os olhos para mim quando entrei. Eu não disse nada e olhei em volta.

O quadro-negro estava todo rabiscado e fiquei pensando se não teria sido Boris que fizera aquilo. Ao continuar me movendo pelas carteiras vazias, olhando os gráficos e mapas pendurados nas paredes, o menino soltou um suspiro profundo. Relanceei os olhos para ele e vi que havia colocado a maleta preta no colo e tentava, com dificuldade, retirar alguma coisa dela. Finalmente, tirou um livro grande e o colocou sobre a carteira.

Continuei a andar pela sala. Quando tornei a olhar para ele, estava folheando o livro com uma expressão de admiração, e me dei conta de que estava examinando de novo o manual de faz-tudo. Não me sentindo nem um pouco irritado, virei-me para

examinar um cartaz que alertava contra os perigos do mau uso dos solventes. Então, Boris falou:

— Eu gosto muito mesmo deste livro. Mostra tudo.

Tentou falar como que para si mesmo, mas eu havia me afastado de onde ele estava, de modo que foi obrigado a levantar a voz, que soou de uma forma não natural. Resolvi não responder e continuei a andar pela sala.

Depois de algum tempo, Boris, mais uma vez, suspirou profundamente.

— As vezes, a mamãe fica tão nervosa — disse ele.

De novo, não havia sinal de estar se dirigindo necessariamente a mim, por isso não respondi. Além do mais, quando por fim me virei para ele, fingia estar absorto no livro. Andei até o canto oposto da sala e deparei com um papel na parede, onde se lia: "Propriedade Perdida". Havia uma lista comprida de itens, escritos com vários tipos de letras diferentes, com uma coluna para a data, outra para o objeto perdido, e outra para o nome do dono. Não sei bem por que achei-a divertida e fiquei lendo-a por algum tempo. As anotações na parte de cima pareciam ter sido escritas com seriedade — uma caneta, uma peça de xadrez, uma carteira de dinheiro perdidas. Da metade para baixo, os itens iam se tornando jocosos. Alguém alegava ter perdido "três milhões de dólares". Outra anotação era a de "Gengis Khan", que tinha perdido "o Continente Asiático".

— Gosto mesmo deste livro — disse Boris, atrás de mim. Mostra como fazer tudo.

De repente, minha paciência se esgotou, fui rapidamente até ele e bati com a mão na carteira.

— Ouça, por que fica lendo esta coisa? — perguntei. — O que sua mãe lhe disse sobre o livro? Suponho que tenha dito que foi um presente maravilhoso. Pois não foi. Foi isso que ela disse? Que é um presente fantástico? Que o escolhi para você com muito cuidado? Olhe para isto! Olhe para isto! — Tentei arrancar o livro de suas mãos, mas se agarrou a ele, colocando os braços em volta. — É apenas um manual inútil que alguém queria jogar fora. Acha que um livro como este, um troço deste, pode lhe ensinar alguma coisa?

Continuei tentando tirar-lhe o livro, mas Boris, curvando-se sobre a carteira, protegia-o com o corpo. Durante o tempo todo, manteve um silêncio amedrontado. Puxei de novo, decidido a arrancá-lo dele de uma vez por todas.

— Preste atenção, é um presente inútil. Definitivamente inútil. Nenhum pensamento, nenhum afeto foi envolvido. Todas as páginas foram preenchidas com idéias tardias e descuidadas. E você acha que lhe dei algo maravilhoso! Me dá isso! Me dá isso!

Talvez com medo de que o manual se rasgasse, Boris, repentinamente, levantou os braços, e me peguei segurando o livro pela capa. Ele continuou sem pronunciar uma palavra sequer, e senti que minha explosão tinha sido, de certa forma, idiota. Relanceei os olhos para o livro, suspenso em minha mão, e o lancei para o extremo da sala. Bateu em uma carteira e foi parar em algum lugar,

na parte sombria. Senti-me imediatamente mais calmo e respirei fundo. Quando tornei a olhar para ele, estava sentado rigidamente, olhando assustado para onde o manual caíra. Então, levantou-se e correu para pegá-lo.

Entretanto, não estava nem na metade do caminho quando a voz de Sophie chamou, aflita, do corredor.

— Boris, venha cá um momento. Só um minuto.

Boris hesitou, olhando mais uma vez para onde o manual estava, depois, saiu da sala.

— Boris — ouvi Sophie dizer, do lado de fora —, vá perguntar a seu avô como ele está se sentindo agora. Pergunte se quer que faça algum ajuste no casaco. Talvez os botões de baixo estejam errados. Pode abrir com o vento, se ele parar um pouco sobre a ponte. Vá lhe perguntar, mas não fique conversando muito. Só lhe pergunte e saia.

Quando voltei ao corredor o menino já havia desaparecido no camarim de Gustav, e deparei com uma cena familiar: Sophie em pé, tensa, o olhar fixo na porta; os carregadores, um pouco atrás, olhando com a expressão preocupada. Entretanto, havia um quê de desesperança na fisionomia de Sophie, que eu não percebera antes e, de repente, senti um impulso de ternura em relação a ela. Aproximei-me e coloquei o braço em torno de seus ombros.

— É um momento difícil para todos nós — disse eu com ternura.

— Um momento muito difícil.

Comecei a abraçá-la mais forte, porém ela se soltou de mim e continuou encarando a porta. Surpreso com essa reação, disse irritado:

— Ouça, temos de apoiar um ao outro em momentos como este. Sophie não respondeu, e Boris voltou do camarim.

— Vovô disse que o casaco é exatamente o que ele queria e gosta ainda mais dele porque foi a mamãe que deu.

Sophie reagiu exasperada.

— Mas ele não quer que o ajuste? Por que não me diz? O médico está para chegar.

— Ele diz... diz que gosta do casaco. Gosta muito dele.

— Pergunte-lhe sobre os botões de baixo. Se ele continuar parando sobre a ponte, ao vento, eles têm de ser presos direito.

Boris refletiu por um segundo, depois, anuiu com a cabeça e retornou ao camarim.

— Ouça — disse eu a Sophie —, você não parece se dar conta de como estou tenso neste instante. Sabe que subirei ao palco daqui a pouco? Terei de responder a perguntas complexas sobre o futuro desta comunidade. Haverá um placar eletrônico. Percebe o que isso significa? E só fica se preocupando com esses botões e coisas do gênero. Você se dá conta da tensão que estou sofrendo?

Sophie virou-se para mim com uma expressão angustiada, e parecia que ia dizer alguma coisa quando Boris apareceu de novo. Dessa vez, ele encarou seriamente sua mãe, mas não disse nada.

— Então, o que ele disse? — perguntou Sophie.

— Disse que gosta muito do casaco. Disse que lembra um casaco que a mamãe tinha quando era pequena. Alguma coisa em relação à cor. Disse que tinha a figura de um urso. No casaco que a mamãe tinha.

— Preciso ajustá-lo? Por que ele não me responde direto? O médico já vai chegar!

— Parece que você não entende — interrompi. — Há pessoas, ali dentro, que dependem de mim. Haverá um placar eletrônico e tudo. Querem que vá até a ponta do palco depois de cada resposta. Há muita tensão. Parece que você não...

Eu me calei ao perceber que Gustav gritava alguma coisa. Boris retornou imediatamente ao camarim, e, durante o que pareceu muito tempo, eu e Sophie ficamos ali, aguardando que voltasse. Quando finalmente apareceu, não olhou para nenhum de nós dois, passando direto e parando na frente dos carregadores.

— Senhores, por favor. — Fez um gesto convidando-os a entrar.

— Vovô gostaria que todos vocês entrassem. Quer que, agora, todos fiquem com ele.

Boris seguiu na frente e, depois de uma breve hesitação, os carregadores o acompanharam com entusiasmo. Passaram por nós, alguns murmurando uma ou duas palavras, constrangidos, a Sophie.

Quando o último deles havia entrado, olhei para dentro do camarim, mas não consegui ver Gustav por causa do agrupamento de carregadores na entrada. Chegou o som de três ou quatro vozes falando ao mesmo tempo, e eu ia me aproximar mais quando Sophie, repentinamente, me empurrou e entrou. Houve muita agitação e as vozes cessaram.

Fui para a porta. Como os carregadores haviam formado um corredor para dar passagem a Sophie, pude ter uma visão nítida de Gustav deitado sobre o colchão. O sobretudo marrom estava dobrado sobre a parte de cima de seu corpo, na parte superior da manta cinza de que me recordava. Não havia travesseiro e ele estava claramente sem forças para erguer a cabeça, mas olhava para a filha, com um sorriso terno ao redor dos olhos.

Sophie se deteve a dois ou três passos de onde ele estava. Estava de costas para mim, por isso não podia ver sua expressão, mas ela parecia o estar encarando. Depois de instantes de silêncio, Sophie disse:

— Lembra-se daquele dia em que foi à escola? Quando chegou com meu kit de natação? Eu o havia esquecido em casa e passado a manhã toda muito triste, pensando no que fazer e, então, você chegou com a sacola azul, a que tinha a alça de corda, e entrou direto na sala de aula. Você se lembra, papai?

— Agora, este casaco vai me aquecer — disse Gustav. — Era disso que eu precisava.

— Você só tinha meia hora, de modo que chegou correndo do hotel. Entrou na sala de aula segurando a sacola azul de natação.

— Sempre tive muito orgulho de você.

— Eu tinha passado a manhã toda tão preocupada. Só pensando no que ia fazer.

— Este é um casaco muito bom. Veja só a gola. E é de couro mesmo.

— Com licença — disse uma voz perto de mim e, ao me virar, deparei com um jovem de óculos e uma maleta de médico, forçando passagem. Logo atrás dele havia outro carregador que reconheci do Hungarian Café. Os dois entraram no camarim e o médico jovem foi rapidamente para perto de Gustav, ajoelhou-se ao lado dele e começou a examiná-lo.

Sophie olhou intrigada para o médico. Depois, como se percebendo que agora era a vez de outra pessoa receber a atenção de seu pai, recuou alguns passos. Boris aproximou-se dela e, por um momento, estavam juntos, quase se tocando, mas Sophie não pareceu reparar no menino, e continuou olhando para as costas do médico curvadas sobre seu pai.

Somente nesse ponto, repentinamente me lembrei das várias coisas que precisavam ser providenciadas antes de minha apresentação, e me ocorreu que, o médico tendo chegado, o

momento era perfeito para que eu saísse furtivamente. Recuei silenciosamente, saindo para o corredor, e estava para ir em busca de Hoffman quando senti um movimento atrás de mim e alguém agarrar meu braço rudemente.

— Aonde pensa que vai? — Sophie perguntou com um sussurro irado.

— Sinto muito, mas você realmente não compreende. Tenho muito o que fazer. Vai ter um placar eletrônico, essas coisas todas. Há muita coisa dependendo de mim. — Falei o tempo todo tentando me livrar de sua mão me agarrando.

— Mas e Boris? Ele precisa de você. Nós dois precisamos de você aqui.

— Ouça, você obviamente não faz a menor idéia! Meus pais, não entende? Meus pais estão para chegar a qualquer momento! Há milhares de coisas que tenho de fazer! Não tem idéia, evidentemente não faz a menor idéia! — Finalmente consegui me soltar. — Ouça, eu voltarei — gritei em um tom conciliador, por cima dos ombros, enquanto me afastava às pressas. — Voltarei assim que puder.

34

Ainda percorria com pressa o corredor, quando percebi várias figuras em fila, encostadas à parede. Relanceando os olhos

para elas, vi que todas usavam macacões, uniforme da cozinha, e até onde pude perceber, cada uma esperava sua vez de entrar em um pequeno armário preto. Cada vez mais curioso, atrasei o passo e, por fim, andei na sua direção.

O armário, agora podia ver, era alto e estreito, como uma despensa de vassouras, fixo à parede, a mais ou menos meio metro do chão, alcançado por uma pequena escada.

Pelo comportamento da fila supus que contivesse um mictório ou, talvez, um bebedouro. Mas ao chegar mais perto, vi que o homem que estava no degrau superior curvava-se para a frente, com o traseiro projetado, e, ao que tudo indicava, era como se revolvesse seu conteúdo. Enquanto isso, os outros gesticulavam e gritavam impacientemente para que ele passasse logo a vez. Então, quando o homem saiu do armário e olhava com atenção para o degrau de cima, alguém soltou uma exclamação e apontou na minha direção. Todos se viraram para mim e, no momento seguinte, a fila tinha se dissolvido, todos se afastando para me darem lugar. O homem desceu a escadinha o mais rápido que pôde, depois, fazendo uma mesura, indicou o armário.

— Obrigado — disse eu —, mas acho que outros estão na frente.

Houve uma explosão de protestos e várias mãos virtualmente me empurraram para a escada.

A porta estreita do armário tinha se fechado e quando a abri abriu para fora, fazendo com que eu tivesse de me equilibrar no degrau de cima —, para minha surpresa, me vi olhando para o

auditório, a uma grande altura. O armário não tinha fundo, e, se eu fosse afoito o bastante, poderia, me debruçando e esticando um pouco o corpo, tocar o teto da sala de concerto. A vista certamente era imponente, mas aquele arranjo todo me pareceu estupidamente arriscado. O armário pendia para a frente, encorajando um espectador imprudente a cambalear para a ponta. No entanto, apenas uma corda fina, amarrada em torno da cintura, era fornecida para evitar que se despencasse sobre a platéia.

Não consegui ver qualquer razão óbvia para aquele armário — a não ser que talvez fizesse parte de algum sistema para que bandeiras, e coisas assim, fossem suspensas de um lado a outro da sala.

Movi os pés com cuidado, até que estivessem dentro do armário. Depois, segurando firme na moldura da porta, dei uma olhada na cena lá embaixo.

Aproximadamente três quartos dos lugares estavam agora ocupados, mas as luzes continuavam acesas e as pessoas conversavam e se cumprimentavam. Algumas acenavam para outras em filas mais distantes, outras ainda se amontoavam no corredor, falando e rindo. As pessoas não paravam de entrar pelas duas portas principais. A disposição das brilhantes estantes com as partituras no fosso da orquestra refletia a luz, enquanto, no palco — as cortinas haviam sido deixadas abertas —, um grande piano solitário esperava com a tampa aberta. Quando olhei para o instrumento com que, dali a pouco, faria o mais importante de meus concertos, me ocorreu que era como se agora pudesse realizar a inspeção das condições da

sala, e, de novo, me senti frustrado quanto à maneira como havia organizado meu tempo desde que chegara à cidade.

Então, Stephan Hoffman saiu dos bastidores para o palco. Não foi anunciado e as luzes não diminuíram sequer ligeiramente. Além disso, as maneiras de Stephan não demonstravam formalidade alguma. Caminhou rapidamente para o piano com o ar absorto, sem olhar nem mesmo para a platéia. Não era de se admirar que a maioria das pessoas não manifestasse nada além de uma curiosidade moderada e continuasse com as conversas e saudações. Certamente, houve uma certa surpresa quando ele iniciou a abertura explosiva de *Glass Passions*, mas, mesmo então, a grande maioria pareceu concluir, após alguns segundos, que o rapaz estava apenas testando o piano ou o sistema de amplificadores de som. Depois de apenas alguns compassos, algo pareceu atrair o olhar de Stephan e sua execução perdeu toda a intensidade, como se alguém, de repente, tivesse puxado a tomada. Seu olhar acompanhou alguma coisa que se movia através das pessoas na platéia, até que acabou tocando com a cabeça virada para longe do piano.

Então, percebi que se fixava em duas pessoas que saíam do auditório e, me inclinando um pouco mais para a frente, vi exatamente a hora em que Hoffman e sua mulher desapareciam abaixo de mim, ficando fora do alcance de minha visão.

Stephan parou de tocar e girando o banco, ficou olhando, chocado, seus pais saírem. Esse ato eliminou qualquer dúvida que a platéia ainda tivesse a respeito de Stephan estar testando o piano. Na verdade, por um momento, olhou para todo mundo, como alguém que esperasse um sinal dos técnicos, no outro lado da sala,

e ninguém prestou atenção quando, por fim, levantou-se do piano e saiu do palco.

Somente quando alcançou a parte atrás da cortina, cedeu à sensação de ultraje que o esmagava. Por outro lado, a idéia de ter abandonado o palco depois de apenas alguns compassos parecia totalmente irreal, e mal lhe deu atenção ao descer correndo os degraus de madeira e passar pela série de portas dos camarins.

Quando apareceu no corredor, este estava repleto de trabalhadores do teatro e do pessoal do bufê, todos ocupados e apressados. Stephan se dirigiu ao saguão, onde esperava encontrar seus pais, mas antes que avançasse muito, localizou seu pai vindo em sua direção, sozinho e com o ar preocupado. Por sua vez, o gerente de hotel não reparou em Stephan até estarem virtualmente para se chocar. Então, parou e encarou seu filho com assombro.

— Como? Não está tocando?

— Pai, por que você e minha mãe saíram assim? Onde está ela? Não está se sentindo bem?

— Sua mãe — Hoffman suspirou com gravidade —, sua mãe achou que devia sair. Evidentemente, eu a acompanhei e... Bem, serei franco, Stephan. Deixe-me falar. Eu tendo a concordar com ela. Não consigo evitar. Sim, entendo que o desapontei. Prometi-lhe essa chance, essa oportunidade de tocar para a cidade inteira, todos nossos amigos e colegas. Sim, sim, eu lhe prometi. Talvez tenha sido você mesmo que me pediu, talvez tenha me pedido quando eu estava distraído, como saber como aconteceu? Não importa. A questão é que aceitei, prometi, não quero insistir

neste assunto, a culpa foi minha. Mas tem de tentar entender, Stephan, como é para nós, seus pais. Como é difícil ter de assistir a...

— Vou falar com minha mãe — disse Stephan e fez menção de sair. Por um breve segundo, Hoffman pareceu pasmo, e, então, segurou o braço do filho, grosseiramente, rindo de modo constrangido.

— Não pode fazer isso, Stephan. O que quero dizer é que, entenda, sua mãe foi ao toalete feminino. Ha, ha. Em todo caso, acho melhor deixá-la quieta, por assim dizer. Mas, Stephan, o que fez? Devia estar tocando. Ah, talvez tenha sido melhor assim. Um pouco constrangedor, nada além disso.

— Pai, vou voltar ao palco. Por favor, entre. E, por favor, convença a minha mãe a voltar.

— Stephan, Stephan. — Hoffman balançou a cabeça e pôs a mão no ombro do filho. — Quero que saiba que nós dois o admiramos muito. Nós dois estamos imensamente orgulhosos. Mas essa sua idéia, essa idéia que teve a vida inteira. Isto é, a respeito... a respeito de sua música. Sua mãe e eu nunca tivemos coragem de lhe falar. Naturalmente, queremos que tenha seus sonhos. Mas isso. Tudo isso — apontou para o auditório —, foi tudo um terrível engano. Não deveríamos jamais ter permitido que as coisas chegassem a este ponto. Entenda, Stephan, a questão é esta. Sua maneira de tocar é extremamente encantadora. Perfeita à sua maneira. Sempre gostamos de escutá-lo tocar em casa. Mas música, a música séria, o nível de música que uma noite como esta exige... sabe, é uma outra

história. Não, não, não me interrompa, estou tentando lhe falar uma coisa, uma coisa que já devia ter-lhe dito há muito tempo. Entenda, esta é a sala municipal. O público, o público de um concerto não é como amigos e parentes que escutam compreensivamente na sala de nossa casa. O público de um concerto de verdade está acostumado a um padrão profissional. Stephan, como posso explicar melhor?

— Pai — interrompeu Stephan —, você não percebe. Pratiquei muito. E, mesmo que a peça que vou tocar tenha sido escolhida tardiamente, ainda assim, pratiquei com muito empenho e se vocês entrarem, verão...

— Stephan, Stephan... — Hoffman tomou a balançar a cabeça.

— Se só se tratasse de uma questão de exercitar bastante. Se fosse só isso. Mas alguns de nós simplesmente não nasceram com o dom. Não o temos dentro de nós, e isso é algo que temos de aceitar. É terrível dizer-lhe isso em um momento como este, e depois de tê-lo iludido durante tanto tempo. Espero que nos perdoe, à sua mãe e a mim, fomos fracos por muito tempo. Mas sentíamos como isso lhe causava prazer e não tivemos coragem. Mas isso não é desculpa, eu sei. É terrível, meu coração sofre por você neste momento, realmente sofre. Espero que seja capaz de nos perdoar. Foi um horrível engano deixá-lo ir tão longe. Tê-lo deixado subir ao palco, na frente de toda a cidade. Sua mãe e eu o amamos demais para sermos capazes de assistir a isso. Seria simplesmente demais... ver nosso filho querido ser alvo de ridículo. Bem, falei, pus as cartas na mesa. É cruel, mas, finalmente, eu disse. Achei que poderia fazer

isso. Que seria capaz de me sentar lá, entre os risos afetados e abafados. Mas quando chegou a hora, sua mãe sentiu que não conseguiria, e eu também não. Por quê? Por que não me escuta? Não percebe que isso me faz sofrer muito? Não é fácil falar tão francamente, mesmo ao próprio filho...

— Pai, por favor, eu lhe peço. Venha e escute, apenas por alguns minutos e julgue por si mesmo. E minha mãe também. Por favor, por favor, convença-a. Vocês dois vão ver, eu sei que sim...

— Stephan, está na hora de voltar ao palco. Seu nome está impresso no programa. Você já apareceu. Agora, tem de, pelo menos, tentar. Fazer com que todos vejam que pelo menos fez o melhor que pôde. Este é o meu conselho. Não ligue para eles, para suas risadinhas abafadas. Mesmo que riam abertamente, como se alguma pantomima hilariante estivesse sendo representada, e não uma peça solene e profunda, ainda assim, lembre-se de que seu pai e sua mãe estão orgulhosos de você, de que pelo menos tiveram a coragem de enxergar a verdade. Sim, agora deve ir e encarar a verdade, Stephan. Mas tem de nos perdoar, o amamos demais para assistir a isso. De fato, Stephan, acho que partiria o coração de sua mãe. Agora, vá, não resta muito tempo. Vá, vá, vá.

Hoffman girou, uma mão na testa, como se estivesse com enxaqueca, e afastou-se alguns passos de Stephan. Então, apurou-se abruptamente e olhou para trás, para seu filho.

— Stephan — disse asperamente —, está na hora de voltar para o palco.

Stephan continuou, por um segundo, a encarar seu pai, depois, constatando finalmente que não adiantava insistir, virou-se e seguiu pelo corredor.

Enquanto tornava a passar pelas sucessivas portas de camarins, Stephan se viu açoitado por uma variedade de pensamentos e emoções. Naturalmente, sentia-se frustrado por não ter conseguido convencer seus pais. Além do mais, sentia renascer, lá no fundo de si mesmo, um medo incômodo que não experimentava há alguns anos — isto é, de que o que seu pai dissera fosse verdade e ele não passasse de uma vítima de alguma grande ilusão. Porém, ao se aproximar dos bastidores, sua confiança retornou rapidamente e com ela, um impulso agressivo de descobrir por si mesmo do que era capaz.

Stephan voltou para o palco e viu que as luzes haviam diminuído um pouco. O auditório não estava de modo algum escuro, e vários convidados ainda estavam em pé. Em diversas partes da sala, podiam-se ver ondas de pessoas se levantar, quando alguém tinha de passar pela fileira para se sentar. O rebuliço diminuiu apenas ligeiramente quando o rapaz sentou-se ao piano e ficou imóvel, esperando que suas emoções serenassem. Então suas mãos baixaram, de modo preciso e severo, como fizera antes, evocando um território em alguma parte entre o impacto e a alegria, essencial para a abertura de Glass Passions.

Quando estava na metade do breve prólogo, a platéia ficou consideravelmente mais silenciosa. Quando estava para encerrar o primeiro movimento, o auditório se tornara completamente silencioso. Os que estavam em pé, conversando nas

passagens, continuavam em pé, mas pareciam congelados, os olhos fixos no palco. Todos os que estavam sentados observavam e escutavam concentrados. Formou-se um pequeno grupo em uma das entradas, onde as últimas pessoas a chegar pararam surpresas. Quando Stephan iniciou o segundo movimento, os técnicos diminuíram as luzes e eu não consegui mais enxergar a platéia direito. Mas não havia dúvida sobre o assombro geral que continuou a envolver a sala. Naturalmente, parte dessa reação era devida à surpresa do público ao descobrir que um de seus próprios jovens era capaz de atingir tal nível de técnica. Mas além de sua habilidade, havia uma qualidade estranhamente intensa na maneira de Stephan tocar impossível de ser ignorada. Ademais, tive a impressão de que muitos dos presentes viam, nesse começo inesperado da noite, uma espécie de augúrio. Se aquele era apenas o prelúdio, o que não aconteceria depois? Afinal, a noite se revelaria um momento decisivo para a comunidade? Estas pareciam ser as questões tácitas por trás de mais um rosto surpreso na multidão embaixo de mim.

Stephan concluiu com uma interpretação melancólica, ligeiramente irônica, da coda. Depois que finalizou, houve um ou dois segundos de silêncio, e, então, a sala toda aplaudiu entusiasticamente. O rapaz levantou-se para agradecer. Ele estava evidentemente encantado, e, se chegou a se sentir frustrado por seus pais não terem testemunhado esse triunfo, não o demonstrou. Fez várias medidas enquanto os aplausos continuavam, e, então, talvez, se lembrando repentinamente de que sua contribuição era apenas uma parte modesta do programa, retirou-se apressadamente.

Os aplausos continuaram intensos por algum tempo, depois diminuíram e se tornaram um murmúrio excitado. Então, antes de as pessoas terem chance de trocar opiniões, um homem de expressão severa e cabelo grisalho surgiu dos bastidores. Quando se aproximou, lenta e presunçosamente, da estante na frente do palco, reconheci-o como o homem que presidira o banquete em homenagem a Brodsky, na minha primeira noite.

O auditório ficou rapidamente em silêncio, mas, durante uns trinta segundos, o homem de expressão severa não falou nada, ficou simplesmente olhando para a platéia com uma ligeira repulsa. Finalmente, deu um suspiro cansado e disse:

— Embora deseje que todos gostem desta noite, devo lembrá-los de que não estão reunidos aqui para assistir a um show de cabaré. Questões muito mais importantes são o motivo do evento desta noite. Não se enganem. Questões relacionadas ao nosso futuro, à identidade da nossa comunidade.

O homem de expressão severa continuou a reiterar, de modo pedante, o mesmo ponto de vista por vários minutos, fazendo ocasionalmente longas pausas, durante as quais examinava a sala com uma carranca. Comecei a perder o interesse e me lembrando da fila atrás de mim, das pessoas que aguardavam para usar o armário, resolvi ceder a vez a outro. Mas, exatamente quando tentava sair do espaço exíguo, percebi que o homem de cara severa havia se deslocado para um novo ponto — de fato, ele estava anunciando alguém.

O personagem em questão, ao que parecia, não era apenas a "pedra angular de todo o sistema de bibliotecas da cidade", mas também possuía a capacidade de "capturar a crispação da gota do orvalho na extremidade de uma folha morta". O homem de cara severa encarou desdenhosamente a platéia pela última vez, murmurou um nome e saiu.

O auditório aplaudiu com entusiasmo, evidentemente, o homem de expressão severa, mais que a pessoa que ele apresentara. Na verdade, este só apareceu depois de um minuto mais ou menos, e quando o fez, foi saudado de um modo um tanto hesitante.

O homem era baixo e elegante, careca, com um bigode. Entrou carregando uma pasta que colocou na estante. Tirou algumas folhas de papel, e se pôs a mudá-las de ordem, sem erguer os olhos para agradecer à platéia.

Uma inquietação começou a crescer na sala. Fiquei novamente curioso e, decidindo que aqueles na fila não se incomodariam de esperar mais um pouco, tornei a me posicionar, com cuidado, na beirada do armário.

Quando o homem careca finalmente falou, o fez tão perto do microfone que sua voz ressoou trêmula.

— Nesta noite, gostaria de apresentar uma seleção de meu trabalho a partir de cada uma de suas três fases. Muitos destes poemas lhes soarão familiares, em razão das leituras no Café Adèle. Mas acredito que não farão objeção a escutá-los mais uma vez neste importante contexto. E vou dizer-lhes desde já: no fim, haverá uma

pequena surpresa. Algo que, acredito, lhes proporcionará um certo prazer.

Voltou a emaranhar os papéis e algumas conversas em sussurros tiveram início na platéia. Finalmente, o homem careca se decidiu e tossiu alto, ao microfone, restabelecendo o silêncio.

Muitos dos poemas eram rimados e relativamente curtos. Havia poemas sobre peixes no parque da cidade, tempestades de neve, recordações da infância de janelas quebradas — todos declamados em um tom curiosamente solene e encantatório. Minha atenção se dispersou por alguns minutos, depois, percebi que uma parte do público, em algum lugar diretamente embaixo de mim, começara a falar, de modo quase inaudível.

Naquele momento, as vozes soavam razoavelmente discretas, mas, aos poucos, me deram a impressão de se tornar mais audaciosas. Por fim — enquanto o homem calvo recitava um longo poema sobre os diversos gatos que sua mãe tivera ao longo dos anos —, o barulho que me chegava tornou-se o de uma grande festa, com as vozes em um tom mais ou menos normal. Vencendo meu senso de cautela, desloquei-me para a beirada do armário e, me segurando na moldura de madeira com as duas mãos, perscrutei lá embaixo.

A conversa vinha realmente de um grupo sentado logo embaixo de onde eu estava, mas a quantidade dos envolvidos era menor do que eu supunha. Sete ou oito pessoas haviam, aparentemente, decidido deixar de prestar atenção no poeta e,

agora, conversavam animadamente, alguns tendo se virado completamente para trás em suas poltronas.

Estava para examinar esse grupo com atenção quando avistei a Senhorita Collins a várias filas ao fundo.

Ela vestia o elegante vestido preto toailete que usara no banquete da primeira noite, o xale em volta dos ombros. Observava o homem calvo compreensivamente, a cabeça pendendo ligeiramente para o lado, um dedo apoiando o queixo. Continuei a observá-la por algum tempo, mas nada havia em sua aparência que sugerisse que não estava perfeitamente calma e serena.

Meu olhar retornou ao grupo desordeiro embaixo de mim e notei que agora jogavam cartas. Só então me dei conta de que o cerne desse grupo era formado pelos homens bêbados que encontrara no cinema na minha primeira noite, e, depois, ainda há pouco, no corredor.

O jogo de cartas foi se tornando cada vez mais turbulento, até que todos romperam em vivas e risadas animadas. Olhares de desaprovação foram lançados em sua direção, mas, então, gradativamente, cada vez mais pessoas começaram a conversar, se bem que em um tom de voz mais contido.

O homem calvo não demonstrou notar e continuou a declamar, com veemência, um poema atrás do outro. Cerca de vinte minutos depois de ter aparecido no palco, fez uma pausa e, juntando algumas folhas, disse:

— Agora, entraremos em minha segunda fase. Como alguns de vocês já devem saber, a segunda fase foi iniciada por um incidente capital. Um incidente que não me tornou possível continuar a criar com as ferramentas que empregara até então. Quer dizer, a descoberta de que minha mulher fora infiel.

Abaixou a cabeça, como se a recordação ainda lhe causasse sofrimento. Foi então que um dos que estavam embaixo de mim gritou:

— Obviamente ele estava usando as ferramentas erradas! Todos os seus companheiros riram, e alguém mais gritou:

— Um mau artesão sempre culpa as ferramentas.

— Sua mulher também, ao que parece — disse a primeira voz. Essa conversa, com a clara intenção de ser escutada pelo maior número de pessoas possível, provocou risinhos abafados por toda a sala. Não deu para saber o quanto de tudo isso foi notado pelo homem calvo, mas ele fez uma pausa e, sem olhar para aquelas pessoas inconvenientes, tornou a revolver seus papéis. Se chegou a pensar em dizer mais alguma coisa como introdução de sua segunda fase, abandonou a idéia, pois recomeçou a declamar.

A segunda fase do homem careca não era, obviamente, diferente da primeira e a inquietação na platéia cresceu. A tal ponto que, após alguns minutos, um dos homens bêbados gritou algo que não consegui entender, e uma parte considerável da sala riu abertamente.

Pela primeira vez, o homem careca pareceu se dar conta de que perdia o controle do público, erguendo os olhos no meio de uma frase, os quais ficaram piscando, ofuscados pelos refletores, como se em choque. Uma saída óbvia para aquele momento seria abandonar o palco. Outra opção mais digna teria sido ler mais três ou quatro poemas antes de sair. O homem careca, no entanto, escolheu uma outra solução. Recomeçou a ler em um ritmo tomado pelo pânico, supostamente com a intenção de concluir seu programa o mais rápido possível. A consequência foi que, além de se tornar mais ou menos incoerente, encorajou seus inimigos, que agora viam que ele tentava escapar.

Mais e mais observações foram gritadas — não apenas pelo grupo embaixo de mim — e recebidas com gargalhadas por toda a sala.

Finalmente, o homem careca fez uma tentativa de recuperar o controle. Pôs a pasta de lado, sem dizer uma palavra, e encarou a estante, com um ar de súplica. O público, cuja maior parte tinha rido, silenciou — talvez mais por curiosidade que por remorso. Quando por fim o homem careca falou, sua voz soou com certo nível de autoridade.

— Prometi uma pequena surpresa — disse ele. — Aqui está ela. Um novo poema. Terminei-o há apenas uma semana. Eu o compus especialmente para a grande ocasião desta noite. Chama-se simplesmente "Brodsky, o Conquistador". Se me permitem.

O homem revolveu os papéis de novo, mas, dessa vez, a platéia permaneceu em silêncio. Então, inclinou-se para a frente e

começou a declamar. Depois das primeiras frases, ergueu rapidamente os olhos e pareceu surpreso com o silêncio da sala. Continuou a ler, e, à medida que o fazia, ia ficando cada vez mais confiante, de modo que não demorou e agitava as mãos orgulhosamente, para enfatizar as frases principais.

Imaginei que o poema seria um retrato em linhas gerais de Brodsky, mas logo ficou claro que dizia respeito apenas à batalha dele com o álcool. Os primeiros versos faziam comparações entre Brodsky e uma variedade de heróis míticos. Havia imagens de Brodsky arremessando lanças do alto de uma colina sobre um exército invasor, de Brodsky engalfinhando-se com uma serpente marinha, de Brodsky acorrentado em uma rocha. A platéia continuava a escutar com uma atitude respeitosa, até mesmo, solene. Relanceei os olhos para a Senhorita Collins, mas não percebi qualquer modificação em sua postura. Observava o poeta, como antes, com um ar interessado, mas desprendido, um dedo ao lado do queixo.

Depois de vários minutos, o poema mudou de rumo. Abandonou sua tela de fundo mítica, enfocando incidentes reais envolvendo Brodsky em um passado recente — incidentes que, até onde pude perceber, haviam passado a fazer parte da lenda local. Evidentemente, não entendi a maioria das referências, mas pude ver que tentava reavaliar e enobrecer o papel de Brodsky em cada episódio. Do ponto de vista literário, essa parte do poema impressionou-me como um grande aprimoramento da anterior, mas a introdução desses contextos concretos e familiares teve o efeito de romper o que quer que o homem careca tivesse estabelecido com a

platéia. A referência à "tragédia no ponto de ônibus" provocou, novamente, alguns risinhos, que se propagaram um pouco mais com a menção de Brodsky "em minoria e cansado da batalha" ser "obrigado a, finalmente, se render, atrás da cabina de telefone". Mas foi quando o homem careca falou de "uma demonstração brilhante de valor em um passeio da escola" que a sala inteira caiu na gargalhada.

A partir daí, ficou claro para mim que nada poderia salvar o homem careca. Os versos finais, dedicados a louvar a recente sobriedade de Brodsky, foram recebidos virtualmente, palavra por palavra, por acessos de riso. Quando tornei a olhar a Senhorita Collins, percebi que o dedo fazia movimentos rápidos, dando tapinhas no queixo.

Afora isso, parecia mais controlada que nunca. O homem careca, quase inaudível por causa das gargalhadas e intervenções inconvenientes, finalmente terminou e, juntando seus papéis com indignação, saiu do palco. Uma parte da platéia, talvez sentindo que as coisas haviam ido longe demais, aplaudiu generosamente.

Durante os minutos seguintes, o palco permaneceu vazio e o público logo começou a conversar a todo volume. Examinando os rostos lá embaixo, vi, com interesse, que, apesar de muita gente estar trocando olhares alegres, uma quantidade considerável dava a impressão de estar com raiva e fazia gestos severos em direção a outros na sala. Então, o palco voltou a ser iluminado e Hoffman apareceu.

O gerente de hotel parecia furioso e se dirigiu rapidamente à estante sem nenhuma formalidade.

— Senhoras e senhores, por favor! — gritou, mesmo quando o público começava a silenciar. — Por favor! Peço que não se esqueçam da importância desta noite. Citando o Senhor Von Winterstein, não estamos aqui para assistir a um show de variedades!

A ferocidade de sua reprimenda não provocou uma boa reação em algumas pessoas e um "oooh" irônico partiu do grupo embaixo de mim. Mas Hoffman prosseguiu:

— Estou particularmente chocado em ver tantos de vocês insistirem nessa opinião estupidamente obsoleta a respeito do Senhor Brodsky. Sem mencionar outros vários méritos do poema do Senhor Ziegler, sua premissa central, isto é, de que o Senhor Brodsky venceu de uma vez por todas os demônios que o atormentavam, não pode ser contestada. Aqueles entre vocês que, há pouco, riram do eloqüente pronunciamento do Senhor Ziegler a respeito desse ponto ficarão, tenho certeza, daqui a pouco, sim, daqui a um instante!, envergonhados. Sim, envergonhados! Tão envergonhados quanto eu me senti em relação à cidade um minuto atrás!

Ele bateu na estante enquanto falava e uma proporção surpreendentemente grande da platéia irrompeu em aplausos hipócritas. Hoffman, visivelmente aliviado, mas evidentemente inseguro quanto a como reagir a essa recepção, agradeceu curvando

o corpo, desajeitadamente, algumas vezes. Antes de os aplausos cessarem totalmente, ele se recompôs e declarou alto no microfone:

— O Senhor Brodsky merece ser uma figura eminente em nossa cidade! Um manancial espiritual e cultural para nossa juventude. O guia com a lanterna para aqueles de nós, que estamos mais velhos, mas que, não obstante, ficamos perdidos e desesperançados nestes sombrios capítulos da história de nossa cidade. O Senhor Brodsky merece! Prestem atenção, olhem para mim! Apostei minha reputação, minha credibilidade no que estou dizendo! Mas por que preciso dizer isso? Em breve, perceberão com seus próprios olhos e ouvidos. Não era esta a introdução que eu pretendia fazer e lamento ter sido obrigado a fazê-la. Mas não nos retardemos mais. Deixem-me chamar ao palco nossos muito prezados convidados, a Orquestra da Fundação Nagel de Stuttgart, que, nesta noite, será regida pelo Senhor Leo Brodsky!

Houve muitos aplausos quando Brodsky ainda estava atrás da cortina. Durante os minutos seguintes, nada aconteceu e, então, o fosso da orquestra foi iluminado e apareceram os músicos. Houve mais uma leva de aplausos, seguida por um silêncio tenso, enquanto os membros da orquestra tomavam seus lugares, afinavam os instrumentos e remexiam nas estantes com as partituras. Até mesmo o grupo desordeiro embaixo de mim pareceu admitir a seriedade do que estava para acontecer. Deixaram de lado as cartas e ficaram atentos, os olhos fixos à frente.

A orquestra finalmente se instalou e um refletor iluminou uma área do palco. Durante o minuto seguinte nada aconteceu, depois, ouviu-se um ruído forte, proveniente dos bastidores. O

barulho foi aumentando até Brodsky, finalmente, se introduzir no foco de luz. Ele deu uma parada, talvez dando tempo ao público de registrar sua presença.

Certamente, muitos dos presentes teriam tido dificuldade em reconhecê-lo. com o smoking, a camisa extremamente branca e o cabelo penteado, era uma figura magnífica.

Porém, é inegável que a rota tábuca de passar roupa que continuava a usar como muleta, de certa forma, afetava o efeito. Além do mais, quando se pôs a caminho do estrado do regente — a tábua de passar batendo a cada passo que dava —, notei o trabalho que fizera na perna de calça vazia. Não ter querido que o material ficasse oscilando é perfeitamente compreensível. Mas, em vez de ter amarrado no coto, Brodsky havia cortado a parte vazia a uma ou duas polegadas abaixo do joelho. Uma solução bastante elegante, é claro, mas a bainha me pareceu ostensiva demais, provavelmente para chamar mais atenção a seu ferimento.

Entretanto, quando ele prosseguiu atravessando o palco, achei que tinha me enganado. Pois, embora eu esperasse que o público ficasse boquiaberto ao descobrir seu estado, isso não aconteceu. Na verdade, até onde pude ver, o público não pareceu notar a perna que faltava, e continuou simplesmente a aguardar em silêncio que Brodsky chegasse ao estrado.

Talvez fosse a exaustão, ou, quem sabe, a tensão, mas ele não foi capaz de reproduzir o andar suave que eu testemunhara anteriormente, no corredor. Mancava e me ocorreu que, com o ferimento ainda despercebido pela platéia, seu andar levantaria a

suspeita de embriaguez. Estava a vários metros do estrado quando parou e olhou irritado para a tábua de passar — que, como vi começara a se abrir mais uma vez. Ele a sacudiu e recomeçou a andar. Deu mais alguns passos e alguma coisa na tábua cedeu. Começou a abrir sob ele exatamente quando colocava seu peso sobre ela, e Brodsky e a tábua desmoronaram no chão.

A reação a esse incidente foi estranha. Em vez dos gritos de alarme que se poderiam esperar, a platéia, no primeiro segundo, manteve um silêncio reprovador. Depois, um murmúrio atravessou o auditório, uma espécie de "hummm" coletivo, como se as conclusões estivessem sendo contidas mesmo com os sinais desencorajadores. De modo semelhante, os três auxiliares que se aproximaram para ajudá-lo o fizeram com uma evidente falta de urgência, até mesmo com um quê de repulsa. Em todo caso, antes que eles o alcançassem, Brodsky, que estivera lutando com a tábua, gritou-lhes irritado do chão para que fossem embora. Os três pararam com um susto, depois, continuaram a observar Brodsky com uma espécie de fascinação mórbida.

Brodsky continuou, por alguns instantes, a se debater no chão. Às vezes, parecia tentar se levantar, outras, parecia mais preocupado em soltar alguma parte de sua roupa presa nos mecanismos da tábua de passar. A certa altura, irrompeu em uma série de imprecações, supostamente dirigidas à tábua, que o sistema de amplificação de som captou claramente. Tornei a relancear os olhos para a Senhorita Collins e vi que, agora, ela se sentara mais na ponta da poltrona. Então, enquanto a luta de Brodsky prosseguia,

recostou-se de novo, lentamente, e ergueu o dedo de volta ao queixo.

Finalmente, Brodsky fez um progresso importante. Conseguiu erguer a tábua, mesmo aberta, e deu uma parada. Ficou ali, orgulhoso de sua perna boa, segurando a tábua com as duas mãos, os cotovelos para fora, como se preparando para levantar. Olhou para os três ajudantes e, quando eles começaram a se retirar do palco, voltou o olhar para a platéia.

— Eu sei, eu sei — disse ele e, apesar de não falar alto, os microfones ao longo da parte da frente do palco captaram sua voz, de modo que era completamente audível.

— Sei o que todos estão pensando. Bem, estão enganados.

Olhou para baixo e voltou a se ocupar de seu problema. Então, aprumou-se um pouco mais e começou a passar a mão ao longo da superfície acolchoada da tábua, como se o propósito original dela só lhe ocorresse agora. Por fim, olhou novamente para a platéia e disse:

— Tirem todas essas idéias da cabeça. Isso — dirigiu a cabeça para o chão — foi simplesmente um acidente infeliz. Nada mais.

Outro murmúrio atravessou o auditório e, depois, fez-se novamente silêncio. Nos instantes seguintes, Brodsky continuou curvado sobre a tábua de passar, sem se mexer, os olhos fixos no estrado do regente. Percebi que media a distância até o estrado, e,

realmente, no momento seguinte, iniciou o percurso. Procedeu erguendo toda a estrutura da tábua e batendo com ela de novo no chão, à maneira de uma bengala, arrastando sua única perna. De início, a platéia pareceu confusa, mas à medida que ele avançava firmemente, algumas pessoas, chegando à conclusão de que assistiam a um número de circo, começaram a bater palmas. Essa deixa logo se propagou por toda a sala, de modo que o trajeto restante foi completado com um fundo de aplausos.

Ao alcançar seu destino, Brodsky largou a tábua e, se segurando no anteparo semicircular ao redor do estrado, posicionou-se mais à vontade. Equilibrou o corpo cuidadosamente contra o anteparo e pegou a batuta.

Os aplausos para o número da tábua de passar roupa cessaram e, novamente, a atmosfera foi de uma expectativa silenciosa. Também os músicos olhavam para Brodsky ligeiramente nervosos. Mas ele parecia se deleitar com a sensação de voltar a estar na direção de uma orquestra depois de tantos anos e, durante algum tempo, ficou sorrindo e olhando em volta. Finalmente, ergueu a batuta. Os músicos se prepararam, mas Brodsky mudou de idéia e, abaixando a batuta, virou-se para a platéia. Sorriu cordialmente e disse:

— Vocês acham que sou um bêbado asqueroso. Veremos agora se sou apenas isso.

O microfone mais próximo estava a uma certa distância e somente uma parte do público ouviu sua observação. Em todo caso,

no momento seguinte, suspendeu a batuta e a orquestra mergulhou nas semibreves ásperas da abertura de *Verticality*, de Mullery.

Não me pareceu uma maneira particularmente exótica de abrir a peça, mas evidentemente não era o que o público estava esperando. Muitas pessoas estremeceram visivelmente em seus lugares, e quando as dissonâncias alongadas se estenderam, no sexto e sétimo compassos, percebi expressões quase de pânico. Até mesmo alguns dos músicos olhavam apreensivos do maestro para suas partituras. Mas Brodsky continuou a aumentar a intensidade, mantendo, sem interromper, o tempo exageradamente lento. Ao alcançar o vigésimo compasso, as notas explodiram e diminuíram de intensidade. Uma espécie de suspiro foi emitido pela platéia e, então, quase que imediatamente, a música recomeçou a se intensificar.

Ocasionalmente, Brodsky se firmava com a mão livre, mas, a essa altura, havia penetrado em alguma parte mais profunda de si mesmo e parecia capaz de manter o equilíbrio com apenas um apoio simbólico. Oscilou o tronco. Balançou os dois braços no ar, relaxado. Durante as primeiras passagens do primeiro movimento, notei que alguns membros da orquestra relanceavam o olhar culpado para a platéia, como se dissessem: "Sim, foi isso mesmo o que nos mandou fazer!" Mas, gradativamente, os músicos se entregaram à visão de Brodsky. Primeiro, foram os violinos que se entusiasmaram, e, depois, percebi cada vez mais músicos concentrados na execução. Quando Brodsky os conduziu à melancolia do segundo movimento, a orquestra parecia ter aceitado

totalmente sua autoridade. O público também, a essa altura, havia abandonado a inquietação inicial e estava paralisado.

Brotsky aproveitou a forma mais solta do segundo movimento para penetrar em territórios ainda mais estranhos, e eu — embora familiarizado com todo tipo de interpretação de Mullery — fui ficando fascinado. Ele quase ignorava, obstinadamente, a estrutura exterior da música — a proposta central do compositor em relação à tonalidade e melodia que enfeitavam a superfície da obra — para focar as formas vivas, peculiares, ocultas sob a casca. Havia uma qualidade ligeiramente sórdida em tudo isso, algo próximo ao exibicionismo, que sugeria que o próprio Brotsky estava extremamente embaraçado com a natureza do que estava revelando, mas que não conseguia resistir à compulsão de seguir ainda mais adiante. O efeito era assustador, mas irresistível.

Examinei mais uma vez o público lá embaixo. Não havia dúvidas de que essa platéia provinciana havia sido conquistada emocionalmente por Brotsky, e percebi a possibilidade da sessão pergunta-resposta não se revelar tão astuciosa quanto temia. Obviamente, se Brotsky conseguisse convencer o público com sua exibição, as minhas respostas às perguntas não seriam tão cruciais. Minha tarefa seria essencialmente a de endossar algo que eles já apoiariam — e nesse caso, mesmo com um nível de pesquisa inadequado, não havia razão para não me sair bem com algumas observações diplomáticas, usando o humor ocasionalmente. Se, por outro lado, Brotsky deixasse o público confuso e indeciso, seria, independente de minha posição e experiência, muito mais trabalhoso. A atmosfera no auditório ainda era de desconfiança, e

me lembrando da ira inquieta do terceiro movimento, me perguntei o que aconteceria quando Brodsky o iniciasse.

Exatamente nesse momento, me ocorreu de repente procurar meus pais na platéia. Quase que simultaneamente, me passou pela cabeça que, já que não os tinha visto nas inúmeras vezes que examinara o público lá embaixo, a probabilidade de, agora, descobrir seus rostos na multidão não era grande. Ainda assim, debrucei-me, quase que imprudentemente, e sondei o auditório. Havia certas partes da sala que não conseguia ver, por mais que esticasse o pescoço, e me dei conta de que, mais cedo ou mais tarde, teria de descer ao auditório. Então, mesmo que não conseguisse encontrar meus pais, poderia, pelo menos, achar Hoffman ou a Senhorita Stratmann e perguntar por onde eles andavam.

De qualquer jeito, vi que não poderia perder mais tempo assistindo à cerimônia daquele ponto de observação e, virando-me com cuidado, comecei a sair do armário.

Quando tornei a aparecer no alto da escadinha, vi que a fila havia crescido bastante. Agora, havia, no mínimo, vinte pessoas esperando, e me senti um tanto culpado por ter me demorado tanto. Todos na fila conversavam excitados, mas silenciaram assim que me viram. Murmurei algumas desculpas vagas enquanto descia, depois, apressei-me a atravessar o corredor assim que a próxima pessoa na fila começou a subir ansiosamente para entrar no armário.

O corredor estava muito mais tranqüilo que antes, em grande parte devido à cessação das atividades do pessoal do bufê.

Esbarrei, por todo o corredor, com carrinhos parados, carregados, às vezes com homens de macacões encostados contra eles, fumando e bebendo em copos de plástico. Acabei parando e perguntando a alguém qual o caminho mais curto para o auditório. Ele simplesmente apontou para uma porta atrás de mim. Agradecendo, empurrei-a e deparei com um poço de escada mal iluminado.

Desci, pelo menos, uns cinco lances. Então, empurrei umas portas de vaivém pesadas e me vi vagando por uma área cavernosa nos bastidores. Sob a iluminação sombria, distingui formas retangulares da tela de fundo pintada — um castelo, um céu enluarado, uma floresta — escorada na parede. Acima de minha cabeça havia cabos de aço entrecruzados. A orquestra, agora, podia ser escutada nitidamente e me movi na direção da música, fazendo o possível para não colidir com os objetos, que pareciam caixas, em meu caminho. Depois de escalar alguns degraus de madeira, percebi que estava atrás das cortinas. Ia voltar — tinha esperado sair, discretamente, em algum lugar perto das poltronas da frente —, mas algo na música, alguma coisa problemática, que não havia antes, me deteve.

Fiquei ali escutando por um minuto mais ou menos, e então dei um passo à frente e espiei pela fresta entre as pesadas cortinas. É claro que fiz isso com um cuidado considerável — naturalmente queria evitar a todo custo que o público me localizasse e irrompesse em aplausos —, e descobri que estava olhando para Brodsky e a orquestra de um ângulo tal que era impossível ser visto pela platéia.

Percebi que muita coisa havia mudado durante o tempo que ficara errando pelo prédio. Brodsky, supus, havia levado as coisas longe demais, pois essa hesitação de técnica, que tão freqüentemente indica uma falta de afinidade entre o regente e os músicos, penetrara no som da orquestra. Os músicos — agora podia vê-los bem de perto exibiam expressões de incredulidade, aflição, e até mesmo repulsa. Quando minha vista acostumou-se mais ao brilho dos refletores, meu olhar dirigiu-se à platéia. Somente as primeiras filas eram visíveis, mas era evidente que as pessoas, agora, trocavam olhares preocupados, tossiam, pouco à vontade, balançavam a cabeça. Uma mulher levantou-se para sair. Brodsky, entretanto, continuava a reger de uma maneira apaixonada, e parecia ansioso em levar as coisas ainda mais longe. Então, percebi dois violoncelistas trocarem olhares e balançarem a cabeça. Foi um sinal evidente de revolta e Brodsky, sem dúvida, reparou. Sua regência agora assumiu uma qualidade maníaca e a música deu uma guinada perigosa em direção aos domínios da obstinação.

Até esse momento não conseguira ver direito a expressão de Brodsky — eu o via de costas —, mas, quando suas torções e giros se tornaram mais pronunciados, comecei a ver claramente seu rosto. Só então me ocorreu que outro fator estava influenciando seu comportamento. Tornei a observá-lo com atenção — a maneira como seu corpo se contorcia a um ritmo próprio, independente dele — e entendi que sentia muita dor e, provavelmente, já há algum tempo. Ao perceber isso, os sinais foram inequívocos.

Ele tentava resistir e seu rosto se contorcia por algo mais que paixão.

Senti a obrigação de fazer alguma coisa e rapidamente avaliei a situação. Brodsky ainda teria de executar um movimento e meio, mais o epílogo, todos muito complexos. A impressão favorável causada de início estava se desgastando rapidamente. A platéia estava propensa a se tornar novamente indisciplinada a qualquer momento. Quanto mais pensava nisso, mais óbvio me parecia que a apresentação teria de ser interrompida, e comecei a me perguntar se não deveria me encaminhar ao palco e interrompê-la.

Na verdade, provavelmente eu era a única pessoa na sala que podia fazer isso sem que o público percebesse uma calamidade mais grave.

Entretanto, durante os minutos seguintes, não me mexi, pensando em como, precisamente, realizar aquela intervenção. Deveria entrar agitando os braços como sinal para pararem? Mas isso poderia, além de parecer presunçoso, sugerir uma certa reprovação de minha parte — uma impressão desastrosa. Talvez a solução melhor fosse esperar o andante começar e, então, surgir modestamente, sorrindo cortesmente a Brodsky e à orquestra, ajustando meu passo à música, como se minha entrada tivesse sido planejada de antemão. Sem dúvida, a platéia aplaudiria, e eu poderia, por minha vez — sempre sorrindo —, aplaudir primeiro Brodsky e depois os músicos. Esperava que Brodsky tivesse a presença de espírito de fade-out, de ir reduzindo a intensidade da música até pará-la e agradecer com uma medida, com minha presença no palco, as chances de o público criar problemas para Brodsky eram remotas. De fato, com minha entrada — eu continuaria a aplaudir e sorrir, como se Brodsky tivesse executado algo de uma

beleza indiscutível —, a lembrança da primeira parte de sua apresentação retornaria o suficiente para que a platéia voltasse a apoiá-lo. Brodsky poderia curvar o corpo agradecendo algumas vezes e, quando se virasse para sair, eu o auxiliaria, cordialmente, talvez fechando a tábua de passar e a entregando a ele para que a usasse de novo como muleta. Então, o guiaria para fora do palco, várias vezes relanceando os olhos para a platéia, encorajando mais aplausos e assim por diante. Imaginava tudo dando certo, contanto que eu calculasse a situação corretamente.

Mas exatamente nesse momento ocorreu algo que talvez já fosse esperado. Brodsky balançou a batuta, traçando um grande arco, quase que simultaneamente esmurrando o ar com a outra mão. Ao fazer isso, deu a impressão de ficar sem apoio. Ascendeu algumas polegadas no ar, depois despencou na parte da frente do palco, levando junto o anteparo do estrado, a tábua de passar, a partitura, a estante, tudo.

Esperiei que as pessoas corressem em seu socorro, mas ao grito sufocado que acolheu sua queda seguiu-se um silêncio desconcertante. Enquanto Brodsky ficava ali, com a cara no chão, sem se mexer, um tumulto abafado recomeçou por todo o auditório. Finalmente, um dos violinistas largou seu instrumento e se encaminhou para Brodsky.

Várias outras pessoas — contra-regras, músicos — logo o imitaram, mas houve um quê de hesitação em relação a como cercaram aquela figura deitada de bruços, como se previssem a desaprovação completa do que descobririam.

Nesse ponto, caí em mim — havia hesitado, sem saber que impacto minha presença causaria — e corri para o palco, me juntando aos que ajudavam Brodsky. Quando me aproximei, o violinista deu um grito e, caindo de joelhos, se pôs a examinar Brodsky com uma urgência diferente. Depois, olhou para cima e disse em um sussurro horrorizado:

— Meu Deus, ele perdeu uma perna! É surpreendente como levou tanto tempo para desmaiar!

Houve gritos sufocados de surpresa e todos nós, éramos mais ou menos uns dez, que estávamos à sua volta trocamos olhares. Não sei bem por que, houve um sentimento comum de que a notícia da perna perdida não deveria vazar e nos juntamos ainda mais em torno dele, para impedir a platéia de ver. Os que estavam mais próximos de Brodsky confabulavam em voz baixa sobre como tirá-lo do palco. Então alguém fez um sinal e a cortina começou a fechar. Logo ficou evidente que Brodsky estava deitado bem no caminho da cortina, e vários braços foram estendidos e o arrastaram para o fundo do palco, no exato momento em que a cortina passava.

O movimento teve o efeito de despertá-lo um pouco, e quando o violinista virou-o, deitando-o de costas, abriu os olhos e perscrutou cada rosto. Então, disse, com uma voz que mais parecia sonolenta que qualquer outra coisa:

— Onde ela está? Por que não está me segurando? Mais olhares foram trocados. Então, alguém sussurrou:

— A Senhorita Collins. Está falando da Senhorita Collins.

Nem bem essas palavras foram pronunciadas, ouvimos uma tosse delicada atrás de nós e, ao nos virarmos, deparamos com a Senhorita Collins perto da cortina. Continuava a parecer controlada e nos olhava com uma expressão de preocupação educada. Somente a maneira como apertava as mãos, um pouco acima do peito do que se podia esperar, indicava uma inquietação interna.

— Onde ela está? — tornou a perguntar Brodsky com sua voz sonolenta. Então, de repente, começou a cantar baixinho para si mesmo.

O violinista olhou para nós.

— Está bêbado? Ele cheira a bebida.

Brodsky parou de cantar, depois tornou a perguntar, agora, com os olhos fechados:

— Onde ela está? Por que não vem?

Dessa vez, a Senhorita Collins respondeu, não em voz alta, mas claramente audível:

— Estou aqui, Leo.

Falara em um tom quase terno, mas quando, imediatamente, abriram a passagem para ela, não se moveu. No entanto, a visão da figura no chão finalmente fez com que seu rosto demonstrasse sinais de aflição. Brodsky, os olhos ainda fechados, recomeçou a cantarolar.

Então, abriu os olhos e olhou em volta atentamente. Primeiro, a cortina — talvez procurando a platéia —, depois, vendo-a fechada, examinou novamente as faces que o encaravam. Finalmente, olhou na direção da Senhorita Collins.

— Vamos nos abraçar — disse ele. — Vamos mostrar ao mundo. A cortina... — Fazendo um certo esforço, ergueu-se um pouco e gritou: — Preparem-se para abrir a cortina de novo! — Depois, disse em voz baixa à Senhorita Collins: — Venha e me abrace. Abrace-me. E deixe que abram a cortina. Deixaremos o mundo ver. — Tornou a se abaixar, lentamente, até ficar completamente estirado no chão.

— Venha — murmurou.

A Senhorita Collins pareceu que ia falar, porém mudou de idéia. Relanceou os olhos para a cortina, com uma expressão de medo.

— Vamos deixá-los ver — disse Brodsky. — Deixem que vejam que no final estávamos juntos. Que nos amamos durante toda nossa vida. Vamos mostrar para eles. Quando a cortina se abrir, eles verão.

A Senhorita Collins continuou a olhar para Brodsky. Finalmente, caminhou na sua direção. As pessoas se afastaram discretamente, alguns chegando a desviar o olhar.

Ela parou antes de tê-lo alcançado e disse, com uma voz ligeiramente trêmula:

— Podemos dar as mãos, se quiser.

— Não, não. Este é o fim. Vamos nos abraçar direito. Deixe que vejam.

A Senhorita Collins hesitou por um segundo, depois foi até ele e se ajoelhou. Pude ver que seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Meu amor — disse Brodsky, bem baixinho. — Abrace-me de novo. Meu ferimento está doendo tanto.

Repentinamente, a Senhorita Collins retirou a mão que começava a estender e ficou de pé. Olhou friamente para Brodsky, depois caminhou rapidamente de volta, para perto da cortina.

Brodsky não pareceu ter notado que se retirara. Ele agora encarava o teto, os braços abertos, como se esperasse que a Senhorita Collins viesse de cima.

— Onde está você? — disse ele. — Deixe que vejam. Quando a cortina abrir. Deixe que vejam que no final estávamos juntos. Onde está você?

— Não vou, Leo. Aonde quer que esteja indo, terá de ir sozinho. Brodsky deve ter percebido seu novo tom de voz, pois embora continuasse a olhar para o teto, deixou os braços caírem.

— Seu ferimento — disse calmamente a Senhorita Collins. — Sempre sua ferida. — Então, seu rosto contorceu-se terrivelmente. — Oh, como o odeio! Como o odeio por ter desperdiçado minha vida! Eu nunca, nunca o perdorei! Seu ferimento, sua ferida idiota! Este é

o seu verdadeiro amor, Leo, sua ferida, o único verdadeiro amor de sua vida! Sei como será, mesmo que tentemos, que consigamos construir tudo de novo. A música também, não será diferente. Mesmo que o aceitassem hoje à noite, mesmo que se tornasse famoso na cidade, arrasaria tudo, destruiria tudo, arruinaria tudo à sua volta, exatamente como fez antes. E tudo por causa desse ferimento. Eu e a música não passamos de amantes em quem procura consolo. Sempre voltará ao seu único verdadeiro amor. A essa ferida! E sabe o que me deixa com tanta raiva? Leo, está me ouvindo? Sua ferida não é nada especial, nada especial em absoluto. Só nesta cidade, sei de muita gente que está muito pior. E ainda assim prosseguem, cada um deles, com muito mais coragem do que você já foi capaz em alguma vez na sua vida. Prosseguem com suas vidas. Tornam-se algo que vale a pena. Mas você, Leo, olhe para si mesmo. Sempre cuidando da ferida. Está ouvindo? Preste atenção, quero que ouça tudo o que tenho a dizer! Essa ferida é tudo que lhe resta. Tentei lhe dar tudo, mas não estava interessado, e não me terá uma segunda vez. Como me fez desperdiçar a vida! Como o odeio! Está me ouvindo, Leo? Olhe só para você! O que vai ser de você agora? Bem, eu vou lhe dizer. Está indo para um lugar horrível. Um lugar escuro e solitário, e não quero ir com você. Vá sozinho! Vá sozinho com essa insignificante ferida idiota!

Brodsky ficara agitando a mão lentamente. Agora, como ela fizesse uma pausa, disse:

— Posso ser... posso voltar a ser um maestro. A música ainda há pouco, antes de eu cair. Era boa. Você escutou? Posso voltar a reger...

— Leo, está me escutando? Nunca será um maestro adequado. Nunca foi, nem naquela época. Nunca será capaz de servir ao povo desta cidade, nem que eles queiram. Porque não se importa a mínima com a vida deles. Esta é a verdade. Sua música será sempre sobre esse fermento estúpido, nunca passará disso, nunca será nada profundo, nada de valor para outra pessoa. Pelo menos eu, no meu limite, posso dizer que fiz o que podia. Que fiz o que pude para ajudar as pessoas daqui. Mas você, olhe para si mesmo. Você só se importou com essa ferida. Por isso, mesmo naquela época, nunca foi um verdadeiro músico. E não se tornará um agora. Leo, está me ouvindo? Quero que escute. Nunca passará de um charlatão. Uma fraude covarde, irresponsável...

De repente, um homem robusto, com a cara vermelha, irrompeu pela cortina.

— Sua tábua de passar, Senhor Brodsky! — anunciou animadamente, segurando o objeto. Depois, percebendo o clima, se recolheu.

A Senhorita Collins olhou surpresa para o recém-chegado, depois, lançando um último olhar para Brodsky, saiu apressada pelo vão da cortina.

A face de Brodsky continuava voltada para o teto, mas, agora, fechara novamente os olhos. Chamando a atenção para mim, me ajoelhei ao seu lado e escutei a batida de seu coração.

— Nossos marinheiros — murmurou. — Nossos marinheiros. Nossos marinheiros bêbados. Onde estão agora? Onde estão vocês? Onde estão vocês?

— Sou eu, Ryder — disse. — Senhor Brodsky, tem de ser socorrido rapidamente.

— Ryder. — Abriu os olhos e olhou para mim. — Ryder. Talvez seja verdade. O que ela disse.

— Não se preocupe, Senhor Brodsky. Sua música foi grandiosa. Principalmente os dois primeiros movimentos...

— Não, não, Ryder. Não quis dizer isso. Agora, não importa. Refiro-me à outra coisa que ela disse. Sobre eu ir sozinho. A algum lugar escuro, solitário. Talvez seja verdade. — De repente, ergueu a cabeça do chão e me encarou. — Não quero ir, Ryder — disse sussurrando. — Não quero ir.

— Senhor Brodsky, vou tentar trazê-la de volta. Como eu disse, os dois primeiros movimentos principalmente revelaram uma enorme inovação. Estou certo de que ela pode ser persuadida. Por favor, só um momento, não me demoro.

Soltando meu braço de sua mão, saí, atravessando a cortina.

35

Fiquei surpreso ao encontrar o auditório completamente transformado. As luzes da platéia haviam sido acesas e, para todos os efeitos, não havia mais público. Restavam, no máximo, dois

terços dos convidados e a maioria estava em pé, conversando nas passagens. No entanto, não me demorei nessa cena, pois avistei a Senhorita Collins no corredor central, dirigindo-se à saída. Descendo do palco, corri atrás dela, passando pelos grupos de pessoas, e a uma distância em que podia ser ouvido, quando ela quase alcançava a saída, gritei:

— Senhorita Collins! Espere um pouco, por favor!

Virou-se e, ao me localizar, encarou-me com um olhar severo. De certa forma pego de surpresa, parei abruptamente, na metade do corredor central. De repente, senti que se esvaía em mim toda a determinação de alcançá-la e falar com ela, e, não sei bem por que, me peguei olhando para baixo, para meus pés, constrangido. Quando finalmente tornei a levantar a cabeça, vi que ela tinha desaparecido.

Continuei ali por mais algum tempo, me perguntando se teria sido um tolo deixando-a escapar tão facilmente. Porém, gradativamente, minha atenção foi atraída pelas diversas conversas à minha volta. Havia, em particular, um grupo à minha direita — seis ou sete pessoas idosas — e escutei um dos homens dizer: — Segundo a Senhora Schuster, ele não ficou sóbrio sequer um dia durante todo esse período. Como podem nos pedir que respeitemos um homem como esse, por mais talentoso que seja? Que exemplo é para nossos filhos? Não, não, isso foi longe demais.

— No jantar da condessa — disse uma mulher —, quase certamente estava bêbado. Foi muito hábil conseguindo esconder sua embriaguez.

— Com licença — interrompi —, mas não sabem nada a respeito disso. Posso lhes garantir que estão muito mal informados.

Esperava que minha presença por si só os deixasse em um silêncio estupefato. Mas me olharam cordialmente — como se eu simplesmente tivesse pedido licença para me juntar a eles —, depois, voltaram a conversar.

— Não que se tenha a intenção de voltar a elogiar Christoff disse o homem. — Mas a atuação de agora há pouco, como se diz, tocou as raias do mau gosto.

— Tocou as raias da imoralidade. Isso mesmo. Chegou a ser imoral.

— Com licença — dessa vez, interrompi mais vigorosamente. Casualmente, escutei atentamente o que o Senhor Brodsky conseguiu executar antes de desmaiar e minha avaliação diverge da de vocês. Na minha opinião, ele realizou algo desafiador, completamente novo, na verdade, algo muito próximo ao fundo do coração da peça.

Lancei-lhes um olhar gélido. De novo, olharam para mim de modo cordial, alguns riram educadamente, como se eu tivesse dito uma piada. Então o homem disse:

— Ninguém está defendendo Christoff. Todos, agora, vemos quem ele é realmente. Mas quando se escuta algo como o de agora há pouco, começa-se a julgar as coisas com mais imparcialidade.

— Aparentemente — disse outro homem —, Brodsky acredita que Max Sattler agiu certo. Sim. Realmente levou quase o dia todo falando nisso. É claro que falava no estupor da embriaguez, mas já que está sempre bêbado, é assim que expressa seus pensamentos. Max Sattler. Isso explica grande parte do que acabamos de ouvir.

— Christoff, pelo menos, tem o senso da estrutura. Um sistema que se pode apreender.

— Senhores — gritei —, os senhores me enjoam!

Nem mesmo se viraram para me olhar, e me afastei furioso.

Enquanto descia o corredor central, todos ao meu redor pareciam discutir o que tinham acabado de assistir. Notei que muitos discutiam a experiência, como teriam feito depois de um incêndio ou um acidente. Quando cheguei na parte da frente do auditório, vi duas mulheres chorando e uma terceira confortando-as, dizendo:

— Está tudo bem, já acabou. Agora, já passou. — O aroma de café impregnava essa parte da sala e várias pessoas seguravam xícaras e pires, bebendo como para se acalmar.

Então, me ocorreu que deveria retornar ao andar superior para ver como Gustav estava passando, e forçando passagem pelo grupo, saí do auditório por uma saída de emergência.

Deparei com um corredor vazio e silencioso. Como o de cima, fazia gradualmente uma curva, mas esse era claramente

destinado aos convidados. Era todo atapetado e a iluminação, suave e acolhedora. Ao longo das paredes, havia quadros em molduras folheadas a ouro. Não esperava que o corredor estivesse tão deserto e, por um instante, hesitei quanto a que caminho seguir. Quando recomecei a andar, escutei atrás de mim:

— Senhor Ryder!

Virei-me e vi Hoffman a uma pequena distância, agitando o braço. Tornou a me chamar, mas, não sei por que, permaneceu grudado no lugar em que estava, de modo que acabei tendo de retroceder alguns passos.

— Senhor Hoffman — disse eu, enquanto me dirigia a ele —, foi lamentável o que aconteceu.

— Um desastre. Um desastre absoluto.

— Foi realmente lamentável. Mas, Senhor Hoffman, não deve ficar muito deprimido. Fez tudo o que pôde para que a noite fosse um sucesso. E, se me permite, ainda tenho de me apresentar. Asseguro-lhe que farei tudo que estiver ao meu alcance para que as coisas voltem a estar sob controle. De fato, estive pensando se seria possível mudar o formato da sessão pergunta-resposta. Minha sugestão é que eu simplesmente faça um discurso, algo apropriado, levando em conta o que aconteceu. Poderia, por exemplo, proferir algumas palavras propondo que conservássemos em nosso coração o significado da extraordinária atuação do Senhor Brodsky antes de adoecer, e que devemos nos empenhar em ser fiéis ao espírito de sua regência, alguma coisa do gênero. Naturalmente, serei breve.

Talvez devesse dedicar meu recital ao Senhor Brodsky ou à sua memória, dependendo de seu estado a essa altura...

— Senhor Ryder — disse Hoffman com gravidade, e me ocorreu que ele não estava me escutando. Estava muito absorto e parecia apenas aguardar uma oportunidade para me interromper. — Senhor Ryder, há um assunto que queria discutir com o senhor. Um assunto sem muita importância.

— Oh, e do que se trata, Senhor Hoffman?

— Um assunto de menor importância, pelo menos para o senhor. Para mim, para minha esposa, tem uma certa importância. — De repente, seu rosto se contorceu com furor e jogou um braço para trás. Pensei que fosse me bater, mas então percebi que apontava para um ponto mais aquém, no corredor. Sob a luz suave, vi a silhueta de uma mulher, de costas para nós, em uma reentrância. O recanto era espelhado e sua cabeça tocava no vidro, de modo que seu reflexo não era visível. Enquanto eu olhava para ela, Hoffman, talvez achando que seu primeiro gesto não fora compreendido por mim, tornou a jogar o braço para trás. Depois, disse:

— Refiro-me aos álbuns de minha mulher.

— Os álbuns de sua mulher. Ah, sim. Sim, ela muito gentilmente... Mas é claro, Senhor Hoffman, que agora não é o momento...

— Senhor Ryder, deve se lembrar de que prometeu examiná-los. E combinamos, em consideração ao senhor, de modo que não fosse importunado em uma hora inconveniente,

combinamos, não se lembra?, combinamos um sinal. Um sinal que o senhor me faria quando estivesse pronto para examinar os álbuns. Lembra-se?

— É claro, Senhor Hoffman. E não me esqueci em momento algum...

— Eu o observei atentamente, Senhor Ryder. Sempre que o avistava errando pelo hotel, atravessando o foyer, tomando café, pensava cá comigo: "Ah, parece que ele tem um tempo. Talvez seja agora."

E aguardava o sinal, observava-o atentamente. Mas aconteceu? Puff! E agora, aqui estamos nós, sua estada chegando ao final, somente a algumas horas de seu vôo e de seu compromisso em Helsinque! Há momentos em que penso não tê-lo percebido, ter me distraído por um segundo, ou me virado de costas, confundido o final de seu sinal com algum outro gesto. Evidentemente, se esse fosse o caso, isto é, se o senhor tivesse feito o sinal em várias ocasiões e eu é que tivesse sido estúpido demais para entendê-lo, então, naturalmente eu pediria desculpas sem ressalvas, sem vergonha, sem dignidade, eu me humilharia para o senhor. Mas minha opinião é que o senhor não fez esse sinal. Em outras palavras, o senhor tratou... tratou — relanceou os olhos para a figura no corredor e abaixou a voz —, tratou minha mulher com desprezo. Veja, aqui estão!

Só então reparei nos dois grandes volumes que carregava. Ele os estendeu a mim.

— Aqui estão. Os frutos da dedicação de minha mulher à sua brilhante carreira. Como ela o admira. É fácil de ver isso. Veja essas páginas! — Abriu com dificuldade um dos álbuns, enquanto carregava o outro sob o braço. — Veja, até mesmo recortes pequeninos de revistas desconhecidas. Coisas ditas de passagem sobre o senhor.

Pode ver como é dedicada ao senhor. Veja aqui! E aqui, e aqui! E não consegue tempo sequer para dar uma olhadinha nos álbuns. O que vou dizer a ela? — Fez novamente um gesto na direção da figura lá embaixo, no corredor.

— Desculpe — comecei. — Lamento muito, mas, como vê, minha estada foi muito confusa. Tinha intenção de... — Então, percebi que, com todo o caos da noite, tinha de, no mínimo, manter a cabeça fria. Fiz uma pausa, depois, falei com uma certa autoridade: — Senhor Hoffman, talvez seja mais fácil sua esposa aceitar minhas sinceras

desculpas se as escutar de minha própria boca. Tive o grande prazer de conhecê-la hoje. Talvez se me levasse até ela, poderíamos resolver logo esta questão. Depois, evidentemente, terei de subir ao palco, dizer algumas palavras sobre o Senhor Brodsky, e apresentar meu recital. Meus pais, principalmente, já devem estar ficando impacientes.

Hoffman pareceu ligeiramente confuso ao ouvir isso. Então, tentando reacender a raiva anterior, ele disse:

— Olhe para estas páginas! Olhe para elas! — Mas a chama se apagara e olhou para mim de um modo um tanto

acanhado. — Então, vamos — disse ele em voz baixa, que traía uma derrota indecorosa.

— Vamos.

Mas, por um momento, ele não se moveu, e tive a impressão de que passavam em sua cabeça algumas recordações remotas. Então, com determinação, se pôs a andar na direção de sua esposa e eu o segui, alguns passos atrás.

A Senhora Hoffman virou-se quando nos aproximamos. Parei a uma pequena distância, mas olhou direto para mim e disse:

— É um prazer revê-lo, Senhor Ryder. Infelizmente, a noite parece não ter se desenrolado tão bem quanto todos esperávamos.

— Lamentavelmente — disse eu —, parece que não. — Depois, dando um passo à frente, acrescentei: — Além do mais, senhora, uma coisa ou outra fez com que eu negligenciasse várias outras que gostaria muito de fazer.

Esperiei que respondesse a essa insinuação, mas ela simplesmente olhou para mim com interesse e esperou que eu prosseguisse. Então, Hoffman pigarreou e disse:

— Querida, eu... eu conheço o seu desejo.

Com um sorriso submisso, ele estendeu os álbuns, um em cada mão.

A Senhora Hoffman o olhou horrorizada.

— Me dê estes álbuns — disse asperamente. — Não tinha o direito! Mede!

— Querida... — Hoffman deu uma risadinha sem graça e seu olhar se dirigiu aos seus pés.

A Senhora Hoffman continuou com a mão estendida, e com a expressão furiosa. O gerente de hotel entregou-lhe um álbum e depois o outro. Ela os olhou rapidamente para se certificar de que eram mesmo eles e, depois, pareceu extremamente embaraçada.

— Querida — murmurou Hoffman —, eu apenas achei que não haveria mal algum... — Calou-se de novo e riu.

A Senhora Hoffman encarou-o friamente. Depois, virando-se para mim, disse:

— Sinto muito, Senhor Ryder, que meu marido o tenha incomodado com coisas tão insignificantes. Boa noite.

Colocou os álbuns debaixo do braço e se afastou. Não havia dado mais que alguns passos quando Hoffman, subitamente, exclamou:

— Insignificantes? Não, não! Não são insignificantes! Tampouco o álbum de Kosminsky. Nem o de Stefan Hallier. Insignificante não! Bem que eu gostaria. Gostaria de poder acreditar que são insignificantes!

Sua mulher se deteve, mas não se virou, e Hoffman e eu ficamos olhando para suas costas enquanto ela permanecia quieta

ali, sob a luz suave do corredor. Então, Hoffman deu alguns passos em sua direção.

— A noite. Foi um grande fracasso. Por que fingir que existe alguma coisa? Por que continuar me tolerando? Ano após ano, um fiasco atrás do outro. Depois do Festival da Juventude, sua paciência comigo certamente se esgotou. Mas você continuou a me suportar. Depois, a Semana da Mostra. Continuou me tolerando. Me deu mais uma chance. Está bem, eu lhe supliquei, eu sei. Implorei mais uma chance. E não teve coragem de recusar. Resumindo, me deu mais uma hoje à noite. E o que consegui? A noite foi um fracasso. Nosso filho, nosso único filho, sendo alvo de ridículo diante dos cidadãos mais eminentes desta cidade. A culpa foi minha, sim, eu sei. Eu o estimulei. Mesmo no último momento, sabia que devia impedi-lo, mas não tive forças. Deixei-o levar a coisa até o final. acredite-me, querida, não foi minha intenção. Desde o começo, disse a mim mesmo, eu lhe falarei amanhã, teremos uma conversa franca a esse respeito amanhã, quando tivermos mais tempo. Amanhã, amanhã, sempre adiando. Sim, fui fraco, admito. Mesmo hoje à noite, eu dizia a mim mesmo, só mais uns minutos e lhe falarei, mas não, não, não consegui e ele prosseguiu. Sim, nosso Stephan, apresentou-se diante de todo mundo e tocou piano! Foi alvo de ridículo! Ah, e ainda se só fosse isso! Todo mundo, a cidade toda sabe quem é o responsável pela programação desta noite. E a cidade toda sabe quem se responsabilizou pela recuperação do Senhor Brodsky. Pois muito bem, muito bem, não nego, fracassei, não consegui colocá-lo em condições. O homem é um bêbado, devia ter percebido que qualquer tentativa seria inútil. O evento está ruindo à nossa volta enquanto falamos. Nem mesmo o Senhor Ryder

pode salvá-lo. Ele só agrava nosso constrangimento. O melhor pianista do mundo, trouxe-o aqui para quê? Para participar dessa desgraça? Por que me deixaram colocar essas mãos tão toscas perto de coisas tão divinas quanto música, arte, cultura? Você é de uma família talentosa, poderia ter se casado com quem quisesse. Que erro cometeu! Uma tragédia. Mas ainda não é tarde demais para você. Ainda é bela. Por que esperar mais? De que outra prova precisa? Deixe-me. Deixe-me. Encontre alguém que a mereça. Um Kosminsky, um Hallier, um Ryder, um Leonhardt. Como pôde cometer este erro? Deixe-me, eu lhe peço, deixe-me. Não vê como é detestável ser seu carcereiro? Não, pior, os próprios grilhões em seu tornozelo. Deixe-me, me abandone. — De repente, Hoffman curvou-se para a frente e levou o punho à testa, realizou o mesmo movimento que o vira ensaiar mais cedo. — Meu amor, meu amor, me deixe. Minha posição é insustentável. Depois desta noite, minha presunção, finalmente, acabou. Todos saberão disso, até mesmo a criança mais nova da cidade. A partir desta noite, sempre que me virem ocupado com negócios, saberão que não tenho nada. Nem talento, nem sensibilidade, nem requinte. Deixe-me, deixe-me. Não passo de um boi, um boi, um boi! Representou seu ato mais uma vez, os cotovelos projetados para fora de forma estranha quando batia em sua cabeça. Depois, caiu de joelhos e começou a soluçar.

— Uma desordem — murmurava entre soluços. — Tudo uma confusão.

A Senhora Hoffman tinha, agora, se virado, e observava o marido atentamente. Não parecia de modo algum espantada com aquele arroubo e seu olhar se tornou terno, quase saudoso. Deu um

passo hesitante, depois outro, na direção da figura curvada de Hoffman. Estendeu uma mão lentamente, como se fosse tocar, delicadamente, o alto de sua cabeça. Por um segundo, a mão pairou sobre Hoffman, sem encostar nele, e, então, a recolheu. No momento seguinte, havia se virado e desaparecido no corredor.

Hoffman continuou soluçando, evidentemente sem perceber nenhum dos movimentos de sua esposa. Fiquei a observá-lo por algum tempo, sem saber direito o que fazer.

Então, de repente, me dei conta de que deveria estar agora no palco. E me lembrei, me emocionando, de como até aquele momento tivera sido incapaz de descobrir um único sinal da presença de meus pais em alguma parte daquele prédio. Meus sentimentos em relação a Hoffman, que até aquele ponto haviam sido quase de piedade, de repente se transformaram, e aproximando-me dele gritei em seu ouvido:

— Senhor Hoffman, pode ser que o senhor tenha feito uma desordem de sua noite. Mas não serei arrastado com o senhor. Pretendo subir ao palco e me apresentar. Farei o possível para trazer alguma ordem ao evento. Mas, antes de mais nada, Senhor Hoffman, quero que me responda de uma vez por todas. O que foi feito dos meus pais?

Hoffman olhou para cima e pareceu um tanto surpreso em descobrir que sua esposa se fora. Depois, olhando para mim com uma certa irritação, levantou-se.

— O que está querendo? — perguntou aborrecido.

— Meus pais, Senhor Hoffman. Onde estão? O senhor me garantiu que receberiam toda assistência. E mais cedo, quando os procurei, não estavam na platéia. Está quase na hora de eu subir ao palco e quero que meus pais estejam confortavelmente instalados. Por isso tenho de lhe pedir para responder. Onde estão?

— Seus pais — Hoffman respirou fundo e passou, com um gesto cansado, a mão no cabelo. — Deve perguntar à Senhorita Stratmann. Ela foi encarregada diretamente de seu bem-estar. Eu apenas supervisionei a estrutura geral do evento. E, como sabe, tendo sido um completo fracasso, não pode esperar que seja capaz de responder à sua pergunta...

— Sim, sim, sim — eu disse, cada vez mais impaciente. — E onde está a Senhorita Stratmann?

Hoffman suspirou e apontou para além de meu ombro. Virei-me e percebi uma porta.

— Ela está lá? — perguntei asperamente.

Hoffman assentiu com a cabeça, depois, cambaleando até a reentrância espelhada em que sua esposa estivera, encarou seu reflexo.

Bati com força à porta. Como não houve resposta, olhei de modo acusador para Hoffman. Ele agora curvava-se sobre a saliência do recanto. Estava a ponto de descarregar minha raiva sobre ele quando escutei uma voz, lá de dentro, pedir para que eu entrasse. Lancei um último olhar à forma arqueada de Hoffman, e abri a porta.

36

O escritório amplo e moderno em que me encontrava era completamente diferente de qualquer outra coisa com que havia deparado até então no prédio. Era uma espécie de anexo, aparentemente construído totalmente de vidro. Não havia luzes acesas na sala e percebi que a alvorada, finalmente, acontecia. Fragmentos suaves dos primeiros raios de sol derivavam para pilhas instáveis de papéis, arquivos, catálogos e pastas espalhados sobre as mesas. O escritório continha, ao todo, três mesas, mas a Senhorita Stratmann era a única pessoa presente.

Parecia ocupada e me pareceu estranho ela ter apagado as luzes, pois a claridade mortiça era insuficiente para se ler ou escrever. A única possibilidade que me ocorreu foi que as teria apagado momentaneamente para desfrutar a vista, ao longe, do nascer do sol por trás das árvores. Na verdade, quando entrei, estava sentada à sua mesa, com o telefone na mão, olhando o vazio através das enormes paredes de vidro.

— bom dia, Senhor Ryder — disse ela, virando-se para mim. — Estarei à sua disposição em um minuto. — Depois, disse ao telefone: — Sim, em uns cinco minutos. As salsichas também. Devem começar a fritá-las daqui a pouco. E as frutas. Já têm de estar prontas.

— Senhorita Stratmann — disse eu, avançando na direção de sua mesa —, há questões mais urgentes que a fritura de salsichas.

Ela me olhou rapidamente e repetiu:

— Estarei à sua disposição em um instante, Senhor Ryder.
— Depois tornou a falar ao telefone e se pôs a anotar alguma coisa.

— Senhorita Stratmann — eu disse, endurecendo a voz —, sou obrigado a pedir que desligue o telefone e ouça o que tenho a dizer.

— Um momento — disse ela à pessoa do outro lado da linha —, tem alguém aqui com quem tenho de falar. Só um minutinho. Então, baixou o fone e me olhou de modo irritado.

— O que é, Senhor Ryder?

— Senhorita Stratmann — disse eu —, na primeira vez em que nós vimos, garantiu-me que me manteria informado de todos os detalhes de minha visita a esta cidade. Que me informaria tudo sobre minha agenda e a natureza de meus diversos compromissos. Achei que a senhorita seria alguém com quem eu poderia contar. Lamento dizer que não correspondeu à expectativa.

— Senhor Ryder, não sei a que devo esse discurso. Há algo com que se sente, particularmente, insatisfeito?

— Estou insatisfeito com tudo, Senhorita Stratmann. Não recebi informações importantes quando precisei delas. Não fui comunicado de mudanças de última hora em minha programação.

Não recebi apoio, nem auxílio em aspectos cruciais. Conseqüentemente, não pude me preparar para o que tenho de fazer da maneira como gostaria. Não obstante, apesar de tudo isso, pretendo subir ao palco daqui a pouco, e tentar salvar alguma coisa do que está se revelando uma noite desastrosa para todos vocês. Mas, antes disso, tenho uma pergunta simples a lhe fazer. Onde estão meus pais? Chegaram há algum tempo, de carruagem. Mas quando os procurei no auditório, não os encontrei. Não estavam em nenhum dos camarotes, nem nas poltronas VIPs, na frente. Por isso, torno a perguntar, Senhorita Stratmann, onde eles estão? Por que não lhes prestaram a assistência que prometeram? A Senhorita Stratmann examinou-me cuidadosamente sob a luz do amanhecer, depois, soltou um suspiro.

— Senhor Ryder, tenho querido lhe falar sobre isso há algum tempo. Sentimo-nos todos muito honrados quando, alguns meses atrás, nos comunicou a intenção de seus pais visitarem nossa cidade. Todos ficamos realmente felizes. Mas devo lembrá-lo, Senhor Ryder, de que só soubemos das intenções deles, dos planos de virem à cidade, por meio do senhor. Nos últimos três dias, e principalmente hoje, fiquei fazendo tudo o que estava ao meu alcance para averiguar onde estariam. Telefonei várias vezes para o aeroporto, para a estação ferroviária, para as companhias de ônibus, para cada hotel da cidade, e não descobri sinal algum deles. Ninguém soube deles, ninguém os viu. Pois bem, Senhor Ryder, tenho de lhe perguntar. Tem certeza de que estão vindo para esta cidade?

Enquanto ela falava, várias dúvidas passaram pela minha cabeça e, de repente, senti algo dentro de mim começar a ruir. Para disfarçar meu desconforto, desviei o olhar para o alvorecer lá fora.

— Bem — acabei dizendo —, estava certo de que, desta vez, eles viriam.

— O senhor tinha certeza. — A Senhorita Stratmann, cujo orgulho profissional eu obviamente ferira, agora me encarava com um olhar acusador. — O senhor se dá conta, Senhor Ryder, do trabalho que todos tiveram na expectativa da chegada de seus pais? Das providências para a assistência médica, acomodações, os cavalos e a carruagem?

Um grupo de senhoras passou semanas organizando uma programação para entreter seus pais durante a estada nesta cidade. E diz que estava certo de que viriam.

— Naturalmente — disse eu, com uma risada —, eu jamais daria tanto trabalho às pessoas se não tivesse certeza absoluta. Mas o fato é — escapou-me mais uma risada —, o fato é que, desta vez, eu tinha certeza de que, finalmente, viriam. Sem dúvida não é tão absurdo eu ter suposto que viriam. Afinal, estou no auge de minha carreira.

Por quanto tempo mais terei de continuar viajando assim? É claro que lamentarei se tiver causado tanto transtorno inutilmente, mas isso não acontecerá. Eles devem estar aqui, em algum lugar. Além disso, os escutei. Quando parei o carro no bosque, ouvi-os chegando, os cavalos e a carruagem. Eu os ouvi, devem estar aqui, com certeza não é absurdo...

Desabei em uma cadeira e me dei conta de que soluçava. Lembrei-me imediatamente de como era vaga a possibilidade de meus pais irem àquela cidade. Não conseguia entender de modo algum como me sentira tão confiante a ponto de ter exigido satisfações do Senhor Hoffman e da Senhorita Stratmann daquela maneira. Continuei a soluçar por um bom tempo, e depois, percebi que a Senhorita Stratmann estava em pé à minha frente.

— Senhor Ryder, Senhor Ryder — repetia com ternura. Então, quando consegui controlar minhas lágrimas, ela disse em um tom bondoso:

— Senhor Ryder. Talvez ninguém ainda tenha mencionado isso. Mas houve uma vez, há alguns anos, que seus pais vieram a esta cidade.

Parei de chorar e olhei para ela. Ela me deu um sorriso, depois andou vagarosamente na direção da vidraça e tornou a olhar o amanhecer.

— Deviam estar aproveitando um feriado — disse ela, o olhar distante. — Chegaram de trem e ficaram dois ou três dias passeando pela cidade. Como eu disse, foi há algum tempo, e o senhor não era tão conhecido quanto é hoje. Ainda assim, não era totalmente desconhecido e alguém, talvez alguém no hotel em que estavam, perguntou-lhes se eram parentes seus. Por causa do nome e de serem ingleses. Foi assim que se soube que esse simpático casal idoso eram seus pais. Não houve tanto rebuliço como aconteceria hoje, mas foram muito bem assistidos. Ao longo destes anos, enquanto sua fama crescia, as pessoas nunca se esqueceram

dessa vez em que seus pais estiveram aqui. Pessoalmente, não me recordo de sua visita, porque era muito pequena na época. Mas me lembro das pessoas comentando.

Olhei atentamente para suas costas.

— Senhorita Stratmann, não está me dizendo tudo isso só para me consolar, está?

— Não, não, é verdade. Qualquer um pode confirmar o que contei. Como disse, eu era apenas uma criança, mas muitas pessoas daqui poderão lhe contar melhor. Além do mais, foi tudo muito bem documentado.

— Mas eles pareciam felizes? Riam juntos e se divertiam?

— Tenho certeza de que sim, Senhor Ryder. Pelo que sei, divertiram-se muito. De fato, todos se lembram deles como um casal muito agradável. Muito delicados e atenciosos um com o outro.

— Mas... mas o que estou perguntando, Senhorita Stratmann, é se cuidaram bem deles. É isso que quero saber...

— É claro que cuidaram bem deles. E se divertiram. Mostraram-se felizes durante toda sua estada.

— Como pode se lembrar? A senhorita mesma disse que não era mais que uma criança na época.

— O que estou relatando é como as pessoas daqui se lembram.

— Se isso é verdade, por que ninguém tocou nesse assunto comigo durante todo este tempo?

A Senhorita Stratmann hesitou durante um segundo, e tornou a se virar para as árvores e o nascer do sol.

— Não sei — respondeu baixinho, balançando a cabeça. — Não sei por que tem de ser assim. Mas o senhor tem razão. As pessoas não falam disso tanto quanto era de se esperar. Mas não há erro, posso lhe assegurar. Lembro-me disso nitidamente, na minha infância.

Ouviu-se o som dos pássaros lá fora, iniciando seu coro. A Senhorita Stratmann continuou a olhar fixamente as árvores à distância, talvez com outras recordações da infância em sua mente. Observei-a por algum tempo, depois disse:

— Disse que foram tratados bem.

— Oh, sim — disse a Senhorita Stratmann quase sussurrando, os olhos ainda distantes. — Tenho certeza de que foram muito bem tratados. Deve ter sido na primavera, e a primavera aqui é tão agradável. E a cidade velha, o senhor viu por si mesmo como é encantadora. As pessoas devem tê-los orientado, pessoas comuns, que passavam casualmente.

Os edifícios principais, os museus, as pontes. E se pararam para um café ou um lanche em algum lugar e não souberam o que pedir, talvez por causa de uma dificuldade com o idioma, o garçom, ou a garçonete, foi muito prestativo. Oh, sim, devem ter se divertido muito aqui.

— Disse que vieram de trem. Alguém os ajudou com a bagagem?

— Oh, os carregadores da estação ferroviária devem ter se aproximado imediatamente para ajudá-los. Levado toda a bagagem para o táxi, depois, o motorista deve ter cuidado disso. Foram conduzidos ao hotel, e pronto. Estou certa de que não precisaram sequer se preocupar com a bagagem.

— Hotel? Mas que hotel foi esse?

— Um muito confortável, Senhor Ryder. Um dos melhores na época. Certamente o adoraram. Adoraram cada minuto.

— Espero que não ficasse perto demais das avenidas principais. Minha mãe sempre detestou o barulho do trânsito.

— Naquela época, evidentemente, o trânsito não era o problema que se tornou hoje. Lembro-me de quando era pequena e costumava brincar com minhas amigas em algumas das ruas residenciais, de pular corda ou jogar bola. Está fora de questão uma criança fazer isso hoje em dia! Oh, sim, costumávamos brincar assim, às vezes durante horas. Mas voltando ao assunto, Senhor Ryder — virou-se para mim com um sorriso melancólico —, o hotel em que seus pais se hospedaram não se localizava perto do trânsito. Era um hotel idílico. Não existe mais, porém, se quiser, posso lhe mostrar uma foto. Gostaria de vê-lo? O hotel em que seus pais ficaram?

— Gostaria muito, Senhorita Stratmann.

Ela tornou a sorrir e atravessou a sala em direção à sua mesa. Achei que ia abrir uma gaveta, mas, na última hora, desviou e foi até a parede de trás do escritório.

Erguendo uma mão, puxou um cordão e começou a descer algo que parecia ser um gráfico. Então, vi que não se tratava de um gráfico, mas de uma foto colorida gigantesca.

Continuou a descê-la, até quase tocar no chão, quando a roldana estalou e ficou firme. Voltando à mesa, acendeu o abajur e girou o foco de luz na direção da foto.

Nos momentos seguintes, nós dois examinamos a foto em silêncio. O hotel parecia uma versão menor de um castelo dos contos de fadas, construído por reis loucos, no século passado. Localizava-se bem no extremo de um vale profundo, coberto de samambaias e flores primaveris. A foto havia sido tirada em um dia ensolarado, a partir do outro lado do vale, oferecendo uma composição delicada e relaxante, apropriada para um cartão-postal ou um calendário.

— Acho que seus pais ficaram nesse quarto aqui — escutei a Senhorita Stratmann dizer. Pegara em algum lugar um ponteiro e assinalava uma janela em um dos torreões do hotel. — Devia ter uma bela vista, não?

— Sim, realmente.

A Senhorita Stratmann abaixou o indicador, mas eu continuei a olhar para a janela, tentando imaginar a vista que oferecia. Minha mãe, principalmente, teria apreciado muito esse tipo

de panorama. Mesmo que estivesse em um de seus maus dias, se sentiria extremamente confortada por ele. Observaria a brisa soprar através do fundo do vale, agitando as samambaias e a folhagem das árvores contorcidas que escalavam a encosta, no extremo oposto. Também teria gostado da grande extensão de céu visível.

Reparei no primeiro plano — no canto inferior direito — uma parte da estrada, de onde, supostamente, o fotógrafo teria batido a foto. Era quase certo que, de seu quarto, minha mãe tivesse uma visão dessa estrada. Portanto, teria sido capaz de observar a vida local à distância. Passaria um carro ocasional, ou o furgão de comestíveis, talvez até mesmo uma carroça puxada a cavalo, de vez em quando, um trator ou algumas crianças excursionando. Essas visões certamente a teriam alegrado muito.

Ao continuar olhando para a janela, recomecei a chorar. Não tão incontrolavelmente como antes, mas as lágrimas jorravam e corriam pelo meu rosto. A Senhorita Stratmann notou, mas dessa vez, não viu necessidade de contê-las. Sorriu ternamente e deu as costas à fotografia.

Tive um sobressalto com uma batida à porta. A Senhorita Stratmann também levou um susto. Depois, ela disse: — com licença, Senhor Ryder. — E dirigiu-se à porta. Virei-me na cadeira quando um homem de uniforme entrou, empurrando um carrinho de comida. Parou-o no vão da porta, de modo que a escorava aberta e ficava de frente para o alvorecer.

— Vai fazer um dia bonito — disse ele, sorrindo para nós.
— Aqui está seu desjejum, senhorita. Devo colocá-lo na mesa?

— Desjejum? — A Senhorita Stratmann parecia confusa. — Só deveria ser servido daqui a meia hora.

— O Senhor Von Winterstein mandou que se começasse a servi-lo agora, senhorita. E, na minha opinião, ele tem razão. A esta altura, as pessoas estão precisando de um café da manhã.

— Oh. — A Senhorita Stratmann continuou, aparentemente confusa, e relanceou os olhos para trás, para mim, como se pedisse ajuda. Depois perguntou ao homem:

— Está tudo... tudo bem?

— Agora está tudo ótimo. É claro que, depois que o Senhor Brodsky desmaiou daquela maneira, houve um pouco de pânico, mas agora todos estão felizes e se divertindo. Sabe, o Senhor Von Winterstein fez um belo discurso no foyer, ainda há pouco, sobre a esplêndida herança desta cidade, sobre todas as coisas de que devemos nos orgulhar. Citou uma porção de realizações nossas ao longo dos anos, apontou todos os terríveis problemas que empestam outras cidades e com que nunca tivemos de nos preocupar. Era do que precisávamos, senhorita. Foi uma pena não estarem lá para ouvi-lo. Fez com que todos nós nos sentíssemos bem conosco mesmos e em relação à nossa cidade, e, agora, todos estão se divertindo. Veja, ali estão alguns deles. — Apontou para fora, através do vidro, e, realmente, sob a luz lânguida lá de fora, distinguiam-se várias figuras caminhando vagarosamente pela relva, segurando os pratos cuidadosamente, procurando em volta onde se sentarem.

— Com licença — disse eu, levantando. — Devo ir e tocar. Vou me atrasar. Senhorita Stratmann, muito obrigado. Por sua atenção, por tudo. Por favor, agora me dê licença.

Sem esperar uma resposta, abri caminho, passando pelo carrinho com o desjejum, e saí para o corredor.

37

Agora, a luz pálida da manhã penetrava na melancolia do corredor. Relanceei os olhos para a reentrância espelhada, onde deixara Hoffman, mas ele tinha ido embora.

Apressei-me na direção do auditório, passei pelos quadros em molduras douradas. A certa altura, deparei com um garçom empurrando um carrinho com o desjejum, curvando-se para bater a uma porta. Exceto por ele, o corredor estava deserto.

Continuei a caminhar apressado, procurando a porta de emergência que, originalmente, me trouxera, a esse corredor. Fui tomado, então, por um ímpeto irresistível de tocar. E me dei conta de que as decepções que acabara de sofrer, quaisquer que tivessem sido, não diminuía minha responsabilidade em relação a todos aqueles que haviam esperado durante semanas pelo momento em que, diante deles, me sentaria ao piano. Em outras palavras, era minha obrigação tocar nessa noite, no mínimo dentro de meu padrão habitual. Uma apresentação inferior — senti, de repente,

muito forte — seria como abrir uma estranha porta que me conduziria a um espaço escuro, desconhecido.

Depois de algum tempo, o corredor começou a se revelar cada vez menos familiar. O papel da parede se tornou azul-escuro, fotografias assinadas substituíram os quadros, e me dei conta de ter perdido a porta que procurava. Entretanto, percebi que me aproximava de outra, muito mais substancial, onde se lia "Palco", e decidi atravessá-la.

Por alguns segundos, tateei no escuro, e então me encontrei, mais uma vez, detrás das cortinas. Vi o piano no meio do palco vazio, mal iluminado por uma ou duas luzes acima. Também vi que as cortinas estavam fechadas e penetrei silenciosamente.

Examinei o local em que Brodsky estivera caído, mas não percebi marca alguma. Relanceei os olhos de volta ao piano, sem saber como proceder. Se me sentasse no banco e me pusesse simplesmente a tocar, era possível que os técnicos tivessem a idéia de abrir as cortinas e acender os refletores. No entanto, sempre havia a possibilidade — não se podia saber o que tinha acontecido — de que os técnicos tivessem abandonado seus postos e as cortinas não se abrissem. Além do mais, na última vez em que observara a platéia, as pessoas estavam em pé, conversando agitadamente. Concluí que a melhor solução seria passar pelas cortinas e fazer uma apresentação, oferecendo a todos — à platéia e aos técnicos — a oportunidade de se preparar. De imediato ensaiei algumas frases mentalmente, depois, sem mais cerimônias, fui até a brecha entre as cortinas e afastei o material pesado.

Estava preparado para encontrar o auditório em desordem, mas fui recebido por uma visão que me pegou de surpresa. Não somente o público havia desaparecido inteiramente, como todas as poltronas. Ocorreu-me que talvez a sala tivesse uma espécie de mecanismo por meio do qual, ao se puxar uma alavanca, as poltronas desapareciam no piso — permitindo, por conseguinte, que o auditório se transformasse em uma pista de dança, ou qualquer outra coisa —, mas, então, lembrei-me da idade da construção e concluí que isso era praticamente impossível. Só podia supor que as poltronas fossem estofadas de palha e que seriam retiradas como uma precaução contra incêndio.

Em todo caso, à minha frente havia um espaço amplo, escuro e vazio. Não havia qualquer luz acesa, e, em vez disso, aqui e ali, grandes porções retangulares do teto haviam sido retiradas, possibilitando que raios mortiços de luz natural incidissem sobre o chão.

Perscrutando na luz sombria, achei que distinguia algumas figuras no fundo da sala. Pareciam formar um círculo e confabular talvez fossem os operários concluindo a arrumação —, depois, ouvi o eco de passos quando um deles se afastou.

Fiquei ali, na beirada do palco, me perguntando o que fazer. Supus ter passado muito mais tempo no escritório da Senhorita Stratmann do que imaginara — possivelmente, uma hora — e, obviamente, o público perdera as esperanças de que eu aparecesse. Não obstante, se eu fosse anunciado, os convidados seriam reunidos no fundo do auditório em alguns minutos, e mesmo sem as poltronas, não vi razão para que um recital perfeitamente

satisfatório não ocorresse. Não estava claro, no entanto, aonde as pessoas tinham ido e me dei conta de que deveria antes encontrar Hoffman, ou quem quer que agora fosse o responsável, para discutir o próximo passo.

Desci do palco e atravessei a sala. Não estava nem na metade do caminho quando comecei a me sentir desorientado no escuro e, mudando um pouco a direção, dirigi-me ao raio de luz mais próximo. Assim que fiz isso, uma figura surgiu na minha frente.

— Óh, desculpe — disse a pessoa. — Queira me perdoar. Reconheci a voz de Stephan e disse:

— Olá. Então, pelo menos você ainda está aqui.

— Oh, Senhor Ryder. Desculpe, não o vi. — Parecia cansado e abatido.

— Devia estar se sentindo mais animado — disse-lhe. — Sua apresentação foi esplêndida. O público ficou extremamente comovido.

— Sim. Sim, acho que me receberam bem.

— Parabéns. Depois de tanto trabalho, deve ser muito gratificante para você.

— Sim, acho que sim.

Pusemo-nos a andar lado a lado, através da escuridão. Ao contrário do que se esperaria, a luz filtrada do teto dificultava que vissemos aonde íamos, mas Stephan parecia conhecer o caminho.

— Sabe, Senhor Ryder — disse ele, depois de algum tempo —, estou muito grato ao senhor. Foi um estímulo maravilhoso. Mas a verdade é que, hoje à noite, não atingi um nível satisfatório. Não para meu padrão. Evidentemente, o público me ajudou muito, mas foi porque não estavam esperando nada tão especial. Mas, na verdade, sei que tenho muito o que desenvolver. Meus pais têm razão.

— Seus pais? Pelo amor de Deus, não devia se preocupar com eles.

— Não, não, Senhor Ryder, o senhor não entende. Meus pais, sabe, têm o mais alto padrão. Essas pessoas que estavam aqui nesta noite foram muito gentis, mas não sabem muito. Viram um rapaz da cidade tocar em certo nível e se emocionaram. Mas quero ser avaliado segundo padrões verdadeiros. E sei que meus pais também. Senhor Ryder, tomei uma decisão. Vou partir. Preciso ir para um lugar maior, estudar com alguém como Lubetkin ou Peruzzi. Agora, percebo que, aqui, não alcançarei o nível que quero, não nesta cidade. Veja o modo como aplaudiram o que, afinal, foi uma execução extremamente comum de Glass Passions. Foi apenas uma síntese. Eu não percebia isso antes, mas acho que pode me chamar de um peixe fora d'água. Tenho de partir por algum tempo. Ver o que posso fazer realmente. Continuamos a andar, nossos passos ressoando no auditório. Então, eu disse:

— Talvez seja melhor. De fato, estou certo de que tem razão. A mudança para uma cidade maior, maiores desafios, estou certo de que lhe serão benéficos. Mas tem de tomar cuidado com

quem vai estudar. Se quiser, pensarei a respeito e verei se posso conseguir algo.

— Senhor Ryder, se fizer isso, ficarei eternamente grato. Sim, preciso ver até onde posso ir. Então, um dia, retornarei e lhes mostrarei. Mostrarei como Glass Passions deve realmente ser executada. Deu uma risada, mas de modo algum mais animada.

— Você é um jovem talentoso. Tem tudo à sua frente. Deve realmente melhorar seu ânimo.

— Acho que sim. Acho que só estou um pouco amedrontado. Não tinha me dado conta até esta noite de como tenho ainda muito caminho pela frente. Vai achar engraçado, mas, sabe, achei que estava totalmente pronto. Isso mostra o que faz viver em um lugar como este. Começa-se a pensar pequeno. Sim, achei que faria tudo que tinha a fazer nesta noite! Pode ver como minha idéia era ridícula até hoje. Meus pais têm razão. Tenho muito o que aprender.

— Seus pais? Ouça, meu conselho é que esqueça completamente seus pais a partir de agora. Se me permite, realmente não entendo como eles...

— Ah, chegamos. É por aqui. — Havíamos chegado a uma espécie de passagem e Stephan puxou uma cortina. — É por aqui.

— Desculpe, mas o que é por aqui?

— O conservatório. Oh, talvez ainda não saiba do conservatório. É muito famoso. Foi construído cem anos depois da

sala, mas agora é quase tão famoso quanto. É onde todos vieram tomar o café da manhã.

Encontramo-nos em um corredor. Ao longo de um dos lados havia uma longa série de janelas. Através da mais próxima, pude ver a luz azul do céu matinal.

— A propósito — disse eu, quando recomeçamos a andar —, eu me perguntava sobre o Senhor Brodsky. Sobre seu estado. Ele... faleceu?

— O Senhor Brodsky? Oh, não, ele vai ficar bem, tenho certeza. Levaram-no para algum lugar. Na verdade, soube que o transportaram para a Clínica Saint Nicholas.

— Clínica Saint Nicholas?

— É o local que acolhe indigentes. Agora mesmo, no conservatório, as pessoas falavam sobre isso, dizendo, bem, que ali é seu lugar, é onde sabem como lidar com problemas como o dele. Para ser franco, fiquei um pouco chocado. De fato, o que vou dizer é confidencial, Senhor Ryder, tudo isso contribuiu para minha decisão. Isto é, de ir embora. A atuação do Senhor Brodsky, na minha opinião, foi a melhor coisa que se ouviu nesta sala, depois de muitos anos. Claro que desde que sou capaz de apreciar a música. Mas viu o que aconteceu. Não aceitaram, se assustaram. Era muito mais do que esperavam. Sentem-se extremamente aliviados por ele ter fracassado dessa maneira. Agora, sabem que querem outra coisa. Alguma coisa menos extraordinária.

— Talvez, algo não muito diferente do Senhor Christoff. Stephan refletiu sobre isso.

— Um pouco diferente. Um novo nome, pelo menos. Agora, percebem que o Senhor Christoff não é tão bom. Querem alguma coisa melhor. Mas... mas não isso.

Agora, podia ver, através da janela, a vasta extensão de relva lá fora e o sol nascendo por sobre as árvores ao longe.

— O que acha que acontecerá com o Senhor Brodsky?

— Com o Senhor Brodsky? Oh, simplesmente voltará a ser o que sempre foi aqui. Acabará seus dias como o bêbado da cidade, suponho. Certamente, não deixarão que seja algo mais, não depois desta noite. Como eu disse, transportaram-no para a Clínica Saint Nicholas. Cresci aqui, Senhor Ryder, e, de certa forma, continuo a gostar desta cidade. Mas estou ansioso para partir.

— Talvez eu devesse dizer alguma coisa. Isto é, discursar para as pessoas no conservatório. Proferir algumas palavras sobre o Senhor Brodsky. Esclarecê-los a respeito dele.

Stephan pensou sobre isso, depois, balançou a cabeça.

— Não vale a pena, Senhor Ryder.

— Mas tenho de confessar que não gosto disso tanto quanto você. Nunca se sabe. Algumas palavras minhas...

— Não acredito, Senhor Ryder. Não escutarão nem mesmo o senhor. Não depois do que o Senhor Brodsky apresentou. Isso os

fez pensar em tudo o que mais temem. Além do mais, não há microfone, nem nada, no conservatório, nem mesmo um palanque, onde pudesse discursar. Nunca se tornaria audível, com todo aquele barulho. Sabe, é muito grande, quase tão grande quanto o auditório. De um lado a outro, deve ter... bem, se tirasse uma reta, em diagonal, sem nenhuma mesa ou convidado no caminho, mediria, no mínimo, uns cinqüenta metros. É bem grande, como verá. Senhor Ryder, se eu fosse o senhor, simplesmente relaxaria e saborearia o desjejum. Afinal, tem de pensar em Helsinque.

O conservatório, realmente, era muito amplo, e nesse momento estava banhado pela luz do sol matinal. Por toda parte, as pessoas conversavam animadamente, algumas sentadas às mesas, outras, em pé, formando pequenos grupos. Vi pessoas tomando café e suco de frutas, outras comendo de pratos ou tigelas, e, ao atravessarmos os grupos, senti o aroma de pãezinhos frescos, bolos de peixe, bacon. Vi garçons passando com pratos e bules de café. Ao meu redor, vozes se saudando umas às outras, com prazer, e a atmosfera me pareceu a de uma reunião. Ainda assim, eram pessoas que se viam constantemente. Claramente, era como se o evento as tivesse feito se reavaliar e reavaliar a comunidade de uma maneira mais profunda, e o humor resultante, independente do motivo, parecia o de uma celebração mútua.

Percebi, então, que Stephan tinha razão. Não havia sentido em tentar discursar, muito menos pedir que retornassem ao auditório para meu recital. Sentindo-me, de repente, cansado e extremamente faminto, resolvi me sentar e tomar o café da manhã. Entretanto, ao olhar em volta, não vi sequer uma cadeira

desocupada. Além do mais, percebi que Stephan não estava mais ao meu lado, tendo sido atraído por um grupo em uma mesa pela qual havíamos acabado de passar. Observei-o ser cumprimentado calorosamente, esperando que me chamasse. Mas ele se envolveu na conversa e, dali a pouco, também adotou uma conduta animada.

Decidi deixá-lo ali e segui abrindo caminho pelos grupos. Achei que, mais cedo ou mais tarde, um garçom me localizaria e se apressaria a me oferecer uma xícara de café, talvez me indicando um lugar. Mas, embora algumas vezes um garçom passasse correndo na minha direção, sempre passava direto e eu fui obrigado a vê-lo servindo outra pessoa.

Depois de algum tempo, me dei conta de que estava perto da porta de entrada do conservatório. Alguém a tinha aberto e vários convidados haviam escapado para o gramado.

Dei uns poucos passos para fora, e me surpreendi com o ar frio. Também ali, as pessoas conversavam em grupos, bebendo café ou comendo algo, de pé. Algumas haviam se virado para ver o nascer do sol, enquanto outras andavam a esmo, esticando as pernas. Um grupo em particular tinha, até mesmo, se sentado na relva úmida, com os pratos e bules espalhados em volta, como em um piquenique.

Localizei um carrinho de comida na grama, não muito distante, com um garçom bastante ocupado, curvado sobre ele. Minha fome aumentando cada vez mais, encaminhei-me até ele e estava a ponto de tocar em seu ombro quando ele se virou e passou por mim apressado, carregando três pratos grandes — sobre os

quais vi ovos mexidos, salsichas, cogumelos, tomates. Observei-o se afastar às pressas e decidi não sair do lado do carrinho até que voltasse.

Enquanto esperava, examinei a cena ao meu redor, e vi como haviam sido inúteis minhas preocupações em relação à minha capacidade de lidar com as diversas exigências apresentadas pela cidade. Mais do que nunca, minha experiência e instinto haviam se revelado mais que suficientes. É claro que senti certa decepção em relação à noite, mas, ao pensar melhor, percebi a inadequação desse tipo de sentimento. Afinal, se uma comunidade podia alcançar algum tipo de equilíbrio sem a orientação de um estrangeiro, tanto melhor.

Como, depois de muitos minutos, o garçom não havia retornado

— tempo durante o qual havia sido, continuamente, provocado pelo aroma exalado pelo café quente no carrinho —, concluí que não havia razão para não me servir eu mesmo. Já tinha pegado um prato e me inclinado, procurando alguns talheres, quando me dei conta de várias figuras atrás de mim. Ao me virar, deparei com os carregadores.

Até onde pude perceber, todos os doze, ou quase todos que vira reunidos em volta de Gustav doente, estavam agora ali. Quando os encarei, alguns baixaram os olhos, porém uns poucos continuaram a me olhar com intensidade.

— Meu Deus — disse eu, fazendo o possível para evitar que notassem que me servia sozinho. — Meu Deus, o que aconteceu? Naturalmente, eu pretendia ir ver como Gustav está

passando. Pensei que tivesse sido transportado para o hospital. Quer dizer, que estivesse em boas mãos. Estava, certamente, para ir, o mais cedo possível...

— Fiz uma pausa, ao ver a expressão de dor em seus rostos.

O carregador barbado deu um passo à frente e tossiu, constrangido.

— Ele faleceu há meia hora. Teve problemas algumas vezes ao longo dos anos, mas estava bem, por isso não esperávamos. Não esperávamos mesmo.

— Sinto muito. — Percebi que realmente lamentava muito a notícia. — Sinto muito mesmo. Agradeço muito a todos vocês por terem vindo me dar a notícia. Como sabem, só o conhecia há alguns dias, mas ele foi muito gentil ajudando-me com a bagagem e coisas assim.

Percebi que os colegas do carregador barbado olhavam para ele, incitando-o a dizer alguma coisa. O carregador barbado respirou fundo.

— Evidentemente, Senhor Ryder — disse ele —, nós o procuramos porque sabíamos que gostaria de ser imediatamente informado da notícia. Mas também — de repente, baixou o olhar —, mas também, porque, bem, porque, antes de falecer, Gustav continuava querendo saber. Querendo saber se o senhor faria seu discurso. Isto é, o breve discurso que faria em nosso nome. Até o final, ele ficou querendo muito saber sobre isso.

Todos os carregadores, agora, haviam abaixado os olhos, e aguardavam, em silêncio, minha resposta.

— Ah — eu disse. — Então não sabem o que aconteceu no auditório.

— Ficamos com Gustav até agora — disse o carregador barbado.

— Só há pouco ele foi levado. Queira nos desculpar, Senhor Ryder. Foi muito indelicado de nossa parte não estarmos presentes durante seu discurso, especialmente se foi tão gentil se lembrando de sua promessa...

— Ouça — interrompi gentilmente —, muitas coisas não transcorreram como planejadas. Estou surpreso de que não tenham ficado sabendo, mas suponho que em tais circunstâncias...

— Fiz uma pausa, e, respirando fundo, disse com a voz firme: — Lamento, mas a questão é que várias coisas, não apenas o breve discurso que havia preparado para vocês, não aconteceram como o planejado.

— Está dizendo que... — O carregador barbado se interrompeu, depois deixou a cabeça cair, desapontado. Os outros, que haviam estado me olhando surpresos, abaixaram os olhos novamente, um por um. Então, um deles, que estava atrás do grupo, irrompeu em um tom quase irritado:

— Gustav não parou de perguntar. Até o fim perguntou: "Ainda nenhuma notícia do Senhor Ryder?" Continuou a perguntar

isso até o final.

Vários de seus colegas rapidamente o acalmaram, e se seguiu um longo silêncio. Finalmente, o carregador barbado disse, continuando a olhar para baixo:

— Não faz diferença. Continuaremos a tentar, da mesma maneira. De fato, agora nos empenharemos mais do que nunca. Não decepcionaremos Gustav.

Ele sempre foi nossa inspiração e isso não mudará, agora que ele se foi. Tivemos uma luta árdua, sempre foi assim, sabemos disso, e agora ela não será mais fácil. Mas não permitiremos que os padrões caiam, nem um pouco. Nós nos lembraremos de Gustav e insistiremos. É claro que seu discurso, se tivesse sido possível, teria sido... teria nos ajudado, sem dúvida. Mas, evidentemente, se, na hora, lhe pareceu impróprio...

— Ouça — disse, perdendo a paciência —, logo saberão o que aconteceu. Realmente, estou surpreso que não tenham procurado se informar mais sobre as maiores preocupações de sua comunidade. E, o que é pior, vocês parecem não fazer idéia do tipo de vida que levo. Das enormes responsabilidades que tenho de assumir. Mesmo agora, enquanto estou falando com vocês, tenho de pensar em meu compromisso em Helsinque. Se as coisas não foram como planejaram, sinto muito. Mas não têm o direito de me incomodar dessa maneira...

As palavras morreram em minha boca. Ao longe, à minha direita, havia um caminho que levava da sala de concerto à floresta nos arredores. Há algum tempo, havia percebido um fluxo de pessoas surgir do prédio e desaparecer por trás das árvores — supostamente, a caminho de casa, para algumas horas de repouso antes de o dia começar.

Agora, localizei, entre elas, Sophie e Boris, caminhando com determinação. O menino, mais uma vez, havia colocado o braço em torno da mãe, em um gesto solidário, mas exceto isso, nada neles revelava, para um espectador casual, sua tristeza. Tentei ver a

expressão de seus rostos, mas estavam muito distantes, e, logo em seguida, desapareceram por trás das árvores.

— Desculpem — disse mais gentilmente, dirigindo-me aos carregadores —, mas, agora, têm de me dar licença.

— Não deixaremos o padrão cair — disse, calmamente, o carregador barbado, ainda olhando para o chão. — Um dia, conseguiremos. Vai ver.

— Com licença.

No exato momento em que me afastava, o garçom chegou apressado, empurrando o velho homem para o lado, para alcançar o carrinho. Lembrando-me de que continuava a segurar um prato nas costas, joguei-o para ele.

— A comida nesta manhã foi aterradora — disse friamente, antes de partir.

38

A trilha seguia direto para a floresta, de modo que pude avistar o alto portão de ferro ao fundo. Sophie e Boris já haviam percorrido uma extensão surpreendentemente longa, e, por mais que me apressasse, depois de alguns minutos, ainda não reduzira a distância entre nós de modo significativo. Além disso, era retardado por um grupo de jovens que caminhavam um pouco à minha frente.

Sempre que tentava ultrapassá-los, aceleravam o passo ou passavam a ocupar a trilha de uma margem à outra.

Por fim, quando vi que Sophie e Boris estavam para alcançar a rua, corri e precipitei-me contra o grupo, não me importando mais com a impressão que causaria.

A partir daí, mantive uma marcha rápida, e ainda assim não estava a uma distância suficiente para chamá-los quando atravessaram o portão. Quando ali cheguei, estava sem fôlego e fui obrigado a parar um pouco.

Havia saído em um dos bulevares próximos ao coração da cidade. O sol da manhã iluminava a calçada oposta. As lojas ainda estavam fechadas, mas havia um número considerável de pessoas na rua, indo para o trabalho. Então, vi à minha esquerda uma fila para subir em um ônibus, e Sophie e Boris eram os últimos. Novamente, disparei em uma corrida, mas o ônibus devia estar mais longe do que eu pensara e, apesar de correr, só consegui alcançá-lo depois que todos haviam subido e dava a partida. Agitando as mãos freneticamente, consegui fazer o motorista parar e embarquei.

O veículo deu uma guinada quando passei cambaleando para o corredor central. Estava tão sem fôlego que só percebi vagamente que o ônibus não estava tão cheio, e só ao desabar em um banco, na parte traseira, ocorreu-me que devia ter passado por Sophie e Boris. Ainda ofegando, inclinei-me para o lado e examinei o corredor.

O ônibus era dividido em duas partes distintas, separadas por uma área de saída, no meio. Na parte da frente, os bancos se

dispunham em duas filas compridas, uma de frente para a outra, e vi Sophie e Boris sentados juntos, no lado ensolarado, perto da cabine do motorista. Minha visão deles era obscurecida por alguns passageiros em pé na área de saída, e me inclinei ainda mais sobre o corredor. Quando fazia isso, o homem sentado à minha frente — nessa metade do ônibus, os bancos eram dispostos em pares, um de frente para o outro — bateu na coxa e disse:

— Pelo visto, mais um dia de sol.

Estava bem vestido, se bem que modestamente, com uma jaqueta de fecho eclair, e me deu a impressão de ser algum tipo de operário qualificado — talvez, um eletricitista.

Sorri-lhe brevemente, e ele começou a me contar sobre um prédio em que ele e seus colegas trabalhavam há vários dias. Escutei-o sem prestar muito atenção, ocasionalmente sorrindo ou emitindo um som de assentimento. Nesse ínterim, minha visão de Sophie e Boris tornou-se cada vez mais difícil, à medida que mais pessoas se levantavam e se amontoavam nas portas da saída.

Então, o ônibus parou, os passageiros saltaram e minha visão melhorou. Boris, parecendo mais senhor de si que nunca, tinha uma mão no ombro de Sophie e olhava os outros passageiros desconfiado, como se fossem uma ameaça para sua mãe. A expressão de Sophie ainda não era visível. Contudo, podia vê-la, a cada segundo, agitara mão no ar, com irritação, talvez afastando algum inseto que voasse à sua volta.

Estava para endireitar minha postura, quando percebi que o eletricitista começara a falar sobre seus pais. Estavam agora na

faixa dos oitenta anos, ele dizia, e, embora fizesse o possível para visitá-los todos os dias, estava cada vez mais difícil por causa de seu trabalho atual. Subitamente ocorreu-me um pensamento e o interrompi dizendo:

— Desculpe, mas, a propósito de pais, parece que os meus estiveram nesta cidade anos atrás. Como turistas, entende? Já deve fazer muitos anos agora. É que a pessoa que me contou era muito pequena na época e não se lembra direito deles. Por isso, estava pensando, já que está falando de pais, bem, não quero ser grosseiro, mas pensei se o senhor não se recordaria deles.

— É possível — respondeu o electricista. — Mas tem de descrevê-los um pouco.

— Bem, minha mãe é uma mulher alta. Cabelo preto, na altura dos ombros. Um nariz adunco. Isso faz com que pareça um pouco carrancuda, mesmo quando não tem intenção.

O electricista pensou por um instante, olhando a cidade que passava lá fora.

— Sim — disse ele, assentindo com a cabeça. — Sim, acho que me lembro de uma mulher assim. Só ficou por alguns dias. Passeando pela cidade, coisas assim.

— Exatamente. O senhor se lembra?

— Sim, parecia muito agradável. Isso deve ter sido, oh, há pelo menos treze, quatorze anos. Talvez até há mais tempo.

Assenti entusiasmado.

— Isso coincide com o que a Senhorita Stratmann me contou. Sim, era minha mãe. Diga-me, ela parecia estar se divertindo?

O electricista pensou por alguns instantes e, então, disse:

— Pelo que me lembro, sim, ela parecia gostar daqui. De fato ele percebeu minha expressão preocupada —, de fato, estou certo de que sim. — Inclinou-se para a frente e deu um tapinha em meu joelho.

— Tenho certeza de que se diverti. Ouça, pense nisso. Por que não se divertiria?

— Sim, é verdade — eu disse e me virei para a janela. O sol, agora, penetrava no ônibus. — Acho que sim. É que... — respirei fundo —, é que eu gostaria de ter sabido, na época. Gostaria que alguém tivesse me informado sobre isso. E meu pai? Parecia estar se divertindo?

— Seu pai, num. — O electricista cruzou os braços, o cenho ligeiramente franzido.

— Na época, devia ser bem magro — disse eu. — Cabelo grisalho. Tinha um paletó preferido. Um de tweed, verde claro, com remendos de couro nos cotovelos.

O electricista continuou pensando. Finalmente, balançou a cabeça.

— Lamento, mas não sei se me lembro de seu pai.

— Mas é impossível. A Senhorita Stratmann me garantiu que vieram juntos.

— Tenho certeza de que sim. É só que eu, pessoalmente, não consigo me lembrar de seu pai. De sua mãe, sim. Mas de seu pai... Abanou a cabeça mais uma vez.

— Mas isso é ridículo! O que minha mãe faria aqui sozinha?

— Não estou dizendo que ele não estava com ela. Apenas que não me lembro dele. Não fique tão chateado. Eu não teria sido tão franco se soubesse que isso o abalaria dessa maneira. Minha memória é horrível. Todo mundo diz isso. Ontem mesmo, esqueci minha caixa de ferramentas na casa de meu cunhado, onde almocei. Perdi quarenta minutos, voltando para buscá-la. Minha caixa de ferramentas! — Deu uma gargalhada. — Viu, minha memória é horrível! Sou a última pessoa em que se deve confiar em assuntos importantes como este. Tenho certeza de que seu pai estava aqui com sua mãe. Principalmente se é o que outras pessoas estão dizendo. Realmente, sou a última pessoa em quem se confiar.

Agora, já não lhe prestava atenção e olhava para a parte da frente do ônibus, onde Boris, finalmente, cedeu à sua emoção. Estava sendo abraçado por sua mãe e percebi que seus ombros se sacudiam com os soluços. Repentinamente, nada me pareceu mais importante que ir até ele e, desculpando-me rapidamente com o eletricitista, levantei e me dirigi para lá.

Estava quase os alcançando, quando o ônibus fez uma curva fechada e fui obrigado a me agarrar na barra para não cair.

Quando tornei a olhar, percebi que Sophie e Boris continuavam sem notar minha presença, embora, agora, estivesse bem perto deles. Ainda estavam abraçados, os olhos fechados. A luz do sol incidia em seus braços e ombros. Naquele momento, havia algo tão íntimo no conforto que um dava ao outro que, até mesmo para mim, era impossível uma intromissão. Enquanto os observava, comecei, apesar de todo seu sofrimento, a experimentar um sentimento estranho de inveja. Cheguei um pouco mais perto, a ponto de quase sentir a textura daquele abraço.

Finalmente, Sophie abriu os olhos. Olhou-me de modo inexpressivo, enquanto o menino continuava a soluçar em seu peito.

— Lamento — acabei dizendo. — Lamento muito tudo. Só soube de seu pai há pouco. Evidentemente, vim atrás de vocês assim que...

Algo em sua expressão me fez calar. Por um instante, Sophie continuou a me olhar com indiferença. Então, disse, cansada:

— Deixe-nos. Sempre estive de fora de nosso amor. Olhe só para você agora. Também, alheio à nossa dor. Deixe-nos. Vá embora.

Boris afastou-se dela e olhou para mim. Então, disse para sua mãe:

— Não, não. Temos de ficar juntos. Sophie abanou a cabeça.

— Não, é inútil. Deixe-o ir, Boris. Deixe-o rodar o mundo, divulgar sua habilidade e sabedoria. Ele precisa disso. Vamos deixá-lo fazer isso por si mesmo.

Boris me encarou confuso, depois, tornou a olhar para a mãe. Ele ia dizer alguma coisa, mas Sophie se levantou.

— Vamos, Boris. Temos de saltar aqui. Boris, vamos. Realmente, o ônibus reduzia a marcha e outros passageiros se levantavam. Algumas pessoas me empurraram para passar, e Sophie e Boris também se comprimiram para descer. Ainda me segurando na barra, observei Boris dirigindo-se à saída. A certa altura, relanceou os olhos para mim e o ouvi dizer:

— Mas temos de ficar juntos. Juntos.

Vi, então, o rosto de Sophie atrás dele, me olhando com indiferença, e sua voz dizer:

— Ele nunca será um de nós. Tem de entender isso, Boris. Ele nunca o amará como um pai de verdade.

Mais pessoas me empurraram para passar. Suspendi a mão.

— Boris! — chamei.

O menino, comprimido entre as pessoas, olhou na minha direção, mais uma vez.

— Boris! A viagem de ônibus, se lembra? A viagem para o lago artificial. Lembra como foi bom? Como as pessoas foram gentis

conosco? Os presentes que deram, a canção. Lembra, Boris?

Os passageiros tinham começado a desembarcar. Boris lançou-me um último olhar e desapareceu. Mais pessoas passaram me empurrando e, depois, o ônibus tornou a partir.

Depois de algum tempo, virei-me e voltei para meu lugar. O electricista sorriu animadamente quando me sentei de novo na frente dele. Então, percebi que se inclinava para a frente e dava tapinhas em meu ombro. Eu me dei conta de que chorava.

— Ouça — ele dizia —, na hora, parece que as coisas estão mal. Mas tudo isso passa, nada é tão ruim quanto parece. Anime-se. Ficou, durante algum tempo, proferindo frases vazias, enquanto eu continuava a soluçar. Então, ouvi-o dizer: — Ouça, por que não toma um bom café da manhã? Apenas comer alguma coisa, como todos nós. Vai se sentir um pouco melhor. Vamos. Coma alguma coisa.

Ergui os olhos e vi que o electricista estava com um prato no colo, no qual havia a metade de um croissant e um pequeno tablete de manteiga. Seus joelhos estavam cobertos de migalhas.

— Ah — eu disse, endireitando o corpo e me recompondo. Onde conseguiu?

O electricista apontou para além de meu ombro. Ao me virar, vi um grande número de passageiros, em pé, na parte traseira do ônibus, onde uma espécie de bufê havia sido exposto. Também notei que o fundo do ônibus estava cheio, e que todos os passageiros à nossa volta estavam comendo e bebendo. O desjejum do electricista era modesto em comparação ao que a maioria comia.

Via, agora, pessoas tentando se aproximar dos grandes pratos de ovos, bacon, tomates, salsichas.

— Vá — insistiu o eletricista. — Vá servir-se de alguma coisa. Depois, conversaremos sobre todos os seus problemas. Ou, se preferir, os esqueceremos e falaremos do que quiser, de alguma coisa que o anime. Futebol, cinema. Do que quiser. Mas a primeira coisa a fazer é comer algo. Está com a cara de quem não come há algum tempo.

— Tem razão — disse eu. — Agora que penso nisso, vejo que estou sem comer há muito tempo. Mas, por favor, aonde vai este ônibus? Tenho de voltar ao hotel e fazer as malas. Sabe, tenho de partir para Helsinque hoje de manhã. Preciso chegar logo ao hotel.

— Oh, este ônibus o levará, praticamente, aonde quiser nesta cidade. É o que chamamos de rota da manhã. Depois, tem a rota da noite. Duas vezes por dia, um ônibus faz o trajeto por toda a cidade. Oh, sim, pode ir aonde quiser neste ônibus. À noite também, embora a atmosfera seja bem diferente. Oh, sim, é um ônibus maravilhoso.

— Excelente. Bem, com licença, aceitarei sua sugestão e comerei alguma coisa. De fato, tem razão. Só a idéia já faz com que me sinta melhor.

— Isso mesmo — disse o eletricista e ergueu o croissant, brindando.

Levantei-me e fui para o fundo do ônibus. Aspirei diversos aromas. Várias pessoas estavam se servindo e, perscrutando por sobre elas, vi um grande bufê disposto em um semicírculo, diretamente embaixo da janela de trás. Oferecia virtualmente tudo que se pudesse desejar: ovos mexidos, ovos fritos, frios e salsichas, batatas sauté, cogumelos, tomates cozidos. Havia uma grande travessa com arenque e outros pratos de peixe, duas cestas enormes com croissants e diferentes tipos de pãezinhos, uma travessa de cristal com frutas da estação, vários bules de café e sucos. Todos em torno do bufê pareciam ávidos pela comida, e ainda assim a atmosfera era extremamente cordial, com as pessoas passando as coisas umas para as outras e trocando observações animadas.

Peguei um prato, e olhei pela janela a vista recuada das ruas da cidade, e senti que meu estado de ânimo melhorava ainda mais. Afinal, as coisas não tinham sido tão ruins. Quaisquer que tivessem sido as decepções causadas pela cidade, não havia dúvida de que minha presença havia sido bastante valorizada — tanto quanto em todos os outros lugares onde tinha estado. E agora, ali estava eu, minha visita chegando ao fim, um bufê magnífico diante de mim, oferecendo tudo que sempre desejara comer no café da manhã. Os croissants pareciam particularmente promissores. Na verdade, pela maneira como os passageiros devoravam os seus, era óbvio que eram frescos e da mais alta qualidade. Tudo com que meu olhar deparava, parecia tentador.

Comecei a me servir de um pouco de cada coisa. Enquanto fazia isso, me imaginei de volta ao meu lugar, conversando

agradavelmente com o eletricista, olhando as ruas lá fora, de manhã cedo, enquanto comia. O eletricista era, em muitos aspectos, a pessoa ideal com quem conversar naquele momento. Era claramente bondoso, e, ao mesmo tempo, cauteloso para não se tornar inconveniente. Eu o via agora, comendo seu croissant, obviamente sem pressa de saltar do ônibus. De fato, dava a impressão de que ainda permaneceria ali por muito tempo. E com o ônibus fazendo o trajeto circular, se nós dois estivéssemos gostando de nossa conversa, poderíamos adiar a descida até passarmos de novo pelo seu ponto. O bufê, evidentemente, ficaria ali por algum tempo, de modo que podíamos interromper a conversa de vez em quando para tornar a encher nossos pratos. Eu podia até mesmo nos ver persuadindo repetidamente um ao outro a comer mais um pouco. "Vamos lá! Só mais uma salsicha! Dê-me seu prato, vou buscar para você." Continuaríamos sentados ali, juntos, comendo, trocando opiniões sobre futebol e qualquer outra coisa que nos passasse pela cabeça, enquanto, lá fora, o sol subia cada vez mais alto no céu, iluminando as ruas e o nosso lado do ônibus. E só quando tivéssemos realmente terminado, quando já tivéssemos comido e falado tudo o que quiséssemos, o eletricista consultaria o relógio, daria um suspiro e diria que o ponto para o meu hotel já estava chegando de novo. Eu também daria um suspiro, e, com alguma relutância, me levantaria, limpando as migalhas no meu colo. Apertaríamos as mãos, desejaríamos um bom-dia um ao outro — também ele deveria saltar dali a pouco, me diria — e me juntaria ao grupo de passageiros alegres, reunidos na área da saída. Depois, quando o ônibus fizesse uma parada, talvez eu acenasse pela última

vez ao eletricitista, e, então, desembarcaria, seguro de que podia ansiar por Helsinque com orgulho e confiança.

Enchi a xícara de café até a borda. Depois, carregando-a com cuidado com uma mão e o prato generosamente cheio, com a outra, retornei ao meu banco.